

MARIA MARGARIDA DIAS COSTA

**SER DOCENTE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL: UM IDEAL A
CUMPRIR E UM DESAFIO A VENCER**

UM CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DAS SUAS PRÁTICAS

VOLUME II

APÊNDICES E ANEXOS

Orientadora: Prof^a Doutora Isabel Rodrigues Sanches

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração**

Instituto de Educação

Lisboa

2018

MARIA MARGARIDA DIAS COSTA

**SER DOCENTE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL: UM IDEAL A
CUMPRIR E UM DESAFIO A VENCER**

UM CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DAS SUAS PRÁTICAS

VOLUME II

APÊNDICES E ANEXOS

Tese defendida em provas públicas para
obtenção do Grau de Doutor em Educação,
conferido pela Universidade Lusófona de
Humanidades e Tecnologias.

Orientadora: Prof^a Doutora Isabel Rodrigues Sanches

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Instituto de Educação**

Lisboa

2018

ÍNDICE GERAL

<i>ÍNDICE GERAL</i>	III
<i>ÍNDICE DE APÊNDICES</i>	IV
<i>ÍNDICE DE ANEXOS</i>	VI
INTRODUÇÃO	VII
APÊNDICES	VIII
ANEXOS	CCCIV

ÍNDICE DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO AOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL	IX
APÊNDICE 2 – RECODIFICAÇÃO DA VARIÁVEL IDADE DOS RESPONDENTES UTILIZANDO O SOFTWARE <i>IBM SPSS STATISTICS</i>	XII
APÊNDICE 3 – N.º DE RESPOSTAS DADAS POR ITEM, MEDIANAS E FREQUÊNCIAS DOS ITENS DO QUESTIONÁRIO	XIII
APÊNDICE 4 – ANÁLISE FATORIAL PARA EXTRAÇÃO DE FATORES ATRAVÉS DO CRITÉRIO DE KAISER E ROTAÇÃO DE FATORES PELO MÉTODO VARIMAX.....	XX
APÊNDICE 5 – CONSISTÊNCIA INTERNA DE CADA UM DOS FATORES ATRAVÉS DO COEFICIENTE DE ALFA DE CRONBACH.....	XXVIII
APÊNDICE 6 – TESTES PARAMÉTRICOS (ANOVA ONE-WAY), NÃO PARAMÉTRICOS (KRUSKAL-WALLIS) E TÉCNICAS POST-HOC.....	XXIX
APÊNDICE 7 – TABULAÇÕES CRUZADAS DO ITEM 6 COM AS VARIÁVEIS PREDITORAS.....	XLII
APÊNDICE 8 – TABULAÇÕES CRUZADAS DOS ITENS NÃO AGREGADOS EM DIMENSÕES COM AS VARIÁVEIS PREDITORAS	XLIII
APÊNDICE 9 – ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS (TESTES NPAR E KRUSKAL-WALLIS) DOS ITENS COM AS VARIÁVEIS PREDITORAS	LXX
APÊNDICE 10 – REGISTO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA: OBSERVAÇÃO DA DEE “CRISTINA”, NO JARDIM-DE-INFÂNCIA, DURANTE AS ATIVIDADES LETIVAS - 1	LXXXII
APÊNDICE 11 – REGISTO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA: OBSERVAÇÃO DA DEE “CRISTINA”, NO JARDIM-DE-INFÂNCIA, DURANTE AS ATIVIDADES LETIVAS - 2	LXXXIX
APÊNDICE 12 – REGISTO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA: OBSERVAÇÃO DA DEE “SANDRA”, NO JARDIM-DE-INFÂNCIA, DURANTE AS ATIVIDADES LETIVAS - 1	XCV
APÊNDICE 13 – REGISTO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA: OBSERVAÇÃO DA DEE “SANDRA”, NO JARDIM-DE-INFÂNCIA, DURANTE AS ATIVIDADES LETIVAS - 2	CIV
APÊNDICE 14 – CATEGORIZAÇÃO DO TRABALHO COM AS CRIANÇAS CONSIDERADAS COM NEE, DURANTE AS ATIVIDADES LETIVAS, NA SALA DO JARDIM-DE-INFÂNCIA.....	CXII
APÊNDICE 15 – REGISTO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA: OBSERVAÇÃO DO DEE “LUÍS”, NO 1.º CICLO, DURANTE AS ATIVIDADES LETIVAS	CLIV

APÊNDICE 16 – REGISTO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA: OBSERVAÇÃO DA DEE “CRISTINA”, NO 1.º CICLO, DURANTE AS ATIVIDADES LETIVAS.....	CLXV
APÊNDICE 17 – CATEGORIZAÇÃO DO TRABALHO COM OS ALUNOS CONSIDERADOS COM NEE, DURANTE AS ATIVIDADES LETIVAS, NA SALA DO 1.º CICLO.....	CLXXXIX
APÊNDICE 18 – REGISTO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA: OBSERVAÇÃO DA DEE “SANDRA”, NO GABINETE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL – 1.....	CCXXI
APÊNDICE 19 – REGISTO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA: OBSERVAÇÃO DA DEE “SANDRA”, NO GABINETE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL – 2.....	CCXXVI
APÊNDICE 20 – REGISTO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA: OBSERVAÇÃO DA DEE “SANDRA”, NO GABINETE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL – 3.....	CCXXXI
APÊNDICE 21 – REGISTO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA: OBSERVAÇÃO DA DEE “SANDRA”, NO GABINETE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL – 4.....	CCXXXIX
APÊNDICE 22 – CATEGORIZAÇÃO DO TRABALHO COM OS ALUNOS CONSIDERADOS COM NEE, DURANTE AS ATIVIDADES LETIVAS, NO GABINETE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	CCXLV
APÊNDICE 23 – REGISTO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA: OBSERVAÇÃO DA DEE “CRISTINA”, APÓS AS ATIVIDADES LETIVAS, NO JARDIM-DE-INFÂNCIA - 1.....	CCLXXXIV
APÊNDICE 24 – REGISTO DE OBSERVAÇÃO NATURALISTA: OBSERVAÇÃO DA DEE “CRISTINA”, APÓS AS ATIVIDADES LETIVAS, NO JARDIM-DE-INFÂNCIA – 2.....	CCLXXXVI
APÊNDICE 25 – CATEGORIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA DEE “CRISTINA” NO JARDIM-DE-INFÂNCIA, APÓS AS ATIVIDADES LETIVAS.....	CCLXXXIX
APÊNDICE 26 – DOCENTES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL EM FUNÇÕES NO DISTRITO DE LEIRIA, NO ANO LETIVO 2011/2012.....	CCXCV

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1 – AUTORIZAÇÃO DA DIREÇÃO-GERAL DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR PARA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO AOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	CCCVI
ANEXO 2 – AUTORIZAÇÃO DA DIREÇÃO GERAL DE EDUCAÇÃO ATRAVÉS DO SISTEMA DE MONITORIZAÇÃO DE INQUÉRITOS EM MEIO ESCOLAR	CCCVII

INTRODUÇÃO

No volume II, Apêndices e Anexos, da tese de doutoramento *Ser Docente de Educação Especial: um ideal a cumprir e um desafio a vencer. Um contributo para o estudo das suas práticas*, apresentamos:

1. o questionário aplicado aos Docentes de Educação Especial e os quadros obtidos através do SPSS para a sua análise;
2. os registos das observações naturalistas do trabalho dos DEE e a categorização das atividades desenvolvidas pelos mesmos;
3. a autorização da Direção-Geral da Administração Escolar para aplicação do questionário aos Docentes de Educação Especial;
4. a autorização da Direção Geral de Educação através do sistema de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Questionário aos Docentes de Educação Especial

Caro(a) colega

O presente questionário destina-se a recolher informações dos Docentes Especializados em Educação Especial, que exercem funções nessa área, para um estudo que estou a desenvolver, no âmbito do Curso de Doutoramento em Educação, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa.

O **questionário é anónimo e confidencial**. Os dados recolhidos não serão usados para outros fins senão os deste trabalho.

Agradeço que responda a todas as perguntas e que **não assine o questionário**.

É muito importante a sua opinião. Agradeço a sua disponibilidade e o interesse manifestados.

Com os melhores cumprimentos

Margarida Costa

Parte I	
Dados sociodemográficos	
Assinale com uma cruz (X) a resposta adequada a cada um dos seguintes dados.	
PI.1 – Idade PI. 1.1 até 25 anos ☐ PI. 1.2 26 aos 30 anos ☐ PI. 1.3 31 aos 40 anos ☐ PI. 1.4 41 aos 50 anos ☐ PI. 1.5 + de 50 anos ☐	PI. 2 – Género PI. 2.1 Feminino ☐ PI. 2.2 Masculino ☐
PI. 3 – Tempo de serviço docente em Educação Especial (relativo a 31 de agosto de 2013) PI. 3.1 1 a 3 anos ☐ PI. 3.2 4 a 6 anos ☐ PI. 3.3 7 a 10 anos ☐ PI. 3.4 11 a 15 anos ☐ PI. 3.5 16 a 25 anos ☐ PI. 3.6 + de 25 anos ☐	PI. 4 – Especialização em Educação Especial PI. 4.1 Domínio cognitivo e motor ☐ PI. 4.2 Multideficiência ☐ PI. 4.3 Surdez e problemas de comunicação, linguagem ou fala ☐ PI. 4.4 Deficiência visual, cegueira ou baixa visão ☐ PI. 4.5 Intervenção precoce ☐ PI. 4.6 Outro. Especifique: _____ ☐
PI. 5 – Número de alunos considerados com NEE que apoia neste ano letivo (Assinale com um X) PI. 5.1 1 a 5 alunos ☐ PI. 5.2 6 a 10 alunos ☐ PI. 5.3 11 a 15 alunos ☐ PI. 5.4 16 a 20 alunos ☐ PI. 5.5 + de 20 alunos ☐	PI. 6 – Problemáticas dos alunos que apoia neste ano letivo (Assinale com um X) PI. 6.1 Défice cognitivo ☐ PI. 6.2 Problemas de linguagem ☐ PI. 6.3 Dislexia/disgrafia/disortografia ☐ PI. 6.4 Espectro do autismo ☐ PI. 6.5 Multideficiência ☐ PI. 6.6 Paralisia cerebral ☐ PI. 6.7 Deficiência auditiva ☐ PI. 6.8 Deficiência visual, cegueira ou baixa visão ☐ PI. 6.9 Outra. Especifique: _____ ☐
PI. 7 – Categoria Profissional (Assinale com um X) PI. 7.1 Contratado/a ☐ PI. 7.2 Prof. do Quadro de Zona Pedagógica ☐ PI. 7.3 Prof. do Quadro de Agrupamento ☐	

Parte II				
Nas afirmações que se seguem, assinale com um X o que, na sua opinião, melhor retrata o trabalho que é desenvolvido pelos Docentes de Educação Especial.				
O Docente de Educação Especial...				
PII. 1 – trabalha com o aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais, em contexto de sala de aula, em articulação com o professor de ensino regular.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 2 – trabalha em cooperação com os professores dos alunos que apoia.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 3 – trabalha em cooperação com os encarregados de educação dos alunos que apoia.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 4 – colabora com os órgãos de gestão do Agrupamento no sentido de desenvolver as condições necessárias para uma boa inclusão dos alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais, no ensino regular.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 5 – trabalha na turma com o aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais, individualmente.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 6 – reflete sobre as práticas que desenvolve para as melhorar.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 7 – coopera com o Professor Titular de Turma / Diretor de Turma na elaboração do Programa Educativo Individual (PEI).	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 8 – trabalha com a turma em que está inserido o aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 9 – desenvolve estratégias inovadoras nas turmas onde estão inseridos alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 10 – avalia os alunos referenciados para a Educação Especial.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 11 – usa as tecnologias de informação e comunicação com os alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 12 – seleciona competências pertinentes a serem desenvolvidas no contexto de sala de aula com o aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 13 – faz trabalho de parceria com o Professor de Ensino Regular.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 14 – colabora com os alunos em iniciativas que estes pretendam levar a cabo.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 15 – faz formação na escola na área da Educação Especial.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 16 – discute estratégias de trabalho com o Professor de Ensino Regular.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 17 – discute com o Professor de Ensino Regular os conteúdos que estão a ser trabalhados, na sala de aula.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 18 – participa nas atividades gerais que constam no Plano Anual de Atividades da sua escola.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 19 – discute com os alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais o seu Programa Educativo Individual.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 20 – dá informações à família sobre o trabalho que o aluno faz na escola.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 21 – programa com o Professor de Ensino Regular em igualdade de responsabilidades.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐

PII. 22 – avalia com o Professor de Ensino Regular em igualdade de responsabilidades.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 23 – dá algumas aulas em conjunto com o Professor de Ensino Regular.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 24 – elabora as fichas de trabalho dos alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais com o Professor de Ensino Regular.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 25 – trabalha com a turma que inclui o aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais em trabalhos de projeto.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 26 – utiliza as tecnologias de apoio à aprendizagem com os alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 27 – utiliza estratégias de trabalho de grupo para ensinar os alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 28 – dá informações úteis aos professores da turma sobre os alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 29 – trabalha com a turma que inclui o aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais em trabalhos de pesquisa na internet.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 30 – brinca com os alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais na hora do recreio.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 31 – acompanha os alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais da escola nas visitas de estudo.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 32 – exige mais aos alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais do que deve.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 33 – orienta a turma que inclui o aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais em trabalhos de pesquisa na biblioteca.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 34 – trabalha áreas importantes para o desenvolvimento do aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 35 – trabalha com a turma que inclui o aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais em grupos de aprendizagem cooperativa.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 36 – é um elemento de ligação entre todos os elementos da comunidade educativa.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 37 – participa na elaboração do Plano Individual de Transição (PIT).	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 38 – leciona áreas curriculares específicas conducentes à autonomia pessoal e social dos alunos com Currículo Específico Individual.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 39 – colabora com os Professores do Ensino Regular/Diretores de Turma na procura de formas de promover relações de confiança para uma boa inclusão dos alunos no meio escolar.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 40 – disponibiliza informação técnica e saberes específicos sobre os alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐
PII. 41 – promove a ida dos alunos com Currículo Específico Individual às suas turmas.	Concordo fortemente ☐	Concordo ☐	Discordo ☐	Discordo fortemente ☐

Terminou o preenchimento do questionário.
Muito obrigada pela sua colaboração.

Apêndice 2 – Recodificação da variável idade dos respondentes utilizando o software IBM SPSS Statistics

idade				
	Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	2,0	3	1,3	1,3
	3,0	52	23,0	24,3
Válido	4,0	103	45,6	69,9
	5,0	68	30,1	100,0
Total	226	100,0	100,0	

idade2	
N	Válido 226
	Ausente 0

idade2				
	Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	3,00	55	24,3	24,3
Válido	4,00	103	45,6	69,9
	5,00	68	30,1	100,0
Total	226	100,0	100,0	

Apêndice 3 – N.º de respostas dadas por item, medianas e frequências dos itens do questionário

		p1	p2	p3	p4	p5	p6	p7	p8	p9	p10
N	Válido	221	225	224	226	218	224	224	221	222	226
	Ausente	5	1	2	0	8	2	2	5	4	0
	Mediana	2,000	1,000	1,000	1,000	2,000	1,000	1,000	2,000	2,000	1,000

		p11	p12	p13	p14	p15	p16	p17	p18	p19	p20
N	Válido	224	223	225	223	219	224	221	225	222	226
	Ausente	2	3	1	3	7	2	5	1	4	0
	Mediana	1,000	1,000	1,000	1,000	2,000	1,000	2,000	1,000	2,000	1,000

		p21	p22	p23	p24	p25	p26	p27	p28	p29	p30
N	Válido	224	223	218	224	218	223	224	223	221	215
	Ausente	2	3	8	2	8	3	2	3	5	11
	Mediana	2,000	2,000	3,000	2,000	2,000	1,000	2,000	1,000	2,000	2,000

		p31	p32	p33	p34	p35	p36	p37	p38	p39	p40	p41
N	Válido	220	219	218	226	216	222	217	222	225	223	222
	Ausente	6	7	8	0	10	4	9	4	1	3	4
	Mediana	2,000	3,000	3,000	1,000	2,000	2,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000

p1 - O Docente de Educação Especial trabalha com o aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais (NEE), em contexto de sala de aula, em articulação com o professor de ensino regular.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	84	37,2	38,0	38,0
	2,0	115	50,9	52,0	90,0
Válido	3,0	19	8,4	8,6	98,6
	4,0	3	1,3	1,4	100,0
	Total	221	97,8	100,0	
Ausente	Sistema	5	2,2		
Total		226	100,0		

p2 - O DEE trabalha em cooperação com os professores dos alunos que apoia.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	159	70,4	70,7	70,7
Válido	2,0	66	29,2	29,3	100,0
	Total	225	99,6	100,0	
Ausente	Sistema	1	,4		
Total		226	100,0		

p3 - O DEE trabalha em cooperação com os encarregados de educação dos alunos que apoia.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	125	55,3	55,8	55,8
Válido	2,0	97	42,9	43,3	99,1
	3,0	2	,9	,9	100,0
	Total	224	99,1	100,0	
Ausente	Sistema	2	,9		
Total		226	100,0		

p4 - O DEE colabora com os órgãos de gestão do Agrupamento no sentido de desenvolver as condições necessárias para uma boa inclusão dos alunos considerados com NEE, no ensino regular.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	143	63,3	63,3	63,3
Válido	2,0	77	34,1	34,1	97,3
	3,0	6	2,7	2,7	100,0
	Total	226	100,0	100,0	

p5 - O DEE trabalha na turma com o aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais, individualmente.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	63	27,9	28,9	28,9
	2,0	121	53,5	55,5	84,4
Válido	3,0	32	14,2	14,7	99,1
	4,0	2	,9	,9	100,0
	Total	218	96,5	100,0	
Ausente	Sistema	8	3,5		
Total		226	100,0		

p6 - O DEE reflete sobre as práticas que desenvolve para as melhorar.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	182	80,5	81,3	81,3
	2,0	41	18,1	18,3	99,6
Válido	3,0	1	,4	,4	100,0
	Total	224	99,1	100,0	
Ausente	Sistema	2	,9		
Total		226	100,0		

p7- O DEE coopera com o Professor Titular de Turma / Diretor de Turma na elaboração do Programa Educativo Individual (PEI).

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	170	75,2	75,9	75,9
	2,0	49	21,7	21,9	97,8
Válido	3,0	2	,9	,9	98,7
	4,0	3	1,3	1,3	100,0
	Total	224	99,1	100,0	
Ausente	Sistema	2	,9		
Total		226	100,0		

p8 - O DEE trabalha com a turma em que está inserido o aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	39	17,3	17,6	17,6
	2,0	122	54,0	55,2	72,9
Válido	3,0	50	22,1	22,6	95,5
	4,0	10	4,4	4,5	100,0
	Total	221	97,8	100,0	
Ausente	Sistema	5	2,2		
Total		226	100,0		

p9 - O DEE desenvolve estratégias inovadoras nas turmas onde estão inseridos alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	38	16,8	17,1	17,1
	2,0	134	59,3	60,4	77,5
Válido	3,0	46	20,4	20,7	98,2
	4,0	4	1,8	1,8	100,0
	Total	222	98,2	100,0	
Ausente	Sistema	4	1,8		
Total		226	100,0		

p10 - O DEE avalia os alunos referenciados para a Educação Especial.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	164	72,6	72,6	72,6
	2,0	60	26,5	26,5	99,1
Válido	3,0	2	,9	,9	100,0
	Total	226	100,0	100,0	

p11 - O DEE usa as tecnologias de informação e comunicação com os alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	150	66,4	67,0	67,0
Válido	2,0	70	31,0	31,3	98,2
	3,0	4	1,8	1,8	100,0
	Total	224	99,1	100,0	
Ausente	Sistema	2	,9		
Total		226	100,0		

p12 - O DEE seleciona competências pertinentes a serem desenvolvidas no contexto de sala de aula com o aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	114	50,4	51,1	51,1
Válido	2,0	98	43,4	43,9	95,1
	3,0	10	4,4	4,5	99,6
	4,0	1	,4	,4	100,0
	Total	223	98,7	100,0	
Ausente	Sistema	3	1,3		
Total		226	100,0		

p13 - O DEE faz trabalho de parceria com o Professor de Ensino Regular.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	147	65,0	65,3	65,3
Válido	2,0	74	32,7	32,9	98,2
	3,0	4	1,8	1,8	100,0
	Total	225	99,6	100,0	
Ausente	Sistema	1	,4		
Total		226	100,0		

p14 - O DEE colabora com os alunos em iniciativas que estes pretendam levar a cabo.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	121	53,5	54,3	54,3
Válido	2,0	97	42,9	43,5	97,8
	3,0	5	2,2	2,2	100,0
	Total	223	98,7	100,0	
Ausente	Sistema	3	1,3		
Total		226	100,0		

p15 - O DEE faz formação na escola na área da Educação Especial.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	109	48,2	49,8	49,8
Válido	2,0	98	43,4	44,7	94,5
	3,0	10	4,4	4,6	99,1
	4,0	2	,9	,9	100,0
	Total	219	96,9	100,0	
Ausente	Sistema	7	3,1		
Total		226	100,0		

p16 - O DEE discute estratégias de trabalho com o Professor de Ensino Regular.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	131	58,0	58,5	58,5
Válido	2,0	89	39,4	39,7	98,2
	3,0	4	1,8	1,8	100,0
	Total	224	99,1	100,0	
Ausente	Sistema	2	,9		
Total		226	100,0		

p17 - O DEE discute com o Professor de Ensino Regular os conteúdos que estão a ser trabalhados, na sala de aula.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	89	39,4	40,3	40,3
Válido	2,0	111	49,1	50,2	90,5
	3,0	21	9,3	9,5	100,0
	Total	221	97,8	100,0	
Ausente	Sistema	5	2,2		
Total		226	100,0		

p18 - O DEE participa nas atividades gerais que constam no Plano Anual de Atividades da sua escola.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	128	56,6	56,9	56,9
Válido	2,0	94	41,6	41,8	98,7
	3,0	3	1,3	1,3	100,0
	Total	225	99,6	100,0	
Ausente	Sistema	1	,4		
Total		226	100,0		

p19 - O DEE discute com os alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais o seu PEI.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	35	15,5	15,8	15,8
Válido	2,0	114	50,4	51,4	67,1
	3,0	68	30,1	30,6	97,7
	4,0	5	2,2	2,3	100,0
	Total	222	98,2	100,0	
Ausente	Sistema	4	1,8		
Total		226	100,0		

p20 - O DEE dá informações à família sobre o trabalho que o aluno faz na escola.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	142	62,8	62,8	62,8
Válido	2,0	80	35,4	35,4	98,2
	3,0	4	1,8	1,8	100,0
	Total	226	100,0	100,0	

p21 - O DEE programa com o Professor de Ensino Regular (PER) em igualdade de responsabilidades.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	60	26,5	26,8	26,8
Válido	2,0	119	52,7	53,1	79,9
	3,0	43	19,0	19,2	99,1
	4,0	2	,9	,9	100,0
	Total	224	99,1	100,0	
Ausente	Sistema	2	,9		
Total		226	100,0		

p22 - O DEE avalia com o Professor de Ensino Regular em igualdade de responsabilidades.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	56	24,8	25,1	25,1
Válido	2,0	117	51,8	52,5	77,6
	3,0	49	21,7	22,0	99,6
	4,0	1	,4	,4	100,0
	Total	223	98,7	100,0	
Ausente	Sistema	3	1,3		
Total		226	100,0		

p23 - O DEE dá algumas aulas em conjunto com o Professor de Ensino Regular (PER).

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	19	8,4	8,7	8,7
Válido	2,0	83	36,7	38,1	46,8
	3,0	101	44,7	46,3	93,1
	4,0	15	6,6	6,9	100,0
	Total	218	96,5	100,0	
Ausente	Sistema	8	3,5		
Total		226	100,0		

p24 - O DEE elabora as fichas de trabalho dos alunos considerados com NEE com o PER.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	47	20,8	21,0	21,0
Válido	2,0	144	63,7	64,3	85,3
	3,0	29	12,8	12,9	98,2
	4,0	4	1,8	1,8	100,0
	Total	224	99,1	100,0	
Ausente	Sistema	2	,9		
Total		226	100,0		

p25 - O DEE trabalha com a turma que inclui o aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais em trabalhos de projeto.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	28	12,4	12,8	12,8
	2,0	127	56,2	58,3	71,1
Válido	3,0	58	25,7	26,6	97,7
	4,0	5	2,2	2,3	100,0
	Total	218	96,5	100,0	
Ausente	Sistema	8	3,5		
Total		226	100,0		

p26 - O DEE utiliza as tecnologias de apoio à aprendizagem com os alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	125	55,3	56,1	56,1
	2,0	94	41,6	42,2	98,2
Válido	3,0	4	1,8	1,8	100,0
	Total	223	98,7	100,0	
Ausente	Sistema	3	1,3		
Total		226	100,0		

p27 - O DEE utiliza estratégias de trabalho de grupo para ensinar os alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	89	39,4	39,7	39,7
	2,0	125	55,3	55,8	95,5
Válido	3,0	9	4,0	4,0	99,6
	4,0	1	,4	,4	100,0
	Total	224	99,1	100,0	
Ausente	Sistema	2	,9		
Total		226	100,0		

p28 - O DEE dá informações úteis aos professores da turma sobre os alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	161	71,2	72,2	72,2
	2,0	61	27,0	27,4	99,6
Válido	3,0	1	,4	,4	100,0
	Total	223	98,7	100,0	
Ausente	Sistema	3	1,3		
Total		226	100,0		

p29 - O DEE trabalha com a turma que inclui o aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais em trabalhos de pesquisa na internet.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	36	15,9	16,3	16,3
	2,0	103	45,6	46,6	62,9
Válido	3,0	77	34,1	34,8	97,7
	4,0	5	2,2	2,3	100,0
	Total	221	97,8	100,0	
Ausente	Sistema	5	2,2		
Total		226	100,0		

p30 - O DEE brinca com os alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais na hora do recreio.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	35	15,5	16,3	16,3
	2,0	112	49,6	52,1	68,4
Válido	3,0	58	25,7	27,0	95,3
	4,0	10	4,4	4,7	100,0
	Total	215	95,1	100,0	
Ausente	Sistema	11	4,9		
Total		226	100,0		

p31 - O DEE acompanha os alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais da escola nas visitas de estudo.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	92	40,7	41,8	41,8
	2,0	114	50,4	51,8	93,6
Válido	3,0	11	4,9	5,0	98,6
	4,0	3	1,3	1,4	100,0
	Total	220	97,3	100,0	
Ausente	Sistema	6	2,7		
Total		226	100,0		

p32 - O DEE exige mais aos alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais do que deve.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	6	2,7	2,7	2,7
	2,0	29	12,8	13,2	16,0
Válido	3,0	146	64,6	66,7	82,6
	4,0	38	16,8	17,4	100,0
	Total	219	96,9	100,0	
Ausente	Sistema	7	3,1		
Total		226	100,0		

p33 - O DEE orienta a turma que inclui o aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais em trabalhos de pesquisa na biblioteca.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	9	4,0	4,1	4,1
	2,0	77	34,1	35,3	39,4
Válido	3,0	124	54,9	56,9	96,3
	4,0	8	3,5	3,7	100,0
	Total	218	96,5	100,0	
Ausente	Sistema	8	3,5		
Total		226	100,0		

p34 - O DEE trabalha áreas importantes para o desenvolvimento do aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	152	67,3	67,3	67,3
	2,0	72	31,9	31,9	99,1
Válido	3,0	2	,9	,9	100,0
	Total	226	100,0	100,0	

p35 - O DEE trabalha com a turma que inclui o aluno considerado com Necessidades Educativas Especiais em grupos de aprendizagem cooperativa.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	30	13,3	13,9	13,9
	2,0	119	52,7	55,1	69,0
Válido	3,0	65	28,8	30,1	99,1
	4,0	2	,9	,9	100,0
	Total	216	95,6	100,0	
Ausente	Sistema	10	4,4		
Total		226	100,0		

p36 - O DEE é um elemento de ligação entre todos os elementos da comunidade educativa.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	92	40,7	41,4	41,4
	2,0	121	53,5	54,5	95,9
Válido	3,0	8	3,5	3,6	99,5
	4,0	1	,4	,5	100,0
	Total	222	98,2	100,0	
Ausente	Sistema	4	1,8		
Total		226	100,0		

p37- O DEE participa na elaboração do Plano Individual de Transição (PIT).

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	139	61,5	64,1	64,1
	2,0	72	31,9	33,2	97,2
Válido	3,0	4	1,8	1,8	99,1
	4,0	2	,9	,9	100,0
	Total	217	96,0	100,0	
Ausente	Sistema	9	4,0		
Total		226	100,0		

p38 - O DEE leciona áreas curriculares específicas conducentes à autonomia pessoal e social dos alunos com Currículo Específico Individual.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	163	72,1	73,4	73,4
	2,0	57	25,2	25,7	99,1
Válido	3,0	1	,4	,5	99,5
	4,0	1	,4	,5	100,0
	Total	222	98,2	100,0	
Ausente	Sistema	4	1,8		
Total		226	100,0		

p39 - O DEE colabora com os Professores do Ensino Regular/Diretores de Turma na procura de formas de promover relações de confiança para uma boa inclusão dos alunos no meio escolar.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	157	69,5	69,8	69,8
Válido	2,0	68	30,1	30,2	100,0
	Total	225	99,6	100,0	
Ausente	Sistema	1	,4		
Total		226	100,0		

p40 - O DEE disponibiliza informação técnica e saberes específicos sobre os alunos considerados com Necessidades Educativas Especiais.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	148	65,5	66,4	66,4
Válido	2,0	75	33,2	33,6	100,0
	Total	223	98,7	100,0	
Ausente	Sistema	3	1,3		
Total		226	100,0		

p41 - O DEE promove a ida dos alunos com Currículo Específico Individual às suas turmas.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
	1,0	149	65,9	67,1	67,1
	2,0	70	31,0	31,5	98,6
Válido	3,0	2	,9	,9	99,5
	4,0	1	,4	,5	100,0
	Total	222	98,2	100,0	
Ausente	Sistema	4	1,8		
Total		226	100,0		

Apêndice 4 – Análise fatorial para extração de fatores através do critério de Kaiser e rotação de fatores pelo método Varimax

Análise fatorial – Identificação de 10 componentes

			Variância total explicada						
Comunalidades			Componente	Valores próprios iniciais			Somadas de extração de carregamentos ao quadrado		
Inicial	Extração	Total		% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa	
p1	1,000	,722							
p2	1,000	,695	1	9,987	24,357	24,357	9,987	24,357	
p3	1,000	,626	2	4,119	10,047	34,404	4,119	10,047	
p4	1,000	,610	3	2,096	5,113	39,517	2,096	5,113	
p5	1,000	,638	4	1,843	4,495	44,012	1,843	4,495	
p6	1,000	,724	5	1,512	3,688	47,700	1,512	3,688	
p7	1,000	,609	6	1,387	3,382	51,082	1,387	3,382	
p8	1,000	,743	7	1,327	3,236	54,318	1,327	3,236	
p9	1,000	,564	8	1,182	2,884	57,202	1,182	2,884	
p10	1,000	,566	9	1,110	2,708	59,910	1,110	2,708	
p11	1,000	,637	10	1,099	2,682	62,592	1,099	2,682	
p12	1,000	,566	11	,983	2,397	64,989			
p13	1,000	,646	12	,933	2,276	67,265			
p14	1,000	,635	13	,898	2,189	69,454			
p15	1,000	,558	14	,821	2,003	71,458			
p16	1,000	,668	15	,781	1,904	73,362			
p17	1,000	,556	16	,772	1,882	75,244			
p18	1,000	,552	17	,750	1,829	77,073			
p19	1,000	,450	18	,708	1,728	78,801			
p20	1,000	,562	19	,678	1,653	80,453			
p21	1,000	,716	20	,636	1,552	82,005			
p22	1,000	,679	21	,600	1,463	83,469			
p23	1,000	,587	22	,591	1,440	84,909			
p24	1,000	,580	23	,552	1,347	86,256			
p25	1,000	,709	24	,528	1,288	87,544			
p26	1,000	,646	25	,495	1,208	88,752			
p27	1,000	,523	26	,454	1,107	89,859			
p28	1,000	,649	27	,439	1,072	90,931			
p29	1,000	,648	28	,419	1,022	91,953			
p30	1,000	,612	29	,380	,928	92,880			
p31	1,000	,663	30	,359	,876	93,756			
p32	1,000	,645	31	,324	,790	94,547			
p33	1,000	,584	32	,318	,775	95,322			
p34	1,000	,602	33	,290	,708	96,030			
p35	1,000	,535	34	,284	,693	96,722			
p36	1,000	,453	35	,262	,638	97,361			
p37	1,000	,688	36	,242	,589	97,950			
p38	1,000	,664	37	,202	,493	98,444			
p39	1,000	,707	38	,195	,475	98,919			
p40	1,000	,728	39	,159	,387	99,306			
p41	1,000	,716	40	,152	,370	99,676			
Método de extração: análise do componente principal.			41	,133	,324	100,000			
			Método de extração: análise do componente principal.						

Matriz de componente^a

	Componente									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
p1	,286	,090	-,152	-,265	,009	,604	,328	-,109	,143	,183
p2	,550	-,220	-,266	-,328	,180	,152	,042	-,238	-,059	,221
p3	,533	-,201	-,208	-,321	,221	-,007	-,071	-,223	-,106	,201
p4	,515	-,249	-,336	-,099	,224	-,316	,067	-,023	-,053	-,049
p5	,409	,395	-,047	-,166	-,199	,346	,279	,139	,154	-,074
p6	,647	-,086	-,258	-,199	-,083	-,286	,104	-,190	,110	-,211
p7	,534	,037	-,370	-,120	,266	-,241	,087	-,148	,038	-,109
p8	,511	,423	,046	-,275	,152	,010	-,268	,261	,158	-,193
p9	,442	,367	-,222	,025	,210	,096	-,198	-,057	,279	-,103
p10	,493	-,376	-,125	-,119	-,031	,116	,013	,296	,166	-,145
p11	,599	-,285	-,054	-,089	-,130	-,224	-,187	-,095	,272	-,032
p12	,525	,242	,016	,187	-,226	-,014	-,163	,007	,345	,007
p13	,654	-,129	-,261	-,125	,135	,135	-,095	,181	-,125	,156
p14	,414	-,224	,007	,002	-,148	,076	-,233	,239	-,277	,445
p15	,531	,035	-,118	-,029	-,376	-,039	-,210	,178	-,050	-,197
p16	,706	-,003	-,082	-,157	-,154	-,063	,129	,173	-,232	,103
p17	,529	,321	-,159	,011	-,203	-,092	,135	-,060	-,139	,239
p18	,497	-,088	,058	-,092	-,297	-,188	,127	,339	,098	,147
p19	,331	,307	-,259	,364	-,022	-,046	,123	-,089	,002	,143
p20	,647	-,059	,093	-,192	-,120	-,058	-,197	,181	,074	,023
p21	,532	,323	-,241	,326	,018	-,069	,171	-,001	-,306	-,190
p22	,476	,372	-,162	,316	-,155	-,045	,167	-,003	-,277	-,240
p23	,427	,571	,139	,039	,151	-,009	,022	-,072	,174	,009
p24	,536	,242	,069	,245	-,062	,142	-,059	-,332	,008	,176
p25	,465	,477	,346	,042	,156	,108	-,248	-,134	,145	,090
p26	,576	-,313	,207	,028	-,226	-,051	-,240	-,227	-,097	-,012
p27	,498	,126	,385	,129	-,047	,183	,098	-,077	-,190	-,083
p28	,576	-,238	,285	,036	-,291	-,072	,155	-,203	,049	-,143
p29	,472	,468	,141	,231	-,052	-,164	,022	,105	,072	,296
p30	,253	,158	,552	-,252	,206	-,207	,012	-,097	-,234	-,079
p31	,382	-,212	,494	-,399	,002	-,003	-,088	-,176	-,162	-,060
p32	,048	,070	,279	-,118	,399	-,199	,452	,371	,050	,049
p33	,292	,533	,164	,005	,292	-,227	-,074	,155	-,059	,136
p34	,459	-,311	,198	-,076	-,070	-,004	,433	-,098	,165	-,143
p35	,497	,428	,066	-,015	,202	,136	-,038	-,048	-,106	-,163
p36	,499	-,189	,319	,011	-,121	,034	,210	,026	,032	,068
p37	,373	-,489	,089	,414	,157	-,143	,159	-,060	,146	,186
p38	,301	-,532	,127	,377	,198	-,054	-,009	,015	,262	,144
p39	,521	-,367	,168	,222	,225	,353	-,013	,151	-,029	-,155
p40	,560	-,353	-,081	,224	,149	,273	-,165	,134	-,185	-,237
p41	,515	-,474	,017	,348	,280	,062	-,095	,072	-,054	-,071

Método de extração: Análise do Componente principal.

a. 10 componentes extraídos.

FACTOR /VARIABLES p1 p2 p3 p4 p5 p6 p7 p8 p9 p10 p11 p12 p13 p14 p15 p16 p17 p18 p19 p20 p21 p22 p23 p24 p25 p26 p27 p28 p29
p30 p31 p32 p33 p34 p35 p36 p37 p38 p39 p40 p41 /MISSING LISTWISE /ANALYSIS p1 p2 p3 p4 p5 p6 p7 p8 p9 p10 p11 p12 p13 p14 p15
p16 p17 p18 p19 p20 p21 p22 p23 p24 p25 p26 p27 p28 p29 p30 p31 p32 p33 p34 p35 p36 p37 p38 p39 p40 p41 /PRINT INITIAL
EXTRACTION ROTATION /CRITERIA FACTORS(3) ITERATE(25)/EXTRACTION PC /CRITERIA ITERATE(25)/ROTATION
VARIMAX /METHOD=CORRELATION.

Análise fatorial - Identificação de 3 componentes

Comunalidades			Variância total explicada									
	Inicial	Extração	Compo nente	Valores próprios iniciais			Somas de extração de carregamentos ao quadrado			Somas rotativas de carregamentos ao quadrado		
				Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa
p1	1,000	,113	1	9,987	24,357	24,357	9,987	24,357	24,357	7,283	17,763	17,763
p2	1,000	,421	2	4,119	10,047	34,404	4,119	10,047	34,404	6,455	15,743	33,506
p3	1,000	,368	3	2,096	5,113	39,517	2,096	5,113	39,517	2,464	6,011	39,517
p4	1,000	,440	4	1,843	4,495	44,012						
p5	1,000	,326	5	1,512	3,688	47,700						
p6	1,000	,492	6	1,387	3,382	51,082						
p7	1,000	,423	7	1,327	3,236	54,318						
p8	1,000	,442	8	1,182	2,884	57,202						
p9	1,000	,379	9	1,110	2,708	59,910						
p10	1,000	,401	10	1,099	2,682	62,592						
p11	1,000	,442	11	,983	2,397	64,989						
p12	1,000	,334	12	,933	2,276	67,265						
p13	1,000	,513	13	,898	2,189	69,454						
p14	1,000	,221	14	,821	2,003	71,458						
p15	1,000	,297	15	,781	1,904	73,362						
p16	1,000	,506	16	,772	1,882	75,244						
p17	1,000	,408	17	,750	1,829	77,073						
p18	1,000	,258	18	,708	1,728	78,801						
p19	1,000	,271	19	,678	1,653	80,453						
p20	1,000	,431	20	,636	1,552	82,005						
p21	1,000	,446	21	,600	1,463	83,469						
p22	1,000	,391	22	,591	1,440	84,909						
p23	1,000	,527	23	,552	1,347	86,256						
p24	1,000	,351	24	,528	1,288	87,544						
p25	1,000	,563	25	,495	1,208	88,752						
p26	1,000	,473	26	,454	1,107	89,859						
p27	1,000	,412	27	,439	1,072	90,931						
p28	1,000	,470	28	,419	1,022	91,953						
p29	1,000	,461	29	,380	,928	92,880						
p30	1,000	,393	30	,359	,876	93,756						
p31	1,000	,435	31	,324	,790	94,547						
p32	1,000	,085	32	,318	,775	95,322						
p33	1,000	,396	33	,290	,708	96,030						
p34	1,000	,347	34	,284	,693	96,722						
p35	1,000	,434	35	,262	,638	97,361						
p36	1,000	,386	36	,242	,589	97,950						
p37	1,000	,386	37	,202	,493	98,444						
p38	1,000	,390	38	,195	,475	98,919						
p39	1,000	,434	39	,159	,387	99,306						
p40	1,000	,445	40	,152	,370	99,676						
p41	1,000	,491	41	,133	,324	100,000						
Método de extração: análise do componente principal.			Método de extração: análise do componente principal.									

Matriz de componente ^a				Matriz de componente rotativa ^a				Matriz de transformação de componente			
Componente				Componente				Componente	1	2	3
1	2	3		1	2	3					
p1	,286	,090	-,152	p1	,155	,289	-,076	1	,735	,648	,200
p2	,550	-,220	-,266	p2	,563	,266	-,182	2	-,677	,718	,160
p3	,533	-,201	-,208	p3	,536	,254	-,127	3	-,040	-,253	,967
p4	,515	-,249	-,336	p4	,560	,240	-,262	Método de extração: Análise do Componente principal. Método de rotação: Varimax com normalização de Kaiser.			
p5	,409	,395	-,047	p5	,035	,561	,100				
p6	,647	-,086	-,258	p6	,544	,422	-,133				
p7	,534	,037	-,370	p7	,382	,466	-,245				
p8	,511	,423	,046	p8	,087	,623	,214				
p9	,442	,367	-,222	p9	,085	,606	-,068				
p10	,493	-,376	-,125	p10	,622	,082	-,083				
p11	,599	-,285	-,054	p11	,635	,197	,022				
p12	,525	,242	,016	p12	,221	,510	,160				
p13	,654	-,129	-,261	p13	,578	,397	-,142				
p14	,414	-,224	,007	p14	,455	,106	,053				
p15	,531	,035	-,118	p15	,372	,399	-,002				
p16	,706	-,003	-,082	p16	,524	,477	,062				
p17	,529	,321	-,159	p17	,178	,614	,004				
p18	,497	-,088	,058	p18	,423	,244	,141				
p19	,331	,307	-,259	p19	,046	,501	-,135				
p20	,647	-,059	,093	p20	,512	,353	,210				
p21	,532	,323	-,241	p21	,181	,638	-,075				
p22	,476	,372	-,162	p22	,104	,617	-,001				
p23	,427	,571	,139	p23	-,078	,651	,311				
p24	,536	,242	,069	p24	,227	,504	,213				
p25	,465	,477	,346	p25	,005	,556	,504				
p26	,576	-,313	,207	p26	,627	,096	,265				
p27	,498	,126	,385	p27	,265	,316	,492				
p28	,576	-,238	,285	p28	,573	,131	,353				
p29	,472	,468	,141	p29	,024	,606	,306				
p30	,253	,158	,552	p30	,057	,138	,609				
p31	,382	-,212	,494	p31	,405	-,030	,520				
p32	,048	,070	,279	p32	-,023	,011	,290				
p33	,292	,533	,164	p33	-,152	,530	,302				
p34	,459	-,311	,198	p34	,540	,024	,233				
p35	,497	,428	,066	p35	,072	,613	,232				
p36	,499	-,189	,319	p36	,482	,107	,378				
p37	,373	-,489	,089	p37	,601	-,132	,082				
p38	,301	-,532	,127	p38	,576	-,219	,098				
p39	,521	-,367	,168	p39	,624	,032	,208				
p40	,560	-,353	-,081	p40	,654	,130	-,023				
p41	,515	-,474	,017	p41	,699	-,011	,044				
Método de extração: Análise do Componente principal.				Método de extração: Análise do Componente principal.							
a. 3 componentes extraídos.				Método de rotação: Varimax com normalização de Kaiser. ^a							
				a. Rotação convergida em 6 iterações.							

FACTOR /VARIABLES p1 p2 p3 p4 p5 p6 p7 p8 p9 p10 p11 p12 p13 p14 p15 p16 p17 p18 p19 p20 p21 p22 p23 p24 p25 p26 p27 p28 p29
p30 p31 p32 p33 p34 p35 p36 p37 p38 p39 p40 p41 /MISSING LISTWISE /ANALYSIS p1 p2 p3 p4 p5 p6 p7 p8 p9 p10 p11 p12 p13 p14
p15 p16 p17 p18 p19 p20 p21 p22 p23 p24 p25 p26 p27 p28 p29 p30 p31 p32 p33 p34 p35 p36 p37 p38 p39 p40 p41 /PRINT INITIAL
EXTRACTION ROTATION /CRITERIA FACTORS(4) ITERATE(25) /EXTRACTION PC /CRITERIA ITERATE(25)/ROTATION
VARIMAX /METHOD=CORRELATION.

Análise fatorial - Identificação de 4 componentes

Comunalidades			Variância total explicada									
	Inicial	Extração	Compon ente	Valores próprios iniciais			Somas de extração de carregamentos ao quadrado			Somas rotativas de carregamentos ao quadrado		
				Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa
p1	1,000	,184	1	9,987	24,357	24,357	9,987	24,357	24,357	5,690	13,877	13,877
p2	1,000	,529	2	4,119	10,047	34,404	4,119	10,047	34,404	5,132	12,518	26,395
p3	1,000	,471	3	2,096	5,113	39,517	2,096	5,113	39,517	4,831	11,783	38,178
p4	1,000	,450	4	1,843	4,495	44,012	1,843	4,495	44,012	2,392	5,834	44,012
p5	1,000	,353	5	1,512	3,688	47,700						
p6	1,000	,532	6	1,387	3,382	51,082						
p7	1,000	,437	7	1,327	3,236	54,318						
p8	1,000	,518	8	1,182	2,884	57,202						
p9	1,000	,380	9	1,110	2,708	59,910						
p10	1,000	,415	10	1,099	2,682	62,592						
p11	1,000	,450	11	,983	2,397	64,989						
p12	1,000	,369	12	,933	2,276	67,265						
p13	1,000	,528	13	,898	2,189	69,454						
p14	1,000	,221	14	,821	2,003	71,458						
p15	1,000	,298	15	,781	1,904	73,362						
p16	1,000	,530	16	,772	1,882	75,244						
p17	1,000	,409	17	,750	1,829	77,073						
p18	1,000	,267	18	,708	1,728	78,801						
p19	1,000	,403	19	,678	1,653	80,453						
p20	1,000	,467	20	,636	1,552	82,005						
p21	1,000	,552	21	,600	1,463	83,469						
p22	1,000	,491	22	,591	1,440	84,909						
p23	1,000	,529	23	,552	1,347	86,256						
p24	1,000	,411	24	,528	1,288	87,544						
p25	1,000	,565	25	,495	1,208	88,752						
p26	1,000	,474	26	,454	1,107	89,859						
p27	1,000	,429	27	,439	1,072	90,931						
p28	1,000	,471	28	,419	1,022	91,953						
p29	1,000	,514	29	,380	,928	92,880						
p30	1,000	,457	30	,359	,876	93,756						
p31	1,000	,595	31	,324	,790	94,547						
p32	1,000	,099	32	,318	,775	95,322						
p33	1,000	,396	33	,290	,708	96,030						
p34	1,000	,353	34	,284	,693	96,722						
p35	1,000	,434	35	,262	,638	97,361						
p36	1,000	,387	36	,242	,589	97,950						
p37	1,000	,557	37	,202	,493	98,444						
p38	1,000	,532	38	,195	,475	98,919						
p39	1,000	,483	39	,159	,387	99,306						
p40	1,000	,495	40	,152	,370	99,676						
p41	1,000	,612	41	,133	,324	100,000						
Método de extração: análise do componente principal.												
Método de extração: análise do componente principal.												

Matriz de componente ^a				
	Componente			
	1	2	3	4
p1	,286	,090	-,152	-,265
p2	,550	-,220	-,266	-,328
p3	,533	-,201	-,208	-,321
p4	,515	-,249	-,336	-,099
p5	,409	,395	-,047	-,166
p6	,647	-,086	-,258	-,199
p7	,534	,037	-,370	-,120
p8	,511	,423	,046	-,275
p9	,442	,367	-,222	,025
p10	,493	-,376	-,125	-,119
p11	,599	-,285	-,054	-,089
p12	,525	,242	,016	,187
p13	,654	-,129	-,261	-,125
p14	,414	-,224	,007	,002
p15	,531	,035	-,118	-,029
p16	,706	-,003	-,082	-,157
p17	,529	,321	-,159	,011
p18	,497	-,088	,058	-,092
p19	,331	,307	-,259	,364
p20	,647	-,059	,093	-,192
p21	,532	,323	-,241	,326
p22	,476	,372	-,162	,316
p23	,427	,571	,139	,039
p24	,536	,242	,069	,245
p25	,465	,477	,346	,042
p26	,576	-,313	,207	,028
p27	,498	,126	,385	,129
p28	,576	-,238	,285	,036
p29	,472	,468	,141	,231
p30	,253	,158	,552	-,252
p31	,382	-,212	,494	-,399
p32	,048	,070	,279	-,118
p33	,292	,533	,164	,005
p34	,459	-,311	,198	-,076
p35	,497	,428	,066	-,015
p36	,499	-,189	,319	,011
p37	,373	-,489	,089	,414
p38	,301	-,532	,127	,377
p39	,521	-,367	,168	,222
p40	,560	-,353	-,081	,224
p41	,515	-,474	,017	,348

Método de extração: Análise do Componente principal.

a. 4 componentes extraídos.

Matriz de componente rotativa ^a				
	Componente			
	1	2	3	4
p1	,136	,390	-,093	,071
p2	,030	,705	,173	,037
p3	,037	,659	,171	,080
p4	,069	,589	,279	-,145
p5	,468	,297	-,142	,160
p6	,230	,660	,209	,011
p7	,287	,573	,089	-,137
p8	,507	,374	-,144	,315
p9	,533	,296	-,050	-,077
p10	-,046	,510	,390	,027
p11	,092	,506	,419	,101
p12	,541	,162	,217	,050
p13	,228	,631	,279	-,030
p14	,066	,296	,352	,073
p15	,315	,397	,201	,029
p16	,340	,571	,254	,156
p17	,542	,337	,032	-,003
p18	,181	,352	,271	,191
p19	,545	,058	,105	-,304
p20	,251	,481	,284	,304
p21	,656	,193	,180	-,227
p22	,658	,117	,136	-,163
p23	,681	,065	-,087	,232
p24	,568	,109	,268	,068
p25	,632	,005	,045	,404
p26	,098	,302	,555	,256
p27	,418	,023	,338	,373
p28	,157	,246	,531	,323
p29	,696	-,001	,103	,140
p30	,170	,008	,032	,653
p31	-,087	,274	,236	,675
p32	,037	-,049	-,013	,308
p33	,564	-,003	-,143	,239
p34	-,003	,294	,437	,275
p35	,594	,203	-,010	,201
p36	,141	,187	,456	,351
p37	-,012	,041	,740	-,092
p38	-,098	,008	,720	-,060
p39	,095	,184	,655	,110
p40	,129	,324	,604	-,091
p41	,056	,200	,749	-,088

Método de extração: Análise do Componente principal.

Método de rotação: Varimax com normalização de Kaiser.^a

a. Rotação convergida em 8 iterações.

Matriz de transformação de componente				
Componente	1	2	3	4
1	,562	,621	,505	,209
2	,749	-,194	-,628	,080
3	-,004	-,483	,251	,839
4	,351	-,586	,536	-,496

Método de extração: Análise do Componente principal.

Método de rotação: Varimax com normalização de Kaiser.

FACTOR /VARIABLES p1 p2 p3 p4 p5 p6 p7 p8 p9 p10 p11 p12 p13 p14 p15 p16 p17 p18 p19 p20 p21 p22 p23 p24 p25 p26 p27 p28 p29 p30 p31 p32 p33 p34 p35 p36 p37 p38 p39 p40 p41 /MISSING LISTWISE /ANALYSIS p1 p2 p3 p4 p5 p6 p7 p8 p9 p10 p11 p12 p13 p14 p15 p16 p17 p18 p19 p20 p21 p22 p23 p24 p25 p26 p27 p28 p29 p30 p31 p32 p33 p34 p35 p36 p37 p38 p39 p40 p41 /PRINT INITIAL EXTRACTION ROTATION /CRITERIA FACTORS (5) ITERATE (25) /EXTRACTION PC /CRITERIA ITERATE (25) /ROTATION VARIMAX /METHOD=CORRELATION.

Análise fatorial - Identificação de 5 componentes

Comunalidades			Variância total explicada									
Inicial	Extração	Componente	Valores próprios iniciais			Somas de extração de carregamentos ao quadrado			Somatas rotativas de carregamentos ao quadrado			
			Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de variância	% cumulativa	
p1	1,000	,184	1	9,987	24,357	24,357	9,987	24,357	24,357	5,345	13,038	13,038
p2	1,000	,561	2	4,119	10,047	34,404	4,119	10,047	34,404	4,518	11,020	24,058
p3	1,000	,520	3	2,096	5,113	39,517	2,096	5,113	39,517	4,203	10,251	34,309
p4	1,000	,500	4	1,843	4,495	44,012	1,843	4,495	44,012	3,286	8,013	42,322
p5	1,000	,393	5	1,512	3,688	47,700	1,512	3,688	47,700	2,205	5,377	47,700
p6	1,000	,539	6	1,387	3,382	51,082						
p7	1,000	,508	7	1,327	3,236	54,318						
p8	1,000	,541	8	1,182	2,884	57,202						
p9	1,000	,424	9	1,110	2,708	59,910						
p10	1,000	,416	10	1,099	2,682	62,592						
p11	1,000	,467	11	,983	2,397	64,989						
p12	1,000	,420	12	,933	2,276	67,265						
p13	1,000	,546	13	,898	2,189	69,454						
p14	1,000	,243	14	,821	2,003	71,458						
p15	1,000	,439	15	,781	1,904	73,362						
p16	1,000	,554	16	,772	1,882	75,244						
p17	1,000	,450	17	,750	1,829	77,073						
p18	1,000	,355	18	,708	1,728	78,801						
p19	1,000	,404	19	,678	1,653	80,453						
p20	1,000	,482	20	,636	1,552	82,005						
p21	1,000	,552	21	,600	1,463	83,469						
p22	1,000	,515	22	,591	1,440	84,909						
p23	1,000	,551	23	,552	1,347	86,256						
p24	1,000	,415	24	,528	1,288	87,544						
p25	1,000	,589	25	,495	1,208	88,752						
p26	1,000	,525	26	,454	1,107	89,859						
p27	1,000	,517	27	,439	1,072	90,931						
p30	1,000	,499	28	,419	1,022	91,953						
p31	1,000	,595	29	,380	,928	92,880						
p32	1,000	,258	30	,359	,876	93,756						
p33	1,000	,481	31	,324	,790	94,547						
p34	1,000	,358	32	,318	,775	95,322						
p35	1,000	,475	33	,290	,708	96,030						
p36	1,000	,401	34	,284	,693	96,722						
p37	1,000	,582	35	,262	,638	97,361						
p38	1,000	,571	36	,242	,589	97,950						
p39	1,000	,534	37	,202	,493	98,444						
p40	1,000	,517	38	,195	,475	98,919						
p41	1,000	,690	39	,159	,387	99,306						
Método de extração: análise do componente principal.			40	,152	,370	99,676						
			41	,133	,324	100,000						
Método de extração: análise do componente principal.												

Matriz de componente ^a						Matriz de componente rotativa ^a					
	Componente						Componente				
	1	2	3	4	5		1	2	3	4	5
p1	,286	,090	-,152	-,265	,009	p1	,119	,117	,363	-,144	,059
p2	,550	-,220	-,266	-,328	,180	p2	,017	,213	,702	,132	,069
p3	,533	-,201	-,208	-,321	,221	p3	,015	,194	,666	,143	,132
p4	,515	-,249	-,336	-,099	,224	p4	,082	,105	,628	,294	-,045
p5	,409	,395	-,047	-,166	-,199	p5	,444	,252	,202	-,293	,072
p6	,647	-,086	-,258	-,199	-,083	p6	,233	,376	,578	,060	-,071
p7	,534	,037	-,370	-,120	,266	p7	,288	-,005	,636	,138	,033
p8	,511	,423	,046	-,275	,152	p8	,442	,135	,363	-,195	,396
p9	,442	,367	-,222	,025	,210	p9	,523	-,087	,359	,004	,117
p10	,493	-,376	-,125	-,119	-,031	p10	-,039	,380	,442	,264	-,072
p11	,599	-,285	-,054	-,089	-,130	p11	,093	,498	,395	,229	-,050
p12	,525	,242	,016	,187	-,226	p12	,545	,340	,062	,048	-,038
p13	,654	-,129	-,261	-,125	,135	p13	,227	,239	,623	,223	,017
p14	,414	-,224	,007	,002	-,148	p14	,071	,395	,200	,195	-,065
p15	,531	,035	-,118	-,029	-,376	p15	,330	,485	,238	-,043	-,190
p16	,706	-,003	-,082	-,157	-,154	p16	,326	,492	,450	,045	,025
p17	,529	,321	-,159	,011	-,203	p17	,546	,266	,251	-,114	-,066
p18	,497	-,088	,058	-,092	-,297	p18	,173	,534	,194	,027	-,037
p19	,331	,307	-,259	,364	-,022	p19	,585	-,061	,086	,121	-,188
p20	,647	-,059	,093	-,192	-,120	p20	,217	,530	,354	,069	,154
p21	,532	,323	-,241	,326	,018	p21	,684	,036	,211	,167	-,103
p22	,476	,372	-,162	,316	-,155	p22	,685	,134	,077	,053	-,141
p23	,427	,571	,139	,039	,151	p23	,629	,024	,082	-,096	,373
p24	,536	,242	,069	,245	-,062	p24	,563	,252	,060	,161	,075
p25	,465	,477	,346	,042	,156	p25	,560	,152	-,003	-,007	,503
p26	,576	-,313	,207	,028	-,226	p26	,087	,637	,145	,300	,026
p27	,498	,126	,385	,129	-,047	p27	,372	,403	-,064	,179	,307
p28	,576	-,238	,285	,036	-,291	p28	,139	,686	,063	,242	,057
p29	,472	,468	,141	,231	-,052	p29	,673	,174	-,041	,014	,177
p30	,253	,158	,552	-,252	,206	p30	,065	,232	-,021	-,035	,663
p31	,382	-,212	,494	-,399	,002	p31	-,176	,547	,149	,034	,491
p32	,048	,070	,279	-,118	,399	p32	-,028	-,114	,038	,091	,484
p33	,292	,533	,164	,005	,292	p33	,504	-,113	,065	-,077	,452
p34	,459	-,311	,198	-,076	-,070	p34	-,027	,487	,190	,260	,125
p35	,497	,428	,066	-,015	,202	p35	,546	,054	,228	-,015	,349
p36	,499	-,189	,319	,011	-,121	p36	,109	,538	,062	,248	,185
p37	,373	-,489	,089	,414	,157	p37	,014	,212	,060	,729	-,045
p38	,301	-,532	,127	,377	,198	p38	-,077	,181	,039	,729	-,005
p39	,521	-,367	,168	,222	,225	p39	,085	,283	,192	,618	,167
p40	,560	-,353	-,081	,224	,149	p40	,148	,250	,331	,568	-,039
p41	,515	-,474	,017	,348	,280	p41	,075	,194	,247	,765	,025

Método de extração: Análise do Componente principal.

a. 5 componentes extraídos.

Método de extração: Análise do Componente principal.

Método de rotação: Varimax com normalização de Kaiser.^a

a. Rotação convergida em 9 iterações.

Matriz de transformação de componente					
Componente	1	2	3	4	5
1	,537	,562	,526	,304	,165
2	,711	-,294	-,156	-,572	,237
3	-,113	,400	-,584	,098	,690
4	,436	-,185	-,507	,634	-,341
5	-,052	-,635	,317	,410	,569

Método de extração: Análise do Componente principal.

Método de rotação: Varimax com normalização de Kaiser.

Apêndice 5 – Consistência interna de cada um dos fatores através do coeficiente de Alfa de Cronbach

DIMENSÃO A - RELIABILITY/VARIABLES=p21 p22 p23 p24 p25 p29 p33 p35 /SCALE('ALL VARIABLES') ALL /MODEL=ALPHA.

Resumo do processamento de caso			
		N	%
Casos	Válido	208	92,0
	Excluídos ^a	18	8,0
	Total	226	100,0

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

Estatísticas de confiabilidade	
Alfa de Cronbach	N de itens
,831	8

DIMENSÃO B - RELIABILITY/VARIABLES=p2 p3 p4 p6 p7 p13 /SCALE('ALL VARIABLES') ALL /MODEL=ALPHA.

Resumo do processamento de caso			
		N	%
Casos	Válido	219	96,9
	Excluídos ^a	7	3,1
	Total	226	100,0

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

Estatísticas de confiabilidade	
Alfa de Cronbach	N de itens
,824	6

DIMENSÃO C - RELIABILITY /VARIABLES=p26 p37 p38 p39 p40 p41 /SCALE('ALL VARIABLES') ALL /MODEL=ALPHA
/STATISTICS=DESCRIPTIVE SCALE CORR /SUMMARY=TOTAL MEANS.

Resumo do processamento de caso			
		N	%
Casos	Válido	212	93,8
	Excluídos ^a	14	6,2
	Total	226	100,0

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

Estatísticas de confiabilidade		
Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach com base em itens padronizados	N de itens
,828	,831	6

DIMENSÃO D - RELIABILITY/VARIABLES=p30 p31 /SCALE('ALL VARIABLES') ALL /MODEL=ALPHA.

Resumo do processamento de caso			
		N	%
Casos	Válido	214	94,7
	Excluídos ^a	12	5,3
	Total	226	100,0

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

Estatísticas de confiabilidade	
Alfa de Cronbach	N de itens
,522	2

Apêndice 6 – Testes paramétricos (ANOVA *one-way*), não paramétricos (Kruskal-Wallis) e técnicas *POST-HOC*

COMPUTE comp1=p21 + p22+p23+p24+p25+p29+p33+p35. EXECUTE. ONEWAY FAC1_1 FAC3_1 FAC2_1 FAC4_1 comp1 Comp2 comp3 comp4 BY idade2 /STATISTICS DESCRIPTIVES /MISSING ANALYSIS /POSTHOC=SCHEFFE ALPHA(0.05).

Descritivos									
		N	Média	Desvio padrão	Modelo padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
REGR factor score 1 for analysis 1	3,00	46	,2406415	,93237490	,13747118	-,0362397	,5175226	-1,38949	2,83518
	4,00	85	,0382129	1,01323089	,10990032	-,1803359	,2567618	-2,17920	2,27344
	5,00	43	-,3329676	,97697018	,14898656	-,6336347	-,0323006	-1,78617	2,97390
	Total	174	,0000000	1,00000000	,07580980	-,1496312	,1496312	-2,17920	2,97390
REGR factor score 3 for analysis 1	3,00	46	,0848560	1,14467367	,16877292	-,2550702	,4247821	-2,33461	2,84847
	4,00	85	-,0547872	,94300140	,10228286	-,2581879	,1486135	-1,73668	1,87331
	5,00	43	,0175242	,96041647	,14646214	-,2780484	,3130967	-1,59606	1,94552
	Total	174	,0000000	1,00000000	,07580980	-,1496312	,1496312	-2,33461	2,84847
REGR factor score 2 for analysis 1	3,00	46	-,1494258	1,07892473	,15907877	-,4698269	,1709753	-2,08449	2,50635
	4,00	85	,1021207	,91055048	,09876307	-,0942805	,2985219	-1,93178	2,42241
	5,00	43	-,0420156	1,07992998	,16468778	-,3743690	,2903378	-1,61654	2,95486
	Total	174	,0000000	1,00000000	,07580980	-,1496312	,1496312	-2,08449	2,95486
REGR factor score 4 for analysis 1	3,00	46	-,0344327	,94216449	,13891457	-,3142210	,2453556	-1,71379	1,99648
	4,00	85	,0226902	1,00542219	,10905335	-,1941743	,2395548	-2,94443	3,24385
	5,00	43	-,0080178	1,06949266	,16309610	-,3371591	,3211235	-1,86936	3,30559
	Total	174	,0000000	1,00000000	,07580980	-,1496312	,1496312	-2,94443	3,30559
comp1	3,00	52	18,1923	3,59759	,49890	17,1907	19,1939	9,00	29,00
	4,00	98	17,6633	3,63813	,36751	16,9339	18,3927	9,00	26,00
	5,00	58	16,8276	4,05721	,53274	15,7608	17,8944	10,00	27,00
	Total	208	17,5625	3,76559	,26110	17,0478	18,0772	9,00	29,00
Comp2	3,00	55	7,8545	2,32871	,31400	7,2250	8,4841	6,00	15,00
	4,00	100	8,0700	2,04621	,20462	7,6640	8,4760	6,00	12,00
	5,00	64	7,9063	2,32118	,29015	7,3264	8,4861	6,00	14,00
	Total	219	7,9680	2,19338	,14821	7,6759	8,2602	6,00	15,00
comp3	3,00	50	8,2200	2,27937	,32235	7,5722	8,8678	6,00	15,00
	4,00	99	8,0808	2,22085	,22320	7,6379	8,5237	6,00	12,00
	5,00	63	8,2222	2,34483	,29542	7,6317	8,8128	6,00	13,00
	Total	212	8,1557	2,26226	,15537	7,8494	8,4619	6,00	15,00
comp4	3,00	53	3,8113	1,16118	,15950	3,4913	4,1314	2,00	7,00
	4,00	98	3,8673	1,12733	,11388	3,6413	4,0934	2,00	8,00
	5,00	63	3,8730	1,22464	,15429	3,5646	4,1814	2,00	7,00
	Total	214	3,8551	1,15979	,07928	3,6989	4,0114	2,00	8,00

ANOVA						
		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	F	Sig.
REGR factor score 1 for analysis 1	Entre Grupos	7,555	2	3,778	3,904	,022
	Nos grupos	165,445	171	,968		
	Total	173,000	173			
REGR factor score 3 for analysis 1	Entre Grupos	,600	2	,300	,297	,743
	Nos grupos	172,400	171	1,008		
	Total	173,000	173			
REGR factor score 2 for analysis 1	Entre Grupos	1,989	2	,995	,995	,372
	Nos grupos	171,011	171	1,000		
	Total	173,000	173			
REGR factor score 4 for analysis 1	Entre Grupos	,101	2	,051	,050	,951
	Nos grupos	172,899	171	1,011		
	Total	173,000	173			
comp1	Entre Grupos	52,947	2	26,473	1,883	,155
	Nos grupos	2882,241	205	14,060		
	Total	2935,188	207			
Comp2	Entre Grupos	1,992	2	,996	,206	,814
	Nos grupos	1046,784	216	4,846		
	Total	1048,776	218			
comp3	Entre Grupos	1,041	2	,520	,101	,904
	Nos grupos	1078,822	209	5,162		
	Total	1079,863	211			
comp4	Entre Grupos	,137	2	,068	,050	,951
	Nos grupos	286,373	211	1,357		
	Total	286,509	213			

Testes Post Hoc

Variável dependente	Comparações múltiplas						
	(I) idade2	(J) idade2	Diferença média (I-J)	Modelo padrão	Sig.	Intervalo de confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
REGR factor score 1 for analysis 1	3,00	4,00	,20242852	,18004281	,533	-,2421593	,6470163
		5,00	,57360910*	,20864614	,025	-,0583898	1,0888284
	4,00	3,00	-,20242852	,18004281	,533	-,6470163	,2421593
		5,00	,37118058	,18407288	,134	-,0833589	,8257200
	5,00	3,00	-,57360910*	,20864614	,025	-1,0888284	-,0583898
		4,00	-,37118058	,18407288	,134	-,8257200	,0833589
REGR factor score 3 for analysis 1	3,00	4,00	,13964318	,18378852	,750	-,3141941	,5934805
		5,00	,06733180	,21298694	,951	-,4586065	,5932701
	4,00	3,00	-,13964318	,18378852	,750	-,5934805	,3141941
		5,00	-,07231138	,18790244	,929	-,5363073	,3916846
	5,00	3,00	-,06733180	,21298694	,951	-,5932701	,4586065
		4,00	-,07231138	,18790244	,929	-,3916846	,5363073
REGR factor score 2 for analysis 1	3,00	4,00	-,25154649	,18304619	,391	-,7035507	,2004577
		5,00	-,10741024	,21212667	,880	-,6312242	,4164037
	4,00	3,00	,25154649	,18304619	,391	-,2004577	,7035507
		5,00	,14413626	,18714348	,744	-,3179856	,6062581
	5,00	3,00	,10741024	,21212667	,880	-,4164037	,6312242
		4,00	-,14413626	,18714348	,744	-,6062581	,3179856
REGR factor score 4 for analysis 1	3,00	4,00	-,05712297	,18405405	,953	-,5116159	,3973700
		5,00	-,02641492	,21329465	,992	-,5531130	,5002832
	4,00	3,00	,05712297	,18405405	,953	-,3973700	,5116159
		5,00	,03070805	,18817391	,987	-,4339583	,4953744
	5,00	3,00	,02641492	,21329465	,992	-,5002832	,5531130
		4,00	-,03070805	,18817391	,987	-,4953744	,4339583
comp1	3,00	4,00	,52904	,64331	,713	-,10572	2,1153
		5,00	1,36472	,71609	,165	-,4010	3,1304
	4,00	3,00	-,52904	,64331	,713	-,2,1153	1,0572
		5,00	,83568	,62119	,406	-,6960	2,3674
	5,00	3,00	-,1,36472	,71609	,165	-,3,1304	,4010
		4,00	-,83568	,62119	,406	-,2,3674	,6960
Comp2	3,00	4,00	-,21545	,36956	,844	-,1,1264	,6954
		5,00	-,05170	,40477	,992	-,1,0494	,9460
	4,00	3,00	,21545	,36956	,844	-,6954	1,1264
		5,00	,16375	,35240	,898	-,7048	1,0323
	5,00	3,00	,05170	,40477	,992	-,9460	1,0494
		4,00	-,16375	,35240	,898	-,1,0323	,7048
comp3	3,00	4,00	,13919	,39418	,940	-,8326	1,1110
		5,00	-,00222	,43031	1,000	-,1,0631	1,0587
	4,00	3,00	-,13919	,39418	,940	-,1,1110	,8326
		5,00	-,14141	,36616	,928	-,1,0441	,7613
	5,00	3,00	,00222	,43031	1,000	-,1,0587	1,0631
		4,00	,14141	,36616	,928	-,7613	1,0441
comp4	3,00	4,00	-,05603	,19864	,961	-,5457	,4337
		5,00	-,06170	,21714	,960	-,5970	,4736
	4,00	3,00	,05603	,19864	,961	-,4337	,5457
		5,00	-,00567	,18813	1,000	-,4694	,4581
	5,00	3,00	,06170	,21714	,960	-,4736	,5970
		4,00	,00567	,18813	1,000	-,4581	,4694

*. A diferença média é significativa no nível 0.05.

ONEWAY FAC1_1 FAC3_1 FAC2_1 FAC4_1 comp1 Comp2 comp3 comp4 BY tempo de serviço
/STATISTICS DESCRIPTIVES /MISSING ANALYSIS /POSTHOC=SCHEFFE ALPHA(0.05).

Descritivos									
		N	Média	Desvio padrão	Modelo padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
REGR factor score 1 for analysis 1	1,0	38	,4380411	,81280026	,13185361	,1708803	,7052019	-,73631	2,42974
	2,0	20	,1279161	1,08713082	,24308984	-,3808767	,6367090	-2,17920	2,83518
	3,0	29	,1291322	,93239934	,17314221	-,2255336	,4837979	-1,84736	1,87012
	4,0	25	-,4404870	1,12755951	,22551190	-,9059207	,0249467	-1,90510	2,03110
	5,0	43	-,2357522	,88791617	,13540595	-,5090125	,0375080	-1,96328	1,86732
	6,0	18	-,0557731	1,14020923	,26874989	-,6227858	,5112396	-1,32936	2,97390
	Total	173	,0045970	1,00105721	,07610897	-,1456309	,1548249	-2,17920	2,97390
REGR factor score 3 for analysis 1	1,0	38	,0323940	1,06716901	,17311767	-,3183757	,3831637	-1,59606	2,84847
	2,0	20	-,1220920	,89357493	,19980943	-,5402980	,2961139	-1,37998	1,62959
	3,0	29	,0759614	,97919069	,18183115	-,2965029	,4484256	-1,16668	2,51968
	4,0	25	,0445801	,95990865	,19198173	-,3516507	,4408109	-1,18665	1,98208
	5,0	43	-,2295918	,99831072	,15224096	-,5368265	,0776429	-2,33461	1,87331
	6,0	18	,4130966	1,05356355	,24832731	-,1108283	,9370214	-,98999	1,94552
	Total	173	-,0019087	1,00258486	,07622512	-,1523658	,1485485	-2,33461	2,84847
REGR factor score 2 for analysis 1	1,0	38	-,1224162	,99578541	,16153772	-,4497227	,2048904	-1,71826	2,42241
	2,0	20	-,1416420	,97792655	,21867102	-,5993258	,3160417	-1,59892	2,32628
	3,0	29	-,1542281	1,05032132	,19503977	-,5537490	,2452928	-2,08449	1,71889
	4,0	25	,1214936	,86211375	,17242275	-,2343695	,4773567	-1,02877	2,10809
	5,0	43	,0910722	,91952095	,14022563	-,1919145	,3740590	-1,93178	2,50635
	6,0	18	,2349423	1,32669779	,31270567	-,4248090	,8946936	-1,61654	2,95486
	Total	173	-,0044790	1,00115084	,07611609	-,1547209	,1457629	-2,08449	2,95486
REGR factor score 4 for analysis 1	1,0	38	,0529621	,94331001	,15302509	-,2570962	,3630204	-1,62435	2,43507
	2,0	20	-,0851439	1,04557519	,23379772	-,5744882	,4042003	-1,62435	2,31100
	3,0	29	,0176598	,93099552	,17288153	-,3364720	,3717915	-1,71379	1,99648
	4,0	25	-,0630539	1,03677511	,20735502	-,4910137	,3649058	-2,94443	1,88816
	5,0	43	-,0090170	1,02051207	,15562663	-,3230843	,3050503	-1,75671	3,24385
	6,0	18	,0609279	1,21425347	,28620229	-,5429061	,6647620	-1,86936	3,30559
	Total	173	-,0002634	1,00289671	,07624883	-,1507673	,1502405	-2,94443	3,30559
comp1	1,0	41	19,0244	3,01237	,47045	18,0736	19,9752	13,00	27,00
	2,0	25	17,6000	4,52769	,90554	15,7311	19,4689	9,00	29,00
	3,0	33	18,0303	3,30232	,57486	16,8594	19,2013	10,00	23,00
	4,0	31	16,0645	3,85517	,69241	14,6504	17,4786	10,00	24,00
	5,0	51	16,4706	3,45458	,48374	15,4990	17,4422	9,00	25,00
	6,0	26	18,6154	4,15766	,81538	16,9361	20,2947	13,00	27,00
	Total	207	17,5700	3,77314	,26225	17,0530	18,0871	9,00	29,00
Comp2	1,0	42	7,7143	2,13320	,32916	7,0495	8,3790	6,00	13,00
	2,0	26	8,0000	2,71293	,53205	6,9042	9,0958	6,00	15,00
	3,0	35	8,0857	1,91544	,32377	7,4277	8,7437	6,00	12,00
	4,0	34	8,0000	2,00000	,34300	7,3022	8,6978	6,00	12,00
	5,0	55	7,7636	2,09906	,28304	7,1962	8,3311	6,00	14,00
	6,0	26	8,5000	2,58070	,50612	7,4576	9,5424	6,00	14,00
	Total	218	7,9587	2,19407	,14860	7,6658	8,2516	6,00	15,00
comp3	1,0	43	8,2093	2,34580	,35773	7,4874	8,9312	6,00	15,00
	2,0	22	7,6364	1,96506	,41895	6,7651	8,5076	6,00	12,00
	3,0	36	8,2778	2,32516	,38753	7,4911	9,0645	6,00	14,00
	4,0	35	8,3429	2,27445	,38445	7,5616	9,1242	6,00	13,00
	5,0	52	7,7500	2,26547	,31416	7,1193	8,3807	6,00	12,00
	6,0	23	8,9130	2,21386	,46162	7,9557	9,8704	6,00	12,00
	Total	211	8,1469	2,26405	,15586	7,8397	8,4542	6,00	15,00
comp4	1,0	43	3,9767	1,18499	,18071	3,6121	4,3414	2,00	7,00
	2,0	25	3,8000	1,15470	,23094	3,3234	4,2766	2,00	6,00
	3,0	33	3,7273	1,09752	,19105	3,3381	4,1164	2,00	6,00
	4,0	32	3,9375	1,16224	,20546	3,5185	4,3565	2,00	7,00
	5,0	53	3,6981	1,20232	,16515	3,3667	4,0295	2,00	8,00
	6,0	27	4,0741	1,17427	,22599	3,6095	4,5386	2,00	7,00
	Total	213	3,8545	1,16248	,07965	3,6974	4,0115	2,00	8,00

ANOVA						
		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	F	Sig.
REGR factor score 1 for analysis 1	Entre Grupos	15,395	5	3,079	3,276	,008
	Nos grupos	156,969	167	,940		
	Total	172,364	172			
REGR factor score 3 for analysis 1	Entre Grupos	5,893	5	1,179	1,179	,322
	Nos grupos	166,998	167	1,000		
	Total	172,890	172			
REGR factor score 2 for analysis 1	Entre Grupos	3,376	5	,675	,667	,649
	Nos grupos	169,020	167	1,012		
	Total	172,396	172			
REGR factor score 4 for analysis 1	Entre Grupos	,430	5	,086	,083	,995
	Nos grupos	172,568	167	1,033		
	Total	172,998	172			
comp1	Entre Grupos	254,058	5	50,812	3,813	,003
	Nos grupos	2678,676	201	13,327		
	Total	2932,734	206			
Comp2	Entre Grupos	12,887	5	2,577	,530	,754
	Nos grupos	1031,742	212	4,867		
	Total	1044,628	217			
comp3	Entre Grupos	29,554	5	5,911	1,157	,331
	Nos grupos	1046,891	205	5,107		
	Total	1076,445	210			
comp4	Entre Grupos	4,069	5	,814	,597	,703
	Nos grupos	282,419	207	1,364		
	Total	286,488	212			

Testes Post Hoc

Comparações múltiplas							
Variável dependente	(I) tempo de serviço	(J) tempo de serviço	Diferença média (I-J)	Modelo padrão	Sig.	Intervalo de confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
REGR factor score 1 for analysis 1	1,0	2,0	,31012495	,26782766	,930	-,5918355	1,2120854
		3,0	,30890894	,23905335	,892	-,4961486	1,1139664
		4,0	,87852808*	,24966444	,034	,0377357	1,7193205
		5,0	,67379333	,21585629	,089	-,0531437	1,4007303
		6,0	,49381418	,27740494	,674	-,4403996	1,4280279
	2,0	1,0	-,31012495	,26782766	,930	-1,2120854	,5918355
		3,0	-,00121601	,28179434	1,000	-,9502119	,9477799
		4,0	,56840313	,29085027	,577	-,4110904	1,5478966
		5,0	,36366838	,26240329	,859	-,5200245	1,2473612
		6,0	,18368923	,31498420	,997	-,8770798	1,2444583
	3,0	1,0	-,30890894	,23905335	,892	-1,1139664	,4961486
		2,0	,00121601	,28179434	1,000	-,9477799	,9502119
		4,0	,56961914	,26459163	,465	-,3214434	1,4606817
		5,0	,36488439	,23295994	,783	-,4196524	1,1494212
		6,0	,18490524	,29091218	,995	-,7947967	1,1646072
	4,0	1,0	-,87852808*	,24966444	,034	-1,7193205	-,0377357
		2,0	-,56840313	,29085027	,577	-1,5478966	,4110904
		3,0	-,56961914	,26459163	,465	-1,4606817	,3214434
		5,0	-,20473475	,24383635	,982	-1,0258999	,6164304
		6,0	-,38471390	,29969272	,895	-1,3939860	,6245582
	5,0	1,0	-,67379333	,21585629	,089	-1,4007303	,0531437
		2,0	-,36366838	,26240329	,859	-1,2473612	,5200245
		3,0	-,36488439	,23295994	,783	-1,1494212	,4196524
		4,0	,20473475	,24383635	,982	-,6164304	1,0258999
		6,0	-,17997915	,27217151	,994	-1,0965684	,7366101
	6,0	1,0	-,49381418	,27740494	,674	-1,4280279	,4403996
		2,0	-,18368923	,31498420	,997	-1,2444583	,8770798
		3,0	-,18490524	,29091218	,995	-1,1646072	,7947967
		4,0	,38471390	,29969272	,895	-,6245582	1,3939860
		5,0	,17997915	,27217151	,994	-,7366101	1,0965684
REGR factor	1,0	2,0	,15448603	,27625117	,997	-,7758422	1,0848143

score 3 for analysis 1	3,0	-,04356738	,24657187	1,000	-,8739449	,7868102
	4,0	-,01218612	,25751670	1,000	-,8794225	,8550502
	5,0	,26198580	,22264524	,925	-,4878143	1,0117859
	6,0	-,38070258	,28612967	,879	-1,3442985	,5828934
	1,0	-,15448603	,27625117	,997	-1,0848143	,7758422
	3,0	-,19805340	,29065712	,993	-1,1768964	,7807896
	4,0	-,16667215	,29999788	,997	-1,1769719	,8436276
	5,0	,10749977	,27065620	,999	-,8039863	1,0189859
	6,0	-,53518861	,32489084	,744	-1,6293202	,5589430
	1,0	,04356738	,24657187	1,000	-,7868102	,8739449
	2,0	,19805340	,29065712	,993	-,7807896	1,1768964
	4,0	,03138126	,27291336	1,000	-,8877063	,9504688
	5,0	,30555317	,24028682	,898	-,5036583	1,1147646
	6,0	-,33713520	,30006173	,938	-1,3476500	,6733796
	1,0	,01218612	,25751670	1,000	-,8550502	,8794225
	2,0	,16667215	,29999788	,997	-,8436276	1,1769719
	3,0	-,03138126	,27291336	1,000	-,9504688	,8877063
	5,0	,27417192	,25150530	,945	-,5728199	1,1211638
	6,0	-,36851646	,30911843	,921	-1,4095314	,6724985
	1,0	-,26198580	,22264524	,925	-1,0117859	,4878143
REGR factor score 2 for analysis 1	2,0	-,10749977	,27065620	,999	-1,0189859	,8039863
	3,0	-,30555317	,24028682	,898	-1,1147646	,5036583
	4,0	-,27417192	,25150530	,945	-1,1211638	,5728199
	6,0	-,64268838	,28073164	,391	-1,5881054	,3027287
	1,0	,38070258	,28612967	,879	-,5828934	1,3442985
	2,0	,53518861	,32489084	,744	-,5589430	1,6293202
	3,0	,33713520	,30006173	,938	-,6733796	1,3476500
	4,0	,36851646	,30911843	,921	-,6724985	1,4095314
	5,0	,64268838	,28073164	,391	-,3027287	1,5881054
	2,0	,01922587	,27791873	1,000	-,9167182	,9551700
	3,0	,03181192	,24806028	1,000	-,8035781	,8672020
	4,0	-,24390977	,25907117	,971	-1,1163811	,6285616
	5,0	-,21348840	,22398921	,969	-,9678146	,5408378
	6,0	-,35735846	,28785686	,907	-1,3267711	,6120541
	1,0	-,01922587	,27791873	1,000	-,9551700	,9167182
	3,0	,01258605	,29241165	1,000	-,9721657	,9973378
	4,0	-,26313564	,30180879	,979	-1,2795340	,7532627
	5,0	-,23271428	,27228999	,981	-1,1497025	,6842739
	6,0	-,37658433	,32685202	,931	-1,4773205	,7241519
	1,0	-,03181192	,24806028	1,000	-,8672020	,8035781
REGR factor score 4 for analysis 1	2,0	-,01258605	,29241165	1,000	-,9973378	,9721657
	4,0	-,27572169	,27456078	,961	-1,2003572	,6489138
	5,0	-,24530032	,24173729	,960	-1,0593965	,5687959
	6,0	-,38917038	,30187302	,893	-1,4057851	,6274443
	1,0	,24390977	,25907117	,971	-,6285616	1,1163811
	2,0	,26313564	,30180879	,979	-,7532627	1,2795340
	3,0	,27572169	,27456078	,961	-,6489138	1,2003572
	5,0	,03042137	,25302349	1,000	-,8216833	,8825260
	6,0	-,11344869	,31098439	1,000	-1,1607476	,9338503
	1,0	,21348840	,22398921	,969	-,5408378	,9678146
	2,0	,23271428	,27228999	,981	-,6842739	1,1497025
	3,0	,24530032	,24173729	,960	-,5687959	1,0593965
	4,0	-,03042137	,25302349	1,000	-,8825260	,8216833
	6,0	-,14387005	,28242625	,998	-1,0949940	,8072539
	1,0	,35735846	,28785686	,907	-,6120541	1,3267711
	2,0	,37658433	,32685202	,931	-,7241519	1,4773205
	3,0	,38917038	,30187302	,893	-,6274443	1,4057851
	4,0	,11344869	,31098439	1,000	-,9338503	1,1607476
	5,0	,14387005	,28242625	,998	-,8072539	1,0949940
	2,0	,13810598	,28082035	,999	-,8076099	1,0838218
REGR factor score 4 for analysis 1	3,0	,03530228	,25065016	1,000	-,8088097	,8794143
	4,0	,11601600	,26177602	,999	-,7655644	,9975964
	5,0	,06197907	,22632778	1,000	-,7002227	,8241808
	6,0	-,00796587	,29086224	1,000	-,9874997	,9715679
	1,0	-,13810598	,28082035	,999	-1,0838218	,8076099
	3,0	-,10280370	,29546458	1,000	-1,0978367	,8922293
	4,0	-,02208997	,30495983	1,000	-1,0491001	1,0049201
	5,0	-,07612691	,27513284	1,000	-1,0026890	,8504351
	6,0	-,14607185	,33026453	,999	-1,2583003	,9661566

comp1	3,0	1,0	-,03530228	,25065016	1,000	-,8794143	,8088097
		2,0	,10280370	,29546458	1,000	-,8922293	1,0978367
		4,0	,08071372	,27742734	1,000	-,8535755	1,0150029
		5,0	,02667679	,24426115	1,000	-,7959190	,8492726
		6,0	-,04326815	,30502474	1,000	-1,0704968	,9839605
	4,0	1,0	-,11601600	,26177602	,999	-,9975964	,7655644
		2,0	,02208997	,30495983	1,000	-1,0049201	1,0491001
		3,0	-,08071372	,27742734	1,000	-1,0150029	,8535755
		5,0	-,05403693	,25566519	1,000	-,9150380	,8069641
		6,0	-,12398187	,31423123	1,000	-1,1822152	,9342514
	5,0	1,0	-,06197907	,22632778	1,000	-,8241808	,7002227
		2,0	,07612691	,27513284	1,000	-,8504351	1,0026890
		3,0	-,02667679	,24426115	1,000	-,8492726	,7959190
		4,0	,05403693	,25566519	1,000	-,8069641	,9150380
		6,0	-,06994494	,28537493	1,000	-1,0309992	,8911093
	6,0	1,0	,00796587	,29086224	1,000	-,9715679	,9874997
		2,0	,14607185	,33026453	,999	-,9661566	1,2583003
		3,0	,04326815	,30502474	1,000	-,9839605	1,0704968
		4,0	,12398187	,31423123	1,000	-,9342514	1,1822152
		5,0	,06994494	,28537493	1,000	-,8911093	1,0309992
comp1	1,0	2,0	1,42439	,92634	,796	-1,6889	4,5377
		3,0	,99409	,85375	,929	-1,8752	3,8634
		4,0	2,95987*	,86887	,045	,0398	5,8800
		5,0	2,55380	,76574	,053	-,0197	5,1273
		6,0	,40901	,91521	,999	-2,6668	3,4849
	2,0	1,0	-1,42439	,92634	,796	-4,5377	1,6889
		3,0	-,43030	,96794	,999	-3,6834	2,8228
		4,0	1,53548	,98131	,784	-1,7625	4,8335
		5,0	1,12941	,89128	,900	-1,8660	4,1248
		6,0	-1,01538	1,02256	,963	-4,4520	2,4213
	3,0	1,0	-,99409	,85375	,929	-3,8634	1,8752
		2,0	,43030	,96794	,999	-2,8228	3,6834
		4,0	1,96579	,91309	,464	-1,1029	5,0345
		5,0	1,55971	,81557	,601	-1,1813	4,3007
		6,0	-,58508	,95729	,996	-3,8024	2,6322
	4,0	1,0	-2,95987*	,86887	,045	-5,8800	-,0398
		2,0	-1,53548	,98131	,784	-4,8335	1,7625
		3,0	-1,96579	,91309	,464	-5,0345	1,1029
		5,0	-,40607	,83139	,999	-3,2002	2,3881
		6,0	-2,55087	,97080	,233	-5,8136	,7118
	5,0	1,0	-2,55380	,76574	,053	-5,1273	,0197
		2,0	-1,12941	,89128	,900	-4,1248	1,8660
		3,0	-1,55971	,81557	,601	-4,3007	1,1813
		4,0	,40607	,83139	,999	-2,3881	3,2002
		6,0	-2,14480	,87970	,316	-5,1013	,8117
	6,0	1,0	-,40901	,91521	,999	-3,4849	2,6668
		2,0	1,01538	1,02256	,963	-2,4213	4,4520
		3,0	,58508	,95729	,996	-2,6322	3,8024
		4,0	2,55087	,97080	,233	-,7118	5,8136
		5,0	2,14480	,87970	,316	-,8117	5,1013
Comp2	1,0	2,0	-,28571	,55050	,998	-2,1349	1,5635
		3,0	-,37143	,50490	,990	-2,0674	1,3246
		4,0	-,28571	,50893	,997	-1,9952	1,4238
		5,0	-,04935	,45206	1,000	-1,5679	1,4692
		6,0	-,78571	,55050	,843	-2,6349	1,0635
	2,0	1,0	,28571	,55050	,998	-1,5635	2,1349
		3,0	-,08571	,57117	1,000	-2,0043	1,8329
		4,0	,00000	,57473	1,000	-1,9306	1,9306
		5,0	,23636	,52504	,999	-1,5273	2,0000
		6,0	-,50000	,61185	,984	-2,5552	1,5552
	3,0	1,0	,37143	,50490	,990	-1,3246	2,0674
		2,0	,08571	,57117	1,000	-1,8329	2,0043
		4,0	,08571	,53121	1,000	-1,6987	1,8701
		5,0	,32208	,47701	,994	-1,2802	1,9244
		6,0	-,41429	,57117	,991	-2,3329	1,5043
	4,0	1,0	,28571	,50893	,997	-1,4238	1,9952
		2,0	,00000	,57473	1,000	-1,9306	1,9306
		3,0	-,08571	,53121	1,000	-1,8701	1,6987
		5,0	,23636	,48127	,999	-1,3803	1,8530
		6,0	-,50000	,57473	,979	-2,4306	1,4306
	5,0	1,0	,04935	,45206	1,000	-1,4692	1,5679
		2,0	-,23636	,52504	,999	-2,0000	1,5273
		3,0	-,32208	,47701	,994	-1,9244	1,2802
		4,0	-,23636	,48127	,999	-1,8530	1,3803

comp3	6,0		6,0	-,73636	,52504	,853	-2,5000	1,0273
			1,0	,78571	,55050	,843	-1,0635	2,6349
			2,0	,50000	,61185	,984	-1,5552	2,5552
			3,0	,41429	,57117	,991	-1,5043	2,3329
			4,0	,50000	,57473	,979	-1,4306	2,4306
	1,0		5,0	,73636	,52504	,853	-1,0273	2,5000
			2,0	,57294	,59236	,967	-1,4175	2,5634
			3,0	-,06848	,51051	1,000	-1,7839	1,6469
			4,0	-,13355	,51446	1,000	-1,8622	1,5951
			5,0	,45930	,46580	,964	-1,1059	2,0245
	2,0		6,0	-,70374	,58378	,918	-2,6653	1,2578
			1,0	-,57294	,59236	,967	-2,5634	1,4175
			3,0	-,64141	,61154	,954	-2,6963	1,4135
			4,0	-,70649	,61485	,932	-2,7725	1,3595
			5,0	-,11364	,57475	1,000	-2,0449	1,8176
	3,0		6,0	-1,27668	,67391	,611	-3,5411	,9878
			1,0	,06848	,51051	1,000	-1,6469	1,7839
			2,0	,64141	,61154	,954	-1,4135	2,6963
			4,0	-,06508	,53644	1,000	-1,8676	1,7374
			5,0	,52778	,48996	,948	-1,1186	2,1741
comp4	4,0		6,0	-,63527	,60323	,953	-2,6622	1,3917
			1,0	,13355	,51446	1,000	-1,5951	1,8622
			2,0	,70649	,61485	,932	-1,3595	2,7725
			3,0	,06508	,53644	1,000	-1,7374	1,8676
			5,0	,59286	,49408	,919	-1,0673	2,2530
	5,0		6,0	-,57019	,60658	,971	-2,6084	1,4680
			1,0	-,45930	,46580	,964	-2,0245	1,1059
			2,0	,11364	,57475	1,000	-1,8176	2,0449
			3,0	-,52778	,48996	,948	-2,1741	1,1186
			4,0	-,59286	,49408	,919	-2,2530	1,0673
	6,0		5,0	-1,16304	,56590	,519	-3,0646	,7385
			1,0	,70374	,58378	,918	-1,2578	2,6653
			2,0	1,27668	,67391	,611	-,9878	3,5411
			3,0	,63527	,60323	,953	-1,3917	2,6622
			4,0	,57019	,60658	,971	-1,4680	2,6084
comp4	1,0		5,0	1,16304	,56590	,519	-,7385	3,0646
			2,0	,17674	,29377	,996	-,8103	1,1638
			3,0	,24947	,27032	,973	-,6588	1,1577
			4,0	,03924	,27270	1,000	-,8770	,9555
			5,0	,27863	,23973	,929	-,5268	1,0841
	2,0		6,0	-,09733	,28681	1,000	-1,0610	,8663
			1,0	-,17674	,29377	,996	-1,1638	,8103
			3,0	,07273	,30971	1,000	-,9678	1,1133
			4,0	-,13750	,31178	,999	-1,1850	,9100
			5,0	,10189	,28340	1,000	-,8503	1,0541
	3,0		6,0	-,27407	,32420	,982	-1,3633	,8152
			1,0	-,24947	,27032	,973	-1,1577	,6588
			2,0	-,07273	,30971	1,000	-1,1133	,9678
			4,0	-,21023	,28979	,991	-1,1839	,7634
			5,0	,02916	,25901	1,000	-,8411	,8994
comp4	4,0		6,0	-,34680	,30311	,933	-1,3652	,6716
			1,0	-,03924	,27270	1,000	-,9555	,8770
			2,0	,13750	,31178	,999	-,9100	1,1850
			3,0	,21023	,28979	,991	-,7634	1,1839
			5,0	,23939	,26149	,974	-,6392	1,1180
	5,0		6,0	-,13657	,30523	,999	-1,1621	,8890
			1,0	-,27863	,23973	,929	-1,0841	,5268
			2,0	-,10189	,28340	1,000	-1,0541	,8503
			3,0	-,02916	,25901	1,000	-,8994	,8411
			4,0	-,23939	,26149	,974	-1,1180	,6392
comp4	6,0		5,0	-,37596	,27618	,868	-1,3039	,5519
			1,0	,09733	,28681	1,000	-,8663	1,0610
			2,0	,27407	,32420	,982	-,8152	1,3633
			3,0	,34680	,30311	,933	-,6716	1,3652
			4,0	,13657	,30523	,999	-,8890	1,1621
	6,0		5,0	,37596	,27618	,868	-,5519	1,3039

*. A diferença média é significativa no nível 0.05.

ONEWAY FAC1_1 FAC3_1 FAC2_1 FAC4_1 comp1 Comp2 comp3 comp4 BY Número de Alunos NEE
/STATISTICS DESCRIPTIVES /MISSING ANALYSIS /POSTHOC=SCHEFFE ALPHA(0.05).

Descritivos									
		N	Média	Desvio padrão	Modelo padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
REGR factor score 1 for analysis 1	1,0	21	,3555361	1,04866804	,22883813	-,1218119	,8328841	-1,62760	2,27344
	2,0	47	-,2115501	,96110974	,14019226	-,4937425	,0706423	-1,68128	2,31717
	3,0	75	,0218378	1,05196949	,12147097	-,2201984	,2638740	-2,17920	2,97390
	4,0	20	-,0101757	,66364965	,14839657	-,3207733	,3004219	-1,27942	1,39287
	5,0	11	,0947521	1,15586217	,34850556	-,6817667	,8712708	-1,84736	2,83518
	Total	174	,0000000	1,00000000	,07580980	-,1496312	,1496312	-2,17920	2,97390
REGR factor score 3 for analysis 1	1,0	21	,5313898	1,12089996	,24460042	,0211623	1,0416174	-1,06735	1,94552
	2,0	47	-,0525898	1,05973211	,15457782	-,3637388	,2585592	-2,33461	2,49972
	3,0	75	,0147866	,96462707	,11138554	-,2071539	,2367271	-1,37518	2,84847
	4,0	20	-,2682516	,84433018	,18879797	-,6634103	,1269071	-1,34778	1,64474
	5,0	11	-,4028569	,67150131	,20246526	-,8539776	,0482638	-1,37998	,79343
	Total	174	,0000000	1,00000000	,07580980	-,1496312	,1496312	-2,33461	2,84847
REGR factor score 2 for analysis 1	1,0	21	-,0868750	1,03847170	,22661310	-,5595816	,3858317	-1,71826	1,80358
	2,0	47	-,2025434	,78398292	,11435566	-,4327294	,0276426	-2,08449	2,50635
	3,0	75	-,0186301	1,06357633	,12281122	-,2633368	,2260766	-1,93178	2,95486
	4,0	20	,3852249	,96303862	,21534198	-,0654910	,8359409	-1,05244	2,42241
	5,0	11	,4578790	1,20174740	,36234047	-,3494658	1,2652239	-1,18127	2,32628
	Total	174	,0000000	1,00000000	,07580980	-,1496312	,1496312	-2,08449	2,95486
REGR factor score 4 for analysis 1	1,0	21	-,6592046	,78898807	,17217131	-1,0183476	-,3000615	-2,94443	,71096
	2,0	47	,0636300	,95515856	,13932419	-,2168151	,3440750	-1,50459	2,43507
	3,0	75	,0823129	1,02576311	,11844492	-,1536938	,3183195	-1,86936	3,30559
	4,0	20	,0254869	1,06268804	,23762427	-,4718664	,5228402	-1,59747	1,84866
	5,0	11	,3790439	,88580952	,26708162	-,2160510	,9741389	-1,23309	1,82611
	Total	174	,0000000	1,00000000	,07580980	-,1496312	,1496312	-2,94443	3,30559
comp1	1,0	23	18,7826	3,41063	,71117	17,3077	20,2575	11,00	26,00
	2,0	58	16,2759	3,79655	,49851	15,2776	17,2741	9,00	23,00
	3,0	87	17,9310	3,66248	,39266	17,1505	18,7116	10,00	27,00
	4,0	25	17,8000	3,37886	,67577	16,4053	19,1947	11,00	26,00
	5,0	15	18,1333	4,48596	1,15827	15,6491	20,6176	10,00	29,00
	Total	208	17,5625	3,76559	,26110	17,0478	18,0772	9,00	29,00
Comp2	1,0	25	8,7200	2,49199	,49840	7,6914	9,7486	6,00	14,00
	2,0	62	7,3871	1,86736	,23716	6,9129	7,8613	6,00	14,00
	3,0	92	8,0435	2,18342	,22764	7,5913	8,4957	6,00	14,00
	4,0	25	8,0800	2,10000	,42000	7,2132	8,9468	6,00	12,00
	5,0	15	8,4667	2,77403	,71625	6,9305	10,0029	6,00	15,00
	Total	219	7,9680	2,19338	,14821	7,6759	8,2602	6,00	15,00
comp3	1,0	24	9,0000	2,60434	,53161	7,9003	10,0997	6,00	12,00
	2,0	56	8,0357	2,28007	,30469	7,4251	8,6463	6,00	13,00
	3,0	93	8,2258	2,29427	,23790	7,7533	8,6983	6,00	15,00
	4,0	26	7,5000	1,81659	,35626	6,7663	8,2337	6,00	12,00
	5,0	13	7,9231	1,84669	,51218	6,8071	9,0390	6,00	11,00
	Total	212	8,1557	2,26226	,15537	7,8494	8,4619	6,00	15,00
comp4	1,0	25	3,4400	,96090	,19218	3,0434	3,8366	2,00	5,00
	2,0	61	3,6557	1,06278	,13608	3,3835	3,9279	2,00	6,00
	3,0	87	4,0000	1,20077	,12874	3,7441	4,2559	2,00	8,00
	4,0	26	3,9231	1,12865	,22135	3,4672	4,3789	2,00	6,00
	5,0	15	4,4000	1,40408	,36253	3,6224	5,1776	3,00	7,00
	Total	214	3,8551	1,15979	,07928	3,6989	4,0114	2,00	8,00

ANOVA						
		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	F	Sig.
REGR factor score 1 for analysis 1	Entre Grupos	4,895	4	1,224	1,230	,300
	Nos grupos	168,105	169	,995		
	Total	173,000	173			
REGR factor score 3 for analysis 1	Entre Grupos	9,301	4	2,325	2,400	,052
	Nos grupos	163,699	169	,969		
	Total	173,000	173			
REGR factor score 2 for analysis 1	Entre Grupos	7,387	4	1,847	1,884	,115
	Nos grupos	165,613	169	,980		
	Total	173,000	173			
REGR factor score 4 for analysis 1	Entre Grupos	11,417	4	2,854	2,985	,021
	Nos grupos	161,583	169	,956		
	Total	173,000	173			
comp1	Entre Grupos	148,369	4	37,092	2,702	,032
	Nos grupos	2786,819	203	13,728		
	Total	2935,188	207			
Comp2	Entre Grupos	39,627	4	9,907	2,101	,082
	Nos grupos	1009,149	214	4,716		
	Total	1048,776	218			
comp3	Entre Grupos	30,253	4	7,563	1,492	,206
	Nos grupos	1049,610	207	5,071		
	Total	1079,863	211			
comp4	Entre Grupos	13,133	4	3,283	2,510	,043
	Nos grupos	273,377	209	1,308		
	Total	286,509	213			

Testes Post Hoc

Comparações múltiplas							
Variável dependente	(I) Número de alunos NEE	(J) Número de alunos NEE	Diferença média (I-J)	Modelo padrão	Sig.	Intervalo de confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
REGR factor score 1 for analysis 1	1,0	2,0	,56708622	,26178421	,324	-,2482583	1,3824307
		3,0	,33369828	,24623110	,766	-,4332050	1,1006016
		4,0	,36571179	,31161249	,848	-,6048262	1,3362498
		5,0	,26078406	,37120735	,974	-,8953661	1,4169343
	2,0	1,0	-,56708622	,26178421	,324	-1,3824307	,2482583
		3,0	-,23338794	,18554443	,812	-,8112785	,3445026
		4,0	-,20137443	,26626927	,966	-1,0306879	,6279391
		5,0	-,30630216	,33405371	,933	-1,3467348	,7341305
	3,0	1,0	-,33369828	,24623110	,766	-1,1006016	,4332050
		2,0	,23338794	,18554443	,812	-,3445026	,8112785
		4,0	,03201352	,25099423	1,000	-,7497249	,8137519
		5,0	-,07291422	,32201034	1,000	-1,0758370	,9300086
	4,0	1,0	-,36571179	,31161249	,848	-1,3362498	,6048262
		2,0	,20137443	,26626927	,966	-,6279391	1,0306879
		3,0	-,03201352	,25099423	1,000	-,8137519	,7497249
		5,0	-,10492773	,37438382	,999	-1,2709713	1,0611158
	5,0	1,0	-,26078406	,37120735	,974	-1,4169343	,8953661
		2,0	,30630216	,33405371	,933	-,7341305	1,3467348
		3,0	,07291422	,32201034	1,000	-,9300086	1,0758370
		4,0	,10492773	,37438382	,999	-1,0611158	1,2709713
REGR factor score 3 for analysis 1	1,0	2,0	,58397967	,25833067	,281	-,2206085	1,3885679
		3,0	,51660323	,24298274	,344	-,2401828	1,2733893
		4,0	,79964145	,30750160	,154	-,1580929	1,7573758
		5,0	,93424673	,36631027	,170	-,2066512	2,0751446
	2,0	1,0	-,58397967	,25833067	,281	-1,3885679	,2206085
		3,0	-,06737644	,18309667	,998	-,6376433	,5028904
		4,0	,21566178	,26275656	,954	-,6027112	1,0340347
		5,0	,35026706	,32964677	,889	-,6764399	1,3769740
	3,0	1,0	-,51660323	,24298274	,344	-1,2733893	,2401828
		2,0	,06737644	,18309667	,998	-,5028904	,6376433
		4,0	,28303822	,24768304	,860	-,4883872	1,0544637
		5,0	,41764351	,31776228	,785	-,5720484	1,4073355

REGR factor score 2 for analysis 1	4,0	1,0	-,79964145	,30750160	,154	-1,7573758	,1580929
		2,0	-,21566178	,26275656	,954	-1,0340347	,6027112
		3,0	-,28303822	,24768304	,860	-1,0544637	,4883872
		5,0	-,13460528	,36944484	,998	-1,0160555	1,2852660
	5,0	1,0	-,93424673	,36631027	,170	-2,0751446	,2066512
		2,0	-,35026706	,32964677	,889	-1,3769740	,6764399
		3,0	-,41764351	,31776228	,785	-1,4073355	,5720484
		4,0	-,13460528	,36944484	,998	-1,2852660	1,0160555
	1,0	2,0	-,11566841	,25983641	,995	-,6936095	,9249464
		3,0	-,06824487	,24439902	,999	-,8294420	,6929523
		4,0	-,47209990	,30929394	,676	-1,4354166	,4912168
		5,0	-,54475400	,36844539	,702	-1,6923019	,6027939
	2,0	1,0	-,11566841	,25983641	,995	-,9249464	,6936095
		3,0	-,18391329	,18416389	,910	-,7575041	,3896775
		4,0	-,58776832	,26428810	,297	-1,4109113	,2353747
		5,0	-,66042241	,33156819	,414	-1,6931138	,3722690
	3,0	1,0	-,06824487	,24439902	,999	-,6929523	,8294420
		2,0	-,18391329	,18416389	,910	-,3896775	,7575041
		4,0	-,40385503	,24912672	,623	-1,1797769	,3720668
		5,0	-,47650912	,31961443	,695	-1,4719697	,5189515
	4,0	1,0	-,47209990	,30929394	,676	-,4912168	1,4354166
		2,0	-,58776832	,26428810	,297	-,2353747	1,4109113
		3,0	-,40385503	,24912672	,623	-,3720668	1,1797769
		5,0	-,07265410	,37159823	1,000	-1,2300217	1,0847135
REGR factor score 4 for analysis 1	5,0	1,0	-,54475400	,36844539	,702	-,6027939	1,6923019
		2,0	-,66042241	,33156819	,414	-,3722690	1,6931138
		3,0	-,47650912	,31961443	,695	-,5189515	1,4719697
		4,0	-,07265410	,37159823	1,000	-1,0847135	1,2300217
	1,0	2,0	-,72283451	,25665504	,099	-1,5222039	,0765348
		3,0	-,74151742	,24140666	,055	-1,4933947	,0103598
		4,0	-,68469148	,30550702	,289	-1,6362136	,2668307
		5,0	-1,03824849	,36393424	,092	-2,1717461	,0952491
	2,0	1,0	-,72283451	,25665504	,099	-,0765348	1,5222039
		3,0	-,01868291	,18190904	1,000	-,5852508	,5478850
		4,0	-,03814303	,26105222	1,000	-,7749216	,8512077
		5,0	-,31541398	,32750855	,920	-1,3354613	,7046334
	3,0	1,0	-,74151742	,24140666	,055	-,0103598	1,4933947
		2,0	-,01868291	,18190904	1,000	-,5478850	,5852508
		4,0	-,05682595	,24607647	1,000	-,7095957	,8232476
		5,0	-,29673106	,31570115	,927	-1,2800035	,6865414
	4,0	1,0	-,68469148	,30550702	,289	-,2668307	1,6362136
		2,0	-,03814303	,26105222	1,000	-,8512077	,7749216
		3,0	-,05682595	,24607647	1,000	-,8232476	,7095957
		5,0	-,35355701	,36704847	,920	-1,4967541	,7896401
	5,0	1,0	1,03824849	,36393424	,092	-,0952491	2,1717461
		2,0	,31541398	,32750855	,920	-,7046334	1,3354613
		3,0	,29673106	,31570115	,927	-,6865414	1,2800035
		4,0	,35355701	,36704847	,920	-,7896401	1,4967541
comp1	1,0	2,0	2,50675	,91300	,114	-,3316	5,3451
		3,0	,85157	,86872	,915	-1,8491	3,5522
		4,0	,98261	1,07052	,932	-2,3454	4,3106
		5,0	,64928	1,22967	,991	-3,1735	4,4721
	2,0	1,0	-2,50675	,91300	,114	-5,3451	,3316
		3,0	-1,65517	,62808	,143	-3,6077	,2974
		4,0	-1,52414	,88646	,566	-4,2800	1,2317
		5,0	-1,85747	1,07327	,560	-5,1940	1,4791
	3,0	1,0	-,85157	,86872	,915	-3,5522	1,8491
		2,0	1,65517	,62808	,143	-,2974	3,6077
		4,0	,13103	,84079	1,000	-2,4828	2,7449
		5,0	-,20230	1,03586	1,000	-3,4226	3,0180
	4,0	1,0	-,98261	1,07052	,932	-4,3106	2,3454
		2,0	1,52414	,88646	,566	-1,2317	4,2800
		3,0	-,13103	,84079	1,000	-2,7449	2,4828
		5,0	-,33333	1,21010	,999	-4,0953	3,4286
	5,0	1,0	-,64928	1,22967	,991	-4,4721	3,1735
		2,0	1,85747	1,07327	,560	-1,4791	5,1940
		3,0	,20230	1,03586	1,000	-3,0180	3,4226
		4,0	,33333	1,21010	,999	-3,4286	4,0953

Comp2	1,0	2,0	1,33290	,51448	,156	-,2657	2,9315
		3,0	,67652	,48978	,753	-,8454	2,1984
		4,0	,64000	,61421	,896	-1,2685	2,5485
		5,0	,25333	,70923	,998	-1,9505	2,4571
	2,0	1,0	-1,33290	,51448	,156	-2,9315	,2657
		3,0	-,65638	,35681	,497	-1,7651	,4523
		4,0	-,69290	,51448	,770	-2,2915	,9057
		5,0	-1,07957	,62485	,561	-3,0212	,8620
	3,0	1,0	-,67652	,48978	,753	-2,1984	,8454
		2,0	,65638	,35681	,497	-,4523	1,7651
		4,0	-,03652	,48978	1,000	-1,5584	1,4854
		5,0	-,42319	,60468	,974	-2,3021	1,4557
	4,0	1,0	-,64000	,61421	,896	-2,5485	1,2685
		2,0	,69290	,51448	,770	-,9057	2,2915
		3,0	,03652	,48978	1,000	-1,4854	1,5584
		5,0	-,38667	,70923	,990	-2,5905	1,8171
	5,0	1,0	-,25333	,70923	,998	-2,4571	1,9505
		2,0	1,07957	,62485	,561	-,8620	3,0212
		3,0	,42319	,60468	,974	-1,4557	2,3021
		4,0	,38667	,70923	,990	-1,8171	2,5905
comp3	1,0	2,0	,96429	,54938	,546	-,7433	2,6719
		3,0	,77419	,51555	,689	-,8283	2,3767
		4,0	1,50000	,63741	,240	-,4812	3,4812
		5,0	1,07692	,77545	,749	-1,3333	3,4872
	2,0	1,0	-,96429	,54938	,546	-2,6719	,7433
		3,0	-,19009	,38088	,993	-1,3739	,9938
		4,0	,53571	,53439	,909	-1,1253	2,1967
		5,0	,11264	,69325	1,000	-2,0421	2,2674
	3,0	1,0	-,77419	,51555	,689	-2,3767	,8283
		2,0	,19009	,38088	,993	-,9938	1,3739
		4,0	,72581	,49954	,715	-,8269	2,2785
		5,0	,30273	,66676	,995	-1,7697	2,3752
	4,0	1,0	-1,50000	,63741	,240	-3,4812	,4812
		2,0	-,53571	,53439	,909	-2,1967	1,1253
		3,0	-,72581	,49954	,715	-2,2785	,8269
		5,0	-,42308	,76490	,989	-2,8005	1,9544
	5,0	1,0	-1,07692	,77545	,749	-3,4872	1,3333
		2,0	-,11264	,69325	1,000	-2,2674	2,0421
		3,0	-,30273	,66676	,995	-2,3752	1,7697
		4,0	,42308	,76490	,989	-1,9544	2,8005
comp4	1,0	2,0	-,21574	,27160	,959	-1,0598	,6284
		3,0	-,56000	,25953	,328	-1,3666	,2466
		4,0	-,48308	,32036	,686	-1,4787	,5126
		5,0	-,96000	,37353	,163	-2,1209	,2009
	2,0	1,0	,21574	,27160	,959	-,6284	1,0598
		3,0	-,34426	,19099	,519	-,9379	,2493
		4,0	-,26734	,26786	,910	-1,0999	,5652
		5,0	-,74426	,32961	,281	-1,7687	,2802
	3,0	1,0	,56000	,25953	,328	-,2466	1,3666
		2,0	,34426	,19099	,519	-,2493	,9379
		4,0	,07692	,25562	,999	-,7175	,8714
		5,0	-,40000	,31974	,815	-1,3938	,5938
	4,0	1,0	,48308	,32036	,686	-,5126	1,4787
		2,0	,26734	,26786	,910	-,5652	1,0999
		3,0	-,07692	,25562	,999	-,8714	,7175
		5,0	-,47692	,37082	,799	-1,6294	,6756
	5,0	1,0	,96000	,37353	,163	-,2009	2,1209
		2,0	,74426	,32961	,281	-,2802	1,7687
		3,0	,40000	,31974	,815	-,5938	1,3938
		4,0	,47692	,37082	,799	-,6756	1,6294

ONEWAY FAC1_1 FAC3_1 FAC2_1 FAC4_1 comp1 Comp2 comp3 comp4 BY **Categoria Profissional**
/STATISTICS DESCRIPTIVES /MISSING ANALYSIS /POSTHOC=SCHEFFE ALPHA(0.05).

Descritivos									
		N	Média	Desvio padrão	Modelo padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
REGR factor score 1 for analysis 1	1,0	74	,2174928	,89520807	,10406582	,0100900	,4248957	-1,42399	2,83518
	2,0	10	-,2243540	1,31409728	,41555405	-1,1644026	,7156945	-2,17920	2,31717
	3,0	90	-,1538992	1,02124011	,10764816	-,3677938	,0599954	-1,96328	2,97390
	Total	174	,0000000	1,00000000	,07580980	-,1496312	,1496312	-2,17920	2,97390
REGR factor score 3 for analysis 1	1,0	74	,1170940	1,04026003	,12092777	-,1239147	,3581027	-1,59606	2,84847
	2,0	10	-,1434136	,87294700	,27605008	-,7678823	,4810550	-1,28484	1,93038
	3,0	90	-,0803425	,97924617	,10322161	-,2854416	,1247567	-2,33461	1,94552
	Total	174	,0000000	1,00000000	,07580980	-,1496312	,1496312	-2,33461	2,84847
REGR factor score 2 for analysis 1	1,0	74	-,1405514	1,00940921	,11734144	-,3744126	,0933097	-2,08449	2,42241
	2,0	10	,0082419	1,01020219	,31945398	-,7144132	,7308970	-1,33863	1,71889
	3,0	90	,1146488	,98750450	,10409211	-,0921801	,3214776	-1,61654	2,95486
	Total	174	,0000000	1,00000000	,07580980	-,1496312	,1496312	-2,08449	2,95486
REGR factor score 4 for analysis 1	1,0	74	-,0297640	1,00079843	,11634045	-,2616302	,2021022	-2,94443	2,43507
	2,0	10	,1663335	,88429785	,27963953	-,4662551	,7989221	-1,59747	1,30077
	3,0	90	,0059911	1,01947378	,10746197	-,2075335	,2195158	-1,86936	3,30559
	Total	174	,0000000	1,00000000	,07580980	-,1496312	,1496312	-2,94443	3,30559
comp1	1,0	85	18,2588	3,47492	,37691	17,5093	19,0083	9,00	29,00
	2,0	11	16,8182	3,89405	1,17410	14,2021	19,4342	10,00	22,00
	3,0	112	17,1071	3,91200	,36965	16,3747	17,8396	9,00	27,00
	Total	208	17,5625	3,76559	,26110	17,0478	18,0772	9,00	29,00
Comp2	1,0	89	8,0000	2,21565	,23486	7,5333	8,4667	6,00	15,00
	2,0	10	7,4000	1,95505	,61824	6,0014	8,7986	6,00	11,00
	3,0	120	7,9917	2,20578	,20136	7,5930	8,3904	6,00	14,00
	Total	219	7,9680	2,19338	,14821	7,6759	8,2602	6,00	15,00
comp3	1,0	85	8,2706	2,30625	,25015	7,7731	8,7680	6,00	15,00
	2,0	11	7,5455	1,91644	,57783	6,2580	8,8329	6,00	12,00
	3,0	116	8,1293	2,26708	,21049	7,7124	8,5463	6,00	13,00
	Total	212	8,1557	2,26226	,15537	7,8494	8,4619	6,00	15,00
comp4	1,0	87	3,8621	1,12242	,12034	3,6228	4,1013	2,00	7,00
	2,0	10	4,0000	1,05409	,33333	3,2459	4,7541	2,00	5,00
	3,0	117	3,8376	1,20314	,11123	3,6173	4,0579	2,00	8,00
	Total	214	3,8551	1,15979	,07928	3,6989	4,0114	2,00	8,00

ANOVA						
		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	F	Sig.
REGR factor score 1 for analysis 1	Entre Grupos	6,135	2	3,068	3,144	,046
	Nos grupos	166,865	171	,976		
	Total	173,000	173			
REGR factor score 3 for analysis 1	Entre Grupos	1,801	2	,901	,900	,409
	Nos grupos	171,199	171	1,001		
	Total	173,000	173			
REGR factor score 2 for analysis 1	Entre Grupos	2,646	2	1,323	1,328	,268
	Nos grupos	170,354	171	,996		
	Total	173,000	173			
REGR factor score 4 for analysis 1	Entre Grupos	,345	2	,173	,171	,843
	Nos grupos	172,655	171	1,010		
	Total	173,000	173			
comp1	Entre Grupos	70,531	2	35,265	2,524	,083
	Nos grupos	2864,657	205	13,974		
	Total	2935,187	207			
Comp2	Entre Grupos	3,385	2	1,692	,350	,705
	Nos grupos	1045,392	216	4,840		
	Total	1048,776	218			
comp3	Entre Grupos	5,299	2	2,650	,515	,598
	Nos grupos	1074,564	209	5,141		
	Total	1079,863	211			
comp4	Entre Grupos	,250	2	,125	,092	,912
	Nos grupos	286,259	211	1,357		
	Total	286,509	213			

Testes Post Hoc

Variável dependente	(I) CategProf	(J) CategProf	Diferença média (I-J)	Modelo padrão	Sig.	Intervalo de confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
REGR factor score 1 for analysis 1	1,0	2,0	,44184687	,33281876	,416	-,3799975	1,2636912
		3,0	,37139207	,15501325	,059	-,0113891	,7541733
	2,0	1,0	-,44184687	,33281876	,416	-1,2636912	,3799975
		3,0	-,07045480	,32927803	,977	-,8835559	,7426463
	3,0	1,0	-,37139207	,15501325	,059	-,7541733	,0113891
		2,0	,07045480	,32927803	,977	-,7426463	,8835559
REGR factor score 3 for analysis 1	1,0	2,0	,26050765	,33711342	,742	-,5719417	1,0929570
		3,0	,19743648	,15701353	,455	-,1902841	,5851571
	2,0	1,0	-,26050765	,33711342	,742	-1,0929570	,5719417
		3,0	-,06307117	,33352701	,982	-,8866645	,7605221
	3,0	1,0	-,19743648	,15701353	,455	-,5851571	,1902841
		2,0	,06307117	,33352701	,982	-,7605221	,8866645
REGR factor score 2 for analysis 1	1,0	2,0	-,14879335	,33628114	,907	-,9791875	,6816008
		3,0	-,25520021	,15662588	,268	-,6419636	,1315632
	2,0	1,0	,14879335	,33628114	,907	-,6816008	,9791875
		3,0	-,10640686	,33270358	,950	-,9279668	,7151531
	3,0	1,0	,25520021	,15662588	,268	-,1315632	,6419636
		2,0	,10640686	,33270358	,950	-,7151531	,9279668
REGR factor score 4 for analysis 1	1,0	2,0	-,19609748	,33854370	,846	-1,0320787	,6398837
		3,0	-,03575508	,15767969	,975	-,4251207	,3536105
	2,0	1,0	,19609748	,33854370	,846	-,6398837	1,0320787
		3,0	,16034240	,33494207	,892	-,6667452	,9874299
	3,0	1,0	,03575508	,15767969	,975	-,3536105	,4251207
		2,0	-,16034240	,33494207	,892	-,9874299	,6667452
comp1	1,0	2,0	1,44064	1,19781	,486	-1,5129	4,3941
		3,0	1,15168	,53774	,104	-,1743	2,4776
	2,0	1,0	-1,44064	1,19781	,486	-4,3941	1,5129
		3,0	-,28896	1,18115	,971	-3,2014	2,6235
	3,0	1,0	-1,15168	,53774	,104	-2,4776	,1743
		2,0	,28896	1,18115	,971	-2,6235	3,2014
Comp2	1,0	2,0	,60000	,73373	,716	-1,2085	2,4085
		3,0	,00833	,30775	1,000	-,7502	,7669
	2,0	1,0	-,60000	,73373	,716	-2,4085	1,2085
		3,0	-,59167	,72409	,717	-2,3764	1,1931
	3,0	1,0	-,00833	,30775	1,000	-,7669	,7502
		2,0	,59167	,72409	,717	-1,1931	2,3764
comp3	1,0	2,0	,72513	,72656	,608	-1,0661	2,5164
		3,0	,14128	,32374	,909	-,6569	,9394
	2,0	1,0	-,72513	,72656	,608	-2,5164	1,0661
		3,0	-,58386	,71535	,717	-2,3475	1,1798
	3,0	1,0	-,14128	,32374	,909	-,9394	,6569
		2,0	,58386	,71535	,717	-1,1798	2,3475
comp4	1,0	2,0	-,13793	,38892	,939	-1,0967	,8209
		3,0	,02446	,16489	,989	-,3820	,4310
	2,0	1,0	,13793	,38892	,939	-,8209	1,0967
		3,0	,16239	,38375	,914	-,7836	1,1084
	3,0	1,0	-,02446	,16489	,989	-,4310	,3820
		2,0	-,16239	,38375	,914	-1,1084	,7836

Apêndice 7 – Tabulações cruzadas do item 6 com as variáveis predictoras

p6 * idade2 Tabulação cruzada

		idade2			Total	
		3,00	4,00	5,00		
p6	1,0	Contagem	45	84	53	182
		% dentro de p6	24,7%	46,2%	29,1%	100,0%
		% dentro de idade2	81,8%	81,6%	80,3%	81,3%
	2,0	Contagem	10	19	12	41
		% dentro de p6	24,4%	46,3%	29,3%	100,0%
		% dentro de idade2	18,2%	18,4%	18,2%	18,3%
	3,0	Contagem	0	0	1	1
		% dentro de p6	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% dentro de idade2	0,0%	0,0%	1,5%	0,4%
	Total	Contagem	55	103	66	224
		% dentro de p6	24,6%	46,0%	29,5%	100,0%
		% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p6 * tempo serviço Tabulação cruzada

		Tempo serviço						Total	
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0		
p6	1,0	Contagem	38	19	30	28	46	20	181
		% dentro de p6	21,0%	10,5%	16,6%	15,5%	25,4%	11,0%	100,0%
		% dentro de temposervico	86,4%	73,1%	81,1%	82,4%	83,6%	74,1%	81,2%
	2,0	Contagem	6	7	7	6	9	6	41
		% dentro de p6	14,6%	17,1%	17,1%	14,6%	22,0%	14,6%	100,0%
		% dentro de temposervico	13,6%	26,9%	18,9%	17,6%	16,4%	22,2%	18,4%
	3,0	Contagem	0	0	0	0	0	1	1
		% dentro de p6	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% dentro de temposervico	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	3,7%	0,4%
	Total	Contagem	44	26	37	34	55	27	223
		% dentro de p6	19,7%	11,7%	16,6%	15,2%	24,7%	12,1%	100,0%
		% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p6 * NumNee Tabulação cruzada

		NumNee					Total	
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0		
p6	1,0	Contagem	17	55	78	22	10	182
		% dentro de p6	9,3%	30,2%	42,9%	12,1%	5,5%	100,0%
		% dentro de NumNee	68,0%	88,7%	82,1%	81,5%	66,7%	81,3%
	2,0	Contagem	8	7	16	5	5	41
		% dentro de p6	19,5%	17,1%	39,0%	12,2%	12,2%	100,0%
		% dentro de NumNee	32,0%	11,3%	16,8%	18,5%	33,3%	18,3%
	3,0	Contagem	0	0	1	0	0	1
		% dentro de p6	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		% dentro de NumNee	0,0%	0,0%	1,1%	0,0%	0,0%	0,4%
	Total	Contagem	25	62	95	27	15	224
		% dentro de p6	11,2%	27,7%	42,4%	12,1%	6,7%	100,0%
		% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p6 * CategProf Tabulação cruzada

		CategProf			Total	
		1,0	2,0	3,0		
p6	1,0	Contagem	74	10	98	182
		% dentro de p6	40,7%	5,5%	53,8%	100,0%
		% dentro de CategProf	81,3%	90,9%	80,3%	81,3%
	2,0	Contagem	17	1	23	41
		% dentro de p6	41,5%	2,4%	56,1%	100,0%
		% dentro de CategProf	18,7%	9,1%	18,9%	18,3%
	3,0	Contagem	0	0	1	1
		% dentro de p6	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% dentro de CategProf	0,0%	0,0%	0,8%	0,4%
	Total	Contagem	91	11	122	224
		% dentro de p6	40,6%	4,9%	54,5%	100,0%
		% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Apêndice 8 – Tabulações cruzadas dos itens não agregados em dimensões com as variáveis predictoras

p1 * idade2 Tabulação cruzada						
		idade2			Total	
		3,00	4,00	5,00		
p1	1,0	Contagem	22	34	28	84
		% dentro de p1	26,2%	40,5%	33,3%	100,0%
		% dentro de idade2	40,0%	33,3%	43,8%	38,0%
		% do Total	10,0%	15,4%	12,7%	38,0%
	2,0	Contagem	29	56	30	115
		% dentro de p1	25,2%	48,7%	26,1%	100,0%
		% dentro de idade2	52,7%	54,9%	46,9%	52,0%
		% do Total	13,1%	25,3%	13,6%	52,0%
	3,0	Contagem	4	11	4	19
		% dentro de p1	21,1%	57,9%	21,1%	100,0%
		% dentro de idade2	7,3%	10,8%	6,3%	8,6%
		% do Total	1,8%	5,0%	1,8%	8,6%
	4,0	Contagem	0	1	2	3
		% dentro de p1	0,0%	33,3%	66,7%	100,0%
		% dentro de idade2	0,0%	1,0%	3,1%	1,4%
		% do Total	0,0%	0,5%	0,9%	1,4%
	Total	Contagem	55	102	64	221
		% dentro de p1	24,9%	46,2%	29,0%	100,0%
		% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
		% do Total	24,9%	46,2%	29,0%	100,0%

p1 * temposervico Tabulação cruzada									
		temposervico						Total	
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0		
p1	1,0	Contagem	12	16	13	17	16	10	84
		% dentro de p1	14,3%	19,0%	15,5%	20,2%	19,0%	11,9%	100,0%
		% dentro de temposervico	27,9%	61,5%	35,1%	48,6%	29,1%	41,7%	38,2%
		% do Total	5,5%	7,3%	5,9%	7,7%	7,3%	4,5%	38,2%
	2,0	Contagem	25	8	22	15	33	11	114
		% dentro de p1	21,9%	7,0%	19,3%	13,2%	28,9%	9,6%	100,0%
		% dentro de temposervico	58,1%	30,8%	59,5%	42,9%	60,0%	45,8%	51,8%
		% do Total	11,4%	3,6%	10,0%	6,8%	15,0%	5,0%	51,8%
	3,0	Contagem	6	2	2	1	6	2	19
		% dentro de p1	31,6%	10,5%	10,5%	5,3%	31,6%	10,5%	100,0%
		% dentro de temposervico	14,0%	7,7%	5,4%	2,9%	10,9%	8,3%	8,6%
		% do Total	2,7%	0,9%	0,9%	0,5%	2,7%	0,9%	8,6%
	4,0	Contagem	0	0	0	2	0	1	3
		% dentro de p1	0,0%	0,0%	0,0%	66,7%	0,0%	33,3%	100,0%
		% dentro de temposervico	0,0%	0,0%	0,0%	5,7%	0,0%	4,2%	1,4%
		% do Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,9%	0,0%	0,5%	1,4%
	Total	Contagem	43	26	37	35	55	24	220
		% dentro de p1	19,5%	11,8%	16,8%	15,9%	25,0%	10,9%	100,0%
		% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
		% do Total	19,5%	11,8%	16,8%	15,9%	25,0%	10,9%	100,0%

p1 * NumNee Tabulação cruzada							
		NumNee					Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	
p1	Contagem	9	26	34	10	5	84
	1,0 % dentro de p1	10,7%	31,0%	40,5%	11,9%	6,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	36,0%	42,6%	36,6%	37,0%	33,3%	38,0%
	% do Total	4,1%	11,8%	15,4%	4,5%	2,3%	38,0%
	Contagem	16	32	48	13	6	115
	2,0 % dentro de p1	13,9%	27,8%	41,7%	11,3%	5,2%	100,0%
	% dentro de NumNee	64,0%	52,5%	51,6%	48,1%	40,0%	52,0%
	% do Total	7,2%	14,5%	21,7%	5,9%	2,7%	52,0%
	Contagem	0	2	11	4	2	19
	3,0 % dentro de p1	0,0%	10,5%	57,9%	21,1%	10,5%	100,0%
	% dentro de NumNee	0,0%	3,3%	11,8%	14,8%	13,3%	8,6%
	% do Total	0,0%	0,9%	5,0%	1,8%	0,9%	8,6%
	Contagem	0	1	0	0	2	3
	4,0 % dentro de p1	0,0%	33,3%	0,0%	0,0%	66,7%	100,0%
	% dentro de NumNee	0,0%	1,6%	0,0%	0,0%	13,3%	1,4%
	% do Total	0,0%	0,5%	0,0%	0,0%	0,9%	1,4%
Total	Contagem	25	61	93	27	15	221
	% dentro de p1	11,3%	27,6%	42,1%	12,2%	6,8%	100,0%
	% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% do Total	11,3%	27,6%	42,1%	12,2%	6,8%	100,0%

p1 * CategProf Tabulação cruzada					
		CategProf			Total
		1,0	2,0	3,0	
p1	Contagem	37	5	42	84
	1,0 % dentro de p1	44,0%	6,0%	50,0%	100,0%
	% dentro de CategProf	41,6%	45,5%	34,7%	38,0%
	% do Total	16,7%	2,3%	19,0%	38,0%
	Contagem	44	4	67	115
	2,0 % dentro de p1	38,3%	3,5%	58,3%	100,0%
	% dentro de CategProf	49,4%	36,4%	55,4%	52,0%
	% do Total	19,9%	1,8%	30,3%	52,0%
	Contagem	8	2	9	19
	3,0 % dentro de p1	42,1%	10,5%	47,4%	100,0%
	% dentro de CategProf	9,0%	18,2%	7,4%	8,6%
	% do Total	3,6%	0,9%	4,1%	8,6%
	Contagem	0	0	3	3
	4,0 % dentro de p1	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% dentro de CategProf	0,0%	0,0%	2,5%	1,4%
	% do Total	0,0%	0,0%	1,4%	1,4%
Total	Contagem	89	11	121	221
	% dentro de p1	40,3%	5,0%	54,8%	100,0%
	% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% do Total	40,3%	5,0%	54,8%	100,0%

p5 * idade2 Tabulação cruzada					
		idade2			Total
		3,00	4,00	5,00	
p5	Contagem	15	22	26	63
	1,0 % dentro de p5	23,8%	34,9%	41,3%	100,0%
	% dentro de idade2	27,8%	22,0%	40,6%	28,9%
	% do Total	6,9%	10,1%	11,9%	28,9%
	Contagem	30	64	27	121
	2,0 % dentro de p5	24,8%	52,9%	22,3%	100,0%
	% dentro de idade2	55,6%	64,0%	42,2%	55,5%
	% do Total	13,8%	29,4%	12,4%	55,5%
	Contagem	9	13	10	32
	3,0 % dentro de p5	28,1%	40,6%	31,3%	100,0%
	% dentro de idade2	16,7%	13,0%	15,6%	14,7%
	% do Total	4,1%	6,0%	4,6%	14,7%
	Contagem	0	1	1	2
	4,0 % dentro de p5	0,0%	50,0%	50,0%	100,0%
	% dentro de idade2	0,0%	1,0%	1,6%	0,9%
	% do Total	0,0%	0,5%	0,5%	0,9%
Total	Contagem	54	100	64	218
	% dentro de p5	24,8%	45,9%	29,4%	100,0%
	% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% do Total	24,8%	45,9%	29,4%	100,0%

p5 * temposervico Tabulação cruzada									
		temposervico						Total	
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0		
p5	1,0	Contagem	11	9	10	8	13	11	62
	% dentro de p5	17,7%	14,5%	16,1%	12,9%	21,0%	17,7%	100,0%	
	% dentro de temposervico	25,0%	36,0%	27,8%	24,2%	24,5%	42,3%	28,6%	
	% do Total	5,1%	4,1%	4,6%	3,7%	6,0%	5,1%	28,6%	
	2,0	Contagem	25	13	20	19	35	9	121
	% dentro de p5	20,7%	10,7%	16,5%	15,7%	28,9%	7,4%	100,0%	
	% dentro de temposervico	56,8%	52,0%	55,6%	57,6%	66,0%	34,6%	55,8%	
	% do Total	11,5%	6,0%	9,2%	8,8%	16,1%	4,1%	55,8%	
	3,0	Contagem	8	3	6	4	5	6	32
	% dentro de p5	25,0%	9,4%	18,8%	12,5%	15,6%	18,8%	100,0%	
	% dentro de temposervico	18,2%	12,0%	16,7%	12,1%	9,4%	23,1%	14,7%	
	% do Total	3,7%	1,4%	2,8%	1,8%	2,3%	2,8%	14,7%	
	4,0	Contagem	0	0	0	2	0	0	2
	% dentro de p5	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%	
	% dentro de temposervico	0,0%	0,0%	0,0%	6,1%	0,0%	0,0%	0,9%	
	% do Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,9%	0,0%	0,0%	0,9%	
Total	Contagem	44	25	36	33	53	26	217	
	% dentro de p5	20,3%	11,5%	16,6%	15,2%	24,4%	12,0%	100,0%	
	% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% do Total	20,3%	11,5%	16,6%	15,2%	24,4%	12,0%	100,0%	

p5 * NumNee Tabulação cruzada							
		NumNee					Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	
p5	Contagem	7	19	26	8	3	63
	1,0 % dentro de p5	11,1%	30,2%	41,3%	12,7%	4,8%	100,0%
	% dentro de NumNee	28,0%	31,1%	28,9%	29,6%	20,0%	28,9%
	% do Total	3,2%	8,7%	11,9%	3,7%	1,4%	28,9%
	Contagem	15	37	50	13	6	121
	2,0 % dentro de p5	12,4%	30,6%	41,3%	10,7%	5,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	60,0%	60,7%	55,6%	48,1%	40,0%	55,5%
	% do Total	6,9%	17,0%	22,9%	6,0%	2,8%	55,5%
	Contagem	3	4	14	6	5	32
	3,0 % dentro de p5	9,4%	12,5%	43,8%	18,8%	15,6%	100,0%
	% dentro de NumNee	12,0%	6,6%	15,6%	22,2%	33,3%	14,7%
	% do Total	1,4%	1,8%	6,4%	2,8%	2,3%	14,7%
	Contagem	0	1	0	0	1	2
	4,0 % dentro de p5	0,0%	50,0%	0,0%	0,0%	50,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	0,0%	1,6%	0,0%	0,0%	6,7%	0,9%
	% do Total	0,0%	0,5%	0,0%	0,0%	0,5%	0,9%
Total	Contagem	25	61	90	27	15	218
	% dentro de p5	11,5%	28,0%	41,3%	12,4%	6,9%	100,0%
	% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% do Total	11,5%	28,0%	41,3%	12,4%	6,9%	100,0%

p5 * CategProf Tabulação cruzada					
		CategProf			Total
		1,0	2,0	3,0	
p5	Contagem	26	5	32	63
	1,0 % dentro de p5	41,3%	7,9%	50,8%	100,0%
	% dentro de CategProf	29,9%	45,5%	26,7%	28,9%
	% do Total	11,9%	2,3%	14,7%	28,9%
	Contagem	50	3	68	121
	2,0 % dentro de p5	41,3%	2,5%	56,2%	100,0%
	% dentro de CategProf	57,5%	27,3%	56,7%	55,5%
	% do Total	22,9%	1,4%	31,2%	55,5%
	Contagem	11	3	18	32
	3,0 % dentro de p5	34,4%	9,4%	56,3%	100,0%
	% dentro de CategProf	12,6%	27,3%	15,0%	14,7%
	% do Total	5,0%	1,4%	8,3%	14,7%
	Contagem	0	0	2	2
	4,0 % dentro de p5	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% dentro de CategProf	0,0%	0,0%	1,7%	0,9%
	% do Total	0,0%	0,0%	0,9%	0,9%
Total	Contagem	87	11	120	218
	% dentro de p5	39,9%	5,0%	55,0%	100,0%
	% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% do Total	39,9%	5,0%	55,0%	100,0%

p8 * idade2 Tabulação cruzada					
		idade2			Total
		3,00	4,00	5,00	
p8	Contagem	10	13	16	39
	1,0 % dentro de p8	25,6%	33,3%	41,0%	100,0%
	% dentro de idade2	18,2%	12,9%	24,6%	17,6%
	% do Total	4,5%	5,9%	7,2%	17,6%
	Contagem	32	61	29	122
	2,0 % dentro de p8	26,2%	50,0%	23,8%	100,0%
	% dentro de idade2	58,2%	60,4%	44,6%	55,2%
	% do Total	14,5%	27,6%	13,1%	55,2%
	Contagem	12	25	13	50
	3,0 % dentro de p8	24,0%	50,0%	26,0%	100,0%
	% dentro de idade2	21,8%	24,8%	20,0%	22,6%
	% do Total	5,4%	11,3%	5,9%	22,6%
	Contagem	1	2	7	10
	4,0 % dentro de p8	10,0%	20,0%	70,0%	100,0%
	% dentro de idade2	1,8%	2,0%	10,8%	4,5%
	% do Total	0,5%	0,9%	3,2%	4,5%
Total	Contagem	55	101	65	221
	% dentro de p8	24,9%	45,7%	29,4%	100,0%
	% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% do Total	24,9%	45,7%	29,4%	100,0%

p8 * temposervico Tabulação cruzada								
		temposervico						Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0	
p8	Contagem	3	4	6	9	13	4	39
	1,0 % dentro de p8	7,7%		15,4%	23,1%	33,3%	10,3%	100,0%
	% dentro de temposervico	7,0%	15,4%	17,1%	26,5%	23,6%	14,8%	17,7%
	% do Total	1,4%	1,8%	2,7%	4,1%	5,9%	1,8%	17,7%
	Contagem	27	17	21	15	27	14	121
	2,0 % dentro de p8	22,3%	14,0%	17,4%	12,4%	22,3%	11,6%	100,0%
	% dentro de temposervico	62,8%	65,4%	60,0%	44,1%	49,1%	51,9%	55,0%
	% do Total	12,3%	7,7%	9,5%	6,8%	12,3%	6,4%	55,0%
	Contagem	12	4	8	9	11	6	50
	3,0 % dentro de p8	24,0%	8,0%	16,0%	18,0%	22,0%	12,0%	100,0%
	% dentro de temposervico	27,9%	15,4%	22,9%	26,5%	20,0%	22,2%	22,7%
	% do Total	5,5%	1,8%	3,6%	4,1%	5,0%	2,7%	22,7%
	Contagem	1	1	0	1	4	3	10
	4,0 % dentro de p8	10,0%	10,0%	0,0%	10,0%	40,0%	30,0%	100,0%
	% dentro de temposervico	2,3%	3,8%	0,0%	2,9%	7,3%	11,1%	4,5%
	% do Total	0,5%	0,5%	0,0%	0,5%	1,8%	1,4%	4,5%
Total	Contagem	43	26	35	34	55	27	220
	% dentro de p8	19,5%	11,8%	15,9%	15,5%	25,0%	12,3%	100,0%
	% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% do Total	19,5%	11,8%	15,9%	15,5%	25,0%	12,3%	100,0%

p8 * NumNee Tabulação cruzada

		NumNee					Total	
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0		
p8	1,0	Contagem	7	13	15	1	3	39
		% dentro de p8	17,9%	33,3%	38,5%	2,6%	7,7%	100,0%
		% dentro de NumNee	28,0%	21,0%	16,3%	3,7%	20,0%	17,6%
		% do Total	3,2%	5,9%	6,8%	0,5%	1,4%	17,6%
	2,0	Contagem	12	33	53	17	7	122
		% dentro de p8	9,8%	27,0%	43,4%	13,9%	5,7%	100,0%
		% dentro de NumNee	48,0%	53,2%	57,6%	63,0%	46,7%	55,2%
		% do Total	5,4%	14,9%	24,0%	7,7%	3,2%	55,2%
	3,0	Contagem	6	12	21	8	3	50
		% dentro de p8	12,0%	24,0%	42,0%	16,0%	6,0%	100,0%
		% dentro de NumNee	24,0%	19,4%	22,8%	29,6%	20,0%	22,6%
		% do Total	2,7%	5,4%	9,5%	3,6%	1,4%	22,6%
4,0	Contagem	0	4	3	1	2	10	
	% dentro de p8	0,0%	40,0%	30,0%	10,0%	20,0%	100,0%	
	% dentro de NumNee	0,0%	6,5%	3,3%	3,7%	13,3%	4,5%	
	% do Total	0,0%	1,8%	1,4%	0,5%	0,9%	4,5%	
Total	Contagem	25	62	92	27	15	221	
	% dentro de p8	11,3%	28,1%	41,6%	12,2%	6,8%	100,0%	
	% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% do Total	11,3%	28,1%	41,6%	12,2%	6,8%	100,0%	

p8 * CategProf Tabulação cruzada

		CategProf			Total	
		1,0	2,0	3,0		
p8	1,0	Contagem	15	1	23	39
		% dentro de p8	38,5%	2,6%	59,0%	100,0%
		% dentro de CategProf	16,7%	10,0%	19,0%	17,6%
		% do Total	6,8%	0,5%	10,4%	17,6%
	2,0	Contagem	55	6	61	122
		% dentro de p8	45,1%	4,9%	50,0%	100,0%
		% dentro de CategProf	61,1%	60,0%	50,4%	55,2%
		% do Total	24,9%	2,7%	27,6%	55,2%
	3,0	Contagem	18	3	29	50
		% dentro de p8	36,0%	6,0%	58,0%	100,0%
		% dentro de CategProf	20,0%	30,0%	24,0%	22,6%
		% do Total	8,1%	1,4%	13,1%	22,6%
	4,0	Contagem	2	0	8	10
		% dentro de p8	20,0%	0,0%	80,0%	100,0%
		% dentro de CategProf	2,2%	0,0%	6,6%	4,5%
		% do Total	0,9%	0,0%	3,6%	4,5%
Total	Contagem	90	10	121	221	
	% dentro de p8	40,7%	4,5%	54,8%	100,0%	
	% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% do Total	40,7%	4,5%	54,8%	100,0%	

p9 * idade2 Tabulação cruzada

		idade2			Total
		3,00	4,00	5,00	
p9	Contagem	11	14	13	38
	1,0 % dentro de p9	28,9%	36,8%	34,2%	100,0%
	% dentro de idade2	20,0%	13,6%	20,3%	17,1%
	Contagem	28	67	39	134
	2,0 % dentro de p9	20,9%	50,0%	29,1%	100,0%
	% dentro de idade2	50,9%	65,0%	60,9%	60,4%
	Contagem	15	22	9	46
	3,0 % dentro de p9	32,6%	47,8%	19,6%	100,0%
	% dentro de idade2	27,3%	21,4%	14,1%	20,7%
	Contagem	1	0	3	4
	4,0 % dentro de p9	25,0%	0,0%	75,0%	100,0%
	% dentro de idade2	1,8%	0,0%	4,7%	1,8%
	Contagem	55	103	64	222
	Total % dentro de p9	24,8%	46,4%	28,8%	100,0%
	% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p9 * temposervico Tabulação cruzada

		temposervico						Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0	
p9	Contagem	5	5	5	9	9	5	38
	1,0 % dentro de p9	13,2%	13,2%	13,2%	23,7%	23,7%	13,2%	100,0%
	% dentro de temposervico	11,6%	19,2%	13,9%	25,0%	16,7%	19,2%	17,2%
	Contagem	25	17	23	22	32	15	134
	2,0 % dentro de p9	18,7%	12,7%	17,2%	16,4%	23,9%	11,2%	100,0%
	% dentro de temposervico	58,1%	65,4%	63,9%	61,1%	59,3%	57,7%	60,6%
	Contagem	13	3	8	4	13	4	45
	3,0 % dentro de p9	28,9%	6,7%	17,8%	8,9%	28,9%	8,9%	100,0%
	% dentro de temposervico	30,2%	11,5%	22,2%	11,1%	24,1%	15,4%	20,4%
	Contagem	0	1	0	1	0	2	4
	4,0 % dentro de p9	0,0%	25,0%	0,0%	25,0%	0,0%	50,0%	100,0%
	% dentro de temposervico	0,0%	3,8%	0,0%	2,8%	0,0%	7,7%	1,8%
	Contagem	43	26	36	36	54	26	221
	Total % dentro de p9	19,5%	11,8%	16,3%	16,3%	24,4%	11,8%	100,0%
	% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p9 * NumNee Tabulação cruzada

		NumNee					Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	
p9	Contagem	4	11	13	4	6	38
	1,0 % dentro de p9	10,5%	28,9%	34,2%	10,5%	15,8%	100,0%
	% dentro de NumNee	16,7%	17,7%	13,8%	14,8%	40,0%	17,1%
	Contagem	13	36	62	19	4	134
	2,0 % dentro de p9	9,7%	26,9%	46,3%	14,2%	3,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	54,2%	58,1%	66,0%	70,4%	26,7%	60,4%
	Contagem	7	14	18	4	3	46
	3,0 % dentro de p9	15,2%	30,4%	39,1%	8,7%	6,5%	100,0%
	% dentro de NumNee	29,2%	22,6%	19,1%	14,8%	20,0%	20,7%
	Contagem	0	1	1	0	2	4
	4,0 % dentro de p9	0,0%	25,0%	25,0%	0,0%	50,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	0,0%	1,6%	1,1%	0,0%	13,3%	1,8%
	Contagem	24	62	94	27	15	222
	Total % dentro de p9	10,8%	27,9%	42,3%	12,2%	6,8%	100,0%
	% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p9 * CategProf Tabulação cruzada

		CategProf			Total	
		1,0	2,0	3,0		
p9	1,0	Contagem	15	2	21	38
		% dentro de p9	39,5%	5,3%	55,3%	100,0%
		% dentro de CategProf	16,7%	18,2%	17,4%	17,1%
	2,0	Contagem	57	4	73	134
		% dentro de p9	42,5%	3,0%	54,5%	100,0%
		% dentro de CategProf	63,3%	36,4%	60,3%	60,4%
	3,0	Contagem	17	5	24	46
		% dentro de p9	37,0%	10,9%	52,2%	100,0%
		% dentro de CategProf	18,9%	45,5%	19,8%	20,7%
	4,0	Contagem	1	0	3	4
		% dentro de p9	25,0%	0,0%	75,0%	100,0%
		% dentro de CategProf	1,1%	0,0%	2,5%	1,8%
Total		Contagem	90	11	121	222
		% dentro de p9	40,5%	5,0%	54,5%	100,0%
		% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p10 * idade2 Tabulação cruzada

		idade2			Total	
		3,00	4,00	5,00		
p10	1,0	Contagem	42	72	50	164
		% dentro de p10	25,6%	43,9%	30,5%	100,0%
		% dentro de idade2	76,4%	69,9%	73,5%	72,6%
	2,0	Contagem	13	30	17	60
		% dentro de p10	21,7%	50,0%	28,3%	100,0%
		% dentro de idade2	23,6%	29,1%	25,0%	26,5%
	3,0	Contagem	0	1	1	2
		% dentro de p10	0,0%	50,0%	50,0%	100,0%
		% dentro de idade2	0,0%	1,0%	1,5%	0,9%
	Total	Contagem	55	103	68	226
		% dentro de p10	24,3%	45,6%	30,1%	100,0%
		% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p10 * temposervico Tabulação cruzada

			temposervico					Total	
			1,0	2,0	3,0	4,0	5,0		6,0
p10	1,0	Contagem	32	18	25	24	42	22	163
		% dentro de p10	19,6%	11,0%	15,3%	14,7%	25,8%	13,5%	100,0%
		% dentro de temposervico	72,7%	69,2%	67,6%	66,7%	76,4%	81,5%	72,4%
	2,0	Contagem	11	7	12	12	13	5	60
		% dentro de p10	18,3%	11,7%	20,0%	20,0%	21,7%	8,3%	100,0%
		% dentro de temposervico	25,0%	26,9%	32,4%	33,3%	23,6%	18,5%	26,7%
	3,0	Contagem	1	1	0	0	0	0	2
		% dentro de p10	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		% dentro de temposervico	2,3%	3,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,9%
	Total	Contagem	44	26	37	36	55	27	225
		% dentro de p10	19,6%	11,6%	16,4%	16,0%	24,4%	12,0%	100,0%
		% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p10 * NumNee Tabulação cruzada

			NumNee					Total
			1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	
p10	1,0	Contagem	14	47	71	20	12	164
		% dentro de p10	8,5%	28,7%	43,3%	12,2%	7,3%	100,0%
		% dentro de NumNee	56,0%	74,6%	74,0%	74,1%	80,0%	72,6%
	2,0	Contagem	11	16	23	7	3	60
		% dentro de p10	18,3%	26,7%	38,3%	11,7%	5,0%	100,0%
		% dentro de NumNee	44,0%	25,4%	24,0%	25,9%	20,0%	26,5%
	3,0	Contagem	0	0	2	0	0	2
		% dentro de p10	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		% dentro de NumNee	0,0%	0,0%	2,1%	0,0%	0,0%	0,9%
	Total	Contagem	25	63	96	27	15	226
		% dentro de p10	11,1%	27,9%	42,5%	11,9%	6,6%	100,0%
		% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p10 * CategProf Tabulação cruzada

			CategProf			Total
			1,0	2,0	3,0	
p10	1,0	Contagem	66	6	92	164
		% dentro de p10	40,2%	3,7%	56,1%	100,0%
		% dentro de CategProf	72,5%	54,5%	74,2%	72,6%
	2,0	Contagem	24	4	32	60
		% dentro de p10	40,0%	6,7%	53,3%	100,0%
		% dentro de CategProf	26,4%	36,4%	25,8%	26,5%
	3,0	Contagem	1	1	0	2
		% dentro de p10	50,0%	50,0%	0,0%	100,0%
		% dentro de CategProf	1,1%	9,1%	0,0%	0,9%
	Total	Contagem	91	11	124	226
		% dentro de p10	40,3%	4,9%	54,9%	100,0%
		% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p11 * idade2 Tabulação cruzada

			idade2			Total
			3,00	4,00	5,00	
p11	1,0	Contagem	35	66	49	150
		% dentro de p11	23,3%	44,0%	32,7%	100,0%
		% dentro de idade2	63,6%	64,7%	73,1%	67,0%
	2,0	Contagem	19	34	17	70
		% dentro de p11	27,1%	48,6%	24,3%	100,0%
		% dentro de idade2	34,5%	33,3%	25,4%	31,3%
	3,0	Contagem	1	2	1	4
		% dentro de p11	25,0%	50,0%	25,0%	100,0%
		% dentro de idade2	1,8%	2,0%	1,5%	1,8%
	Total	Contagem	55	102	67	224
		% dentro de p11	24,6%	45,5%	29,9%	100,0%
		% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p11 * temposervico Tabulação cruzada								
		temposervico						Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0	
p11	Contagem	26	16	26	25	41	15	149
	1,0 % dentro de p11	17,4%	10,7%	17,4%	16,8%	27,5%	10,1%	100,0%
	% dentro de temposervico	59,1%	61,5%	72,2%	69,4%	74,5%	57,7%	66,8%
	Contagem	17	9	10	10	14	10	70
	2,0 % dentro de p11	24,3%	12,9%	14,3%	14,3%	20,0%	14,3%	100,0%
	% dentro de temposervico	38,6%	34,6%	27,8%	27,8%	25,5%	38,5%	31,4%
	Contagem	1	1	0	1	0	1	4
	3,0 % dentro de p11	25,0%	25,0%	0,0%	25,0%	0,0%	25,0%	100,0%
	% dentro de temposervico	2,3%	3,8%	0,0%	2,8%	0,0%	3,8%	1,8%
	Contagem	44	26	36	36	55	26	223
	Total % dentro de p11	19,7%	11,7%	16,1%	16,1%	24,7%	11,7%	100,0%
	% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p11 * NumNee Tabulação cruzada							
		NumNee					Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	
p11	Contagem	15	46	61	17	11	150
	1,0 % dentro de p11	10,0%	30,7%	40,7%	11,3%	7,3%	100,0%
	% dentro de NumNee	60,0%	74,2%	64,2%	63,0%	73,3%	67,0%
	Contagem	10	14	32	10	4	70
	2,0 % dentro de p11	14,3%	20,0%	45,7%	14,3%	5,7%	100,0%
	% dentro de NumNee	40,0%	22,6%	33,7%	37,0%	26,7%	31,3%
	Contagem	0	2	2	0	0	4
	3,0 % dentro de p11	0,0%	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	0,0%	3,2%	2,1%	0,0%	0,0%	1,8%
	Contagem	25	62	95	27	15	224
	Total % dentro de p11	11,2%	27,7%	42,4%	12,1%	6,7%	100,0%
	% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p11 * CategProf Tabulação cruzada					
		CategProf			Total
		1,0	2,0	3,0	
p11	Contagem	57	7	86	150
	1,0 % dentro de p11	38,0%	4,7%	57,3%	100,0%
	% dentro de CategProf	62,6%	70,0%	69,9%	67,0%
	Contagem	32	3	35	70
	2,0 % dentro de p11	45,7%	4,3%	50,0%	100,0%
	% dentro de CategProf	35,2%	30,0%	28,5%	31,3%
	Contagem	2	0	2	4
	3,0 % dentro de p11	50,0%	0,0%	50,0%	100,0%
	% dentro de CategProf	2,2%	0,0%	1,6%	1,8%
	Contagem	91	10	123	224
	Total % dentro de p11	40,6%	4,5%	54,9%	100,0%
	% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p12 * idade2 Tabulação cruzada

		idade2			Total
		3,00	4,00	5,00	
p12	Contagem	30	49	35	114
	1,0 % dentro de p12	26,3%	43,0%	30,7%	100,0%
	% dentro de idade2	54,5%	48,0%	53,0%	51,1%
	Contagem	21	48	29	98
	2,0 % dentro de p12	21,4%	49,0%	29,6%	100,0%
	% dentro de idade2	38,2%	47,1%	43,9%	43,9%
	Contagem	4	5	1	10
	3,0 % dentro de p12	40,0%	50,0%	10,0%	100,0%
	% dentro de idade2	7,3%	4,9%	1,5%	4,5%
	Contagem	0	0	1	1
	4,0 % dentro de p12	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% dentro de idade2	0,0%	0,0%	1,5%	0,4%
	Contagem	55	102	66	223
	Total % dentro de p12	24,7%	45,7%	29,6%	100,0%
	% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p12 * temposervico Tabulação cruzada

		temposervico						Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0	
p12	Contagem	18	15	18	15	31	16	113
	1,0 % dentro de p12	15,9%	13,3%	15,9%	13,3%	27,4%	14,2%	100,0%
	% dentro de temposervico	40,9%	57,7%	51,4%	41,7%	56,4%	61,5%	50,9%
	Contagem	24	9	15	19	21	10	98
	2,0 % dentro de p12	24,5%	9,2%	15,3%	19,4%	21,4%	10,2%	100,0%
	% dentro de temposervico	54,5%	34,6%	42,9%	52,8%	38,2%	38,5%	44,1%
	Contagem	2	2	2	1	3	0	10
	3,0 % dentro de p12	20,0%	20,0%	20,0%	10,0%	30,0%	0,0%	100,0%
	% dentro de temposervico	4,5%	7,7%	5,7%	2,8%	5,5%	0,0%	4,5%
	Contagem	0	0	0	1	0	0	1
	4,0 % dentro de p12	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	% dentro de temposervico	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%	0,0%	0,0%	0,5%
	Contagem	44	26	35	36	55	26	222
	Total % dentro de p12	19,8%	11,7%	15,8%	16,2%	24,8%	11,7%	100,0%
	% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p12 * NumNee Tabulação cruzada

		NumNee					Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	
p12	Contagem	9	36	47	13	9	114
	1,0 % dentro de p12	7,9%	31,6%	41,2%	11,4%	7,9%	100,0%
	% dentro de NumNee	36,0%	57,1%	50,0%	48,1%	64,3%	51,1%
	Contagem	14	23	45	12	4	98
	2,0 % dentro de p12	14,3%	23,5%	45,9%	12,2%	4,1%	100,0%
	% dentro de NumNee	56,0%	36,5%	47,9%	44,4%	28,6%	43,9%
	Contagem	2	3	2	2	1	10
	3,0 % dentro de p12	20,0%	30,0%	20,0%	20,0%	10,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	8,0%	4,8%	2,1%	7,4%	7,1%	4,5%
	Contagem	0	1	0	0	0	1
	4,0 % dentro de p12	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	0,0%	1,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
	Contagem	25	63	94	27	14	223
	Total % dentro de p12	11,2%	28,3%	42,2%	12,1%	6,3%	100,0%
	% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p12 * CategProf Tabulação cruzada

		CategProf			Total	
		1,0	2,0	3,0		
p12	1,0	Contagem	44	6	64	114
		% dentro de p12	38,6%	5,3%	56,1%	100,0%
		% dentro de CategProf	48,4%	60,0%	52,5%	51,1%
	2,0	Contagem	43	2	53	98
		% dentro de p12	43,9%	2,0%	54,1%	100,0%
		% dentro de CategProf	47,3%	20,0%	43,4%	43,9%
	3,0	Contagem	4	2	4	10
		% dentro de p12	40,0%	20,0%	40,0%	100,0%
		% dentro de CategProf	4,4%	20,0%	3,3%	4,5%
	4,0	Contagem	0	0	1	1
		% dentro de p12	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% dentro de CategProf	0,0%	0,0%	0,8%	0,4%
Total		Contagem	91	10	122	223
		% dentro de p12	40,8%	4,5%	54,7%	100,0%
		% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p14 * idade2 Tabulação cruzada

		idade2			Total	
		3,00	4,00	5,00		
p14	1,0	Contagem	35	51	35	121
		% dentro de p14	28,9%	42,1%	28,9%	100,0%
		% dentro de idade2	63,6%	50,5%	52,2%	54,3%
	2,0	Contagem	19	47	31	97
		% dentro de p14	19,6%	48,5%	32,0%	100,0%
		% dentro de idade2	34,5%	46,5%	46,3%	43,5%
	3,0	Contagem	1	3	1	5
		% dentro de p14	20,0%	60,0%	20,0%	100,0%
		% dentro de idade2	1,8%	3,0%	1,5%	2,2%
	Total	Contagem	55	101	67	223
		% dentro de p14	24,7%	45,3%	30,0%	100,0%
		% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p14 * temposervico Tabulação cruzada

			temposervico					Total	
			1,0	2,0	3,0	4,0	5,0		6,0
p14	1,0	Contagem	30	15	18	19	28	11	121
		% dentro de p14	24,8%	12,4%	14,9%	15,7%	23,1%	9,1%	100,0%
		% dentro de temposervico	68,2%	57,7%	51,4%	52,8%	50,9%	42,3%	54,5%
	2,0	Contagem	13	10	16	16	26	15	96
		% dentro de p14	13,5%	10,4%	16,7%	16,7%	27,1%	15,6%	100,0%
		% dentro de temposervico	29,5%	38,5%	45,7%	44,4%	47,3%	57,7%	43,2%
	3,0	Contagem	1	1	1	1	1	0	5
		% dentro de p14	20,0%	20,0%	20,0%	20,0%	20,0%	0,0%	100,0%
		% dentro de temposervico	2,3%	3,8%	2,9%	2,8%	1,8%	0,0%	2,3%
	Total	Contagem	44	26	35	36	55	26	222
		% dentro de p14	19,8%	11,7%	15,8%	16,2%	24,8%	11,7%	100,0%
		% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p14 * NumNee Tabulação cruzada

		NumNee					Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	
p14	Contagem	10	38	48	17	8	121
	1,0 % dentro de p14	8,3%	31,4%	39,7%	14,0%	6,6%	100,0%
	% dentro de NumNee	40,0%	60,3%	51,6%	63,0%	53,3%	54,3%
	Contagem	15	24	42	9	7	97
	2,0 % dentro de p14	15,5%	24,7%	43,3%	9,3%	7,2%	100,0%
	% dentro de NumNee	60,0%	38,1%	45,2%	33,3%	46,7%	43,5%
	Contagem	0	1	3	1	0	5
	3,0 % dentro de p14	0,0%	20,0%	60,0%	20,0%	0,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	0,0%	1,6%	3,2%	3,7%	0,0%	2,2%
	Contagem	25	63	93	27	15	223
	Total % dentro de p14	11,2%	28,3%	41,7%	12,1%	6,7%	100,0%
	% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p14 * CategProf Tabulação cruzada

		CategProf			Total
		1,0	2,0	3,0	
p14	Contagem	53	7	61	121
	1,0 % dentro de p14	43,8%	5,8%	50,4%	100,0%
	% dentro de CategProf	58,9%	70,0%	49,6%	54,3%
	Contagem	34	3	60	97
	2,0 % dentro de p14	35,1%	3,1%	61,9%	100,0%
	% dentro de CategProf	37,8%	30,0%	48,8%	43,5%
	Contagem	3	0	2	5
	3,0 % dentro de p14	60,0%	0,0%	40,0%	100,0%
	% dentro de CategProf	3,3%	0,0%	1,6%	2,2%
	Contagem	90	10	123	223
	Total % dentro de p14	40,4%	4,5%	55,2%	100,0%
	% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p15 * idade2 Tabulação cruzada

		idade2			Total
		3,00	4,00	5,00	
p15	Contagem	32	45	32	109
	1,0 % dentro de p15	29,4%	41,3%	29,4%	100,0%
	% dentro de idade2	60,4%	45,0%	48,5%	49,8%
	Contagem	17	49	32	98
	2,0 % dentro de p15	17,3%	50,0%	32,7%	100,0%
	% dentro de idade2	32,1%	49,0%	48,5%	44,7%
	Contagem	4	5	1	10
	3,0 % dentro de p15	40,0%	50,0%	10,0%	100,0%
	% dentro de idade2	7,5%	5,0%	1,5%	4,6%
	Contagem	0	1	1	2
	4,0 % dentro de p15	0,0%	50,0%	50,0%	100,0%
	% dentro de idade2	0,0%	1,0%	1,5%	0,9%
	Contagem	53	100	66	219
	Total % dentro de p15	24,2%	45,7%	30,1%	100,0%
	% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p15 * temposervico Tabulação cruzada								
		temposervico						Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0	
p15	Contagem	24	17	20	17	21	9	108
	1,0 % dentro de p15	22,2%	15,7%	18,5%	15,7%	19,4%	8,3%	100,0%
	% dentro de temposervico	57,1%	65,4%	55,6%	50,0%	39,6%	33,3%	49,5%
	Contagem	17	8	14	15	28	16	98
	2,0 % dentro de p15	17,3%	8,2%	14,3%	15,3%	28,6%	16,3%	100,0%
	% dentro de temposervico	40,5%	30,8%	38,9%	44,1%	52,8%	59,3%	45,0%
	Contagem	1	1	2	2	3	1	10
	3,0 % dentro de p15	10,0%	10,0%	20,0%	20,0%	30,0%	10,0%	100,0%
	% dentro de temposervico	2,4%	3,8%	5,6%	5,9%	5,7%	3,7%	4,6%
	Contagem	0	0	0	0	1	1	2
	4,0 % dentro de p15	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	100,0%
	% dentro de temposervico	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,9%	3,7%	0,9%
Total		42	26	36	34	53	27	218
		19,3%	11,9%	16,5%	15,6%	24,3%	12,4%	100,0%
		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p15 * NumNee Tabulação cruzada								
		NumNee					Total	
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0		
p15	Contagem	9	37	46	9	8	109	
	1,0 % dentro de p15	8,3%	33,9%	42,2%	8,3%	7,3%	100,0%	
	% dentro de NumNee	36,0%	60,7%	49,5%	36,0%	53,3%	49,8%	
	Contagem	16	21	42	14	5	98	
	2,0 % dentro de p15	16,3%	21,4%	42,9%	14,3%	5,1%	100,0%	
	% dentro de NumNee	64,0%	34,4%	45,2%	56,0%	33,3%	44,7%	
	Contagem	0	2	5	2	1	10	
	3,0 % dentro de p15	0,0%	20,0%	50,0%	20,0%	10,0%	100,0%	
	% dentro de NumNee	0,0%	3,3%	5,4%	8,0%	6,7%	4,6%	
	Contagem	0	1	0	0	1	2	
	4,0 % dentro de p15	0,0%	50,0%	0,0%	0,0%	50,0%	100,0%	
	% dentro de NumNee	0,0%	1,6%	0,0%	0,0%	6,7%	0,9%	
Total		25	61	93	25	15	219	
		11,4%	27,9%	42,5%	11,4%	6,8%	100,0%	
		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

p15 * CategProf Tabulação cruzada					
		CategProf			Total
		1,0	2,0	3,0	
p15	Contagem	50	8	51	109
	1,0 % dentro de p15	45,9%	7,3%	46,8%	100,0%
	% dentro de CategProf	56,2%	72,7%	42,9%	49,8%
	Contagem	36	2	60	98
	2,0 % dentro de p15	36,7%	2,0%	61,2%	100,0%
	% dentro de CategProf	40,4%	18,2%	50,4%	44,7%
	Contagem	3	1	6	10
	3,0 % dentro de p15	30,0%	10,0%	60,0%	100,0%
	% dentro de CategProf	3,4%	9,1%	5,0%	4,6%
	Contagem	0	0	2	2
	4,0 % dentro de p15	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% dentro de CategProf	0,0%	0,0%	1,7%	0,9%
Total		89	11	119	219
		40,6%	5,0%	54,3%	100,0%
		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p16 * idade2 Tabulação cruzada

		idade2			Total	
		3,00	4,00	5,00		
p16	1,0	Contagem	31	58	42	131
		% dentro de p16	23,7%	44,3%	32,1%	100,0%
		% dentro de idade2	56,4%	56,3%	63,6%	58,5%
	2,0	Contagem	22	44	23	89
		% dentro de p16	24,7%	49,4%	25,8%	100,0%
		% dentro de idade2	40,0%	42,7%	34,8%	39,7%
	3,0	Contagem	2	1	1	4
		% dentro de p16	50,0%	25,0%	25,0%	100,0%
		% dentro de idade2	3,6%	1,0%	1,5%	1,8%
	Total	Contagem	55	103	66	224
		% dentro de p16	24,6%	46,0%	29,5%	100,0%
		% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p16 * temposervico Tabulação cruzada

		temposervico						Total	
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0		
p16	1,0	Contagem	27	16	16	22	35	14	130
		% dentro de p16	20,8%	12,3%	12,3%	16,9%	26,9%	10,8%	100,0%
		% dentro de temposervico	62,8%	61,5%	43,2%	61,1%	63,6%	53,8%	58,3%
	2,0	Contagem	15	9	20	14	20	11	89
		% dentro de p16	16,9%	10,1%	22,5%	15,7%	22,5%	12,4%	100,0%
		% dentro de temposervico	34,9%	34,6%	54,1%	38,9%	36,4%	42,3%	39,9%
	3,0	Contagem	1	1	1	0	0	1	4
		% dentro de p16	25,0%	25,0%	25,0%	0,0%	0,0%	25,0%	100,0%
		% dentro de temposervico	2,3%	3,8%	2,7%	0,0%	0,0%	3,8%	1,8%
	Total	Contagem	43	26	37	36	55	26	223
		% dentro de p16	19,3%	11,7%	16,6%	16,1%	24,7%	11,7%	100,0%
		% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p16 * NumNee Tabulação cruzada

		NumNee					Total	
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0		
p16	1,0	Contagem	14	45	51	12	9	131
		% dentro de p16	10,7%	34,4%	38,9%	9,2%	6,9%	100,0%
		% dentro de NumNee	56,0%	71,4%	53,7%	46,2%	60,0%	58,5%
	2,0	Contagem	11	17	42	13	6	89
		% dentro de p16	12,4%	19,1%	47,2%	14,6%	6,7%	100,0%
		% dentro de NumNee	44,0%	27,0%	44,2%	50,0%	40,0%	39,7%
	3,0	Contagem	0	1	2	1	0	4
		% dentro de p16	0,0%	25,0%	50,0%	25,0%	0,0%	100,0%
		% dentro de NumNee	0,0%	1,6%	2,1%	3,8%	0,0%	1,8%
	Total	Contagem	25	63	95	26	15	224
		% dentro de p16	11,2%	28,1%	42,4%	11,6%	6,7%	100,0%
		% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p16 * CategProf Tabulação cruzada

			CategProf			Total
			1,0	2,0	3,0	
p16	1,0	Contagem	53	8	70	131
		% dentro de p16	40,5%	6,1%	53,4%	100,0%
		% dentro de CategProf	58,9%	72,7%	56,9%	58,5%
	2,0	Contagem	35	3	51	89
		% dentro de p16	39,3%	3,4%	57,3%	100,0%
		% dentro de CategProf	38,9%	27,3%	41,5%	39,7%
	3,0	Contagem	2	0	2	4
		% dentro de p16	50,0%	0,0%	50,0%	100,0%
		% dentro de CategProf	2,2%	0,0%	1,6%	1,8%
	Total	Contagem	90	11	123	224
		% dentro de p16	40,2%	4,9%	54,9%	100,0%
		% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p17 * idade2 Tabulação cruzada

			idade2			Total
			3,00	4,00	5,00	
p17	1,0	Contagem	21	38	30	89
		% dentro de p17	23,6%	42,7%	33,7%	100,0%
		% dentro de idade2	38,2%	37,6%	46,2%	40,3%
	2,0	Contagem	28	54	29	111
		% dentro de p17	25,2%	48,6%	26,1%	100,0%
		% dentro de idade2	50,9%	53,5%	44,6%	50,2%
	3,0	Contagem	6	9	6	21
		% dentro de p17	28,6%	42,9%	28,6%	100,0%
		% dentro de idade2	10,9%	8,9%	9,2%	9,5%
	Total	Contagem	55	101	65	221
		% dentro de p17	24,9%	45,7%	29,4%	100,0%
		% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p17 * temposervico Tabulação cruzada

			temposervico						Total
			1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0	
p17	1,0	Contagem	19	11	13	15	18	12	88
		% dentro de p17	21,6%	12,5%	14,8%	17,0%	20,5%	13,6%	100,0%
		% dentro de temposervico	44,2%	42,3%	35,1%	41,7%	35,3%	44,4%	40,0%
	2,0	Contagem	19	11	21	19	27	14	111
		% dentro de p17	17,1%	9,9%	18,9%	17,1%	24,3%	12,6%	100,0%
		% dentro de temposervico	44,2%	42,3%	56,8%	52,8%	52,9%	51,9%	50,5%
	3,0	Contagem	5	4	3	2	6	1	21
		% dentro de p17	23,8%	19,0%	14,3%	9,5%	28,6%	4,8%	100,0%
		% dentro de temposervico	11,6%	15,4%	8,1%	5,6%	11,8%	3,7%	9,5%
	Total	Contagem	43	26	37	36	51	27	220
		% dentro de p17	19,5%	11,8%	16,8%	16,4%	23,2%	12,3%	100,0%
		% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p17 * NumNee Tabulação cruzada

		NumNee					Total	
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0		
p17	1,0	Contagem	7	32	36	9	5	89
		% dentro de p17	7,9%	36,0%	40,4%	10,1%	5,6%	100,0%
		% dentro de NumNee	28,0%	51,6%	37,9%	36,0%	35,7%	40,3%
	2,0	Contagem	14	24	51	14	8	111
		% dentro de p17	12,6%	21,6%	45,9%	12,6%	7,2%	100,0%
		% dentro de NumNee	56,0%	38,7%	53,7%	56,0%	57,1%	50,2%
	3,0	Contagem	4	6	8	2	1	21
		% dentro de p17	19,0%	28,6%	38,1%	9,5%	4,8%	100,0%
		% dentro de NumNee	16,0%	9,7%	8,4%	8,0%	7,1%	9,5%
	Total	Contagem	25	62	95	25	14	221
		% dentro de p17	11,3%	28,1%	43,0%	11,3%	6,3%	100,0%
		% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p17 * CategProf Tabulação cruzada

		CategProf			Total	
		1,0	2,0	3,0		
p17	1,0	Contagem	40	5	44	89
		% dentro de p17	44,9%	5,6%	49,4%	100,0%
		% dentro de CategProf	44,4%	45,5%	36,7%	40,3%
	2,0	Contagem	41	4	66	111
		% dentro de p17	36,9%	3,6%	59,5%	100,0%
		% dentro de CategProf	45,6%	36,4%	55,0%	50,2%
	3,0	Contagem	9	2	10	21
		% dentro de p17	42,9%	9,5%	47,6%	100,0%
		% dentro de CategProf	10,0%	18,2%	8,3%	9,5%
	Total	Contagem	90	11	120	221
		% dentro de p17	40,7%	5,0%	54,3%	100,0%
		% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p18 * idade2 Tabulação cruzada

		idade2			Total	
		3,00	4,00	5,00		
p18	1,0	Contagem	35	58	35	128
		% dentro de p18	27,3%	45,3%	27,3%	100,0%
		% dentro de idade2	63,6%	56,3%	52,2%	56,9%
	2,0	Contagem	19	44	31	94
		% dentro de p18	20,2%	46,8%	33,0%	100,0%
		% dentro de idade2	34,5%	42,7%	46,3%	41,8%
	3,0	Contagem	1	1	1	3
		% dentro de p18	33,3%	33,3%	33,3%	100,0%
		% dentro de idade2	1,8%	1,0%	1,5%	1,3%
	Total	Contagem	55	103	67	225
		% dentro de p18	24,4%	45,8%	29,8%	100,0%
		% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p18 * temposervico Tabulação cruzada

		temposervico						Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0	
p18	Contagem	25	17	18	23	31	13	127
	1,0 % dentro de p18	19,7%	13,4%	14,2%	18,1%	24,4%	10,2%	100,0%
	% dentro de temposervico	58,1%	65,4%	48,6%	63,9%	56,4%	48,1%	56,7%
	Contagem	16	9	19	13	24	13	94
	2,0 % dentro de p18	17,0%	9,6%	20,2%	13,8%	25,5%	13,8%	100,0%
	% dentro de temposervico	37,2%	34,6%	51,4%	36,1%	43,6%	48,1%	42,0%
	Contagem	2	0	0	0	0	1	3
	3,0 % dentro de p18	66,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	33,3%	100,0%
	% dentro de temposervico	4,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	3,7%	1,3%
	Contagem	43	26	37	36	55	27	224
	Total % dentro de p18	19,2%	11,6%	16,5%	16,1%	24,6%	12,1%	100,0%
	% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p18 * NumNee Tabulação cruzada

		NumNee					Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	
p18	Contagem	11	39	48	18	12	128
	1,0 % dentro de p18	8,6%	30,5%	37,5%	14,1%	9,4%	100,0%
	% dentro de NumNee	44,0%	61,9%	50,5%	66,7%	80,0%	56,9%
	Contagem	14	24	45	8	3	94
	2,0 % dentro de p18	14,9%	25,5%	47,9%	8,5%	3,2%	100,0%
	% dentro de NumNee	56,0%	38,1%	47,4%	29,6%	20,0%	41,8%
	Contagem	0	0	2	1	0	3
	3,0 % dentro de p18	0,0%	0,0%	66,7%	33,3%	0,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	0,0%	0,0%	2,1%	3,7%	0,0%	1,3%
	Contagem	25	63	95	27	15	225
	Total % dentro de p18	11,1%	28,0%	42,2%	12,0%	6,7%	100,0%
	% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p18 * CategProf Tabulação cruzada

		CategProf			Total
		1,0	2,0	3,0	
p18	Contagem	55	6	67	128
	1,0 % dentro de p18	43,0%	4,7%	52,3%	100,0%
	% dentro de CategProf	61,1%	54,5%	54,0%	56,9%
	Contagem	33	5	56	94
	2,0 % dentro de p18	35,1%	5,3%	59,6%	100,0%
	% dentro de CategProf	36,7%	45,5%	45,2%	41,8%
	Contagem	2	0	1	3
	3,0 % dentro de p18	66,7%	0,0%	33,3%	100,0%
	% dentro de CategProf	2,2%	0,0%	0,8%	1,3%
	Contagem	90	11	124	225
	Total % dentro de p18	40,0%	4,9%	55,1%	100,0%
	% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p19 * idade2 Tabulação cruzada

		idade2			Total
		3,00	4,00	5,00	
p19	Contagem	7	17	11	35
	1,0 % dentro de p19	20,0%	48,6%	31,4%	100,0%
	% dentro de idade2	12,7%	16,8%	16,7%	15,8%
	Contagem	31	53	30	114
	2,0 % dentro de p19	27,2%	46,5%	26,3%	100,0%
	% dentro de idade2	56,4%	52,5%	45,5%	51,4%
	Contagem	16	28	24	68
	3,0 % dentro de p19	23,5%	41,2%	35,3%	100,0%
	% dentro de idade2	29,1%	27,7%	36,4%	30,6%
	Contagem	1	3	1	5
	4,0 % dentro de p19	20,0%	60,0%	20,0%	100,0%
	% dentro de idade2	1,8%	3,0%	1,5%	2,3%
	Contagem	55	101	66	222
	Total % dentro de p19	24,8%	45,5%	29,7%	100,0%
	% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p19 * temposervico Tabulação cruzada

		temposervico						Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0	
p19	Contagem	7	2	4	7	12	3	35
	1,0 % dentro de p19	20,0%	5,7%	11,4%	20,0%	34,3%	8,6%	100,0%
	% dentro de temposervico	16,3%	7,7%	11,1%	19,4%	22,2%	11,5%	15,8%
	Contagem	20	14	18	18	30	13	113
	2,0 % dentro de p19	17,7%	12,4%	15,9%	15,9%	26,5%	11,5%	100,0%
	% dentro de temposervico	46,5%	53,8%	50,0%	50,0%	55,6%	50,0%	51,1%
	Contagem	14	9	13	11	12	9	68
	3,0 % dentro de p19	20,6%	13,2%	19,1%	16,2%	17,6%	13,2%	100,0%
	% dentro de temposervico	32,6%	34,6%	36,1%	30,6%	22,2%	34,6%	30,8%
	Contagem	2	1	1	0	0	1	5
	4,0 % dentro de p19	40,0%	20,0%	20,0%	0,0%	0,0%	20,0%	100,0%
	% dentro de temposervico	4,7%	3,8%	2,8%	0,0%	0,0%	3,8%	2,3%
	Contagem	43	26	36	36	54	26	221
	Total % dentro de p19	19,5%	11,8%	16,3%	16,3%	24,4%	11,8%	100,0%
	% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p19 * NumNee Tabulação cruzada

		NumNee					Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	
p19	Contagem	0	11	16	5	3	35
	1,0 % dentro de p19	0,0%	31,4%	45,7%	14,3%	8,6%	100,0%
	% dentro de NumNee	0,0%	17,7%	17,0%	18,5%	20,0%	15,8%
	Contagem	11	31	45	18	9	114
	2,0 % dentro de p19	9,6%	27,2%	39,5%	15,8%	7,9%	100,0%
	% dentro de NumNee	45,8%	50,0%	47,9%	66,7%	60,0%	51,4%
	Contagem	12	19	30	4	3	68
	3,0 % dentro de p19	17,6%	27,9%	44,1%	5,9%	4,4%	100,0%
	% dentro de NumNee	50,0%	30,6%	31,9%	14,8%	20,0%	30,6%
	Contagem	1	1	3	0	0	5
	4,0 % dentro de p19	20,0%	20,0%	60,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	4,2%	1,6%	3,2%	0,0%	0,0%	2,3%
	Contagem	24	62	94	27	15	222
	Total % dentro de p19	10,8%	27,9%	42,3%	12,2%	6,8%	100,0%
	% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p19 * CategProf Tabulação cruzada

		CategProf			Total	
		1,0	2,0	3,0		
p19	1,0	Contagem	12	3	20	35
		% dentro de p19	34,3%	8,6%	57,1%	100,0%
		% dentro de CategProf	13,3%	27,3%	16,5%	15,8%
	2,0	Contagem	46	3	65	114
		% dentro de p19	40,4%	2,6%	57,0%	100,0%
		% dentro de CategProf	51,1%	27,3%	53,7%	51,4%
	3,0	Contagem	29	5	34	68
		% dentro de p19	42,6%	7,4%	50,0%	100,0%
		% dentro de CategProf	32,2%	45,5%	28,1%	30,6%
	4,0	Contagem	3	0	2	5
		% dentro de p19	60,0%	0,0%	40,0%	100,0%
		% dentro de CategProf	3,3%	0,0%	1,7%	2,3%
Total	Contagem	90	11	121	222	
	% dentro de p19	40,5%	5,0%	54,5%	100,0%	
	% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

p20 * idade2 Tabulação cruzada

		idade2			Total	
		3,00	4,00	5,00		
p20	1,0	Contagem	38	63	41	142
		% dentro de p20	26,8%	44,4%	28,9%	100,0%
		% dentro de idade2	69,1%	61,2%	60,3%	62,8%
	2,0	Contagem	16	38	26	80
		% dentro de p20	20,0%	47,5%	32,5%	100,0%
		% dentro de idade2	29,1%	36,9%	38,2%	35,4%
	3,0	Contagem	1	2	1	4
		% dentro de p20	25,0%	50,0%	25,0%	100,0%
		% dentro de idade2	1,8%	1,9%	1,5%	1,8%
	Total	Contagem	55	103	68	226
		% dentro de p20	24,3%	45,6%	30,1%	100,0%
		% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p20 * temposervico Tabulação cruzada

		temposervico						Total	
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0		
p20	1,0	Contagem	30	20	21	22	35	14	142
		% dentro de p20	21,1%	14,1%	14,8%	15,5%	24,6%	9,9%	100,0%
		% dentro de temposervico	68,2%	76,9%	56,8%	61,1%	63,6%	51,9%	63,1%
	2,0	Contagem	13	6	15	14	19	12	79
		% dentro de p20	16,5%	7,6%	19,0%	17,7%	24,1%	15,2%	100,0%
		% dentro de temposervico	29,5%	23,1%	40,5%	38,9%	34,5%	44,4%	35,1%
	3,0	Contagem	1	0	1	0	1	1	4
		% dentro de p20	25,0%	0,0%	25,0%	0,0%	25,0%	25,0%	100,0%
		% dentro de temposervico	2,3%	0,0%	2,7%	0,0%	1,8%	3,7%	1,8%
		Contagem	44	26	37	36	55	27	225
	Total	% dentro de p20	19,6%	11,6%	16,4%	16,0%	24,4%	12,0%	100,0%
		% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p20 * NumNee Tabulação cruzada

		NumNee					Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	
p20	Contagem	15	46	54	19	8	142
	1,0 % dentro de p20	10,6%	32,4%	38,0%	13,4%	5,6%	100,0%
	% dentro de NumNee	60,0%	73,0%	56,3%	70,4%	53,3%	62,8%
	Contagem	10	16	40	7	7	80
	2,0 % dentro de p20	12,5%	20,0%	50,0%	8,8%	8,8%	100,0%
	% dentro de NumNee	40,0%	25,4%	41,7%	25,9%	46,7%	35,4%
	Contagem	0	1	2	1	0	4
	3,0 % dentro de p20	0,0%	25,0%	50,0%	25,0%	0,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	0,0%	1,6%	2,1%	3,7%	0,0%	1,8%
	Contagem	25	63	96	27	15	226
	Total % dentro de p20	11,1%	27,9%	42,5%	11,9%	6,6%	100,0%
	% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p20 * CategProf Tabulação cruzada

		CategProf			Total
		1,0	2,0	3,0	
p20	Contagem	62	7	73	142
	1,0 % dentro de p20	43,7%	4,9%	51,4%	100,0%
	% dentro de CategProf	68,1%	63,6%	58,9%	62,8%
	Contagem	28	4	48	80
	2,0 % dentro de p20	35,0%	5,0%	60,0%	100,0%
	% dentro de CategProf	30,8%	36,4%	38,7%	35,4%
	Contagem	1	0	3	4
	3,0 % dentro de p20	25,0%	0,0%	75,0%	100,0%
	% dentro de CategProf	1,1%	0,0%	2,4%	1,8%
	Contagem	91	11	124	226
	Total % dentro de p20	40,3%	4,9%	54,9%	100,0%
	% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p27 * idade2 Tabulação cruzada

		idade2			Total
		3,00	4,00	5,00	
p27	Contagem	26	32	31	89
	1,0 % dentro de p27	29,2%	36,0%	34,8%	100,0%
	% dentro de idade2	47,3%	31,1%	47,0%	39,7%
	Contagem	27	67	31	125
	2,0 % dentro de p27	21,6%	53,6%	24,8%	100,0%
	% dentro de idade2	49,1%	65,0%	47,0%	55,8%
	Contagem	2	4	3	9
	3,0 % dentro de p27	22,2%	44,4%	33,3%	100,0%
	% dentro de idade2	3,6%	3,9%	4,5%	4,0%
	Contagem	0	0	1	1
	4,0 % dentro de p27	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% dentro de idade2	0,0%	0,0%	1,5%	0,4%
	Contagem	55	103	66	224
	Total % dentro de p27	24,6%	46,0%	29,5%	100,0%
	% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p27 * temposervico Tabulação cruzada								
		temposervico						Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0	
p27	Contagem	17	9	12	19	23	9	89
	1,0 % dentro de p27	19,1%	10,1%	13,5%	21,3%	25,8%	10,1%	100,0%
	% dentro de temposervico	39,5%	34,6%	33,3%	52,8%	41,8%	33,3%	39,9%
	Contagem	22	17	23	16	31	15	124
	2,0 % dentro de p27	17,7%	13,7%	18,5%	12,9%	25,0%	12,1%	100,0%
	% dentro de temposervico	51,2%	65,4%	63,9%	44,4%	56,4%	55,6%	55,6%
	Contagem	4	0	1	0	1	3	9
	3,0 % dentro de p27	44,4%	0,0%	11,1%	0,0%	11,1%	33,3%	100,0%
	% dentro de temposervico	9,3%	0,0%	2,8%	0,0%	1,8%	11,1%	4,0%
	Contagem	0	0	0	1	0	0	1
	4,0 % dentro de p27	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	% dentro de temposervico	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%	0,0%	0,0%	0,4%
	Contagem	43	26	36	36	55	27	223
	Total % dentro de p27	19,3%	11,7%	16,1%	16,1%	24,7%	12,1%	100,0%
	% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p27 * NumNee Tabulação cruzada							
		NumNee					Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	
p27	Contagem	7	30	38	9	5	89
	1,0 % dentro de p27	7,9%	33,7%	42,7%	10,1%	5,6%	100,0%
	% dentro de NumNee	28,0%	47,6%	40,0%	34,6%	33,3%	39,7%
	Contagem	17	30	51	17	10	125
	2,0 % dentro de p27	13,6%	24,0%	40,8%	13,6%	8,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	68,0%	47,6%	53,7%	65,4%	66,7%	55,8%
	Contagem	1	2	6	0	0	9
	3,0 % dentro de p27	11,1%	22,2%	66,7%	0,0%	0,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	4,0%	3,2%	6,3%	0,0%	0,0%	4,0%
	Contagem	0	1	0	0	0	1
	4,0 % dentro de p27	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	0,0%	1,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
	Contagem	25	63	95	26	15	224
	Total % dentro de p27	11,2%	28,1%	42,4%	11,6%	6,7%	100,0%
	% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p27 * CategProf Tabulação cruzada					
		CategProf			Total
		1,0	2,0	3,0	
p27	Contagem	38	4	47	89
	1,0 % dentro de p27	42,7%	4,5%	52,8%	100,0%
	% dentro de CategProf	42,2%	36,4%	38,2%	39,7%
	Contagem	49	6	70	125
	2,0 % dentro de p27	39,2%	4,8%	56,0%	100,0%
	% dentro de CategProf	54,4%	54,5%	56,9%	55,8%
	Contagem	3	1	5	9
	3,0 % dentro de p27	33,3%	11,1%	55,6%	100,0%
	% dentro de CategProf	3,3%	9,1%	4,1%	4,0%
	Contagem	0	0	1	1
	4,0 % dentro de p27	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% dentro de CategProf	0,0%	0,0%	0,8%	0,4%
	Contagem	90	11	123	224
	Total % dentro de p27	40,2%	4,9%	54,9%	100,0%
	% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p28 * idade2 Tabulação cruzada

		idade2			Total	
		3,00	4,00	5,00		
p28	1,0	Contagem	40	74	47	161
		% dentro de p28	24,8%	46,0%	29,2%	100,0%
		% dentro de idade2	72,7%	72,5%	71,2%	72,2%
	2,0	Contagem	14	28	19	61
		% dentro de p28	23,0%	45,9%	31,1%	100,0%
		% dentro de idade2	25,5%	27,5%	28,8%	27,4%
	3,0	Contagem	1	0	0	1
		% dentro de p28	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		% dentro de idade2	1,8%	0,0%	0,0%	0,4%
	Total	Contagem	55	102	66	223
		% dentro de p28	24,7%	45,7%	29,6%	100,0%
		% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p28 * temposervico Tabulação cruzada

		temposervico						Total	
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0		
p28	1,0	Contagem	33	17	24	28	42	16	160
		% dentro de p28	20,6%	10,6%	15,0%	17,5%	26,3%	10,0%	100,0%
		% dentro de temposervico	76,7%	65,4%	66,7%	77,8%	77,8%	59,3%	72,1%
	2,0	Contagem	10	9	11	8	12	11	61
		% dentro de p28	16,4%	14,8%	18,0%	13,1%	19,7%	18,0%	100,0%
		% dentro de temposervico	23,3%	34,6%	30,6%	22,2%	22,2%	40,7%	27,5%
	3,0	Contagem	0	0	1	0	0	0	1
		% dentro de p28	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		% dentro de temposervico	0,0%	0,0%	2,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%
	Total	Contagem	43	26	36	36	54	27	222
		% dentro de p28	19,4%	11,7%	16,2%	16,2%	24,3%	12,2%	100,0%
		% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p28 * NumNee Tabulação cruzada

		NumNee					Total	
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0		
p28	1,0	Contagem	14	46	68	20	13	161
		% dentro de p28	8,7%	28,6%	42,2%	12,4%	8,1%	100,0%
		% dentro de NumNee	56,0%	73,0%	72,3%	76,9%	86,7%	72,2%
	2,0	Contagem	11	16	26	6	2	61
		% dentro de p28	18,0%	26,2%	42,6%	9,8%	3,3%	100,0%
		% dentro de NumNee	44,0%	25,4%	27,7%	23,1%	13,3%	27,4%
	3,0	Contagem	0	1	0	0	0	1
		% dentro de p28	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		% dentro de NumNee	0,0%	1,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
	Total	Contagem	25	63	94	26	15	223
		% dentro de p28	11,2%	28,3%	42,2%	11,7%	6,7%	100,0%
		% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p28 * CategProf Tabulação cruzada

		CategProf			Total	
		1,0	2,0	3,0		
p28	1,0	Contagem	66	8	87	161
		% dentro de p28	41,0%	5,0%	54,0%	100,0%
		% dentro de CategProf	73,3%	72,7%	71,3%	72,2%
	2,0	Contagem	24	3	34	61
		% dentro de p28	39,3%	4,9%	55,7%	100,0%
		% dentro de CategProf	26,7%	27,3%	27,9%	27,4%
	3,0	Contagem	0	0	1	1
		% dentro de p28	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% dentro de CategProf	0,0%	0,0%	0,8%	0,4%
	Total	Contagem	90	11	122	223
		% dentro de p28	40,4%	4,9%	54,7%	100,0%
		% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p32 * idade2 Tabulação cruzada

		idade2			Total
		3,00	4,00	5,00	
p32	Contagem	1	2	3	6
	1,0 % dentro de p32	16,7%	33,3%	50,0%	100,0%
	% dentro de idade2	1,9%	2,0%	4,6%	2,7%
	Contagem	11	12	6	29
	2,0 % dentro de p32	37,9%	41,4%	20,7%	100,0%
	% dentro de idade2	20,8%	11,9%	9,2%	13,2%
	Contagem	35	65	46	146
	3,0 % dentro de p32	24,0%	44,5%	31,5%	100,0%
	% dentro de idade2	66,0%	64,4%	70,8%	66,7%
	Contagem	6	22	10	38
	4,0 % dentro de p32	15,8%	57,9%	26,3%	100,0%
	% dentro de idade2	11,3%	21,8%	15,4%	17,4%
	Contagem	53	101	65	219
	Total % dentro de p32	24,2%	46,1%	29,7%	100,0%
	% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p32 * temposervico Tabulação cruzada

		temposervico						Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0	
p32	Contagem	0	2	0	0	3	1	6
	1,0 % dentro de p32	0,0%	33,3%	0,0%	0,0%	50,0%	16,7%	100,0%
	% dentro de temposervico	0,0%	8,0%	0,0%	0,0%	5,7%	3,7%	2,8%
	Contagem	8	5	3	4	5	4	29
	2,0 % dentro de p32	27,6%	17,2%	10,3%	13,8%	17,2%	13,8%	100,0%
	% dentro de temposervico	18,2%	20,0%	8,6%	11,8%	9,4%	14,8%	13,3%
	Contagem	30	16	22	24	34	19	145
	3,0 % dentro de p32	20,7%	11,0%	15,2%	16,6%	23,4%	13,1%	100,0%
	% dentro de temposervico	68,2%	64,0%	62,9%	70,6%	64,2%	70,4%	66,5%
	Contagem	6	2	10	6	11	3	38
	4,0 % dentro de p32	15,8%	5,3%	26,3%	15,8%	28,9%	7,9%	100,0%
	% dentro de temposervico	13,6%	8,0%	28,6%	17,6%	20,8%	11,1%	17,4%
	Contagem	44	25	35	34	53	27	218
	Total % dentro de p32	20,2%	11,5%	16,1%	15,6%	24,3%	12,4%	100,0%
	% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p32 * NumNee Tabulação cruzada

		NumNee					Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	
p32	Contagem	0	4	0	1	1	6
	1,0 % dentro de p32	0,0%	66,7%	0,0%	16,7%	16,7%	100,0%
	% dentro de NumNee	0,0%	6,6%	0,0%	3,8%	6,7%	2,7%
	Contagem	3	5	17	4	0	29
	2,0 % dentro de p32	10,3%	17,2%	58,6%	13,8%	0,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	12,0%	8,2%	18,5%	15,4%	0,0%	13,2%
	Contagem	17	37	62	19	11	146
	3,0 % dentro de p32	11,6%	25,3%	42,5%	13,0%	7,5%	100,0%
	% dentro de NumNee	68,0%	60,7%	67,4%	73,1%	73,3%	66,7%
	Contagem	5	15	13	2	3	38
	4,0 % dentro de p32	13,2%	39,5%	34,2%	5,3%	7,9%	100,0%
	% dentro de NumNee	20,0%	24,6%	14,1%	7,7%	20,0%	17,4%
	Contagem	25	61	92	26	15	219
	Total % dentro de p32	11,4%	27,9%	42,0%	11,9%	6,8%	100,0%
	% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p32 * CategProf Tabulação cruzada

			CategProf			Total
			1,0	2,0	3,0	
p32	1,0	Contagem	1	1	4	6
		% dentro de p32	16,7%	16,7%	66,7%	100,0%
		% dentro de CategProf	1,1%	9,1%	3,3%	2,7%
	2,0	Contagem	16	1	12	29
		% dentro de p32	55,2%	3,4%	41,4%	100,0%
		% dentro de CategProf	18,2%	9,1%	10,0%	13,2%
	3,0	Contagem	59	8	79	146
		% dentro de p32	40,4%	5,5%	54,1%	100,0%
		% dentro de CategProf	67,0%	72,7%	65,8%	66,7%
	4,0	Contagem	12	1	25	38
		% dentro de p32	31,6%	2,6%	65,8%	100,0%
		% dentro de CategProf	13,6%	9,1%	20,8%	17,4%
	Total	Contagem	88	11	120	219
		% dentro de p32	40,2%	5,0%	54,8%	100,0%
		% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p34 * idade2 Tabulação cruzada

			idade2			Total
			3,00	4,00	5,00	
p34	1,0	Contagem	40	74	38	152
		% dentro de p34	26,3%	48,7%	25,0%	100,0%
		% dentro de idade2	72,7%	71,8%	55,9%	67,3%
	2,0	Contagem	14	29	29	72
		% dentro de p34	19,4%	40,3%	40,3%	100,0%
		% dentro de idade2	25,5%	28,2%	42,6%	31,9%
	3,0	Contagem	1	0	1	2
		% dentro de p34	50,0%	0,0%	50,0%	100,0%
		% dentro de idade2	1,8%	0,0%	1,5%	0,9%
	Total	Contagem	55	103	68	226
		% dentro de p34	24,3%	45,6%	30,1%	100,0%
		% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p34 * temposervico Tabulação cruzada

			temposervico						Total
			1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0	
p34	1,0	Contagem	33	18	25	24	41	10	151
		% dentro de p34	21,9%	11,9%	16,6%	15,9%	27,2%	6,6%	100,0%
		% dentro de temposervico	75,0%	69,2%	67,6%	66,7%	74,5%	37,0%	67,1%
	2,0	Contagem	11	8	11	12	14	16	72
		% dentro de p34	15,3%	11,1%	15,3%	16,7%	19,4%	22,2%	100,0%
		% dentro de temposervico	25,0%	30,8%	29,7%	33,3%	25,5%	59,3%	32,0%
	3,0	Contagem	0	0	1	0	0	1	2
		% dentro de p34	0,0%	0,0%	50,0%	0,0%	0,0%	50,0%	100,0%
		% dentro de temposervico	0,0%	0,0%	2,7%	0,0%	0,0%	3,7%	0,9%
	Total	Contagem	44	26	37	36	55	27	225
		% dentro de p34	19,6%	11,6%	16,4%	16,0%	24,4%	12,0%	100,0%
		% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p34 * NumNee Tabulação cruzada

		NumNee					Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	
p34	Contagem	15	43	65	19	10	152
	1,0 % dentro de p34	9,9%	28,3%	42,8%	12,5%	6,6%	100,0%
	% dentro de NumNee	60,0%	68,3%	67,7%	70,4%	66,7%	67,3%
	Contagem	10	20	30	7	5	72
	2,0 % dentro de p34	13,9%	27,8%	41,7%	9,7%	6,9%	100,0%
	% dentro de NumNee	40,0%	31,7%	31,3%	25,9%	33,3%	31,9%
	Contagem	0	0	1	1	0	2
	3,0 % dentro de p34	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	0,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	0,0%	0,0%	1,0%	3,7%	0,0%	0,9%
	Contagem	25	63	96	27	15	226
	Total % dentro de p34	11,1%	27,9%	42,5%	11,9%	6,6%	100,0%
	% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p34 * CategProf Tabulação cruzada

		CategProf			Total
		1,0	2,0	3,0	
p34	Contagem	64	8	80	152
	1,0 % dentro de p34	42,1%	5,3%	52,6%	100,0%
	% dentro de CategProf	70,3%	72,7%	64,5%	67,3%
	Contagem	27	3	42	72
	2,0 % dentro de p34	37,5%	4,2%	58,3%	100,0%
	% dentro de CategProf	29,7%	27,3%	33,9%	31,9%
	Contagem	0	0	2	2
	3,0 % dentro de p34	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% dentro de CategProf	0,0%	0,0%	1,6%	0,9%
	Contagem	91	11	124	226
	Total % dentro de p34	40,3%	4,9%	54,9%	100,0%
	% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p36 * idade2 Tabulação cruzada

		idade2			Total
		3,00	4,00	5,00	
p36	Contagem	27	38	27	92
	1,0 % dentro de p36	29,3%	41,3%	29,3%	100,0%
	% dentro de idade2	49,1%	38,0%	40,3%	41,4%
	Contagem	25	59	37	121
	2,0 % dentro de p36	20,7%	48,8%	30,6%	100,0%
	% dentro de idade2	45,5%	59,0%	55,2%	54,5%
	Contagem	3	3	2	8
	3,0 % dentro de p36	37,5%	37,5%	25,0%	100,0%
	% dentro de idade2	5,5%	3,0%	3,0%	3,6%
	Contagem	0	0	1	1
	4,0 % dentro de p36	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% dentro de idade2	0,0%	0,0%	1,5%	0,5%
	Contagem	55	100	67	222
	Total % dentro de p36	24,8%	45,0%	30,2%	100,0%
	% dentro de idade2	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p36 * temposervico Tabulação cruzada

		temposervico						Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	6,0	
p36	Contagem	20	12	16	14	23	7	92
	1,0 % dentro de p36	21,7%	13,0%	17,4%	15,2%	25,0%	7,6%	100,0%
	% dentro de temposervico	45,5%	48,0%	43,2%	40,0%	42,6%	26,9%	41,6%
	Contagem	22	11	21	20	29	17	120
	2,0 % dentro de p36	18,3%	9,2%	17,5%	16,7%	24,2%	14,2%	100,0%
	% dentro de temposervico	50,0%	44,0%	56,8%	57,1%	53,7%	65,4%	54,3%
	Contagem	2	2	0	1	2	1	8
	3,0 % dentro de p36	25,0%	25,0%	0,0%	12,5%	25,0%	12,5%	100,0%
	% dentro de temposervico	4,5%	8,0%	0,0%	2,9%	3,7%	3,8%	3,6%
	Contagem	0	0	0	0	0	1	1
	4,0 % dentro de p36	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% dentro de temposervico	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	3,8%	0,5%
	Contagem	44	25	37	35	54	26	221
	Total % dentro de p36	19,9%	11,3%	16,7%	15,8%	24,4%	11,8%	100,0%
	% dentro de temposervico	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p36 * NumNee Tabulação cruzada

		NumNee					Total
		1,0	2,0	3,0	4,0	5,0	
p36	Contagem	7	27	39	13	6	92
	1,0 % dentro de p36	7,6%	29,3%	42,4%	14,1%	6,5%	100,0%
	% dentro de NumNee	28,0%	42,9%	41,9%	50,0%	40,0%	41,4%
	Contagem	18	34	49	12	8	121
	2,0 % dentro de p36	14,9%	28,1%	40,5%	9,9%	6,6%	100,0%
	% dentro de NumNee	72,0%	54,0%	52,7%	46,2%	53,3%	54,5%
	Contagem	0	2	4	1	1	8
	3,0 % dentro de p36	0,0%	25,0%	50,0%	12,5%	12,5%	100,0%
	% dentro de NumNee	0,0%	3,2%	4,3%	3,8%	6,7%	3,6%
	Contagem	0	0	1	0	0	1
	4,0 % dentro de p36	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	% dentro de NumNee	0,0%	0,0%	1,1%	0,0%	0,0%	0,5%
	Contagem	25	63	93	26	15	222
	Total % dentro de p36	11,3%	28,4%	41,9%	11,7%	6,8%	100,0%
	% dentro de NumNee	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

p36 * CategProf Tabulação cruzada

		CategProf			Total
		1,0	2,0	3,0	
p36	Contagem	37	6	49	92
	1,0 % dentro de p36	40,2%	6,5%	53,3%	100,0%
	% dentro de CategProf	41,1%	54,5%	40,5%	41,4%
	Contagem	48	5	68	121
	2,0 % dentro de p36	39,7%	4,1%	56,2%	100,0%
	% dentro de CategProf	53,3%	45,5%	56,2%	54,5%
	Contagem	5	0	3	8
	3,0 % dentro de p36	62,5%	0,0%	37,5%	100,0%
	% dentro de CategProf	5,6%	0,0%	2,5%	3,6%
	Contagem	0	0	1	1
	4,0 % dentro de p36	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% dentro de CategProf	0,0%	0,0%	0,8%	0,5%
	Contagem	90	11	121	222
	Total % dentro de p36	40,5%	5,0%	54,5%	100,0%
	% dentro de CategProf	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Apêndice 9 – Estatísticas descritivas (Testes NPar e Kruskal-Wallis) dos itens com as variáveis preditoras

NPAR TESTS

/K-W=p1 p2 p3 p4 p5 p6 p7 p8 p9 p10 p11 p12 p13 p14 p15 p16 p17 p18 p19 p20 p21 p22 p23 p24 p25 p26 p27 p28 p29 p30
p31 p32 p33 p34 p35 p36 p37 p38 p39 p40 p41 BY idade2
(3 5) /STATISTICS DESCRIPTIVES
/MISSING ANALYSIS.

NPar Tests

Estatísticas descritivas					
	N	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
p1	221	1,733	,6717	1,0	4,0
p2	225	1,293	,4563	1,0	2,0
p3	224	1,451	,5164	1,0	3,0
p4	226	1,394	,5414	1,0	3,0
p5	218	1,876	,6777	1,0	4,0
p6	224	1,192	,4059	1,0	3,0
p7	224	1,277	,5475	1,0	4,0
p8	221	2,140	,7527	1,0	4,0
p9	222	2,072	,6688	1,0	4,0
p10	226	1,283	,4708	1,0	3,0
p11	224	1,348	,5137	1,0	3,0
p12	223	1,543	,6053	1,0	4,0
p13	225	1,364	,5180	1,0	3,0
p14	223	1,480	,5438	1,0	3,0
p15	219	1,566	,6273	1,0	4,0
p16	224	1,433	,5315	1,0	3,0
p17	221	1,692	,6363	1,0	3,0
p18	225	1,444	,5242	1,0	3,0
p19	222	2,194	,7203	1,0	4,0
p20	226	1,389	,5238	1,0	3,0
p21	224	1,942	,7031	1,0	4,0
p22	223	1,978	,7003	1,0	4,0
p23	218	2,514	,7512	1,0	4,0
p24	224	1,955	,6407	1,0	4,0
p25	218	2,183	,6743	1,0	4,0
p26	223	1,457	,5342	1,0	3,0
p27	224	1,652	,5793	1,0	4,0
p28	223	1,283	,4611	1,0	3,0
p29	221	2,231	,7423	1,0	4,0
p30	215	2,200	,7624	1,0	4,0
p31	220	1,659	,6390	1,0	4,0
p32	219	2,986	,6459	1,0	4,0
p33	218	2,601	,6306	1,0	4,0
p34	226	1,336	,4919	1,0	3,0
p35	216	2,181	,6681	1,0	4,0
p36	222	1,631	,5775	1,0	4,0
p37	217	1,396	,5770	1,0	4,0
p38	222	1,279	,4883	1,0	4,0
p39	225	1,302	,4602	1,0	2,0
p40	223	1,336	,4735	1,0	2,0
p41	222	1,347	,5223	1,0	4,0
idade2	226	4,0575	,73712	3,00	5,00

Kruskal-Wallis Test

Classificações			
	idade2	N	Mean Rank
p1	3,00	55	107,07
	4,00	102	116,82
	5,00	64	105,09
	Total	221	
p2	3,00	55	112,73
	4,00	103	113,86
	5,00	67	111,90
	Total	225	
p3	3,00	55	107,18
	4,00	101	115,75
	5,00	68	111,97
	Total	224	
p4	3,00	55	108,75
	4,00	103	116,59
	5,00	68	112,65
	Total	226	
p5	3,00	54	111,19
	4,00	100	114,64
	5,00	64	100,04
	Total	218	
p6	3,00	55	111,77
	4,00	103	112,07
	5,00	66	113,78
	Total	224	
p7	3,00	55	110,41
	4,00	102	114,74
	5,00	67	110,81
	Total	224	
p8	3,00	55	106,74
	4,00	101	113,72
	5,00	65	110,38
	Total	221	
p9	3,00	55	114,94
	4,00	103	113,03
	5,00	64	106,08
	Total	222	
p10	3,00	55	108,97
	4,00	103	116,51
	5,00	68	112,60
	Total	226	
p11	3,00	55	116,17
	4,00	102	115,05
	5,00	67	105,60
	Total	224	
p12	3,00	55	109,61
	4,00	102	115,23
	5,00	66	109,01
	Total	223	
p13	3,00	55	110,16
	4,00	103	114,77
	5,00	67	112,61
	Total	225	
p14	3,00	55	101,56
	4,00	101	116,48
	5,00	67	113,82
	Total	223	
p15	3,00	53	100,08
	4,00	100	115,23
	5,00	66	110,05
	Total	219	
p16	3,00	55	115,69
	4,00	103	114,51
	5,00	66	106,70
	Total	224	
p17	3,00	55	114,02
	4,00	101	113,26
	5,00	65	104,94
	Total	221	

Classificações			
	idade2	N	Mean Rank
p18	3,00	55	105,75
	4,00	103	113,47
	5,00	67	118,24
	Total	225	
p19	3,00	55	111,81
	4,00	101	108,98
	5,00	66	115,11
	Total	222	
p20	3,00	55	106,57
	4,00	103	115,42
	5,00	68	116,19
	Total	226	
p21	3,00	55	117,99
	4,00	102	112,58
	5,00	67	107,87
	Total	224	
p22	3,00	54	122,04
	4,00	102	112,55
	5,00	67	103,07
	Total	223	
p23	3,00	54	117,43
	4,00	100	113,01
	5,00	64	97,33
	Total	218	
p24	3,00	54	122,31
	4,00	103	112,86
	5,00	67	104,04
	Total	224	
p25	3,00	54	116,27
	4,00	101	106,45
	5,00	63	108,60
	Total	218	
p26	3,00	53	119,49
	4,00	102	107,50
	5,00	68	112,92
	Total	223	
p27	3,00	55	103,85
	4,00	103	121,36
	5,00	66	105,88
	Total	224	
p28	3,00	55	111,84
	4,00	102	111,47
	5,00	66	112,95
	Total	223	
p29	3,00	55	114,26
	4,00	102	111,91
	5,00	64	106,74
	Total	221	
p30	3,00	53	109,39
	4,00	99	109,21
	5,00	63	104,93
	Total	215	
p31	3,00	54	107,19
	4,00	102	111,63
	5,00	64	111,49
	Total	220	
p32	3,00	53	98,77
	4,00	101	116,06
	5,00	65	109,73
	Total	219	
p33	3,00	53	117,57
	4,00	101	112,71
	5,00	64	97,76
	Total	218	
p34	3,00	55	107,72
	4,00	103	108,03
	5,00	68	126,46
	Total	226	

Classificações			
	idade2	N	Mean Rank
p35	3,00	54	108,87
	4,00	98	111,10
	5,00	64	104,21
	Total	216	
p36	3,00	55	104,24
	4,00	100	114,47
	5,00	67	113,04
	Total	222	
p37	3,00	53	105,33
	4,00	100	107,34
	5,00	64	114,64
	Total	217	
p38	3,00	54	101,43
	4,00	101	112,50
	5,00	67	118,12
	Total	222	

Classificações			
	idade2	N	Mean Rank
p39	3,00	55	107,64
	4,00	103	115,04
	5,00	67	114,26
	Total	225	
p40	3,00	54	109,60
	4,00	102	111,67
	5,00	67	114,44
	Total	223	
p41	3,00	54	118,92
	4,00	101	108,98
	5,00	67	109,32
	Total	222	

Test Statistics ^{a,b}															
	p1	p2	p3	p4	p5	p6	p7	p8	p9	p10	p11	p12	p13	p14	p15
Qui-quadrado	1,991	,061	,845	,752	2,673	,081	,405	,533	,877	,826	1,633	,605	,266	2,610	2,513
df	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
Significância Assintótica	,370	,970	,656	,687	,263	,960	,817	,766	,645	,662	,442	,739	,875	,271	,285

a. Kruskal Wallis Test

b. Variável de agrupamento: **idade2**

Test Statistics ^{a,b}															
	p16	p17	p18	p19	p20	p21	p22	p23	p24	p25	p26	p27	p28	p29	p30
Qui-quadrado	1,031	1,032	1,511	,439	1,161	,894	3,131	4,199	3,298	1,116	1,636	4,706	,036	,526	,261
df	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
Significância Assintótica	,597	,597	,470	,803	,560	,640	,209	,123	,192	,572	,441	,095	,982	,769	,878

a. Kruskal Wallis Test

b. Variável de agrupamento: **idade2**

Test Statistics ^{a,b}											
	p31	p32	p33	p34	p35	p36	p37	p38	p39	p40	p41
Qui-quadrado	,245	3,720	4,335	5,757	,589	1,245	1,096	3,515	,790	,259	1,430
df	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
Significância Assintótica	,885	,156	,114	,056	,745	,537	,578	,172	,674	,879	,489

a. Kruskal Wallis Test

b. Variável de agrupamento: **idade2**

NPAR TESTS

/K-W=p1 p2 p3 p4 p5 p6 p7 p8 p9 p10 p11 p12 p13 p14 p15 p16 p17 p18 p19 p20 p21 p22 p23 p24 p25 p26 p27 p28 p29 p30
p31 p32 p33 p34 p35 p36 p37 p38 p39 p40 p41 BY **tempo de serviço**
(1 6) /STATISTICS DESCRIPTIVES /MISSING ANALYSIS.

NPar Tests

Estatísticas descritivas					
	N	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
p1	221	1,733	,6717	1,0	4,0
p2	225	1,293	,4563	1,0	2,0
p3	224	1,451	,5164	1,0	3,0
p4	226	1,394	,5414	1,0	3,0
p5	218	1,876	,6777	1,0	4,0
p6	224	1,192	,4059	1,0	3,0
p7	224	1,277	,5475	1,0	4,0
p8	221	2,140	,7527	1,0	4,0
p9	222	2,072	,6688	1,0	4,0
p10	226	1,283	,4708	1,0	3,0
p11	224	1,348	,5137	1,0	3,0
p12	223	1,543	,6053	1,0	4,0
p13	225	1,364	,5180	1,0	3,0
p14	223	1,480	,5438	1,0	3,0
p15	219	1,566	,6273	1,0	4,0
p16	224	1,433	,5315	1,0	3,0
p17	221	1,692	,6363	1,0	3,0
p18	225	1,444	,5242	1,0	3,0
p19	222	2,194	,7203	1,0	4,0
p20	226	1,389	,5238	1,0	3,0
p21	224	1,942	,7031	1,0	4,0
p22	223	1,978	,7003	1,0	4,0
p23	218	2,514	,7512	1,0	4,0
p24	224	1,955	,6407	1,0	4,0
p25	218	2,183	,6743	1,0	4,0
p26	223	1,457	,5342	1,0	3,0
p27	224	1,652	,5793	1,0	4,0
p28	223	1,283	,4611	1,0	3,0
p29	221	2,231	,7423	1,0	4,0
p30	215	2,200	,7624	1,0	4,0
p31	220	1,659	,6390	1,0	4,0
p32	219	2,986	,6459	1,0	4,0
p33	218	2,601	,6306	1,0	4,0
p34	226	1,336	,4919	1,0	3,0
p35	216	2,181	,6681	1,0	4,0
p36	222	1,631	,5775	1,0	4,0
p37	217	1,396	,5770	1,0	4,0
p38	222	1,279	,4883	1,0	4,0
p39	225	1,302	,4602	1,0	2,0
p40	223	1,336	,4735	1,0	2,0
p41	222	1,347	,5223	1,0	4,0
temposervico	225	3,502	1,6959	1,0	6,0

Kruskal-Wallis Test

Classificações			
	Tempo de serviço	N	Mean Rank
p1	1,0	43	123,15
	2,0	26	85,69
	3,0	37	110,31
	4,0	35	99,74
	5,0	55	119,95
	6,0	24	109,02
	Total	220	
p2	1,0	43	106,05
	2,0	26	105,85
	3,0	37	122,38
	4,0	36	111,11
	5,0	55	108,51
	6,0	27	125,63
	Total	224	
p3	1,0	43	101,72
	2,0	26	111,85
	3,0	36	112,33
	4,0	36	115,42
	5,0	55	111,44
	6,0	27	124,67
	Total	223	
p4	1,0	44	112,26
	2,0	26	115,21
	3,0	37	115,89
	4,0	36	119,43
	5,0	55	101,36
	6,0	27	123,24
	Total	225	
p5	1,0	44	114,03
	2,0	25	99,24
	3,0	36	110,33
	4,0	33	115,76
	5,0	53	107,77
	6,0	26	101,94
	Total	217	
p6	1,0	44	106,14
	2,0	26	120,88
	3,0	37	112,00
	4,0	34	110,59
	5,0	55	109,16
	6,0	27	120,56
	Total	223	
p7	1,0	44	107,30
	2,0	26	115,42
	3,0	36	112,25
	4,0	35	113,76
	5,0	55	111,27
	6,0	27	115,24
	Total	223	
p8	1,0	43	120,97
	2,0	26	105,29
	3,0	35	105,83
	4,0	34	104,85
	5,0	55	106,59
	6,0	27	119,98
	Total	220	
p9	1,0	43	122,56
	2,0	26	103,67
	3,0	36	113,44
	4,0	36	97,11
	5,0	54	112,71
	6,0	26	111,50
	Total	221	
p10	1,0	44	113,11
	2,0	26	117,50
	3,0	37	118,16
	4,0	36	119,17
	5,0	55	108,35
	6,0	27	102,65
	Total	225	

Classificações			
	Tempo de serviço	N	Mean Rank
p11	1,0	44	120,64
	2,0	26	118,54
	3,0	36	105,42
	4,0	36	109,49
	5,0	55	102,87
	6,0	26	122,75
	Total	223	
p12	1,0	44	121,80
	2,0	26	105,79
	3,0	35	111,33
	4,0	36	121,69
	5,0	55	105,98
	6,0	26	97,58
	Total	222	
p13	1,0	44	117,38
	2,0	26	103,62
	3,0	37	109,68
	4,0	36	116,78
	5,0	55	112,70
	6,0	26	110,81
	Total	224	
p14	1,0	44	96,67
	2,0	26	108,85
	3,0	35	115,14
	4,0	36	113,64
	5,0	55	115,18
	6,0	26	123,60
	Total	222	
p15	1,0	42	99,93
	2,0	26	92,23
	3,0	36	103,28
	4,0	34	109,18
	5,0	53	120,88
	6,0	27	127,39
	Total	218	
p16	1,0	43	107,33
	2,0	26	109,40
	3,0	37	128,91
	4,0	36	108,08
	5,0	55	105,32
	6,0	26	117,83
	Total	223	
p17	1,0	43	107,71
	2,0	26	112,06
	3,0	37	114,39
	4,0	36	106,21
	5,0	51	116,65
	6,0	27	102,22
	Total	220	
p18	1,0	43	112,51
	2,0	26	102,25
	3,0	37	120,74
	4,0	36	103,90
	5,0	55	112,22
	6,0	27	123,09
	Total	224	
p19	1,0	43	115,33
	2,0	26	122,52
	3,0	36	119,99
	4,0	36	105,26
	5,0	54	95,67
	6,0	26	119,67
	Total	221	
p20	1,0	44	107,60
	2,0	26	97,00
	3,0	37	120,41
	4,0	36	114,47
	5,0	55	112,44
	6,0	27	126,24
	Total	225	

Classificações			
	Tempo de serviço	N	Mean Rank
p21	1,0	43	128,00
	2,0	26	116,88
	3,0	36	105,96
	4,0	36	105,96
	5,0	55	94,30
	6,0	27	133,98
	Total	223	
p22	1,0	43	127,36
	2,0	26	120,04
	3,0	35	113,70
	4,0	36	99,68
	5,0	55	93,73
	6,0	27	127,13
	Total	222	
p23	1,0	43	118,12
	2,0	25	124,42
	3,0	36	118,69
	4,0	32	94,86
	5,0	54	94,43
	6,0	27	113,19
	Total	217	
p24	1,0	44	126,92
	2,0	26	104,33
	3,0	36	124,67
	4,0	35	99,49
	5,0	55	99,02
	6,0	27	120,85
	Total	223	
p25	1,0	43	129,34
	2,0	26	108,60
	3,0	36	106,36
	4,0	31	87,44
	5,0	54	96,01
	6,0	27	131,26
	Total	217	
p26	1,0	43	112,29
	2,0	26	109,12
	3,0	36	111,11
	4,0	36	109,76
	5,0	54	101,35
	6,0	27	135,67
	Total	222	
p27	1,0	43	115,58
	2,0	26	114,63
	3,0	36	117,85
	4,0	36	97,28
	5,0	55	108,17
	6,0	27	123,39
	Total	223	
p28	1,0	43	106,20
	2,0	26	118,75
	3,0	36	118,19
	4,0	36	105,06
	5,0	54	105,06
	6,0	27	125,52
	Total	222	
p29	1,0	44	118,50
	2,0	26	106,42
	3,0	34	123,26
	4,0	35	95,54
	5,0	54	102,04
	6,0	27	121,63
	Total	220	
p30	1,0	43	117,77
	2,0	25	109,54
	3,0	34	106,79
	4,0	32	99,14
	5,0	53	102,85
	6,0	27	109,19
	Total	214	

Classificações			
	Tempo de serviço	N	Mean Rank
p31	1,0	43	110,42
	2,0	26	104,08
	3,0	34	100,76
	4,0	34	125,16
	5,0	55	101,80
	6,0	27	124,28
	Total	219	
p32	1,0	44	104,66
	2,0	25	89,56
	3,0	35	126,69
	4,0	34	113,91
	5,0	53	112,87
	6,0	27	101,41
	Total	218	
p33	1,0	44	124,53
	2,0	26	106,67
	3,0	34	120,03
	4,0	34	95,00
	5,0	53	107,84
	6,0	26	91,29
	Total	217	
p34	1,0	44	103,88
	2,0	26	110,31
	3,0	37	113,16
	4,0	36	113,17
	5,0	55	104,38
	6,0	27	147,57
	Total	225	
p35	1,0	42	123,43
	2,0	26	99,02
	3,0	35	101,96
	4,0	33	96,52
	5,0	52	107,02
	6,0	27	116,41
	Total	215	
p36	1,0	44	107,23
	2,0	25	106,74
	3,0	37	106,66
	4,0	35	111,93
	5,0	54	109,72
	6,0	26	129,06
	Total	221	
p37	1,0	44	96,61
	2,0	23	101,46
	3,0	37	113,18
	4,0	35	110,76
	5,0	53	107,14
	6,0	24	129,54
	Total	216	
p38	1,0	44	107,05
	2,0	24	95,19
	3,0	37	117,82
	4,0	36	114,96
	5,0	54	103,81
	6,0	26	132,04
	Total	221	
p39	1,0	44	114,64
	2,0	26	104,85
	3,0	37	118,35
	4,0	36	119,44
	5,0	55	103,44
	6,0	26	117,77
	Total	224	
p40	1,0	44	117,39
	2,0	25	105,58
	3,0	37	98,50
	4,0	36	117,67
	5,0	54	109,44
	6,0	26	121,46
	Total	222	
p41	1,0	44	125,35
	2,0	24	102,25
	3,0	37	106,42
	4,0	36	111,33
	5,0	54	103,26
	6,0	26	116,92
	Total	221	

Test Statistics ^{a,b}															
	p1	p2	p3	p4	p5	p6	p7	p8	p9	p10	p11	p12	p13	p14	p15
Qui-quadrado	9,787	4,682	3,018	4,073	2,042	3,167	,738	3,184	4,633	2,735	4,931	4,950	1,440	4,814	9,097
df	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Significância Assintótica	,082	,456	,697	,539	,843	,674	,981	,672	,462	,741	,424	,422	,920	,439	,105

a. Kruskal Wallis Test

b. Variável de agrupamento: **Tempo de serviço**

Test Statistics ^{a,b}															
	p16	p17	p18	p19	p20	p21	p22	p23	p24	p25	p26	p27	p28	p29	p30
Qui-quadrado	5,069	1,652	3,502	6,751	4,950	12,964	12,222	9,377	11,259	17,801	7,006	4,423	5,303	6,916	2,531
df	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Significância Assintótica	,407	,895	,623	,240	,422	,024	,032	,095	,046	,003	,220	,490	,380	,227	,772

a. Kruskal Wallis Test

b. Variável de agrupamento: **Tempo de serviço**

Test Statistics ^{a,b}											
	p31	p32	p33	p34	p35	p36	p37	p38	p39	p40	p41
Qui-quadrado	6,583	8,764	9,808	14,271	6,324	3,305	6,952	9,667	3,773	4,665	5,839
df	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
Significância Assintótica	,254	,119	,081	,014	,276	,653	,224	,085	,583	,458	,322

a. Kruskal Wallis Test

b. Variável de agrupamento: **Tempo de serviço**

NPAR TESTS /K-W=p1 p2 p3 p4 p5 p6 p7 p8 p9 p10 p11 p12 p13 p14 p15 p16 p17 p18 p19 p20 p21 p22 p23 p24 p25 p26 p27 p28 p29 p30 p31 p32 p33 p34 p35 p36 p37 p38 p39 p40 p41 BY NumNEE (Número de alunos considerados com NEE que apoia) (1 5) /STATISTICS DESCRIPTIVES /MISSING ANALYSIS.

NPar Tests

Estatísticas descritivas					
	N	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
p1	221	1,733	,6717	1,0	4,0
p2	225	1,293	,4563	1,0	2,0
p3	224	1,451	,5164	1,0	3,0
p4	226	1,394	,5414	1,0	3,0
p5	218	1,876	,6777	1,0	4,0
p6	224	1,192	,4059	1,0	3,0
p7	224	1,277	,5475	1,0	4,0
p8	221	2,140	,7527	1,0	4,0
p9	222	2,072	,6688	1,0	4,0
p10	226	1,283	,4708	1,0	3,0
p11	224	1,348	,5137	1,0	3,0
p12	223	1,543	,6053	1,0	4,0
p13	225	1,364	,5180	1,0	3,0
p14	223	1,480	,5438	1,0	3,0
p15	219	1,566	,6273	1,0	4,0
p16	224	1,433	,5315	1,0	3,0
p17	221	1,692	,6363	1,0	3,0
p18	225	1,444	,5242	1,0	3,0
p19	222	2,194	,7203	1,0	4,0
p20	226	1,389	,5238	1,0	3,0
p21	224	1,942	,7031	1,0	4,0
p22	223	1,978	,7003	1,0	4,0
p23	218	2,514	,7512	1,0	4,0
p24	224	1,955	,6407	1,0	4,0
p25	218	2,183	,6743	1,0	4,0
p26	223	1,457	,5342	1,0	3,0
p27	224	1,652	,5793	1,0	4,0
p28	223	1,283	,4611	1,0	3,0
p29	221	2,231	,7423	1,0	4,0
p30	215	2,200	,7624	1,0	4,0
p31	220	1,659	,6390	1,0	4,0
p32	219	2,986	,6459	1,0	4,0
p33	218	2,601	,6306	1,0	4,0
p34	226	1,336	,4919	1,0	3,0
p35	216	2,181	,6681	1,0	4,0
p36	222	1,631	,5775	1,0	4,0
p37	217	1,396	,5770	1,0	4,0
p38	222	1,279	,4883	1,0	4,0
p39	225	1,302	,4602	1,0	2,0
p40	223	1,336	,4735	1,0	2,0
p41	222	1,347	,5223	1,0	4,0
NumNEE	226	2,752	1,0244	1,0	5,0

Kruskal-Wallis Test

Classificações				Classificações			
	NumNEE	N	Mean Rank		NumNEE	N	Mean Rank
p1	1,0	25	106,18	p11	1,0	25	119,50
	2,0	61	103,07		2,0	62	105,08
	3,0	93	113,55		3,0	95	115,65
	4,0	27	115,07		4,0	27	116,24
	5,0	15	128,17		5,0	15	104,83
	Total	221			Total	224	
p2	1,0	25	125,00	p12	1,0	25	129,66
	2,0	63	108,57		2,0	63	106,44
	3,0	95	111,97		3,0	94	111,65
	4,0	27	113,33		4,0	27	116,46
	5,0	15	117,50		5,0	14	99,21
	Total	225			Total	223	
p3	1,0	25	125,16	p13	1,0	25	124,18
	2,0	63	104,31		2,0	63	102,06
	3,0	96	112,72		3,0	95	112,79
	4,0	25	116,28		4,0	27	124,56
	5,0	15	118,10		5,0	15	120,80
	Total	224			Total	225	
p4	1,0	25	126,46	p14	1,0	25	126,40
	2,0	63	99,94		2,0	63	105,06
	3,0	96	121,14		3,0	93	115,39
	4,0	27	112,74		4,0	27	103,26
	5,0	15	101,33		5,0	15	111,87
	Total	226			Total	223	
p5	1,0	25	107,42	p15	1,0	25	121,24
	2,0	61	101,89		2,0	61	98,48
	3,0	90	109,32		3,0	93	110,21
	4,0	27	113,74		4,0	25	125,56
	5,0	15	137,33		5,0	15	110,90
	Total	218			Total	219	
p6	1,0	25	127,18	p16	1,0	25	114,40
	2,0	62	104,09		2,0	63	98,17
	3,0	95	111,67		3,0	95	117,93
	4,0	27	112,15		4,0	26	127,02
	5,0	15	128,67		5,0	15	110,00
	Total	224			Total	224	
p7	1,0	25	130,32	p17	1,0	25	127,56
	2,0	62	101,85		2,0	62	99,77
	3,0	95	115,76		3,0	95	112,66
	4,0	27	101,72		4,0	25	114,28
	5,0	15	125,57		5,0	14	114,00
	Total	224			Total	221	
p8	1,0	25	98,60	p18	1,0	25	126,66
	2,0	62	107,75		2,0	63	106,79
	3,0	92	110,79		3,0	95	120,44
	4,0	27	127,30		4,0	27	103,30
	5,0	15	117,07		5,0	15	86,70
	Total	221			Total	225	
p9	1,0	24	117,42	p19	1,0	24	143,31
	2,0	62	112,42		2,0	62	109,23
	3,0	94	112,06		3,0	94	112,93
	4,0	27	106,09		4,0	27	92,19
	5,0	15	104,43		5,0	15	95,80
	Total	222			Total	222	
p10	1,0	25	131,78	p20	1,0	25	115,90
	2,0	63	110,94		2,0	63	102,12
	3,0	96	112,31		3,0	96	120,94
	4,0	27	111,54		4,0	27	105,94
	5,0	15	104,90		5,0	15	123,30
	Total	226			Total	226	

Classificações				Classificações			
	NumNEE	N	Mean Rank		NumNEE	N	Mean Rank
p21	1,0	24	150,96	p31	1,0	25	87,70
	2,0	63	89,49		2,0	61	102,22
	3,0	95	121,95		3,0	93	117,37
	4,0	27	98,85		4,0	26	113,40
	5,0	15	112,33		5,0	15	134,53
	Total	224			Total	220	
p22	1,0	24	153,04	p32	1,0	25	116,40
	2,0	62	92,28		2,0	61	117,07
	3,0	95	116,27		3,0	92	105,33
	4,0	27	101,41		4,0	26	98,08
	5,0	15	119,83		5,0	15	119,90
	Total	223			Total	219	
p23	1,0	24	108,29	p33	1,0	24	101,60
	2,0	61	96,77		2,0	59	101,00
	3,0	91	112,27		3,0	93	115,03
	4,0	27	118,56		4,0	27	119,57
	5,0	15	130,07		5,0	15	103,13
	Total	218			Total	218	
p24	1,0	25	126,00	p34	1,0	25	121,30
	2,0	61	97,97		2,0	63	112,06
	3,0	96	117,36		3,0	96	113,05
	4,0	27	112,04		4,0	27	111,06
	5,0	15	118,80		5,0	15	113,83
	Total	224			Total	226	
p25	1,0	25	108,60	p35	1,0	24	111,35
	2,0	61	104,32		2,0	61	104,00
	3,0	90	112,01		3,0	90	108,49
	4,0	27	107,98		4,0	26	110,33
	5,0	15	119,77		5,0	15	119,10
	Total	218			Total	216	
p26	1,0	25	124,32	p36	1,0	25	123,18
	2,0	61	102,30		2,0	63	109,40
	3,0	95	117,05		3,0	93	111,85
	4,0	27	107,61		4,0	26	102,23
	5,0	15	106,80		5,0	15	114,70
	Total	223			Total	222	
p27	1,0	25	124,72	p37	1,0	24	128,85
	2,0	63	104,32		2,0	59	106,41
	3,0	95	113,43		3,0	94	113,18
	4,0	26	114,96		4,0	27	93,44
	5,0	15	116,33		5,0	13	86,23
	Total	224			Total	217	
p28	1,0	25	129,84	p38	1,0	25	126,00
	2,0	63	111,44		2,0	63	111,68
	3,0	94	111,70		3,0	94	111,88
	4,0	26	106,62		4,0	26	103,15
	5,0	15	95,80		5,0	14	97,71
	Total	223			Total	222	
p29	1,0	23	136,74	p39	1,0	25	128,50
	2,0	63	95,61		2,0	63	112,93
	3,0	94	115,73		3,0	96	110,64
	4,0	26	116,96		4,0	26	113,62
	5,0	15	96,20		5,0	15	101,50
	Total	221			Total	225	
p30	1,0	25	97,20	p40	1,0	25	128,02
	2,0	61	100,63		2,0	62	108,67
	3,0	88	112,78		3,0	95	113,23
	4,0	26	109,17		4,0	26	95,94
	5,0	15	125,90		5,0	15	119,10
	Total	215			Total	223	
				p41	1,0	25	131,94
					2,0	63	108,02
					3,0	94	109,95
					4,0	26	100,27
					5,0	14	121,93
					Total	222	

Test Statistics ^{a,b}															
	p1	p2	p3	p4	p5	p6	p7	p8	p9	p10	p11	p12	p13	p14	p15
Qui-quadrado	3,011	1,989	2,897	7,816	4,937	7,162	9,346	3,671	,779	3,948	2,433	3,867	5,226	3,596	5,484
df	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
Significância Assintótica	,556	,738	,575	,099	,294	,128	,053	,452	,941	,413	,657	,424	,265	,463	,241

a. Kruskal Wallis Test

b. Variável de agrupamento: **NumNEE**

Test Statistics ^{a,b}															
	p16	p17	p18	p19	p20	p21	p22	p23	p24	p25	p26	p27	p28	p29	p30
Qui-quadrado	6,913	4,644	8,026	11,238	5,486	23,803	20,344	5,709	6,690	1,244	4,131	2,623	5,048	10,467	4,049
df	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
Significância Assintótica	,141	,326	,091	,024	,241	,000	,000	,222	,153	,871	,389	,623	,282	,033	,399

a. Kruskal Wallis Test

b. Variável de agrupamento: **NumNEE**

Test Statistics ^{a,b}											
	p31	p32	p33	p34	p35	p36	p37	p38	p39	p40	p41
Qui-quadrado	9,542	4,022	3,893	,647	1,021	1,924	8,968	4,022	3,183	5,276	5,906
df	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
Significância Assintótica	,049	,403	,421	,958	,907	,750	,062	,403	,528	,260	,206

a. Kruskal Wallis Test

b. Variável de agrupamento: **NumNEE**

NPAR TESTS

/K-W=p1 p2 p3 p4 p5 p6 p7 p8 p9 p10 p11 p12 p13 p14 p15 p16 p17 p18 p19 p20 p21 p22 p23 p24 p25 p26 p27 p28 p29 p30 p31 p32 p33 p34 p35 p36 p37 p38 p39 p40 p41 BY **Categoria Profissional** (1 3) /STATISTICS DESCRIPTIVES /MISSING ANALYSIS.

NPar Tests

Estatísticas descritivas					
	N	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
p1	221	1,733	,6717	1,0	4,0
p2	225	1,293	,4563	1,0	2,0
p3	224	1,451	,5164	1,0	3,0
p4	226	1,394	,5414	1,0	3,0
p5	218	1,876	,6777	1,0	4,0
p6	224	1,192	,4059	1,0	3,0
p7	224	1,277	,5475	1,0	4,0
p8	221	2,140	,7527	1,0	4,0
p9	222	2,072	,6688	1,0	4,0
p10	226	1,283	,4708	1,0	3,0
p11	224	1,348	,5137	1,0	3,0
p12	223	1,543	,6053	1,0	4,0
p13	225	1,364	,5180	1,0	3,0
p14	223	1,480	,5438	1,0	3,0
p15	219	1,566	,6273	1,0	4,0
p16	224	1,433	,5315	1,0	3,0
p17	221	1,692	,6363	1,0	3,0
p18	225	1,444	,5242	1,0	3,0
p19	222	2,194	,7203	1,0	4,0
p20	226	1,389	,5238	1,0	3,0
p21	224	1,942	,7031	1,0	4,0
p22	223	1,978	,7003	1,0	4,0
p23	218	2,514	,7512	1,0	4,0
p24	224	1,955	,6407	1,0	4,0
p25	218	2,183	,6743	1,0	4,0
p26	223	1,457	,5342	1,0	3,0
p27	224	1,652	,5793	1,0	4,0
p28	223	1,283	,4611	1,0	3,0
p29	221	2,231	,7423	1,0	4,0
p30	215	2,200	,7624	1,0	4,0
p31	220	1,659	,6390	1,0	4,0
p32	219	2,986	,6459	1,0	4,0
p33	218	2,601	,6306	1,0	4,0
p34	226	1,336	,4919	1,0	3,0
p35	216	2,181	,6681	1,0	4,0
p36	222	1,631	,5775	1,0	4,0
p37	217	1,396	,5770	1,0	4,0
p38	222	1,279	,4883	1,0	4,0
p39	225	1,302	,4602	1,0	2,0
p40	223	1,336	,4735	1,0	2,0
p41	222	1,347	,5223	1,0	4,0
Categoria Profissional	226	2,146	,9665	1,0	3,0

Kruskal-Wallis Test

Classificações				Classificações			
	Categoria Profissional	N	Mean Rank		Categoria Profissional	N	Mean Rank
p1	1,0	89	106,66	p16	1,0	90	112,26
	2,0	11	108,95		2,0	11	96,00
	3,0	121	114,38		3,0	123	114,15
	Total	221			Total	224	
p2	1,0	90	110,00	p17	1,0	90	107,16
	2,0	11	120,91		2,0	11	111,55
	3,0	124	114,48		3,0	120	113,83
	Total	225			Total	221	
p3	1,0	90	112,20	p18	1,0	90	108,74
	2,0	11	93,27		2,0	11	114,95
	3,0	123	114,44		3,0	124	115,92
	Total	224			Total	225	
p4	1,0	91	116,43	p19	1,0	90	116,14
	2,0	11	112,00		2,0	11	113,55
	3,0	124	111,48		3,0	121	107,86
	Total	226			Total	222	
p5	1,0	87	106,18	p20	1,0	91	107,34
	2,0	11	103,05		2,0	11	111,86
	3,0	120	112,50		3,0	124	118,17
	Total	218			Total	226	
p6	1,0	91	112,33	p21	1,0	90	116,37
	2,0	11	101,64		2,0	11	109,55
	3,0	122	113,61		3,0	123	109,93
	Total	224			Total	224	
p7	1,0	91	115,89	p22	1,0	89	122,72
	2,0	10	85,50		2,0	11	113,73
	3,0	123	112,19		3,0	123	104,09
	Total	224			Total	223	
p8	1,0	90	106,86	p23	1,0	89	117,56
	2,0	10	118,25		2,0	11	133,18
	3,0	121	113,48		3,0	118	101,21
	Total	221			Total	218	
p9	1,0	90	109,44	p24	1,0	90	124,04
	2,0	11	130,77		2,0	11	92,64
	3,0	121	111,28		3,0	123	105,83
	Total	222			Total	224	
p10	1,0	91	113,61	p25	1,0	89	119,37
	2,0	11	136,23		2,0	11	101,77
	3,0	124	111,40		3,0	118	102,78
	Total	226			Total	218	
p11	1,0	91	117,41	p26	1,0	89	110,85
	2,0	10	108,50		2,0	11	112,77
	3,0	123	109,19		3,0	123	112,76
	Total	224			Total	223	
p12	1,0	91	114,62	p27	1,0	90	109,06
	2,0	10	110,70		2,0	11	119,18
	3,0	122	110,15		3,0	123	114,42
	Total	223			Total	224	
p13	1,0	91	114,50	p28	1,0	90	110,60
	2,0	11	94,09		2,0	11	111,27
	3,0	123	113,58		3,0	122	113,10
	Total	225			Total	223	
p14	1,0	90	107,51	p29	1,0	91	114,58
	2,0	10	93,70		2,0	11	91,73
	3,0	123	116,77		3,0	119	110,05
	Total	223			Total	221	
p15	1,0	89	102,17	p30	1,0	87	111,52
	2,0	11	88,14		2,0	11	102,36
	3,0	119	117,87		3,0	117	105,91
	Total	219			Total	215	

Classificações				Classificações			
	Categoria Profissional	N	Mean Rank		Categoria Profissional	N	Mean Rank
p31	1,0	89	109,03	p37	1,0	88	106,13
	2,0	10	115,25		2,0	11	108,36
	3,0	121	111,19		3,0	118	111,20
	Total	220			Total	217	
p32	1,0	88	103,94	p38	1,0	89	106,15
	2,0	11	99,36		2,0	11	112,00
	3,0	120	115,42		3,0	122	115,36
	Total	219			Total	222	
p33	1,0	89	115,11	p39	1,0	91	112,38
	2,0	11	85,86		2,0	11	109,68
	3,0	118	107,47		3,0	123	113,76
	Total	218			Total	225	
p34	1,0	91	109,73	p40	1,0	90	116,62
	2,0	11	107,05		2,0	11	84,64
	3,0	124	116,84		3,0	122	111,06
	Total	226			Total	223	
p35	1,0	88	107,80	p41	1,0	89	120,52
	2,0	11	93,18		2,0	11	84,95
	3,0	117	110,47		3,0	122	107,31
	Total	216			Total	222	
p36	1,0	90	112,80				
	2,0	11	94,91				
	3,0	121	112,04				
	Total	222					

Test Statistics ^{a,b}															
	p1	p2	p3	p4	p5	p6	p7	p8	p9	p10	p11	p12	p13	p14	p15
Qui-quadrado	,946	,671	1,450	,433	,783	,755	3,598	,844	1,415	2,431	1,317	,325	1,439	2,524	5,724
df	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
Significância Assintótica	,623	,715	,484	,805	,676	,686	,165	,656	,493	,297	,518	,850	,487	,283	,057

a. Kruskal Wallis Test

b. Variável de agrupamento: **Categoria Profissional**

Test Statistics ^{a,b}															
	p16	p17	p18	p19	p20	p21	p22	p23	p24	p25	p26	p27	p28	p29	p30
Qui-quadrado	1,078	,696	,866	1,044	2,047	,652	5,208	5,971	7,176	4,717	,062	,628	,131	1,538	,601
df	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
Significância Assintótica	,583	,706	,649	,593	,359	,722	,074	,051	,028	,095	,969	,731	,937	,463	,741

a. Kruskal Wallis Test

b. Variável de agrupamento: **Categoria Profissional**

Test Statistics ^{a,b}											
	p31	p32	p33	p34	p35	p36	p37	p38	p39	p40	p41
Qui-quadrado	,149	2,860	3,070	1,105	,981	1,016	,471	1,805	,084	3,683	6,234
df	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
Significância Assintótica	,928	,239	,215	,576	,612	,602	,790	,406	,959	,159	,044

a. Kruskal Wallis Test

b. Variável de agrupamento: **Categoria Profissional**

Apêndice 10 – Registo de observação naturalista: observação da DEE “Cristina”, no Jardim-de-Infância, durante as atividades letivas - 1

Docentes: “I.” e “C.”

Alunos: o J., diagnosticado com Perturbação da linguagem expressiva e dificuldade na interação social e o D., com Trissomia 21 [sic].

Período de observação: 14h/15h30

Observação: COB₃ + I₁

Data: 13/05/2016

Descrição das situações e comportamentos/atividades observadas	Comentários /inferências
A Educadora entrou na sala com os meninos. Eles vinham com calor quando entraram na sala do Jardim e foram sentar-se no Cantinho da Música e da Leitura segundo ordens dadas pela Educadora. Educadora não quis que alguns estivessem sentados lado a lado: “Eu não quero o T. ao pé do M. Chegue-se para cá.” A sala estava quente e os meninos queixaram-se que tinham calor. Menino: “Tenho calor!” Educadora: “Está sossegado, que já perdes o calor todo.” A Educadora fez a apresentação do novo elemento (observadora) que havia na sala do Jardim de Infância: “Esta senhora é Professora e chama-se M.C. É a tal professora de que vos falei que vinha cá com a ‘C.’ para ver o menino D. e o J. Daqui a pouco também vem a ‘C.’. Eu estive a falar com a Professora T. da Escola EB1 e os meninos do primeiro ano. Eles estão todos empolgados para virem contar-vos uma história.” Menino: “Que história é?” Educadora: “Não sei que história é. Veremos.” A DEE abriu a porta e entrou: “Boa tarde.” Educadora: “Eu estive a fazer-lhes isto. O que é isto?” Menino: “Um marcador de livros”. Educadora: “Ah! Estava a ver que ninguém sabia.” Menino: “É para todos?” Educadora: “É para eles. É para os nossos convidados, que nos vêm contar a história. Diz assim: ‘Um livro tem asas, longas e leves... que de repente, levam a gente, para longe, longe... Vamos voar?’ Porque é que um livro tem asas e leva-nos para longe, longe? Porquê?” Menino: “Porque leva-nos até à imaginação.” Educadora: “Porque leva-nos até onde a nossa imaginação...” Menino: “... se realiza.” Educadora: “Porque leva-nos até onde a nossa imaginação nos quiser levar. Não é?” Menino: “Pois.” Educadora: “O que é que pensam que é uma dedicatória?” Menino: “Eu não sei.” Educadora: “O que é que acham? O que pensam que eu escrevi aqui. O que é uma dedicatória? Uma dedicatória é uma mensagem que se escreve para quem se vai oferecer o presente ou a lembrança. Eu escrevi assim: ‘Parabéns, depois o nome da menina ou do menino, por já saberes ler e por teres lido tão bem.’ Eles já sabem ler mas vocês ainda não. Eles vão ler bem. Eles estão a ensaiar e mesmo que leiam um bocadinho devagarinho não faz mal. Eles aprenderam há pouco tempo, não é. Depois concluí com ‘Beijinhos da Educadora ‘I.’ e dos meninos do JI.’ São vocês.” Menino: “JI.” Educadora: “JI é... O que quer dizer JI?” Meninos: “Jardim” Educadora: “É Jardim de Infância.” Menino: “Jardim de Infância de (...)” Educadora: “(...) mas é só JI porque já sabemos. Depois escrevi a data, dia 13 de maio de 2016, que é para eles saberem que neste dia vieram à nossa sala ler a história para nós. Pronto. Agora, temos de falar com vocês para lhes perguntarmos quem é que está no vosso desenho que fizeram sobre a vossa família.” A DEE foi buscar os vários desenhos que os meninos tinham feito sobre a família de cada um deles e	Quando a DEE entrou, o J. fixou-a e o D. sorriu para a DEE, revelando estar muito feliz. O restante grupo continuou com muita atenção à Educadora.

mostrou ao grupo o desenho que cada menino tinha feito, por grupo de anos, antes de o entregar à Educadora.

A Educadora começou a chamar a si cada menino. Primeiro, chamou os meninos do grupo dos três anos, depois chamou os meninos com cinco e seis anos e, por último, chamou os meninos com quatro anos.

A DEE entregou o desenho do S. à Educadora e esta enganou-se e chamou o G.

Educadora: “Ó G. vem cá. Ah, não é nada. É do S., anda cá. Vamos lá ver, S.. Este é o bebé. Quem é este?”

S.: “O mano.”

Educadora: “É o mano! E aqui quem é?”

S.: “O pai.”

Educadora: “E aqui?”

S.: “A mãe.”

DEE: “E aqui?”

S.: “Eu.”

Educadora: “Ora, cá está a família do S. Está jeitosa?”

Menino: “Falta o bebé.”

Educadora: “O bebé já está aqui. Ah, ah!”

Menino: “É o bebé da mãe.”

Educadora: “Agora, vem cá a M..”

A DEE apontou e a M. respondeu.

M.: “É a mãe.”

Educadora: “Coitadinha da mamã que está tão pequenina. E aqui?”

M.: “É o pai.”

Educadora: “O pai está muito grande! Olhem a família da M., está gira?”

Meninos em coro: “Sim.”

Educadora: “Esta foi a família da M.. Agora, a família do GO.”

O GO. levantou-se e quase que não conseguia passar.

DEE: “Passa por este lado.”

O GO. disse os elementos que compunham a sua família. Deixou transparecer que gostava de vir a ter um irmão.

Educadora: “Quem é aqui?”

GO.: “Quando eu tiver um mano.”

Educadora: “Ah! É quando tu tiveres um mano?”

GO.: “Sim.”

Educadora: “Querias ter um mano?”

GO.: “E pode vir a calhar.”

Educadora: “Tens de dizer à mãe e ao pai.”

Menino: “A mim calharam-me três.”

Educadora: “Olhem a família do GO. Vamos lá a ver, a do ...”

A DEE mostrou o desenho e a Educadora respondeu: “...do MI. Venha cá o MI. Vamos lá a ver quem é a família do MI. Quem é este?”

MI.: “O pai, a mãe e a mana.”

Educadora: “Estão a ver a família do MI?”

A seguir, a DEE entregou à Educadora o desenho do G.

A Educadora chamou o G. e o desenho com a sua família teve de ser concluído. A Educadora disse-lhe para pintar melhor a cara de um dos seus elementos.

A DEE entregou o desenho do D. à Educadora, foi observar o que o G. estava a fazer e afiou-lhe dois lápis que precisavam de ser afiados.

Educadora: “A família dos três anos já está.”

Menino: “A seguir, vem a dos quatro anos.”

Educadora: “D., vem cá.”

Menino: “Então, mas afinal é a dos quatro anos ou é a dos cinco anos?”

Educadora: “É a dos cinco anos. Quem é este?”

Uma menina do grupo dos cinco/seis anos tentou ajudar o D. a limpar o nariz.

D.: “O pai.”
Educadora: “E aqui?”
D.: “Mã”
Educadora: “É a mãe. E aqui?”
D.: “Is”
Educadora: “É o L.. E aqui?”
D.: “Ti”
Educadora: “O T. e este quem é?”
D.: “Ogo”
Educadora: “É o D. Vai lá. Querem ver a família do D.?”
Meninos: “Eu quero.”
Educadora: “Estão aqui todos.”
Meninos: “Fixe.”
DEE: “O L., o T., o pai, a mãe e o D.”
Um menino disse que o D. se tinha esquecido de fazer sobrancelhas nas caras.
Educadora: “E tu estás sempre a ver dos outros e tu também não fizeste cabelo, pois não? Ah!”
DEE: “Anda cá J..”
Educadora: “Vamos ver a do J.. Quem é que está aqui? Onde está o pai da história ... e a mãe...e o J.?”
O J. apontou e não falou.
Educadora: “Pronto. Muito bem. É a família do J..”
Meninos: “Ye. Excelente.”
Menina: “Família minúscula.”
Educadora: “Chiu. Cada um faz como sabe e mais nada.”
Todos se calaram.
DEE: “Anda cá DA.”
Educadora: “Quem é este?”
DA.: “Sou eu.”
Educadora: “E aqui?”
DA.: “A mãe.”
Educadora: “E aqui?”
DA.: “O pai.”
Educadora: “Então e mais ninguém? A mana já não está lá em casa?”
DA.: “Não.”
Educadora: “Mas podias tê-la desenhado.”
DA.: “Ela vive noutra casa.”
Educadora: “Mas não interessa. Ainda é tua mana. Pões aqui cola batom para isto colar e vais fazer os olhos da tua mana porque caso contrário ela fica triste. Ela também pertence à tua família. Agora, ó meninos deixem aí uma estrada no meio. Vem cá, G.”
A Educadora pediu ao G. que identificasse os elementos da sua família: “Falta aqui um. Onde é que estás? Vá, tens de desenhar-te aí. Vá lá. Tu também lá estás.”
O G. foi para a mesa fazer o seu retrato físico.
A seguir, a DEE chamou a A.: “Agora, é o desenho da A.”
Educadora: “Anda mulher, despacha-te. Quem é este? E aqui?”
A.: “A mãe e o pai.”
A Educadora disse para a A.: “Tens de ir pintar a cara da mãe com cor da pele e pintar os olhos do pai de castanho. Olha, ali coitado. Está com os olhos brancos! Depois já mostro o desenho da A. Anda cá IN.”
A aula foi interrompida pela assistente operacional que veio fazer uma pergunta à Educadora e à DEE sobre os balões que iam distribuir pelos alunos que iam ler.
Entretanto, o DA. acabou o desenho e entregou-o à DEE que o mostrou ao grupo e entregou à Educadora.
A Educadora perguntou ao DA.: “Onde é que está a mana? Como é que se chama a mana?”
DA.: “É a V., estão a ver?”

Apesar de ter sido criticado pelo colega, o D. foi sentar-se muito feliz.

Meninos: “Sim.”
Educadora: “Então, e aqui?”
DA.: “É a mãe.”
Educadora: “A mãe. E este aqui?”
DA.: “É o namorado da mãe.”
Educadora: “É o namorado da mãe. Então, tens de por aqui o teu pai se não ele fica muito triste. E aqui quem é?”
DA.: “É a K..”
Educadora: “Tens de ir fazer o teu pai senão ele fica muito triste.”
O G. acabou o desenho e a DEE mostrou-o ao grupo.
Educadora: “Estão a ver a família do G.? G., podes sentar-te. Vem cá o DI. Vá DI., quem é?”
DI.: “O pai.”
Educadora: “Mas o pai tem os olhos cinzentos?”
DI.: “Tem.”
Educadora: “Tem? E este quem é?”
DI. muito baixinho: “A mãe.”
DEE: “A mãe. A família do DI.”
Educadora: “Pronto, a família dos cinco anos também já está. Agora, é a família dos quatro anos.”
A Educadora mostrou a família da A. Perguntou de novo quem eram os elementos que compunham a família da A. e ia identificando os membros das famílias escrevendo-lhes os nomes nos desenhos.
A Professora “T.” bateu à porta e pediu para entrar com os alunos.
Os meninos do JI ficaram inquietos.
Educadora: “Olha, vêm aí os nossos convidados!”
A DEE dispôs duas filas de cadeiras para que os alunos do primeiro e do segundo ano se sentassem em frente aos meninos do JI.
Professora: “Posso sentá-los aqui?”
DEE: “Podes.”
Educadora: “Venham cá. Sejam muito bem-vindos.”
DEE: “Estão todos?”
Professora: “Faltam os alunos do segundo ano que vêm ali. Ó segundo ano, então!”
Educadora: “Os meninos não sabem qual é a história que vão contar. Disse-lhes que era uma surpresa. Não é preciso estarem a gritar tanto.”
Professora: “Então, é assim. Alguns ainda se lembram de andarem aqui com eles no Jardim.”
Menino: “Eu não os conheço porque não andei cá o ano passado.”
Educadora: “Mas ficas a conhecê-los.”
DEE: “Pois.”
Professora: “Eles passaram para a Escola do 1.º Ciclo e aprenderam uma coisa muito, muito gira que é aprender a ler.”
Menino: “Eu já sei.”
Professora: “Já sabes?!”
DEE: “Não.”
Educadora: “Eles já sabem que eles (seis alunas e dois alunos) já aprenderam a ler.”
Professora: “Agora, quiseram vir aqui contar-vos uma história para vocês ficarem a perceber que já sabem ler muito bem. É uma história do segundo ano. Não quiseram nenhuma história do primeiro ano. Por isso, é que vieram os alunos do segundo ano (uma aluna e um aluno) e também do primeiro ano (cinco alunas e um aluno). A história chama-se “A girafa que comia estrelas” de José Eduardo Agualusa.”
Menino: “A girafa comia estrelas!”
Educadora: “Será que a girafa comia mesmo as estrelas?”
DEE: “Então vamos ver.”
Professora: “Eu vou ler a primeira parte e todos vamos contar-vos a história. Cada um de nós irá ler um bocadinho da história.”
A Professora iniciou a leitura da história e mostrou as imagens que ilustravam essa parte.

Educadora: “Estão todos a ouvir ler a história?”
DEE: “Têm de ouvir bem a leitura da história.”
A seguir, leu a JE. do primeiro ano e sempre que hesitou, a Professora ajudou-a na leitura.
Quando a JE. acabou de ler, a Educadora disse: “Muito bem.”
DEE: “A girafa subiu lá a cima. Foi para comer o quê?”
Meninos em coro: “As estrelas.”
DEE: “Palmas para a JE..”
Professora: “Agora é a M. do primeiro ano.”
Quando a M. terminou de ler, a Educadora, a DEE e as crianças do JI bateram-lhe palmas.
Professora: “Agora é o S..”
Quando o S. acabou de ler a parte que lhe cabia, a Educadora, a DEE e as crianças do JI bateram-lhe palmas.
Professora: “Acabou a história.”
Educadora: “Agora vamos perguntar aqui a estes meninos como é que se chamava a girafa?”
Menino: “Era a Olímpia.”
Educadora: “O que é que aconteceu? O que é que ela gostava de fazer?”
Meninos: “Gostava de comer as estrelas.”
Educadora: “Estava a comer as estrelas e a espreitar por cima das nuvens.”
A Professora mostrou um trabalho que o AO. fez para acompanhar a leitura da história: “A girafa caiu e perdeu a cabeça.”
A Educadora e a DEE ajudam as crianças do JI a posicionarem-se melhor para tirarem algumas fotografias junto do trabalho que tinha sido efetuado pelo aluno do 1.º Ciclo.
Professora: “Ponham aí a caixinha que é para ficar na foto também.”
Educadora: “Vocês [alunos do primeiro e segundo ano] sentam-se ao pé deles.”
DEE: “Ora muito bem. Estes meninos e meninas já sabem ler. Parabéns.”
Educadora: “Parabéns.”
Professora: “Muito obrigada. Eu também estou muito feliz por já saberem ler.”
Educadora: “Muito bem! Espetáculo! O AO. está a arranjar as orelhas da girafa!”
DEE: “Está muito gira [a girafa]!”
Professora: “Foi ele que fez.”
Os meninos do JI estavam a levantar-se e a Educadora mandou-os sentar imediatamente.
Tiraram algumas fotos.
A Educadora e a DEE entregaram os marcadores de livros aos alunos.
A Professora dirigindo-se aos seus alunos: “Agradeçam-lhes.”
A Educadora perguntou o que estava escrito.
O S. leu: “Parabéns por já saberem ler e por teres lido tão bem. Beijinhos da Educadora e dos meninos do JI de (...)”
Educadora: “Tenho outra coisa que é um marcador de livros que tem escrito: ‘Um livro tem asas, longas e leves... que de repente, levam a gente, para longe, longe... Vamos voar?’ Agora, já podem voar, agarram num livro e [foi interrompida por um aluno].”
S.: “Já posso voar?!”
DEE: “Voar é aqui na cabeça.”
A Professora riu-se: “Pois.”
Educadora: “Temos também uns balões mas ainda não estão cá.”
DEE: “Sabem porquê? A ‘senhora’ foi buscá-los.”
Educadora: “Depois nós vamos lá levar assim que eles chegarem. Está bem?”
Professora: “Está bem. Nós esperamos.”
Educadora: “Fica combinado. Fiquei muito contente por terem lido tão bem.”
Os alunos da EB1 preparavam-se para sair com a sua Professora.
A DEE agradeceu-lhes: “Muito obrigada.”
Educadora: “Vamos ver se tenho aqui o desenho de uma girafa.”
Os meninos do JI sentaram-se por grupos nas mesas redondas.
Enquanto a Educadora foi ao computador para imprimir um desenho de uma girafa, a DEE iniciou e

manteve uma conversa com o grupo dos meninos do JI: “Sentem-se bem. De quem falava aquela história?

Meninos: “De uma girafa.”

DEE: “Era de uma girafa. Como é que se chamava?”

Menina: “Olímpia”

DEE: “Era de uma girafa que se chamava Olímpia e de uma...”

Menino: “Galinha.”

DEE: “Como é que se chamava a galinha?”

Menina: “Dona Margarida”

DEE: “Era a Dona Margarida. O que é que a girafa gostava de fazer?”

Meninos: “Comer as estrelas.”

DEE: “Onde é que a Dona Margarida vivia?”

Meninos: “Vivia numa nuvem.”

DEE: “Tinha feito o seu ninho numa nuvem. O que é que ela conseguia ver lá de cima? Eram ...”

Meninos: “... as estrelas.”

DEE: “E via também...”

Menino: “...a lua.”

DEE: “Nós vamos fazer também a Olímpia.”

A Educadora procurou na internet e mostrou aos meninos alguns trabalhos feitos por outros alunos sobre a história que tinham ouvido.

Educadora: “Esta girafa foi feita com pacotes de leite.”

DEE: “E esta aqui foi com quê?”

Menino: “Com rolhas.”

Educadora: “Não. Foi com rolos de cozinha.”

Existia agitação pois todos queriam ver as imagens do computador.

DEE: “Calma, senão a Olímpia desaparece.”

Educadora: “Esta foi com quê?”

DEE: “Esta foi...”

Menina: “com pacotes de leite.”

A Educadora imprimiu o desenho de uma girafa para cada menino em folhas de papel A4.

DEE: “Olhem meninos de cinco anos, vamos sentar na mesa. DI., podes sentar-te aqui na mesa do D.?”

O DI. sentou-se ao lado do D.

DEE: “Obrigada, DI.”

Educadora: “Vão pintar a cabeça da girafa. O que é que ela comia?”

Meninos: “Eram as estrelas.”

Educadora: “Então é o que têm de fazer. Escrevem o vosso nome. Vá, ponham o nome na folha.”

DEE: “Qual é o nome que se escreve?”

A DEE pegou na mão do D. e ajudou a começar a escrever o nome: “Vamos fazer o D.”

O D. escreveu com ajuda a letra D.

DEE: “Agora o I.

O D. escreveu com ajuda as letras I, O e G.

DEE: “O O.”

O D. olhou para a DEE e sorriu.

DEE: “Escreve o teu nome J..”

O J. começou a escrever o nome.

DEE: “J., boa.”

O DI. atirou o lápis para outra mesa.

DEE: “DI., olha para mim. Não se atira nada.”

Educadora: “A cabeça é amarela. Os chifres são?!”

DEE: “Vamos ouvir a I. [Educadora].”

Educadora: “Podem pôr os chifres amarelos. As manchas são castanhas.”

Enquanto a Educadora orientou duas mesas com os grupos dos meninos de três e de quatro anos, a DEE trabalhou com o grupo dos meninos de cinco e seis anos.

Sentimos
que o D.
era
acarinhado
pelos
colegas. A
DEE
incluía-o no
grupo de
pares da
mesma
idade e nas
mesmas
atividades.

O J. e o D. pintaram o desenho da girafa. Enquanto o J. não necessitou de ajuda na pintura, o D. precisou de orientação no trabalho, não respeitou os contornos do desenho e teve de ser muito motivado pela DEE.

DEE: “Boa, J.! Continua.”

Educadora vendo a pintura de uma menina: “Olha tão gira. Ai que girafa tão gira! Esta era a girafa Olímpia. Depois têm de fazer aí uma nuvem que ela espreitava nas nuvens.”

DEE: “Calma, D.. Passa por cima. Isso não é dessa cor Vamos continuar por aqui para irmos para aqui para fazermos os ‘corninhos’. Faz tu agora. Devagarinho.”

Educadora viu o desenho de um menino e aborreceu-se: “Eu pus ali no computador uma girafa! Onde é que estão as manchas da girafa?

Menino: “Ali em baixo.”

Educadora: “Então! E fizeste a amarelo?!”

Educadora: “Esta é a girafa Olímpia que tinha as manchas castanhas?!”

O menino foi pintar melhor o desenho.

DEE: “Boa! Olha aqui para baixo, o pescoço. Calma.”

Educadora: “Pintam de castanho as pestanas da girafa e as manchinhas.”

O D. parou de pintar e a DEE tocou-lhe com um dedo nas costas: “Truz, truz.”

O D. sorriu, endireitou-se e começou a querer pintar sozinho.

DEE: “Não estás a pintar bem. Faz devagarinho. Vá.”

Todos os meninos queriam falar e mostrar os desenhos à Educadora.

Um menino levantou-se, foi ao computador e olhou a imagem da girafa. Falou com a Educadora e esta: “Afinal as pestanas da girafa são pretas. A girafa tem também uns pelinhos pretos nos chifres. Ora, venham aqui ver. O olho também é castanho. Vá.”

DEE: “Vamos fazer aqui o olho. Boa, D.. Devagarinho. Tens de ver bem. Devagarinho.”

A DEE sorriu ao ver o trabalho do J.: “Está bom! Boa, J.!”

A Educadora escreveu em cada desenho dos meninos “A girafa que comia estrelas”.

Educadora: “Já todos escreveram o nome? Vão arrumar.”

A DEE conversou com o D.: “O D. é bebé?”

O D. sorriu.

DEE: “O D. não é bebé. O que é isto? Tens de pedir uma cueca à mãe e não a fralda. Como é que me chamo?”

A DEE esperou que o D. respondesse mas não respondeu.

DEE: “C.”

O J. estava prestes a terminar e o D. estava mais atrasado.

DEE: “O D. sabe qual é o castanho?”

O D. não respondeu e a M. olhou para a DEE.

DEE: “Não és tu M. É o D.”

O D. agarrou no castanho e continuou a pintar para terminar o trabalho. Acabou a pintura.

DEE: “Está bonito mas tens de pintar mais devagarinho para ficar mais bonito ainda.”

A Educadora distribuiu os desenhos que os meninos fizeram com os elementos da sua família para que estes pudessem oferecer aos pais.

Quando as primeiras mães das crianças chegaram para levar os filhos, a Educadora explicou-lhes: “Hoje é o Dia da Família (...).”

DEE: “J. e D. agora têm de ir lanchar. Eu espero um bocadinho e a seguir trabalhamos mais um bocadinho. Está bem?”

D.: “Sim.”

Educadora: “Até segunda-feira.”

Apêndice 11 – Registo de observação naturalista: observação da DEE “Cristina”, no Jardim-de-Infância, durante as atividades letivas - 2

Docentes: “I.” e “C.”

Alunos: o J., diagnosticado com Perturbação da linguagem expressiva e dificuldade na interação social e o D., com Trissomia 21 [sic].

Período de observação: 14h/15h30

Observação: COB₂+ I₂

Data: 20/05/2016

Descrição das situações e comportamentos/atividades observadas

A Educadora pôs músicas infantis para que os meninos trabalhassem ao som da música: “Pintem este coração impresso nesta folha e desenhem a vossa família. Depois pegam no lápis cor da pele e pintam a vossa família. Pintem também os pezinhos do coração.”

Todas as crianças começaram por esta atividade. Todos começaram a pintar. A A. parou e levantou-se porque precisou que a Educadora lhe afiasse os lápis de cor. Quando chegou à mesa começou a chorar porque a folha não era a sua. A A. não sabia da sua folha. A Educadora dirigiu-se à menina: “Ó A., não chores. A tua folha já aparece.”

A Educadora observou que a M. também ainda não tinha começado: “Vamos lá M., pega na tua folhinha e vai ter com a DEE que ela ajuda-te.”

A DEE falou com a M.: “Quem é que vais fazer aqui?”

M.: “É o pai e a mãe.”

DEE: “Então, vai já desenhar o pai e a mãe. E a tua irmã?”

M.: “Mas isto não é meu!”

DEE: “Ah! Então de quem é?”

M.: “É o da A.!”

A M. foi entregar o desenho com um coração impresso pois já estava começado pela A..

A Educadora ia controlando as três mesas de trabalho: “Eu quero ver a cara, o pescoço, os braços, a barriga, os braços, as mãos, as pernas e os pés.”

Os meninos iam trabalhando e conversando.

Educadora: “O que é que temos a seguir à cara?”

Meninos: “É o pescoço.”

A Educadora continuava a controlar as três mesas da sala: “Boa, J.! Vocês têm aí um coração tão grande e estão a pôr tudo junto? E ali daquele lado [mostrando um desenho]?”

Alguns meninos acabaram os trabalhos e a Educadora observava-os e ia respondendo: “Muito bem, podes arrumar no cacifo.”

O D. e o J. estavam na mesma mesa dos meninos do grupo dos cinco e seis anos. O J. fez o mesmo trabalho que as crianças dos cinco e seis anos:

Observa o número destacado em cada nuvem. Procura em cada fila os números iguais e circunda-os.

Desenha bolinhas castanhas de acordo com a quantidade representada. Os outros meninos dessa mesa observavam o que eles faziam.

A Educadora dirigiu-se ao D.: “D., já está? Vais dizer à C. quem são estes [para escrever o nome das pessoas].”

A DEE perguntou a uma menina: “Quem é que vais fazer aqui?”

Menina: “É o pai e a mãe.”

DEE controlava a mesa dos meninos dos cinco e seis anos e perguntou ao D.: “Quem é este?”

D.: “Is”

DEE: “É o L.. E este?”

D.: “Ogo”.

DEE: “É o D..”

DEE apontou: “A mãe... m-m-m. Põe os olhos.”

Educadora ensinava um menino a identificar os números até 11: “Põe o nome.”

O D. distraiu-se com uma ferida.

DEE: “O que é isso, D.?”

D.: “Do-dói.”

DEE: “É um dói-dói. Não mexe na ferida, que faz sangue. Tem de pedir à mãe para pôr creme.”

A Educadora observou alguns desenhos e comentou: “Estão muito pequenos... Faltam os olhos.”

Os meninos de três anos terminaram à exceção de uma aluna e foram brincar para o cantinho da quinta. Apenas ficaram

a trabalhar as crianças mais velhas e a menina de três anos que foi para a mesa do grupo dos cinco e seis anos.

O J. terminou o desenho da família.

DEE pediu ao J.: “Traz o livro.”

O J. agarrou no livro e sentou-se mas não o abriu.

DEE: “Ó J., não abres o livro?”

O J. abriu o livro de exercícios de propedêutica e a DEE: “Faz uma roda à volta de todos os números nove.”

O J. olhou para a DEE e começou a trabalhar.

Educadora: “Olha para este. Tenho de ir buscar uma lupa.”

Passados alguns minutos, a Educadora: “Então J., já está?”

O J. olhou para a Educadora e não falou.

DEE: “Ainda não. O J. só começou agora. Procura o número cinco. Vamos lá. Vamos ver se encontramos aqui o número cinco.”

O J. identificou o número cinco.

DEE: “Vamos procurar onde está aqui o número seis. Vamos lá pintar. Sempre a direito.”

Educadora: “Já vou ver o que fizeste! Estás a rir-te da colega?!”

DEE: “Agora vais pintar com marcador castanho, J.”

Educadora: “Agora podes pôr a data.”

DEE: “O que te aconteceu? Não acredito! [O D. partiu o bico do lápis e não sabia afiar.]”

D.: “É.”

Educadora: “É assim. Esta é a mãe? Vais pintar a camisola e os braços por dentro, vá. Depois, escolhes uma cor para pintares as calças.”

Menino: “São cinzentas.”

A Educadora procurou o lápis cinzento e afiou-o e disse: Pinta também os sapatos...”

Educadora: “Estás a estragar isso, MI. Ai, ai.”

Alguns meninos de três anos foram ver no computador as músicas infantis com som e imagem.

Educadora dirigiu-se à mesa dos cinco/seis anos e disse para um menino de cinco anos: “Este quadrado está muito mal feito.”

Menino: “Eu?”

Educadora: “És tu. Então vá. Pinta também o cabelo de castanho.”

A seguir, a Educadora voltou à mesa dos quatro anos: “Vai fazer os teus olhos, do teu pai, do teu mano. Quem é aqui?”

Menino: “Sou eu.”

Educadora: “Pinta num instante. Vá lá.”

Uma menina foi perguntar à Educadora se o seu trabalho estava bonito.

Educadora: “Está bonito. E aqui?”

Menina: “Sou eu.”

A Educadora falou com alguns meninos. Um menino mostrou o desenho com uma cadela à Educadora. Esta admirou-se com esse desenho: “Agora, a cadela também faz parte da família!”

Menino: “Apago?”

Educadora: “Não. Está bem, pinta.”

DEE ensinou o D. a afiar os lápis de cor e disse: “Não é assim que se agarra.”

A DEE exemplificou e entregou a afiadeira ao D. para afiar o lápis castanho que precisava para continuar a pintar o desenho: “Vá, força. Pinta. O menino vai para a escola.”

DEE dirigiu-se de novo ao J.: “Não é assim que se agarra. Olha, fila dos vermelhos, fila dos laranjas,..., fila dos círculos, dos triângulos, dos retângulos, dos losângulos...”

Enquanto o J. estava a resolver o exercício, a DEE não interrompeu e apenas lhe facultou algumas orientações quando o viu parado e sem saber o que tinha de fazer.

Educadora viu um desenho que só tinha cabeças: “Faz as pernas a essa gente toda. Quem é esta?”

Menina: “I!”

Educadora: “Quem é esta?”

Menina: “É a mãe.”

Educadora: “Quem é esta? De que cor queres o fato dela?”

Menina: “De azul.”

A Educadora continuou a falar com os meninos acerca dos desenhos que tinham feito.

Educadora: “O teu pai está muito magrinho. Ele é magrinho?”

Menino: “Não.”

Uma menina começou a chorar.

Educadora: “Então?”

Menina: “O S. empurrou-me.”

O J. ia fazendo os exercícios com algumas orientações da DEE.

O D. acabou de pintar o desenho da família e foi mostrá-lo à Educadora: “Muito bem. Vai pôr no cacifo.”

D.: “Sim.”

DEE: “Como estás levantado, pões isto no lixo à C., se fazes favor?”

O D. ficou todo satisfeito por fazer aquele recado.

DEE: “Senta-te direito, D..”

O D. teve de realizar um exercício em que de um lado, o seu nome (D.) aparecia em maiúsculas na vertical, formando a palavra e do outro as mesmas letras encontravam-se desordenadas para o menino ligar com um traço cada letra que lhe correspondia.

DEE apontou para o nome D. e perguntou ao menino: “Este é o meu nome?”

D.: “Não.”

DEE: “É o teu nome, D..”

Educadora: “Quando todos acabarem os trabalhos tenho uma surpresa. Vão à piscina de bolas.”

Meninos em coro: “Piscina de bolas. Piscina de bolas. Piscina de bolas (...). Piscina de bolas.”

Os meninos que já tinham terminado começaram a fazer fila junto à porta para saírem e irem à piscina de bolas que estava na sala do lado.

Meninos bateram as palmas: “I. [Educadora].”

Educadora: “Se não se calam não vão.”

Uma menina foi mostrar o desenho da família à DEE: “Olha aqui, a Luca.”

DEE: “A Lua.”

Menina: “Eu tenho uma cadela que é a Luca.”

A DEE apresentou outro exercício ao D. para que ele escrevesse o nome dele em maiúsculas, copiando por um modelo.

O D. copiou as letras do seu nome sozinho.

A DEE deu instruções ao D.: “Agora, uma bolinha aberta.”

Quando a caligrafia do D. estava mal a DEE obrigava-o a emendar: “Não, não. Faz de novo.”

Educadora: “Então J., como é que isso vai?”

DEE: “J., trabalha para irmos também. Aqui.”

O J. começou outra vez a trabalhar.

A DEE disse para o J. fazer um quadrado unindo quatro pontos: “Faz igual. Boa. Faz o quadrado. Une daqui para ali...

Boa. Agora o retângulo daqui ali e daqui para ali...”

DEE: “Isso. Agora um triângulo.

Educadora: “Já está D.?”

DEE: “Já está, D.! O que é isso? Queres o quê? Queres mais?”

O D. abanou a cabeça.

DEE: “Então vamos fazer a data. Pode ser?”

O D. olhou para a DEE e esta: “Vou buscar a caneta para fazermos a data. Falta a data.”

D.: “Ata.”

A DEE agarrou no cartão da data que estava afixado na sala junto ao calendário e colocou-o em cima da mesa para que o D. copiasse: “(...) 2016-05-20.”

DEE disse ao J.: “Faz lá. Vamos fazer assim: vai daqui para aqui. Carrega com força como tu gostas. Tem de ser de uma vez só.”

A DEE perguntou ao D.: “Já está a data?”

D.: “Já té.”

DEE: “Boa.”

O D. fez a data, apesar dos algarismos terem ficado grandes. Arrumou a sua cadeira e foi arrumar a folha no cacifo. Quando o D. começou a correr em direção à porta, um menino perguntou: “Onde vais D.?”

Menina: “Vai para a piscina de bolas.”

A DEE continuou a orientar o J. no trabalho que tinha de efetuar: “Agora para ali.”

O D. correu para a sala que ficava mesmo ao lado, em que as portas não se distanciavam mais que dois metros da sua, onde estava a Educadora e os meninos do seu grupo/turma, à exceção de três que tinham ficado a acabar os trabalhos durante breves minutos.

DEE: “Também queres ir, J.?”

O J. não respondeu mas fez sinal afirmativo com a cabeça que queria ir.

Menino: “Eu também quero ir.”

A Educadora foi à porta da sala ver quantos meninos ainda estavam sentados: “Então vamos despachar para irem os três.”

Menina: “Já estou a acabar.”

DEE: “Bem. Agora, vamos pintar o círculo de que cor?”

Menino: “De vermelho.”

DEE: “Vamos pintar o círculo de vermelho.”

Um menino começou a arrumar e a DEE pediu-lhe para ir colocar um lápis noutra caixa: “Põe este lápis no DA. se fizeres favor.”

Ele arrumou e a DEE: “Obrigada.”

DEE: “Faz o círculo à volta.”

O J. estava quase a acabar de fazer o círculo.

DEE: “Sempre. Continua. Vamos lá.”

A DEE foi ajudar a IN [sem Necessidades Educativas Especiais]: “IN., o que te falta? Vamos pintar.”

IN.: “Não consigo.”

DEE: “Consegues, consegues. Eu vou aí.”

A DEE foi ver o trabalho da IN. e explicar-lhe como tinha de fazer: “Agora, vais contornar o quadrado. Depois é que pintas.”

A DEE desenhou pontinhos no livro da IN. Para que ela os unisse e não tivesse tanta dificuldade.

A IN. ligou os pontinhos que a DEE desenhou no livro.

DEE: “Boa! Isso mesmo! Conseguiu ou não conseguiu?”

Três meninos que já tinham estado dentro da piscina vieram ter com os colegas que ainda estavam a trabalhar.

Menino: “Eles já vêm aí.”

DEE: “Não vêm nada. É o S. que veio cá fazer uma visita.”

O J. ficou um bocadinho impaciente ao ver os colegas na sala.

DEE: “J., deixa estar aqui. Pinta o quadrado.”

Menino: “Já vieram três.”

DEE: “Olha IN., isso está a ficar um nojo.”

Menino: “Já vieram muitos.”

Os meninos e as meninas vieram ver o trabalho dos seus colegas e voltaram para a sala do lado onde aguardavam a sua vez de entrarem na piscina, pois só entravam duas crianças simultaneamente.

DEE perguntou aos meninos que já tinham estado na piscina: “Ainda faltam muitos meninos?”

Meninos: “Sim.”

DEE: “Vá J., despacha-te para irmos à piscina de bolas.”

O J. concentrou-se e fez mais um bocadinho do trabalho.

DEE: “Está bom! Pintas este e depois vamos. Anda, despacha-te. Queres ir à piscina de bolas? Queres?”

O J. fixou-a nos olhos e riu-se.

DEE sorriu também: “Queres?! Então vá.”

O J. pintou o que a DEE lhe tinha mandado fazer.

DEE: “IN., pinta isso bem que está a ficar um nojo. J., vamos um bocadinho à piscina. Está bem, J.? A C. vai guardar o vermelho que já não é preciso. Pintas mais um bocadinho que já te vêm buscar. IN., já te vêm chamar. Vou ver como estão as coisas.”

IN.: “Sim.”

Educadora: “É só dois de cada vez.”

DEE: “Esperamos aqui um bocadinho. A I. é que vai dizer.”

A DEE brincou com as crianças que estavam dentro da piscina de bolas.

Educadora: “Agora pode ir o DA. e a AL.”

Enquanto alguns meninos estavam na piscina de bolas, outros estavam a experimentar os andarilhos de plástico.

Educadora: “J., vai para o pé da IN..”

O D. foi para a piscina com uma menina. A primeira reação do D. foi tapar-se com as bolas da piscina.

Entretanto, a menina saiu e o D. continuou na piscina mas entrou o S..

A DEE continuou a brincar com as crianças. Entrou o J. e ficou o D. e o J. na piscina de bolas numa agitação com o S..

O D. queria esconder o corpo debaixo das bolas e o J. tapava-se com elas mas deixava sempre a cabeça e o tronco de fora.

DEE: “Não está cá o D.”

O D. riu-se alto.

DEE: “Está aqui.”

O D. agarrou a DEE com toda a força para a piscina.

DEE: “Não posso.”

O D. começou a atirar muitas bolas ao J.

DEE: “Não, não. Podes aleijar o J.. Não se atira.”

D.: “Ó pá.”

O S. começou a atirar bolas ao J. e ao D.

DEE: “Ouves S., assim não.”

O S. não obedeceu logo à DEE.

DEE: “O S. não ouve. Vamos tapar o J. e o D. Olha não está cá o D. Ai que eu vou cair e agora.”

O D. puxou um braço da DEE com toda a força.

DEE: “Ai credo. Esse braço não. Isso dói, D..”

Menino: “Olá, D..”

Inicialmente, só estavam ao mesmo tempo dois meninos na piscina de bolas. Quando a DEE disse que o tempo tinha acabado e tinham de ir para a sua sala já estavam quatro meninos dentro da piscina. Todos os meninos queriam interagir uns com os outros com as bolas da piscina que estavam espalhadas pela sala e todos estavam felizes.

DEE disse ao D.: “Olha a AL. [aluna sem Necessidades Educativas Especiais]! Vais aleijar a AL.! Assim não. O D. vai já para a sala. D., cuidado!”

O D., a M. e o J. continuavam a brincar dentro da piscina de bolas.

A assistente operacional entrou na sala: “Boa tarde. Isto é que é uma festa, hoje.”

DEE: “AL., puxa-me. Obrigada. O D. tem muita força.”

A DEE perguntou à assistente operacional por um menino da sala do jardim que estava doente.

DEE: “Vamos embora para a sala?”

Menino: “D., olha ali.”

Menina: “Ainda estás aí, J.?”

DEE: “Vamos para a sala. Anda J., vamos para a sala.”

O J. saiu imediatamente da piscina.

DEE: “Quem é aquela lady? Anda D. que o J. já se está a calçar.”

A IN. e a B. queriam entrar dentro da piscina novamente mas já se tinham calçado.

DEE: “IN. e B. não podem ir para aí com as sapatilhas.”

O J. calçou as sapatilhas.

DEE: “S., que estás a fazer? Vamos embora. D. anda, tu não ouves? Vamos embora. Já está, J.?”

S.: “Está bem.”

O J. estava calçado e pronto a ir com a DEE para a outra sala.

O D. permanecia na piscina.

DEE: “Vamos MI., vamos embora.”

MI.: “Sim.”

O S. calçou-se.

DEE: “B., S. e J. andem. Vamos e aquela menina como é que ela se chama?”

Menino: “É a M.”

DEE: “É a M., pois é. Anda M., vamos. Vamos D., vai-te calçar. Vamos embora senão não vai. M., anda.”

A M. continuou dentro da piscina de bolas.

Quando o D. começou a ver que a DEE e o J. se iam embora, apressou-se a sair da piscina e calçou-se rapidamente. Na sala, ainda ficou a M. dentro da piscina de bolas.

Educadora: “Quem é que te deu autorização para vires para aqui novamente, M.?”

A M. saiu da piscina e só foi calçar-se quando saímos da sala.

Educadora: “Os meninos que não são do prolongamento vão arrumar. É verdade MI., os teus rebuçados?”
O MI. começou a distribuir um rebuçado por cada colega. O J. aceitou o rebuçado mas não o conseguiu desembulhar. O D. desembulhou o rebuçado e engoliu-o.
DEE: “Queres um rebuçado?”
O J. olhou e a DEE: “Quer.”
IN.: “O J. não consegue abrir.”
DEE: “Queres ajudá-lo?”
IN.: “Sim.”
DEE: “És capaz de dizer como se faz?”
A IN. desembulhou o rebuçado e deu-o ao colega.
DEE: “O que é que se diz, J.? Obrigado.”
O J. não falou mas olhou para a IN.
Educadora: “Vão pôr o papel no lixo. Hoje é 6.ª feira... Agora, vão ter o sábado e o domingo para descansar.”
A DEE que também tinha um rebuçado foi junto do J., entregou-lhe o seu, disse-lhe para o desembulhar e ajudou-o a controlar os movimentos da mão.
DEE: “Abre, desenrola.”
Educadora: “Vão pôr os papéis no lixo.”
A seguir, o D. agarrou em puzzles e levou-os para a mesa.
DEE: “Queres fazer o puzzle?”
Primeiro, o D. mencionou os elementos que faziam parte do puzzle. Depois virou-o ao contrário para o desmontar. Começou a fazer o puzzle da família e abanava a cabeça ao ouvir a música.
DEE: “O desenho está ali em baixo.”
D.: “Eu sei.”
Enquanto o D. montava o puzzle e o J. desenhava figuras geométricas com ajuda de pontinhos, a Educadora cantava e mimava canções infantis que os meninos e meninas estavam a visualizar no computador.
A M. foi sentar-se ao lado do D. a vê-lo trabalhar.
DEE: “Põe direito. Põe bem. Onde está o pai?”
D.: “Aqui.”
Quando o D. terminou o puzzle da família, começou outro.
DEE: “Senta-te, M.”
Educadora: “Temos de ensaiar o hino da fruta.”
Os meninos começaram a cantar o hino e o D. começou também a cantar. O D. acabou o puzzle e ficou a ouvir a música.
DEE: “Queres ir para ali?”
O D. não respondeu.
DEE: “As meninas estavam a dançar?!”
A DEE perguntou ao D.: “Queres fazer esse outra vez?”
D.: “Não.”
Começaram a ouvir a música sobre a fruta.
DEE: “Gostas de fruta, D.?”
D. muito baixinho: “Sim.”
A seguir, o D. foi sentar-se junto dos outros meninos e meninas em frente ao computador.
Educadora: “Bom fim de semana mas agora vocês [J. e D.] têm de ir lanchar.”
O D. sorriu.
DEE: “J., vamos lanchar. Fecha. Queres ir lanchar, J.? Tens de ir lanchar.”
A DEE viu que o D. tinha a cara suja: “Vamos lavar a cara que eu não gosto de [calou-se.] A C. vai com o D. lavar a cara à casa de banho. Está bem, J.? Já venho. Está bem? Queres ir lanchar? Queres?”
O J. abanou a cabeça para um lado e outro.
Um menino surpreendido com o J. por não querer lanchar: “Não queres ir lanchar?!”
Educadora: “Ó J., tens de ir lanchar. Está bem?”
O J. olhou para a DEE.
DEE: “Pois tem. Vamos também à casa de banho?”
O D. e o J. lancharam e foram à casa de banho.

Apêndice 12 – Registo de observação naturalista: observação da DEE “Sandra”, no Jardim-de-Infância, durante as atividades letivas - 1

Docentes: “A.N.” e “S.”

Alunos: a E. diagnosticada com Síndrome de Down, cardiopatia congénita e catarata congénita [sic].

Período de observação: 9h/10h30

Observação: SOB₁+ AN₁

Data: 07/06/2016

Descrição das situações e comportamentos/atividades observadas

Os meninos entraram na sala e ficaram sentados em bancos de madeira compridos dispostos em *u* na chamada ‘Zona da Reunião’. A Educadora do Jardim de Infância (A.N.) apresentou a observadora. A DEE via a E. sentada no banco junto dos seus pares.

Alguns meninos falavam.

Um menino foi contar os presentes: “Um, dois, três, quatro, cinco, (...)”

Outro menino: “Ele está a contar mal.”

Educadora: “Cala-te. Meus senhores, posso falar? A., quem é o chefe?”

A.: “É o P.”

O P. começou a contar: “Um, dois, três, quatro.”

Menino: “O B. também está a contar.”

Educadora: “Ele também pode contar. Tem é de contar baixinho para ver se o que está a contar está a fazer bem. Ele até está a fazer muito bem. No fim, vai ver se contou bem. Ele é pequenino. Está a aprender. Anda lá meu amor. Começa outra vez a contar que eu ajudo-te a contar. Volta lá a contar alto para todos ouvirmos.”

P.: “Um, dois, três, quatro.”

Educadora: “Boa, para ouvirmos todos.”

P.: “Cinco, seis, sete.”

Educadora: “Sim.”

P.: “Oito, nove, dez, doze.”

Educadora: “10, 11.”

O P. voltou a contar: “11, 12, 13, 14, 15, 16 e 17.”

Os outros meninos também ajudaram a contar em coro a partir do 15.

Educadora: “São 17 meninos. Então vai buscar o cartão com o número 17. Vai à caixa com os cartões para descobrires qual é o número 17.”

Menino: “Eu vou lá.”

Educadora: “Ele vai lá tirar. Vocês são terríveis! Têm de o deixar fazer. Não é?”

O P. não foi logo fazer o que a Educadora lhe mandou.

Educadora: “Vai lá buscar a caixa com os cartões para descobrires o número 17. Vai lá.”

O P. foi colar o cartão com o número 17 nas presenças.

Educadora: “Quantos meninos faltam?”

Menino: “Eu sei. Dois.”

Menina: “Faltam quatro.”

Menina: “Três.”

Uma menina vinha a entrar.

Educadora: “Olhem, já falta menos uma. Já vem ali a ‘madame’.”

Menino: “Ah, pois já!”

A mãe da menina M.: “Bom dia!”

Menina: Eram quatro. Agora, só faltam três.

Educadora: “Ó pequenina, vais tirar o teu cartão e vais lá pô-lo.”

Alguns meninos em coro: “Faltam três.”

Educadora: “Agora, só faltam três. Muito bem. Agora são 18. Olha P., são 18. Boa, porque agora já veio a M. que vai pôr o seu cartão da esquerda para a direita. Não é por aí que se entra M. mas por aquele lado. Ó chefe vai lá ensinar a M. a colocar o cartão, meu amor. É da esquerda para a direita.”

Menino: “E já andava há muito tempo a não pôr.”

Menina: “Não andava nada.”

Menino: “Andava aqui há muito tempo e já na outra escola.”

Educadora: “Muito bem. O chefe vai arrumar a caixa com os cartões. Sabem uma coisa? Quem é que se lembra que dia

foi ontem, que eu já me esqueci?”

Fez-se silêncio e nenhum menino respondeu.

Educadora: “Hoje é 3ª feira e ontem que dia foi?”

Menina: “Foi 2ª feira.”

Educadora: “Foi 2ª feira. Muito bem mas eu não sei que dia foi. Ninguém lá pôs o dia. Sei que no domingo foi dia 5. Que dia foi na 2ª feira?”

Menino: “Dia 6 e hoje é dia 7.”

Educadora: “Então vai buscar o cartão número seis e vai lá pôr. Vai lá pôr o seis na 2ª feira.”

Menino: “E também falta o número sete na 3ª feira.”

Educadora: “Mas não vais ser tu que vais pôr o dia sete. Quem vai pôr o dia sete é o chefe. Tu tens é de ir buscar o número seis.”

Menina: “A.N., amanhã vai ser a festa.”

O menino estava à procura do número seis e não sabia qual era.

Educadora: “Esse não é o número seis.”

Menino: “Ah, está aqui.”

Menina: “Estás a ver mal.”

Educadora: “O E.D. não vem à escola. Está todo baralhado! Procura aí a seguir ao número cinco, qual é o número que vem a seguir.”

O E.D. colocou bem o número seis.

Educadora: “Muito bem.”

Um menino começou a falar alto.

Educadora: “Fala mais baixo. Estás a estragar as cordas vocais. Posso falar?”

Os meninos calaram-se.

Educadora: “O nosso chefe está a demorar muito tempo a arrumar. Então vou pedir a outro menino.”

E.D.: “Eu vou lá.”

Educadora: “Não porque tu já lá foste hoje. Ó F., que dia é hoje?”

F.: “É dia 7.”

Educadora: “É dia 7. Vai lá pôr. Dia 7, 3ª feira.”

O F. colocou bem o cartão com o número sete na 3ª feira.

Educadora: “O F. está com atenção.”

Menina: “A.N., o calendário de junho?”

Educadora: “Já disse que ainda não fiz o calendário deste mês de junho. Depois explico-vos porquê. Está ali o calendário que nós estamos a fazer. Não tem é lá a palavra do mês. Como é que se chama este mês? É maio ou junho?”

Meninos: “É junho.”

Educadora: “Então se é junho falta lá a palavra junho. Um, dois, três, chiu. Vamos começar. Eu quero os finalistas aqui todos de pé.”

Alguns meninos finalistas em coro: “Todos de pé.”

Menino: “Aqui.”

Educadora: “Aqui os finalistas.”

Os finalistas ficaram de pé à espera que a Educadora lhes desse ordens.

Educadora: “Isso, isso.”

Menina: “Ele não vem para aqui?”

Educadora: “Não porque ele não é finalista.”

Menina: “Mas antes ele estava em pé.”

Educadora: “Ele está a fazer bem. Eu agora vou cantar primeiro. Depois vão cantar sozinhos para verem se conseguem cantar a nossa cantiga. Eu só vou cantar uma vez. É assim: ‘Adeus amiguinhos, nós vamos partir, vamos para outro ciclo, sempre a sorrir, sempre a sorrir, sempre a cantar. Adeus amiguinhos, nós vamos estudar, sempre a sorrir, sempre a cantar. Adeus amiguinhos, nós vamos estudar.’ Vamos lá a ver se já conseguem.”

A Educadora cantou a canção para os meninos cantarem a seguir. A Educadora colocou o microfone em frente dos meninos finalistas.

Educadora: “Vamos lá a ver se já conseguem. Um, dois, três. Quero ouvi-los a todos. Vocês os três chegam-se, assim. Vocês são mais pequeninas ficam à frente. Vocês são mais altos sentam-se aqui ali atrás para todos tentarem usar o microfone. Vá lá. Um, dois, três.”

Os meninos finalistas cantaram duas vezes com a ajuda da Educadora.

A Educadora agarrou no microfone e começou a falar.

Educadora: “Este microfone não serviu para nada. Agora, já se ouve. Vocês têm de aprender a usar o microfone. Está bem? Vocês têm de se organizar e tentar usar este microfone sem eu dizer nada. Está bem? Certo?”

Menino: “Ele estava a fazer isto [um gesto].”

Educadora: “Vamos lá embora. Vamos sentar e vocês também podem fazer. Se é sempre a sorrir é uma festa. Para aqui os pré-finalistas. Pré-finalista, pré-finalista, pré-finalista. Boa. Pré-finalista! Não há mais ninguém? Falta o D. Não encostem isso [o microfone] à boca se não ficam com a boca preta. Vá lá. Um, dois, três.”

Os pré-finalistas cantaram com ajuda da Educadora: “Adeus amiguinhos, ides abalar, ides para outro ciclo, para estudar, para estudar, para crescer. Adeus amiguinhos, ides aprender, para estudar, para estudar, para crescer. Adeus amiguinhos, ides aprender.”

Educadora: “Está bem?”

Quase todos os meninos queriam falar ao mesmo tempo e a Educadora: “Agora são os caloiros.”

Menino: “Os caloiros vão usar a chupeta.”

A DEE acompanhou a menina E. quando ela foi cantar com os colegas caloiros. A DEE ajoelhou-se ao lado da E.

A Educadora cantou sempre e bracejou para alegrar o grupo dos caloiros.

Os caloiros cantaram com ajuda da Educadora e da DEE: “Nós somos caloiros muito pequeninos. Ainda ficamos mais dois aninhos.”

Educadora: “Mais uma vez. ‘Nós somos caloiros muito pequeninos. Ainda ficamos mais dois aninhos.’ Vá lá.”

Caloiro: “Eu não quero cantar.”

Educadora: “Chiu. Quero ouvir os pequeninos. ‘Nós somos caloiros muito pequeninos. Ainda ficamos mais dois aninhos.’ Linda [E.], vá.”

DEE riu-se: “Muito bem, E.”

A E. riu-se também.

Educadora: “Vá lá. ‘Nós somos caloiros muito pequeninos. Ainda ficamos mais dois aninhos, mais dois aninhos para amadurar. Adeus amiguinhos, nós vamos ficar.’ Depois fazem uma vénia.”

Menino: “Ó A., eu não vi aqueles dois ali atrás.”

Educadora: “Querem mais uma vez? Aos pequeninos custa mais. Vá lá. Um, dois, três. ‘Nós somos caloiros muito pequeninos. Ainda ficamos mais dois aninhos, mais dois aninhos para amadurar. Adeus amiguinhos, nós vamos ficar.’ Pronto. Uma vénia.”

As meninas e os meninos caloiros fizeram uma vénia. A E. fez o gesto [vénia] com a orientação da DEE.

Educadora: “Vão-se lá sentar.”

As meninas e os meninos caloiros foram sentar-se nos seus bancos.

Educadora: “Agora vou ver quem já sabe. Chiu. Ora muito bem. Todos sentadinhos e eu vou ficar à espera que se lembrem que estão na escola e que estão a aprender as cantigas para depois fazermos a nossa festa de final de ano. Pode ser? Ora há aqui uma finalista que já sabe.”

Menina: “Eu também.”

Educadora: “Então vamos ver!”

Menino: “Eu também.”

Educadora: “Vamos ver.”

Menino: “Eu já sei a canção.”

Educadora: “Agora, vamos para os finalistas que já sabem. Eu quero ouvir com muita atenção. Eu quero que os finalistas fiquem deste lado. Tu sabes, ficas deste lado. Outro finalista que saiba?”

Uma menina levantou-se.

Educadora: “Tu sabes, ficas aí. Quem é que sabe mais dos finalistas?”

Dois meninos levantaram-se.

Educadora: “Boa. B.E.?”

B.E.: “Ainda não sei.”

Educadora: “Não faz mal, meu amor. Então, no nosso grupo de finalistas só faltam a B.E. e o A.R. Têm de estar com muita atenção para aprenderem a canção. Certo? Um, dois, três.”

O grupo dos finalistas à exceção da B.E. e do A.R. cantaram a canção com ajuda da Educadora.

Educadora: “Ó menino vira-te para a frente se fazes favor. Vamos cantar a canção mais uma vez. Cantem com alegria. É a vossa festa. Um, dois, três.”

O grupo dos finalistas à exceção da B.E. e do A.R. voltaram a cantar a canção com ajuda da Educadora: “Adeus amiguinhos, nós vamos partir, vamos para outro ciclo, sempre a sorrir, sempre a sorrir, sempre a cantar. Adeus amiguinhos, nós vamos estudar, sempre a sorrir, sempre a cantar. Adeus amiguinhos, nós vamos estudar.”

Educadora: “É verdade. Muito bem, mas este micro não serviu para nada.”

A Educadora pegou no microfone e falou para ele: “Um, dois, três. Ah! Já está melhor. Agora, já se ouve. Vamos ver quem é que do grupo dos pré-finalistas já sabe a canção?”

Imediatamente, vários meninos e meninas responderam em coro: “Eu.”

Educadora: “Chiu. Um de cada vez. Tu és caloiro não podes lá ir. Agora, são os pré-finalistas.”

A Educadora dirigiu-se ao grupo dos pré-finalistas: “Tu já sabes, meu lindo?”

Menino: “Sim.”

Educadora: “Vai para ali, meu amor.”

Menina: “Eu também já sei.”

Educadora: “Também minha querida! Estavas a dizer que não! Tu decide-te.”

Menina: “Eu sei a dos finalistas e a dos caloiros.”

Educadora: “Tens de aprender também a tua. Deixa-te estar aí. Os outros pré-finalistas ainda não sabem?”

Menino: “O P.?”

Educadora: “O P.! Qual P.?”

Menina: “O P. é caloiro.”

Educadora: “Os pré-finalistas são sete. O senhor ainda não sabe?”

Menino: “Não.”

Educadora: “Ai! Tem de aprender com muita atenção! Vocês têm de se pôr assim para todos os verem. Vocês são muito lindos. Vamos ver se todos aprendem.”

Menino: “Não consigo ver!”

Educadora: “Não consegues ver? É só olhares! Um, dois, três. É esta a vossa canção: Adeus amiguinhos, ides abalar, ides para outro ciclo, para estudar, para estudar, para crescer. Adeus amiguinhos, ides aprender, para estudar, para crescer. Adeus amiguinhos, ides aprender.”

A Educadora acompanhou o grupo dos pré-finalistas a cantar a canção, pois ainda não tinham decorado a canção.

Educadora: “Eles agora vão aprender outras coisas. Não é? Vão aprender a ler e a escrever.”

A Educadora pegou de novo no microfone: “Agora, são os caloiros, os mais pequeninos.

A Educadora começou a cantar a canção dos caloiros: “Nós somos caloiros muito pequeninos. Ainda ficamos mais dois aninhos.”

Quando a Educadora terminou de cantar a canção: “Ai que fixe! Vá lá! Vá lá meu amor! Agora, vamos todos ajudar os pequeninos. Vamos lá.”

Menino: “Não consigo ver a cara da minha colega I.”

Educadora: “Pois não, meu amor. Depois está toda a gente em fila e toda a gente vê. Um, dois, três.”

Um pré-finalista começou a falar muito alto.

Educadora: “Este pré-finalista não se está a portar bem. Vamos lá ver se vocês já sabem ou se é preciso ajudar.”

Os pré-finalistas começaram a cantar com a ajuda da Educadora.

Menino: “A., eu cantei muito alto para eles ouvirem.”

Educadora: “Fizeste bem. Agora são os caloiros. A E. já está pronta para ir cantar?”

DEE: “Sim. Já estou aqui ao pé dela.”

Educadora: “É isso mesmo. É isso mesmo. Boa. Vamos cantar mais uma vez. Só mais uma vez.”

DEE: “Vira-te para a frente E.”

OS caloiros, a DEE e a Educadora cantaram a canção dos caloiros.

Menina: “A E. quase que não cantou.”

DEE: “A E. portou-se muito bem.”

Educadora: “Sim. A E. portou-se muito bem.”

A Educadora bateu as palmas: “Muito bem. Agora, é assim. Temos de ir fazer os nossos trabalhos. Está bem? Há meninos que já pintaram as imagens.”

A Educadora dirigiu-se a um menino: “Qual foi a imagem que pintaste?”

Menino: “Eu pintei a da coruja.”

Educadora: “A da coruja é quê? É finalista, pré-finalista ou dos caloiros?”

Menino: “É finalista.”

Educadora: Tu és finalista? Ah é! Vamos ver.”

Menino: “Eu sou pré-finalista.”

Educadora: “Eu bem me parecia que tu não eras finalista e que te estavas a enganar.”

A Educadora dirigiu-se a outro menino: “Que imagem é que pintaste?”

Menino: “Pintei a imagem de finalista.”

Menina: “Eu já estou a fazer a capa.”

Educadora: “Vocês sabem que a capa dela está a ficar tão gira? Olhem. Ela já está a enfeitar a capa. Está a ficar muito gira. A imagem já lá está dentro mas ainda não está colada, mas tem de se colar. Ora bem.”

Menina: “A., eu ainda vou ter de acabar.”

Educadora: “Pois eu sei, meu amor. Todos têm de acabar.”

Uma menina começou a chorar.

Educadora: “Ó pequena, vou-me zangar a sério. O que é que pintaste B.E.?”

B.E.: “Pintei a imagem dos pré-finalistas.”

Educadora: “A nossa B.E. não está bem! Já viste bem o que tu és, B.E.?”

B.E.: “Eu sou finalista.”

Educadora: “Também me parecia que eras finalista.”

A Educadora dirigiu-se a um menino: “Que imagem pintaste?”

Menino: “Foi a dos finalistas.”

Educadora: “E tu V.?”

V.: “Foi a dos finalistas.”

Educadora: “Pintaste uma imagem dos finalistas e ao lado estava um retângulo com quê?”

V.: “Estava a cantiga dos finalistas.”

Educadora: “E tu C., o que fizeste? Ainda não fizeste nada?”

C.: “Não.”

Educadora: “Pintaste alguma imagem?”

C.: “Pintei a de finalista.”

Educadora: “Ainda bem. Ó E., ó E.! Linda! Já pintaste a tua imagem E.?”

A E. riu-se.

Educadora: “Ó S. [DEE], a E. pintou uma chupeta, porque os caloiros têm chupetas com balões.”

Menina: “A E. pintou uma chupeta.”

Educadora: “Pois foi. Pintou uma chupeta. Aliás, pintou duas chupetas. Não foi?”

Menina: “A I. também tem chupeta. Ela já trouxe.”

Educadora: “Chiu. Eu não estou a falar dessas chupetas. Essas chupetas estragam-vos os dentes. Aquelas que vamos pendurar aqui não estragam os dentes. Olha, I. o que fizeste minha querida? A E. já disse que pintou duas chupetas. E tu, vieste ontem?”

Menina: “Eu estava ao lado dela.”

Educadora: “Não sabes o que pintaste, meu amor? Eu acho que pintaram todos. Estavam todos. Não foram ver o nosso estendal. Está lá. Não está lá a tua meu amor? Não?”

Menina: “Eu não fiz aquela.”

Educadora: “Agora, esta! Anda cá.”

A Educadora levou a menina a ver se descobria qual o desenho que tinha pintado.

Os meninos começaram a fazer muito barulho e a chamarem pela Educadora. Esta mandou-os calar: “Chiu. Silêncio.”

A menina agarrou no desenho que tinha pintado.

Educadora: “Ela sabe qual é a dela. Sim, senhora. P., qual foi o desenho que pintaste? És finalista, pré-finalista ou caloiro?”

P.: “Caloiro.”

Educadora: Se és caloiro vais ter uma chupeta pendurada ao pescoço. Pintaste uma chupeta ou pintaste duas chupetas?”

P.: “Pintei duas chupetas.”

Educadora: Pintaste duas chupetas.”

Educadora: “E., qual foi o desenho que pintaste? Diz à S. [DEE] que foram duas chupetas.”

DEE: “Pintaste duas chupetas? Muito bem, E.”

Educadora: “As da E. estão aqui.”

DEE: “Muito lindas.”

E.: “É.”

Os meninos voltaram a falar alto: “O D. não está cá.”

Educadora: “Chiu. Muito bem. E tu, G.? Quero ouvir só o G. O D. não vem esta semana que está de férias. Diz”

G.: “Pintei duas.

Educadora: “Pintaste duas. De que cor?”

G.: “De amarelo.”

Educadora: “Foi de amarelo. Pois é. As tuas fitas vão ser amarelas.”

Os meninos estavam a começar a fazer barulho novamente e a Educadora: “Será que tenho de ir aí para o meio? Até parece que sim! Já vamos trabalhar. Vamos acalmar. É só acabar isto agora. Ó lindo, o que és tu?”

Menino: “Eu sou pré-finalista.”

Educadora: “O que pintaste?”

Menino: “Eu pintei uma coruja.”

Educadora: “Eu pensava que era um mocho! Que engraçado! E tu, lindo?”

Menino: “Eu?”

Educadora: Sim. Tu és pré-finalista, não és?”

Menino: “Sou.”

Educadora: Sim? Afinal, o que é que tu és? Têm de estar com atenção. Eu, às vezes, prego partidas. Então, vá lá, diz lá. O que é que tu és? És finalista, pré-finalista ou caloiro?”

Menino: “Sou pré-finalista.”

Os colegas riram-se.

Educadora: “Tu és pré-finalista! Não tem piada nenhuma. Tu vais ficar cá mais um ano?”

Menino: “Não sei.”

Educadora: “Não sabes. Tu vais para o primeiro ano?”

Os colegas finalistas riram-se e responderam em coro: “Vai.”

Educadora: “Se vais para o primeiro ano, és finalista. Os finalistas são os que vão para o primeiro aninho. E tu meu lindo?”

A.L.: “Eu sou finalista.”

Educadora: “Muito bem. O que é que tu pintaste, A.L.?”

O A.L. não respondeu.

Educadora: “Hoje vocês não estão cá. Não há dúvida! Diz lá amigo.”

A.L.: “Pintei um menino.”

Educadora: “Como é que esse menino está? Tem alguma coisa na cabeça?”

A.L.: “Ah!”

Educadora: “Quem é que se lembra do nome do que tem na cabeça?”

Menina: “Cartola.”

Educadora: “Cartola. Muito bem. A cartola é de que cor?”

Menina: “Preta.”

Educadora: “A ti já não te vou perguntar mais nada. Daqui a pouco ponho-te de castigo. Já te disse que os meninos que estão a olhar para os que não se estão a portar bem, têm de ir para outro lado. Não estão a aprender. Diz lá. O que é que tu és?”

Menino: “Sou finalista.”

Educadora: “És finalista. Muito bem. E tu linda?”

Menina: “Pré-finalista e pintei um desenho com um mocho.”

Educadora: “É verdade. O teu desenho está muito bonito. Pintaste muito bem. Está muito bem pintadinho. Agora, vamos brincar com a palavra cartola. Depois vamos trabalhar.”

A Educadora repetiu várias vezes seguidas a palavra cartola.

A Educadora agarrou num menino: “Tu és o car.”

A Educadora agarrou num segundo menino: “Tu és o to.”

A Educadora agarrou num terceiro menino: “Tu és o la.”

Educadora: “Agora, vou pedir a esta senhora linda. Este é o car. Este é o to e este é o la. Eu vou tirar o car. Que pedacinhos é que ficam?”

Menina: “Toia.”

Educadora: “Eu disse toia.”

Menino: “Tola.”

Educadora: “Nós conhecemos uma palavra que é parecida com tola que é tola. Agora, vou tirar o to e vou por aqui o car.”

Meninos: “Carla.”

Educadora: “Carla. Boa. Palminhas para vocês.”

A Educadora bateu palmas às crianças.

Educadora: “Sim, senhora. Então, é assim. Só vou chamar quem estiver com juízo. Quem não estiver com juízo eu não chamo. Tenham paciência. Quatro meninos grandes [finalistas] vão para a mesa da G. [assistente operacional]. A G. vai dizer o que têm de fazer.”

A DEE sentou-se ao lado da E.

As meninas e os meninos começaram a fazer muito barulho na mudança de atividade.

Educadora: “Chiu. A I. vem para o pé de mim.”

A DEE começou a trabalhar com a E. na mesa onde estava a G. com crianças.

Educadora: “B.E., queres fazer o Lógico primo ou o Mini Lük [de ginástica mental]?”

B.E.: “Quero fazer o Lógico primo.”

Educadora: “Muito bem. Ó N., vais buscar a plasticina e vais fazer plasticina naquela mesa [mesa onde estava a G. e a DEE]. Sou eu que mando.”

G.: “Vão acabar de recortar os círculos e vão acabar de colar o que tiverem nas pastas.”

Educadora: “Ouçam. O D. vai para o computador.”

A DEE pegou em vários lápis e colocou-os em cima da mesa.

G.: “Vai buscar uma tesoura.”

Menino: “Ainda não sei recortar muito bem.”

G.: “Vais aprendendo.”

A DEE começou a trabalhar na mesa com a E. onde estava a G. e a perguntar-lhe as cores.

A Educadora trabalhou sozinha numa mesa com quatro crianças. Duas fizeram o jogo do Lógico primo e outras duas fizeram o jogo do Mini Lük.

A Educadora disse aos meninos caloiros para irem brincar na zona de lazer e que a E. continuava com a DEE.

A DEE estava a trabalhar as cores com a E.: “Que cor é esta?”

E.: “Preta.”

DEE: “Preta. Onde é que está o lápis vermelho?”

A E. agarrou o lápis azul.

DEE: “Esse é o azul. Não é o vermelho.”

A DEE agarrou num lápis vermelho: “Este é que é o lápis vermelho.”

A DEE agarrou num lápis branco e perguntou à E.: “Qual é esta cor?”

E.: “Vede.”

DEE: “Não. É branco.”

A E. repetiu mas foi mal.

DEE: “E esta cor? Que cor é?”

A E. respondeu que era cinzento.

DEE: “Cinzento. Olha, que cor é esta?”

A E. ia falando.

A DEE agarrou num lápis amarelo: “Que cor é esta?”

A E. não respondeu, mas agarrou no lápis que a DEE tinha.

DEE: “Amarelo.”

A E. agarrou num lápis azul: “Azul.”

DEE: “Muito bem. Ainda se lembra. Olha E., agora vamos pintar este desenho.”

Os contornos desse desenho levaram cola.

A DEE agarrou num lápis preto: “Vamos pintar aqui, aqui e aqui com esta cor.”

E.: “Castanho.”

DEE: “Castanho! Este é preto. E., onde está o sapato da menina?”

A E. apontou para o sapato.

DEE: “Este é que é o castanho.”

E.: “Castanho.”

DEE: “Boa. Castanho.”

A E. agarrou um lápis preto mal e a DEE contrariou a posição da mão da E.

A DEE ajudou a E. a pintar o desenho.

Menino: “Posso vir para aqui?”

DEE: “Podes.”

O menino sentou-se ao lado da E. a fazer plasticina. A E. distraiu-se com a plasticina e pegou logo num bocadinho de plasticina que estava em cima da mesa.

Uma menina estava doente e teve de sair da sala para ir tomar remédio.

Educadora: “Vai lá fora tomar o remédio.”

A menina saiu da sala para lhe darem o remédio.

A E. e a DEE acabaram de pintar o desenho.

A E. recortou o desenho com a ajuda da DEE.

DEE: “E., vai buscar o teu caderno para colarmos lá o desenho.”

A E. foi buscar o seu caderno que era o primeiro acima de um armário baixo.”

A DEE colou o desenho no caderno: “O desenho já está colado. Podes ir arrumar o caderno?”

E.: “Sim.”

A E. foi arrumar o caderno no mesmo sítio e voltou para junto da DEE.

DEE: “Agora, vamos dizer o nome dos frutos.”

A DEE foi buscar os símbolos do SPC.

A G. dirigiu-se aos meninos finalistas que estavam a recortar: “Olhem que isso é bem recortadinho. Vira. Estás a fazer isso muito depressa.”

Educadora: “Chega-te aqui para o pé de mim. Vamos lá. B.E., tens de deslocar o botão com a cor vermelha para a frente do objeto que lhe corresponde, na coluna da direita. Tu sabes!”

A B.E. foi fazendo o jogo sem problemas.

A Educadora ia ajudando a fazer algumas pastas e ia orientando algumas crianças da mesa do lado: “Ainda te falta colar isto [ano letivo] na pasta.”

Menino finalista: “Isto está bem?”

Educadora: “Sim. Continua, mas com cuidado para não estragares ao enfiar a folha no quadro. Quando não souberes, podes virar e vê a solução com a posição das cores. Correto?”

Menino finalista: “Sim.”

G.: “Vais buscar um lápis. Desenhaste primeiro se quiseres e depois pintas.”

Educadora: “Anda cá M. O número seis é que é o lado contrário do número nove. Vamos ver se está certo.”

A E. queria levantar-se da cadeira onde estava sentada.

DEE: “Para o chão, não.”

A E. descalçou a sapatilha e logo a seguir tirou a meia.

A DEE teve de ir calçar a E.

Educadora: “Escrevam a data.”

Menina: “Ele não está a fazer bem a data.”

Educadora: “O importante é escreverem da esquerda para a direita.”

DEE: “E., agora dizer o nome dos frutos. Está bem?”

E.: “Sim.”

A DEE mostrou um cartão com uma maçã: “Que fruta é esta? É uma maçã? Sim ou não?”

E.: “Sim.”

DEE: “Maçã. Repete comigo. Maçã.”

E.: “Maçã.”

A DEE mostrou um cartão com uma laranja: “Muito bem. Que fruta é esta? É um morango? Sim ou não?”

E.: “Não.”

DEE: “Morango. Repete comigo. Morango.”

E.: “Moango.”

DEE: “Mas não é um morango. É uma laranja.”

A DEE mostrou um cartão com uma banana: “Agora, que fruta é esta? É uma banana? Sim ou não? Sim.”

E.: “Sim.”

A DEE mostrou um cartão com uma fatia de melancia: “Que fruta é esta? É uma fatia de melancia? Sim ou não?”

E.: “Não.”

DEE: “Sim. É uma fatia de melancia.”

A DEE mostrou um cartão com uma pera: “Que fruta é esta? É uma pera? Sim ou não?”

E.: “Sim.”

Menino: “Ela [E.] está a aprender os nomes da fruta.”

A DEE mostrou um cartão com um morango: “Que fruta é esta? É um morango? Sim ou não?”

E.: “Sim.”

Uma menina utilizou uma máquina fotográfica para tirar fotografias aos colegas e registar as atividades que estavam a fazer, a pedido da Educadora.

G.: “A.N., mandei embora o A. pois não os podia ter a todos aqui nesta mesa.”

Educadora: “Rápido. Agora A., vens aqui para o pé de mim.”

A DEE deu à E. um puzzle com duas peças: “Monta o puzzle da galinha.”

A E. montou o puzzle da galinha.

A DEE deu à E. um puzzle de um coelho com duas peças: “Monta o puzzle do coelhinho.”

A E. montou o puzzle do coelho.

A DEE deu um puzzle com cinco peças com a imagem de um gato para a E. completar: “Qual é a peça que se põe aqui em cima? Olha! Olha!”

A E. agarrou nas peças e deixou-as cair no chão.

DEE: “Tudo para o chão!”

A DEE apanhou as peças do chão: “E., olha aqui! Qual é a peça que se põe aqui?”

A E. colocou as peças mas a DEE teve de a ajudar a montar o puzzle.

Educadora: “Vamos arrumar que está na hora do lanche.”

Os meninos e as meninas começaram a arrumar os brinquedos.

Educadora: “A., vai apanhar aqueles papéis que estão no chão. M., aqueles brinquedos ainda não estão arrumados.”

Alguns meninos e meninas começaram a fazer fila do lado de dentro da porta para irem lanchar no refeitório, porque o chefe começou a chamar os colegas um a um.

DEE: “E., dá-me um beijinho e bom lanche.”

A E. levantou-se para ir ter com os colegas e ir lanchar.

A campainha tocou.

Educadora: “Bom lanche.”

Todos os meninos e as meninas saíram para irem lanchar.

Apêndice 13 – Registo de observação naturalista: observação da DEE “Sandra”, no Jardim-de-Infância, durante as atividades letivas - 2

Docentes: “C.” e “S.”

Alunos: o N. diagnosticado com Problemas de Comunicação, Linguagem e Fala [sic].

Período de observação: 13h30/14h15

Observação: SOB₂ + C₂

Data: 07/06/2016

Descrição das situações e comportamentos/atividades observadas

Uma assistente operacional levou os meninos e as meninas depois de almoçarem para a sala do Jardim de Infância e entrou com eles. Quando [os meninos, as meninas e a assistente operacional] entraram, a Educadora C. estava a acabar de preparar os materiais necessários para a aula.

A Educadora apresentou o novo elemento [observadora] às crianças: “É a Professora M. Digam boa tarde.”

Algumas crianças em coro: “Boa tarde.”

Educadora: “Vais trabalhar [DEE] um bocadinho com o N. na mesma, individualmente?”

DEE: “Sim, como de costume.”

Havia três mesas na sala. Em cima de cada mesa havia trabalho distribuído consoante as idades das crianças.

Educadora: “Meninos, para as mesas do costume.”

Os meninos e as meninas foram sentar-se rapidamente para começarem a trabalhar.

A Educadora combinou o plano da aula com a assistente operacional.

O N. chamou a atenção da DEE para ver os brincos da assistente operacional: “Olha, é outro.”

DEE: “Queres um desenho?”

N. mexendo na orelha: “Não. Voam.”

DEE: “Ah! Os brincos dela têm umas borboletas.”

A Educadora orientou os meninos e as meninas de três anos que estavam juntos numa mesa para irem pintar desenhos com lápis de cor: “Meninos, não quero muita conversa. Pintem com gosto.”

Educadora: “Ó F., estás sossegada! Deixa a tua colega trabalhar.”

Menina: “Não consigo afiar o lápis.”

Educadora: “Então, a minha amiga ainda não sabe afiar!”

A Educadora não foi afiar o lápis à menina: “Vá já afiar o lápis imediatamente, a correr.”

Noutra mesa estavam os meninos e as meninas de quatro e cinco anos para recortarem e colarem desenhos em folhas de cartolina A₄.

Educadora: “Vamos recortar esses desenhos bem para os colarmos nas pastas para levarem para casa com os vossos trabalhos.”

Menino: “Para o pai e a mãe ficarem contentes. A minha mãe quer que eu me porte bem.”

Educadora: “Todas as mães querem que os filhos se portem bem. Não é verdade, F.?”

F.: “É.”

Educadora: “Também acho que sim. Agora, vou para aquela mesa [mesa só com os finalistas]. Trabalhem.”

Na terceira mesa, os meninos e as meninas finalistas iam começar a fazer a avaliação diagnóstica de Estudo do Meio.

A Educadora começou a ler o que os meninos e as meninas finalistas tinham de fazer: “Olhem para os desenhos da ficha. Digam se são um menino ou uma menina, pintando a opção correta (desenho do menino ou da menina). A seguir, escrevem o vosso nome na linha. Se forem um menino têm de escrever o vosso nome e completar a frase ‘Olá! O meu nome é:’. Se forem uma menina, escrevem o vosso nome em cima da linha, no balão que está a sair da boca da menina.”

A DEE começou a trabalhar com o N. fazendo a leitura com o menino de uma história com símbolos do SPC para aprender a contar até dez.

N. leu: “*Uma tartaruga foi passear: encontrou um ratinho. E agora? Já são dois. Dois amigos foram passear: encontraram um peixe. E agora? Já são três. Três amigos foram passear: encontraram um pato. E agora? Já são quatro.*”

O N. ia lendo mas, às vezes, ia contando desde o número um até ao número em que ia: “Um, dois, três e quatro. *Quatro amigos foram passear: encontraram um índio. E agora? Já são cinco.* Um, dois, três, quatro e cinco. *Cinco amigos foram passear: encontraram um rei. E agora? Já são seis.* Um, dois, três, quatro, cinco e seis. *Seis amigos foram passear: encontraram um velhote. E agora? Já são sete.* Um, dois, três, quatro, cinco, seis e sete. *Sete amigos foram passear: encontraram um urso. E agora? Já são oito.* Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete e oito. *Oito amigos foram passear: encontraram o Tito. E agora? Já são dez.* Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito e dez.

DEE: “São só nove até aqui. Dez é só aqui.”

N.: “Nove amigos foram passear: entraram uma cen...”

DEE: “Centopeia.”

N.: “Centopeia. E agora? Já são dez. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove e dez.”

Quando o N. chegou ao final da história ficou muito satisfeito: “Hei, consegui!”

DEE: “Muito bem!”

N.: “Já fizemos a história.”

DEE: “Já fizemos muita coisa! Não foi, N.?”

N.: “Sim.”

Educadora: “Ó M.A., deixa a tua colega A. sossegada para conseguir trabalhar. Não quero que estejam a conversar uns com os outros. Não quero barulho. Ouviram bem?”

A Educadora passou a outro exercício da ficha de Estudo do Meio: “Agora, vão desenhar o número de velas que corresponde à idade de cada um e pintam ao vosso gosto.”

DEE: “Vamos lá. Vamos pôr a data.”

N.: “Aqui?”

DEE: “Põe a data aqui.”

O N. quando escreveu a data estava a falar alto o que estava a escrever: “O [número] sete, zero, seis.”

DEE: “Dois mil e dezasseis.”

Educadora: “Não se enganem. Cada um sabe quantos anos tem.”

Os meninos desenhavam as velas que correspondiam à sua idade.

Educadora: “Ó menino tens problemas de coluna? Endireita-te. Quando chegares à minha idade, não sei como é?”

O menino endireitou-se mas voltou à mesma posição.

Educadora: “Menina trabalhadora! Muito bem!”

A DEE disse ao N. o que tinha de fazer: “Este exercício é para vermos qual é o som intruso. Estás a ver estes desenhos. Vê o que é isto. Vê se todos têm o som *r*? Vais riscar o que não tem o som *r* e vais contornar o desenho que tem o som *r*.”

N.: “Carro.”

DEE: “Carro tem o *r*? Tem?”

N.: “Sim.”

DEE: “Põe uma rodinha, um círculo, em volta do desenho, aqui.”

N.: “Tevisão.”

DEE: “Hein. Isto não é uma televisão. Isto é um rádio.”

N.: “Rádio.”

DEE: “Olha para mim. A palavra rádio tem o *r* ou não? Diz tu.”

N.: “Rádio. Tem.”

Educadora: “Não quero o bolo todo pintado da mesma cor. Quando fazem anos o vosso bolo não é todo da mesma cor, pois não? Esse também tem enfeites e precisa de ser pintado com cores diferentes.”

Menina: “Vou fazer seis anos e a mãe vai fazer-me uma festa.”

Educadora: “Está bem mas não converses.”

DEE: “Ah! Muito bem. Isto aqui, o que é?”

N.: “É um reão.”

DEE: “Tu dizes reão ou leão.”

N.: “Reão.”

DEE: “Tu dizes o *r* aí? Isto é um leão.”

N.: “Reão.”

DEE: “Não. Leão. Eu não disse um *r* em leão, pois não? Repete. Leão.”

N.: “Leão.”

DEE: “Isso. E isto o que é?”

N.: “É um rato.”

DEE: “Rato.”

N.: “Rato.”

DEE: “Rato tem *r*?”

N.: “Tem.”

DEE: “Muito bem. Vamos lá.”

Os meninos e as meninas da mesa dos três anos trabalhavam mas iam conversando baixinho entre eles.
Educadora: “Silêncio! Não quero ouvir conversa. Os vossos colegas precisam de estar concentrados.”
O N. circundou o desenho do rato.
DEE: “O que é isto?”
N.: “É uma cama. Cama.”
DEE: “É o c.”
N.: “Não tem *r*.”
DEE: “Muito bem. Agora, o que é isto?”
N.: “É uma maçã.”
DEE: “Tem o som *r*?”
N.: “Tem.”
DEE: “Tem? Olha lá, é maçã ou marã?”
N.: “É marã.”
DEE: “Não. É uma maçã. Não tem *r*. E esta o que é?”
N.: “É uma baca.”
DEE: “Não. É uma vaca. Emenda. Diz.”
N.: “Baca.”
DEE: “Vaca. *Va-ca*.”
N.: “Vaca.”
DEE: “Vaca tem o som *r*?”
N.: “Não.”
DEE: “Muito bem. O que é isto?”
N.: “É um caderno.”
DEE: “Agora, os colegas do teu grupo estão a começar a fazer a ficha diagnóstica do pré-escolar. Tu também vais fazer por estes dias a ficha que eles estão a fazer.”
N.: “Ah!”
DEE: “Agora, vais ver quais as palavras que têm o som *p*. Vais riscar o que não tem o som *p* e vais contornar o desenho que tem o som *p*. O que é isto?”
N.: “Camisola.”
DEE: “Não.”
N.: “Casaco.”
DEE: “Não. É uma camisa.”
N.: “Camisa.”
DEE: “Camisa tem o som *p*?”
N.: “Não.”
DEE: “Muito bem. Vamos ver aqui. O que é isto?”
N.: “Pato.”
DEE: “Tem o *p*?”
N.: “Tem.”
DEE: “O que é isto aqui?”
N.: “É uma bola.”
DEE: “Bola tem o som *p*? Tens de decidir. Olha. *Bo-la*.”
N.: “Não.”
DEE: “Tu dizes pola ou bola?”
N.: “Bola.”
DEE: “Então, bola tem o som *p*?”
N.: “Não.”
Educadora: “Já está?”
Alguns meninos finalistas: “Sim.”
Menino finalista: “Ainda não terminei.”
Educadora: “Despacha-te. A seguir, no exercício seguinte têm de fazer o vosso autorretrato de corpo inteiro.”
DEE: “Então, vamos lá. O que é isto?”
N.: “Pão.”

DEE: “Pão tem o som p?”

N.: “Tem.”

DEE: “Isto aqui é o quê?”

N.: “Bota.”

DEE: “Estás a dizer que aqui é bota? Aqui é que é bota. Não é aí.”

N.: “É sapato.”

DEE: “Sapato tem o som *p*? *Sa-pa-to*.”

N.: “Não.”

DEE: “Não!”

N.: “Tem.”

DEE: “Onde? *Sa-pa-to* onde está o *p*?”

N.: “Ah! *Sa-pa-to*!”

DEE: “Olha. Vamos fazer assim.”

A DEE agarrou na mão do menino N., esticou-lhe um dedo da mão e disse *sa*, esticou outro dedo e disse *pa* e esticou outro dedo e disse *to*.

DEE: “Onde está o *p*?”

O N. apontou para o dedo do *pa* [sílabo mediana da palavra].

A DEE começou a escrever *pa, pe, pi, po, pu* em maiúsculas e minúsculas como se fosse nas teclas de um piano, usando apenas cinco teclas para que o N. tocasse nessas teclas.

DEE: “Isto está a ficar parecido com um piano?”

N.: “Está.”

DEE: “Gostas de tocar piano?”

N.: “Não sei.”

DEE: “Nunca tocaste piano?”

N.: “Não.”

DEE: “Vamos tocar piano. Já viste teres aqui um piano no caderno.”

N.: “*Tum-tum-tum-tum-tum*.”

DEE: “N., tens lavado os dentes?”

N.: “Já lavei.”

DEE: “Temos de lavar os dentes todos os dias. Depois cheiramos mal dos dentes e apodrecem.”

N.: “Eu lavo.”

DEE: “Lavas os dentes todos os dias antes de vires para a escola? À noite?”

N.: “Não.”

DEE: “Tens de dizer à mãe. Está bem?”

Educadora: “Agora, vão pintar os animais que vivem na terra. Rodeiam os que vivem na água e colocam uma cruz nos que voam.”

A DEE terminou de fazer o piano e começou a ler ao N. o que tinha escrito: “*Pa, pa; Pe, pe; Pi, pi; Po, po; Pu, pu*. Olha, eu a tocar: *pa, pe, pi, po, pu*. Espera, espera. *Pa, pe, pi, po, pu*. Agora, vais dizer salteado. *Pi* e vais dizer com o dedo onde está o *pi*. Então, vá. Agora, tu.”

N. com os dedos fazendo que tocava: “*Pa, pi*.”

DEE: “*Pa, pe, pi, po, pu*.”

N.: “*Pa, pe, pa*.”

DEE: “*Pa, pe, pi, po, pu*. Agora, tu.”

A DEE e o N.: “*Pa, pe, pi, po, pu*.”

DEE: “Vamos só fazer com as letras que sabes: *a, e, i, o, u*.”

Educadora: “No exercício cinco, pintam de vermelho o círculo dos animais e de verde o círculo das plantas.”

A DEE escreveu as vogais minúsculas para lembrar o N. e ajudar na leitura.

DEE: “Diz onde está o *Po*.”

O N. apontou para o *Pu*.

DEE: “Não. Onde está o *Po*?”

N.: “*Pa, Pe*.”

DEE: “N., onde está o *o*? Este é o *u*. Tu conheces.”

N.: “*u-u-u-u-u*”

DEE: “Só querias um piano. Sapato tem *pa*?”

N.: “Tem.”

Educadora: “Agora, vão pintar os espaços do desenho de acordo com as cores que vou dizer. Vão tirar já e pôr em cima da mesa o cinzento, o amarelo, o verde, o castanho e o azul.”

Menina finalista: “É o cinzento, o verde e o castanho e a outra qual é?”

Educadora: “É o cinzento, o amarelo, o verde, o castanho e o azul. Todos têm essas cores?”

Meninos e meninas finalistas: “Sim.”

Educadora: “Então, vão pintar os quadrados de cinzento.”

A Educadora esperou que os meninos e as meninas pintassem todos os quadrados: “Pintem bem. Não se enganem. Parece que já todos pintaram. Agora, pintem todos os retângulos de amarelo e a seguir pintam os círculos de verde.”

A Educadora foi observar o que os outros meninos e meninas estavam a fazer apesar de estar lá também a assistente operacional.

DEE: “Tem o som *p*. Agora, vamos ao som *t*. Isto é o quê?”

N.: “É um tambor.”

DEE: “Tambor tem o som *t*?”

N.: “Tem.”

DEE: “Muito bem. Tambor.”

O N. circundou o desenho do tambor porque tinha o som *t*.

DEE: “Quantos pedacinhos tem a palavra tambor?”

N.: “*Tam-bo-re*. Tem três.”

DEE: “Não. Não. Não é tambore.”

N.: “Tambore. Tem três.”

DEE: “N. olha.”

A DEE bateu as palmas: “Tambor.”

N.: “Tem duas.”

DEE: “Não dizemos tambore. Nós dizemos tambor. Está bem? O que é isto aqui?”

N.: “Toalha.”

DEE: “É? Eu acho que é um tapete.”

N.: “Eu acho que é para limpar as mãos.”

DEE: “Vamos considerar que é um tapete. Tapete tem o som *t*?”

O N. circundou o desenho.

DEE: “Tem. Muito bem. Quantos pedacinhos tem?”

N.: “Eu não sei.”

DEE: “Eu nem acredito que estou a ouvir isso.”

N.: “Tam”

DEE: “Agora, já não é tambor. É tapete. *Ta-pe-te*.”

N.: “Tem três.”

Educadora: “Agora, pintem todos os triângulos de castanho e as bolas pretas de azul. As bolas pretas são de azul e os triângulos de castanho. Tenham atenção.”

Os finalistas estavam satisfeitos com o exercício.

Educadora: “A seguir, vão fazer a correspondência entre cada figura e as legendas. A primeira é a palavra ‘frio’. A segunda é a palavra calor e a terceira é a palavra chuva. Vejam o que cada um dos desenhos vos faz lembrar e escrevam dentro de cada quadradinho o número que lhe corresponde. Reparem bem. A primeira imagem está associada ao frio que é o um, ao calor que é o dois ou à chuva que é o três? Fazem o mesmo para a segunda e a terceira imagem.”

DEE: “Sabes o que é isto?”

N.: “Jogo.”

DEE: “São dados.”

N.: “Dados.”

DEE: “Tem *t*? Olha para mim. Da-dos. Tem *t*?”

N.: “Sim.”

DEE: “Sim? Dados tem o som *d*. Não é? O *t* é parecido com o *d*, não é? Não são iguais. Estou a perguntar-te se a palavra *dados* tem o som *t*. O que temos de fazer?”

O N. começou a circundar o desenho dos dados.

DEE: “Não. Achas que tem o som *t*? Então como é que se faz?”
O N. apagou o que tinha começado a circundar.
DEE: “Isso. Isto é o quê?”
N.: “É um pato.”
O N. circundou o desenho do pato.
DEE: “Muito bem. Agora, é que vem a bota. Tem o som *t*?”
N.: “Tem.”
DEE: “Tem?”
N.: “Sim.”
DEE: “Quantos pedacinhos tem?”
N.: “*Bo-ta*. Duas.”
DEE: “Boa. Muito bem. Fantástico. Vamos só fazer mais uma coisa. Depois escreves o nome.”
Educadora: “Para fazerem o exercício que vão fazer a seguir precisam de estar com muita atenção. Esse desenho que vocês estão a ver apresenta cinco erros. Vão rodear esses erros e vão pintar o desenho. Depois no exercício nove que está nessa folha, têm de pintar a imagem que tem a situação correta e assinalar o que está errado na outra imagem. Já sabem.”
O N. começou a distrair-se e a fazer barulho.
DEE: “Espera. Quantas sílabas tem esta palavra? Esta aqui o que é?”
N.: “Não sei.”
DEE: “É muito azedo. O que é? É amarelo.”
O N. pôs o lápis na boca e não respondeu à pergunta.
DEE: “Isto é um limão.”
N.: “Limão.”
DEE: “Vamos ver quantos pedacinhos tem.”
N.: “*Li-mão*. Duas.”
DEE: “Está certo. Acertaste. Escreve o número dois aqui, no quadrado. O que é aqui?”
N.: “*Re-i*. Duas.”
DEE: “Não. Rei. O *ei* nunca se separam. É como se fosse um casamento. É só uma.”
O N. escreveu o número um à frente do desenho do rei: “Uma.”
DEE: “Muito bem. Agora, isto é uma mão. É outro casamento (*ão*).”
A DEE escreveu *ei* e *ão*: “Olha, *ei* e *ão*. Estas letrinhas nunca se separam. Mão. Quantos pedacinhos são?”
N.: “Uma.”
DEE: “Vais fazer o número um. Muito bem. O que é isto que tu gostas tanto?”
N.: “É um computador.”
DEE: “Com-pu-ta-dor. É bastante grande.”
O N. soletrou a palavra por sílabas: “Com-pu-ta-dor. Tem quatro.”
DEE: “Hum. E agora fazer um quatro?”
O N. conseguiu escrever o número quatro sozinho.
DEE: “Conseguiste. Muito bem. Muito bem. Agora, cortas tu [a folha de papel com os exercícios que tinham estado a resolver] ou corto eu?”
N.: “Corto eu.”
DEE: “Cortas tu e eu faço a linha.”
N.: “Eu faço.”
DEE: “É.”
Educadora: “Já está?”
Meninos e meninas finalistas em coro: “Já.”
Educadora: “Agora, reparem nesses alimentos e pintam os alimentos mais saudáveis. Quando terminarem de pintar os alimentos mais saudáveis, vão assinalar com X os vossos jogos preferidos. Perceberam?”
Meninos e meninas finalistas: “Sim.”
Os meninos e as meninas finalistas ficaram a fazer os exercícios enquanto a Educadora foi às outras mesas.
Educadora: “Olha-me este trabalho. Este desenho podia estar mais bem pintado! Não estou a gostar muito. Podias ter feito melhor. Sei que eras capaz!”
O N. traçou riscos na folha para encaixilhar o que tinha estado a fazer.
DEE: “Eu vou buscar ali a cola para colares no teu caderno.”

O N. recortou e pôs cola na folha.
A DEE ajudou a colar a folha no caderno: “Não cabe aqui. Pomos aqui deste lado.”
DEE: “Como é o teu nome completo? Sabes, N.?”
O N. disse o nome completo.
DEE: “Exatamente. Correu bem a hora do almoço? Correu?”
N.: “Sim.”
O N. começou a falar e a DEE não estava a perceber o que o menino queria dizer: “Não estou a perceber-te. Queres ir à casa de banho?”
N.: “Já fiz.”
DEE: “Já fizeste?”
N.: “Já.”
DEE: “N., vamos fazer um jogo?”
N.: “Sim.”
A DEE apresentou um jogo novo do Bambino Luck ao N. e ele: “Que giro! Tem música?”
DEE: Então, não vês que não tem música.”
A aula estava a terminar com a Educadora e a DEE.
Educadora: “Vamos começar a arrumar. Vá.”
N.: “Pertador.”
DEE: “Despertador. Diz lá. N. não vamos dispersar. Vamos lá. Primeiro, esse. Primeiro, vamos associar um de cada vez. Onde está o coração?”
O N. ia fazendo o jogo.
DEE: “O coração e a casa, vamos.”
N.: “És tu?”
DEE: “És sempre tu. Vá. Agora, onde é que está isto [quadrado]?”
N.: “Está aqui.”
DEE: “O quadrado e as riscas. Muito bem.”
O N. ia fazendo o jogo.
DEE: “Muito bem. O que é isto?”
O N. não sabia e a DEE: “É um triângulo.”
DEE: “E este? O que é?”
N.: “Hum.”
DEE: “É um círculo. O que é este?”
N.: “Triângulo.”
DEE: “Boa. O que é este?”
N.: “É um quadrado.”
DEE: “Muito bem. Vamos ver se está certo.”
A DEE viu que estava certo: “Muito bem. Certo.”
A DEE estava a procurar outro jogo que o N. tivesse dificuldade: “São todos fáceis para ti. Fazes isto tão facilmente.”
A DEE tirou outro jogo: “Onde está a casa?”
O N. procurou a casa mas já estava a começar a ficar desatento.
DEE: “Atenção. Onde está a flor?”
N.: “Onde está este?”
DEE: “Não. Não é assim que se faz. Onde está este?”
O N. estava a começar a brincar e a DEE: “N., N.”
O N. acabou por fazer bem e a DEE: “Certíssimo. Hein. Muito bem. Exatamente.”
N.: “Os formas.”
DEE: “As formas.”
N.: “Poing. Poing. Poing. Boing. Bum-bum.”
DEE: “Ó N. Vamos lá.”
O N. não estava a encaixar uma peça bem.
DEE: “Cuidado. Não está bem encaixada no sítio. N., já estás cansado e estás distraído.”
N.: “Tim-tim-tim.”
DEE: “Chiu. Vamos lá. Estás quase a terminar. Vamos ver se fazes tudo à primeira.”

N.: “Tru-tru.”

DEE: “Aqui são três calções e uma camisola.”

N.: “Ah! Ah! Faz tu.”

DEE: “Não. És tu.”

N.: “Dois.”

DEE: “Não! E este?”

N.: “Espera. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze.”

DEE: “Muito bem.”

N.: “Pode ser este. Eu apaguei.”

DEE: “Não brinques.”

O Professor de Música entrou na sala do Jardim de Infância para ir dar aula aos meninos.

DEE: “Chegou o Professor de Música, N. Vamos acabar isto.”

N.: “Sim.”

DEE: “Está aqui o um, dois, três, cinco e seis. Qual é o número que está aqui a faltar?”

O N. não respondeu e a DEE ajudou na contagem dos números: “Um, dois, três, quatro, cinco, seis. Falta aqui o quatro.

Onde é que está aqui o número quatro?”

N.: “Está aqui.”

DEE: “Percebeste a lógica? Agora, qual é o número que falta aí?”

N.: “Um, três, quatro, cinco, seis. É o dois.”

DEE: “Muito bem. Vamos virar para vermos se está certo.”

O N. virou, encaixou o papel na prancha e acabou o exercício.

Professor de Música: “Já são finalistas?”

Alguns meninos e meninas em coro: “Sim.”

Educadora: “Portem-se bem.”

Os meninos e meninas começaram a cantar.

DEE: “Certíssimo. Agora, N. vai ter com os colegas.”

N.: “Xau.”

Apêndice 14 – Categorização do trabalho com as crianças consideradas com NEE, durante as atividades letivas, na sala do Jardim-de-Infância

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Situações e comportamentos/atividades observadas			
			COB ₁ + I ₁ 13/05/2016 (14h/15h30m)	COB ₂ + I ₂ 20/05/2016 (14h/15h30m)	SOB ₁ + AN ₁ 07/06/2016 (9h/10h30m)	SOB ₂ + C ₂ 07/06/2016 (13h30/14h15m)
Gestão e funcionamento das atividades	Trabalho da Educadora de Infância (EI)	Controlo das crianças	Educadora não quis que alguns estivessem sentados lado a lado: “Eu não quero o T. ao pé do M. Chegue-se para cá.”. (...) Menino: “Tenho calor!” Educadora: “Está sossegado, que já perdes o calor todo.” (...) Menina: “Família minúscula.” Educadora: “Chiu. Cada um faz como sabe e mais nada.” Todos se calaram. (...) Educadora: “(...) Não é preciso estarem a gritar tanto.” (...) Os meninos do JI estavam a levantar-se e a Educadora mandou-os sentar imediatamente.	A Educadora dirigiu-se à menina: “Ó A., não chores. A tua folha já aparece.” (...) Educadora: “Já vou ver o que fizeste! Estás a rir-te da colega?!” (...) Meninos bateram as palmas: “I. [Educadora].” Educadora: “Se não se calam não vão.” (...) Educadora: “É só dois de cada vez.”	Um menino foi contar os presentes: “Um, dois, três, quatro, cinco, (...)” Outro menino: “Ele está a contar mal.” Educadora: “Cala-te. (...)” Um menino começou a falar alto. Educadora: “Fala mais baixo. Estás a estragar as cordas vocais. (...)” Educadora: “(...) Posso falar?” Os meninos calaram-se. (...) Educadora: “(...)Um, dois, três, chiu. (...)” (...) Quase todos os meninos queriam falar ao mesmo tempo e a Educadora: “Agora são os caloiros.” (...) Caloiro: “Eu não quero cantar.” Educadora: “Chiu. Quero ouvir os pequeninos. (...)” (...) Educadora: “(...) Chiu. (...)” Educadora: “(...) Todos sentadinhos (...)” (...) Educadora: “Chiu. Um de cada vez. (...)” (...) Um pré-finalista começou a falar muito alto. Educadora: “Este pré-finalista não se está a portar bem. (...)” (...) Uma menina começou a chorar. Educadora: “Ó pequena, vou-me zangar a sério. (...)” (...) Educadora: “Chiu. (...)” (...) Os meninos começaram a fazer muito barulho e a chamarem pela Educadora. Esta mandou-os calar: “Chiu. Silêncio.” (...) Os meninos voltaram a falar alto (...). Educadora: “Chiu. (...)” (...) Os meninos estavam a começar a fazer barulho novamente e a Educadora: “(...) Vamos acalmar. É só acabar isto agora. (...)”	Educadora: “Ó F., está sossegada! Deixa a tua colega trabalhar.” (...) Educadora: “Ó M.A., deixa a tua colega A. sossegada para conseguir trabalhar. (...)” (...) Educadora: “(...) Não quero que estejam a conversar uns com os outros. Não quero barulho. (...)” (...) Os meninos e as meninas da mesa dos três anos (...) iam conversando baixinho entre eles. Educadora: “Silêncio! Não quero ouvir conversa. Os vossos colegas precisam de estar concentrados.”

					(...) As meninas e os meninos começaram a fazer muito barulho na mudança de atividade. Educadora: “Chiu. (...)”	
	Preparação dos materiais e recursos utilizados	Educadora: “Eu estive a fazer-lhes isto. O que é isto?” Menino: “Um marcador de livros”. (...) Educadora: “Tenho outra coisa que é um marcador de livros (...)” (...) Educadora: “Vamos ver se tenho aqui o desenho de uma girafa.” (...) A Educadora imprimiu o desenho de uma girafa para cada menino em folhas de papel A4.	A Educadora pôs músicas infantis (...). (...) Alguns meninos de três anos foram ver no computador as músicas infantis com som e imagem. (...) Começaram a ouvir a música sobre a fruta.		Uma menina utilizou uma máquina fotográfica para tirar fotografias aos colegas e registar as atividades que estavam a fazer, a pedido da Educadora.	Quando [os meninos, as meninas e a assistente operacional] entraram, a Educadora “C.” estava a acabar de preparar os materiais necessários para a aula.
	Orientação do desenvolvimento das atividades	Educadora: “(...) Eu estive a falar com a Professora T. da Escola EB1 e os meninos do primeiro ano. (...)” Educadora: “(...) Eles estão todos empolgados para virem contar-vos uma história.” Menino: “Que história é?” Educadora: “Não sei que história é. Veremos.” (...) Educadora: “(...) Porque é que um livro tem asas e leva-nos para longe, longe? Porque?” Menino: “Porque leva-nos até à imaginação.” (...) Educadora: “O que é que pensam que é uma dedicatória?” Menino: “Eu não sei.” Educadora: “O que é que acham? (...)”	Educadora (...): “Pintem este coração impresso nesta folha e desenhem a vossa família. Depois pegam no lápis cor da pele e pintam a vossa família. Pintem também os pezinhos do coração.” Todos começaram a pintar. A A. (...) precisou que a Educadora lhe afiasse os lápis de cor. (...) A Educadora ia controlando as três mesas de trabalho: “Eu quero ver a cara, o pescoço, os braços, a barriga, os braços, as mãos, as pernas e os pés.” (...) Educadora: “O que é que temos a seguir à cara?” Meninos: “É o pescoço.” (...) A Educadora continuava a controlar as três mesas da sala: “Boa, J.! Vocês têm aí um coração tão grande e estão a pôr tudo junto? (...)”	O P. começou a contar: “Um, dois, três, quatro.” Menino: “O B. também está a contar.” Educadora: “Ele também pode contar. Tem é de contar baixinho para ver se o que está a contar está a fazer bem. Ele até está a fazer muito bem. No fim, vai ver se contou bem. Ele é pequenino. Está a aprender. Anda lá meu amor. Começa outra vez a contar que eu ajudo-te a contar. Volta lá a contar alto para todos ouvirmos.” P.: “Um, dois, três, quatro.” Educadora: “Boa, para ouvirmos todos.” P.: “Cinco, seis, sete.” Educadora: “Sim.” P.: “Oito, nove, dez, doze.” Educadora: “10, 11.” O P. voltou a contar: “11, 12, 13, 14, 15, 16 e 17.” Os outros meninos também ajudaram a contar em coro a partir do 15. Educadora: “São 17 meninos. Então vai buscar o cartão com o número 17. Vai à caixa com os cartões para descobrires qual é o número 17.” Menino: “Eu vou lá.” Educadora: “Ele vai lá tirar. Vocês são terríveis! Têm de o deixar fazer. Não é?” O P. não foi logo fazer o que	Algumas crianças em coro: “Boa tarde.” Educadora: “Vais trabalhar [DEE] um bocadinho com o N. na mesma, individualmente?” DEE: “Sim, como de costume.” Havia três mesas na sala. Em cima de cada mesa havia trabalho distribuído consoante as idades das crianças. Educadora: “Meninos, para as mesas do costume.” Os meninos e as meninas foram sentar-se rapidamente para começarem a trabalhar. A Educadora combinou o plano da aula com a assistente operacional. (...) A Educadora orientou os meninos e as meninas de três anos que estavam juntos numa mesa para irem pintar desenhos com lápis de cor: “Meninos, não quero muita conversa. Pintem com gosto.” (...) Menina: “Não consigo afiar o lápis.” Educadora: “Então, a minha amiga ainda não	

			Educadora: “(...) O que pensam que eu escrevi aqui. (...)” Educadora: “(...) Uma dedicatória é uma mensagem que se escreve para quem se vai oferecer o presente ou a lembrança. (...)” Educadora: “A família dos três anos já está.” Menino: “A seguir, vem a dos quatro anos.” (...) Menino: “Então, mas afinal é a dos quatro anos ou é a dos cinco anos?” Educadora: “É a dos cinco anos.” (...) Educadora: “(...) Pronto, a família dos cinco anos também já está. (...)” (...) Educadora: “(...) Agora, é a família dos quatro anos.” (...) Educadora: “Olha, vêm aí os nossos convidados!” (...) Educadora: “Agora vamos perguntar aqui a estes meninos como é que se chamava a girafa?” Menino: “Era a Olímpia.” Educadora: “O que é que aconteceu? O que é que ela gostava de fazer?” Meninos: “Gostava de comer as estrelas.” Educadora: “Estava a comer as estrelas e a espreitar por cima das nuvens.” (...) Educadora: “Vão	Alguns meninos acabaram os trabalhos e a Educadora observava-os e ia respondendo: “Muito bem, podes arrumar no cacifo.” (...) Educadora ensinou um menino a identificar os números até 11: “Põe o nome.” (...) A Educadora observou alguns desenhos e comentou: “Estão muito pequenos... Faltam os olhos.” (...) Apenas ficaram a trabalhar as crianças mais velhas e a menina de três anos que foi para a mesa do grupo dos cinco e seis anos. (...) Educadora: “Olha para este. Tenho de ir buscar uma lupa.” (...) Educadora: “Agora podes pôr a data.” (...) Educadora: “É assim. (...) Vais pintar a camisola e os braços por dentro, vá. Depois, escolhes uma cor para pintares as calças.” Menino: “São cinzentas.” A Educadora procurou o lápis cinzento e afixou-o...” (...) Educadora dirigiu-se à mesa dos cinco e seis anos e disse para um menino de cinco anos: “Este quadrado está muito mal feito.” Menino: “Eu?” Educadora: “És tu. Então vá. Pinta também o cabelo de castanho.” O A seguir, a Educadora voltou à mesa dos quatro anos: “Vai fazer os teus olhos, do teu pai e do teu mano. Quem é aqui?” Menino: “Sou eu.” Educadora: “Pinta num instante. Vá lá.” Uma menina foi perguntar à Educadora se o seu trabalho estava bonito. Educadora: “Está bonito. E aqui?”	a Educadora lhe mandou. Educadora: “Vai lá buscar a caixa com os cartões para descobrires o número 17. Vai lá.” O P. foi colar o cartão com o número 17 nas presenças. Educadora: “Quantos meninos faltam?” Menino: “Eu sei. Dois.” Menina: “Faltam quatro.” Menina: “Três.” Uma menina vinha a entrar. Educadora: “Olhem, já falta menos uma. Já vem ali a ‘madame’.” Menino: “Ah, pois já!” A mãe da menina M.: “Bom dia!” Menina: Eram quatro. Agora, só faltam três. Educadora: “Ó pequenina, vais tirar o teu cartão e vais lá pô-lo.” Alguns meninos em coro: “Faltam três.” Educadora: “Agora, só faltam três. Muito bem. Agora são 18. Olha P., são 18. Boa, porque agora já veio a M. que vai pôr o seu cartão da esquerda para a direita. Não é por aí que se entra M. mas por aquele lado. O chefe vai lá ensinar a M. a colocar o cartão, meu amor. É da esquerda para a direita.” Menino: “E já andava há muito tempo a não pôr.” M.: “Não andava nada.” Menino: “Andava aqui há muito tempo e já na outra escola.” Educadora: “Muito bem. O chefe vai arrumar a caixa com os cartões. (...)” Educadora: “(...) Sabem uma coisa? Quem é que se lembra que dia foi ontem, que eu já me esqueci?” Fez-se silêncio e nenhum menino respondeu. Educadora: “Hoje é 3ª feira e ontem que dia foi?” Menina: “Foi 2ª feira.” Educadora: “Foi 2ª feira. Muito bem mas eu não sei que dia foi. Ninguém lá pôs o dia. Sei que no domingo foi dia 5. Que dia foi na 2ª feira?” Menino: “Dia 6 e hoje é dia 7.” Educadora: “Então vai buscar o cartão número seis e vai lá pôr. Vai lá pôr o seis na 2ª feira.” Menino: “E também falta o número sete na 3ª feira.” Educadora: “Mas não vais ser tu que vais pôr o dia sete.	sabe afiar!” A Educadora não foi afiar o lápis à menina: “Vá já afiar o lápis imediatamente, a correr.” Noutra mesa estavam os meninos e as meninas de quatro e cinco anos para recortarem e colarem desenhos em folhas de cartolina A4. Educadora: “Vamos recortar esses desenhos bem para os colarmos nas pastas para levarem para casa com os vossos trabalhos.” Menino: “Para o pai e a mãe ficarem contentes. A minha mãe quer que eu me porte bem.” Educadora: “Todas as mães querem que os filhos se portem bem. Não é verdade, F.?” F.: “É.” Educadora: “Também acho que sim. (...)” Educadora: “(...) Agora, vou para aquela mesa [mesa só com os finalistas]. Trabalhem.” Na terceira mesa, os meninos e as meninas finalistas iam começar a fazer a avaliação diagnóstica de Estudo do Meio. A Educadora começou a ler o que os meninos e as meninas finalistas tinham de fazer: “Olhem para os desenhos da ficha. Digam se são um menino ou uma menina, pintando a opção correta (desenho do menino ou da menina). A seguir, escrevem o vosso nome na linha. Se forem um menino têm de escrever o vosso nome e completar a frase ‘Olá! O meu nome é:’. Se forem uma menina, escrevem o vosso nome em cima da linha, no balão que está a sair da boca da menina.” (...) A Educadora passou a outro exercício da ficha de Estudo do Meio: “Agora, vão desenhar o número de velas que corresponde à idade de cada um e pintam ao vosso gosto.” (...) Educadora: “Não se enganem. Cada um sabe quantos anos tem.” Os meninos desenhavam
--	--	--	--	---	---	---

			pintar a cabeça da girafa. O que é que ela comia?” Meninos: “Eram as estrelas.” Educadora: “Então é o que têm de fazer. Escrevem o vosso nome. Vá, ponham o nome na folha.” (...) Educadora vendo a pintura de uma menina: “Olha tão gira. Ai que girafa tão gira! Esta era a girafa Olímpia. Depois têm de fazer aí uma nuvem que ela espreitava nas nuvens.” (...) Educadora viu o desenho de um menino e aborreceu-se: “Eu pus ali no computador uma girafa! Onde é que estão as manchas da girafa?” Menino: “Ali em baixo.” Educadora: “Então! E fizeste a amarelo?” Educadora: “Esta é a girafa Olímpia que tinha as manchas castanhas?” O menino foi pintar melhor o desenho. (...) Educadora: “A cabeça é amarela. Os chifres são?” (...): Podem pôr os chifres amarelos. As manchas são castanhas.” (...) Educadora: “Pintam de castanho as pestanas da girafa e as manchinhas.” (...) Todos os meninos queriam falar e mostrar os desenhos à Educadora. Um menino levantou-se, foi	Menina: “Sou eu.” (...) Educadora: “Agora, a cadela também faz parte da família!” Menino: “Apago?” Educadora: “Não. Está bem, pinta.” (...) Educadora viu um desenho que só tinha cabeças: “Faz as pernas a essa gente toda. Quem é esta?” Menina: “I!” Educadora: “Quem é esta?” Menina: “É a mãe.” Educadora: “Quem é esta? De que cor queres o fato dela?” Menina: “De azul.” A Educadora continuou a falar com os meninos acerca dos desenhos que tinham feito. Educadora: “O teu pai está muito magrinho! Ele é magrinho?” Menino: “Não.” (...) Educadora: “Quando todos acabarem os trabalhos tenho uma surpresa. Vão à piscina de bolas.” Meninos em coro: “Piscina de bolas. Piscina de bolas. Piscina de bolas (...). Piscina de bolas.” (...) A Educadora foi à porta da sala ver quantos meninos ainda estavam sentados: “Então vamos despachar para irem os três.” Menina: “Já estou a acabar.” (...) Enquanto alguns meninos estavam na piscina de bolas, outros estavam a experimentar os andarilhos de plástico. (...) Educadora: “Quem é que te deu autorização para vires para aqui novamente, M.?” A M. saiu da piscina e foi calçar-se quando saímos da sala. Educadora: “Os meninos que não são do prolongamento vão arrumar. É verdade	Quem vai pôr o dia sete é o chefe. Tu tens é de ir buscar o número seis.” Menina: “A.N., amanhã vai ser a festa.” O menino estava à procura do número seis e não sabia qual era. Educadora: “Esse não é o número seis.” Menino: “Ah, está aqui.” Menina: “Estás a ver mal.” Educadora: “O E.D. não vem à escola. Está todo baralhado! Procura aí a seguir ao número cinco, qual é o número que vem a seguir.” O E.D. colocou bem o número seis. Educadora: “Muito bem.” (...) Educadora: “O nosso chefe está a demorar muito tempo a arrumar. Então vou pedir a outro menino.” E.D.: “Eu vou lá.” Educadora: “Não porque tu já lá foste hoje. (...)” Educadora: “(...) Ó F., que dia é hoje?” F.: “É dia 7.” Educadora: “É dia 7. Vai lá pôr. Dia 7, 3ª feira.” O F. colocou bem o cartão com o número sete na 3ª feira. Educadora: “O F. está com atenção.” Menina: “A.N., o calendário de junho?” Educadora: “Já disse que ainda não fiz o calendário deste mês de junho. Depois explico-vos porquê. Está ali o calendário que nós estamos a fazer. Não tem é lá a palavra do mês. Como é que se chama este mês? É maio ou junho?” Meninos: “É junho.” Educadora: “(...) Então se é junho falta lá a palavra junho. (...)” Educadora: “Vamos começar. Eu quero os finalistas aqui todos de pé.” Alguns meninos finalistas em coro: “Todos de pé.” Menino: “Aqui.” Educadora: “Aqui os finalistas.” Os finalistas ficaram de pé à espera que a Educadora lhes desse ordens. Educadora: “Isso, isso.” Menina: “Ele não vem para aqui?” Educadora: “Não porque ele não é finalista.”	as velas que correspondiam à sua idade. Educadora: “Ó menino tens problemas de coluna? Endireita-te. Quando chegares à minha idade, não sei como é?” O menino endireitou-se mas voltou à mesma posição. Educadora: “Menina trabalhadora! Muito bem!” (...) Educadora: “Não quero o bolo todo pintado da mesma cor. Quando fazem anos o vosso bolo não é todo da mesma cor, pois não? Esse também tem enfeites e precisa de ser pintado com cores diferentes.” Menina: “Vou fazer seis anos e a mãe vai fazer-me uma festa.” Educadora: “Está bem mas não converseis.” (...) Educadora: “Já está?” Alguns meninos finalistas: “Sim.” Menino finalista: “Ainda não terminei.” Educadora: “Despacha-te. (...)” Educadora: “(...) A seguir, no exercício seguinte têm de fazer o vosso autorretrato de corpo inteiro.” (...) Educadora: “Agora, vão pintar os animais que vivem na terra. Rodeiam os que vivem na água e colocam uma cruz nos que voam.” (...) Educadora: “No exercício cinco, pintam de vermelho o círculo dos animais e de verde o círculo das plantas.” (...) Educadora: “Agora, vão pintar os espaços do desenho de acordo com as cores que vou dizer. Vão tirar já e pôr em cima da mesa o cinzento, o amarelo, o verde, o castanho e o azul.” Menina finalista: “É o cinzento, o verde e o castanho e a outra qual é?” Educadora: “É o cinzento,
--	--	--	--	--	---	--

			ao computador e olhou a imagem da girafa. Falou com a Educadora e esta: “Afinal as pestanas da girafa são pretas. A girafa tem também uns pelinhos pretos nos chifres. Ora, venham aqui ver. O olho também é castanho. Vá.” (...) A Educadora escreveu em cada desenho dos meninos “A girafa que comia estrelas”. Educadora: “Já todos escreveram o nome? Vão arrumar.” (...) A Educadora distribuiu os desenhos que os meninos fizeram com os elementos da sua família para que estes pudessem oferecer aos pais. Quando as primeiras mães das crianças chegaram para levar os filhos, a Educadora explicou-lhes: “Hoje é o Dia da Família (...)” (...) Educadora: “Até segunda-feira.”	MI, os teus rebuçados?” O MI. começou a distribuir um rebuçado por cada colega. O J. aceitou o rebuçado mas não o conseguiu desembulhar. O D. também uns desembulhou o rebuçado e engoliu-o. (...) a Educadora cantava e mimava canções infantis que os meninos e meninas estavam a visualizar no computador. (...) Educadora: “Temos de ensaiar o hino da fruta.” Os meninos começaram a cantar o hino e o D. começou também a cantar. Educadora: “Vão pôr o papel no lixo. Hoje é 6.ª feira... Agora, vão ter o sábado e o domingo para descansar.”	Menina: “Mas antes ele estava em pé.” Educadora: “Ele está a fazer bem. Eu agora vou cantar primeiro. Depois vão cantar sozinhos para verem se conseguem cantar a nossa cantiga. Eu só vou cantar uma vez. É assim: ‘Adeus amiguinhos, nós vamos partir, vamos para outro ciclo, sempre a sorrir, sempre a sorrir, sempre a cantar. Adeus amiguinhos, nós vamos estudar, sempre a sorrir, sempre a cantar. Adeus amiguinhos, nós vamos estudar.’ Vamos lá a ver se já conseguem.” A Educadora cantou a canção para os meninos cantarem a seguir. A Educadora colocou o microfone em frente dos meninos finalistas. Educadora: “Vamos lá a ver se já conseguem. Um, dois, três. Quero ouvi-los a todos. Vocês os três chegam-se, assim. Vocês são mais pequeninas ficam à frente. Vocês são mais altos sentam-se aqui ali atrás para todos tentarem usar o microfone. Vá lá. Um, dois, três.” Os meninos finalistas cantaram duas vezes com a ajuda da Educadora. A Educadora agarrou no microfone e começou a falar. Educadora: “Este microfone não serviu para nada. Agora, já se ouve. Vocês têm de aprender a usar o microfone. Está bem? Vocês têm de se organizar e tentar usar este microfone sem eu dizer nada. Está bem? Certo?” Menino: “Ele estava a fazer isto [um gesto].” Educadora: “Vamos lá embora. Vamos sentar e vocês também podem fazer. Se é sempre a sorrir é uma festa. (...)” Educadora: “(...) Para aqui os pré-finalistas. Pré-finalista, pré-finalista, pré-finalista. Boa. Pré-finalista! Não há mais ninguém? Falta o D. Não encostem isso [o microfone] à boca senão ficam com a boca preta. Vá lá. Um, dois, três.” Os pré-finalistas cantaram com ajuda da Educadora: “Adeus amiguinhos, ides abalar, ides para outro ciclo,	o amarelo, o verde, o castanho e o azul. Todos têm essas cores?” Meninos e meninas finalistas: “Sim.” Educadora: “Então, vão pintar os quadrados de cinzento.” A Educadora esperou que os meninos e as meninas pintassem todos os quadrados: “Pintem bem. Não se enganem. Parece que já todos pintaram. (...)” Educadora: “(...) Agora, pintem todos os retângulos de amarelo e a seguir pintam os círculos de verde.” A Educadora foi observar o que os outros meninos e meninas estavam a fazer apesar de estar lá também a assistente operacional. Educadora: “Agora, pintem todos os triângulos de castanho e as bolas pretas de azul. As bolas pretas são de azul e os triângulos de castanho. Tenham atenção.” Os finalistas estavam satisfeitos com o exercício. Educadora: “A seguir, vão fazer a correspondência entre cada figura e as legendas. A primeira é a palavra ‘frio’. A segunda é a palavra calor e a terceira é a palavra chuva. Vejam o que cada um dos desenhos vos faz lembrar e escrevam dentro de cada quadradinho o número que lhe corresponde. Reparem bem. A primeira imagem está associada ao frio que é o um, ao calor que é o dois ou à chuva que é o três? Fazem o mesmo para a segunda e a terceira imagem.” (...) Educadora: “Para fazerem o exercício que vão fazer a seguir precisam de estar com muita atenção. Esse desenho que vocês estão a ver apresenta cinco erros. Vão rodear esses erros e vão pintar o desenho. Depois no exercício nove que está nessa folha, têm de pintar a imagem que tem a situação correta e assinalar o que está errado
--	--	--	--	---	--	---

				para estudar, para estudar, para crescer. Adeus amiguinhos, ides aprender, para estudar, para crescer. Adeus amiguinhos, ides aprender.” Educadora: “Está bem?” (...) Educadora: “(...) Ora há aqui uma finalista que já sabe.” Menina: “Eu também.” Educadora: “Então vamos ver!” Menino: “Eu também.” Educadora: “Vamos ver.” Menino: “Eu já sei a canção.” Educadora: “Agora, vamos para os finalistas que já sabem. Eu quero ouvir com muita atenção. Eu quero que os finalistas fiquem deste lado. Tu sabes, ficas deste lado. Outro finalista que saiba?” Uma menina levantou-se. Educadora: “Tu sabes, ficas aí. Quem é que sabe mais dos finalistas?” Dois meninos levantaram-se. Educadora: “Boa. B.E.?” B.E.: “Ainda não sei.” Educadora: “Não faz mal, meu amor. Então, no nosso grupo de finalistas só faltam a B.E. e o A.R. Têm de estar com muita atenção para aprenderem a canção. Certo? Um, dois, três.” O grupo dos finalistas à exceção da B.E. e do A.R. cantaram a canção com ajuda da Educadora. Educadora: “Ó menino vira-te para a frente se fazes favor. Vamos cantar a canção mais uma vez. Cantem com alegria. É a vossa festa. Um, dois, três.” O grupo dos finalistas à exceção da B.E. e do A.R. voltaram a cantar a canção com ajuda da Educadora: “Adeus amiguinhos, nós vamos partir, vamos para outro ciclo, sempre a sorrir, sempre a sorrir, sempre a cantar. Adeus amiguinhos, nós vamos estudar, sempre a sorrir, sempre a cantar. Adeus amiguinhos, nós vamos estudar.” Educadora: “É verdade. Muito bem, mas este micro não serviu para nada.” A Educadora pegou no microfone e falou para ele: “Um, dois, três. Ah! Já está melhor. Agora, já se ouve. (...)” Educadora: “(...) Vamos ver	na outra imagem. Já sabem.” (...) Educadora: “Já está?” Meninos e meninas finalistas em coro: “Já.” Educadora: “Agora, reparem nesses alimentos e pintam os alimentos mais saudáveis. Quando terminarem de pintar os alimentos mais saudáveis, vão assinalar com X os vossos jogos preferidos. Perceberam?” Meninos e meninas finalistas: “Sim.” Os meninos e as meninas finalistas ficaram a fazer os exercícios enquanto a Educadora foi às outras mesas. Educadora: “Olha-me este trabalho. Este desenho podia estar mais bem pintado! Não estou a gostar muito. Podias ter feito melhor. Sei que eras capaz!” (...) A aula estava a terminar com a Educadora e a DEE. Educadora: “Vamos começar a arrumar. Vá.” (...) O Professor de Música entrou na sala do Jardim de Infância para ir dar aula aos meninos. Professor de Música: “Já são finalistas?” Alguns meninos e meninas em coro: “Sim.” Educadora: “Portem-se bem.” Os meninos e meninas começaram a cantar.
--	--	--	--	---	---

				quem é que do grupo dos pré-finalistas já sabe a canção?” Imediatamente, vários meninos e meninos responderam em coro: “Eu.” Educadora: “(...) Tu és caloiro não podes lá ir. Agora, são os pré-finalistas.” A Educadora dirigiu-se ao grupo dos pré-finalistas: “Tu já sabes, meu lindo?” Menino: “Sim.” Educadora: “Vai para ali, meu amor.” Menina: “Eu também já sei.” Educadora: “Também minha querida! Estavas a dizer que não! Tu decide-te.” Menina: “Eu sei a dos finalistas e a dos caloiros.” Educadora: “Tens de aprender também a tua. Deixa-te estar aí. Os outros pré-finalistas ainda não sabem?” Menino: “O P.?” Educadora: “O P.! Qual P.?” Menina: “O P. é caloiro.” Educadora: “Os pré-finalistas são sete. O senhor ainda não sabe?” Menino: “Não.” Educadora: “Ai! Tem de aprender com muita atenção! Vocês têm de se pôr assim para todos os verem. Vocês são muito lindos. Vamos ver se todos aprendem.” Menino: “Não consigo ver!” Educadora: “Não consegues ver? É só olhares! (...)” Educadora: “(...) Um, dois, três. É esta a vossa canção: Adeus amiguinhos, ides abalar, ides para outro ciclo, para estudar, para estudar, para crescer. Adeus amiguinhos, ides aprender, para estudar, para crescer. Adeus amiguinhos, ides aprender.” A Educadora acompanhou o grupo dos pré-finalistas a cantar a canção, pois ainda não a tinham decorado. Educadora: “Eles agora vão aprender outras coisas. Não é? Vão aprender a ler e a escrever.” A Educadora pegou de novo no microfone: “Agora, são os caloiros, os mais pequeninos. A Educadora começou a cantar a canção dos caloiros: “Nós somos caloiros muito pequeninos. Ainda ficamos mais dois aninhos.” Quando a Educadora terminou de cantar a canção: “Ai que fixe! Vá lá! Vá lá	
--	--	--	--	--	--

					meu amor! Agora, vamos todos ajudar os pequeninos. Vamos lá.” Menino: “Não consigo ver a cara da minha colega I.” Educadora: “Pois não, meu amor. Depois está toda a gente em fila e toda a gente vê. Um, dois, três.” (...) Os pré-finalistas começaram a cantar com a ajuda da Educadora. Menino: “A., eu cantei muito alto para eles ouvirem.” Educadora: “Fizeste bem. (...)” (...) Educadora: (...) Agora, é assim. Temos de ir fazer os nossos trabalhos. Está bem? Há meninos que já pintaram as imagens.” A Educadora dirigiu-se a um menino: “Qual foi a imagem que pintaste?” Menino: “Eu pintei a da coruja.” Educadora: “A da coruja é quê? É finalista, pré-finalista ou dos caloiros?” Menino: “É finalista.” Educadora: Tu és finalista? Ah é! Vamos ver.” Menino: “Eu sou pré-finalista.” Educadora: “Eu bem me parecia que tu não eras finalista e que te estavas a enganar.” A Educadora dirigiu-se a outro menino: “Que imagem é que pintaste?” Menino: “Pintei a imagem de finalista.” Menina: “Eu já estou a fazer a capa.” Educadora: “Vocês sabem que a capa dela está a ficar tão gira? Olhem. Ela já está a enfeitar a capa. Está a ficar muito gira. A imagem já lá está dentro mas ainda não está colada, mas tem de se colar. Ora bem.” Menina: “A.N., eu ainda vou ter de acabar.” Educadora: “Pois eu sei, meu amor. Todos têm de acabar.” (...) Educadora: “(...). O que é que pintaste B.E.?” B.E.: “Pintei a imagem dos pré-finalistas.” Educadora: “A nossa B.E. não está bem! Já viste bem o que tu és, B.E.?” B.E.: “Eu sou finalista.” Educadora: “Também me parecia que eras finalista.”
--	--	--	--	--	--

					A Educadora dirigiu-se a um menino: “Que imagem pintaste?” Menino: “Foi a dos finalistas.” Educadora: “E tu V.?” V.: “Foi a dos finalistas.” Educadora: “Pintaste uma imagem dos finalistas e ao lado estava um retângulo com quê?” V.: “Estava a cantiga dos finalistas.” Educadora: “E tu C., o que fizeste? Ainda não fizeste nada?” C.: “Não.” Educadora: “Pintaste alguma imagem?” C.: “Pintei a de finalista.” Educadora: “Ainda bem. (...)” (...) Menina: “A E. pintou uma chupeta.” Educadora: “Pois foi. Pintou uma chupeta. Aliás, pintou duas chupetas. Não foi?” Menina: “A I. também tem chupeta. Ela já trouxe.” Educadora: “(...) Eu não estou a falar dessas chupetas. Essas chupetas estragam-vos os dentes. (...)” Educadora: “(...) Aquelas que vamos pendurar aqui não estragam os dentes. Olha, I. o que fizeste minha querida? A E. já disse que pintou duas chupetas. E tu, vieste ontem?” Menina: “Eu estava ao lado dela.” Educadora: “Não sabes o que pintaste, meu amor? Eu acho que pintaram todos. Estavam todos. Não foram ver o nosso estendal. Está lá. Não está lá a tua meu amor? Não?” Menina: “Eu não fiz aquela.” Educadora: “Agora, esta! Anda cá.” A Educadora levou a menina a ver se descobria qual o desenho que tinha pintado. A menina agarrou no desenho que tinha pintado. Educadora: “Ela sabe qual é a dela. Sim, senhora. (...)” Educadora: “(...) P., qual foi o desenho que pintaste? És finalista, pré-finalista ou caloiro?” P.: “Caloiro.” Educadora: Se és caloiro vais ter uma chupeta pendurada ao pescoço. Pintaste uma chupeta ou pintaste duas
--	--	--	--	--	--

				chupetas?” P.: “Pintei duas chupetas.” Educadora: “Pintaste duas chupetas.” (...) Educadora: “(...) Muito bem. E tu, G.? Quero ouvir só o G. O D. não vem esta semana que está de férias. Diz” G.: “Pintei duas.” Educadora: “Pintaste duas. De que cor?” G.: “De amarelo.” Educadora: “Foi de amarelo. Pois é. As tuas fitas vão ser amarelas.” (...) Educadora: “(...) Ó lindo, o que és tu?” Menino: “Eu sou pré-finalista.” Educadora: “O que pintaste?” Menino: “Eu pintei uma coruja.” Educadora: “Eu pensava que era um mocho! Que engraçado! (...)” Educadora: “(...) E tu, lindo?” Menino: “Eu?” Educadora: Sim. Tu és pré-finalista, não és?” Menino: “Sou.” Educadora: Sim? Afinal, o que é que tu és? Têm de estar com atenção. Eu, às vezes, prego partidas. Então, vá lá, diz lá. O que é que tu és? És finalista, pré-finalista ou caloiro?” Menino: “Sou pré-finalista.” Os colegas riram-se. Educadora: “Tu és pré-finalista! Não tem piada nenhuma. Tu vais ficar cá mais um ano?” Menino: “Não sei.” Educadora: “Não sabes. Tu vais para o primeiro ano?” Os colegas finalistas riram-se e responderam em coro: “Vai.” Educadora: “Se vais para o primeiro ano, és finalista. Os finalistas são os que vão para o primeiro aninho. (...)” Educadora: “(...) E tu meu lindo?” A.L.: “Eu sou finalista.” Educadora: “Muito bem. O que é que tu pintaste, A.L.?” O A.L. não respondeu. Educadora: “Hoje vocês não estão cá. Não há dúvida! Diz lá amigo.” A.L.: “Pintei um menino.” Educadora: “Como é que esse menino está? Tem alguma coisa na cabeça?”	
--	--	--	--	---	--

					A.L.: “Ah!” Educadora: “Quem é que se lembra do nome do que tem na cabeça?” Menina: “Cartola.” Educadora: “Cartola. Muito bem. A cartola é de que cor?” Menina: “Preta.” Educadora: “A ti já não te vou perguntar mais nada. Daqui a pouco ponho-te de castigo. Já te disse que os meninos que estão a olhar para os que não se estão a portar bem, têm de ir para outro lado. Não estão a aprender. Diz lá. (...)” Educadora: (...) O que é que tu és?” Menino: “Sou finalista.” Educadora: “És finalista. Muito bem. (...)” Educadora: “(...) E tu linda?” Menina: “Pré-finalista e pintei um desenho com um mocho.” Educadora: “É verdade. O teu desenho está muito bonito. Pintaste muito bem. Está muito bem pintadinho. (...)” A Educadora repetiu várias vezes seguidas a palavra cartola. A Educadora agarrou num menino: “Tu és o <i>car</i>.” A Educadora agarrou num segundo menino: “Tu és o <i>to</i>.” A Educadora agarrou num terceiro menino: “Tu és o <i>la</i>.” Educadora: “Agora, vou pedir a esta senhora linda. Este é o <i>car</i>. Este é o <i>to</i> e este é o <i>la</i>. Eu vou tirar o <i>car</i>. Que pedacinhos é que ficam?” Menina: “Toia.” Educadora: “Eu disse toia.” Menino: “Tola.” Educadora: “Nós conhecemos uma palavra que é parecida com tola que é tola. Agora, vou tirar o <i>to</i> e vou por aqui o <i>car</i>.” Meninos: “Carla.” Educadora: “Carla. Boa. Palminhas para vocês.” A Educadora bateu palmas às crianças. Educadora: “(...) Então, é assim. Só vou chamar quem estiver com juízo. Quem não estiver com juízo eu não chamo. Tenham paciência. (...)” Educadora: “(...) Quatro meninos grandes [finalistas]	
--	--	--	--	--	--	--

					vão para a mesa da G. [assistente operacional]. A G. vai dizer o que têm de fazer.” (...) Educadora: “(...) A I. vem para o pé de mim.” Educadora: “(...) B.E., queres fazer o Lógico primo ou o Mini Lük [de ginástica mental]?” B.E.: “Quero fazer o Lógico primo.” Educadora: “Muito bem. (...)” Educadora: “(...) Ó N., vais buscar a plasticina e vais fazer plasticina naquela mesa [mesa onde estava a G. e a DEE]. Sou eu que mando.” Educadora: “Ouçam. O D. vai para o computador.” A Educadora trabalhou sozinha numa mesa com quatro crianças. Duas fizeram o jogo do Lógico primo e outras duas fizeram o jogo do Mini Lük. A Educadora disse aos meninos caloiros para irem brincar na zona de lazer e que a E. continuava com a DEE. (...) Uma menina estava doente e teve de sair da sala para ir tomar remédio. Educadora: “Vai lá fora tomar o remédio.” A menina saiu da sala para lhe darem o remédio. (...) Educadora: “Chega-te aqui para o pé de mim. Vamos lá. B.E., tens de deslocar o botão com a cor vermelha para a frente do objeto que lhe corresponde, na coluna da direita. Tu sabes!” A B.E. foi fazendo o jogo sem problemas. A Educadora ia ajudando a fazer algumas pastas e ia orientando algumas crianças da mesa do lado: “Ainda te falta colar isto [ano letivo] na pasta.” Menino finalista: “Isto está bem?” Educadora: “Sim. Continua, mas com cuidado para não estragares ao enfiar a folha no quadro. Quando não souberes, podes virar e vês a solução com a posição das cores. Correto?” Menino finalista: “Sim.”	
--	--	--	--	--	---	--

				Educadora: “Anda cá M. O número seis é que é o lado contrário do número nove. Vamos ver se está certo.” (...) Educadora: “Escrevam a data.” Menina: “Ele não está a fazer bem a data.” Educadora: “O importante é escreverem da esquerda para a direita.” (...) Educadora: “Rápido. Agora A., vens aqui para o pé de mim.” (...) Educadora: “Vamos arrumar que está na hora do lanche.” Os meninos e as meninas começaram a arrumar os brinquedos. Educadora: “A., vai apanhar aqueles papéis que estão no chão. M., aqueles brinquedos ainda não estão arrumados.” Alguns meninos e meninas começaram a fazer fila do lado de dentro da porta para irem lanchar no refeitório, porque o chefe começou a chamar os colegas um a um. A E. levantou-se para ir ter com os colegas e ir lanchar. A campainha tocou. Educadora: “Bom lanche.” Todos os meninos e as meninas saíram para irem lanchar.	
Trabalho da Docente de Educação Especial (DEE)	Tentativa de controlo do barulho	Existia agitação pois todos queriam ver as imagens do computador. DEE: “Calma, senão a Olímpia desaparece.” (...) O DI. atirou o lápis para outra mesa. DEE: “DI., olha para mim. Não se atira nada.” (...) DEE: “Vamos ouvir a I. [Educadora].”	O J. ficou um bocadinho impaciente ao ver os colegas na sala. DEE: “J., deixa estar aqui. (...) (...) DEE: “Senta-te, M.”		O N. estava a começar a brincar e a DEE: “N., N.” (...) N.: “Poing. Poing. Poing. Boing. Bum-bum.” DEE: “Ó N. Vamos lá.” (...) N.: “Tim-tim-tim.” DEE: “Chiu. Vamos lá. Estás quase a terminar.”
	Organização dos materiais e recursos utilizados	A DEE dispôs duas filas de cadeiras para que os alunos do primeiro e do segundo ano se sentassem em frente aos meninos do JI.			
	Diálogo de pergunta e resposta	DEE: “A girafa subiu lá a cima. Foi para comer o quê?”			

		acerca da história lida Meninos em coro: “As estrelas.” (...) DEE: “(...) De quem falava aquela história? Meninos: “De uma girafa.” DEE: “Era de uma girafa. Como é que se chamava?” Menina: “Olímpia” DEE: “Era de uma girafa que se chamava Olímpia e de uma...” Menino: “Galinha.” DEE: “Como é que se chamava a galinha?” Menina: “Dona Margarida” DEE: “Era a Dona Margarida. (...)” DEE: “(...) O que é que a girafa gostava de fazer?” Meninos: “Comer as estrelas.” DEE: “Onde é que a Dona Margarida vivia?” Meninos: “Vivia numa nuvem.” DEE: “Tinha feito o seu ninho numa nuvem. (...)” DEE: “(...) O que é que ela conseguia ver lá de cima? Eram ...” Meninos: “... as estrelas.” DEE: “E via também...” Menino: “...a lua.”		
	Conversa com as crianças	Menino: “Já vieram três.” DEE: “Olha IN., isso está a ficar um nojo.” Menino: “Já vieram muitos.” (...) DEE perguntou aos meninos que já tinham		

			estado na piscina: “Ainda faltam muitos meninos?” Meninos: “Sim.” (...) DEE: “IN., pinta isso bem que está a ficar um nojo. J., vamos um bocadinho à piscina. Está bem, J.? A C. vai guardar o vermelho que já não é preciso. Pintas mais um bocadinho que já te vêm buscar. IN., já te vêm chamar. Vou ver como estão as coisas.” IN.: “Sim.” (...) DEE: “(...) Vamos embora para a sala?” Menino: “D., olha ali.” Menina: “Ainda estás aí, J.?” DEE: “Vamos para a sala. Anda J., vamos para a sala.” O J. saiu imediatamente da piscina. (...) O J. calçou as sapatilhas. A IN. e a B. queriam entrar dentro da piscina novamente mas já se tinham calçado. DEE: “IN. e B. não podem ir para aí com as sapatilhas.” DEE: “S., que estás a fazer? Vamos embora. (...)” S.: “Está bem.” DEE: “(...) D. anda, tu não ouves? Vamos embora. (...)” O D. permanecia na piscina. DEE: “(...) Já está, J.?” O J. estava calçado e pronto a ir com a DEE para a outra sala. DEE: “Vamos MI., vamos embora.” MI.: “Sim.” O S. calçou-se. DEE: “B., S. e J. andem. Vamos (...)” DEE: “(...) e aquela menina como é que ela se chama?” Menino: “É a M.” DEE: “É a M., pois é. Anda M., vamos. (...)”		
--	--	--	--	--	--

Trabalho da EI, da DEE e da Professora de Ensino Regular (PER)			DEE: “(...) Vamos D., vai-te calçar. (...)” Quando o D. começou a ver que a DEE e o J. se iam embora, apressou-se a sair da piscina e calçou-se rapidamente. DEE: “(...) Vamos embora senão não vai. M., anda.” A M. continuou dentro da piscina de bolas. (...) DEE: “Queres um rebuçado?” O J. olhou e a DEE: “Quer.” IN.: “O J. não consegue abrir.” DEE: “Queres ajudá-lo?” IN.: “Sim.” DEE: “És capaz de dizer como se faz?” A IN. desembulhou o rebuçado e deu-o ao colega. DEE: “O que é que se diz, J.? Obrigado.” O J. não falou mas olhou para a IN.		
	Pedido de ajuda da DEE		Um menino começou a arrumar e a DEE pediu-lhe para ir colocar um lápis noutra caixa: “Põe este lápis no DA. se fizeres favor.” Ele arrumou e a DEE: “Obrigada.”		
	Acomoda- ção dos alunos do 1.º ciclo na sala de atividades	Professora: “Posso sentá-los aqui?” DEE: “Podes.” Educadora: “Venham cá. Sejam muito bem-vindos.” DEE: “Estão todos?” Professora: “Faltam os alunos do segundo ano que vêm ali. Ó segundo ano, então!” Educadora: “Os meninos não sabem qual é a história que vão contar. Disse-lhes que era uma surpresa. (...)”			
	Conversa com as crianças do JI	Professora: “Então, é assim. Alguns ainda se lembram de andarem aqui com eles no			

		Jardim.” Menino: “Eu não os conheço porque não andei cá o ano passado.” Educadora: “Mas ficas a conhecê-los.” DEE: “Pois.” (...) Professora: “Eles passaram para a Escola do 1.º Ciclo e aprenderam uma coisa muito, muito gira que é aprender a ler.” Menino: “Eu já sei.” Professora: “Já sabes?!” DEE: “Não.” Educadora: “Eles já sabem que eles (seis alunas e dois alunos) já aprenderam a ler.” (...) Professora: “Agora, quiseram vir aqui contar-vos uma história para vocês ficarem a perceber que já sabem ler muito bem. É uma história do segundo ano. Não quiseram nenhuma história do primeiro ano. Por isso, é que vieram os alunos do segundo ano (uma aluna e um aluno) e também do primeiro ano (cinco alunas e um aluno). A história chama-se “A girafa que comia estrelas” de José Eduardo Agualusa.” Menino: “A girafa comia estrelas!” Educadora: “Será que a girafa comia mesmo as estrelas?” DEE: “Então vamos ver.”			
	Leitura da história feita pela PER e os	Professora: “(...) Eu vou ler a primeira parte e todos vamos contar-vos a história. Cada um			

	alunos do 1.º ciclo	de nós irá ler um bocadinho da história.” A Professora iniciou a leitura da história e mostrou as imagens que ilustravam essa parte. Educadora: “Estão todos a ouvir ler a história?” DEE: “Têm de ouvir bem a leitura da história.” A seguir, leu a JE. do primeiro ano e sempre que hesitou, a Professora ajudou-a na leitura. Quando a JE. acabou de ler, a Educadora disse: “Muito bem.” DEE: “Palmas para a JE..” (...) Professora: “Agora é a M. do primeiro ano.” Quando a M. terminou de ler, a Educadora, a DEE e as crianças do JI bateram-lhe palmas. Professora: “Agora é o S..” Quando o S. acabou de ler a parte que lhe cabia, a Educadora, a DEE e as crianças do JI bateram-lhe palmas. Professora: “Acabou a história.”			
	Apresentação do trabalho para ilustração da história	A Professora mostrou um trabalho que o AO. fez para acompanhar a leitura da história: “A girafa caiu e perdeu a cabeça.” Educadora: “Muito bem! Espetáculo! O AO. está a arranjar as orelhas da			

			girafa!” DEE: “Está muito gira [a girafa]!” Professora: “Foi ele que fez.”			
		Registo através de fotografias	A Educadora e a DEE ajudam as crianças do JI a posicionarem-se melhor para tirarem algumas fotografias junto do trabalho que tinha sido efetuado pelo aluno do 1.º Ciclo. Professora: “Ponham aí a caixinha que é para ficar na foto também.” Educadora: “Vocês [alunos do primeiro e segundo ano] sentam-se ao pé deles. (...)” Tiraram algumas fotos.			
		Despedida dos alunos e da PER	DEE: “Ora muito bem. Estes meninos e meninas já sabem ler. Parabéns.” Educadora: “Parabéns.” Professora: “Muito obrigada. Eu também estou muito feliz por já saberem ler.” (...) A Educadora e a DEE entregaram os marcadores de livros aos alunos. A Professora dirigindo-se aos seus alunos: “Agradeçam-lhes.” A Educadora perguntou o que estava escrito. O S. leu: “Parabéns por já saberem ler e por teres lido tão bem. Beijinhos da Educadora e dos meninos do JI de (...)” (...) Educadora: “(...) Agora, já podem voar, agarram num livro e [foi interrompida por um aluno].” S.: “Já posso			

		voar?!” DEE: “Voar é aqui na cabeça.” A Professora riuse: “Pois.” Educadora: “Temos também uns balões mas ainda não estão cá.” DEE: “Sabem porquê? A ‘senhora’ foi buscá-los.” Educadora: “Depois nós vamos lá levar assim que eles chegarem. Está bem?” Professora: “Está bem. Nós esperamos.” Educadora: “Fica combinado. (...)” Educadora: “(...) Fiquei muito contente por terem lido tão bem.” Os alunos da EB1 preparavam-se para sair com a sua Professora. A DEE agradeceu-lhes: “Muito obrigada.”			
Trabalho da EI e da DEE	Desenho da família	Educadora: “(...) Agora, temos de falar com vocês para lhes perguntarmos quem é que está no vosso desenho que fizeram sobre a vossa família.” A DEE foi buscar os vários desenhos que os meninos tinham feito sobre a família de cada um deles e mostrou ao grupo o desenho que cada menino tinha feito, por grupo de anos, antes de o entregar à Educadora. A Educadora começou a chamar a si cada menino. Primeiro, chamou os meninos do			

		grupo dos três anos, depois chamou os meninos com cinco e seis anos e, por último, chamou os meninos com quatro anos. A DEE entregou o desenho do S. à Educadora e esta enganou-se e chamou o G. Educadora: “Ó G. vem cá. Ah, não é nada. (...)” Educadora: “(...) É do S., anda cá. Vamos lá ver, S.. Este é o bebé. Quem é este?” S.: “O mano.” Educadora: “É o mano! E aqui quem é?” S.: “O pai.” Educadora: “E aqui?” S.: “A mãe.” DEE: “E aqui?” S.: “Eu.” Educadora: “Ora, cá está a família do S. Está jeitosa?” Menino: “Falta o bebé.” Educadora: “O bebé já está aqui. Ah, ah!” Menino: “É o bebé da mãe.” (...) Educadora: “Agora, vem cá a M..” A DEE apontou e a M. respondeu. M.: “É a mãe.” Educadora: “Coitadinha da mamã que está tão pequenina. E aqui?” M.: “É o pai.” Educadora: “O pai está muito grande! Olhem a família da M., está gira?” Meninos em coro: “Sim.” Educadora: “Esta foi a família da M.. (...)” (...) Educadora: “(...) Agora, a família do GO.” O GO. levantou-se e quase que não conseguia			
--	--	--	--	--	--

		passar. DEE: “Passa por este lado.” O GO. disse os elementos que compunham a sua família. Deixou transparecer que gostava de vir a ter um irmão. Educadora: “Quem é aqui?” GO.: “Quando eu tiver um mano.” Educadora: “Ah! É quando tu tiveres um mano?” GO.: “Sim.” Educadora: “Querias ter um mano?” GO.: “E pode vir a calhar.” Educadora: “Tens de dizer à mãe e ao pai. (...) Olhem a família do GO.” Educadora: “(…)Vamos lá a ver, a do ...” A DEE mostrou o desenho e a Educadora respondeu: “...do MI. Venha cá o MI. Vamos lá a ver quem é a família do MI. Quem é este?” MI.: “O pai, a mãe e a mana.” Educadora: “Estão a ver a família do MI?” (...) A seguir, a DEE entregou à Educadora o desenho do G. A Educadora chamou o G. e o desenho com a sua família teve de ser concluído. A Educadora disse-lhe para pintar melhor a cara de um dos seus elementos. A DEE (...) foi observar o que o G. estava a fazer e afiou-lhe dois lápis que precisavam de ser afiados. Educadora: “(...) Agora, ó meninos deixem			
--	--	--	--	--	--

			aí uma estrada no meio. Vem cá, G.” A Educadora pediu ao G. que identificasse os elementos da sua família: “Falta aqui um. Onde é que estás? Vá, tens de desenharte aí. Vá lá. Tu também lá estás.” O G. foi para a mesa fazer o seu retrato físico. (...) O G. acabou o desenho e a DEE mostrou-o ao grupo. Educadora: “Estão a ver a família do G.? G., podes sentarte. (...)” (...) A DEE entregou o desenho do D. à Educadora, (...). Educadora: “(...) Querem ver a família do D.?” Meninos: “Eu quero.” Educadora: “Estão aqui todos.” Meninos: “Fixe.” DEE: “O L., o T., o pai, a mãe e o D.” (...) DEE: “Anda cá J.” Educadora: “Vamos ver a do J.. Quem é que está aqui? Onde está o pai?... e a mãe... e o J.?” O J. apontou e não falou. Educadora: “Pronto. Muito bem. É a família do J..” Meninos: “Ye. Excelente.” (...) A seguir, a DEE chamou a A.: “Agora, é o desenho da A.” Educadora: “Anda mulher, despacha-te. Quem é este? E aqui?” A.: “A mãe e o pai.” A Educadora disse para a A.:		
--	--	--	--	--	--

			“Tens de ir pintar a cara da mãe com cor da pele e pintar os olhos do pai de castanho. Olha, ali coitado. Está com os olhos brancos! Depois já mostro o desenho da A. (...)” A Educadora mostrou a família da A. Perguntou de novo quem eram os elementos que compunham a família da A. e ia identificando os membros das famílias escrevendo-lhes os nomes nos desenhos. DEE: “Anda cá DA.” Educadora: “Quem é este?” DA.: “Sou eu.” Educadora: “E aqui?” DA.: “A mãe.” Educadora: “E aqui?” DA.: “O pai.” Educadora: “Então e mais ninguém? A mana já não está lá em casa?” DA.: “Não.” Educadora: “Mas podias tê-la desenhado.” DA.: “Ela vive noutra casa.” Educadora: “Mas não interessa. Ainda é tua mana. Pões aqui cola batom para isto colar e vais fazer os olhos da tua mana porque caso contrário ela fica triste. Ela também pertence à tua família. (...)” Entretanto, o DA. acabou o desenho e entregou-o à DEE que o mostrou ao grupo e entregou à Educadora. A Educadora perguntou ao DA.: “Onde é			
--	--	--	---	--	--	--

		que está a mana? Como é que se chama a mana?” DA.: “É a V., estão a ver?” Meninos: “Sim.” Educadora: “Então, e aqui?” DA.: “É a mãe.” Educadora: “A mãe. E este aqui?” DA.: “É o namorado da mãe.” Educadora: “É o namorado da mãe. Então, tens de por aqui o teu pai se não ele fica muito triste. E aqui quem é?” DA.: “É a K..” Educadora: “Tens de ir fazer o teu pai senão ele fica muito triste.” (...) Educadora: “(...) Vem cá o DI. Vá DI., quem é?” DI.: “O pai.” Educadora: “Mas o pai tem os olhos cinzentos?” DI.: “Tem.” Educadora: “Tem? E este quem é?” DI. muito baixinho: “A mãe.” DEE: “A mãe. A família do DI.”			
	Organização das crianças pelas mesas de trabalho	Enquanto a Educadora foi ao computador para imprimir um desenho de uma girafa, a DEE iniciou e manteve uma conversa com o grupo dos meninos do JI: “Sentem-se bem. (...)” (...) DEE: “Olhem meninos de cinco anos, vamos sentar na mesa. DI., podes sentar-te aqui na mesa do D.?” O DI. sentou-se ao lado do D. DEE: “Obrigada, DI.” (...) Enquanto a Educadora	O D. e o J. estavam na mesma mesa dos meninos do grupo dos cinco e seis anos.		

			orientou duas mesas com os grupos dos meninos de três e de quatro anos, a DEE trabalhou com o grupo dos meninos de cinco e seis anos.				
		Visualização de trabalhos na internet feitos por outros alunos	A Educadora procurou na internet e mostrou aos meninos alguns trabalhos feitos por outros alunos sobre a história que tinham ouvido. Educadora: “Esta girafa foi feita com pacotes de leite.” DEE: “E esta aqui foi com quê?” Menino: “Com rolhas.” Educadora: “Não. Foi com rolos de cozinha.” (...) Educadora: “Esta foi com quê?” DEE: “Esta foi...” Menina: “com pacotes de leite.”				
		Conversa da EI e da DEE com as crianças consideradas com NEE		Passados alguns minutos, a Educadora: “Então J., já está?” O J. olhou para a Educadora e não falou. DEE: “Ainda não. O J. só começou agora. (...) (...) Educadora: “Então J., como é que isso vai?” DEE: “J., trabalha para irmos também. Aqui.” O J. começou outra vez a trabalhar. (...) Educadora: “Já está D.?” DEE: “Já está, D.! O que é isso? Queres o quê? Queres mais?” O D. abanou a cabeça. (...) Educadora: “Ó J., tens de ir lanchar. Está bem?” O J. olhou para a DEE. DEE: “Pois tem. Vamos também à casa de banho?”			
		Entretenimento das crianças do		Os meninos e as meninas vieram ver o trabalho dos seus colegas e voltaram			

		Jl, na piscina de bolas	para a sala do lado onde aguardavam a sua vez de entrarem na piscina, pois só entravam duas crianças simultaneamente por ordem da Educadora. (...) DEE: “Esperamos aqui um bocadinho. A I. [Educadora] é que vai dizer.” A DEE brincou com as crianças que estavam dentro da piscina de bolas. (...) Educadora: “D., vai para a piscina.” O D. foi para a piscina com uma menina. A primeira reação do D. foi tapar-se com as bolas da piscina. Entretanto, a menina saiu e o D. continuou na piscina mas entrou o S.. A DEE e a Educadora brincaram com as crianças que estavam dentro da piscina. Educadora: “J., podes ir para a piscina mas tem de sair o S.” O J. entrou logo e ficou com o D. na piscina de bolas numa agitação com o S.. DEE: “Tens de sair S.” O D. queria esconder o corpo debaixo das bolas e o J. tapava-se com elas mas deixava sempre a cabeça e o tronco de fora. DEE: “Não está cá o D.” O D. riu-se alto. DEE: “Está aqui.” O D. agarrou a DEE e puxou-a para a piscina. DEE: “Isso não.” O D. começou a atirar muitas bolas ao J. DEE: “Não, não. Podes aleijar o J.. Não se atira.” D.: “Ó pá.” O S. saiu mas começou a atirar bolas ao J. e ao D. Educadora: “Ouves S., assim não.” O S. não obedeceu logo à Educadora. DEE: “O S. não ouve. Vamos tapar o J. e o D. Olha não está cá o D. (...)”	
--	--	-------------------------	--	--

				(...) A Educadora disse que tinham de ir para a sala de atividades. A DEE disse que o tempo tinha acabado e tinham de ir para a sua sala. Todos os meninos queriam interagir uns com os outros com as bolas da piscina que estavam espalhadas pela sala e todos estavam felizes. A Educadora foi para a sala de atividades. A DEE ficou com algumas crianças na piscina de bolas. DEE disse ao D.: “Olha a AL. [aluna sem Necessidades Educativas Especiais]! Vais aleijar a AL.! Assim não. O D. vai já para a sala. D., cuidado!” O D., a M. e o J. continuavam a brincar dentro da piscina de bolas. A assistente operacional entrou na sala: “Boa tarde. Isto é que é uma festa, hoje.” DEE: “AL., puxa-me. Obrigada. O D. tem muita força.”	
		Inclusão da E. no seu grupo, para cantar		A DEE acompanhou a menina E. quando ela foi cantar com os colegas caloiros. A DEE ajoelhou-se ao lado da E. A Educadora cantou sempre e bracejou para alegrar o grupo dos caloiros. Os caloiros cantaram com ajuda da Educadora e da DEE: “Nós somos caloiros muito pequeninos. Ainda ficamos mais dois aninhos.” Educadora: “Mais uma vez. ‘Nós somos caloiros muito pequeninos. Ainda ficamos mais dois aninhos.’ Vá lá.” (...) Educadora: “Vá lá. ‘Nós somos caloiros muito pequeninos. Ainda ficamos mais dois aninhos, mais dois aninhos para amadurar. Adeus amiguinhos, nós vamos ficar.’ Depois fazem uma vénia.” Menino: “Ó A., eu não vi aqueles dois ali atrás.” Educadora: “Querem mais uma vez? Aos pequeninos custa mais. Vá lá. Um, dois, três. ‘Nós somos caloiros muito pequeninos. Ainda ficamos mais dois aninhos,	

					mais dois aninhos para amadurar. Adeus amiguinhos, nós vamos ficar.” Pronto. Uma vénia.” As meninas e os meninos caloiros fizeram uma vénia. A E. fez o gesto [vénia] com a orientação da DEE. Educadora: “Vão-se lá sentar.” As meninas e os meninos caloiros foram sentar-se nos seus bancos. (...) Educadora: “(...) Agora são os caloiros. A E. já está pronta para ir cantar?” DEE: “Sim. Já estou aqui ao pé dela.” Educadora: “É isso mesmo. É isso mesmo. Boa. (...)” Educadora: “(...) Vamos cantar mais uma vez. Só mais uma vez.” DEE: “Vira-te para a frente E.” Os caloiros, a DEE e a Educadora cantaram a canção dos caloiros. (...) Menina: “A E. quase que não cantou.” DEE: “A E. portou-se muito bem.” Educadora: “Sim. A E. portou-se muito bem.” A Educadora bateu as palmas: “Muito bem.”	
Orientação das crianças	Trabalho da Educadora de Infância (EI)	Diálogo entre a EI e as crianças considera das com NEE	Educadora: “D., vem cá. (...) Quem é este?” D.: “O pai.” Educadora: “E aqui?” D.: “Mã” Educadora: “É a mãe. E aqui?” D.: “Is” Educadora: “É o L. e aqui?” D.: “Ti” Educadora: “O T. e este quem é?” D.: “Ogo” Educadora: “É o D.. Vai lá. (...)”	O D. acabou de pintar o desenho da família e foi mostrá-lo à Educadora: “Muito bem. Vai pôr no cacifo.” D.: “Sim.” (...) Educadora: “Bom fim de semana mas agora vocês [J. e D.] têm de ir lanchar.” O D. sorriu.	Educadora: “(...) Ó E., ó E.! Linda! Já pintaste a tua imagem E.” A E. riu-se.	
	Trabalho da Docente de Educação Especial (DEE)	Diálogo entre a DEE e as crianças considera das com NEE	A DEE conversou com o D.: “O D. é bebé?” O D. sorriu. DEE: “O D. não é bebé. O que é isto? Tens de pedir uma cueca à mãe e não a fralda. Como é que me chamo?” A DEE esperou que o D. respondesse mas não respondeu.	DEE controlava a mesa dos meninos dos cinco e seis anos e perguntou ao D.: “Quem é este?” D.: “Is” DEE: “É o L.. E este?” D.: “Ogo”. DEE: “É o D..” DEE apontou: “A mãe... m-m-m. (...)” (...) O D. distraiu-se com uma ferida. DEE: “O que é isso, D.?”	A E. queria levantar-se da cadeira onde estava sentada. DEE: “Para o chão, não.” (...) DEE: “E., dá-me um beijinho e bom lanche.”	O N. chamou a atenção da DEE para ver os brincos da assistente operacional: “Olha, é outro.” DEE: “Queres um desenho?” N. mexendo na orelha: “Não. Voam.” DEE: “Ah! Os brincos dela têm umas borboletas.” (...) DEE: “Muito bem!” N.: “Já fizemos a história.” DEE: “Já fizemos muita

		DEE: “C.” (...) DEE: “J. e D. agora têm de ir lanchar. Eu espero um bocadinho e a seguir trabalhamos mais um bocadinho. Está bem?” D.: “Sim.”	D.: “Do-dói.” DEE: “É um dói-dói. Não mexe na ferida, que faz sangue. Tem de pedir à mãe para pôr creme.” (...) DEE: “O que te aconteceu? Não acredito! [O D. partiu o bico do lápis e não sabia afiar.]” D.: “É.” (...) O D. agarrou na afiadeira. DEE: “Não é assim que se agarra.” DEE: “Como estás levantado, pões isto [caneta] no lixo à C., se fazes favor?” O D. fez o recado, mostrou-se satisfeito e sentou-se. DEE: “Senta-te direito, D.” (...) DEE: “Também queres ir [à piscina de bolas], J.?” O J. não respondeu mas fez sinal afirmativo com a cabeça que queria ir. (...) DEE: “(...) Queres ir à piscina de bolas? Queres?” O J. fixou-a nos olhos e riu-se. DEE sorriu também: “Queres?! Então vá.” (...) DEE: “Queres ir para ali?” O D. não respondeu. DEE: “As meninas estavam a dançar?!” A DEE perguntou ao D.: “Queres fazer esse outra vez?” D.: “Não.” (...) DEE: “Gostas de fruta, D.?” D. muito baixinho: “Sim.” (...) DEE: “J., vamos lanchar. Queres ir lanchar, J.? Tens de ir lanchar.” A DEE viu que o D. tinha a cara suja: “Vamos lavar a cara que eu não gosto de [calou-se.] A C. vai com o D. lavar a cara à casa de banho. Está bem, J.? Já venho. Está bem? Queres ir lanchar? Queres?”	coisa! Não foi, N.?” N.: “Sim.” (...) DEE: “Agora, os colegas do teu grupo estão a começar a fazer a ficha diagnóstica do pré-escolar. Tu também vais fazer por estes dias a ficha que eles estão a fazer.” N.: “Ah!” (...) DEE: “N., tens lavado os dentes?” N.: “Já lavei.” DEE: “Temos de lavar os dentes todos os dias. Depois cheiramos mal dos dentes e apodrecem.” N.: “Eu lavo.” DEE: “Lavas os dentes todos os dias antes de vires para a escola? À noite?” N.: “Não.” DEE: “Tens de dizer à mãe. Está bem?” (...) DEE: “Exatamente. Correu bem a hora do almoço? Correu?” N.: “Sim.” O N. começou a falar e a DEE não estava a perceber o que o menino queria dizer: “Não estou a perceber-te. Queres ir à casa de banho?” N.: “Já fiz.” DEE: “Já fizeste?” N.: “Já.” DEE: “N., vamos fazer um jogo?” N.: “Sim.” A DEE apresentou um jogo novo do Bambino Luck ao N. e ele: “Que giro! Tem música?” DEE: Então, não vês que não tem música.” (...) DEE: “(...) Vamos ver se fazes tudo à primeira.” N.: “Tru-tru.” DEE: “Aqui são três calções e uma camisola.” N.: “Ah! Ah! Faz tu.” DEE: “Não. És tu.” N.: “Dois.” DEE: “Não! E este?” N.: “Espera. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze.” DEE: “Muito bem.” N.: “Pode ser este. Eu apaguei.” DEE: “Não brinques.” (...) DEE: “Chegou o Professor de Música, N. Vamos acabar isto.”
--	--	--	---	---

				O J. abanou a cabeça para um lado e outro.		N.: “Sim.” (...) DEE: “(...) Agora, N. vai ter com os colegas.” N.: “Xau.”
		Apoio à criança considerada com NEE, individualmente			A DEE estava a trabalhar as cores com a E.: “Que cor é esta?” E.: “Preta.” DEE: “Preta. Onde é que está o lápis vermelho?” A E. agarrou o lápis azul. DEE: “Esse é o azul. Não é o vermelho.” A DEE agarrou num lápis vermelho: “Este é que é o lápis vermelho.” A DEE agarrou num lápis branco e perguntou à E.: “Qual é esta cor?” E.: “Vede.” DEE: “Não. É branco.” A E. repetiu mas foi mal. DEE: “E esta cor? Que cor é?” A E. respondeu que era cinzento. DEE: “Cinzento. Olha, que cor é esta?” A E. ia falando. A DEE agarrou num lápis amarelo: “Que cor é esta?” A E. não respondeu, mas agarrou no lápis que a DEE tinha. DEE: “Amarelo.” A E. agarrou num lápis azul: “Azul.” DEE: “Muito bem. Ainda se lembra. (...)” DEE: “(...) Olha E., agora vamos pintar este desenho.” Os contornos desse desenho levaram cola. A DEE agarrou num lápis preto: “Vamos pintar aqui, aqui e aqui com esta cor.” E.: “Castanho.” DEE: “Castanho! Este é preto. (...)” DEE: “(...) E., onde está o sapato da menina?” A E. apontou para o sapato. DEE: “Este é que é o castanho.” E.: “Castanho.” DEE: “Boa. Castanho.” A E. agarrou um lápis preto mal e a DEE contrariou a posição da mão da E. A DEE ajudou a E. a pintar o desenho. (...) A E. e a DEE acabaram de pintar o desenho. (...)	A DEE começou a trabalhar com o N. fazendo a leitura com o menino de uma história com símbolos do SPC para aprender a contar até dez. N. leu: “Uma tartaruga foi passear: encontrou um ratinho. E agora? Já são dois. Dois amigos foram passear: encontraram um peixe. E agora? Já são três. Três amigos foram passear: encontraram um pato. E agora? Já são quatro.” O N. ia lendo mas, às vezes, ia contando desde o número um até ao número em que ia: “Um, dois, três e quatro. Quatro amigos foram passear: encontraram um índio. E agora? Já são cinco. Um, dois, três, quatro e cinco. Cinco amigos foram passear: encontraram um rei. E agora? Já são seis. Um, dois, três, quatro, cinco e seis. Seis amigos foram passear: encontraram um velhote. E agora? Já são sete. Um, dois, três, quatro, cinco, seis e sete. Sete amigos foram passear: encontraram um urso. E agora? Já são oito. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete e oito. Oito amigos foram passear: encontraram o Tito. E agora? Já são dez. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito e dez.” DEE: “São só nove até aqui. Dez é só aqui.” N.: “Nove amigos foram passear: entraram uma cen...” DEE: “Centopeia.” N.: “Centopeia. E agora? Já são dez. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove e dez.” Quando o N. chegou ao final da história ficou muito satisfeito: “Hei, consegui!” (...) DEE: “Vamos lá. Vamos pôr a data.” N.: “Aqui?” DEE: “Põe a data aqui.” O N. quando escreveu a data estava a falar alto o que estava a escrever: “O

				O menino sentou-se ao lado da E. a fazer plasticina. A E. distraiu-se com a plasticina e pegou logo num bocadinho de plasticina que estava em cima da mesa. (...) A E. recortou o desenho com a ajuda da DEE. DEE: “E., vai buscar o teu caderno para colarmos lá o desenho.” A E. foi buscar o seu caderno que era o primeiro acima de um armário baixo.” A DEE colou o desenho no caderno: “O desenho já está colado. (...)” DEE: “(...) Podes ir arrumar o caderno?” E.: “Sim.” A E. foi arrumar o caderno no mesmo sítio e voltou para junto da DEE. DEE: “Agora, vamos dizer o nome dos frutos.” A DEE foi buscar os símbolos do SPC. (...) DEE: “E., agora dizer o nome dos frutos. Está bem?” E.: “Sim.” A DEE mostrou um cartão com uma maçã: “Que fruta é esta? É uma maçã? Sim ou não?” E.: “Sim.” DEE: “Maçã. Repete comigo. Maçã.” E.: “Maçã.” A DEE mostrou um cartão com uma laranja: “Muito bem. Que fruta é esta? É um morango? Sim ou não?” E.: “Não.” DEE: “Morango. Repete comigo. Morango.” E.: “Moango.” DEE: “Mas não é um morango. É uma laranja.” A DEE mostrou um cartão com uma banana: “Agora, que fruta é esta? É uma banana? Sim ou não? Sim.” E.: “Sim.” A DEE mostrou um cartão com uma fatia de melancia: “Que fruta é esta? É uma fatia de melancia? Sim ou não?” E.: “Não.” DEE: “Sim. É uma fatia de melancia.” A DEE mostrou um cartão com uma pera: “Que fruta é esta? É uma pera? Sim ou	[número] sete, zero, seis.” DEE: “Dois mil e dezasseis.” (...) A DEE disse ao N. o que tinha de fazer: “Este exercício é para vermos qual é o som intruso. Estás a ver estes desenhos. Vê o que é isto. Vê se todos têm o som <i>r</i>? Vais riscar o que não tem o som <i>r</i> e vais contornar o desenho que tem o som <i>r</i>.” N.: “Carro.” DEE: “Carro tem o <i>r</i>? Tem?” N.: “Sim.” DEE: “Põe uma rodinha, um círculo, em volta do desenho, aqui.” N.: “Tevisão.” DEE: “Hein. Isto não é uma televisão. Isto é um rádio.” N.: “Rádio.” DEE: “Olha para mim. A palavra rádio tem o <i>r</i> ou não? Diz tu.” N.: “Rádio. Tem.” DEE: “Ah! Muito bem. (...)” (...) DEE: “(...) Isto aqui, o que é?” N.: “É um reão.” DEE: “Tu dizes reão ou leão.” N.: “Reão.” DEE: “Tu dizes o <i>r</i> aí? Isto é um leão.” N.: “Reão.” DEE: “Não. Leão. Eu não disse um <i>r</i> em leão, pois não? Repete. Leão.” N.: “Leão.” DEE: “Isso. (...)” (...) DEE: “(...) E isto o que é?” N.: “É um rato.” DEE: “Rato.” N.: “Rato.” DEE: “Rato tem <i>r</i>?” N.: “Tem.” DEE: “Muito bem. Vamos lá.” (...) O N. circundou o desenho do rato. DEE: “O que é isto?” N.: “É uma cama. Cama.” DEE: “É o c.” N.: “Não tem <i>r</i>.” DEE: “Muito bem. (...)” DEE: “(...) Agora, o que é isto?” N.: “É uma maçã.” DEE: “Tem o som <i>r</i>?” N.: “Tem.” DEE: “Tem? Olha lá, é
--	--	--	--	---	--

				não?” E.: “Sim.” A DEE mostrou um cartão com um morango: “Que fruta é esta? É um morango? Sim ou não?” E.: “Sim.” (...) A DEE deu à E. um puzzle com duas peças: “Monta o puzzle da galinha.” A E. montou o puzzle da galinha. A DEE deu à E. um puzzle de um coelho com duas peças: “Monta o puzzle do coelhinho.” A E. montou o puzzle do coelho. A DEE deu um puzzle com cinco peças com a imagem de um gato para a E. completar: “Qual é a peça que se põe aqui em cima? Olha! Olha!” A E. agarrou nas peças e deixou-as cair no chão. DEE: “Tudo para o chão!” A DEE apanhou as peças do chão: “E., olha aqui! Qual é a peça que se põe aqui?” A E. colocou as peças mas a DEE teve de a ajudar a montar o puzzle.	maçã ou marã? N.: “É marã.” DEE: “Não. É uma maçã. Não tem <i>r</i>. (...)” DEE: “(...) E esta o que é?” N.: “É uma baca.” DEE: “Não. É uma vaca. Emenda. Diz.” N.: “Baca.” DEE: “Vaca. <i>Va-ca</i>.” N.: “Vaca.” DEE: “Vaca tem o som <i>r</i>?” N.: “Não.” DEE: “Muito bem. (...)” DEE: “(...) O que é isto?” N.: “É um caderno.” (...) DEE: “(...) Agora, vais ver quais as palavras que têm o som <i>p</i>. Vais riscar o que não tem o som <i>p</i> e vais contornar o desenho que tem o som <i>p</i>. O que é isto?” N.: “Camisola.” DEE: “Não.” N.: “Casaco.” DEE: “Não. É uma camisa.” N.: “Camisa.” DEE: “Camisa tem o som <i>p</i>?” N.: “Não.” DEE: “Muito bem. (...)” DEE: “(...) Vamos ver aqui. O que é isto?” N.: “Pato.” DEE: “Tem o <i>p</i>?” N.: “Tem.” DEE: “O que é isto aqui?” N.: “É uma bola.” DEE: “Bola tem o som <i>p</i>? Tens de decidir. Olha. <i>Bola</i>.” N.: “Não.” DEE: “Tu dizes pola ou bola?” N.: “Bola.” DEE: “Então, bola tem o som <i>p</i>?” N.: “Não.” (...) DEE: “Então, vamos lá. O que é isto?” N.: “Pão.” DEE: “Pão tem o som <i>p</i>?” N.: “Tem.” DEE: “Isto aqui é o quê?” N.: “Bota.” DEE: “Estás a dizer que aqui é bota? Aqui é que é bota. Não é aí.” N.: “É sapato.” DEE: “Sapato tem o som <i>p</i>? <i>Sa-pa-to</i>.” N.: “Não.” DEE: “Não!”
--	--	--	--	--	---

					N.: “Tem.” DEE: “Onde? <i>Sa-pa-to</i> onde está o <i>p</i>?” N.: “Ah! <i>Sa-pa-to!</i>” DEE: “Olha. Vamos fazer assim.” A DEE agarrou na mão do menino N., esticou-lhe um dedo da mão e disse <i>sa</i>, esticou outro dedo e disse <i>pa</i> e esticou outro dedo e disse <i>to</i>. DEE: “Onde está o <i>p</i>?” O N. apontou para o dedo do <i>pa</i> [sílabo mediana da palavra]. A DEE começou a escrever <i>pa, pe, pi, po, pu</i> em maiúsculas e minúsculas como se fosse nas teclas de um piano, usando apenas cinco teclas para que o N. tocasse nessas teclas. DEE: “Isto está a ficar parecido com um piano?” N.: “Está.” DEE: “Gostas de tocar piano?” N.: “Não sei.” DEE: “Nunca tocaste piano?” N.: “Não.” DEE: “Vamos tocar piano. Já viste teres aqui um piano no caderno.” N.: “<i>Tum-tum-tum-tum-tum.</i>” (...) A DEE terminou de fazer o piano e começou a ler ao N. o que tinha escrito: “<i>Pa, pa; Pe, pe; Pi, pi; Po, po; Pu, pu.</i> Olha, eu a tocar: <i>pa, pe, pi, po, pu.</i> Espera, espera. <i>Pa, pe, pi, po, pu.</i> Agora, vais dizer salteado. <i>Pi</i> e vais dizer com o dedo onde está o <i>pi</i>. Então, vá. Agora, tu.” N. com os dedos fazendo que tocava: “<i>Pa, pi.</i>” DEE: “<i>Pa, pe, pi, po, pu.</i>” N.: “<i>Pa, pe, pa.</i>” DEE: “<i>Pa, pe, pi, po, pu.</i> Agora, tu.” A DEE e o N.: “<i>Pa, pe, pi, po, pu.</i>” DEE: “Vamos só fazer com as letras que sabes: <i>a, e, i, o, u.</i>” (...) A DEE escreveu as vogais minúsculas para lembrar o N. e ajudar na leitura. DEE: “Diz onde está o <i>po.</i>” O N. apontou para o <i>Pu</i>. DEE: “Não. Onde está o <i>po</i>?” N.: “<i>Pa, Pe.</i>” DEE: “N., onde está o <i>o</i>?”
--	--	--	--	--	--

					Este é o <i>u</i>. Tu conheces.” N.: “<i>u-u-u-u-u</i>” DEE: “Só querias um piano. Sapato tem <i>pa</i>?” N.: “Tem.” (...) DEE: “Tem o som <i>p</i>. Agora, vamos ao som <i>t</i>. Isto é o quê?” N.: “É um tambor.” DEE: “Tambor tem o som <i>t</i>?” N.: “Tem.” DEE: “Muito bem. Tambor.” O N. circundou o desenho do tambor porque tinha o som <i>t</i>. DEE: “Quantos pedacinhos tem a palavra tambor?” N.: “<i>Tam-bo-re</i>. Tem três.” DEE: “Não. Não. Não é tambore.” N.: “Tambore. Tem três.” DEE: “N. olha.” A DEE bateu as palmas: “Tambor.” N.: “Tem duas.” DEE: “Não dizemos tambore. Nós dizemos tambor. Está bem? (...)” DEE: “(...) O que é isto aqui?” N.: “Toalha.” DEE: “É? Eu acho que é um tapete.” N.: “Eu acho que é para limpar as mãos.” DEE: “Vamos considerar que é um tapete. Tapete tem o som <i>t</i>?” O N. circundou o desenho. DEE: “Tem. Muito bem. Quantos pedacinhos tem?” N.: “Eu não sei.” DEE: “Eu nem acredito que estou a ouvir isso.” N.: “Tam” DEE: “Agora, já não é tambor. É tapete. <i>Ta-pe-te</i>.” N.: “Tem três.” (...) DEE: “Sabes o que é isto?” N.: “Jogo.” DEE: “São dados.” N.: “Dados.” DEE: “Tem <i>t</i>? Olha para mim. Da-dos. Tem <i>t</i>?” N.: “Sim.” DEE: “Sim? Dados tem o som <i>d</i>. Não é? O <i>t</i> é parecido com o <i>d</i>, não é? Não são iguais. Estou a perguntar-te se a palavra <i>dados</i> tem o som <i>t</i>. O que temos de fazer?”
--	--	--	--	--	--

						O N. começou a circundar o desenho dos dados. DEE: “Não. Achas que tem o som <i>t</i>? Então como é que se faz?” O N. apagou o que tinha começado a circundar. DEE: “Isso. Isto é o quê?” N.: “É um pato.” O N. circundou o desenho do pato. DEE: “Muito bem. (...)” DEE: “(...) Agora, é que vem a bota. Tem o som <i>t</i>?” N.: “Tem.” DEE: “Tem?” N.: “Sim.” DEE: “Quantos pedacinhos tem?” N.: “<i>Bo-ta</i>. Duas.” DEE: “Boa. Muito bem. Fantástico. Vamos só fazer mais uma coisa. Depois escreves o nome.” (...) O N. começou a distrair-se e a fazer barulho. DEE: “Espera. Quantas sílabas tem esta palavra? Esta aqui o que é?” N.: “Não sei.” DEE: “É muito azedo. O que é? É amarelo.” O N. pôs o lápis na boca e não respondeu à pergunta. DEE: “Isto é um limão.” N.: “Limão.” DEE: “Vamos ver quantos pedacinhos tem.” N.: “<i>Li-mão</i>. Duas.” DEE: “Está certo. Acertaste. Escreve o número dois aqui, no quadrado. (...)” DEE: “(...) O que é aqui?” N.: “<i>Re-i</i>. Duas.” DEE: “Não. Rei. O <i>ei</i> nunca se separam. É como se fosse um casamento. É só uma.” O N. escreveu o número um à frente do desenho do rei: “Uma.” DEE: “Muito bem. (...)” DEE: “(...) Agora, isto é uma mão. É outro casamento (<i>ão</i>).” A DEE escreveu <i>ei</i> e <i>ão</i>: “Olha, <i>ei</i> e <i>ão</i>. Estas letrinhas nunca se separam. Mão. Quantos pedacinhos são?” N.: “Uma.” DEE: “Vais fazer o número um. Muito bem. (...)”
--	--	--	--	--	--	--

						DEE: “(...) O que é isto que tu gostas tanto?” N.: “É um computador.” DEE: “Com-pu-ta-dor. É bastante grande.” O N. soletrou a palavra por sílabas: “Com-pu-ta-dor. Tem quatro.” DEE: “Hum. E agora fazer um quatro?” O N. conseguiu escrever o número quatro sozinho. DEE: “Conseguiste. Muito bem. Muito bem. (...)” DEE: “(...) Agora, cortas tu [a folha de papel com os exercícios que tinham estado a resolver] ou corto eu?” N.: “Corto eu.” DEE: “Cortas tu e eu faço a linha.” N.: “Eu faço.” DEE: “É.” (...) O N. traçou riscos na folha para encaixilhar o que tinha estado a fazer. DEE: “Eu vou buscar ali a cola para colares no teu caderno.” O N. recortou e pôs cola na folha. A DEE ajudou a colar a folha no caderno: “Não cabe aqui. Pomos aqui deste lado.” DEE: “Como é o teu nome completo? Sabes, N.?” O N. disse o nome completo. DEE: “Exatamente. (...)” (...) N.: “Pertador.” DEE: “Despertador. Diz lá. N. não vamos dispersar. Vamos lá. Primeiro, esse. Primeiro, vamos associar um de cada vez. Onde está o coração?” O N. ia fazendo o jogo. DEE: “O coração e a casa, vamos.” N.: “És tu?” DEE: “És sempre tu. Vá. Agora, onde é que está isto [quadrado]?” N.: “Está aqui.” DEE: “O quadrado e as riscas. Muito bem.” O N. ia fazendo o jogo. DEE: “Muito bem. O que é isto?” O N. não sabia e a DEE: “É um triângulo.” DEE: “E este? O que é?” N.: “Hum.” DEE: “É um círculo. O
--	--	--	--	--	--	--

						que é este?” N.: “Triângulo.” DEE: “Boa. O que é este?” N.: “É um quadrado.” DEE: “Muito bem. Vamos ver se está certo.” A DEE viu que estava certo: “Muito bem. Certinho.” A DEE estava a procurar outro jogo que o N. tivesse dificuldade: “São todos fáceis para ti. Fazes isto tão facilmente.” A DEE tirou outro jogo: “Onde está a casa?” O N. procurou a casa mas já estava a começar a ficar desatento. DEE: “Atenção. Onde está a flor?” N.: “Onde está este?” DEE: “Não. Não é assim que se faz. Onde está este?” (...) O N. acabou por fazer bem e a DEE: “Certíssimo. Hein. Muito bem. Exatamente.” N.: “Os formas.” DEE: “As formas.” (...) O N. não estava a encaixar uma peça bem. DEE: “Cuidado. Não está bem encaixada no sítio. N., já estás cansado e estás distraído.” (...) DEE: “(...) Está aqui o um, dois, três, cinco e seis. Qual é o número que está aqui a faltar?” O N. não respondeu e a DEE ajudou na contagem dos números: “Um, dois, três, quatro, cinco, seis. Falta aqui o quatro. Onde é que está aqui o número quatro?” N.: “Está aqui.” DEE: “Percebeste a lógica? Agora, qual é o número que falta aí?” N.: “Um, três, quatro, cinco, seis. É o dois.” DEE: “Muito bem. Vamos virar para vermos se está certo.” O N. virou, encaixou o papel na prancha e acabou o exercício. (...) DEE: “Certíssimo. (...)”
		Apoio às crianças considera das com NEE, em grupo	DEE: “Qual é o nome que se escreve?” A DEE pegou na mão do D. e ajudou a começar a escrever o	DEE: “(...) Põe os olhos.” O J. terminou o desenho da família. DEE pediu ao J.: “Traz o livro.”		

		nome: “Vamos fazer o D.” O D. escreveu com ajuda a letra D. DEE: “Agora o I. O D. escreveu com ajuda as letras I, O e G. DEE: “O O.” O D. olhou para a DEE e sorriu. DEE: “Escreve o teu nome J..” O J. começou a escrever o nome. DEE: “J., boa.” (...) O J. e o D. pintaram o desenho da girafa. Enquanto o J. não necessitou de ajuda na pintura, o D. precisou de orientação no trabalho, não respeitou os contornos do desenho e teve de ser muito motivado pela DEE. DEE: “Boa, J.! Continua.” (...) A DEE sorriu ao ver o trabalho do J.: “Está bom! Boa, J.!” (...) O J. estava prestes a terminar (...) DEE: “Calma, D.. Passa por cima. Isso não é dessa cor. Vamos continuar por aqui para irmos para aqui para fazermos os ‘corninhos’. Faz tu agora. Devagarinho.” (...) DEE: “Boa! Olha aqui para baixo, o pescoço. Calma.” (...) O D. parou de pintar e a DEE tocou-lhe com um dedo nas costas: “Truz, truz.” O D. sorriu, endireitou-se e começou a querer pintar	O J. agarrou no livro e sentou-se mas não o abriu. DEE: “Ó J., não abres o livro?” O J. abriu o livro de exercícios de propedêutica e a DEE: “Faz uma roda à volta de todos os números nove.” O J. olhou para a DEE e começou a trabalhar. (...) DEE: “(...) Procura o número cinco. Vamos lá. Vamos ver se encontramos aqui o número cinco.” O J. identificou o número cinco. DEE: “Vamos procurar onde está aqui o número seis. Vamos lá pintar. Sempre a direito. (...) Agora vais pintar com marcador castanho, J.” (...) A DEE pediu-lhe a afiadeira, exemplificou e entregou-lhe novamente a afiadeira ao D. para afiar o lápis castanho que precisava para continuar a pintar o desenho: “Vá, força. Afia. O menino vai para a escola.” DEE dirigiu-se de novo ao J.: “Olha, fila dos vermelhos, fila dos laranjas,..., fila dos círculos, dos triângulos, dos retângulos, dos losângulos...” Enquanto o J. estava a resolver o exercício, a DEE não interrompeu e apenas lhe facultou algumas orientações quando o viu parado e sem saber o que tinha de fazer. (...) O J. ia fazendo os exercícios com algumas orientações da DEE. (...) O D. teve de realizar um exercício em que de um lado, o seu nome (D.) aparecia em maiúsculas na vertical, formando a palavra e do outro as mesmas letras encontravam-se desordenadas para o menino ligar com um traço cada letra que lhe correspondia.	
--	--	---	--	--

			sozinho. DEE: “Não estás a pintar bem. Faz devagarinho. Vá.” (...) DEE: “Vamos fazer aqui o olho. Boa, D.. Devagarinho. Tens de ver bem. Devagarinho.” (...) e o D. estava mais atrasado. DEE: “O D. sabe qual é o castanho?” O D. não respondeu e a M. olhou para a DEE. DEE: “Não és tu M. É o D.” O D. agarrou no castanho e continuou a pintar para terminar o trabalho. Acabou a pintura. DEE: “Está bonito mas tens de pintar mais devagarinho para ficar mais bonito ainda.”	DEE apontou para o nome D. e perguntou ao menino: “Este é o meu nome?” D.: “Não.” DEE: “É o teu nome, D.” (...) A DEE apresentou outro exercício ao D. para que ele escrevesse o nome dele em maiúsculas, copiando por um modelo. O D. copiou as letras do seu nome sozinho. A DEE deu instruções ao D.: “Agora, uma bolinha aberta.” Quando a caligrafia do D. estava mal a DEE obrigava-o a emendar: “Não, não. Faz de novo.” (...) A DEE disse para o J. fazer um quadrado unindo quatro pontos: “Faz igual. Boa. Faz o quadrado. Une daqui para ali... Boa. Agora o retângulo daqui ali e daqui para ali...” DEE: “Isso. Agora um triângulo. (...) DEE: “Então vamos fazer a data. Pode ser?” O D. olhou para a DEE e esta: “Vou buscar a caneta para fazermos a data. Falta a data.” D.: “Ata.” A DEE agarrou no cartão da data que estava afixado na sala junto ao calendário e colocou-o em cima da mesa para que o D. copiasse: “(...) 2016-05-20.” DEE disse ao J.: “Faz lá. Vamos fazer assim: vai daqui para aqui. Carrega com força como tu gostas. Tem de ser de uma vez só.” A DEE perguntou ao D.: “Já está a data?” D.: “Já té.” DEE: “Boa.” O D. fez a data, apesar dos algarismos terem ficado grandes. Arrumou a sua cadeira e foi arrumar a folha no cacifo. A DEE continuou a	
--	--	--	---	--	--

			orientar o J. no trabalho que tinha de efetuar: “Agora para ali.” O D. correu para a sala que ficava mesmo ao lado, em que as portas não se distanciavam mais que dois metros da sua, onde estava a Educadora e os meninos do seu grupo/turma, à exceção de três que tinham ficado a acabar os trabalhos durante breves minutos. (...) DEE: “Faz o círculo à volta.” O J. estava quase a acabar de fazer o círculo. DEE: “Sempre. Continua. Vamos lá. (...) Pinta o quadrado.” (...) DEE: “Vá J., despacha-te para irmos à piscina de bolas.” O J. concentrou-se e fez mais um bocadinho do trabalho. DEE: “Está bom! Pintas este e depois vamos. Anda, despacha-te. (...)” (...) O J. pintou o que a DEE lhe tinha mandado fazer. (...) A DEE que também tinha um rebuçado foi junto do J., entregou-lhe o seu, disse-lhe para o desembulhar e ajudou-o a controlar os movimentos da mão. DEE: “Abre, desenrola.” (...) A seguir, o D. agarrou em puzzles e levou-os para a mesa de trabalho onde estavam o J. e a “Cristina”. DEE: “Queres fazer o puzzle?” Primeiro, o D. mencionou os elementos que faziam parte do puzzle. Depois virou-o ao contrário para o desmontar. Começou a fazer o puzzle da família e abanava a cabeça ao ouvir a música. DEE: “O desenho está		
--	--	--	---	--	--

				ali em baixo.” D.: “Eu sei.” Enquanto o D. montou o puzzle, o J. desenhou figuras geométricas com ajuda de pontinhos. (...) A M. foi sentar-se ao lado do D. a vê-lo trabalhar. DEE: “Põe direito. Põe bem. Onde está o pai?” D.: “Aqui.” Quando o D. terminou o puzzle da família, começou outro. O D. acabou o puzzle e ficou a ouvir a música.		
Colaboração entre a EI e a DEE		Conversa entre a EI, a DEE e a criança considerada com NEE, para orientação do seu trabalho		Educadora: “ (...) ‘Nós somos caloiros muito pequeninos. Ainda ficamos mais dois aninhos.’ Linda [E.], vá.” DEE riu-se: “Muito bem, E.” A E. riu-se também. (...) Educadora: “Ó S. [DEE], a E. pintou uma chupeta, porque os caloiros têm chupetas com balões. (...) E., qual foi o desenho que pintaste? Diz à S. [DEE] que foram duas chupetas.” DEE: “Pintaste duas chupetas? Muito bem, E.” Educadora: “As da E. estão aqui.” DEE: “Muito lindas.” E.: “É.”		
		Pedido de ajuda da EI		A Educadora dirigiu-se ao D.: “D., já está? Vais dizer à C. quem são estes [para escrever o nome das pessoas].” (...) A Educadora observou que a M. também ainda não tinha começado: “Vamos lá M., pega na tua folhinha e vai ter com a DEE que ela ajuda-te.” A DEE falou com a M.: “Quem é que vais fazer aqui?” M.: “É o pai e a mãe.” DEE: “Então, vai já desenhar o pai e a mãe. E a tua irmã?” M.: “Mas isto não é meu!” DEE: “Ah! Então de quem é?” M.: “É o da A.!” A M. foi entregar o desenho com um coração impresso pois já estava começado pela A..		

Apêndice 15 – Registo de observação naturalista: observação do DEE “Luís”, no 1.º ciclo, durante as atividades letivas
Docentes: “P.” e “L.”

Alunos: a A.I. (cega) e a C., diagnosticada com incapacidade intelectual [sic].

Período de observação: 9h/12h30

Observação: LOB₁ + P₁

Data: 22/04/2016

Descrição das situações e comportamentos/atividades observadas	Comentários /inferências
Os alunos começaram a sentar-se; o PER estava junto ao quadro e o DEE estava levantado mas junto da aluna A.I.. O PER começou por dar os bons dias aos alunos e apresentou o novo elemento (observadora) que havia na sala de aula. O DEE sentou-se ao lado da A.I.. PER: “Ainda não escrevi a frase! Certo? Trouxe um trabalho de Português e ainda não começámos! Portanto, daqui a bocado passa o tempo. Já tirei um livro. Já tirei um boneco e não fazemos nada! Não vieram para a escola para não fazer nada! C., mostra o teu livro.” A C. levantou-se da cadeira onde estava, próxima da secretária do professor e foi junto do quadro para mostrar à turma a capa do livro “O piquenique da Dora”. PER: “C., mostra o livro e lê só o título. Abre a página e mostra.” C.: “Posso continuar a ler?” PER: “Podes.” A aluna soletrando fez o que o professor [PER] mandou. O PER mandou a aluna sentar-se e disse: “Data, nome e abecedário maiúsculo. A.I., vai buscar a máquina. Os colegas [estava a dirigir-se à A.I.] vão ajudar-te a construir as frases. Treinar a data, o nome e o abecedário maiúsculo a caneta.” Os alunos voltaram a perguntar se era tudo a caneta. PER: “Sim. T., tem calma. Ainda não escrevi a minha frase no quadro. Fico contagiado.” MA.: “Não tenho caneta”. O PER emprestou uma caneta ao aluno que não tinha: “Ontem, a A.I. trouxe três canetas pretas e eu espalhei-as. Não sobrou nenhuma, apenas uma aqui para mim.” A A.I. tinha à sua frente a máquina elétrica de braille e perguntou ao DEE: “Hoje é 22?” DEE: “Sim, é dia 22.” O DEE ia conversando com a A.I. acerca da máquina mas não a ligaram logo para não estarem a gastar a bateria. PER: “Agora vou escrever a minha frase. O que se comemora hoje? Quem é que sabe?” O PER esperou que algum aluno respondesse, mas ninguém falou e escreveu no quadro <i>Dia da Terra</i>: “Não sabem? Hoje é Dia da Terra. Todos os dias são dias da Terra e esta é para a A.I.. Ó A.I..” A.I.: “Diga”. PER: “A Terra não tem um dia. O nosso planeta Terra é muito, muito velho.” A.I.: “Quantos anos tem?” PER: “O Professor não sabe dizer ao certo.” DEE: “Ninguém sabe.” PER: “Mas tem mil milhões de anos... Isso quer dizer que o número A.I. há de ter pelo menos [calou-se].” A.I.: “Nove zeros. É um bilião.” PER: “Na América seria.” Outro aluno perguntou quando é que o Planeta Terra fazia anos. PER: “O Planeta Terra não é um ser vivo mas tem milhões de seres vivos. E vocês têm lá em casa um aquário? Eu gosto de contar histórias. A Terra é redonda, certo? O R. falou de uma camada muito importante!” Alunos em coro: “Atmosfera.” PER: “Ó A.I.” A.I.: “Diga!” O PER agarrou numa caixa plástica retangular e dirigiu-se à aluna A.I. dizendo-lhe: “Agarra nesta	O DEE e a aluna falam entre si, isolando-se do resto da turma. Pode considerar-se uma prática não inclusiva. O PER dirige-se diretamente à aluna, procurando incluí-la na temática em debate. A aluna corresponde plenamente. O PER volta a questionar

caixa que tem a forma de um paralelepípedo e que normalmente as pessoas põem peixes aí dentro.” A.I.: “Eia!” DEE explicou para a A.I. o que era um aquário: “Um aquário é onde as pessoas colocam os peixes. É transparente, tem água, é maior e tem peixes.” PER: “Ó A.I., estás a ver esse recipiente azul?” A.I.: “Sim.” PER: “Imagina que todos os dias despejavam lixo dentro desse aquário. O que ia acontecer ao lixo?” A.I.: “Os peixes iam comer a pensar que era comida.” Alunos em coro: “Comiam o lixo e iam ficando intoxicados.” A.I.: “Os peixes podiam morrer.” PER: “Podiam ou iam morrer?” Alunos: “Iam acabar por morrer.” PER: “Íamos começar a ver os peixes a flutuar e a morrer.” A.I. perguntou ao DEE: “As pessoas também flutuam?” DEE: “Algumas conseguem mas têm de saber. Eu consigo.” O PER começou a falar dos aterros sanitários e da necessidade de se enterrar o lixo. PER dirigiu-se à A.I.: “Ó A.I., dá-me o teu aquário. Já cumprimentaste a Prof. M.?” A.I.: “Estava desejosa.” PER: “Então cumprimenta-a. Dá-lhe um abraço.” A.I.: “Olá.” [Levantei-me. Cumprimentei a aluna e agarrou-se ao meu braço.] O PER mandou a A.I. começar a escrever e o DEE disse à A.I. para ligar a máquina de braille. O DEE explicou que o papel tem de ficar sempre por debaixo do cursor e a A.I. introduziu o papel na máquina. O PER escreveu a palavra M. no quadro e pede a colaboração de todos os alunos para dizerem como se escreve a palavra em braille. Continuou a aula, pedindo aos alunos para escreverem a data, o nome e o abecedário maiúsculo. A.I. perguntou ao DEE: “Quantos são?” DEE: “21” A.I.: “22!” DEE: “Sim. Volta a fazer o abecedário. Já te ensinei o abecedário mas é para praticares.” A.I.: “Sim.” O PER escreveu o nome do boneco (O Pinóquio) no quadro e interagiu com a observadora: “Ela domina isto, mas perdeu algum rigor. Agora, eu e o “L.” temos de dar-lhe o rigor da escrita e da disciplina. Faz muito depressa, não tem mecanismos de autocorreção ainda.” DEE: “Às vezes, é capaz de escrever uma página sem um único ponto final. Agora, já começa a perceber.” Os alunos começaram a querer conversar acerca do boneco. PER: “Eu vou ajudar um bocadinho. Eu trouxe o boneco. Eu quero que escrevam aí a lápis o que sabem sobre ele.” Aluno: “A minha mãe tem.” PER: “Ele estava na garagem. Está com um bocadito de pó. Quando muito posso escrever palavras para fazer aqui um campo lexical.” O PER fez perguntas aos alunos e pediu-lhes que dissessem palavras que caracterizassem o Pinóquio. C. colocou o dedo no ar. PER: “C.?” C.: “Pinóquio!” PER: “Pinóquio. O professor já escreveu. Mais palavras. Olhem para o boneco.” A I. colocou o dedo no ar: “Eu sei.” PER: “I.!” I.: “Nariz grande.” MA.: “Chapéu vermelho e bicudo.” A.I.: “Olha!”	a A.I. não o tendo feito a outro aluno. O DEE fala em particular para a A.I., não sendo uma prática inclusiva para a aluna. O PER questiona novamente a A.I.. A A.I. está em sintonia com os colegas da turma. Completamente a despropósito. Foi um momento de inclusão na turma em que o PER pediu a colaboração dos colegas. A aula parece centrada na observação. A A.I. conversa em particular com o DEE e este responde, baixinho.
--	--

Os alunos iam trocando opiniões acerca do boneco. PER dirigindo-se à C.: “Diz.” C.: “Sapatos pretos.” PER: “Chiu. R., mais palavras!” R.: “Fato.” PER: “Hein.” R.: “Camisola vermelha.” PER: “Eu prefiro camisola vermelha. Fala-se mais em camisola.” LO.: “Mentiroso.” A A.I. quando ouviu a palavra “mentiroso” deu uma gargalhada: “É como eu, também sou.” O PER continuou a escrever no quadro o que os alunos iam dizendo e estes iam copiando as palavras que o professor escrevia no quadro. PER: “Eu a olhar para o boneco, consigo saber se ele é mentiroso?” LO.: “Sim, porque tem o nariz grande.” PER: “Ao olhar para ele, eu não sei, mas há aqui um aspeto...” O MA. levantou o dedo. PER: “Ora diz lá.” MA.: “É de madeira.” O PER enquanto escrevia: “Madeira. Como são os olhos, D.?” D.: “Olhos azuis.” A A.I. ia escrevendo [na máquina] as palavras que iam sendo ditas pelos colegas com a ajuda do DEE. O DEE perguntou à A.I.: “Estás a escrever o que eles estão a dizer?” A.I.: “Estava a escrever agora.” Aluno: “Eu sei uma. Botões cor botões cor de laranja.” PER: “Estás a escrever o que estão a dizer?” A.I.: “Estou.” PER: “És muito rápida nos dedos.” Os alunos iam continuando a copiar as palavras. PER: “Diz, I.” I.: “Tem uma espécie de gola.” PER: “São os ombros. Não é? É por ele ser antigo.” Aluno: “Pés grandes.” O PER continuava a escrever no quadro as palavras: “Têm 10 minutos para escrever as frases ou para escrever um texto.” Aluno: “Eia!” PER: “Quem não conseguir faz frases. Tem de ser como aquele que fizeram. Se fizerem o que fizeram ontem na altura de escrever o texto [não acabou a frase]. Hoje quero começar por texto que é onde têm sido piores. G., letra maior. Quanto maior for o erro, melhor tu vais ver também para emendar. Comecem de cima para baixo. É um boneco de madeira, com um chapéu vermelho de bico. Na cara tem um nariz grande e olhos azuis. O seu cabelo é preto. C., vem aqui para o pé de mim para te ajudar. Ai se eu ouvir um ai durante 10 minutos.” O DEE ia orientando a A.I. na forma como havia de escrever as palavras e as frases sobre “O Pinóquio”. PER: “Ó S.!” S.: “Diga.” PER: “Ouviste o que eu disse. Eu acho que ontem sai daqui muito cansado com a maneira como tu te portaste, o T., o MA., o R. e o DI. Depois as pessoas cansadas não estão bem e não estão tão boas para trabalhar. Eu falei nas canetas e fui dar uma caneta ao MA. Mande trabalhar e estão aí sem fazer nada! Ó A.I., olha.” A.I.: “Diga.” PER: “Olha, trouxe um boneco já muito velho. A.I.: “Pois é.” PER: “Vamos descrever como é o boneco.”	A A.I. sente-se à vontade na turma. Continua o diálogo entre o DEE e a A.I..
---	--

A.I.: “Já percebi.”
PER: “Ó MA. segura nele.”
O MA. levou o boneco até junto da A.I.
PER dirigindo-se à A.I.: “Toma. Procura-o.”
A.I.: “Olhe a máquina.”
PER: “Está bem. Isso. Cuidado que ele tem um pé “abananado”. De vez em quando um pé cai-lhe.”
A A.I. apalpou o boneco: “Abananado.”
PER: “Sim, um pé solto. Procura as pernas dele.”
A A.I. ia tateando o boneco.
PER: “Isso para cima. Ele é magrinho assim como eu. Parece o D. Quixote de la Mancha.”
A.I.: “Ele é mentiroso e você também.”
PER: “Eu sou mentiroso?”
A.I.: “É.”
PER: “Ou sou brincalhão?”
A.I.: “É as duas coisas, olhe.”
O PER riu-se.
A.I.: “Você uma vez disse que a SE. vinha cá na quinta-feira e não veio.”
PER: “O problema é da SE. porque não posso obrigar as pessoas a vir aqui. Estou sempre a mudar. Olha, vê lá se queres que o Pinóquio se chateie contigo e te dê um abraço.”
A.I.: “Nós somos iguais. Eu também sou mentirosa.”
PER: “Queres escrever duas frases sobre o que sabes sobre o Pinóquio?”
A.I.: “Mas têm de me ajudar. Tenho de vos ouvir a dizer. Eu não sei muito bem o que hei de escrever?”
PER: “Está bem. O que é que tu sabes sobre o Pinóquio? Ele é feito de quê?”
A.I.: “De madeira.”
PER: “Ele é feito de madeira. Então vamos escrever. E mais?”
A.I. com o boneco agarrado pelas mãos fez uma pequena pausa.
PER: “Como é o nariz dele?”
A.I.: “É mentiroso.”
PER: “É um bocadito mentiroso como o LO. disse.”
A.I.: “O LO. também.”
PER: “Ah! O LO. estava desejoso de que acontecesse qualquer coisa para ele [não acabou a frase]. Então, escreve aí umas frases sobre o Pinóquio.”
A A.I. começou a escrever as frases. Quando tinha dúvidas na escrita das palavras perguntava ao DEE. Este tinha de a ajudar a colocar o papel na máquina, pois a aluna não conseguia.
O PER voltou a ler as palavras que escreveu no quadro acerca do Pinóquio: madeira; nariz grande; chapéu vermelho e bicudo; calções verdes; sapatos pretos; olhos azuis; camisola vermelha; cabelo preto; gola branca; botões cor de laranja; magro; mentiroso; pés grandes.
O PER andava pela sala: “Têm de organizar isto em frases. Começam com letra grande e acabam com um ponto final. Ó MA. acabou o teu tempo. Escreveste duas palavras e tens dois erros!”
MA.: “Tenho erros em duas palavras!”
PER: “Desculpa. Ó I., não. Já interveio hoje. Ó SA., venha aqui ao pé de mim. Marque ali os erros do seu colega em ‘nariz’ e ‘grande’ que ele diz que não tem erros.”
A A.I. estava a escrever na máquina enquanto o PER dialogava agora com os seus colegas: “Eles querem que ande sempre aqui envolvido aqui em confusões que é para não ajudar a C. mas eu quero ajudar a C.”
Todos os alunos da turma estavam a fazer as frases, à exceção da C. que ainda estava a copiar as palavras sobre o Pinóquio.
PER: “Está ali um boneco de madeira que eu trouxe [não acabou a frase]. Estás a fazer muito bem. Boa! Estás a ver o meu boneco A.?”
A.: “Sim.”
O PER continuava a dar a volta pela sala de aula e ia observando se os alunos estavam a fazer as frases sobre o Pinóquio. A seguir, a A. deu indicação ao PER que já tinha terminado e este sentou-se na sua

secretária.

A A. levantou-se e foi ao PER para lhe corrigir as frases.

PER: “A A. já está aqui porque acabou. Lê as frases em voz alta. Olha A., parabéns! Vês!”

Ouviu-se a A.I. suspirar.

PER: “Ó GO., vá ler o seu texto. Eu não quero coisas complicadas. Sim. Leia lá, GO..”

A.I.: “Não está fácil.”

GO.: “O Pinóquio tem o nariz grande, um chapéu bicudo e é de madeira. Ele tem os olhos azuis como o mar. Tem o cabelo e os sapatos pretos. Ele usa uma camisola vermelha, uma gola branca e calções verdes.”

O PER continuou a corrigir os textos dos alunos. Estes foram junto do quadro ler os seus textos para a turma.

O DEE leu o que a aluna escreveu e disse-lhe que também podia escrever: “Ele veste uns calções verdes e uma camisola vermelha.”

A A.I. perguntou ao DEE: “E que mais?”

DEE: “Agora colocas um ponto final no fim da frase e comesas uma nova frase. Podes dizer que tem um chapéu vermelho.”

A.I. continuou a escrever: “Chapéu vermelho e que mais?”

DEE: “Não sei se já escreveste nariz comprido.”

A.I.: “Ah!”

DEE: “Tem olhos azuis.”

A A.I. continuou a escrever: “Calma. Então, tem olhos azuis, nariz comprido e?”

DEE: “No pescoço tem uma gola branca. Se quiseses escrever pescoço é com ‘ç’.”

A.I.: “Ainda não escrevi. E que mais?”

DEE: “Não sei muito bem o que já escreveste. Não sei se haverá muito mais para dizer.”

A.I.: “Não. Então, acho que já escrevi quase tudo.”

DEE: “Sim. Também penso que já escreveste. Muda de linha. Retira a folha para eu ler o que escreveste. Já sabes. Até podes desligar a máquina. Depois digo-te os erros para ires aprendendo.”

A.I.: “Pois.”

PER: “MA., lê o teu texto para todos ouvirem.”

MA. leu: “O Pinóquio. O Pinóquio é de madeira. Ele tem um chapéu grande e bicudo. Ele tem na cara um nariz comprido e olhos azuis. O Pinóquio tem uma gola branca. A camisola dele é vermelha e tem botões amarelos. Ele tem calções verdes escuro. Ele tem as pernas muito grandes. Ele tem o pescoço e os pés grandes. Ele tem os sapatos pretos.”

PER: “Ó A.I., deixa ver se ela está sempre com atenção?”

A.I.: “Diga.”

PER: “Há aqui um menino que [não acabou a frase]. Estás a ouvir?”

A.I.: “Estou.”

PER: “Há aqui um menino que se enganou nos calções do Pinóquio. Quem seria?”

A.I.: “O LO..”

PER: “Pensa lá bem, quem é que o ano passado ficava ao pé de ti para te ajudar com as cores ou para tu o ajudares com as cores?”

A.I.: “MA..”

PER: “Então, não é que ele se enganou na cor dos calções.

A A.I. sorriu ao lembrar-se daquelas situações de aprendizagem.

O PER continuou a dar a aula aos alunos: “LO..!”

O DEE começou a explicar à A.I. como se escreviam as palavras que tinham erros: “A palavra nariz está bem escrita. Olhos azuis também estão bem. Esqueceste-te aqui do ponto final. Depois começaste com maiúscula outra vez. ”

A.I.: “Ah, pois. Isso é o problema.”

DEE: “Sapatos pretos. Calções. Deste erro em calções. Talvez nunca tivesses escrito.”

A.I.: “Já. Já.”

O DEE explicou como se escrevia a palavra calções: “C-a-l-ç-õ-e-s. Por isso, é que quando dás erros aproveito para escreveres novamente.”

A.I.: “Pois.”
PER: “A.I.!”
A.I.: “Diga.”
PER: “Agora, temos aqui um exercício de gramática. Ajuda-me, A.I. Primeiro, oralmente e depois é preciso escrever.”
O PER escreveu no quadro e disse: “O Pinóquio trabalhou no circo. Hoje, o Pinóquio...”
A.I.: “Hoje, o Pinóquio trabalhou no circo.”
PER: “Não, A.I. Hoje, [não acabou a frase].”
Alguns alunos em coro incluindo a A.I.: “Hoje, o Pinóquio trabalha no circo.”
A.I. perguntou ao DEE: “Circo é com c?”
DEE: “Circo é com c.”
PER: “Amanhã, [não acabou a frase].”
A.I.: “Amanhã, o Pinóquio trabalhará no circo.”
MA.: “O Professor não escreveu a frase a começar por hoje, em primeiro lugar.”
PER: “Pois não. Por isso, é que a A.I. se enganou.”
O PER dialogou com o DEE: “Vamos pôr sempre o passado na primeira [frase]. Por isso, é que agora [a A.I.] se enganou.”
DEE: “Pois.”
PER: “Não vamos usar o ontem, o hoje e o amanhã. Mas o quê?”
Alunos: “O passado, o presente e o futuro.”
PER: “Por isso, é que eu já não pus ali o ontem de propósito, mas está no passado. Até pode ter sido de manhã. Às vezes, o passado não tem de ser só ontem. Porque eu posso dizer: hoje tomei banho de manhã.”
A.I.: “Também é passado.”
PER: “O passado depende sempre do momento em que nós estamos. Certo?”
A A.I. introduziu uma nova folha na máquina para fazer as frases nos tempos verbais mas necessitou de ajuda do DEE para o fazer. Ao mesmo tempo, os seus pares escreviam as frases requeridas.
O PER escrevia no quadro e pronunciava a frase: “Ontem, o Lourenço viu um jogo de hóquei.”
DEE: “É a próxima tarefa, não é?”
PER: “É. Faz-lhe uma parecida. Eu tenho: ontem, o Lourenço viu um jogo de hóquei. É para mudar para hoje e amanhã.”
DEE: “Certo.”
PER: “É para ver se ela começa a identificar aquele som ‘v’, ‘L’ e o ‘ê’. A.I.!”
A.I.: “Diga.”
PER: “Palavras com ‘v’ e ‘l’. É a própria letra (v ou l) e o ‘ê’ nas palavras de ação, ‘vê’ e ‘lê’.”
A A.I. começou a escrever as frases mas a folha de papel ficou ligeiramente torta. A máquina começou a dar sinal e o DEE tentou corrigir a posição da folha sem a tirar.
O PER deslocou-se para junto da A.I. para a ajudar a colocar a folha na máquina.
PER: “O que é que foi? Qualquer dia escreves nos dedos do Professor. Isto não faz mal nenhum. Isto é que se calhar está aqui muito aberto, L. (DEE). Esta roda não está a pisar o papel.”
DEE: “Pois, deve ser por isso.”
O PER introduziu a folha corretamente na máquina: “Ora, nova linha. Desliga-se.”
DEE: “E liga-se novamente.”
PER: “O que é que foi?”
O PER pensava que a máquina estava sem bateria porque tinha feito um som estranho: “Olha, acabou-se a bateria! (...) Ah! Afinal, faz sempre isto.”
A A.I. perguntou ao DEE: “Como se escreve hóquei?”
DEE: “É com ‘h’.”
PER: Já vi com ‘h’ e sem ‘h’ [o PER corrige o DEE].”
A A.I. acabou de escrever as frases: “Já está.”
O PER perguntou aos outros alunos: “Já está?”
O PER começou a corrigir as frases oralmente: “Como é que se escreve ‘vê’?”
Alunos: “V-ê.”

O PER escreveu no quadro ‘A Alice comeu.’ e disse: “Tudo sentado nas cadeiras. Já peço os trabalhos. É assim: os que já terminaram podem começar a melhorar aquele desenho que começámos ontem.”
LO.: “Eu gostava de fazer um desenho do Pinóquio. Posso?”
PER: “Podes.”
O A. foi ao quadro e não conseguiu escrever a frase no quadro sozinha. Teve de ser ajudada pelo PER: “Hoje, o Lourenço? Como é que vai ficar?”
Alguns alunos da turma: “Vê um jogo de hóquei.”
O PER perguntando à turma: “Como é que se escreve vê?”
Alunos da turma: “V-ê.”
O PER sentou-se novamente na sua secretária, ia corrigindo as frases dos alunos que já tinham terminado enquanto esperava que os outros acabassem. Levantou-se, verificou o que todos os alunos estavam a fazer e deu instruções sobre os desenhos de alguns alunos: “Eu não pintava o fundo a marcador. É muito grande. Vai-se rasgar a folha porque eu dei-lhes uma folha demasiado fina. Ah, LO.! Ou pinta o Pinóquio ou pinta o desenho no dia em que o mar desapareceu. Ó T., tenho de te repetir isso todos os dias! Como é que queres estar a escrever aí se tens a folha levantada?”
O PER foi ajudar a C.: “C., como é que se lê?”
C.: “Atum.”
PER repetiu: “Atum. Gostas de atum?”
C.: “Não.”
PER: “Não?!”
A.I.: “Tão bom.”
PER: “R., vem cá mostrar-me o teu trabalho de hoje. Eu chamei o R.”
A A.I. escreveu a frase “A Ana comeu.” e transformou-a para o presente e futuro. Quando terminou deu indicação do final da sua tarefa: “Já está.”
DEE falou com a A.I.: “O Professor está a corrigir aos outros e eu também vou corrigir o teu. Mais por causa dos erros.”
A.I.: “Ah, pois! Se calhar é melhor. Posso desligar?”
DEE: “Podes desligar. Consegues tirar a folha?”
A.I.: “Sim. Isso é fácil.”
DEE: “Falta aqui um ‘h’ em hóquei.”
A.I.: “Ah! Pois. Ah!”
DEE: “Começa por h-ó-q-u-e-i.”
A.I.: “Ah! Pois. O resto está bem?”
DEE: “Sim. Às vezes, esqueces-te de colocar ponto final.”
A A.I. riu-se.
DEE: “Os verbos só não estão bem escritos porque em vez de escreveres com a letra ‘u’ no fim da palavra escreveste com a letra ‘o’.”
A.I.: “Ah! Ah!”
Os alunos que já tinham feito as frases e que estavam à espera que os pares terminassem, estavam a desenhar e a pintar.
A C. copiou as frases do quadro.
O PER verificou os desenhos de alguns alunos e ficou aborrecido porque estavam a desenhar sem qualquer gosto e interesse pelo que estavam a fazer.
A seguir, o PER chamou a atenção de um aluno acerca da letra que estava a fazer e mostrou o caderno desse aluno à C.: “Não queremos esta letra, pois não C.? Queremos uma letra bonita e elegante. Oh, onde está o seu desenho do mar, C.?”
A C. mostrou ao PER mas tinha feito muito pouco: “Está aqui.”
PER: “A C. precisa de concentração para acabar a tarefa que está a fazer. Vocês também não terminaram o desenho ontem nem a história. Sendo eu vosso professor, é natural que vá exigir que terminem hoje.”
O PER foi ajudar a C. a fazer as tarefas que lhe propôs. A aluna estava a escrever e a completar palavras com am/em/im/om e um.
PER: “O que falta aqui é a letra ‘m’ ou ‘n’?”

C.: “Falta um ‘m’.”
A C. escreveu a letra que faltava e leu a palavra que escreveu.
PER: “Bombeiro. A.F., vem ver como se escreve bombeiro.”
O PER andou pela sala a controlar o que os alunos estavam a fazer: “SA., trabalha. Ó MA., vai ali [ao quadro] ver se a palavra hóquei tem acento?”
Alguns alunos da turma começaram a rir.
PER: “Eu escrevi uma vez com acento. Tu escreveste três vezes sem acento. Sabes o que é que isso faz? Ao escrever errado, está a dizer à cabeça dele três vezes como é que se faz mal. Eu fiz uma vez para tu veres como se fazia bem. Tu fizeste três vezes mal e eu fiz uma vez bem. Olhem como é que ele está. Um rapaz que é bom a matemática, que é bom a pintar mas não liga nada a isto.”
A SA. recusou-se a trabalhar. Escreveu apenas a data, o nome, o abecedário, o título da história “O Pinóquio” e uma frase.
PER: Assim, não pode ser SA. Qualquer menino ou menina que esteja lá em cima trabalhou mais do que tu. Vai ler para a turma uma lição. Não escreveu. Não leu. O que é que a SA. fez na escola?”
A.I.: “Nada.”
PER: “A SA., o DI. e o MA. vão fazer a cópia do texto que vais ler. Lê, alto e bom som.”
SA.: “Começo pelo princípio?”
PER: “Não! Começa pelo fim! Há cada pergunta! Quero paz. Quero ouvir a SA. Até que é uma lição de que não falamos há muito tempo.”
A SA. começou a ler. Quando a SA. hesitou, o PER ajudou-a: “Maresia”
A SA. acabou de ler o texto e o PER: “Volte para o seu lugar. Teve dois minutos de concentração, os únicos do dia.”
O PER mostrou trabalhos bem organizados à turma para que servissem de exemplos para outros alunos.
PER: “Vamos fazer o último exercício para irmos ao intervalo mas antes ainda bebemos o pacote de leite.”
A A.I. voltou a introduzir a folha de papel na máquina. Desta vez, não foi tão difícil.
A.I.: “O que é que vou escrever?”
DEE: “É umas palavras que o Professor está a escrever. Já te digo.”
A.I.: “Mais ainda!”
DEE: “Ainda não acabou a aula.”
A.I.: “Ah!”
DEE: “Ainda temos aqui espaço nesta folha. Já peço ao Professor para dizer.”
O PER escreveu no quadro a frase “Liga as palavras com significado semelhante.”, bem como as palavras para ligar aos seus sinónimos: “grande; rápido; bonito; feroz; selvagem; lindo; enorme; veloz” e dita o que escreveu ao DEE.
O DEE ditou a frase e as palavras a serem ligadas à A.I. Esta começou a escrever seguindo as instruções do DEE.
DEE: “Qual é o sinónimo de bonito?”
A.I.: “Lindo.”
DEE: “Escreves por baixo, lindo. Na linha de baixo, para veloz?”
A.I.: “Rápido.”
DEE: “Veloz é rápido...”
Quando a A.I. acabou, o DEE: “Não te esqueças de varrer, sim.”
A.I.: “O quê?”
DEE repetiu-lhe: “Varrer.”
A.I.: “Está bem.”
A primeira parte da aula terminou.
PER: “Intervalo”
Os alunos saíram da sala. Duas alunas aproximaram-se da A.I. e uma acompanhou-a para o recreio.
Depois do intervalo, os alunos entraram para a sala. O PER mandou calar os alunos e disse para a Professora de Apoio Educativo F. que foi à sala para ir apoiar uma aluna: “Fale com ela sobre o conceito de vogal e de consoante. Eu temo que ela não está a aplicar alguns casos especiais porque não

está a identificar bem onde acaba a sílaba, o am, em, im, om (...).”

Professora de Apoio Educativo (PAE) F.: “Também tem a ver com a consciência silábica.”

PER: “E tem a ver com esta coisa com distinguir a vogal e a consoante no fim da sílaba quando está um caso especial. Reforce esse tipo de exercício um bocadinho numa folha. A Professora de Educação Especial M., que ainda não te apresentei F., veio cá observar um bocadinho a nossa aula. Isto é o nosso quotidiano. Ela também já foi minha colega de Educação Especial. Já trabalhou comigo em sala de aula, mais do que um ano. Ó MA., não quero aqui ninguém ao pé de mim. Tu estavas a mexer nos meus materiais.”

MA.: “Eu!”

PER: “Ai desculpa, C. Não se passa por aí! Não quero ver ninguém aí ajoelhado. Passa por aqui.”

A C. sai da sala para um acompanhamento educativo individual com a PAE F.

PER: “O Professor trouxe um objeto ‘velho’ para vocês observarem.”

Os alunos falavam: “O meu pai tem uma... É uma fita métrica.”

O PER aborreceu-se e disse: “O que é que eu disse? Eu disse que trouxe um objeto para vocês observarem. Vocês começam a falar como se vissem com a ponta da língua! Vocês não veem com a ponta da língua, pois não? A A.I. também vai ver o objeto. Para a A.I. ver, o que é que tem de fazer?”

Alunos da turma à exceção da A.I.: “Tem de sentir.”

PER: “Vais pensar como é que isto se chama, MA.. Tu gostas destes objetos. Alguém sabe como é que se chama isto?”

MA.: “É uma fita.”

PER: “Pois é. É uma fita mas não é do cabelo nem é maleável. Está graduada.”

Um aluno fez barulho. O PER mandou-o calar e continuou a aula: “Alguém sabe o nome?”

Alunos: “Não.”

PER: “Os senhores para trabalharem com ele nas obras ou noutros locais [foi interrompido por um aluno].”

Aluno: “É para medir a estrada.

PER: “Chiu.”

Aluno: “É para medir as coisas.”

PER: “Já estou a dizer que é o metro. É articulado. Dá para fechar. Vou emprestar o metro à A.I. A.I.!”

A.I.: “É para medir as pessoas.”

PER: “Agarra lá no meu metro articulado. Oh, oh. Podemos abri-lo.”

A A.I. agarrou no metro.

PER: “Ó L. [DEE] vê lá se consegues que a A.I. consiga contar todas as partes do metro articulado.”

A A.I. sentiu, numa fase inicial, alguma dificuldade em contar todas as partes do metro articulado, pois não estava a conseguir abri-lo totalmente e necessitou de ajuda do DEE.

DEE: “Já contaste em quantas partes se divide o metro articulado?”

A.I.: “Dezoito.”

DEE: “Não são dezoito! Tens de agarrar bem com as duas mãos.”

O DEE começou a dar instruções muito concretas à A.I., agarrando-lhe a sua mão tateiam o metro articulado: “Esta é a primeira parte. Esta é a segunda. Vamos.”

O DEE certificou-se se a A.I. estava a contar bem e esta acabou por contar as partes do metro articulado.

O PER explorou a noção de comprimento: “O comprimento é uma diferença [não concluiu o que estava a dizer]. É uma distância entre dois pontos e como é que meço essa distância? É com uma régua se ela for pequena e com uma fita métrica se ela for grande. Qual é a medida [não concluiu o que estava a dizer porque foi interrompido por um aluno]?”

PER: “Debruce-se. Não toma conta. Ora, mesmo uma fita métrica muito comprida tem lá dentro uma [a A.I. completou o que o Professor queria dizer].”

A.I.: “Reta.”

PER: “Uma medida principal. Essa medida principal chama-se metro. Se vocês contarem, ou sou eu ou o T..”

PER começou a formar o metro: “Agora, LO. vem cá por uma das tuas tiras (1 dm). Ó GO. vem por uma das tuas tiras. Quem pintou uma tira a cor de laranja?”

Vários alunos: “Eu.”

PER: “Uma azul. Uma castanha. Uma azul. Uma cor de laranja (...).”

Os alunos colaram dez tiras com fita-cola ao quadro e formaram um metro.

PER: “Sentem-se. Ó I., vem cá ajudar. Vamos chamar de decímetro a uma tira mais pequena das nossas. O metro tem quantos decímetros? ”

Alunos: “Tem dez decímetros.”

O PER passou no quadro exercícios de matemática para os alunos resolverem.

PER: “Ó A.I., A.I.! Um metro são dez decímetros. Dois metros são?”

A.I.: “Vinte decímetros.”

PER: “E três metros?”

A.I.: “Trinta decímetros.”

PER: “Ó A.I.!”

A.I.: “Diga.”

PER: “Quer dizer que o decímetro é uma das dez partes que o metro tem. O metro tem dez decímetros e meio metro?”

A.I.: “Cinco decímetros.”

PER: “E metro e meio, são quantos decímetros?”

A A.I. riu-se e não respondeu.

PER: “Ó A.I., o metro eram quantos decímetros?”

A.I.: “Dez”

PER: “E meio metro?”

A.I.: “Cinco”

PER: “Então, metro e meio?”

A.I.: “Quinze.”

DEE: “Decímetro escreve-se dm.” [tentou introduzir-se no diálogo entre a A.I. e o PER, despropositadamente]

PER: “Ó A.I. Agora, vamos fazer ao contrário. Se eu tiver 80 decímetros, serão quantos metros?”

T.: “Ah, essa é fácil.”

A.I.: “Oito.”

PER: “Boa, A.I. A vossa colega é boa a dividir e a fazer contas. Se eu perguntar assim: Um lápis mede mais ou menos quantos decímetros?”

Alunos: “Um decímetro mais ou menos.”

PER: “Afinal posso comparar um lápis com um decímetro.”

PAE V.: “Afinal, quem é que levo?”

PER: “Vão com a Professora V., o D. e o G.. O MA. não vai, que não tem dificuldade na matemática.”

Alunos: “Também posso ir?”

PER: “A Professora e eu é que sabemos quem é que vai. V., rigorosa com a letra e os números.”

PAE V.: “Está bem.”

PER: “Às vezes, não o consigo ser.”

A PAE V. saiu da sala para apoiar o grupo dos alunos no gabinete de Educação Especial e o PER continuou com o restante grupo de alunos.

A A.I. começou a resolver os exercícios de matemática e o DEE deu-lhe instruções.

DEE: “É melhor deixares uma linha e escreves: o metro é a unidade principal das medidas de comprimento. O metro divide-se em dez partes iguais (10 dm). Deixas um espaço e podes escrever. 10 decímetros (dm) é igual a 1 m (metro). Como se escreve um metro em números é o número um e a letra ‘m’.”

PER: “Quanto é que é um metro e dez? Vocês não pensam. Se tem esse comprimento, é porque o comprimento da nossa mesa tem onze tiras. Tem 11 decímetros. Diz lá, T.”

T.: “Um 1,1 m são 11 dm.”

PER: “São 11 dm. Boa. Já é uma pergunta do terceiro ano. A seguir, está aí um quadrado. Vai ler o G.”

O G. começou a ler sobre o metro e parou porque o PER disse: “Se quiseres ir [DEE] buscar o manual de matemática da A.I., pág. 158-159, podes ir.”

O G. continuou a ler sobre o metro.

PER: “Chega. LA., vem ajudar. Agora, vamos fazer alguns exercícios. Isso é a lápis. Vamos medir o antebraço. O antebraço vai do ombro até ao cotovelo. Precisamos de três tiras. Quem é que já não precisa? É um trabalho de grupo?”

O PER pediu que os alunos o ajudassem a medir o seu antebraço.

Alunos: “Mas não dão as tiras.”

PER: “Se não dão, põem duas e meia, ou seja, 2,5 dm.”

A A.I. leu no seu manual adaptado e sentiu alguma dificuldade.

A A.I. perguntou ao DEE: “Está aqui um ‘g’?”

DEE: “Não. Não está aí nenhum.”

PER: “Ó A.I.”

A.I.: “Diga.”

PER: “Tenho aqui um friso com 7 dm. Quantos dm é que me faltam para o metro?”

A.I.: “Três.”

PER: “Muito bem, A.I. Preciso de uma barra castanha e a seguir à castanha, preciso de uma azul.”

Aluno: “Tenho uma cor de laranja.”

PER: “Antes da cor de laranja, preciso de uma azul. Ó A.I.”

A.I.: “Diga.”

PER: “Tenho ali um friso com 10 dm. Esse friso é igual ou menor que o metro?”

A.I.: “É igual.”

PER: “Diz outra vez.”

A.I.: “Igual.”

Os alunos continuaram a resolver os exercícios de matemática e o PER explicou: “ $8m = 10 \times 8dm = 80dm$. Agora, reparem: $4m = 10 \times 4dm = 40dm$. Isto é igualzinho.”

A A.I. ligou a máquina e começou a escrever o que o PER estava a explicar e a resolver no quadro com a ajuda do DEE.

PER: “Vem cá [ao quadro] corrigir uma, T. Ó T., passaste a dar ordens? O que é isso? Ó GO. são coisas difíceis? É assim: pintar o desenho do mar? Vocês estão-me a confundir. Há aqui cinco que não aprenderam a lição e é com esses que eu tenho de fazer a lição.”

O PER mandou que alguns alunos continuassem a fazer a expressão plástica que tinham começado no dia anterior.

PER: “O LO. não está a perceber matemática, hoje? Apaga. Apenas aqueles que eu mandei para o desenho é que podem ir. Os outros estão na matemática.”

O PER observou o trabalho da AN.: “O que escreveste aqui? Um metro são quantos decímetros?”

Alunos: “Dez.”

PER: “Catorze decímetros menos quatro decímetros são dez decímetros.”

A A.I. interrogou o DEE: “E seis mililitros?”

DEE: “Mililitros, não. Tem a ver com o litro e não tem nada a ver. Hoje, ainda não vamos aprender.”

PER: “Agora vamos fazer três perguntas difíceis. Dita lá LO., para eu ajudar.”

O PER esperou que os alunos respondessem.

Aluno: “Posso dizer a outra?”

PER: “Sim.”

A A.I. estava a escrever na máquina para resolver os mesmos exercícios que os seus pares e a máquina deu sinal de bateria fraca.

A.I.: “Ó minha Santa.”

DEE: “Dá para agora. A aula está quase a acabar. Vamos acabar os exercícios.”

A A.I. concluiu os exercícios com o DEE.

PER: “Almoçar.”

A.I.: “Vou almoçar também?”

DEE: “Sim. Vai lá almoçar também. Bom fim de semana, A.I. É maior este fim de semana. Agora, é só terça-feira.”

A.I.: “Segunda, não?”

DEE: “Só terça.”

A.I.: “Xau.”

Apêndice 16 – Registo de observação naturalista: observação da DEE “Cristina”, no 1.º ciclo, durante as atividades letivas

Docentes: “P.R.” e “C.”

Alunos: o P.A. e a L., ambos com incapacidade intelectual [sic].

Período de observação: 9h/12h30

Observação: COB₃ + PR₃

Data: 20/05/2016

Descrição das situações e comportamentos/atividades observadas	Comentários /inferências
A Professora do Ensino Regular (PER) e a Docente de Educação Especial (DEE) dialogaram sobre as atividades que iriam realizar em conjunto, durante a manhã, antes de darem início às atividades com os alunos. PER: “Antes de começar a gravar, vamos falar um bocadinho sobre o que vamos fazer hoje. Vamos começar por dar os bons dias. Eles ouvem e veem. Falam sobre o que viram e a seguir ouvem a história. Depois do intervalo fazemos matemática.” A DEE interrompeu a PER: “A M.C. [observadora] também já conhece esta história, porque fizemos uma ação de sensibilização a nível da criança com deficiência para a comunidade.” Os alunos começaram a entrar na sala. Alguns foram sentar-se e outros continuaram de pé. A conversa entre a DEE e a PER foi interrompida pela L. [aluna com NEE, enquadrada no domínio cognitivo]: “Professora C. estou bonita?” DEE: “Que bigodes são esses todos?” L.: “É do leite.” DEE: “É do leite! Vai lavar a cara L.” A PER e a DEE colocaram a secretária, em frente ao quadro, ligaram o computador e colocaram-no em cima da secretária ligado à eletricidade. A PER e a DEE deram os bons dias aos alunos. A PER apresentou o novo elemento (observadora) que se encontrava ao fundo da sala de aula. PER: “Meninos, escutem a Professora. Hoje vocês vão escutar uma história. Antes de ouvirem essa história têm de estar com uma postura correta para olharem aqui para o computador e para não estarem juntos para não conversarem. A história chama-se ‘O pequeno Trevo’. Vocês sabem o que é um trevo?” Alunos: “Sim.” O diálogo foi interrompido por outra PER que foi a esta sala dar os bons dias: “Bom dia. Hoje até pensavam que ia faltar. Estava cá outra Professora!” PER: “Pois é. Está a gravar.” A PER ao ouvir que a aula da colega estava a ser gravada foi embora para a sua sala de aula. Aluno: “Ó professora [PER]!” A PER dirigiu uma pergunta a esse aluno: “É uma planta que se encontra facilmente?” Aluno: “Não.” PER: “Não se encontra facilmente. Então é assim, a história chama-se ‘O pequeno Trevo’. Eu estava a perguntar se é fácil de encontrar esta planta?” Alunos em coro: “Não.” A.: “Não, porque é rara.” PER: “Ora muito bem A. O que significa ser rara?” Aluno: “É muito valiosa.” PER: “O que quer dizer rara?” M.: “Não se encontra facilmente e há em poucos sítios.” PER: “Muito bem, M. Uma flor rara significa que não se encontra facilmente e há em poucos sítios. Então a história que vamos escutar e ver é sobre um trevo, um pequeno trevo de quatro folhas. Têm de estar muito atentos para ver se percebemos o que esta história nos querará dizer... Calma que ainda não colocámos...” Os alunos trocaram opiniões sobre os trevos de quatro folhas. PER: “Não pelo contrário, dizem que quem encontra um trevo de quatro folhas tem é muita sorte. Pronto. Quero que escutem e vejam com atenção. Vocês têm de pensar na professora que está a falar. O computador já está totalmente pronto para vocês verem?”	O P.A. está matriculado no terceiro ano de escolaridade e a L. está no segundo ano. Os alunos da turma interromperam a PER e começaram a falar.

Alunos: “Não.”

PER: “Então não há necessidade de vocês estarem a falar nisso. Escutem a Professora que já vamos colocar o computador a jeitinho para a história.”

A PER elevou a voz: “Então é assim: quero que escutem com atenção. Acham que vamos falar só sobre o trevo?”

Alunos: “Não.”

PER: “Vamos escutar uma história sobre uma família de trevos? Hum. Também não. Vamos ver no final da história quem é que consegue entender o que é que esta história nos ensina. Quem é o pequeno Trevo? O que é que isso significa e porque é que hoje vamos ouvir esta história? Eu tenho aqui a capa do livrinho. Cá está o pequeno Trevo e uma criança, não é. Então pela capa nós já podemos perceber o que estará aqui na história. Um trevo e uma criança. Já sabemos que o trevo é uma planta muito rara, difícil de encontrar e que não há muito. Portanto, vamos escutar a história, perceber a lição e o que é que esta história nos ensina. Alguém consegue imaginar o que vamos ouvir?”

A M. levantou o dedo.

PER: “Diz lá, M.”

A M. começou a falar: “Acho que é uma história sobre um trevo e um menino.”

PER: “E tu L., o que pensas que a história nos vai contar? Sabes o que é um trevo?”

L.: “Não.”

PER: “É esta plantinha.”

DEE: “Isto está sempre a andar. Não estou a conseguir encontrar.”

PER: “Isso não será o filme?”

DEE: “É a canção e o vídeo. É este. Pronto.”

PER: “Nunca viste um trevo. O trevo é uma plantinha muito pequenina. De quatro é muito rara. Até se diz que quem encontrar um trevo de quatro folhas tem muita sorte e fica sortudo. As pétalas do trevo são muito frágeis, fininhas. É uma planta muito frágil e que se pode estragar facilmente.”

A PER mostrou a capa do livro à turma: “Temos aqui uma criança. O que achas que vai acontecer, L.?”

L.: “Vai aparecer a sorrir...”

PER: “...com o trevo, sim.”

DEE: “Já não se pode mexer mais na mesa, pois não P.R. [PER]?”

PER: “Pode.”

DEE: “Ai pode! Acho que aqui o computador não pode ficar senão estas alunas não veem.”

PER: “Colocamos aqui uns dossiês invertidos debaixo do computador ou uma caixa.”

Um aluno foi levar à PER uma caixa para colocar o computador em cima.

PER: “Obrigada. Já está aqui uma à mão.”

DEE: “Pois, assim está melhor e todos veem.”

PER: “Todos conseguem ver o ecrã do computador?”

Alunos: “Sim.”

DEE: “Aquele se calhar não vê.”

PER: “Pois, se calhar o G. não vê bem. Chegas-te mais para cá. Puxas a cadeirinha. Conseguem ver?”

L.U.: “Agora não consigo ver.”

PER: “Muda de lugar. É importante que todos vejam. Estão todos a ver? Consegues ver L.?”

L.: “Sim.”

DEE: “Aqueles que estão ao fundo podem vir mais aqui para a frente, aqui para o lado.”

PER: Podem vir para aqui para este corredorzinho, exatamente.”

DEE: “Vês amiga?”

PER: “É uma história muito importante e vamos ver também quem é que consegue perceber a moral do que vamos ver e ouvir no computador. Têm de estar com a postura correta para se concentrarem e ouvirem. Pronto, então vamos escutar com muita atenção.”

A DEE colocou a canção “Somos iguais, diferentes” com letra e música de João Portugal no computador.

A DEE
colocou o
DVD com a
canção sobre o

PER: “Mais alto.” A DEE aumentou o som e a PER: “Isso.” Começaram a ouvir a canção “Somos iguais, diferentes” com letra e música de João Portugal e a PER pediu à DEE: “Põe a música de início se faz favor.” A DEE pôs a canção “Somos iguais, diferentes” interpretada por João Portugal a tocar: “Vou-vos contar uma história De um pequeno trevo que nasceu diferente Em vez de três folhas Tinha quatro e um coração carente Toda a gente olhava com desprezo Sem coragem para o encarar Estava triste por não ter amigos, Com quem brincar Somos iguais, diferentes Não nos interessa, o aspeto Queremos que o mundo inteiro dê ao trevo muito afeto Somos iguais, diferentes Não nos interessa, o aspeto Queremos que o mundo inteiro dê ao trevo muito afeto O único amigo que lhe dava atenção E carinho era o vento Os outros que olhavam Sem um gesto nem uma palavra Dói por dentro Mas um dia passou um menino E abraçou o trevo com paixão Há certos gestos que não têm preço ‘o dar a mão’ Quando acabou a música a PER: “L., o que é que tu achaste? Gostaste? O que é que achaste da música? Do que é que fala a música?” L.: “Do afeto.” PER: “Do afeto. Sabes o que é o afeto?” L.: “É o carinho.” PER: “É o carinho e tu tens muito, não tens? Gostas de dar carinho? E de receber?” L.: “Também.” PER: “O que é que tu percebeste mais da canção? (...) Sem ser o afeto, o que te chamou mais a atenção?” L.: “Não sei mais.” PER: “Respondeste muito bem. Gostei muito das tuas respostas. Muito bem.” A PER dirigiu-se à M.: “O que queres dizer?” M.: “Percebi que todas as pessoas são iguais e que não interessa o aspeto.” PER: “Muito importante. E tu, A. o que achaste? Ouviste com atenção? O que é que aprendeste com esta canção?” A.: “Eu não aprendi nada.” PER: “Olha A., eu não te fiz essa pergunta para ouvir essa resposta.” A.: “Eu já conhecia essa canção.” PER: “Então, quando ouviste esta canção pela primeira vez o que aprendeste com esta canção? Não aprendeste nada?” A.: “Não.” PER: “Não. Então deixa-me dizer-te que estavas muito distraído porque todos nós aqui aprendemos com aquela canção. F., o que é que tu percebeste?” F.: “Não consegui perceber nada.” PER: “O que viste nas imagens? Quem é que estava a aparecer?”	filme no computador. Os alunos ouviram a canção “Somos iguais diferentes” de João Portugal, inspirado na história “O pequeno Trevo”. O F. estava triste.
---	---

F.: “Eram os trevos.”
PER: “E sem serem os trevos? Quem é que mais aparecia?”
F.: “Meninos.”
PER: “Meninos. Onde é que estavam esses meninos?”
F.: “A brincar.”
PER: “Estavam a brincar. Com quem?”
F.: “Com os pais.”
PER: “Era com os adultos, não era? E esses meninos? Percebeste alguma coisa da canção? Que parte é que percebeste melhor? Ouviste a M., que somos ...”
F.: “... todos iguais.”
PER: “L., somos todos iguais?”
L.: “Sim.”
PER: “Sim, não no aspeto mas...”
L.: “... no coração.”
PER: “Pois é. Quem é que concorda com a L.?”
Vários alunos colocaram o dedo no ar.
PER: “Quem é que concorda com o A. que não aprendeu nada com a canção?”
Ninguém colocou o dedo no ar em concordância com o A.
PER: “Pois é! Estavas muito distraído nessa altura e agora também. Porque esta canção é uma grande lição de vida. A L. disse duas coisas muito importantes, que a canção fala de afetos e que somos todos iguais. Quem é que acha que não somos todos iguais? Não sejam mentirosos.”
S.: “Eu acho que somos todos iguais.”
PER: “Então diz lá, S. o que querias dizer.”
S.: “Eu percebi que temos de ser sempre amigos e nunca nos devemos chatear.”
PER: “Ora, temos de ser sempre amigos e nunca nos chatearmos. Então L. o que tens a dizer sobre isso de sermos todos amigos e não nos chatearmos como a S. diz.”
L.: “É ser amigos.”
PER: “É sermos amigos.”
L.: “É sermos amigos e bons para eles.”
PER: “É sermos amigos e bons para os outros. Isso é muito importante. Tu estás a tentar fazer isso e ser boa para eles?”
S.: “Sim.”
PER: “Sim. E tu L., estás a tentar ser boa para os teus colegas com muita ou pouca vontade?”
L.: “Muita.”
PER: “Com muita ou pouca força?”
L.: “Muita.”
DEE: “Ouviste L.R. o que é que a L. disse? Diz lá.”
L.R.: “A L. está a esforçar-se para ser igual.”
DEE: “Igual a...”
PER: “Isso já todos somos. O que é que ela se está a esforçar?”
L.R.: “Está a esforçar-se por ser amiga.”
PER: “E vocês estão a esforçar-se por serem amigos da L.?”
Alunos em coro: “Sim.”
DEE: “Nesta canção apareceram alguns meninos, uns ainda bebés, outros mais crescidos. Acha que aqueles meninos são saudáveis? Viram o aspeto deles?”
L.: “Não.”
DEE: “São meninos que nasceram assim, que têm problemas, que além de terem problemas também precisam de afeto e de carinho. Percebem? Apesar de sermos todos iguais, de termos todos os mesmos direitos, de andar na escola, de ter amigos, de ser amigo, de portarmo-nos bem, somos diferentes. Aqueles meninos também são diferentes mas têm de ter afetos e carinho tal como o L.S., o F., a L., a M. e a L.R. Verdade ou mentira?”
L.: “Verdade.”
DEE: “Todos nós precisamos de afetos independentemente do aspeto de sermos ou gordinhos ou

magrinhos ou às vezes a cabeça não funcionar muito bem...Quanto mais carinho e afeto nós tivermos, mais conseguimos dar.”

PER: “A L. entendeu isso muito bem. Utilizou mesmo essa palavra ‘afeto’. Muito bem. Vamos então ouvir a história ‘O pequeno Trevo’: *Era uma vez um trevo que nasceu diferente dos outros. A princípio era apenas uma pequena semente, igual a tantas outras, que começou lentamente a brotar da terra. Mas quando cresceu tornou-se logo evidente que não era como todos os outros trevos. Em vez das três folhinhas em forma de coração, ele tinha quatro. No início, ainda pensaram que a folha que estava a mais e que o tornava tão diferente, iria cair mais cedo ou mais tarde. Mas o pequeno trevo cresceu e nada se alterou. A quarta folha crescia tanto como as outras. Ninguém entendia a razão por que ele nascera com uma folha a mais.*”

A PER interrompeu a leitura e mostrou a ilustração da história à turma: “Temos aqui os trevos com três folhinhas em forma de coração.”

Aluno: “Professora!”

PER: “Espera! E aqui está o nosso trevo que tinha quantas folhinhas?”

Alunos: “Quatro.”

PER: “Tinha quatro folhinhas e era diferente de todos os outros. Era o único.”

A PER prosseguiu a leitura da história: “*Começaram a surgir as conversas à volta de tão estranho acontecimento. Uns diziam que deveria ser uma doença, outros acrescentavam que provavelmente seria coisa ruim e que poderia pegar-se aos outros trevos. Começaram a olhá-lo com desconfiança. O medo do que não entendiam fê-los afastarem-se do pequeno trevo, que vivia cada vez mais triste, sem perceber a razão por que mal lhe falavam.*”

A PER mostrou aos alunos a ilustração da página que tinha acabado de ler: “Cá está o trevo muito triste, a chorar porque todos os outros se afastam dele. Só porque ele tem uma folhinha a mais.”

Alunos: “Ah!”

L.: “Coitadinho.”

A PER prosseguiu a leitura da história: “*A notícia de tal acontecimento correu por todo o bosque. Todos falavam do pequeno trevo que nascera com quatro folhas. Aqueles que podiam não perdiam a oportunidade de ver com os seus próprios olhos algo tão invulgar. O pequeno trevo habituou-se a ser alvo da curiosidade de todos os animais do bosque. Até de longe vinham para verificar se era verdade que existia uma tal planta de quatro folhas.*”

PER: “Cá temos todos os animais do bosque a irem espreitar o trevo das quatro folhas. Ó L., larga a garrafa da água, filha.”

A PER continuou a leitura: “*Como aquelas três borboletas que um dia foram vê-lo. A princípio, o pequeno trevo achou-as muito bonitas e desejou poder voar com elas. Mas ficou muito triste quando as ouviu falar.*

– Olhem para ali! Que trevo mais estranho!

– Será doença?

– O melhor é irmos embora...

E afastaram-se rapidamente.

Todos o apontavam e falavam dele com medo. Outros riam-se, troçando da sua diferença. O pequeno trevo estava cada vez mais infeliz. Não entendia por que razão não gostavam dele e o olhavam com desconfiança e receio.”

A PER parou a leitura para mostrar aos alunos a ilustração do livro e comentou: “Cá temos as três borboletinhas e o pequeno trevo.”

A PER continuou a ler: “*Só o vento lhe fazia companhia. Soprava de mansinho, tao suavemente que quase parecia uma carícia. Tinha muita pena de o ver tão triste. Demorava-se sempre um pouco mais para lhe contar histórias. Falava-lhe muitas vezes de outras terras, de rios e do mar e dos humanos que viviam para além do bosque. Quando tinha que partir, tentava animá-lo, dizendo-lhe:*

– Não liguês ao que te dizem. Vais ver que mais cedo ou mais tarde todos se irão habituar. E um dia tudo será diferente.

Mas para o trevo esse dia não havia meio de chegar. Continuavam a não lhe sorrir e mal lhe falavam. Os seus amigos tudo faziam para o manter afastado das conversas.

Um dia houve uma grande agitação naquela parte do bosque. Ouviam-se ao longe as vozes alegres

de dois meninos, que brincavam com uma bola. O pequeno trevo nunca tinha visto uma criança e estava ansioso por os ver chegar. Só esperava que eles passassem por perto para os poder ver. E assim aconteceu. Um dos meninos deu um pontapé na bola, que foi parar muito perto do cantinho onde vivia o pequeno trevo. Tiveram que se aproximar para a irem buscar.

O trevo estava muito feliz, pois podia finalmente ver como era uma criança. E pensou como seria bom poder ir com eles, sair daquele lugar onde era tão infeliz e conhecer todos os sítios de que lhe falava o vento.”

A PER mostrou as páginas ilustradas do livro à turma da parte que tinha acabado de ler: “Cá estão os dois meninos a brincar com uma bola e o trevo ali tão pertinho.”

L.: “A sorrir.”

PER: “Sim.”

A PER continuou a leitura: “*De repente uma das crianças olhou na sua direção com um ar muito admirado e aproximou-se. Chegou tão perto que o pequeno trevo até se assustou, pensando que ela o iria pisar. Mas a criança baixou-se e, com muito cuidado, soltou-o do caule que o prendia àquele lugar onde ninguém gostava dele.*

– Olha um trevo de quatro folhas! É sinal de sorte.

– Deixa ver...

E o outro menino mostrava orgulhoso o seu achado. Depois de o mirarem bem, colocou-o com todo o cuidado no bolso da sua camisa, deixando as folhas de fora.

O pequeno trevo estava muito feliz. Finalmente encontrara alguém que não se importava com a sua folha a mais, como por causa dela o tinha preferido entre todos os outros trevos. E ainda por cima iria viajar. De tempos a tempos o pequeno trevo volta ao lugar onde nasceu. Para sua surpresa, todos o recebem sempre muito bem, chegando mesmo a dizer-lhe que já tinham saudades dele.”

PER: “Estão a ver? O que é que aconteceu ao trevo?”

L.: “O trevo ficou feliz.”

PER: “Porquê?”

Aluno: “Porque arranhou amigos.”

PER: “O trevo ficou feliz porque arranhou amigos. E tu L., para onde é que pensas que foi o trevo?”

L.: “Saiu do bosque.”

PER: “O trevo arranhou um amigo e saiu do bosque. O menino andava a jogar à bola e escolheu aquele trevo. Porque é que achas que esse menino o escolheu? Porque é que apanhou aquele trevo e não outro qualquer com três folhas? Porquê?”

L.: “Era diferente.”

PER: “Porque era diferente, não era? Diz lá G..”

G.: “Porque dava sorte e era diferente dos outros.”

PER: “Era porque dava sorte. Era por isso? A., queres dizer alguma coisa? O que é diz?”

A.: “Quero fazer uma pergunta.”

PER: “Queres fazer uma pergunta. Então faz.”

A.: “O menino levou o trevo para o prédio?”

A PER sorriu e respondeu: “O menino levou o trevo para casa e com certeza colocou-o em água para ele não morrer.”

A.: “Mas não está aí.”

PER: “Não está aqui mas nós imaginamos. Isso faz parte da criatividade de cada um de nós. Olhem lá meninos, onde estava o trevo quando nasceu?”

M.: “No bosque.”

PER: “Estava no bosque. O que é que aconteceu quando ele começou a brotar da terra? L.U., o que é que começou a ver-se? Esse trevo tinha o quê?”

Aluna: “Quatro folhas.”

PER: “Por isso, o que era?”

Aluna: “Era diferente.”

PER: “Será que este trevo era assim tão diferente dos outros trevos dos seus colegas, só por ter mais uma folha?”

Os alunos em coro: “Não.”

PER: “Então como é que nós te devemos tratar, L.?”
L.: “Bem.”
PER: “Todos nós, não é. O trevo por ter quatro folhas tinha de ser tratado de maneira diferente?”
L.: “Não.”
PER: “Quem é que concorda com a L.?”
Os alunos não responderam e a PER: “Então, vamos imaginar que aqui a escola era um bosque e que nós aqui éramos todos uns grandes trevos lindos e maravilhosos, verdinhos, verdinhos, verdinhos.”
Alguns alunos: “Eu tenho quatro [folhas].”
PER: “Um dia, a escola começou aqui no bosque e quem é que chegou aqui de novo?”
Aluno: “Um trevo.”
PER: “Foi um trevo muito lindo, não foi. Quem foi esse trevo?”
Aluno: “Foi a L.”
L.: “Foi o de quatro folhas.”
PER: “Isso foi na história. Vamos imaginar aqui a nossa sala de aula num bosque. Somos uns trevos muito verdejantes. Quem chegou à nossa sala? Chegou um trevo novo. Quem foi?”
Os alunos questionaram-se e a PER: “Chegou um trevo lindo que se chama L. não foi? Como é que nós tratámos esse trevo?”
Alunos: “Bem.”
PER: “Foi L.? Tu és um trevo lindo de quatro folhinhas. Como é que tu foste tratada quando chegaste aqui? Foste bem tratada? O que é que sentiste?”
L.: “Alegria.”
PER: “Ficaste feliz quando conheceste estes meninos. Primeiro, não ficaste logo feliz, pois não. O que é que tu sentiste?”
L.: “Senti-me bem.”
PER: “Foste bem tratada pelos meninos como o trevo de quatro folhas? Este trevo foi bem tratado pelos amigos?”
L.: “Não.”
PER: “Este trevo não foi bem tratado pelos amigos mas tu foste bem tratada L. Achas que este trevo foi bem tratado, F.?”
F.: “Sim.”
PER: “Sim, este trevo foi bem tratado. Achas que nós recebemos bem este trevo L.?”
L.: “Sim.”
PER: “Então não fomos como os trevos de três folhas pois não?”
L.: “Não.”
PER: “Nem fomos como as borboletas, pois não?”
Alunos: “Não.”
PER: “O que é que vamos fazer agora que já conhecemos este trevo lindo, o que é que vamos fazer?”
Alunos: “Vamos dar-nos bem.”
PER: “Porque somos todos...”
Alunos: “...iguais.”
PER: “Quando dizemos que somos todos iguais na verdade o que é que nós queremos dizer?”
Aluna: “Que somos todos amigos.”
PER: “Quando dizemos que somos todos iguais queremos dizer que somos todos amigos, que temos os mesmos direitos, temos de res...”
Alunos: “...peitar”
PER: “...e de ser respeitado.”
Um aluno interrompeu a PER: “Professora, vamos escrever alguma coisa sobre a história?”
PER: “Vais sim, mas primeiro tens de ouvir. Estás sempre virado para a frente mas em direção oposta. É impressionante. Olhem! Estávamos a dizer que quando se diz que somos todos iguais o que é que isso significa?”
L.: “Temos de ser amigos.”
PER: “Devemos ser amigos.”
Aluna: “Posso ir à casa de banho?”

PER: “Ah, sua marota. Vais num instante à casa de banho e quando vieres vais dizer o que significa somos todos iguais?”
Aluna: “Que somos amigos.”
PER: “Isso já se disse. O que é que temos de fazer?”
L.: “Ser amigo.”
PER: “Isso já sabemos. Para ser amigo o que temos de fazer? Já não sou tua amiga, pronto.”
Aluno: “Temos de estar bem-dispostos.”
PER: “Temos de estar bem-dispostos e mais?”
Alunos: “Temos de tratar bem os colegas.”
O P.A. levantou o dedo no ar e aguardou a sua vez.
PER: “Têm de tratar bem os colegas. Diz lá, P.A.”
P.A.: “Carinho.”
PER: “Boa! Carinho! O carinho é a chave. É o segredo.”
L.: “O carinho e o afeto.”
PER: “Boa! Através do carinho e do afeto nós temos tudo. Temos o respeito, a amizade, a honestidade, a partilha... Se houver carinho é muito bom, P.A. Estou muito orgulhosa de ti neste momento. O P.A. escutou com atenção e conseguiu descobrir aqui o que esta história nos ensina. É o afeto. É o carinho. Quem dá e recebe carinho é uma pessoa feliz, que chama mais pessoas para a sua volta. Depois é fácil arranjar amigos. É fácil andar bem-disposta, feliz. Diz M.”
M.: “Eu disse que o menino e o trevo de quatro folhas iam ficar amigos antes de saber o final da história. Eu acertei.”
PER: “Pois foi conseguinte acertar mesmo sem conheceres a história. Vocês repararam mesmo no final da história o que se disse? O trevo foi para casa com o menino. Certo? Quando visitou o bosque como é que foi recebido?”
L.: “Bem.”
PER: “Muito bem. Chegaram a dizer o quê? Que tinham...”
L.: “... quatro folhas.”
F.: “...saudades dele.”
PER: “Tinham saudades dele. O trevo enquanto lá estava sentia-se muito...”
M.: “...triste e infeliz.”
PER: O trevo sentia-se muito triste e infeliz. Afinal quando saiu do bosque, o que sentiram? Sentiram a falta dele não foi?”
Aluno: “Sentiram saudades.”
PER: “Sentiram saudades. Afinal havia ali carinho, mas parece que havia ali um portão no meio. O portão não abria! Temos de abrir esse portão, não é? Aqui, hoje, amanhã, para a semana, pela vida fora...”
L.: “Professora!”
A PER continuou: “...nós temos de saber respeitar a diferença e ajudar a partilhar e sentir...”
Alunos: “...carinho e aceitar a diferença.”
PER: “É isso que esta história nos ensina a aceitar a diferença...”
DEE: “...a não ter medo”
PER: “...a não ter medo, exatamente. Sobretudo sentir o carinho, o afeto porque são pessoas iguais a nós. Não é?”
L.: “O amor”
PER: “Estas crianças que apareceram tal como a C. [DEE] disse são crianças que nasceram com algum problema de saúde, com alguma deficiência. Está bem? Portanto, não vamos pô-los de parte nem excluí-los. O nosso trevo que acolhemos em setembro era um trevo medroso que não conhecia ninguém. Estava aqui pela primeira vez.”
DEE: “Estava muito zangado.”
PER: “Vinha muito zangado. Era um trevo assim muito agitado, não é? Mas hoje como é esse trevo?”
Alunos em coro: “É muito bem tratado.”
Aluno: “É feliz.”

PER: “É bem tratado.”
Um aluno repetiu: “É feliz.”
PER: “Pois mas isso ainda tem de mostrar mais um bocadinho essa parte. É porque está a aprender também como deve estar na sala, como se deve comportar.”
A L. debruçou-se sobre a carteira da sala e começou a chorar.
A PER disse para a DEE: “Ela [L.] e o P.A. aprenderam muito bem a lição: o carinho e o afeto. Ouviram com bastante atenção e descobriram logo, logo o que se pretendia com esta história. O carinho e o afeto para aceitar quem é diferente porque somos todos iguais. Entenderam? Percebeste agora F.? Entendeste que o trevozinho foi posto de parte e rejeitado pelos colegas porque tinha quatro folhas quando deveria ter só três. Sofreu muito. Ficou triste. Estava só. Não tinha companhia de ninguém e então apareceu um menino que mudou tudo. Sabem o que o menino lhe mostrou e deu?”
L.: “Foi carinho.”
DEE: “L. gostaste desta história?”
L.: “Sim. Muito.”
O F. pôs a sua imaginação a operar: “Ontem encontrei um trevo de quatro folhas.”
PER: “Ai sim! Olha que sorte a tua! Muito bem! Então guarda-o muito bem guardadinho.”
DEE: “L. queres fazer perguntas aos teus colegas algo sobre esta história, sobre o trevo e sobre o carinho? Pergunta. Escolhe um menino e pergunta-lhe sobre a história ou o que tu quiseses sobre a história.”
L. apontando para uma menina: “M.”
Aluno: “M. quê?”
PER: “Não se meta. Então L., podes perguntar.”
L.: “De que gostaste mais?”
M.: “Gostei mais da parte que o menino leva o trevo com ele.”
PER: “Pergunta a um menino?”
L.: “De que gostaste mais S.?”
S.: “Gostei mais quando o menino levou o trevo para casa.”
DEE: “Podes continuar a perguntar a mais meninos e depois vocês também podem fazer perguntas à L. Agora é ela que pergunta.”
L.: “O que gostaste mais G.?”
G.: “Foi quando o menino o levou para casa.”
PER: “Têm de responder à L. com sinceridade e honestidade.”
G.: “Também gostei da parte quando os trevos de três folhas tiveram saudades do trevo de quatro folhas.”
PER: “Muito bem. É a L. que está a perguntar?”
L.: “A., qual foi a parte que gostaste mais?”
A.: “Gostei que o trevo tivesse ficado feliz por ter aparecido a criança e a criança o ter levado para casa.”
DEE: “Muito bem. Olha que está ali o P.A.”
L.: “P.A. de que é que gostaste mais?”
P.A.: “Gostei mais quando o menino se aproximou do trevo e lhe deu carinho.”
L.: “Qual foi a parte que a professora P.A. [PER] gostou mais?”
PER: “Eu gostei mais quando o trevo de quatro folhas se sentiu amado e que gostou do seu novo amigo. Ficou feliz.”
DEE: “Alguém quer fazer perguntas à L.?”
Aluno: “L. de que gostaste mais?”
L.: “Foi quando os dois meninos foram jogar à bola e viram o trevo.”
PER: “Pois claro. Há quanto tempo eu estava à espera desta. Quem é que quer fazer mais perguntas à L.?”
Aluna: “L. afinal de que gostaste?”
L.: “Do carinho.”
PER: “Ela respondeu bem. Outro menino para fazer perguntas à L.”

Um aluno fez uma pergunta que já tinha sido feita e a PER: “Isso já foi respondido. Tens de fazer outra pergunta. Podes perguntar o que a L. achou de mais importante.”

O aluno não conseguiu exprimir-se muito bem e a DEE ajudou-o a formular a questão: “O que é que tu sentiste? Foi alegria, tristeza?”

L.: “Foi alegria.”

PER: “Vocês são livres de fazer perguntas à L.”

Aluno: “Qual foi a parte de que gostaste mais?”

L.: “Gostei da parte quando o menino levou o trevo para casa.”

A PER não conseguiu ouvir o que a L. disse: “L., não ouvi, desculpa. Tens de te sentar, L.”

A L. repetiu o que tinha dito anteriormente: “Gostei também da parte quando o menino levou o trevo para casa.”

Os alunos estavam a falar e a PER aborreceu-se: “Têm de estar calados. A L. estava a falar.”

J.: “Qual foi a parte em que ficaste mais feliz?”

L.: “Gostei do final.”

PER: “Pois é. Têm de falar mais alto. Quem é que quer fazer mais perguntas?”

O P.A. fez uma pergunta que já tinha sido feita.

DEE: “A L. já respondeu a essa questão. Faz outra.”

PER: “Pois a L. já respondeu a isso. Tens de estar atento.”

A M. começou a falar baixinho, quase que não se ouvia.

DEE: “Diz alto, M.”

M.: “De que gostaste mais?”

L.: “Gostei de todas as partes desde que o menino viu o trevo.”

PER: “Mais alguma pergunta?”

Aluna: “Não.”

PER: “Ninguém tem para fazer à L.?”

O P.A. começou a fazer uma pergunta à L.

DEE: “De vez em quando sai-lhe.”

PER: “De vez em quando sai-lhe! De ano a ano.”

P.A.: “O que tens de fazer para ter amigos?”

DEE: “Mais alto, mais alto que isso é importante.”

L.: “É não refilar com os outros. Tenho de respeitar as pessoas.”

DEE: “Tens de respeitar os amigos e as pessoas.”

PER: “Ó P.A. pergunta novamente mas mais alto. Tu estás a participar tão bem mas estás a falar muito baixinho que quase não se percebe o que dizes.”

P.A.: “O que tens de fazer para ser amiga dos outros?”

L.: “Tenho de respeitar as professoras e os colegas.”

PER: “É só as professoras e os colegas?”

L.: “Os meus pais”

PER: “Todos os adultos que te rodeiam. Na hora do almoço as senhoras do ATL (Atividades dos Tempos Livres). Outra pergunta que vos apeteça fazer à L.”

Aluna: “O que sentiste quando chegaste à nossa escola?”

L.: “Só e triste.”

PER: “L. quando estás triste, a chorar e zangada o que é que te apetece fazer?”

L.: “Ir pedir desculpa.”

PER: “Naqueles momentos em que estás muito triste e zangada o que é que fazes?”

L.: “Costumo bater.”

PER: “Costumas bater para libertar essa energia, não é? Achas bem?”

L.: “Não.”

PER: “Como é que te sentes a seguir a isso?”

L.: “Mal.”

PER: “Ficas muito...”

L.: “...triste.”

PER: “Alguém ganha com isso?”

L.: “Não.”
PER: “Então, o que é que há a fazer?”
L.: “Tenho de me portar bem todos os dias.”
PER: “O que é que significa para ti portares-te bem?”
L.: “Tenho de respeitar os outros.”
PER: “Não é só respeitar. Para respeitares tens de...”
L.: “...obedecer”
PER: “Exatamente. Tens de obedecer. É obediência àquilo que o adulto te diz. Como é que se hão de comportar os colegas? O que é que os colegas devem fazer quando o nosso trevozinho quando tem um dia mais agitado?”
C.: “Temos de ajudar.”
PER: “Para ajudar tenho de fazer alguma ação. O quê?”
C.: “A sermos amigos, a acalmar a L. e dar-lhe carinho.”
PER: “É só isso que ela precisa porque garanto-vos que se ela sentir esse carinho e esse afeto fica feliz.”
A L. começou a choramingar.
Aluna: “A L. está a chorar!”
PER: “Pois. Ela está muito emocionada porque já foi como este trevozinho de quatro folhas. Percebem? Por isso é que ela está tão atenta e vive esta história de uma maneira mais forte do que vocês porque já se sentiu este trevo. Está bem? Para uma criança com poucos anos de vida ela já sofreu muito como este trevo na história. Olha L., anda cá amor. Então ela agora está a perceber que os meninos aqui sempre lhe deram...”
L.: “...carinho”
PER: “E a outra palavra linda que disseste?”
L.: “Afeto”
PER: “Sempre teve afeto. Esta história cabe aqui na nossa sala de aula na perfeição. Nós somos um bosque de trevos e caiu cá um trevo diferente mais agitado, apesar de ser igual a nós. Tem o mesmo respeito, obediência, carinho e afeto que nós temos. No entanto, chegou aqui e não conhecia ninguém. Era um sítio novo, uma família nova. Era tudo novo. É natural que viesse um bocadinho mais agitada. Vocês receberam-na bem. Já tivemos aqui dias mais difíceis, dias melhores e dias muito bons. Daqui para a frente depois desta história o queremos ter?”
L.: “Amor.”
PER: “Queremos ter carinho, afeto e dias bons.”
Aluna: “Posso fazer uma pergunta?”
PER: “Podes.”
Aluna: “Gostas das aulas que tens?”
A PER acrescentou: “... da companhia, da partilha, do convívio? Pois claro. O que vamos fazer a partir de hoje?”
Aluna: “Posso dizer?”
PER: “Deixem a L. fazer uma pergunta.”
DEE: “Olhem, posso falar também? É assim todos nós temos dias maus. Passam-se coisas que nós ficamos irritados tanto as professoras como os alunos. Mesmo quando há uma coisa que nos chateia muito, que ficamos irritados e muito aborrecidos, o que temos de fazer aqui na nossa cabecinha [apontou para a cabeça]? Tentamos contro...”
Alunos: “...controlar.”
DEE: “Tentamos controlar as nossas emoções. É isso que a L. também está a aprender a controlar quando ela está muito aborrecida e muito zangada. Ela tem de aprender a controlar e é isso que vocês quando dão afeto e carinho e perdoam o que ela faz de mal também estão a ajudá-la a que ela depois comece a controlar-se melhor. Percebido?”
Alunos: “Sim.”
DEE: “Não é isso, L.?”
PER: “Ela está muito emocionada.”
O G. começou a falar e a PER: “L., olha o G.”

G.: “Ela está quase a chorar!”
PER: “Não está a chorar. Está emocionada.”
DEE: “Está é emocionada que é diferente de estar a chorar.”
PER: “Queres fazer mais alguma pergunta a alguém?”
L.: “Não.”
R.: “Posso fazer uma pergunta à L.?”
DEE: “Com certeza. Podes.”
R.: “Sentes que tens aqui amigos?”
A PER dirigiu-se para a DEE baixinho: “Este menino é muito perspicaz. Repete novamente e alto para todos ouvirem.”
O R. repetiu a questão.
PER: “Sentes que tens aqui amigos mesmo sentindo aqui no coração?”
L.: “Sim.”
PER: “Pergunta alto.”
Aluna: “Gostas dos teus colegas?”
L.: “Sim.”
PER: “Pergunta lá se ela gosta de ti. Era isso que tu ias perguntar não era? Eu bem percebi. Ora pergunta à L. É interessante. Se calhar, vais ficar surpreendida. Pergunta lá à L. se ela gosta de ti. A sério pergunta, vais ficar bem surpreendida com a resposta. Olha para ela e pergunta.”
Aluna: “Gostas de mim?”
L.: “Sim.”
DEE: “Quem diria, não é?”
A DEE combinou com a PER: “Que tal ouvirmos mais um bocadinho a canção?”
PER: “Acho que sim. Eles agora já não têm mais perguntas para fazer.”
A PER dirigiu-se aos alunos: “Mais alguém tem alguma questão que queira fazer? Se alguém quiser perguntar o que ela perguntou, pode perguntar aquilo que vos estiver a passar pela cabecinha. Vê lá o que vais perguntar.”
S.: “Gostas de todos os trabalhos que fazes aqui na escola?”
DEE: “Ai, ai S.”
L.: “Gosto.”
PER: “Diz P.A.”
P.A.: “Gostas de todos os alunos da escola?”
L.: “Sim.”
DEE: “E vocês gostam dela?”
Alunos: “Sim.”
PER: “Quem gosta da L.?”
Todos os colegas da L. levantaram o dedo em concordância com o facto de gostarem da L.
PER: “Muito bem! Estou muito orgulhosa destes meninos mas principalmente ali do P.A., sim senhor.”
DEE: “Está a crescer. Está a ficar grande.”
PER: “Muito bem. Então este sentimento que estão a sentir agora é para se aguentar muito tempo, toda a vida das nove horas às 17h30m, todos os dias. Ouviu P.A.?”
A PER deu uma gargalhada: “Para todo o sempre. O que é que estão a sentir agora nos vossos corações?”
Alunos em coro: “Afeto.”
PER: “Esse sentimento é para ser muito guardadinho na caixinha do coração. Então vamos ouvir outra vez a canção.”
Alunos: “Sim.”
DEE: “Agora já vão perceber melhor porque vão olhar com mais atenção e vão entender melhor estas imagens.”
Enquanto ouviam a canção “Somos iguais, diferentes” interpretada por João Portugal a DEE mostrou à PER um menino a quem já tinha prestado apoio pedagógico personalizado: “É este aqui.”
No fim de ouvirem a canção, uma aluna: “Uau, Professora!”

PER: “É lindo, não é?”
Aluna: “Professora, eu gostei do outro que era o pai e tinha o nariz vermelho de palhaço.”
PER: “Isso era a brincar. Então, agora vamos fazer o seguinte: eu vou pedir à M. que dê os cadernos de Português a cada um e vocês escrevem o nome e a data. O que vamos fazer é um cartaz em que cada um vai pintar a sua mãozinha e vamos fazer um círculo porque somos todos...”
Alunos: “...iguais.”
PER: “Vou pedir ajuda à professora C. [DEE] e vou pedir para irem chamar a X. [assistente operacional] para fazer o guache.”
Os alunos ainda estavam sentados de um lado da sala pois as mesas da outra metade da sala tinham ficado vagas aquando do início da visualização do vídeo da canção e tentavam interromper a PER.
A PER continuou a falar: “Os alunos do segundo ano vão escrever uma ou duas frases sobre a diferença, o carinho, o afeto, a amizade.”
Aluno: “Vamos escrever duas frases.”
PER: “Os do primeiro ano vão começar a pintar as mãos para fazermos também um cartaz em que vamos pintar as vossas mãozinhas para fazer um círculo.”
Vários alunos: “Quero pintar a mão.”
PER: “Calma. O primeiro ano regressa ao seu lugar.”
Ouviam-se as cadeiras a serem arrastadas pelos alunos.
PER: “Calma. Pronto, sem barulho. Não quero ver ninguém de pé. Vamos esperar que a X. chegue. Podes participar P.A. e pôr a tua mãozinha. Está bem? Queres?”
O P.A. acenando a cabeça: “Sim.”
Um aluno saiu da sala para ir chamar a X. [assistente operacional].
Aluno: “Surpresa.”
A PER foi interrompida por um aluno: “É para escrever (...).”
Aluno: “Quando é o intervalo?”
PER: “Estás com fome? Ainda não está na hora do intervalo. Já vou dar o leite. Espera aí. Chiu. Quem é a dar o leite hoje?”
Aluno: “É o M.A.”
PER: “Mas o M.A. foi chamar a X. que é para ela nos preparar as tintas. Ora deixa cá ver se arranjo espaço aqui nesta mesa.”
A PER disse ao P.A.: “Podes sentar aqui [era na mesa onde iria colocar a folha de papel]. Podes ajudar a pintar as mãos se quiseres.”
Alguns alunos estavam de pé e a PER: “Olhem, o primeiro aninho vai pensar o que quer escrever e também escreve o nome, a data e o alfabeto no caderno de português... L. vai para o teu lugar. Podes sentar-te aqui.”
L.: “Professora [DEE], não sei do meu caderno de português.”
DEE: “Vai procurá-lo.”
A X. entrou na sala e dirigiu-se à PER e à DEE: “Temos aqui várias cores claras que eles podem escolher.”
PER: “L., vai para o teu lugar.”
L.: “Não sei onde está o meu caderno.”
PER: “O segundo ano, a lápis, vai escrever uma ou duas frases sobre a história que acabámos de escutar sobre o afeto, o carinho, a diferença, a amizade.”
A PER continuou a falar com a X. acerca da elaboração do cartaz: “X., há papel cenário? A minha ideia é pintarmos as mãos deles e ficarem as suas marcas no papel.”
X.: “Não há papel cenário mas temos cartolinas. Querem papel A₃ ou A₄?”
PER: “É capaz de dar duas folhas A₃. O que achas C. [DEE]?”
DEE: “Acho que sim. Penso que duas folhas chegam.”
A X. foi buscar duas cartolinas A₃.
PER: “Obrigada. X. A ideia é nós fazermos um círculo e eles pintarem as palmas das mãos no papel cenário. Arranje-me também guaches, se faz favor.”
A X. colocou um pacote de leite à disposição para cada um dos alunos da turma em cima de uma mesa.

Entretanto, a M. foi distribuir os pacotes e reparou que faltava um pacote: “X. não chegam os pacotes!”

X.: “Não vês que o G. não bebe leite. Eu ainda sei contar. contei bem.”

PER: “Então, o que aprendeste com a história L.?”

L.: “Somos todos iguais.”

PER: “Não ouvi.”

L.: “Somos todos iguais.”

PER: “Somos todos iguais.”

A DEE e a PER uniram as duas cartolinas com fita-cola.

DEE: “Pronto. Fica muito bem.”

A DEE começou a ver os guaches e perguntou à PER: “Pomos laranja ou verde?”

PER: “Laranja é mais apelativo.”

Os alunos estavam a fazer muito barulho e a PER: “Ai que eu estou a ouvir tanto barulho.”

Um aluno conversava e pedia ajuda à PER.

PER: “Já te vou ajudar a escrever as frases.”

Os alunos continuaram a escrever as frases.

Uma aluna perguntou à PER se podia escrever uma frase e esta respondeu-lhe: “Pode ser. Não é a caneta. É a lápis.”

B.: “Posso escrever a caneta? Eu gosto.”

PER: “B. agora não. Escreve a lápis.”

A PER e a DEE começaram a conversar acerca do cartaz que estavam a preparar.

PER: “Isto já dá. Vamos fazer um círculo. Já o devíamos ter traçado para as mãozinhas saírem direitas, sabes?”

DEE: “Pois é.”

PER: “O que temos aqui circular para fazer o círculo? Pois é [pensativa], nada. Ó X. não temos aí qualquer coisa redonda?”

DEE: “Tem de ser uma coisa redonda mesmo.”

PER: “Tem de ser larguito para que se possa fazer um círculo grande. Aquele balde era bom mas está cheio de água!”

A X. saiu da sala e dirigiu-se para outra divisão da escola para ir procurar alguma coisa para esse efeito.

X.: “Já sei. Preciso da chave do armário. Estão lá as tinas.”

PER: “Ah, são pequeninas!”

X.: “Não. Estão lá grandes.”

PER: “As de vidro?”

X.: “Sim.”

PER: “São pequeninas...”

X.: “...mas está lá uma grande.”

PER: “É que isto tem de ser mesmo grande.”

Uma aluna levantou-se e foi junto da PER: “Professora, esta frase está bem?”

A PER começou a ler e admirou-se: “Esta frase é igual à da M.! Mas tu copiaste pela M.?”

Aluna: “Não!”

PER: “Como é que fizeste a mesma frase? Fizem a mesma frase sem tirar nem pôr. Coincidência!”

A PER explicou os erros ortográficos à aluna: “Interessa falta o ‘e’. Não se escreve ‘intressa’. Não tem piada haver duas frases iguais. Foi uma coincidência!”

A S. começou a beber o leite e a PER: “S. ou bebes o leite ou trabalhas. Não podes estar a fazer as duas coisas ao mesmo tempo.”

A PER continuou a falar com a S.: “Pois! Tu também és um trevo às vezes meio à direita, outras vezes à esquerda!”

A M. mostrou o que tinha escrito à PER.

PER: “Muito bem, M. Gostei muito da tua frase. Já a vens escrever ao quadro.”

A PER falou para a DEE e a X.: “Eu acho que vou ali à sala do lado do quarto ano e vou buscar um compasso e pronto.”

Alunos: “Professora [PER] já acabei.”
DEE: “Já sei o que vou buscar.”
DEE agarrou num compasso: “É grande?”
PER: “Olha esse está bom. Esse está perfeito [compasso]. É só para se orientarem para porem a mãozinha.”
X.: “Eu pensei que era para porem a mão lá dentro.”
PER: “Não. Afinal não dá.”
Aluna: “Professora, quer que vá lá buscar?”
PER: “Não é necessário. Obrigada.”
Aluna: “Não vou fazer, Professora?”
A PER sorriu: “Não, vai ficar a olhar [estava a brincar com a aluna].
Aluna: “Já acabei professora [PER]. Quer que vá lá buscar?”
PER: “Não, deixa-te estar aqui.”
PER dirigiu-se a um aluno: “Já te vou ajudar.”
Entretanto, a X. chegou com a bacia nas mãos e a PER: “Essa bacia é grandita. Está ótimo. Os trabalhos dos nossos alunos nunca ficam elaboradíssimos porque são feitos por eles.”
A PER desenhou um círculo rodeando o bordo da bacia e perguntou à DEE: “Está muito grande?”
DEE: “Não.”
PER: “Para o livro dos valores do segundo ano, eles é que fizeram tudo, C. [DEE]. Está a mãozinha da L. no meio. Foi tudo feito por eles e agora é igual. Vá, uma letra bonita! Quem é que quer escrever aqui em cima [no cartaz]?”
Vários alunos responderam em coro: “Eu.”
PER: “Já vou ajudar. Depois aqui tem de ser a mão da M.”
DEE: “...terminamos com uma mais pequenina ainda.”
Aluna: “Professora [PER], já acabei. A minha?”
PER: “A tua é grandita.”
PER: “Escreve-se aqui uma coisa bonita. Ah, isto vai levar as frases também.”
Os alunos começaram a dar sugestões: “Professora [PER], porque é que as frases não ficam aqui dentro?”
PER falou para a DEE: “Até porque eles estão a fazer frases pequeninas e todos vão escrever aqui as frases.”
DEE: “Vamos pôr primeiro as mãos dos alunos do primeiro ano. Depois vemos o espaço que nos sobra.”
PER: “A., és o primeiro. A tua frase está muito bem.”
Uma aluna perguntou à PER: “Escrevemos também o nome e a data?”
PER: “Sim. Já disse. Vocês no fim de escreverem as frases têm de escrever o título da história ‘O pequeno Trevo’ que estivemos a ouvir. Então, toda a gente a escrever o título da história. A seguir, podem ilustrar com o trevo, o bosque e as crianças.”
A PER observava os alunos e ia lendo as frases que estavam a fazer: “S., vais escrever aqui o título da história e fazer uma ilustração. Estás a fazer uma letra muito pequena que depois no cartaz não se vai notar.”
A PER aproximou-se da L. para ver o que estava a fazer: “L. o que é que tu queres escrever? Qual é a mensagem que tu queres colocar no cartaz?”
L.: “O mais importante é o afeto.”
PER: “Então começa a escrever. Como sabes começamos sempre com letra maiúscula no início de cada frase. Escreve e depois vais ilustrar este espaço.”
A DEE perguntou à PER: “Posso chamar um de cada vez?”
PER: “Sim.”
A DEE chamava um aluno da turma de cada vez e pintava-lhe a palma da mão com a cor que esse aluno escolhia.
A DEE continuou a chamar os alunos da turma: “P.A., queres ajudar? Queres pintar as mãos como eu estou a fazer aos teus colegas?”
P.A.: “Pode ser.”

Aluna: “Pode-me emprestar o livro com a história, se faz favor.”
PER: “O livrinho, já te dou.”
A PER foi levar o livro à aluna. [A PER] Ajudou-a a escrever uma frase. A seguir, a PER foi ver o que alguns alunos estavam a fazer.
Aluno: “Professora [PER] não era para escrevermos a data, o nome e o alfabeto?”
Outro aluno: “É.”
PER: “Vá, depois têm de ilustrar.”
A PER começou a falar com outro aluno: “Pronto. Olha, vê lá. Ainda não acabaste. Esta palavra ‘Somos’ o ‘s’ não leva letra maiúscula.”
Aluno: “Enganei-me.”
PER: “Pronto.”
A PER continuou a ler as frases.
Aluno: “Professora [PER], posso ir chamar a X.”
PER: “Não. Deixe-se estar no seu lugar. A X. já vem.”
Aluna: “Pode-me emprestar o livro, Professora [PER].”
PER: “Espera lá. Quem tem o livrinho é a professora C. [DEE].”
Uma aluna mostrou a ilustração à PER e disse: “Ai não consigo desenhar o pequeno Trevo.”
A PER viu a ilustração da aluna: “Está a ficar muito lindo! Não está? Está bom!”
P.A.: “Professora [PER], a minha mão ficou feia?”
PER: “Então porquê? Olhe ali a sua marca linda. A sua mão tão bem feitinha. Pronto, é a marca do P.A., boa! Não se mexe aí [no cartaz]. A Professora C. [DEE] já ajuda.”
Aluno: “Pode-se retocar aqui um pouco?”
PER: “Já se arranja.”
Aluno: “Eu quero ir trabalhar.”
PER: “E vai trabalhar, mas tem de esperar pela sua vez pois isto é um trabalhinho que não podem ir todos ao mesmo tempo.”
Os alunos estavam a ficar impacientes. Queriam ir pintar as mãos.
PER: “O mais sossegadinho é o próximo e o que estiver mais bem comportado. Isto não está bem pintado. Afias e pintas.”
Aluno: “Mas eu não tenho lápis.”
PER: “Tens de dizer à mãe para arranjar lápis, que não tens lápis. Já ficam para o próximo ano letivo, mesmo que as aulas estejam quase a terminar, já ficam para o ano.”
DEE: “Qual é a cor que queres?”
Aluna: “Vermelho”
O P.A. estava a ajudar: “Posso começar a pintar a mão deste colega?”
DEE: “Podes, P.A.”
PER: “Hoje o P.A. está tão bom ajudante. Está aqui um menino que vale ouro.”
DEE: “Está a crescer.”
PER: “Deixa-me tão contente. Havia de ser há um tempo atrás. Não é P.A.?”
O P.A. concordou e disse baixinho: “Sim.”
O aluno a quem a palma da mão estava a ser pintada: “Está-me a fazer cócegas.”
DEE: “Pois faz um bocadinho mas é bom. Vá.”
PER: “Estás a fazer asneira. Pega no lápis. De quem é este lápis que eu peguei e já não sei de quem é? É teu S.?”
A PER andou pela sala a ver os trabalhos dos alunos: “Porque é que isto tem este espaço todo? Acabe.”
PER observando o cartaz, perguntou à DEE: “Aquela mãozinha de quem é?”
DEE: “É do F.”
PER: “Ah, é do F.”
DEE: “Esta é do P.A. Queres que escreva?”
PER: “É melhor. Vai ficar giro. Nós temos uma marca.”
DEE: “Qual é a mão que queres?”
Aluno: “Esta.”

A PER circulou pela sala: “Ai gosto tanto. Está tão lindo! Muito, muito bem. Linda! Isso revela a atenção com que estiveste. Tens de afiar. Ó B. agora cuidado, tens de abrir bem a mão. F. mostra cá a tua frase. Ah! Ainda não escreveu! Então eu ajudo. O que é que queres escrever? Vamos escrever aqui uma frase ou duas. Vais pensar naquilo de que gostaste mais e depois temos de escrever ali no cartaz.”

DEE: “P.A. chama a L.”

P.A.: “L vem cá. Qual é a cor que queres?”

L.: “Cor-de-rosa.”

O P.A. pintou a mão da L. com cor-de-rosa.

PER: “Aquilo é a vossa marca. Só que depois vão escrever uma frase ali no cartaz sobre ‘Somos todos iguais, diferentes’.”

L.: “Não sei o que hei de escrever.”

PER: “Ele é muito mentiroso. Diz L. Vais escrever frases sobre a história.”

L.: “Eu não sei.”

PER: “Pensa naquilo que aprendeste. O que é que sentiste ao ouvir a história? O que é que aprendeste?”

L.: “Quero escrever que somos todos diferentes, todos iguais.”

PER: “Queres pensar mais um bocadinho?”

L.: “Sim.”

PER: “Então, já cá volto. Acaba lá essa tarefa que já venho ver para ajudar.”

A PER foi junto da S.: “S., o que queres escrever? Pensa numa frase.”

A PER começou a ajudar a S. a escrever a frase.

A aula foi interrompida pelo toque da campainha do telefone fixo.

PER: “São 11 horas em ponto, não falha.”

A PER teve de ir atender o telefone.

A DEE continuou a pintar as palmas das mãos dos alunos: “Queres a esquerda ou a direita?”

Aluno: “Direita.”

DEE: “Escolhe ali a cor que tu queres?”

Aluno: “Verde.”

Aluno vendo as impressões das mãos: “Ena, está tudo com buracos.”

Aluno: “A tua também está.”

Aluna: “A minha é cor de laranja.”

Aluno: “Também tenho.”

DEE: “Agora P.A. é a tua vez. Olha, laranja e vermelho, não. Temos aqui castanho, azul e verde.”

P.A.: “Azul.”

Aluna: “Aquilo faz cócegas.”

Quando a PER acabou de atender o telefonema: “Já podem ir lavar as mãos e lanchar. Podem ir lanchar.”

Após o intervalo os alunos entraram e um deles fez queixa à PER e à DEE: “O G. passou-me uma rasteira.”

A assistente operacional que estava dentro da sala: “É impressionante como vocês têm tempo para isso.”

PER: “Já lavaste as mãozitas e já as secaste, P.A.?”

P.A.: “Não.”

PER: “Então, vai lavar.”

Assistente operacional: “Tu não és melhor que o G. e ele não é melhor que tu. Estão sempre a fazer asneiras.”

Os alunos interromperam a PER e um disse: “Já acabei.”

PER: “Chiu, chiu. Ó P.A. agora é o G., depois é a M. e a seguir é o M.A. Tu já pintaste a mão, M.A.?”

M.A.: “Já.”

PER: “Agora é o G.”

DEE: “Anda cá G.”

PER: “Para não haver aqui meninos de pé sem razão nenhuma e para não haver barulho, vamos fazer o seguinte: vai a M. e depois é a M.M. Por último, vai o P.A. e já ficam todos.”
DEE: “Já.”
PER: “Depois também era giro pintarmos as nossas mãos! Já se vê!”
Um aluno interrompe a PER: “Tic-tac.”
PER: “Pronto, chiu.”
A DEE e o P.A. continuavam a pintar as palmas das mãos dos alunos.
PER: “Agora é assim, quem já ilustrou o pequeno trevo e eu já corriji a maior parte das frases, vai um de cada vez escrever ali a sua frase. Está bem? Ó L. espera.”
L.: “Professora [PER] ainda não comi nada.” [A L. não lanchou porque não tinha levado lanche e tinha estado a experimentar a roupa na casa de banho que a DEE lhe tinha levado.]
PER: “Ainda não lanchaste filha?”
L.: “Não.”
PER: “Então o que andaste a fazer?”
L.: “Fui experimentar a roupa que a Professora [DEE] me trouxe.”
DEE: “Não trouxeste lanche?”
L.: “Não.”
A L. bebeu um pacote de leite escolar e a DEE deu-lhe duas bolachas que tinha na sala.
PER: “Depois a L. não almoça. Ó P.A. senta-te ali. Olha L.S. eu estou a chegar ao pé de ti, espera aí. Eu já os chamo para irem escrever ao quadro.”
Aluno: “Professora [PER], olhe o F.”
PER: “O F. está a fazer o que lhe mandei. M.A., vamos começar a trabalhar. M. vai à Professora C. para te pintar a mão.”
O aluno P.A. pintou a palma da mão ao G. e este carimbou o papel.
A seguir, o G. foi lavar as mãos para tirar a digitinta da palma da mão.
PER: “Seca-as bem, G.”
A M. foi até à DEE.
DEE: “Qual é a cor que queres?”
M.: “Vermelho.”
A DEE ajudou a escolher as cores para as impressões das palmas das mãos: “Essa cor já há ao lado. Não podem ficar duas vermelhas seguidas.”
PER: “Agora, façam silêncio para conseguirem fazer a ficha de português, segundo ano. Vão ler à tarde.”
A PER foi interrompida por uma aluna: “Ainda não ilustraste o pequeno Trevo. Juizinho nessa cabeça, vá.”
Aluna: “Eu já acabei.”
PER: “Não acabaste, não. Tens de escrever o alfabeto maiúsculo, o minúsculo, o pequeno Trevo e a frase.”
S.A.: “Quero ir à casa de banho.”
PER: “Ó S.A., isso era antes de entrares que ias à casa de banho. Agora é que vais à casa de banho no fim de entrares! Vai lá rápido. Vou ajudar o L.S., o P. e a B.”
B.: “Já acabei.”
PER: “Não acabaste, não. O alfabeto minúsculo ainda não está terminado.”
Entretanto, o P. chamou a PER.
A PER foi ajudar o P.: “Escreve o trevo com v da vaca. Copia este título. Ó P. tem juízo.”
A PER entregou um novo trabalho aos alunos do primeiro ano: “Vão fazer um crucigrama com palavras com am, em, im, om e um.”
A.: “Professora [PER]!”
A PER quando viu que o A. tinha a mesa toda desarrumada não o ajudou e respondeu-lhe: “Faz o que tens a fazer que eu já te venho ajudar.”
O A. arrumou parte da mesa e começou a fazer a ficha de português.
PER respondeu ao A.: “Estás a ver como assim consegues trabalhar melhor!”
Uma aluna estava com dificuldades e chamou a PER.

A PER dirigiu-se à aluna: “Podemos ser amigos de alguém? Agora vais escrever uma frase. Eu ajudo-te.”
A.: “Professora [PER] o que quer dizer *narra*?”
PER: “*Narra* quer dizer conta.”
A PER leu uma frase em silêncio e em voz alta: “Pronto. Agora vais fazer aqui um desenho do trevo.”
PER: “O que aprendemos hoje com a história?”
Um aluno leu uma frase muito simples: “Os meninos andavam a jogar à bola.”
PER: “Mas foi só isso que aprendemos com a história?”
Aluno: “Um viu o trevo e levou-o para casa.”
PER: “Sim. O que é que isso significou para o trevo?”
Aluno: “O trevo ficou feliz.”
PER: “Porquê?”
Aluno: “Porque o menino levou-o para casa.”
PER: “E deu-lhe o quê?”
Aluno: “Carinho.”
PER: “Carinho, atenção, amizade, afeto, não é? Então vamos arranjar uma frase.”
O aluno começou a escrever: “Todos precisamos...”
PER: “De quê?”
Aluno: “De carinho.”
A PER escreveu: “Todos precisamos de dar e receber carinho.”
Aluno: “Para que é isso?”
PER: “É para tu copiares e ser mais rápido. Agora vais desenhar aqui um pequeno trevo e o menino e tens de pintar.”
A DEE e o P.A. já tinham pintado as mãos de todos os alunos da turma à exceção da BI.
A PER foi observar o cartaz: “Agora não venham perguntar nada!”
PER: “Falta a BI. Olha tão giro! Mesmo à conta. Escreve também o apelido do P.A. pois há o outro pequenino.”
A BI. foi carimbar a palma da sua mão e completou o círculo.
PER: “Está muito giro!”
Todos os alunos colocaram as suas marcas no papel.
A PER e a DEE conversaram sobre o cartaz.
PER: “Podíamos colar as frases dentro do círculo, próximo das mãos de cada um e fora ficavam as nossas. Era giro deixarmos as nossas mãos também, tu [DEE] e eu.”
DEE: “Era boa ideia.”
PER: “Mas depois fica muito cheio a não ser que fiquem aos cantos.”
Aluna: “Professora [PER], quero ler a frase.”
PER: “Já vais ler. Já vais ler. Senta-te que já vais ler.”
A PER olhou para o cartaz feito com as duas folhas de cartolina e disse para a DEE: “Para a próxima tenho de arranjar papel cenário. Sabes que ontem tive a visita de estudo. Cheguei aqui, depois fui à farmácia, aqui e acolá e pensei que tínhamos cá cartolinas, que improvisávamos.”
DEE: “Pois.”
Um aluno foi mostrar um desenho à PER.
PER: “Tão giro!”
As docentes [PER e DEE] também colocaram as marcas das palmas das suas mãos no cartaz.
PER: “Agora, o P.A. vai pintar-me a mãozinha. Pinta aí, P.A.”
DEE: “L., queres vir pintar-me a palma da mão?”
L.: “Sim.”
DEE: “Escolhe uma cor que queiras.”
A PER ria-se enquanto o P.A. lhe estava a pintar a mão.
PER: “Ai tanta cócega! Força aí, P.A.”
DEE: “Olha! Estas [impressões das palmas das mãos] ficam todas com uma cova [falta de tinta] no centro. Realmente! Outras não!”

PER: “Também vou fazer. Olha ali! Eu estava a sentir que não estava a assentar bem!”
DEE: “É uma cova.”
PER: “Pronto! Olha os dedinhos! Depois traço aqui umas linhas e cada um escreve a sua frase.”
DEE: “Como é que irá ser a minha?”
A DEE carimbou a cartolina com a palma da mão: “Também fiz uma covinha.”
PER: “Obrigada, P.A. Está lindo. Pronto. Agora, deixamos secar.”
DEE: “Obrigada, L. e P. A. Agora vamos trabalhar um bocadinho. Está bem, P.A.?”
P.A.: “Sim.”
DEE: “Vamos L., também. Sim?”
A DEE perguntou à PER: “Podemos ficar aqui [mesa de trabalho do P.A.]?”
PER: “Podem. Não há problema nenhum. Eles estão a fazer uma ficha de treino de português.”
DEE: “Ficamos aqui. Senta P.A. [ficaram na mesa do P.A., lado a lado]. Entretanto, a L. também vem para aqui.”
A DEE começou a apoiar o P.A. e disse-lhe: “Tens aqui uma fotocópia para resolveres estes exercícios de matemática. Pois é P.A. tens de ter paciência com a L. Ela não é assim porque quer. A vida dela é que a fez assim.”
PER: “Ó L. tens de ilustrar e fazer o campo verdinho, o céu azul. Vamos lá.”
L: “O que é negar?”
PER: “Negar é dizer não, nunca, jamais. A seguir, vais trabalhar um bocadinho com a Professora C. Está bem?”
L.: “Sim.”
PER: “Vais fazer este exercício com ‘am, em, im, om e um?’”
L.: “Sim.”
A DEE falou para a L.: “Anda L.”
DEE virou-se para o P.A.: “Vamos lá, completa na horizontal e na vertical. Precisas de alguma folha de rascunho, P.A.?”
P.A.: “Não.”
DEE: “Este mais este este, quanto dá?”
P.A.: “Cento e oitenta.”
DEE: “Cento e oitenta para quinhentos, quanto é que falta? Se quiseres fazer a conta faz. Puxa pela cabeça.”
A PER ia explicando os nomes do crucigrama: tatuagem, atum, bombom, nuvem, amendoim, berbequim. Esta palavra é difícil.”
Aluno: “O que é isso?”
PER: “É esta máquina que está aqui.”
A L. sentou-se na mesa do P.A.
L.: Professora [DEE], quero ir vestir aquela saia.”
DEE: “Não que amanhã é sábado. Amanhã, vestes.”
L.: “Não gosto da roupa que trago.”
DEE: “De manhã estava frio. Não sejas assim. Tu andas a comer muito?”
L.: “Ando.”
DEE: “Ai, andas. Não pode ser! Devemos comer mas não é muito de uma vez. Quando estás cheia não comes mais. Vá, agora vamos trabalhar. Eu sei que tu gostas de fazer este trabalho. Não podes fazer tudo de uma vez só. Vá.”
O P.A. ficou parado à espera de ajuda e a DEE: “Se tiveres que fazer a conta, faz. É mais fácil.”
DEE falou com a L.: “Vá. Começa. Põe a data pequena.”
PER explorou o texto com os alunos do segundo ano: “Não passa. Já vamos ver isso. Estão a competir, não é? Vamos copiar estas duas frases e vamos colocá-las entre aspas. M.A., senta-te.”
DEE disse para a L.: “Lê.”
L.: “Am, em, im, om, um.”
DEE: “Vamos ver. Pa...”
L.: “...tim.”
DEE: “Tem im”

L.: “Tem um m só no final.”
DEE: “Patim, onde está, L.?”
A PER começou a explorar oralmente o texto com os alunos do segundo ano: “Quem é que não participou na corrida? Quais são as frases que correspondem a essa personagem?”
PER: “M.A., estão aí quatro frases. Dessas quatro frases algumas têm a ver com a personagem que não participou na corrida. Quem é que não participou na corrida? Pensando nessa personagem, copiem as frases sobre a personagem que não participou na corrida.”
DEE viu a palavra patim e dirigiu-se ao P.A.: “Cento e oitenta para quinhentos faltam quantos?”
A DEE virou-se para a L.: “Escreves tatuagem com um g que tem o som j.”
A L. escreveu tatuagem.
DEE: “Isto é o quê, L.?”
L.: “É um pudim.”
DEE: “Então, escreve pudim. Agora, escreve amendoim.”
L. começou a escrever amendoim e a DEE começou também a falar: “A...men, en leva a letra n. Depois escreves do, im. Im escreves com m no fim da palavra.”
A PER dirigiu-se a um aluno que tinha ido ao quadro escrever as palavras do crucigrama: “Atum, já está. Agora, escreve bombom. Escreves bom e novamente bom, tudo junto.”
Um aluno queixou-se com fome e a PER: “Espera que já vamos almoçar.”
DEE: “L. escreve nuvem. Nu...vem. Nu...vem, em não é aí.”
PER: “Amendoim, *a-men-do-im*. O que é que escreves no men?”
Aluno: “É um *m* e *en*.”
PER: “Então escreve. Agora *do* e *im*.”
Aluno: “O que é isto?”
PER: “É um pudim. Vá. Escreve pudim.”
Aluno: “Professora [PER], o que é isso?”
PER: “Isso é um berbequim. É o b e o er (ber), be e a letra q e o u + im. Esta é difícil e escreve-se com a letra q. Quando é que se escreve a letra am, em, im, om e um?”
Aluno: “É antes da letra p ou b ou no final da palavra.”
PER: “Já vão ao quadro escrever as palavrinhas. Agora escrevem tatuagem com a letra g de gato e de gema ou de gelado.”
DEE voltou a apoiar o P. A.: “Oito para dez, quanto é?”
P.A.: “Dois.”
DEE: “Quantos são dois para cinco?”
P.A.: “Três.”
DEE: “Certo. Anda L., escreve berbequim. Ber é um b e um e e um r.”
L.: “Este lápis não escreve. Não presta para nada.”
DEE: “Toma lá o meu lápis. Deixa-te estar aí. A minha afiadeira não tem recipiente. Escreves quim com a letra q.”
L.: “Falta bombom e atum.”
DEE: “Bombom é com um b e om.”
A L. escreveu bom e a DEE disse: “Outra vez bom porque são duas sílabas iguais.”
L.: “Agora, é atum.”
DEE: “Como é que se escreve atum?”
A L. mostrou como tinha escrito e repetiu: “Atum.”
A DEE viu e respondeu-lhe: “Está bem.”
A L. começou a usar outros materiais da DEE para pintar os desenhos da ficha de trabalho. Estava a pintar com marcadores fluorescentes.
A DEE respondeu-lhe: “Calma. Esses são só para sublinhar e não são para pintar. Não pode sair nada fora. Se sair já sabes.”
L.: “Está bem.”
Aluno: “Professora [PER], já acabei.”
PER: “Boa.”
DEE: “Trezentos e cinquenta menos trezentos e cinquenta dá?”

P.A.: “Zero.”
DEE: “Muito bem.”
PER: “Isso é um atum. Ó primeiro ano, vamos corrigir as palavras no quadro está bem? Primeiro corrigimos as palavras que estão na vertical. Está bem? Vem primeiro a B. ao quadro. Quem não estiver com a postura correta fica com o nome escrito no quadro. Escreve patim. Pa...tim. A seguir, escreve aí jardim.”
O A. e a L.U. estavam a fazer barulho e a PER: “Agora escreves patim. Deixa cá ver, o A. e a L.U. já têm aqui os nomes escritos no quadro. Quem estiver a trabalhar em silêncio e tiver o trabalho bem feitinho não terá aqui o nome escrito no quadro.”
PER: “Escreve tatuagem. Carrega mais no giz se não os colegas não conseguem ver. Ó B., ai, ai. Tatuagem é com um g de gema e de gelado. Pronto. Agora escreve atum.”
L.: “Atum é um a, um t e um.”
Aluno: “A L. já deu a resposta. Já disse como se escreve a palavra atum.”
PER: “A L. está a falar com a Professora C.”
A B. escreveu atum.
PER: “B., vai-te sentar. Pega no lápis de carvão e escreve as palavrinhas bem.”
DEE: “Sossega. Não estás no quadro nem lá à frente.”
DEE: “Quinhentos mais cem quanto dá?”
P.A.: “Seiscentos.”
DEE: “Agora seiscentos mais cem dá quanto?”
O P.A. escreveu outro resultado.
A DEE: “Não, não. Dá 700, não é? $700 + 38$ quanto é?”
P.A.: “738”
DEE: “Então escreve agora.”
O P.A. escreveu bem e a DEE: “Certo. Agora vamos aqui fazer esta.”
A DEE virou-se para a L. e fez-lhe uma observação relativa à pintura dos desenhos que estava a pintar: “L, o pinguim é preto e branco e só tem o bico e as patas cor de laranja.”
L.: “Então é preto e branco e o bico e as patas são cor de laranja.”
A L. estava começar a pintar uma nuvem de cinzento e a DEE: “O que é isto?”
L.: “É uma nuvem.”
DEE: “Uma nuvem tão escura! Até me assusta! Está aqui o azul. Põe azul.”
A PER riu-se e a DEE continuou: “O que temos de fazer aqui, P.A.?”
O P.A. ficou a olhar para a folha e não respondeu.
DEE: “Isso até parecia que vinha aí uma trovoadas grande.”
A L. riu-se.
DEE: “Uma nuvem tão preta!”
L.: “Já está pintada de azul.”
DEE: “Credo as árvores não são lilases. São verdes. Não vais pintar com essa cor. Escolhe um verde bonito.”
A L. escolheu um marcador que não era verde e a DEE: “Isso não é bem verde. É amarelo.”
L.: “Pronto. Já está. Agora, pinto isto tudo.”
DEE: “Agora o que é que temos de fazer? 35 m^2 e aqui fala em dm^2 . Temos de reduzir de m^2 para dm^2 . Põe aqui =. É o metro e a seguir é o decímetro. Quantos zeros tens de acrescentar?”
P.A.: “Dois.”
DEE: “Pois e fazes o mesmo para os outros.”
M.: “Posso ir ao quadro?”
PER: “Podes mas o P. vai a seguir. P., vem ao quadro escrever a palavra berbequim.”
O P. escreveu a palavra berbequim.
PER: “Agora escreve bombom. A palavra bombom tem duas sílabas iguais. É a palavra bom repetida duas vezes. Pronto. Agora, vai-te sentar.”
Aluno: “Também quero ir.”
P.: “Quero escrever mais.”
PER: “Mas agora é outro menino, não é? Não podes ser só tu.”

A L. não tinha alguns materiais escolares de qualidade.

DEE disse para o P.A.: “Esta figura tem de ser partida em quatro partes iguais para depois pintares só um quarto.”

A L. levantou-se e foi mostrar o trabalho que tinha estado a fazer junto da DEE.

Aluno do primeiro ano: “Ó Professora [PER], quando é que vamos ler?”

PER: “Já vos disse que é quando os meninos do segundo ano acabarem a fichinha deles.”

L.: “Já acabei o trabalho.”

PER: “Muito bem. Queres mais trabalho, L.?”

DEE: “Anda cá que eu tenho trabalho para ti.”

L.: “Não.”

PER: “Eu também tenho.”

DEE: “Se tiveres.”

PER: “Tenho. Olha, a partir destas palavras vais fazer a divisão silábica de algumas palavras e vais escrever umas frases com essas palavras.”

DEE: “É fácil e tu também gostas. Vais buscar o teu caderno.”

L.: “Não.”

DEE: “Tem de ser.”

PER: “L.!”

L.: “Também não sei dele.”

DEE: “Procura-o. Alguém o tirou do sítio.”

L.: “Está aqui.”

DEE: “Estás a ver.”

DEE: “L. vai buscar a tesoura para recortares a folha e a colares no caderno.”

L.: “Professora [DEE] já estou cansada.”

DEE: “Também eu.”

PER: “Agora o P. vai escrever pudim. Pu e dim.”

Aluna: “Ó Professora [PER], escreve-se assim.”

PER: “Tem de ver. É por isso que estamos a escrever ali no quadro para corrigir. Ai que grande erro. Não se escreve podim com o é com u.”

Aluna: “Pudim não é com o?”

PER: “Não. É mesmo com u.”

Aluna: “Você disse!”

PER: “Não! Não! Pudim é com u. Pudim já está. Agora, vamos escrever pinguim.”

DEE: “L. não se faz chantagem. Vai-se buscar porque és obediente e fazes o que a professora diz.”

A DEE olhou para a PER e disse-lhe: “A L. quer vestir a saia. Cansa-me.”

A L. não tinha cola.

DEE: “O P.A. empresta-te a cola. Ele é teu amigo. Sentadinha direita. Vamos lá.”

A PER respirou fundo e soletrou a palavra pinguim para que o P. escrevesse no quadro.

A L. continuava a recortar a folha.

DEE: “Aqui, ainda podes recortar mais um bocadinho.”

A L. recortou mais a folha.

DEE: “Faz ao contrário. Cuidado com as letras. Calma com isso.”

L.: “Eu sei.”

DEE: “Isto aqui tem de ser direito. Não ser assim [torto].”

PER: “Boa! Já escreveste pinguim. Agora, escreve patim. Escreve maior.”

Aluno: “Professora [PER], posso fazer uma pergunta?”

PER: “Vai-te sentar. Está na hora.”

Os alunos começaram todos a falar ao mesmo tempo.

PER: “O que é que se passou aqui que começaram todos a falar ao mesmo tempo? P., senta-te. Já para o lugar.”

Alguns alunos estavam de pé.

PER: “P., quantas vezes já te mandei sentar? F., vem ao quadro e vais corrigir algumas que faltam.”

A.: “Ainda falta muito para irmos almoçar?”

PER: “Olha A. não repito. Tu sabes o que tens de fazer. Quando chegar a hora de sair, saímos e

pronto. Não adianta estares a perguntar se ainda falta para a hora do almoço. Isso atrapalha. Ao trabalho A., vá.”

A PER dirigiu-se para o F. que estava no quadro: “Vais escrever agora uma palavra difícil. Bem, não é bem difícil. É comprida. Escreve amendoim. Eu ajudo. Escreve a, men, do, im. Falta ali uma letrinha no men com en. An, en, in, on e un. Amendoim.”

O P.A. continuava a fazer os exercícios de matemática sobre frações.

A DEE controlou o trabalho que o P.A. estava a fazer e falou com a L.: “Agora estás a separar as letras.”

L.: “Não é para separar?”

DEE: “Não. Fazias isso, inicialmente. Agora, vais separar por sílabas a palavra jardim. Como é que fica?”

L.: “Jar - dim.”

DEE: “Muito bem. Ai tanta moleza, P.A. Agora, inventa uma frase com a palavra jardim.”

L.: “O jardim do pai é bonito.”

DEE: “Então escreve ‘O jardim do pai é bonito.’”

A L. começou a escrever e começou a soletrar o que estava a escrever.

PER: “Agora, aqueles que já terminaram vão recortar a folha e colar a folha com os exercícios no caderninho. Ó L.S. e P., vamos lá! Cuidado para não estragarem. Fechem a cola.”

DEE: “Ó L. estás a escrever de. Não se escreve de é do.”

PER: “Almoço. Digam até logo às Professoras [DEE e observadora].”

A L. queria sair logo.

DEE: “P.A., arruma tudo e adeus. L., fecha a cola. Anda cá que a Professora ajuda-te.”

L.: “Ó Professora, quero ir vestir a saia.”

DEE: “Agora, não vais vestir a saia.”

L.: “O meu pai depois não me deixa.”

DEE: “Queres que eu a leve para a minha casa outra vez?”

L.: “Não.”

DEE: “Controla-te. Controla-te. Achas que agora podes ir vestir também a saia. Já vestiste a blusa! Para a próxima não te posso dar assim tanta roupa.”

L.: “Tiro esta e visto esta.”

DEE: “Mas as meias ficam mal.”

L.: “Eu quero.”

DEE: “Não vestes nada. Não vestes nada.”

L.: “Pronto. Está bem.”

DEE: “O meu beijinho?”

A L. deu um beijo à DEE sem ter arrumado.

DEE: “Vai arrumar as tuas coisas.”

L.: “Não.”

DEE: “Ai! Isto é meu!”

A L. não queria arrumar os materiais.

DEE: “L. vai arrumar as tuas coisas. Tens de ser obediente como a Professora [PER] disse.”

A PER voltou a entrar na sala: “L. agradece à Professora C. o presente que te deu.”

L.: “Obrigada. Adeus e bom almoço, professoras.”

Apêndice 17 – Categorização do trabalho com os alunos considerados com NEE, durante as atividades letivas, na sala do 1.º ciclo

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Situações e comportamentos/atividades observadas	
			LOB ₁ + P ₁ 22/04/2016 (9h/12h30m)	COB ₃ + PR ₃ 20/05/2016 (9h/12h30m)
Gestão e funcionamento das atividades	Trabalho do Professor do Ensino Regular (PER)	Controlo dos alunos	PER: “(...) Não vieram para a escola para não fazer nada! (...)” (...) O PER mandou a aluna sentar-se (...)” (...) PER: “(...) T., tem calma. (...)” (...) Os alunos começaram a querer conversar acerca do boneco. PER: “(...) Eu quero que escrevam aí a lápis o que sabem sobre ele.” (...) PER: “Chiu. R., mais palavras!” (...) O PER escreveu no quadro ‘A Alice comeu.’ e disse: “Tudo sentado nas cadeiras. (...)” (...) O PER: “(...) Já peço os trabalhos. (...)” (...) PER: “(...) Quero paz. (...)” (...) PER: “(...) Quero ouvir a SA.” (...) O PER mandou calar os alunos (...)” (...) Um aluno fez barulho. O PER mandou-o calar (...)” (...) PER: “Chiu.” (...) PER: “Sentem-se. (...)” (...) PER: “(...) Ó T., passaste a dar ordens? O que é isso?”	PER: “ (...) Quero que escutem (...)” (...) PER: “ (...) vejam com atenção. (...)” (...) PER: “ (...) Ó L., larga a garrafa da água, filha.” (...) Os alunos estavam a falar e a PER aborreceu-se: “Têm de estar calados. (...)” (...) PER: “Calma. O primeiro ano regressa ao seu lugar. (...)” (...) Ouviam-se as cadeiras a serem arrastadas pelos alunos. PER: “Calma. (...) sem barulho. (...)” (...) PER: “(...) Não quero ver ninguém de pé. (...)” (...) PER: “Ai que eu estou a ouvir tanto barulho.” (...) PER: “Chiu, chiu.” (...) PER: “Pronto, chiu.” (...) PER: “Agora, façam silêncio para conseguirem fazer a ficha de português, segundo ano. (...)” (...) PER: “(...) Quem não estiver com a postura correta fica com o nome escrito no quadro. (...)” (...) PER: “O que é que se passou aqui que começaram todos a falar ao mesmo tempo? (...)” (...) PER: “(...) P., senta-te. Já para o lugar.” (...) PER: “P., quantas vezes já te mandei sentar? (...)” (...) PER: “(...) Chiu. (...)” (...) PER: “Olha A. não repito. Tu sabes o que tens de fazer. Quando chegar a hora de sair, saímos e pronto. Não adianta estares a perguntar se ainda falta para a hora do almoço. Isso atrapalha. Ao trabalho A., vá.” (...) O A. e a L.U. estavam a fazer barulho e a PER: “(...) Deixa cá ver, o A. e a L.U. já têm aqui os nomes escritos no quadro. Quem estiver a trabalhar em silêncio e tiver o trabalho bem feitinho não terá aqui o nome escrito no quadro.”
		Preparação dos materiais e recursos utilizados	PER: “(...) Trouxe um trabalho de Português (...)” (...) PER: “(...) Já tirei um livro. (...)” (...) PER: “(...) Já tirei um boneco (...)” (...) PER: “(...) A.I., vai buscar a máquina. (...)” (...) O PER emprestou uma caneta ao aluno que não tinha: “Ontem, a A.I. trouxe três canetas pretas e eu espalhei-as. Não sobrou nenhuma, apenas uma aqui para mim.”	Um aluno foi levar à PER uma caixa para colocar o computador em cima. PER: “Obrigada. (...)” (...) A X. [assistente operacional] foi buscar duas cartolinas A₃. PER: “Obrigada. X. A ideia é nós fazermos um círculo e eles pintarem as palmas das mãos no papel cenário. (...)” (...) PER: “(...) Arranje-me também guaches, se faz favor.” (...) Entretanto, a X. chegou com a bacia nas mãos e a PER: “Essa bacia é grandita. Está ótimo. (...)”

			(...) O PER agarrou numa caixa plástica retangular (...).	
	Orientação do desenvolvimento das atividades		PER: “C., mostra o livro e lê só o título. Abre a página e mostra.” C.: “Posso continuar a ler?” PER: “Podes.” A aluna soletrando fez o que o professor [PER] mandou. (...) O PER (...) disse: “Data, nome e abecedário maiúsculo. (...) Treinar a data, o nome e o abecedário maiúsculo a caneta.” (...) Os alunos voltaram a perguntar se era tudo a caneta. PER: “Sim. (...)” (...) PER: “Agora vou escrever a minha frase. O que se comemora hoje? Quem é que sabe?” O PER esperou que algum aluno respondesse, mas ninguém falou e escreveu no quadro <i>Dia da Terra</i>: “Não sabem? Hoje é Dia da Terra. (...)” (...) Outro aluno perguntou quando é que o Planeta Terra fazia anos. PER: “O Planeta Terra não é um ser vivo mas tem milhões de seres vivos. (...)” (...) PER: “(...) E vocês têm lá em casa um aquário? (...)” (...) PER: “(...) A Terra é redonda, certo? (...)” (...) PER: “ (...) O R. falou de uma camada muito importante!” Alunos em coro: “Atmosfera.” (...) O PER começou a falar dos aterros sanitários e da necessidade de se enterrar o lixo. (...) PER: “Ele estava na garagem. Está com um bocadito de pó. (...)” (...) PER: “(...) Quando muito posso escrever palavras para fazer aqui um campo lexical.” (...) O PER fez perguntas aos alunos e pediu-lhes que dissessem palavras que caracterizassem o Pinóquio. (...) PER: “(...) Mais palavras. Olhem para o boneco.” (...) A I. colocou o dedo no ar: “Eu sei.” PER: “I!” I.: “Nariz grande.” MA.: “Chapéu vermelho e bicudo.” A.I.: “Olha!” (...)	PER: “Meninos, escutem a Professora. Hoje vocês vão escutar uma história. (...) A história chama-se ‘O pequeno Trevo’. Vocês sabem o que é um trevo?” Alunos: “Sim.” (...) O diálogo foi interrompido por outra PER (...): “Bom dia. Hoje até pensavam que ia faltar. Estava cá outra Professora!” PER: “Pois é. Está a gravar.” A PER ao ouvir que a aula da colega estava a ser gravada foi embora para a sua sala de aula. (...) Aluno: “Ó professora [PER]!” A PER dirigiu uma pergunta a esse aluno: “É uma planta que se encontra facilmente?” Aluno: “Não.” PER: “Não se encontra facilmente. (...)” PER: “(...) Então é assim, a história chama-se ‘O pequeno Trevo’. Eu estava a perguntar se é fácil de encontrar esta planta?” Alunos em coro: “Não.” A.: “Não, porque é rara.” PER: “Ora muito bem A. O que significa ser rara?” Aluno: “É muito valiosa.” PER: “O que quer dizer rara?” M.: “Não se encontra facilmente e há em poucos sítios.” PER: “Muito bem, M. Uma flor rara significa que não se encontra facilmente e há em poucos sítios. (...)” PER: “(...) Então a história que vamos escutar e ver é sobre um trevo, um pequeno trevo de quatro folhas. (...)” Os alunos trocaram opiniões sobre os trevos de quatro folhas. PER: “Não pelo contrário, dizem que quem encontra um trevo de quatro folhas tem é muita sorte. Pronto. (...)” (...) A PER elevou a voz: “Então é assim: quero que escutem com atenção. Achem que vamos falar só sobre o trevo?” Alunos: “Não.” PER: “(...) Vamos ver no final da história quem é que consegue entender o que é que esta história nos ensina. Quem é o pequeno Trevo? O que é que isso significa e porque é que hoje vamos ouvir esta história? (...)” PER: “(...) Eu tenho aqui a capa do livrinho. Cá está o pequeno Trevo e uma criança, não é? Então pela capa nós já podemos perceber o que estará aqui na história. Um trevo e uma criança. (...) Alguém consegue imaginar o que vamos ouvir?” A M. levantou o dedo. PER: “Diz lá, M.” A M. começou a falar: “Acho que é uma história sobre um trevo e um menino.” (...) PER: “É uma história muito importante e vamos ver também quem é que consegue perceber a moral do que vamos ver e ouvir no computador. (...)” (...) PER: “(...) Então, agora vamos fazer o seguinte: eu vou pedir à M. que dê os cadernos de Português a cada um e vocês escrevem o nome e a data. O que vamos fazer é um cartaz em que cada um vai pintar

		Os alunos iam trocando opiniões acerca do boneco. (...) C. colocou o dedo no ar. PER: “C.” C.: “Pinóquio!” PER: “Pinóquio. O professor já escreveu.” (...) PER dirigindo-se à C.: “Diz.” C.: “Sapatos pretos.” (...) R.: “Fato.” PER: “Hein.” R.: “Camisola vermelha.” PER: “Eu prefiro camisola vermelha. Fala-se mais em camisola.” (...) LO.: “Mentiroso.” A A.I. quando ouviu a palavra “mentiroso” deu uma gargalhada: “É como eu, também sou.” O PER continuou a escrever no quadro o que os alunos iam dizendo e estes iam copiando as palavras que o professor escrevia no quadro. PER: “Eu a olhar para o boneco, consigo saber se ele é mentiroso?” LO.: “Sim, porque tem o nariz grande.” (...) PER: “Diz, I.” I.: “Tem uma espécie de gola.” PER: “São os ombros. Não é? É por ele ser antigo.” O PER continuava a escrever no quadro as palavras: “Têm 10 minutos para escrever as frases ou para escrever um texto.” Aluno: “Eia!” PER: “Quem não conseguir faz frases. (...)” (...) PER: “(...) Hoje quero começar por texto que é onde têm sido piores. (...)” PER: “(...) Comecem de cima para baixo. É um boneco de madeira, com um chapéu vermelho de bico. Na cara tem um nariz grande e olhos azuis. O seu cabelo é preto. (...)” (...) PER: “(...) C., vem aqui para o pé de mim para te ajudar. Ai se eu ouvir um ai durante 10 minutos.” (...) PER: “Ó S.!” S.: “Diga.” PER: “Ouviste o que eu disse. Eu acho que ontem sai daqui muito cansado com a maneira como tu te portaste, o T., o MA., o R. e o DI. Depois as pessoas cansadas não estão bem e não estão tão boas para trabalhar.	a sua mãozinha e vamos fazer um círculo porque somos todos...” Alunos: “...iguais.” (...) A PER dirigiu-se à M.: “O que queres dizer?” M.: “Percebi que todas as pessoas são iguais e que não interessa o aspeto.” PER: “Muito importante. (...)” PER: “ (...) E tu, A. o que achaste? Ouviste com atenção? O que é que aprendeste com esta canção?” A.: “Eu não aprendi nada.” PER: “Olha A., eu não te fiz essa pergunta para ouvir essa resposta.” A.: “Eu já conhecia essa canção.” PER: “Então, quando ouviste esta canção pela primeira vez o que aprendeste com esta canção? Não aprendeste nada?” A.: “Não.” PER: “Não?! Então deixa-me dizer-te que estavas muito distraído porque todos nós aqui aprendemos com aquela canção. (...)” PER: “(...) F., o que é que tu percebeste?” F.: “Não consegui perceber nada.” PER: “O que viste nas imagens? Quem é que estava a aparecer?” F.: “Eram os trevos.” PER: “E sem serem os trevos? Quem é que mais aparecia?” F.: “Meninos.” PER: “Meninos. Onde é que estavam esses meninos?” F.: “A brincar.” PER: “Estavam a brincar. Com quem?” F.: “Com os pais.” PER: “Era com os adultos, não era? E esses meninos? Percebeste alguma coisa da canção? Que parte é que percebeste melhor? Ouviste a M., que somos ...” F.: “...todos iguais.” (...) PER: “Quem é que concorda com o A. que não aprendeu nada com a canção?” Ninguém colocou o dedo no ar em concordância com o A. PER: “Pois é! Estavas muito distraído nessa altura e agora também. Porque esta canção é uma grande lição de vida. (...)” PER: “(...) A L. disse duas coisas muito importantes, que a canção fala de afetos e que somos todos iguais. (...)” PER: “(...) Quem é que acha que não somos todos iguais? Não sejam mentirosos.” S.: “Eu acho que somos todos iguais.” PER: “Então diz lá, S. o que querias dizer.” S.: “Eu percebi que temos de ser sempre amigos e nunca nos devemos chatear.” PER: “Ora, temos de ser sempre amigos e nunca nos chatearmos.” (...) (...) PER: “É sermos amigos e bons para os outros. Isso é muito importante. Tu estás a tentar fazer isso e ser boa para eles?” S.: “Sim.” PER: “Sim. (...)” (...) A PER interrompeu a leitura e mostrou a ilustração da história à turma: “Temos aqui os trevos com três
--	--	---	---

		(...)" (...) PER: "(...) Eu falei nas canetas e fui dar uma caneta ao MA. Mande trabalhar e estão aí sem fazer nada! (...)" (...) PER: "Ó MA. segura nele." O MA. levou o boneco até junto da A.I. (...) O PER voltou a ler as palavras que escreveu no quadro acerca do Pinóquio: madeira; nariz grande; chapéu vermelho e bicudo; calções verdes; sapatos pretos; olhos azuis; camisola vermelha; cabelo preto; gola branca; botões cor de laranja; magro; mentiroso; pés grandes. O PER andava pela sala: "Têm de organizar isto em frases. Começam com letra grande e acabam com um ponto final." (...)" (...) PER: "(...) Ó MA. acabou o teu tempo. Escreveste duas palavras e tens dois erros!" (...) PER: "A A. já está aqui porque acabou. Lê as frases em voz alta. Olha A., parabéns! Vês!" Ouviu-se a A.I. suspirar. PER: "Ó GO., vá ler o seu texto. Eu não quero coisas complicadas. Sim. Leia lá, GO." A.I.: "Não está fácil." GO.: "O Pinóquio tem o nariz grande, um chapéu bicudo e é de madeira. Ele tem os olhos azuis como o mar. Tem o cabelo e os sapatos pretos. Ele usa uma camisola vermelha, uma gola branca e calções verdes." (...) PER: "MA., lê o teu texto para todos ouvirem." MA. leu: "O Pinóquio. O Pinóquio é de madeira. Ele tem um chapéu grande e bicudo. Ele tem na cara um nariz comprido e olhos azuis. O Pinóquio tem uma gola branca. A camisola dele é vermelha e tem botões amarelos. Ele tem calções verdes escuro. Ele tem as pernas muito grandes. Ele tem o pescoço e os pés grandes. Ele tem os sapatos pretos." (...) PER: "Amanhã, [e não acabou a frase]." A.I.: "Amanhã, o Pinóquio trabalhará no circo." MA.: "O Professor não escreveu a frase a começar por hoje, em primeiro lugar." PER: "Pois não. Por isso, é que a A.I. se enganou."	folhinhas em forma de coração." Aluno: "Professora!" PER: "Espera! E aqui está o nosso trevo que tinha quantas folhinhas?" Alunos: "Quatro." PER: "Tinha quatro folhinhas e era diferente de todos os outros. Era o único." A PER prosseguiu a leitura da história (...). (...) A PER mostrou aos alunos a ilustração da página que tinha acabado de ler: "Cá está o trevo muito triste, a chorar porque todos os outros se afastam dele. Só porque ele tem uma folhinha a mais." Alunos: "Ah!" L.: "Coitadinho." A PER prosseguiu a leitura da história (...). (...) PER: "Cá temos todos os animais do bosque a irem espreitar o trevo das quatro folhas. (...)" (...) A PER continuou a leitura (...). (...) A PER parou a leitura para mostrar aos alunos a ilustração do livro e comentou: "Cá temos as três borboletinhas e o pequeno trevo." (...) A PER continuou a ler (...). (...) A PER mostrou as páginas ilustradas do livro à turma da parte que tinha acabado de ler: "Cá estão os dois meninos a brincar com uma bola e o trevo ali tão pertinho." L.: "A sorrir." PER: "Sim." A PER continuou a leitura (...). (...) PER: "Estão a ver? O que é que aconteceu ao trevo?" L.: "O trevo ficou feliz." PER: "Porquê?" Aluno: "Porque arranjou amigos." PER: "O trevo ficou feliz porque arranjou amigos." (...)" PER: "(...) E tu L., para onde é que pensas que foi o trevo?" L.: "Saiu do bosque." PER: "O trevo arranjou um amigo e saiu do bosque. O menino andava a jogar à bola e escolheu aquele trevo. Porque é que achas que esse menino o escolheu? Porque é que apanhou aquele trevo e não outro qualquer com três folhas? Porquê?" L.: "Era diferente." PER: "Porque era diferente, não era? (...)" PER: "(...) Diz lá G." G.: "Porque dava sorte e era diferente dos outros." PER: "Era porque dava sorte. Era por isso? (...)" PER: "(...) Esse trevo tinha o quê?" Aluna: "Quatro folhas." PER: "Por isso, o que era?" Aluna: "Era diferente." PER: "Será que este trevo era assim tão diferente dos outros trevos dos seus colegas, só por ter mais uma folha?" Os alunos em coro: "Não." (...) PER: "Quem é que concorda com a L.?"
--	--	---	---

		(...) PER: “Não vamos usar o ontem, o hoje e o amanhã. Mas o quê?” Alunos: “O passado, o presente e o futuro.” PER: “Por isso, é que eu já não pus ali o ontem de propósito, mas está no passado. Até pode ter sido de manhã. Às vezes, o passado não tem de ser só ontem. Porque eu posso dizer: hoje tomei banho de manhã.” A.I.: “Também é passado.” PER: “O passado depende sempre do momento em que nós estamos. Certo?” (...) A A.I. acabou de escrever as frases: “Já está.” O PER perguntou aos outros alunos: “Já está?” O PER começou a corrigir as frases oralmente: “Como é que se escreve ‘vê’?” Alunos: “V-ê.” PER: “(...) É assim: os que já terminaram podem começar a melhorar aquele desenho que começámos ontem.” LO.: “Eu gostava de fazer um desenho do Pinóquio. Posso?” PER: “Podes.” O A. foi ao quadro e não conseguiu escrever a frase no quadro sozinha. Teve de ser ajudada pelo PER: “Hoje, o Lourenço? Como é que vai ficar?” Alguns alunos da turma: “Vê um jogo de hóquei.” O PER perguntando à turma: “Como é que se escreve vê?” Alunos da turma: “V-ê.” O PER sentou-se novamente na sua secretária, ia corrigindo as frases dos alunos que já tinham terminado enquanto esperava que os outros acabassem. (...) A primeira parte da aula terminou. PER: “Intervalo” Os alunos saíram da sala. Duas alunas aproximaram-se da A.I. e uma acompanhou-a para o recreio. (...) PER: “O Professor trouxe um objeto ‘velho’ para vocês observarem.” Os alunos falavam: “O meu pai tem uma... É uma fita métrica.” O PER aborreceu-se e disse: “O que é que eu disse? Eu disse que trouxe um objeto para vocês observarem. (...) A A.I. também vai ver o objeto. Para a A.I. ver, o que é que tem de fazer?” Alunos da turma à exceção da	Os alunos não responderam e a PER: “Então, vamos imaginar que aqui a escola era um bosque e que nós aqui éramos todos uns grandes trevos lindos e maravilhosos, verdinhos, verdinhos, verdinhos.” Alguns alunos: “Eu tenho quatro [folhas].” PER: “Um dia, a escola começou aqui no bosque e quem é que chegou aqui de novo?” Aluno: “Um trevo.” PER: “Foi um trevo muito lindo, não foi. Quem foi esse trevo?” Aluno: “Foi a L.” L.: “Foi o de quatro folhas.” PER: “Isso foi na história. Vamos imaginar aqui a nossa sala de aula num bosque. Somos uns trevos muito verdejantes. Quem chegou à nossa sala? Chegou um trevo novo. Quem foi?” Os alunos questionaram-se e a PER: “Chegou um trevo lindo que se chama L. não foi? Como é que nós tratámos esse trevo?” Alunos: “Bem.” (...) PER: “(...) Achas que este trevo foi bem tratado, F.?” F.: “Sim.” PER: “Sim, este trevo foi bem tratado. (...)” (...) PER: “O que é que vamos fazer agora que já conhecemos este trevo lindo, o que é que vamos fazer?” Alunos: “Vamos dar-nos bem.” PER: “Porque somos todos...” Alunos: “...iguais.” PER: “Quando dizemos que somos todos iguais na verdade o que é que nós queremos dizer?” Aluna: “Que somos todos amigos.” PER: “Quando dizemos que somos todos iguais queremos dizer que somos todos amigos, que temos os mesmos direitos, temos de res...” Alunos: “...peitar” PER: “...e de ser respeitado.” Um aluno interrompeu a PER: “Professora, vamos escrever alguma coisa sobre a história?” PER: “Vais sim, mas primeiro tens de ouvir. Estás sempre virado para a frente mas em direção oposta. É impressionante. (...)” PER: “(...) Olhem! Estávamos a dizer que quando se diz que somos todos iguais o que é que isso significa?” L.: “Temos de ser amigos.” PER: “Devemos ser amigos.” (...) PER: “(...) o que significa somos todos iguais?” Aluna: “Que somos amigos.” PER: “Isso já se disse. (...)” PER: “(...) O que é que temos de fazer?” L.: “Ser amigo.” PER: “Isso já sabemos. Para ser amigo o que temos de fazer? Já não sou tua amiga, pronto.” Aluno: “Temos de estar bem-dispostos.” PER: “Temos de estar bem-dispostos e mais?” Alunos: “Temos de tratar bem os colegas.” O P.A. levantou o dedo no ar e aguardou a sua vez. PER: “Têm de tratar bem os colegas. Diz lá, P.A.” P.A.: “Carinho.” PER: “Boa! Carinho! O carinho é a chave. É o segredo.”
--	--	--	---

		A.I.: “Tem de sentir.” PER: “Vais pensar como é que isto se chama, MA.. Tu gostas destes objetos. Alguém sabe como é que se chama isto?” MA.: “É uma fita.” PER: “Pois é. É uma fita mas não é do cabelo nem é maleável. Está graduada.” O PER (...): “(...) Alguém sabe o nome?” Alunos: “Não.” PER: “Os senhores para trabalharem com ele nas obras ou noutros locais [foi interrompido por um aluno].” Aluno: “É para medir a estrada. (...)” Aluno: “É para medir as coisas.” PER: “Já estou a dizer que é o metro. (...)” (...) PER: “(...) É articulado. Dá para fechar. (...)” (...) PER: “(...) Vou emprestar o metro à A.I. (...)” (...) O PER explorou a noção de comprimento: “O comprimento é uma diferença [não concluiu o que estava a dizer]. É uma distância entre dois pontos (...)” (...) O PER: “(...) e como é que meço essa distância? É com uma régua se ela for pequena e com uma fita métrica se ela for grande. (...)” PER: “(...) Ora, mesmo uma fita métrica muito comprida tem lá dentro uma [a A.I. completou o que o Professor queria dizer].” A.I.: “Reta.” PER: “Uma medida principal. Essa medida principal chama-se metro. (...)” Os alunos colaram dez tiras com fita-cola ao quadro e formaram um metro. (...) PER: “(...) Ó I., vem cá ajudar. Vamos chamar de decímetro a uma tira mais pequena das nossas. (...)” PER: “(...) O metro tem quantos decímetros?” Alunos: “Tem dez decímetros.” O PER passou no quadro exercícios de matemática para os alunos resolverem. (...) O PER passou no quadro exercícios de matemática para os alunos resolverem. (...) PER: “(...) Se eu perguntar assim: Um lápis mede mais ou	L.: “O carinho e o afeto.” PER: “Boa! Através do carinho e do afeto nós temos tudo. Temos o respeito, a amizade, a honestidade, a partilha... Se houver carinho é muito bom, P.A. Estou muito orgulhosa de ti neste momento. O P.A. escutou com atenção e conseguiu descobrir aqui o que esta história nos ensina. É o afeto. É o carinho. Quem dá e recebe carinho é uma pessoa feliz, que chama mais pessoas para a sua volta. Depois é fácil arranjar amigos. É fácil andar bem-disposta, feliz. (...)” PER: “(...) Vocês repararam mesmo no final da história o que se disse? O trevo foi para casa com o menino. Certo? Quando visitou o bosque como é que foi recebido?” L.: “Bem.” PER: “Muito bem. Chegaram a dizer o quê? Que tinham...” L.: “... quatro folhas.” F.: “...saudades dele.” PER: “Tinham saudades dele. O trevo enquanto lá estava sentia-se muito...” M.: “...triste e infeliz.” PER: O trevo sentia-se muito triste e infeliz. Afinal quando saiu do bosque, o que sentiram? Sentiram a falta dele não foi?” Aluno: “Sentiram saudades.” PER: “Sentiram saudades. Afinal havia ali carinho, mas parece que havia ali um portão no meio. O portão não abria! Temos de abrir esse portão, não é? Aqui, hoje, amanhã, para a semana, pela vida fora...” L.: “Professora!” A PER continuou: “...nós temos de saber respeitar a diferença e ajudar a partilhar e sentir...” Alunos: “...carinho e aceitar a diferença.” (...) PER: “Ó P.A. pergunta novamente mas mais alto. Tu estás a participar tão bem mas estás a falar muito baixinho que quase não se percebe o que dizes.” P.A.: “O que tens de fazer para ser amiga dos outros?” L.: “Tenho de respeitar as professoras e os colegas.” PER: “É só as professoras e os colegas?” L.: “Os meus pais” PER: “Todos os adultos que te rodeiam. Na hora do almoço as senhoras do ATL (Atividades dos Tempos Livres). (...)” PER: “(...) Outra pergunta que vos apeteça fazer à L.” Aluna: “O que sentiste quando chegaste à nossa escola?” L.: “Só e triste.” (...) PER: “(...) Como é que se hão de comportar os colegas? O que é que os colegas devem fazer quando o nosso trevozinho quando tem um dia mais agitado?” C.: “Temos de ajudar.” PER: “Para ajudar tenho de fazer alguma ação. O quê?” C.: “A sermos amigos, a acalmar a L. e dar-lhe carinho.” PER: “É só isso que ela precisa porque garanto-vos que se ela sentir esse carinho e esse afeto fica feliz.” A L. começou a choramingar. Aluna: “A L. está a chorar!”
--	--	---	---

		menos quantos decímetros?” Alunos: “Um decímetro mais ou menos.” PER: “Afinal posso comparar um lápis com um decímetro.” (...) PER: “Quanto é que é um metro e dez? Vocês não pensam. Se tem esse comprimento, é porque o comprimento da nossa mesa tem onze tiras. Tem 11 decímetros. Diz lá, T.” T.: “Um 1,1 m são 11 dm.” PER: “São 11 dm. Boa. Já é uma pergunta do terceiro ano. (...)” PER: “(...) A seguir, está aí um quadrado. Vai ler o G.” O G. começou a ler sobre o metro e parou (...). O G. continuou a ler sobre o metro. (...) PER: “(...) Vamos medir o antebraço. O antebraço vai do ombro até ao cotovelo. Precisamos de três tiras. Quem é que já não precisa? É um trabalho de grupo?” O PER pediu que os alunos o ajudassem a medir o seu antebraço. Alunos: “Mas não dão as tiras.” PER: “Se não dão, põem duas e meia, ou seja, 2,5 dm.” (...) Aluno: “Tenho uma cor de laranja.” PER: “Antes da cor de laranja, preciso de uma azul. (...)” (...) Os alunos continuaram a resolver os exercícios de matemática e o PER explicou: “$8m = 10 \times 8dm = 80dm$. (...)” PER: “(...) Agora, reparem: $4m = 10 \times 4dm = 40dm$. Isto é igualzinho.” (...) PER: “Agora vamos fazer três perguntas difíceis. Dita lá LO., para eu ajudar.” O PER esperou que os alunos respondessem. Aluno: “Posso dizer a outra?” PER: “Sim.” (...) PER: “Almoçar.”	PER: “Pois. Ela está muito emocionada porque já foi como este trevozinho de quatro folhas. Percebem? Por isso é que ela está tão atenta e vive esta história de uma maneira mais forte do que vocês porque já se sentiu este trevo. Está bem? Para uma criança com poucos anos de vida ela já sofreu muito como este trevo na história. Olha L., anda cá amor. Então ela agora está a perceber que os meninos aqui sempre lhe deram...” L.: “...carinho” PER: “E a outra palavra linda que disseste?” L.: “Afeto” PER: “Sempre teve afeto. Esta história cabe aqui na nossa sala de aula na perfeição. Nós somos um bosque de trevos e caiu cá um trevo diferente mais agitado, apesar de ser igual a nós. Tem o mesmo respeito, obediência, carinho e afeto que nós temos. No entanto, chegou aqui e não conhecia ninguém. Era um sítio novo, uma família nova. Era tudo novo. É natural que viesse um bocadinho mais agitada. Vocês receberam-na bem. Já tivemos aqui dias mais difíceis, dias melhores e dias muito bons. Daqui para a frente depois desta história o queremos ter?” L.: “Amor.” PER: “Queremos ter carinho, afeto e dias bons.” Aluna: “Posso fazer uma pergunta?” PER: “Podes.” Aluna: “Gostas das aulas que tens?” A PER acrescentou: “... da companhia, da partilha, do convívio? Pois claro. O que vamos fazer a partir de hoje?” Aluna: “Posso dizer?” PER: “Deixem a L. fazer uma pergunta.” (...) PER: “(...) Então, agora vamos fazer o seguinte: eu vou pedir à M. que dê os cadernos de Português a cada um e vocês escrevem o nome e a data. O que vamos fazer é um cartaz em que cada um vai pintar a sua mãozinha e vamos fazer um círculo porque somos todos...” Alunos: “...iguais.” (...) Os alunos ainda estavam sentados de um lado da sala pois as mesas da outra metade da sala tinham ficado vagas aquando do início da visualização do vídeo da canção e tentavam interromper a PER. A PER continuou a falar: “Os alunos do segundo ano vão escrever uma ou duas frases sobre a diferença, o carinho, o afeto, a amizade.” Aluno: “Vamos escrever duas frases.” PER: “Os do primeiro ano vão começar a pintar as mãos para fazermos também um cartaz em que vamos pintar as vossas mãozinhas para fazer um círculo.” Vários alunos: “Quero pintar a mão.” (...) Um aluno saiu da sala para ir chamar a X. [assistente operacional]. Aluno: “Surpresa.” A PER foi interrompida por um aluno: “É para escrever (...)” Aluno: “Quando é o intervalo?” PER: “Estás com fome? Ainda não está na hora do intervalo. Já vou dar o leite. (...) Quem é a dar o leite hoje?” Aluno: “É o M.A.” PER: “Mas o M.A. foi chamar a X. que é para ela nos preparar as tintas. Ora deixa cá ver se arranjo espaço aqui nesta mesa.”
--	--	---	--

				A PER disse ao P.A.: “Podes sentar aqui [era na mesa onde iria colocar a folha de papel]. Podes ajudar a pintar as mãos se quiseres.” Alguns alunos estavam de pé e a PER: “Olhem, o primeiro aninho vai pensar o que quer escrever e também escreve o nome, a data e o alfabeto no caderno de português... (...)” PER: “(...) L. vai para o teu lugar. Podes sentar-te aqui.” (...) PER: “L., vai para o teu lugar.” L.: “Não sei onde está o meu caderno.” PER: “O segundo ano, a lápis, vai escrever uma ou duas frases sobre a história que acabámos de escutar sobre o afeto, o carinho, a diferença, a amizade.” A PER continuou a falar com a X. acerca da elaboração do cartaz: “X., há papel cenário? A minha ideia é pintarmos as mãos deles e ficarem as suas marcas no papel.” X.: “Não há papel cenário mas temos cartolinas. Querem papel A₃ ou A₄?” PER: “É capaz de dar duas folhas A₃(...)” (...) Um aluno conversava e pedia ajuda à PER. PER: “Já te vou ajudar a escrever as frases.” Os alunos continuaram a escrever as frases. Uma aluna perguntou à PER se podia escrever uma frase e esta respondeu-lhe: “Pode ser. Não é a caneta. É a lápis.” B.: “Posso escrever a caneta? Eu gosto.” PER: “B. agora não. Escreve a lápis.” (...) Uma aluna levantou-se e foi junto da PER: “Professora, esta frase está bem?” A PER começou a ler e admirou-se: “Esta frase é igual à da M.! Mas tu copiaste pela M.?” Aluna: “Não!” PER: “Como é que fizeste a mesma frase? Fizeram a mesma frase sem tirar nem pôr. Coincidência!” A PER explicou os erros ortográficos à aluna: “Interessa falta o ‘e’. Não se escreve ‘intressa’. Não tem piada haver duas frases iguais. Foi uma coincidência!” A S. começou a beber o leite e a PER: “S. ou bebes o leite ou trabalhas. Não podes estar a fazer as duas coisas ao mesmo tempo.” (...) A M. mostrou o que tinha escrito à PER. PER: “Muito bem, M. Gostei muito da tua frase. Já a vens escrever ao quadro.” (...) Aluna: “Professora, quer que vá lá buscar [as tintas]?” PER: “Não é necessário. Obrigada.” Aluna: “Não vou fazer, Professora?” A PER sorriu: “Não. Vai ficar a olhar [a PER estava a brincar com a aluna]. Aluna: “Já acabei professora [PER]. Quer que vá lá buscar?” PER: “Não, deixa-te estar aqui.” PER dirigiu-se a um aluno: “Já te vou ajudar.” (...) PER: “A. és o primeiro. A tua frase está muito bem.”
--	--	--	--	---

				Uma aluna perguntou à PER: “Escrevemos também o nome e a data?” PER: “Sim. Já disse. (...)” PER: “(...) Vocês no fim de escreverem as frases têm de escrever o título da história ‘O pequeno Trevo’ que estivemos a ouvir. Então, toda a gente a escrever o título da história. (...)” PER: “(...) A seguir, podem ilustrar com o trevo, o bosque e as crianças.” A PER observava os alunos e ia lendo as frases que estavam a fazer: “S., vais escrever aqui o título da história e fazer uma ilustração. (...)” PER: “(...) Estás a fazer uma letra muito pequena que depois no cartaz não se vai notar.” (...) Aluna: “Pode-me emprestar o livro com a história, se faz favor.” PER: “O livrinho, já te dou.” [A PER] Ajudou-a a escrever uma frase. A seguir, a PER foi ver o que alguns alunos estavam a fazer. Aluno: “Professora [PER] não era para escrevermos a data, o nome e o alfabeto?” Outro aluno: “É.” PER: “Vá, depois têm de ilustrar.” A PER começou a falar com outro aluno: “Pronto. Olha, vê lá. Ainda não acabaste. Esta palavra ‘Somos’ o ‘s’ não leva letra maiúscula.” Aluno: “Enganei-me.” PER: “Pronto.” A PER continuou a ler as frases. Aluno: “Professora [PER], posso ir chamar a X.” PER: “Não. Deixe-se estar no seu lugar. A X. já vem.” Aluna: “Pode-me emprestar o livro, Professora [PER].” PER: “Espera lá. Quem tem o livrinho é a professora C. [DEE].” Uma aluna mostrou a ilustração à PER e disse: “Ai não consigo desenhar o pequeno Trevo.” A PER viu a ilustração da aluna: “Está a ficar muito lindo! Não está? Está bom!” P.A.: “Professora [PER], a minha mão ficou feia?” PER: “Então porquê? Olhe ali a sua marca linda. A sua mão tão bem feitinha. Pronto, é a marca do P.A., boa! Não se mexe aí [no cartaz]. (...)” (...) Aluno: “Eu quero ir trabalhar.” PER: “E vai trabalhar, mas tem de esperar pela sua vez pois isto é um trabalhinho que não podem ir todos ao mesmo tempo.” PER: “(...) Isto não está bem pintado. Afias e pintas.” Aluno: “Mas eu não tenho lápis.” PER: “Tens de dizer à mãe para arranjar lápis, que não tens lápis. Já ficam para o próximo ano letivo, mesmo que as aulas estejam quase a terminar, já ficam para o ano.” Os alunos estavam a ficar impacientes. Queriam ir
--	--	--	--	---

				pintar as mãos. PER: “O mais sossegadinho é o próximo e o que estiver mais bem comportado. (...)” (...) PER: “Estás a fazer asneira. Pega no lápis. De quem é este lápis que eu peguei e já não sei de quem é? É teu S.?” A PER andou pela sala a ver os trabalhos dos alunos: “Porque é que isto tem este espaço todo? Acabe.” (...) A PER circulou pela sala: “Ai gosto tanto. Está tão lindo! Muito, muito bem. Linda! Isso revela a atenção com que estiveste. Tens de afiar. (...)” PER: “(...) Ó B. agora cuidado, tens de abrir bem a mão. (...)” PER: “(...) F. mostra cá a tua frase. Ah! Ainda não escreveu! Então eu ajudo. O que é que queres escrever? Vamos escrever aqui uma frase ou duas. Vais pensar naquilo de que gostaste mais e depois temos de escrever ali no cartaz.” (...) PER: “Então, já cá volto. Acaba lá essa tarefa que já venho ver para ajudar.” A PER foi junto da S.: “S., o que queres escrever? Pensa numa frase.” A PER começou a ajudar a S. a escrever a frase. A aula foi interrompida pelo toque da campainha do telefone fixo. PER: “São 11 horas em ponto, não falha.” A PER teve de ir atender o telefone. (...) Quando a PER acabou de atender o telefonema: “Já podem ir lavar as mãos e lanchar. Podem ir lanchar.” (...) PER: “Agora é assim, quem já ilustrou o pequeno trevo e eu já corrigi a maior parte das frases, vai um de cada vez escrever ali a sua frase. Está bem? Ó L. espera.” (...) PER: “(...) Olha L.S. eu estou a chegar ao pé de ti, espera aí. Eu já os chamo para irem escrever ao quadro.” Aluno: “Professora [PER], olhe o F.” PER: “O F. está a fazer o que lhe mandei. M.A., vamos começar a trabalhar. (...)” (...) PER: “(...) Vão ler à tarde.” A PER foi interrompida por uma aluna: “Ainda não ilustraste o pequeno Trevo. Juizinho nessa cabeça, vá.” Aluna: “Eu já acabei.” PER: “Não acabaste, não. Tens de escrever o alfabeto maiúsculo, o minúsculo, o pequeno Trevo e a frase.” (...) PER: “(...) Vou ajudar o L.S., o P. e a B.” B.: “Já acabei.” PER: “Não acabaste, não. O alfabeto minúsculo ainda não está terminado.” Entretanto, o P. chamou a PER. A PER foi ajudar o P.: “Escreve o trevo com v da vaca. Copia este título. Ó P. tem juízo.” A PER entregou um novo trabalho aos alunos do primeiro ano: “Vão fazer um crucigrama com
--	--	--	--	---

				palavras com am, em, im, om e um.” A.: “Professora [PER]!” A PER quando viu que o A. tinha a mesa toda desarrumada não o ajudou e respondeu-lhe: “Faz o que tens a fazer que eu já te venho ajudar.” O A. arrumou parte da mesa e começou a fazer a ficha de português. PER respondeu ao A.: “Estás a ver como assim consegues trabalhar melhor!” Uma aluna estava com dificuldades e chamou a PER. A PER dirigiu-se à aluna: “Podemos ser amigos de alguém? Agora vais escrever uma frase. Eu ajudo-te.” A.: “Professora [PER]?” PER: “<i>Narra</i> quer dizer conta.” A PER leu uma frase em silêncio e em voz alta: “Pronto. Agora vais fazer aqui um desenho do trevo.” PER: “O que aprendemos hoje com a história?” Um aluno leu uma frase muito simples: “Os meninos andavam a jogar à bola.” PER: “Mas foi só isso que aprendemos com a história?” Aluno: “Um viu o trevo e levou-o para casa.” PER: “Sim. O que é que isso significou para o trevo?” Aluno: “O trevo ficou feliz.” PER: “Porquê?” Aluno: “Porque o menino levou-o para casa.” PER: “E deu-lhe o quê?” Aluno: “Carinho.” PER: “Carinho, atenção, amizade, afeto, não é? Então vamos arranjar uma frase.” O aluno começou a escrever: “Todos precisamos...” PER: “De quê?” Aluno: “De carinho.” A PER escreveu: “Todos precisamos de dar e receber carinho.” Aluno: “Para que é isso?” PER: “É para tu copiares e ser mais rápido. (...)” PER: “(...) Agora vais desenhar aqui um pequeno trevo e o menino e tens de pintar.” (...) Aluna: “Professora [PER], quero ler a frase.” PER: “Já vais ler. Já vais ler. Senta-te que já vais ler.” (...) Um aluno foi mostrar um desenho à PER. PER: “Tão giro!” (...) A DEE perguntou à PER: “Podemos ficar aqui [mesa de trabalho do P.A.]?” PER: “Podem. Não há problema nenhum. Eles estão a fazer uma ficha de treino de português.” (...) A PER ia explicando os nomes do crucigrama: tatuagem, atum, bombom, nuvem, amendoim, berbequim. Esta palavra é difícil.” Aluno: “O que é isso?” PER: “É esta máquina que está aqui.” (...) PER explorou o texto com os alunos do segundo ano: “(...) Estão a competir, não é? Vamos copiar estas duas frases e vamos colocá-las entre aspas. (...)” (...)
--	--	--	--	---

				A PER começou a explorar oralmente o texto com os alunos do segundo ano: “Quem é que não participou na corrida? Quais são as frases que correspondem a essa personagem?” PER: “M.A., estão aí quatro frases. Dessas quatro frases algumas têm a ver com a personagem que não participou na corrida. Quem é que não participou na corrida? Pensando nessa personagem, copiem as frases sobre a personagem que não participou na corrida.” (...) A PER dirigiu-se a um aluno que tinha ido ao quadro escrever as palavras do crucigrama: “Atum, já está. (...)” PER: “(...) Agora, escreve bombom. Escreves <i>bom</i> e novamente <i>bom</i>, tudo junto.” Um aluno queixou-se com fome e a PER: “Espera que já vamos almoçar.” (...) PER: “Amendoim, <i>a-men-do-im</i>. O que é que escreves no men?” Aluno: “É um <i>m</i> e <i>en</i>.” PER: “Então escreve. Agora <i>do</i> e <i>im</i>.” Aluno: “O que é isto?” PER: “É um pudim. Vá. Escreve <i>pudim</i>.” Aluno: “Professora [PER], o que é isso?” PER: “Isso é um berbequim. É o <i>b</i> e o <i>er</i> (ber), be e a letra <i>q</i> e o <i>u</i> mais <i>im</i>. Esta é difícil e escreve-se com a letra <i>q</i>. Quando é que se escreve a letra <i>am</i>, <i>em</i>, <i>im</i>, <i>om</i> e <i>um</i>?” Aluno: “É antes da letra <i>p</i> ou <i>b</i> ou no final da palavra.” PER: “Já vão ao quadro escrever as palavrinhas. Agora escrevem tatuagem com a letra <i>g</i> de gato e de gema ou de gelado.” (...) Aluno: “Professora [PER], já acabei.” PER: “Boa.” (...) PER: “Isso é um atum. (...)” PER: “(...) Ó primeiro ano, vamos corrigir as palavras no quadro está bem? Primeiro corrigimos as palavras que estão na vertical. Está bem? (...)” PER: “(...) Vem primeiro a B. ao quadro. (...)” PER: “(...) Escreve patim. <i>Pa...tim</i>. (...)” PER: “(...) A seguir, escreve aí jardim.” (...) a PER: “Agora escreves patim. (...)” PER: “Escreve tatuagem. Carrega mais no giz senão os colegas não conseguem ver. Ó B., ai, ai. Tatuagem é com um <i>g</i> de gema e de gelado. Pronto. (...)” PER: “(...) Agora escreve atum.” L.: “Atum é um <i>a</i>, um <i>t</i> e <i>um</i>.” Aluno: “A L. já deu a resposta. Já disse como se escreve a palavra atum.” PER: “A L. está a falar com a Professora C.” A B. escreveu atum. PER: “B., vai-te sentar. Pega no lápis de carvão e escreve as palavrinhas bem.” (...) M.: “Posso ir ao quadro?” PER: “Podes mas o P. vai a seguir. (...)”
--	--	--	--	--

			PER: “(...) P., vem ao quadro escrever a palavra berbequim.” O P. escreveu a palavra berbequim. PER: “Agora escreve bombom. A palavra bombom tem duas sílabas iguais. É a palavra <i>bom</i> repetida duas vezes. Pronto. Agora, vai-te sentar.” Aluno: “Também quero ir.” P.: “Quero escrever mais.” PER: “Mas agora é outro menino, não é? Não podes ser só tu.” (...) Aluno do primeiro ano: “Ó Professora [PER], quando é que vamos ler?” PER: “Já vos disse que é quando os meninos do segundo ano acabarem a fichinha deles.” (...) PER: “Agora o P. vai escrever pudim. <i>Pu e dim.</i>” Aluna: “Ó Professora [PER], escreve-se assim.” PER: “Tem de ver. É por isso que estamos a escrever ali no quadro para corrigir. Ai que grande erro. Não se escreve podim com <i>o</i> é com <i>u</i>.” Aluna: “Pudim não é com <i>o</i>?” PER: “Não. É mesmo com <i>u</i>.” Aluna: “Você disse!” PER: “Não! Não! Pudim é com <i>u</i>. Pudim já está. (...)” PER: “(...) Agora, vamos escrever pinguim.” (...) A PER respirou fundo e soletrou a palavra pinguim para que o P. escrevesse no quadro. (...) PER: “Boa! Já escreveste pinguim. (...)” PER: “(...) Agora, escreve patim. Escreve maior.” Aluno: “Professora [PER], posso fazer uma pergunta?” PER: “Vai-te sentar. Está na hora.” (...) A PER dirigiu-se para o F. que estava no quadro: “Vais escrever agora uma palavra difícil. Bem, não é bem difícil. É comprida. Escreve amendoim. Eu ajudo. Escreve <i>a, men, do, im</i>. Falta ali uma letrinha no <i>men</i> com <i>en</i>. <i>An, en, in, on e un</i>. Amendoim.” (...) PER: “Agora, aqueles que já terminaram vão recortar a folha e colar a folha com os exercícios no caderninho. (...)” PER: “(...) Ó L.S. e P., vamos lá! Cuidado para não estragarem. Fechem a cola.” (...) PER: “Almoço. Digam até logo às Professoras [DEE e observadora].”
Trabalho do Docente de Educação Especial (DEE)	Tentativa de controlo do barulho		DEE: “(...) Deixa-te estar aí. A minha afiadeira não tem recipiente. (...)” (...) DEE: “Sossega. Não estás no quadro nem lá à frente.”
	Tentativa de inclusão, na orientação das atividades da sala	DEE: “Ninguém sabe.” (...) DEE: “Decímetro escreve-se dm [tentou introduzir-se no diálogo, entre a A.I. e o PER, despropositadamente].” (...)	DEE: “Olhem, posso falar também? (...)”
Colaboração entre PER e DEE	Preparação dos materiais e		A Professora do Ensino Regular (PER) e a Docente de Educação Especial (DEE) dialogaram sobre as atividades que iriam realizar em conjunto, durante a manhã, antes de darem início às atividades com

		recursos utilizados	os alunos. PER: “Antes de começar a gravar, vamos falar um bocadinho sobre o que vamos fazer hoje. (...)” PER: (...) Vamos começar por dar os bons dias. Eles ouvem e veem. Falam sobre o que viram e a seguir ouvem a história. Depois do intervalo fazemos matemática.” A DEE interrompeu a PER: “A M.C. [observadora] também já conhece esta história, porque fizemos uma ação de sensibilização a nível da criança com deficiência para a comunidade.” (...) A PER e a DEE colocaram a secretária, em frente ao quadro, ligaram o computador e colocaram-no em cima da secretária ligado à eletricidade. (...) DEE: “Isto está sempre a andar. Não estou a conseguir encontrar.” PER: “Isso não será o filme?” DEE: “É a canção e o vídeo. É este. Pronto.” (...) DEE: “Já não se pode mexer mais na mesa, pois não P.R. [PER]?” PER: “Pode.” DEE: “Ai pode! (...)” DEE: “(...) Acho que aqui o computador não pode ficar senão estas alunas não veem.” PER: “Colocamos aqui uns dossiês invertidos debaixo do computador ou uma caixa.” (...) A DEE combinou com a PER: “Que tal ouvirmos mais um bocadinho a canção?” PER: “Acho que sim. Eles agora já não têm mais perguntas para fazer.” (...) PER: “(...) O que achas C. [DEE]?” DEE: “Acho que sim. Penso que duas folhas chegam.” (...) A DEE e a PER uniram as duas cartolinas com fita-cola. DEE: “Pronto. Fica muito bem.” A DEE começou a ver os guaches e perguntou à PER: “Pomos laranja ou verde?” PER: “Laranja é mais apelativo.” (...) A PER e a DEE começaram a conversar acerca do cartaz que estavam a preparar. PER: “Isto já dá. Vamos fazer um círculo. Já o devíamos ter traçado para as mãozinhas saírem direitas, sabes?” DEE: “Pois é.” PER: “O que temos aqui circular para fazer o círculo? Pois é [pensativa], nada. Ó X. não temos aí qualquer coisa redonda?” DEE: “Tem de ser uma coisa redonda mesmo.” PER: “Tem de ser larguito para que se possa fazer um círculo grande. Aquele balde era bom mas está cheio de água!” PER: “Ah, são pequeninas! (...) As de vidro?” X.: “Sim.” PER: “São pequeninas...” X.: “...mas está lá uma grande.” PER: “É que isto tem de ser mesmo grande.” DEE: “Já sei o que vou buscar.” DEE agarrou num compasso: “É grande?” PER: “Olha esse está bom. Esse está perfeito
--	--	---------------------	---

				[compasso]. É só para se orientarem para porem a mãozinha.” A PER falou para a DEE e a X.: “Eu acho que vou ali à sala do lado do quarto ano e vou buscar um compasso e pronto.” (...) A PER desenhou um círculo rodeando o bordo da bacia e perguntou à DEE: “Está muito grande?” DEE: “Não.” (...) A PER olhou para o cartaz feito com as duas folhas de cartolina e disse para a DEE: “Para a próxima tenho de arranjar papel cenário. (...)” (...) A PER (...): “(...) pensei que tínhamos cá cartolinas, que improvisávamos.” DEE: “Pois.”
		Diálogo entre o PER e o DEE para orientação do trabalho dos alunos considerados com NEE	O PER dialogou com o DEE: “Vamos pôr sempre o passado na primeira [frase]. Por isso, é que agora [a A.I.] se enganou.” DEE: “Pois.” (...) O PER escrevia no quadro e pronunciava a frase: “Ontem, o Lourenço viu um jogo de hóquei.” DEE: “É a próxima tarefa, não é?” PER: “É. Faz-lhe uma parecida. Eu tenho: ontem, o Lourenço viu um jogo de hóquei. É para mudar para hoje e amanhã.” DEE: “Certo.” PER: “É para ver se ela começa a identificar aquele som ‘v’, ‘L’ e o ‘ê’. (...)” (...) PER: “(...) Isto é que se calhar está aqui muito aberto, L. (DEE). Esta roda não está a pisar o papel.” DEE: “Pois, deve ser por isso.” O PER introduziu a folha corretamente na máquina: “Ora, nova linha. Desliga-se.” DEE: “E liga-se novamente.” (...) O PER pensava que a máquina estava sem bateria porque tinha feito um som estranho: “Olha, acabou-se a bateria! (...) Ah! Afinal, faz sempre isto.” (...) O PER escreveu (...) “Liga as palavras com significado semelhante.”, bem como as palavras para ligar aos seus sinónimos: “grande; rápido; bonito; feroz; selvagem; lindo; enorme; veloz” e dita o que escreveu ao DEE. (...) PER disse: “Se quiseres ir [DEE] buscar o manual de matemática da A.I., pág. 158-159, podes ir.”	
		Acomodação dos alunos para a visualização do vídeo no computador		DEE: “Pois, assim está melhor e todos veem.” PER: “Todos conseguem ver o ecrã do computador?” Alunos: “Sim.” DEE: “Aquele se calhar não vê.” PER: “Pois, se calhar o G. não vê bem. Chegas-te

			mais para cá. Puxas a cadeirinha. (...)” PER: “(...) Conseguem ver?” L.U.: “Agora não consigo ver.” PER: “Muda de lugar. É importante que todos vejam. Estão todos a ver? (...) Consegues ver L.?” L.: “Sim.” DEE: “Aqueles que estão ao fundo podem vir mais aqui para a frente, aqui para o lado.” PER: Podem vir para aqui para este corredorzinho, exatamente.” DEE: “Vês amiga?” PER: “(...) Têm de estar com a postura correta para se concentrarem e ouvirem. (...)”
	Diálogo entre a PER, a DEE e os alunos sobre a visualização do vídeo com a canção		DEE: “Ouviste L.R. o que é que a L. disse? Diz lá.” L.R.: “A L. está a esforçar-se para ser igual.” DEE: “Igual a...” PER: “Isso já todos somos. O que é que ela se está a esforçar?” L.R.: “Está a esforçar-se por ser amiga.” PER: “E vocês estão a esforçar-se por serem amigos da L.?” Alunos em coro: “Sim.” DEE: “Nesta canção apareceram alguns meninos, uns ainda bebés, outros mais crescidos. Aham que aqueles meninos são saudáveis? Viram o aspeto deles?” L.: “Não.” DEE: “São meninos que nasceram assim, que têm problemas, que além de terem problemas também precisam de afeto e de carinho. Percebem? Apesar de sermos todos iguais, de termos todos os mesmos direitos, de andar na escola, de ter amigos, de ser amigo, de portarmo-nos bem, somos diferentes. Aqueles meninos também são diferentes mas têm de ter afetos e carinho tal como o L.S., o F., a L., a M. e a L.R. Verdade ou mentira?” L.: “Verdade.” DEE: “Todos nós precisamos de afetos independentemente do aspeto de sermos ou gordinhos ou magrinhos ou às vezes a cabeça não funcionar muito bem... Quanto mais carinho e afeto nós tivermos, mais conseguimos dar.” PER: “A L. entendeu isso muito bem. Utilizou mesmo essa palavra ‘afeto’. Muito bem. (...) Estas crianças que apareceram tal como a C. [DEE] disse são crianças que nasceram com algum problema de saúde, com alguma deficiência. (...) Portanto, não vamos pô-los de parte nem excluí-los. (...)”
	Conversa acerca da história lida entre a PER, a DEE e os alunos		PER: “(...) É isso que esta história nos ensina a aceitar a diferença...” DEE: “...a não ter medo” PER: “...a não ter medo, exatamente. Sobre tudo sentir o carinho, o afeto porque são pessoas iguais a nós. Não é?” L.: “O amor” PER: “Estas crianças que apareceram tal como a C. [DEE] disse são crianças que nasceram com algum problema de saúde, com alguma deficiência. Está bem? Portanto, não vamos pô-los de parte nem excluí-los. (...)” (...) O nosso trevo que acolhemos em setembro era um trevo medroso que não conhecia ninguém. Estava aqui pela primeira vez.” DEE: “Estava muito zangado.” PER: “Vinha muito zangado. Era um trevo assim muito agitado, não é? Mas hoje como é esse trevo?” Alunos em coro: “É muito bem tratado.” Aluno: “É feliz.” PER: “É bem tratado.”

				Um aluno repetiu: “É feliz.” PER: “Pois mas isso ainda tem de mostrar mais um bocadinho essa parte. É porque está a aprender também como deve estar na sala, como se deve comportar.” (...) A PER disse para a DEE: “Ela [L.] e o P.A. aprenderam muito bem a lição: o carinho e o afeto. Ouviram com bastante atenção e descobriram logo, logo o que se pretendia com esta história. O carinho e o afeto para aceitar quem é diferente porque somos todos iguais. Entenderam? Percebeste agora F.? Entendeste que o trevozinho foi posto de parte e rejeitado pelos colegas porque tinha quatro folhas quando deveria ter só três. Sofreu muito. Ficou triste. Estava só. Não tinha companhia de ninguém e então apareceu um menino que mudou tudo. Sabem o que o menino lhe mostrou e deu?” L.: “Foi carinho.” DEE: “L. gostaste desta história?” L.: “Sim. Muito.” (...) DEE: “L. queres fazer perguntas aos teus colegas algo sobre esta história, sobre o trevo e sobre o carinho? Pergunta. Escolhe um menino e pergunta-lhe sobre a história ou o que tu quiseres sobre a história.” L. apontando para uma menina: “M.” Aluno: “M. quê?” PER: “Não se meta. Então L., podes perguntar.” L.: “De que gostaste mais?” M.: “Gostei mais da parte que o menino leva o trevo com ele.” PER: “Pergunta a um menino?” L.: “De que gostaste mais S.?” S.: “Gostei mais quando o menino levou o trevo para casa.” DEE: “Podes continuar a perguntar a mais meninos e depois vocês também podem fazer perguntas à L. Agora é ela que pergunta.” L.: “O que gostaste mais G.?” G.: “Foi quando o menino o levou para casa.” PER: “Têm de responder à L. com sinceridade e honestidade.” G.: “Também gostei da parte quando os trevos de três folhas tiveram saudades do trevo de quatro folhas.” PER: “Muito bem. É a L. que está a perguntar?” L.: “A., qual foi a parte que gostaste mais?” A.: “Gostei que o trevo tivesse ficado feliz por ter aparecido a criança e a criança o ter levado para casa.” DEE: “Muito bem.(...)” DEE: “(...) Olha que está ali o P.A.” L.: “P.A. de que é que gostaste mais?” P.A.: “Gostei mais quando o menino se aproximou do trevo e lhe deu carinho.” L.: “Qual foi a parte que a professora P.R. [PER] gostou mais?” PER: “Eu gostei mais quando o trevo de quatro folhas se sentiu amado e que gostou do seu novo amigo. Ficou feliz.” DEE: “Alguém quer fazer perguntas à L.?” Aluno: “L. de que gostaste mais?” L.: “Foi quando os dois meninos foram jogar à bola e viram o trevo.” PER: “Pois claro. Há quanto tempo eu estava à espera desta. Quem é que quer fazer mais perguntas à L.?”
--	--	--	--	--

				Aluna: “L. afinal de que gostaste?” L.: “Do carinho.” PER: “Ela respondeu bem. Outro menino para fazer perguntas à L.” Um aluno fez uma pergunta que já tinha sido feita e a PER: “Isso já foi respondido. Tens de fazer outra pergunta. Podes perguntar o que a L. achou de mais importante.” O aluno não conseguiu exprimir-se muito bem e a DEE ajudou-o a formular a questão: “O que é que tu sentiste? Foi alegria, tristeza?” L.: “Foi alegria.” PER: “Vocês são livres de fazer perguntas à L.” Aluno: “Qual foi a parte de que gostaste mais?” L.: “Gostei da parte quando o menino levou o trevo para casa.” A PER não conseguiu ouvir o que a L. disse: “L., não ouvi, desculpa. Tens de te sentar, L.” A L. repetiu o que tinha dito anteriormente: “Gostei também da parte quando o menino levou o trevo para casa. (...)” J.: “Qual foi a parte em que ficaste mais feliz?” L.: “Gostei do final.” PER: “Pois é. Têm de falar mais alto. Quem é que quer fazer mais perguntas?” O P.A. fez uma pergunta que já tinha sido feita. DEE: “A L. já respondeu a essa questão. Faz outra.” PER: “Pois a L. já respondeu a isso. Tens de estar atento.” A M. começou a falar baixinho, quase que não se ouvia. DEE: “Diz alto, M.” M.: “De que gostaste mais?” L.: “Gostei de todas as partes desde que o menino viu o trevo.” PER: “Mais alguma pergunta?” Aluna: “Não.” PER: “Ninguém tem para fazer à L.?” O P.A. começou a fazer uma pergunta à L. DEE: “De vez em quando sai-lhe.” PER: “De vez em quando sai-lhe! De ano a ano.” P.A.: “O que tens de fazer para ter amigos?” DEE: “Mais alto, mais alto que isso é importante.” L.: “É não refilar com os outros. Tenho de respeitar as pessoas.” DEE: “Tens de respeitar os amigos e as pessoas.” (...) DEE: “(...) É assim todos nós temos dias maus. Passam-se coisas que nós ficamos irritados tanto as professoras como os alunos. Mesmo quando há uma coisa que nos chateia muito, que ficamos irritados e muito aborrecidos, o que temos de fazer aqui na nossa cabecinha [apontou para a cabeça]? Tentamos contro...” Alunos: “...controlar.” DEE: “Tentamos controlar as nossas emoções. É isso que a L. também está a aprender a controlar quando ela está muito aborrecida e muito zangada. Ela tem de aprender a controlar e é isso que vocês quando dão afeto e carinho e perdoam o que ela faz de mal também estão a ajudá-la a que ela depois comece a controlar-se melhor. Percebido?” Alunos: “Sim.” DEE: “Não é isso, L.?” PER: “Ela está muito emocionada.” O G. começou a falar e a PER: “L., olha o G.” G.: “Ela está quase a chorar!” PER: “Não está a chorar. Está emocionada.”
--	--	--	--	---

				DEE: “Está é emocionada que é diferente de estar a chorar.” PER: “Queres fazer mais alguma pergunta a alguém?” L.: “Não.” R.: “Posso fazer uma pergunta à L.?” DEE: “Com certeza. Podes.” R.: “Sentes que tens aqui amigos?” A PER dirigiu-se para a DEE baixinho: “Este menino é muito perspicaz. Repete novamente e alto para todos ouvirem.” O R. repetiu a questão. PER: “Sentes que tens aqui amigos mesmo sentindo aqui no coração?” L.: “Sim.” PER: “Pergunta alto.” Aluna: “Gostas dos teus colegas?” L.: “Sim.” PER: “Pergunta lá se ela gosta de ti. Era isso que tu ias perguntar não era? Eu bem percebi. Ora pergunta à L. É interessante. Se calhar, vais ficar surpreendida. Pergunta lá à L. se ela gosta de ti. A sério pergunta, vais ficar bem surpreendida com a resposta. Olha para ela e pergunta.” Aluna: “Gostas de mim?” L.: “Sim.” DEE: “Quem diria, não é?” A PER dirigiu-se aos alunos: “Mais alguém tem alguma questão que queira fazer? Se alguém quiser perguntar o que ela perguntou, pode perguntar aquilo que vos estiver a passar pela cabecinha. Vê lá o que vais perguntar.” S.: “Gostas de todos os trabalhos que fazes aqui na escola?” DEE: “Ai, ai S.” L.: “Gosto.” PER: “Diz P.A.” P.A.: “Gostas de todos os alunos da escola?” L.: “Sim.” DEE: “E vocês gostam dela?” Alunos: “Sim.” PER: “Quem gosta da L.?” Todos os colegas da L. levantaram o dedo em concordância com o facto de gostarem da L. PER: “Muito bem! Estou muito orgulhosa destes meninos mas principalmente ali do P.A., sim senhor.” DEE: “Está a crescer. Está a ficar grande.” PER: “Muito bem. Então este sentimento que estão a sentir agora é para se aguentar muito tempo, toda a vida das nove horas às 17h30m, todos os dias. Ouvia P.A.?” A PER deu uma gargalhada: “Para todo o sempre. O que é que estão a sentir agora nos vossos coraçõezinhos?” Alunos em coro: “Afeto.” PER: “Esse sentimento é para ser muito guardadinho na caixinha do coração. (...)” PER: “(...) Então vamos ouvir outra vez a canção.” Alunos: “Sim.” DEE: “Agora já vão perceber melhor porque vão olhar com mais atenção e vão entender melhor estas imagens.” Enquanto ouviam a canção “Somos iguais, diferentes” interpretada por João Portugal a DEE mostrou à PER um menino a quem já tinha prestado apoio pedagógico personalizado: “É este aqui.”
--	--	--	--	--

			No fim de ouvirem a canção, uma aluna: “Uau, Professora!” PER: “É lindo, não é?” Aluna: “Professora, eu gostei do outro que era o pai e tinha o nariz vermelho de palhaço.” PER: “Isso era a brincar. (...)”
		Diálogo entre a PER, a DEE e os alunos para planificação do cartaz	PER: “(...) Vá, uma letra bonita! Quem é que quer escrever aqui em cima [no cartaz]?” Vários alunos responderam em coro: “Eu.” PER: “Já vou ajudar. Depois aqui tem de ser a mão da M.” DEE: “...terminamos com uma mais pequenina ainda.” Aluna: “Professora [PER], já acabei. A minha?” PER: “A tua é grandita.” (...) PER: “Escreve-se aqui uma coisa bonita. Ah, isto vai levar as frases também.” Os alunos começaram a dar sugestões: “Professora [PER], porque é que as frases não ficam aqui dentro?” PER falou para a DEE: “Até porque eles estão a fazer frases pequeninas e todos vão escrever aqui as frases.” DEE: “Vamos pôr primeiro as mãos dos alunos do primeiro ano. Depois vemos o espaço que nos sobra.”
		Elaboração do cartaz	A DEE perguntou à PER: “Posso chamar um de cada vez?” PER: “Sim.” A DEE chamava um aluno da turma de cada vez e pintava-lhe a palma da mão com a cor que esse aluno escolhia. (...) A DEE continuou a chamar os alunos da turma: “P.A., queres ajudar? Queres pintar as mãos como eu estou a fazer aos teus colegas?” P.A.: “Pode ser.” O P.A. estava a ajudar: “Posso começar a pintar a mão deste colega?” DEE: “Podes, P.A.” PER: “Hoje o P.A. está tão bom ajudante. Está aqui um menino que vale ouro.” DEE: “Está a crescer.” PER: “Deixa-me tão contente. Havia de ser há um tempo atrás. Não é P.A.?” O P.A. concordou e disse baixinho: “Sim.” O aluno a quem a palma da mão estava a ser pintada: “Está-me a fazer cócegas.” DEE: “Pois faz um bocadinho mas é bom. Vá.” (...) DEE: “Qual é a mão que queres?” Aluno: “Esta.” DEE: “P.A. chama a L.” P.A.: “L vem cá. Qual é a cor que queres?” L.: “Cor-de-rosa.” O P.A. pintou a mão da L. com cor-de-rosa. (...) PER: “Agora é o G.” DEE: “Anda cá G.” (...) O aluno P.A. pintou a palma da mão ao G. e este carimbou o papel. A seguir, o G. foi lavar as mãos para tirar a digitinta da palma da mão. PER: “Seca-as bem, G.” PER: “Para não haver aqui meninos de pé sem razão nenhuma e para não haver barulho, vamos fazer o seguinte: vai a M. e depois é a M.M. Por último, vai o P.A. e já ficam todos.” DEE: “Já.” PER: “Depois também era giro pintarmos as nossas mãos! Já se vê!” (...) A DEE e o P.A. continuavam a pintar as palmas das mãos dos alunos. (...) A M. foi até à

			DEE. DEE: “Qual é a cor que queres?” M.: “Vermelho.” A DEE ajudou a escolher as cores para as impressões das palmas das mãos: “Essa cor já há ao lado. Não podem ficar duas vermelhas seguidas.” (...) A DEE continuou a pintar as palmas das mãos dos alunos: “Queres a esquerda ou a direita?” Aluno: “Direita.” DEE: “Escolhe ali a cor que tu queres?” Aluno: “Verde.” Aluno vendo as impressões das mãos: “Ena, está tudo com buracos.” Aluno: “A tua também está.” Aluna: “A minha é cor de laranja.” Aluno: “Também tenho.” DEE: “Agora P.A. é a tua vez. Olha, laranja e vermelho, não. Temos aqui castanho, azul e verde.” P.A.: “Azul.” Aluna: “Aquilo faz cócegas.” A DEE e o P.A. já tinham pintado as mãos de todos os alunos da turma à exceção da BI. A PER foi observar o cartaz: “Agora não venham perguntar nada! (...) Falta a BI. Olha tão giro! Mesmo à conta. (...)” A BI. foi carimbar a palma da sua mão e completou o círculo. PER: “Está muito giro!” Todos os alunos colocaram as suas marcas no papel. A PER e a DEE conversaram sobre o cartaz. PER: “Podíamos colar as frases dentro do círculo, próximo das mãos de cada um e fora ficavam as nossas. Era giro deixarmos as nossas mãos também, tu [DEE] e eu.” DEE: “Era boa ideia.” PER: “Mas depois fica muito cheio a não ser que fiquem aos cantos.” (...) As docentes [PER e DEE] também colocaram as marcas das palmas das suas mãos no cartaz. PER: “Agora, o P.A. vai pintar-me a mãozinha. Pinta aí, P.A.” DEE: “L., queres vir pintar-me a palma da mão?” L.: “Sim.” DEE: “Escolhe uma cor que queiras.” A PER ria-se enquanto o P.A. lhe estava a pintar a mão. PER: “Ai tanta cócega! Força aí, P.A.” DEE: “Olha! Estas [impressões das palmas das mãos] ficam todas com uma cova [falta de tinta] no centro. Realmente! Outras não!” PER: “Também vou fazer. Olha ali! Eu estava a sentir que não estava a assentar bem!” DEE: “É uma cova.” PER: “Pronto! Olha os dedinhos! Depois traço aqui umas linhas e cada um escreve a sua frase.” DEE: “Como é que irá ser a minha?” A DEE carimbou a cartolina com a palma da mão: “Também fiz uma covinha.” PER: “Obrigada, P.A. Está lindo. Pronto. Agora, deixamos secar.” DEE: “Obrigada, L. e P. A. (...)”
	Desautorização do DEE pelo PER	PER: “Já vi com ‘h’ e sem ‘h’ [o PER corrige o DEE].”	

Orientação dos alunos	Trabalho do Professor do Ensino Regular	Diálogo entre o PER e os alunos considerados com NEE	PER: “(...) Os colegas [estava a dirigir-se à A.I.] vão ajudar-te a construir as frases. (...)” (...) PER: “(...) esta é para a A.I. Ó A.I.” A.I.: “Diga”. PER: “A Terra não tem um dia. O nosso planeta Terra é muito, muito velho.” (...) A.I.: “Quantos anos tem?” PER: “O Professor não sabe dizer ao certo. Mas tem mil milhões de anos... Isso quer dizer que o número A.I. há de ter pelo menos [calou-se].” A.I.: “Nove zeros. É um bilião.” PER: “Na América seria.” (...) PER: “Ó A.I.” A.I.: “Diga!” O PER (...) dirige-se à aluna A.I. dizendo-lhe: “Agarra nesta caixa que tem a forma de um paralelepípedo e que normalmente as pessoas põem peixes aí dentro.” A.I.: “Eia!” (...) PER: “Ó A.I., estás a ver esse recipiente azul?” A.I.: “Sim.” PER: “Imagina que todos os dias despejavam lixo dentro desse aquário. O que ia acontecer ao lixo?” A.I.: “Os peixes iam comer a pensar que era comida.” Alunos em coro: “Comiam o lixo e iam ficando intoxicados.” A.I.: “Os peixes podiam morrer.” PER: “Podiam ou iam morrer?” Alunos: “Iam acabar por morrer.” PER: “Íamos começar a ver os peixes a flutuar e a morrer.” (...) PER dirigiu-se à A.I.: “Ó A.I., dá-me o teu aquário. (...)” (...) PER: “Estás a escrever o que estão a dizer?” A.I.: “Estou.” PER: “És muito rápida nos dedos.” (...) PER: “(...) Ó A.I., olha.” A.I.: “Diga.” PER: “Olha, trouxe um boneco já muito velho.” A.I.: “Pois é.” PER: “Vamos descrever como é o boneco.” A.I.: “Já percebi.” (...) PER dirigindo-se à A.I.: “Toma. Procura-o.” A.I.: “Olhe a máquina.” PER: “Está bem. Isso. Cuidado que ele tem um pé “abananado”. De vez em quando um pé cai-lhe.”	PER: “E tu L., o que pensas que a história nos vai contar? Sabes o que é um trevo?” L.: “Não.” PER: “É esta plantinha.” (...) PER: “Nunca viste um trevo. O trevo é uma plantinha muito pequenina. De quatro é muito rara. Até se diz que quem encontrar um trevo de quatro folhas tem muita sorte e fica sortudo. As pétalas do trevo são muito frágeis, fininhas. É uma planta muito frágil e que se pode estragar facilmente.” A PER mostrou a capa do livro à turma: “Temos aqui uma criança. O que achas que vai acontecer, L.?” L.: “Vai aparecer a sorrir...” PER: “...com o trevo, sim.” (...) Quando acabou a música a PER: “L., o que é que tu achaste? Gostaste? O que é que achaste da música? Do que é que fala a música?” L.: “Do afeto.” PER: “Do afeto. Sabes o que é o afeto?” L.: “É o carinho.” PER: “É o carinho e tu tens muito, não tens? Gostas de dar carinho? E de receber?” L.: “Também.” PER: “O que é que tu percebeste mais da canção?” (...) Sem ser o afeto, o que te chamou mais a atenção?” L.: “Não sei mais.” PER: “Respondeste muito bem. Gostei muito das tuas respostas. Muito bem.” (...) PER: “L., somos todos iguais?” L.: “Sim.” PER: “Sim, não no aspeto mas...” L.: “... no coração.” PER: “Pois é. Quem é que concorda com a L.?” Vários alunos colocaram o dedo no ar. (...) PER: “(...) Então L. o que tens a dizer sobre isso de sermos todos amigos e não nos chatearmos como a S. diz.” L.: “É ser amigos.” PER: “É sermos amigos.” L.: “É sermos amigos e bons para eles.” (...) PER: “(...) E tu L., estás a tentar ser boa para os teus colegas com muita ou pouca vontade?” L.: “Muita.” PER: “Com muita ou pouca força?” L.: “Muita.” (...) PER: “Então como é que nós te devemos tratar, L.?” L.: “Bem.” PER: “Todos nós, não é. O trevo por ter quatro folhas tinha de ser tratado de maneira diferente?” L.: “Não.” (...) PER: “Foi L.? Tu és um trevo lindo de quatro folhinhas. Como é que tu foste tratada quando chegaste aqui? Foste bem tratada? O que é que tu sentiste?” L.: “Alegria.” PER: “Ficaste feliz quando conheceste estes meninos. Primeiro, não ficaste logo feliz, pois não. O que é que tu sentiste?” L.: “Senti-me bem.” PER: “Foste bem tratada pelos meninos como o trevo de quatro folhas? Este trevo foi bem tratado pelos amigos?” L.: “Não.” PER: “Este trevo não foi bem tratado pelos amigos
-----------------------	---	--	--	---

		A A.I. apalpou o boneco: “Abananado.” PER: “Sim, um pé solto. Procura as pernas dele.” A A.I. ia tateando o boneco. PER: “Isso para cima. Ele é magrinho assim como eu. Parece o D. Quixote de la Mancha.” A.I.: “Ele é mentiroso e você também.” PER: “Eu sou mentiroso?” A.I.: “É.” PER: “Ou sou brincalhão?” A.I.: “É as duas coisas, olhe.” O PER riu-se. (...) A.I.: “Nós somos iguais. Eu também sou mentiroso.” PER: “Queres escrever duas frases sobre o que sabes sobre o Pinóquio?” A.I.: “Mas têm de me ajudar. Tenho de vos ouvir a dizer. Eu não sei muito bem o que hei de escrever?” PER: “Está bem. O que é que tu sabes sobre o Pinóquio? Ele é feito de quê?” A.I.: “De madeira.” PER: “Ele é feito de madeira. Então vamos escrever. E mais?” A.I. com o boneco agarrado pelas mãos fez uma pequena pausa. PER: “Como é o nariz dele?” A.I.: “É mentiroso.” PER: “É um bocadito mentiroso como o LO. disse.” A.I.: “O LO. também.” PER: “(...) Então, escreve aí umas frases sobre o Pinóquio.” (...) PER: “Ó A.I., deixa ver se ela está sempre com atenção?” A.I.: “Diga.” PER: “Há aqui um menino que [não acabou a frase]. Estás a ouvir?” A.I.: “Estou.” PER: “Há aqui um menino que se enganou nos calções do Pinóquio. Quem seria?” A.I.: “O LO..” PER: “Pensa lá bem, quem é que o ano passado ficava ao pé de ti para te ajudar com as cores ou para tu o ajudares com as cores?” A.I.: “MA..” PER: “Então, não é que ele se enganou na cor dos calções. A A.I. sorriu ao lembrar-se daquelas situações de aprendizagem. (...) PER: “A.I.!” A.I.: “Diga.” PER: “Agora, temos aqui um exercício de gramática. Ajuda-me, A.I. Primeiro, oralmente e depois é preciso escrever.” O PER escreveu no quadro e disse: “O Pinóquio trabalhou no circo. Hoje, o Pinóquio...”	mas tu foste bem tratada L. (...)” (...) PER: “(...) Achas que nós recebemos bem este trevo L.?” L.: “Sim.” PER: “Então não fomos como os trevos de três folhas pois não?” L.: “Não.” (...) PER: “L. quando estás triste, a chorar e zangada o que é que te apetece fazer?” L.: “Ir pedir desculpa.” PER: “Naqueles momentos em que estás muito triste e zangada o que é que fazes?” L.: “Costumo bater.” PER: “Costumas bater para libertar essa energia, não é? Achas bem?” L.: “Não.” PER: “Como é que te sentes a seguir a isso?” L.: “Mal.” PER: “Ficas muito...” L.: “...triste.” PER: “Alguém ganha com isso?” L.: “Não.” PER: “Então, o que é que há a fazer?” L.: “Tenho de me portar bem todos os dias.” PER: “O que é que significa para ti portares-te bem?” L.: “Tenho de respeitar os outros.” PER: “Não é só respeitar. Para respeitares tens de...” L.: “...obedecer” PER: “Exatamente. Tens de obedecer. É obediência àquilo que o adulto te diz. (...)” (...) PER: “(...) Podes participar P.A. e pôr a tua mãozinha. Está bem? Queres?” O P.A. acenando a cabeça: “Sim.” (...) PER: “Então, o que aprendeste com a história L.?” L.: “Somos todos iguais.” PER: “Não ouvi.” L.: “Somos todos iguais.” PER: “Somos todos iguais.” (...) PER: “Já lavaste as mãozitas e já as secaste, P.A.?” P.A.: “Não.” PER: “Então, vai lavar.” (...) L.: “Professora [PER] ainda não comi nada.” [A L. não lanchou porque não tinha levado lanche e tinha estado a experimentar a roupa na casa de banho que a DEE lhe tinha levado.] PER: “Ainda não lanchaste filha?” L.: “Não.” PER: “Então o que andaste a fazer?” L.: “Fui experimentar a roupa que a Professora [DEE] me trouxe.” (...)
--	--	--	---

		A.I.: “Hoje, o Pinóquio trabalhou no circo.” PER: “Não, A.I. Hoje, [não acabou a frase].” Alguns alunos em coro incluindo a A.I.: “Hoje, o Pinóquio trabalha no circo.” (...) PER: “(...) A.I.!” A.I.: “Diga.” PER: “Palavras com ‘v’ e ‘l’. É a própria letra (v ou l) e o ‘ê’ nas palavras de ação, ‘vê’ e ‘lê’.” (...) O PER deslocou-se para junto da A.I. para a ajudar a colocar a folha na máquina. PER: “O que é que foi? Qualquer dia escreves nos dedos do Professor. Isto não faz mal nenhum. (...)” (...) PER: “O que é que foi?” (...) PER: “(...) Gostas de atum?” C.: “Não.” PER: “Não?!” A.I.: “Tão bom.” (...) PER: “Ai desculpa, C. Não se passa por aí! Não quero ver ninguém aí ajoelhado. Passa por aqui.” (...) PER: “(...) Vou emprestar o metro à A.I. A.I.!” A.I.: “É para medir as pessoas.” PER: “Agarra lá no meu metro articulado. Oh, oh. Podemos abri-lo.” A A.I. agarrou no metro.	
	Trabalho do PER com o aluno considerado com NEE, individualmente	O PER foi ajudar a C.: “C., como é que se lê?” C.: “Atum.” PER repetiu: “Atum. (...)” A seguir, o PER (...): “Não queremos esta letra, pois não C.? Queremos uma letra bonita e elegante. Oh, onde está o seu desenho do mar, C.?” A C. mostrou ao PER mas tinha feito muito pouco: “Está aqui.” PER: “A C. precisa de concentração para acabar a tarefa que está a fazer. (...)” (...) PER: “O que falta aqui é a letra ‘m’ ou ‘n’?” C.: “Falta um ‘m’.” A C. escreveu a letra que faltava e leu a palavra que escreveu. (...) PER: “Ó A.I., A.I. Um metro são dez decímetros. Dois metros são?” A.I.: “Vinte decímetros.” PER: “E três metros?” A.I.: “Trinta decímetros.” PER: “Ó A.I.!” A.I.: “Diga.” PER: “Quer dizer que o	A PER aproximou-se da L. para ver o que estava a fazer: “L. o que é que tu queres escrever? Qual é a mensagem que tu queres colocar no cartaz?” L.: “O mais importante é o afeto.” PER: “Então começa a escrever. Como sabemos começamos sempre com letra maiúscula no início de cada frase. Escreve e depois vais ilustrar este espaço.” (...) PER: “Aquilo é a vossa marca. Só que depois vão escrever uma frase ali no cartaz sobre ‘Somos todos iguais, diferentes’.” L.: “Não sei o que hei de escrever.” PER: “Ele é muito mentiroso. Diz L. Vais escrever frases sobre a história.” L.: “Eu não sei.” PER: “Pensa naquilo que aprendeste. O que é que sentiste ao ouvir a história? O que é que aprendeste?” L.: “Quero escrever que somos todos diferentes, todos iguais.” PER: “Queres pensar mais um bocadinho?” L.: “Sim.” (...) PER: “Ó L. tens de ilustrar e fazer o campo verdinho, o céu azul. Vamos lá.” L.: “O que é negar?” PER: “Negar é dizer não, nunca, jamais. A seguir, vais trabalhar um bocadinho com a Professora C. Está bem?” L.: “Sim.” PER: “Vais fazer este exercício com ‘am, em, im, om e um?”

		decímetro é uma das dez partes que o metro tem. O metro tem dez decímetros e meio metro?” A.I.: “Cinco decímetros.” PER: “E metro e meio, são quantos decímetros?” A A.I. riu-se e não respondeu. PER: “Ó A.I., o metro eram quantos decímetros?” A.I.: “Dez” PER: “E meio metro?” A.I.: “Cinco” PER: “Então, metro e meio?” A.I.: “Quinze.” (...) PER: “Ó A.I. Agora, vamos fazer ao contrário. Se eu tiver 80 decímetros, serão quantos metros? (...)” A.I.: “Oito.” PER: “Boa, A.I. (...)” (...) PER: “Ó A.I.” A.I.: “Diga.” PER: “Tenho aqui um friso com 7 dm. Quantos dm é que me faltam para o metro?” A.I.: “Três.” PER: “Muito bem, A.I. (...)” (...) PER: “(...) Ó A.I.” A.I.: “Diga.” PER: “Tenho ali um friso com 10 dm. Esse friso é igual ou menor que o metro?” A.I.: “É igual.” PER: “Diz outra vez.” A.I.: “Igual.”	L.: “Sim.” (...)
Trabalho do Docente de Educação Especial	Diálogo entre DEE e os alunos considerados com NEE	A A.I. tinha à sua frente a máquina elétrica de braille e perguntou ao DEE: “Hoje é 22?” DEE: “Sim, é dia 22.” O DEE ia conversando com a A.I. acerca da máquina mas não a ligaram logo para não estarem a gastar a bateria. (...) DEE explicou para a A.I. o que era um aquário: “Um aquário é onde as pessoas colocam os peixes. É transparente, tem água, é maior e tem peixes.” (...) A.I. perguntou ao DEE: “As pessoas também flutuam?” DEE: “Algumas conseguem mas têm de saber. Eu consigo.” (...) A.I. perguntou ao DEE: “Quantos são?” DEE: “21” A.I.: “22!” DEE: “Sim. (...)” DEE: “(...) Volta a fazer o abecedário. Já te ensinei o abecedário mas é para praticares.” A.I.: “Sim.” (...)	A conversa entre a DEE e a PER foi interrompida pela L. (...): “Professora C. estou bonita?” DEE: “Que bigodes são esses todos?” L.: “É do leite.” DEE: “É do leite! Vai lavar a cara L.” (...) DEE: “(...) Agora vamos trabalhar um bocadinho. Está bem, P.A.?” P.A.: “Sim.” DEE: “Vamos L., também. Sim?” (...) L.: “Professora [DEE], não sei do meu caderno de português.” DEE: “Vai procurá-lo.” (...) DEE: “Ficamos aqui. Senta P.A. [ficaram na mesa do P.A., lado a lado]. Entretanto, a L. também vem para aqui.” (...) DEE: “(...) Pois é P.A. tens de ter paciência com a L. Ela não é assim porque quer. A vida dela é que a fez assim.” (...) A DEE falou para a L.: “Anda L.” (...) L.: Professora [DEE], quero ir vestir aquela saia.” DEE: “Não que amanhã é sábado. Amanhã, vestes.” L.: “Não gosto da roupa que trago.” DEE: “De manhã estava frio. Não sejas assim. Tu andas a comer muito?” L.: “Ando.” DEE: “Ai, andas. Não pode ser! Devemos comer

			O DEE perguntou à A.I.: “Estás a escrever o que eles estão a dizer?” A.I.: “Estava a escrever agora.” (...) A.I.: “O que é que vou escrever?” DEE: “É umas palavras que o Professor está a escrever. Já te digo.” A.I.: “Mais ainda!” DEE: “Ainda não acabou a aula.” A.I.: “Ah!” DEE: “Ainda temos aqui espaço nesta folha. Já peço ao Professor para dizer.” (...) A A.I. escrevia na máquina para resolver os mesmos exercícios que os seus pares. A A.I. interrogou o DEE: “E seis mililitros?” DEE: “Mililitros, não. Tem a ver com o litro e não tem nada a ver. Hoje, ainda não vamos aprender.” (...) A.I.: “Ó minha Santa.” DEE: “Dá para agora. A aula está quase a acabar. Vamos acabar os exercícios.” (...) A.I.: “Vou almoçar também?” DEE: “Sim. Vai lá almoçar também. (...)” DEE: “(...) Bom fim de semana, A.I. É maior este fim de semana. Agora, é só terça-feira.” A.I.: “Segunda, não?” DEE: “Só terça.” A.I.: “Xau.”	mas não é muito de uma vez. Quando estás cheia não comes mais. (...)” (...) L.: “Este lápis não escreve. Não presta para nada.” DEE: “Toma lá o meu lápis. (...)” (...) O P.A. ficou a olhar para a folha e não respondeu. DEE: “Isso até parecia que vinha aí uma trovoad grande.” A L. riu-se. DEE: “Uma nuvem tão preta!” L.: “Já está pintada de azul.” (...) DEE: “L. não se faz chantagem. Vai-se buscar porque és obediente e fazes o que a professora diz.” A DEE olhou para a PER e disse-lhe: “A L. quer vestir a saia. Cansa-me.” A L. não tinha cola. DEE: “O P.A. empresta-te a cola. Ele é teu amigo. Sentadinha direita. Vamos lá.” (...) A L. queria sair logo. DEE: “P.A., arruma tudo e adeus. L., fecha a cola. Anda cá que a Professora ajuda-te.” L.: “Ó Professora, quero ir vestir a saia.” DEE: “Agora, não vais vestir a saia.” L.: “O meu pai depois não me deixa.” DEE: “Queres que eu a leve para a minha casa outra vez?” L.: “Não.” DEE: “Controla-te. Controla-te. Achas que agora podes ir vestir também a saia. Já vestiste a blusa! Para a próxima não te posso dar assim tanta roupa.” L.: “Tiro esta e visto esta.” DEE: “Mas as meias ficam mal.” L.: “Eu quero.” DEE: “Não vestes nada. Não vestes nada.” L.: “Pronto. Está bem.” DEE: “O meu beijinho?” A L. deu um beijo à DEE sem ter arrumado. DEE: “Vai arrumar as tuas coisas.” L.: “Não.”
		Apoio ao aluno considerado com NEE, individualmente	O DEE explicou que o papel tem de ficar sempre por debaixo do cursor e a A.I. introduziu o papel na máquina. (...) O DEE ia orientando a A.I. na forma como havia de escrever as palavras e as frases sobre “O Pinóquio”. (...) A A.I. começou a escrever as frases. Quando tinha dúvidas na escrita das palavras perguntava ao DEE. Este tinha de a ajudar a colocar o papel na máquina, pois a aluna não conseguia. (...) O DEE leu o que a aluna escreveu e disse-lhe que também podia escrever: “Ele veste uns calções verdes e uma camisola vermelha.” A A.I. perguntou ao DEE: “E que mais?” DEE: “Agora colocas um ponto final no fim da frase e comesas uma nova frase. Podes dizer que tem um chapéu vermelho.” A.I. continuou a escrever: “Chapéu vermelho e que mais?”	

			DEE: “Não sei se já escreveste nariz comprido.” A.I.: “Ah!” DEE: “Tem olhos azuis.” A A.I. continuou a escrever: “Calma. Então, tem olhos azuis, nariz comprido e?” DEE: “No pescoço tem uma gola branca. (...)” DEE: “(...) Se quiseres escrever pescoço é com ‘ç’.” A.I.: “Ainda não escrevi. (...)” A.I.: “(...) E que mais?” DEE: “Não sei muito bem o que já escreveste. Não sei se haverá muito mais para dizer.” A.I.: “Não. Então, acho que já escrevi quase tudo.” DEE: “Sim. Também penso que já escreveste. (...)” DEE: “(...) Muda de linha. (...)” (...) DEE: “(...) Retira a folha para eu ler o que escreveste. Já sabes. (...)” (...) DEE: “(...) Até podes desligar a máquina. Depois digo-te os erros para ires aprendendo.” A.I.: “Pois.” (...) O DEE começou a explicar à A.I. como se escreviam as palavras que tinham erros: “A palavra nariz está bem escrita. Olhos azuis também estão bem. (...)” DEE: “(...) Esqueceste-te aqui do ponto final. Depois começaste com maiúscula outra vez.” A.I.: “Ah, pois. Isso é o problema.” DEE: “Sapatos pretos. Calções. Deste erro em calções. Talvez nunca tivesses escrito.” A.I.: “Já. Já.” O DEE explicou como se escrevia a palavra calções: “C-a-l-ç-õ-e-s. Por isso, é que quando dás erros aproveito para escreveres novamente.” (...) A.I. perguntou ao DEE: “Circo é com c?” DEE: “Circo é com c.” (...) A A.I. introduziu uma nova folha na máquina para fazer as frases nos tempos verbais mas necessitou de ajuda do DEE para o fazer. (...) A A.I. começou a escrever as frases mas a folha de papel ficou ligeiramente torta. A máquina começou a dar sinal e o DEE tentou corrigir a posição da	
--	--	--	---	--

			folha sem a tirar. (...) A A.I. perguntou ao DEE: “Como se escreve hóquei?” DEE: “É com ‘h’.” (...) A A.I. escreveu a frase “A Ana comeu.” e transforma-a para o presente e futuro. Quando terminou deu indicação do final da sua tarefa: “Já está.” DEE falou com a A.I.: “O Professor está a corrigir aos outros e eu também vou corrigir o teu. Mais por causa dos erros.” A.I.: “Ah, pois! Se calhar é melhor. (...)” A.I.: “(...) Posso desligar?” DEE: “Podes desligar. (...)” DEE: “(...) Consegues tirar a folha?” A.I.: “Sim. Isso é fácil.” DEE: “Falta aqui um ‘h’ em hóquei.” A.I.: “Ah! Pois. Ah!” DEE: “Começa por h-ó-q-u-e-i.” A.I.: “Ah! Pois. (...)” A.I.: “(...) O resto está bem?” DEE: “Sim. Às vezes, esqueces-te de colocar ponto final.” A A.I. riu-se. DEE: “Os verbos só não estão bem escritos porque em vez de escreveres com a letra ‘u’ no fim da palavra escreveste com a letra ‘o’.” A.I.: “Ah! Ah!” (...) O DEE ditou a frase e as palavras a serem ligadas à A.I. Esta começou a escrever seguindo as instruções do DEE. DEE: “Qual é o sinónimo de bonito?” A.I.: “Lindo.” DEE: “Escreves por baixo, lindo. (...)” DEE: “(...) Na linha de baixo, para veloz?” A.I.: “Rápido.” DEE: “Veloz é rápido...” Quando a A.I. acabou, o DEE: “Não te esqueças de varrer, sim.” A.I.: “O quê?” DEE repetiu-lhe: “Varrer.” A.I.: “Está bem.” (...) A A.I. sentiu, numa fase inicial, alguma dificuldade em contar todas as partes do metro articulado, pois não estava a conseguir abri-lo totalmente e necessitou de ajuda do DEE. DEE: “Já contaste em quantas	
--	--	--	---	--

		partes se divide o metro articulado?” A.I.: “Dezoito.” DEE: “Não são dezoito! Tens de agarrar bem com as duas mãos.” O DEE começou a dar instruções muito concretas à A.I., agarrando-lhe a sua mão tateiam o metro articulado: “Esta é a primeira parte. Esta é a segunda. Vamos.” O DEE certificou-se se a A.I. estava a contar bem e esta acabou por contar as partes do metro articulado. (...) A A.I. começou a resolver os exercícios de matemática e o DEE deu-lhe instruções. DEE: “É melhor deixares uma linha e escreves: o metro é a unidade principal das medidas de comprimento. O metro divide-se em dez partes iguais (10 dm). (...)” DEE: “(...) Deixas um espaço e podes escrever. 10 decímetros (dm) é igual a 1 m (metro). Como se escreve um metro em números é o número um e a letra ‘m’.” (...) A A.I. leu no seu manual adaptado e sentiu alguma dificuldade. A A.I. perguntou ao DEE: “Está aqui um ‘g’?” DEE: “Não. Não está aí nenhum.” (...) A A.I. ligou a máquina e começou a escrever o que o PER estava a explicar e a resolver no quadro com a ajuda do DEE. (...) A A.I. estava a escrever na máquina para resolver os mesmos exercícios que os seus pares e a máquina deu sinal de bateria fraca. (...) A A.I. concluiu os exercícios com o DEE.
	Apoio aos alunos considerados com NEE, em grupo	A DEE começou a apoiar o P.A. e disse-lhe: “Tens aqui uma fotocópia para resolveres estes exercícios de matemática. (...)” (...) DEE virou-se para o P.A.: Vamos lá, completa na horizontal e na vertical. Precisas de alguma folha de rascunho, P.A.?” P.A.: “Não.” DEE: “Este mais este este, quanto dá?” P.A.: “Cento e oitenta.” DEE: “Cento e oitenta para quinhentos, quanto é que falta? Se quiseres fazer a conta faz. Puxa pela cabeça. (...) A L. sentou-se na mesa do P.A. (...) DEE disse para a L.: “Lê.” L.: “Am, em, im, om, um.” DEE: “Vamos ver. Pa...”

				L.: "...tim." DEE: "Tem im" L.: "Tem um m só no final." DEE: "Patim, onde está, L.?" (...) DEE viu a palavra patim e dirigiu-se ao P.A.: "Cento e oitenta para quinhentos faltam quantos?" A DEE virou-se para a L.: "Escreves tatuagem com um g que tem o som j." A L. escreveu tatuagem. DEE: "Isto é o quê, L.?" L.: "É um pudim." DEE: "Então, escreve pudim.(...)." DEE: "(...) Agora, escreve amendoim." L. começou a escrever amendoim e a DEE começou também a falar: "A...men, en leva a letra n. Depois escreves do, im. Im escreves com m no fim da palavra." (...) DEE: "L. escreve nuvem. Nu...vem. Nu...vem, em não é ai." (...) DEE voltou a apoiar o P. A.: "Oito para dez, quanto é?" P.A.: "Dois." DEE: "Quantos são dois para cinco?" P.A.: "Três." DEE: "Certo. (...)" DEE: "(...) Anda L., escreve berbequim. Ber é um b e um e e um r. (...) Escreves quim com a letra q." L.: "Falta bombom e atum." DEE: "Bombom é com um b e om." A L. escreveu bom e a DEE disse: "Outra vez bom porque são duas sílabas iguais." L.: "Agora, é atum." DEE: "Como é que se escreve atum?" A L. mostrou como tinha escrito e repetiu: "Atum." A DEE viu e respondeu-lhe: "Está bem." A L. começou a usar outros materiais da DEE para pintar os desenhos da ficha de trabalho. Estava a pintar com marcadores fluorescentes. A DEE respondeu-lhe: "Calma. Esses são só para sublinhar e não são para pintar. Não pode sair nada fora. Se sair já sabes." L.: "Está bem." (...) DEE: "Trezentos e cinquenta menos trezentos e cinquenta dá?" P.A.: "Zero." DEE: "Muito bem." (...) DEE: "Quinhentos mais cem quanto dá?" P.A.: "Seiscentos." DEE: "Agora seiscentos mais cem dá quanto?" O P.A. escreveu outro resultado. A DEE: "Não, não. Dá 700, não é? (...)" DEE: "(...) 700 + 38 quanto é?" P.A.: "738" DEE: "Então escreve agora." O P.A. escreveu bem e a DEE: "Certo. Agora vamos aqui fazer esta." A DEE virou-se para a L. e fez-lhe uma observação
--	--	--	--	--

			relativa à pintura dos desenhos que estava a pintar: “L, o pinguim é preto e branco e só tem o bico e as patas cor de laranja.” L.: “Então é preto e branco e o bico e as patas são cor de laranja.” A L. estava começar a pintar uma nuvem de cinzento e a DEE: “O que é isto?” L.: “É uma nuvem.” DEE: “Uma nuvem tão escura! Até me assusta! Está aqui o azul. Põe azul.” A PER riu-se e a DEE continuou: “O que temos de fazer aqui, P.A.?” (...) DEE: “Credo as árvores não são lilases. São verdes. Não vais pintar com essa cor. Escolhe um verde bonito.” A L. escolheu um marcador que não era verde e a DEE: “Isso não é bem verde. É amarelo.” L.: “Pronto. Já está. Agora, pinto isto tudo.” DEE: “Agora o que é que temos de fazer? 35 m² e aqui fala em dm². Temos de reduzir de m² para dm². Põe aqui =. É o metro e a seguir é o decímetro. Quantos zeros tens de acrescentar?” P.A.: “Dois.” DEE: “Pois e fazes o mesmo para os outros.” (...) DEE disse para o P.A.: “Esta figura tem de ser partida em quatro partes iguais para depois pintares só um quarto.” (...) A L. continuava a recortar a folha. DEE: “Aqui, ainda podes recortar mais um bocadinho.” A L. recortou mais a folha. DEE: “Faz ao contrário. Cuidado com as letras. Calma com isso.” L.: “Eu sei.” DEE: “Isto aqui tem de ser direito. Não ser assim [torto].” (...) O P.A. continuava a fazer os exercícios de matemática sobre frações. A DEE controlou o trabalho que o P.A. estava a fazer e falou com a L.: “Agora estás a separar as letras.” L.: “Não é para separar?” DEE: “Não. Fazias isso, inicialmente. Agora, vais separar por sílabas a palavra <i>jardim</i>. Como é que fica?” L.: “Jar - dim.” DEE: “Muito bem. (...)” DEE: “(...) Ai tanta moleza, P.A. (...)” DEE: “(...) Agora, inventa uma frase com a palavra <i>jardim</i>. L.: “O jardim do pai é bonito.” DEE: “Então escreve ‘O jardim do pai é bonito.’ A L. começou a escrever e começou a soletrar o que estava a escrever. (...) DEE: “Ó L. estás a escrever de. Não se escreve de é do.”
	Colaboração entre PER e DEE	Conversa entre o PER, o DEE e o aluno considerado com NEE, para	O PER mandou a A.I. começar a escrever e o DEE disse à A.I. para ligar a máquina de braille. (...) L.: “Já acabei o trabalho.” PER: “Muito bem. Queres mais trabalho, L.?” DEE: “Anda cá que eu tenho trabalho para ti.” L.: “Não.” PER: “Eu também tenho.” DEE: “Se tiveres.” PER: “Tenho. (...)”

		orientação do seu trabalho		PER: “(...) Olha, a partir destas palavras vais fazer a divisão silábica de algumas palavras e vais escrever umas frases com essas palavras.” DEE: “É fácil e tu também gostas. (...)” DEE: “(...) Vai buscar o teu caderno.” L.: “Não.” DEE: “Tem de ser.” PER: “L.!” L.: “Também não sei dele.” DEE: “Procura-o. Alguém o tirou do sítio.” L.: “Está aqui.” DEE: “Estás a ver.” DEE: “L. vai buscar a tesoura para recortares a folha e a colares no caderno.” L.: “Professora [DEE] já estou cansada.” DEE: “Também eu.” (...) DEE: “L. vai arrumar as tuas coisas. Tens de ser obediente como a Professora [PER] disse.” A PER voltou a entrar na sala: “L. agradece à Professora C. o presente que te deu.” L.: “Obrigada. Adeus e bom almoço, professoras.”
		Pedido de ajuda do PER	PER: “Ó L. [DEE] vê lá se consegues que a A.I. consiga contar todas as partes do metro articulado.” (...)	A DEE colocou a canção “Somos iguais, diferentes” com letra e música de João Portugal no computador. PER: “Mais alto.” A DEE aumentou o som e a PER: “Isso.” Começaram a ouvir a canção “Somos iguais, diferentes” com letra e música de João Portugal e a PER pediu à DEE: “Põe a música de início se faz favor.” A DEE pôs a canção “Somos iguais, diferentes” interpretada por João Portugal a tocar (...). (...) PER: “Vou pedir ajuda à professora C. [DEE] (...)” (...) PER: “(...) A Professora C. [DEE] já ajuda.” Aluno: “Pode-se retocar aqui um pouco?” PER: “Já se arranja.” (...) PER: “(...) M. vai à Professora C. para te pintar a mão.” (...) PER observando o cartaz, perguntou à DEE: “Aquela mãozinha de quem é?” DEE: “É do F.” PER: “Ah, é do F.” DEE: “Esta é do P.A. Queres que escreva?” PER: “É melhor. Vai ficar giro. Nós temos uma marca. Escreve também o apelido do P.A. pois há o outro pequenino.”

Apêndice 18 – Registo de observação naturalista: observação da DEE “Sandra”, no gabinete de Educação Especial – 1
Docentes: “S.”

Aluno: o A. diagnosticado com a problemática de Dislexia, enquadrada no Domínio da Comunicação, linguagem e fala [sic].

Período de observação: 11h/11h45

Observação: SOBG₁

Data: 07/06/2016

Descrição das situações e comportamentos/atividades observadas	Comentários /inferências
A DEE estava à espera do aluno considerado com NEE, no gabinete de Educação Especial, quando este entrou lá para apoio individual [o aluno saiu da sua turma de pertença]: “Bom dia. Senta aqui. Como estás? O que me contas?” A.: “Nada. Estou triste.” DEE: “Conhecias o colega que morreu?” A.: “Sim. Os pais dele tratavam-no mal.” DEE: “Ai! Isso não se diz.” A.: “É verdade.” DEE: “Isso não se sabe. Se calhar não é bem assim. Vamos lá. Tenho aqui uns desafios. Olha, a tua professora esteve a dizer-me que estiveram a ver a diferença entre isto e isto [am/an; em/en; im/in; om/on; um/un]. Eu trouxe este exercício. Vamos fazer e depois colamos no caderno. Está bem? É preferível. É melhor. Sim? Sim ou não?” O A. não respondia a nada que a DEE lhe perguntava. A DEE insistia: “Sim? Olha lá. Então!” O A. começou a trabalhar: “Está tudo baralhado!” DEE: “Pois está. A dificuldade é essa. Eu sei que tu gostas de um bom desafio.” A.: “Camponês está bem assim?” DEE: “Camponês está certo. Vá. Pintor. Anda lá.” O A. parou e começou a olhar para a observadora. DEE: “Vá lá. Esta senhora veio ver como te portavas. Estás triste! Estás aqui com uma lágrima.” A DEE virou-se para a observadora: “Este rapaz, a nível de cálculo, tem um cálculo brutal.” DEE: “Vamos lá, A. Cortaste o cabelo, A.” A.: “Ah!” DEE: “Está novo. Foste sair este fim de semana?” A.: “Não.” DEE: “Não? Eu acho que ainda não tinha visto esse corte. Vá, anda. Vamos lá. Anda lá que eu tenho ali uma surpresa para ti hoje. Trouxe daquelas palavras que tu gostas.” O A. não queria trabalhar. A DEE insistia: “Vamos lá. Estás a ver. Vamos fazer primeiro isto aqui. Por que não? Anda lá. Vá. Fazes isto com um olho fechado e outro aberto. Queres fazer o outro primeiro? Hum? Queres fazer a caneta? A lápis? A marcador? Vamos ficar aqui os dois a olhar um para o outro! Vá, A.” A observadora ia registando as suas notas e o A. ia olhando para ela. DEE: “O que foi A.? Hum? Escolhe o que queres fazer primeiro.” A.: “Não.” DEE: “Vamos fazer memória?” A.: “Não.” DEE: “Não queres fazer nada?” O A. não respondeu e a DEE: “Anda lá, A. Vamos lá trabalhar.” DEE: “Queres fazer uma tarefa diferente desta? Então? Vamos A.” A.: “Não.” DEE: “Tu também gostas daquele exercício das palavras. Fazemos primeiro aquele. A.. A sério! Não acredito! Ficaste perturbado com a morte do rapaz. Tu conhecias o rapaz? Hein. A.,	A DEE reparou que o A. não desviava a atenção da observadora.

conhecias o rapaz?”
O A. não respondeu.
DEE: “Eu vou-te por na sala. Não estás aqui a fazer nada. Vamos lá trabalhar. Eu hoje até trouxe um lápis novo.”
O A. começou a trabalhar novamente e a completar as palavras com am/an; em/en; im/in; om/on; um/un.
DEE: “Sim. Muito bem. Hum. Hum. Boa.”
O A. sentou-se melhor na cadeira no fim de fazer o exercício enquanto esperava que a DEE corrigisse as palavras. O A. estava com outra disposição para trabalhar.
A DEE ia lendo alto as palavras que o A. tinha completado: “Camponês; emblema; pintor; cantor; campónio; estante. Aqui é que letra?”
A.: “Um o.”
DEE: “O? Cinco; impossível; cinto também podia ser canto ou conto. Esqueceste-te deste?”
A.: “É com e.”
DEE: “Fica vetania. Não. Tem de ser ventania. Emenda.”
O A. acrescentou a letra *n*.
DEE: “O que é aqui?”
A.: “ É um o.”
DEE: “Sandálias; zumbido. Já está. Vamos fazer velocidade. Fazemos como é costume fazermos. A primeira é em voz alta e contabilizamos o tempo e depois as outras são como de costume. Ok? Um, dois.”
A.: “O quê?”
DEE: “A velocidade. Fazemos a primeira para pontos. A segunda e a terceira não pontuam e só na quarta é que se regista o tempo e pontuamos. Está bem?”
A.: “Hum!”
DEE: “Quando temos textos, o que costumamos fazer? Já temos feito também com as palavras! O que já chegámos a fazer com os textos?”
A DEE abriu-lhe o caderno para mostrar ao A. o mesmo exercício feito anteriormente com palavras.
A.: “Ainda não li estas palavras agora.”
DEE: “Não faz mal, mas vais ler bem.”
O A. começou a ler silenciosamente as palavras sem a DEE lhe mandar nem estar a contabilizar o tempo.
DEE: “Espera. Estás a fazer batotice. Não, não. Um, dois, três.”
A DEE disse para o A. ler em voz alta mas este não leu.
DEE: “Então! Tens de ler. Hoje não estás cá. A primeira vez é em voz alta para eu contabilizar o tempo. Um, dois, três.”
O A. começou a ler em voz alta: “Camponês; cantor; pinguim; origem; encontrar; estante; trompete; símbolo; emblema; ponte; cinco; impossível; cinto; tontura; ventania; temporal; sandálias; zumbido.”
DEE: “Muito bem. Dezasseis pontos. Pronto. Segunda e terceira vez sem registo. Quarta vez com registo. À quarta vez, volta-se a registar.”
O A. leu em silêncio pela segunda e terceira vez.
DEE: “Já leste a segunda e a terceira vez sem registo? Leste mesmo?”
O A. acenou com a cabeça em sinal de concordância.
DEE: “Leste? Então, vá. Vamos lá. Tiveste aí um texto que chegaste quase aos 100 Pontos.”
A.: “Passei dos 100.”
DEE: “Ah! Chegaste, chegaste. Chegaste aos 126. Foi o melhor até hoje, não foi?”
A.: “Sim. Este não [consigo]. É mais difícil.”
DEE: “Um, dois, três.”
O A. leu pela quarta vez: “Camponês; cantor; pinguim; origem; encontrar; estante; trompete;

símbolo; emblema; ponte; cinco; impossível; cinto; tontura; ventania; temporal; sandálias; zumbido.”

A DEE calculou a pontuação do A. na máquina de calcular.

DEE: “Perdeste um bocadinho e há bocado foi por muito. No início do ano, fizeste um exercício parecido que só demoraste 22 segundos. Na altura, só registámos a primeira vez.”

A.: “Neste?”

DEE: “Não. Foi no início do ano. Agora, foram 11 segundos. Tiveste 109 Pontos. Se te enganares a ler uma palavra é mais penalizador. Estás a perceber? Este exercício é aquele que tu gostas! Queres deixar para o fim?”

A.: “Não.”

DEE: “Fazes já. Está bem. Descobre as letras intrusas e risca-as para descobrires a palavra que lá fica.”

O A. resolveu o exercício sem dificuldade.

DEE: “Já está! Muito bem! Agora, vais observar esta imagem durante 30 segundos. Repara bem em todos os pormenores que a seguir vou fazer-te perguntas. Quantos estão ali e acolá?”

O A. ficou a observar a imagem atentamente.

DEE: “Já viste?”

A.: “Já.”

A DEE tapou a imagem: “Quantos alunos estão na imagem?”

A.: “Seis.”

DEE: “Como é a saia da menina que está no quadro?”

A.: “Oh! Sei lá, eu.”

A DEE riu-se.

DEE: “O cabelo da professora é liso ou encaracolado?”

A.: “Liso.”

DEE: “Quantos alunos usam óculos?”

A.: “Dois.”

DEE: “A porta da sala estava aberta ou fechada?”

A.: “Aberta.”

DEE: “Quantos lápis estão caídos no chão?”

A.: “Quatro.”

DEE: “Quantos alunos estão na imagem? Disseste seis. Está certo. A saia da menina não fizeste. Era às bolinhas.”

A.: “Ai.”

DEE: “O cabelo da professora disseste liso mas é encaracolado.”

A.: “Hum.”

DEE: “Quantos alunos usam óculos? Está certo. A porta da sala estava aberta. Quantos lápis estão caídos no chão? 1, 2, 3, 4. Está certo. Muito bem. Não foi mau mas podia ter sido melhor. Foram duas que erraste em seis.”

A.: “Amanhã, se calhar, temos teste.”

DEE: “Vocês? Têm teste de quê?”

A.: “De matemática. Quinta-feira não tenho. Por isso, tenho amanhã.”

DEE: “Já fizeram os testes todos!”

A.: “Já.”

DEE: “Pois.”

A.: “Mas se calhar temos ainda amanhã.”

DEE: “Como é que é possível se já os fizeram todos?”

A.: “Pois já. Então amanhã vamos recebê-lo.”

DEE: “Ah! Não vão fazer. Por isso é que eu estava a achar estranho.”

A.: “Amanhã devemos receber o de matemática.”

DEE: “Queres vir amanhã com o R. e o P. [alunos com NEE, colegas de turma do A.] para me

mostrarem o teste que fizeram?”

A.: “Está bem. A professora disse-me que eu ia ter muito bom.”

DEE: “Tu é que sabes se tivestes. Mas a que disciplina? Foi a Português, a Matemática ou a Estudo do Meio?”

O A. não respondeu verbalmente, simplesmente encolheu os ombros.

DEE: “Português não te interessa. Só gostas de Matemática.”

A.: “Costumo ter boas notas a Matemática.”

DEE: “Se costumavas ter boas notas por que razão estás preocupado com as notas de Matemática?”

O A. não respondeu e a DEE acrescentou: “É mais preocupante a disciplina de Português, não é?”

O A. acenou a cabeça em sinal de concordância.

A DEE entregou uma folha com exercícios para o A. resolver.

O A. quando viu a folha: “Isto é para colocar acentos.”

DEE riu-se: “Ai que chatice!”

O A. baixou a cabeça e deitou-a em cima da mesa.

DEE: “Vamos lá A.. Tens de ler a frase.”

A.: “Não.”

DEE: “É por ou pôr?”

A DEE começou a ler a frase [para o motivar a começar a ler]: “O leão salta. Lê a frase. Lê a frase.”

A.: “Não.”

A DEE leu novamente: “O vidraceiro vai por os vidros.”

A.: “Oh! Tenho tudo mal. Deixa lá.”

DEE: “Já vamos ver se tens mal. Vá. O Pai Natal espreita.”

O A. vai fazendo o exercício e a DEE vai lendo silenciosamente.

Quando o A. terminou o exercício, a DEE perguntou ao A.: “Queres alterar alguma?”

A.: “Não.”

DEE: “Vamos lá ver. Este está certo. O pescador viu o pôr-do-sol. Gosto de andar por aqui e por ali. Não leva acento circunflexo em por [aqui e por ali.] A galinha vai pôr os ovos no ninho. Não é? Está. Vamos lá. Primeiro vamos fazer agora este e depois vamos fazer aquele [outra folha].”

O A. quis mudar para a outra folha que a DEE lhe tinha mostrado.

A DEE não deixou: “Espera A., primeiro fazemos este exercício. Depois fazemos aquele.”

O A. aceitou e começou a trabalhar: “Já fiz isto com a psicóloga.”

DEE: “Aqui com a psicóloga?”

A.: “Sim, mas já não me lembro.”

DEE: “Então, vá.”

A DEE corrigiu o exercício.

DEE: “Esqueceste-te deste aqui. Não foi, A.?”

A.: “Errei tudo.”

O A. começou na outra folha.

DEE: “Não seria mais fácil com um lápis? Hum?”

A.: “Estou a errar isto tudo.”

O exercício era ler oito frases para organizar um texto com sequência lógica e numerar de 1 a 8 essas frases.

DEE: “ ‘O João sofreu um acidente quando regressava a casa depois das aulas. Atravessou a passadeira quando o sinal estava vermelho para os peões e foi atropelado. Foi imediatamente socorrido pelo 112. Os pais ficaram muito preocupados quando tomaram conhecimento do acidente e foram logo para o hospital. Como a lesão era grave ficou internado.’ Olha aqui, A., tinhas colocado o n.º 5 e depois quando alteraste não passaste para seis. Acho que foi esse o problema. Depois esta passa a sete e esta é a oito. Vamos ver se isto tem sentido. ‘Os médicos tiveram necessidade de efetuar uma cirurgia à perna direita. Os amigos foram visitá-lo. Passou

alguns dias de moletas.’ Está? Quando riscaste e alteraste para introduzires outro número não tiveste atenção.”

A DEE começou a recortar a folha dos exercícios que o A. tinha estado a fazer: “Como é que te tem corrido esta manhã?”

A.: “Não estivemos a fazer nada.”

DEE: “Não estiveram a fazer nada?”

A.: “A Professora só esteve a fazer experiências.”

DEE: “Verdade!”

A.: “É!”

DEE: “Hum! Descansaste bem esta noite? Conseguieste dormir? Soubeste do que aconteceu ao rapaz [morreu], hoje ou foi logo ontem?”

A.: “Foi logo ontem.”

DEE: “Dormiste bem?”

A.: “Nada de jeito.”

DEE: “Não.”

A.: “Fiquei atrapalhado.”

DEE: “Hum?”

A.: “Fiquei assim atrapalhado.”

DEE: “Esquisito, não foi?”

A.: “Foi.”

DEE: “Vamos lá A? Vamos lá?”

A.: “Sim.”

A DEE acompanhou o A. até à sala de aula.

DEE: “Já está.”

PER do A.: “Como é que se portou?”

DEE: “Foi bem. Podia ter trabalhado mais no início. Estava complicado. Não foi, A.?”

O A. sorriu.

DEE: “Até logo.”

Quando acabou de dar o apoio a este aluno, a DEE dirigiu-se para outra sala de aula para apoiar mais duas alunas mas acabou por levá-las para o gabinete de Educação Especial.

Apêndice 19 – Registo de observação naturalista: observação da DEE “Sandra”, no gabinete de Educação Especial – 2
Docente: “S.”

Alunas: a A.R. e a A.M. diagnosticadas com Problemas ao nível do Funcionamento Intelectual Global e Disfasia [sic].

Período de observação: 11h45/12h30

Observação: SOBG₂

Data: 07/06/2016

Descrição das situações e comportamentos/atividades observadas
--

A PER da A.R. e da A.M.: “Continuei a trabalhar as horas. Estão com muitas dificuldades. Ainda não aprenderam.”

DEE: “Vou fazer isso.”

As duas alunas saíram da sua turma de pertença e chegaram ao gabinete de Educação Especial com a DEE.

A.R. tinha o cabelo com resina: “Faz mal ter o cabelo com resina?”

DEE: “Não faz bem. Fazer mal também não faz mas não podes ficar com a resina no cabelo.”

A.R.: “Como é que se tira a resina do cabelo?”

DEE: “Não sei. Temos de saber como sai.”

A.R.: “Tenho medo que isto não saia.”

DEE: “Sai.”

A.R.: “Está a brincar?”

DEE: “Se não sair, corta-se esse bocadinho de cabelo.”

A.R.: “Ai não.”

A DEE foi ver o cabelo: “Isto foi mesmo encostada à árvore. Cheira mesmo.”

A.R.: “Eu acho que foi aquela ali.”

DEE: “Depois havemos de ver como é que isso sai. Estás mal disposta?”

A.R.: “Estou nervosa por ter o cabelo com isto e parece que estou mal disposta.”

DEE: “Vamos lá. Olha, deixem-me apresentar. Vocês não conhecem esta senhora. Não. Pois não?”

A.R. e A.M.: “Não.”

DEE: “É a Professora M.. Apresentem-se lá. Digam como se chamam.”

A.R.: “Eu sou a A.R. e tenho 10 anos.”

A.M.: “Eu sou a A.M. e tenho 10 anos.”

DEE: “Bem, vamos trabalhar. Logo, já vou à internet ver como se tira a resina do cabelo.”

A DEE apresentou uma folha a cada aluna com exercício com horas e minutos para as alunas resolverem.

DEE: “Olhem, lindas. Estes exercícios são porque vocês ainda não aprenderam muito bem as horas, os minutos e os segundos.”

A.M.: “Não sei. Não sei o que são 120 segundos.”

A.R.: “Não! Então, 1 minuto são 60 segundos.”

DEE: “Sim. Muito bem.”

A.R.: “1 segundo são?”

DEE: “Vocês não sabem a equivalência dos segundos. Uma hora tem quantos minutos?”

A.R. e A.M.: “60.”

DEE: “Tem 60 minutos. E um minuto?”

A.R.: “Tem 60 segundos.”

DEE: “Agora, vamos rever os quartos de hora.”

A.R.: Olha aí, A.M.. És tão gorda!”

A DEE desenhou no quadro um relógio de ponteiros.

A.R.: “Professora, eu sei as horas?”

DEE: “Espero que sim.”

A.R.: “Ó Professora, eu gostava de ter outro nome. (...)”

A DEE riu-se: “Isso era se fosses irmã da A.M..”

A.M.: “Que dia é hoje?”

DEE: “Sete.”

A.M.: “Sete do seis de dois mil e dezasseis.”

A.R.: “Professora, ontem a nossa professora de ginástica estava assim. Estava a dizer o nome da A.M. e um colega disse que ela era um cavalo-marinho.”

A DEE aborrecida: “Conversa, não é?”

A.R.: “5ª feira não venho à escola de manhã porque não vou à visita de estudo.”
A.M.: “Nem eu.”
DEE: “Por que é que não vão à visita de estudo? Porquê?”
A.R.: “Eu não ia e a A.M. não vai porque eu também não vou.”
A.M.: “Eu não tenho lá ninguém para brincar.”
DEE: “Porque é que não vão? Ia ser giro.”
A.R.: “Aquilo é só para visitar?”
DEE: “Aquilo é para visitar e para brincar também.”
A.R.: “Se calhar, no verão, vou a Coimbra, ao Portugal dos Pequeninhos.”
DEE: “Portugal dos Pequenitos. Nunca foste?”
A.R.: “Não. A minha mãe estava a dizer que era no sábado mas depois quando acordaram já era tarde. Estiveram a dormir.”
A DEE tentou que o computador se ligasse à internet mas não conseguiu.
A.R.: “Quando chegar a casa vou lavar o cabelo bem lavado, se não ainda tenho de cortar o cabelo. Ó professora, o pulmão é onde? O pulmão é aqui?”
DEE: “Porquê?”
A.R.: “Porque andam a dar dores à minha mãe aqui no pulmão. A minha mãe perguntou-me onde era o pulmão.”
DEE: “Os pulmões são aqui. Será que não serão dores nas costas?”
A.R.: “Agora, dói-lhe também a barriga. Ataca-lhe a barriga. Houve um dia que ela enervou-se e vomitou. Começou a ver tudo à roda.”
DEE: “Tens de lhe dizer para ir ao médico.”
A.R.: “Pois. Eu já lhe disse para ir ao médico mas ainda não foi.”
DEE: “Vamos lá. Vamos ouvir o que o senhor tem para dizer? Vamos lá.”
A.R.: “Tenho de dizer à minha mãe para ir ao médico.”
DEE: “Posso pôr [aula digital sobre horas, minutos e segundos]?”
A.R. e A.M.: “Sim.”
A A.R. e a A.M. começaram a ouvir a aula digital através do computador: “Para saber as horas, os minutos e os segundos utiliza-se um relógio. Ding, ding, ding. Se o relógio for digital indica a hora à esquerda e os minutos à direita.”
O som parou e a DEE: “Começa ali a secundária a puxar a internet por estarmos quase na hora de almoço e agora começa a não dar se calhar.”
O som voltou novamente: “Nos relógios de ponteiros há três ponteiros diferentes, o das horas, o dos minutos e o dos segundos. O ponteiro dos minutos demora 60 segundos para dar uma volta. O ponteiro dos minutos é mais largo que o dos segundos. Cada 60 minutos é uma hora. O ponteiro das horas é o mais curto. Dá uma volta completa em doze horas ou em meio-dia.”
A.R.: “Ah! O ponteiro mais curto é o das horas e o mais largo é o dos minutos.”
Som da aula digital: “Para sabermos as horas exatas temos de saber também os minutos e os segundos exatos.”
DEE: “Veem quando apareceu o [ponteiro] dos minutos apareceu isto aqui a toda a volta [cor laranja]?”
A.R.: “O mais importante é o mais ponteiro pequeno.”
DEE: “Todos têm valor. Apareceram os minutos com uma cor diferente. Quando apareceu o ponteiro dos minutos apareceu a contagem dos minutos daquela zona. Ora vejam aqui. 5, 10, que ali estão a cor de laranja.”
A.R.: “Pois. Porque estão a dizer que o 1 é o 5. O 2 é o 10.”
A DEE parou a aula digital para explicar às alunas: “Imaginem. Vamos ver aqui as horas. Vamos fazer esta hora aqui. 12 horas e 8 minutos. O 12 é o das horas. [a DEE desenhou um relógio com os números de 1 a 12 e fez o ponteiro das horas para marcar 12 horas]. Vamos fazer a amarelo onde estão os minutos. 5 é a cor de laranja. Agora vamos contar, 5, 6, 7 e 8 [riscou a amarelo no quadro do 5 até ao 8].”
A A.M. bateu com mão na cara: “Ah! Eu não fazia assim.”
DEE: “Por isso é que eu estava a dizer que existe um outro ponteiro que é o dos segundos. Agora, só vão aprender as horas e os minutos. Está bem?”
A.R.: “Acho que também tive mal porque numa pergunta dizia que eram 2 horas mas o ponteiro estava no 3 e eu pensava que eram 3h30m.”
DEE: “Sabes o que pode acontecer? Vou apagar isto. Isto já está percebido. Não está? Pode acontecer o seguinte, por exemplo: eu digo que quero 2h55m. Então, eu vou fazer 55 minutos a cor de laranja. Este dos minutos é 55. Faltam só 5 minutos para serem 3 horas. O ponteiro não pode estar aqui por exemplo. Tem de estar já próximo das 3 horas porque

esteve a avançar não é, que é para quando este [o dos minutos] estiver nas 12 ele já estar ali nas 3.”

A.R.: “Pois.”

DEE: “Que é para quando este estiver aqui, ele já estiver ali. Estão a perceber?”

A.R.: “Sim. Eu, às vezes, olho para o relógio e vejo os ponteiros a mexerem. Eles vão andando devagar até ao 3.”

DEE: “Está? Percebido? Depois há outra maneira que é a seguinte: a seguir ao meio-dia que horas vêm?”

A.R.: “Trinta horas.”

DEE: “São 11 horas. Depois são 12 horas e depois?”

A.R.: “São 13 horas.”

DEE: “Exatamente. 13 horas é 1 hora da tarde. O dia tem 24 horas. Tem ou não tem?”

A.R.: “Sim.”

DEE: “A seguir às 13 horas, serão as 14, as 15, as 16.”

A DEE, a A.R. e a A.M. em coro: “17, 18, 19, 20, 21, 22, 23 e 24.”

DEE: “Às 24 horas chamamos meia-noite. Depois vem a 1 hora da manhã [rodando o ponteiro das horas], as 2 da manhã, as 3 da manhã, as 4 da manhã, as 5 da manhã, as 6 da manhã, as 7 da manhã, as 8 da manhã levanta-se a A.M., as 9 da manhã quando entram na escola, as 10 da manhã, as 11 da manhã e o meio-dia ou 12 horas vamos almoçar.”

A.R.: “Professora, um dia disse à minha mãe que não é meio-dia e um quarto que é 12h15m.”

DEE: “Exatamente. Então, vamos ver no relógio as 12h15m. Como é que fica o ponteiro das horas?”

A.R.: “O ponteiro das horas fica a apontar para o 12.”

DEE: “Ó A.M., quantos minutos são um quarto de hora?”

A.M.: “São quinze minutos.”

DEE: “Onde é que fica o ponteiro dos minutos?”

A.M.: “Fica a apontar para o três.”

DEE: “Porque reparem [desenhou relógio com duas meias horas e depois com quatro quartos de hora] uma hora são 60 minutos, ou seja, tem duas meias horas porque cada meia hora são 30 minutos. 30 minutos mais 30 minutos faz 1 hora. 1 hora tem quatro quartos de hora. Um quarto de hora são 15 minutos. Dois quartos de hora são 30 minutos ou seja meia hora.”

Som da aula digital: “Quando são nove horas e quinze minutos num relógio de ponteiros podem ser 9h15m ou 21h15m.”

DEE: “Quando o ponteiro das horas está nas 9 horas e o dos minutos no 3 podem ser 9h15m ou então serem 21h15m. Quando é que dá o telejornal é às 20 horas que é às 8 horas da noite não é? Vocês veem no cantinho da televisão as horas e depois vão passando os minutos e as horas.”

A.R.: “A minha mãe explicou-me as horas.”

DEE: “Vamos lá fazer estes exercícios com a informação que têm, vão tentar fazer isto, sozinhas.”

Enquanto as duas alunas resolviam exercícios para a leitura de horas em relógios digitais e analógicos, a DEE foi pesquisar à internet como se retirava resina do cabelo.

A DEE corrigiu os exercícios com as alunas.

DEE: “Afinal, já não temos internet mas vou pesquisar na sala dos professores e digo-te à tarde. Uma hora tem quantos quartos de hora?”

A.M.: “Tem quatro.”

DEE: “Tem quantas meias horas?”

A.M.: “Duas.”

DEE: “60 minutos tem quantas meias horas? Tens aqui deste lado meia hora e deste lado meia hora. Certo? Quantas meias horas é que eu fiz aqui?”

A.R.: “Quinze mais quinze.”

DEE: “Não. Está aqui uma e está aqui outra. Meia mais meia são duas meias horas. Uma hora são 60 minutos. Isto são 60 minutos. 60 minutos é meia hora e mais meia hora. É ou não é? Estás a perceber o que te estou a dizer?”

A.R.: “Sim.”

DEE: “Meia hora mais meia hora. Quantas meias horas estão aqui? Meia hora mais meia hora? São quantas? São quantas?”

A.R.: “São quatro.”

DEE: “Não.”

A.R.: “Ai! Meia hora?”

DEE: “Agora, estamos a falar nas meias horas. Se forem quartos de hora destes quantos existem numa hora?”

A.R., A.M. e DEE: “1, 2, 3 e 4.”

DEE: “Certo? Agora, se forem meias horas, quantas temos numa hora?”
A.M.: “1, 2.”
DEE: “Duas.”
A.R.: “Tenho mal.”
DEE: “Está! Atenção. O ponteiro mais curtinho é o das horas e o mais comprido é o dos minutos.”
A.R.: “Eu tinha escrito aqui o contrário.”
DEE: “Agora, vão fazer os ponteiros neste relógio aqui. Fazem aqui uma hora. Não se esqueçam que o ponteiro mais curto é o das horas e o mais comprido é o dos minutos.”
A.R.: “Assim é uma hora?”
DEE: “Estás a mexer no ponteiro dos minutos. Faz lá isso direitinho.”
A.R.: “Já estou a perceber.”
DEE: “Pode ser de noite ou de dia. De dia são 13 h e de noite é 1 h da manhã.”
A.R.: “As nossas estão iguais.”
DEE: “Têm um problema. Se errar uma erra a outra.”
A.R.: “Pois.”
DEE: “Mostra cá.”
A.R.: “Assim?”
DEE: “Muito bem.”
A.R.: “Finalmente.”
DEE: “Faz dois relógios com ponteiros e mostra-me.”
A.R.: “Sim.”
DEE: “Chamei-te A.R. não foi?”
A.R.: “Foi.”
DEE: “Enganei-me. Queria dizer A.M..”
A.R.: “Já fiz muitos.”
A.M.: “Eu também já estou a perceber as horas. 15 horas é aqui no 3.”
A.R.: “Não me distraias.”
A.M.: “3 horas é aqui para serem 15 horas.”
DEE: “Se estavas a dizer que eram iguais, ficam na mesma posição os ponteiros a marcar as 3 horas e as 15 horas. Repara 12, 13, 14 e 15.”
A.M.: “Ah! Pois, isso. Também me parecia.”
A.R.: “Ai! Desculpa!”
DEE: “Olha, aqui tinham de fazer ponteiros na mesma posição. Estes também ficavam iguais 16h30m e 4h30m.”
A.M.: “Quais é que eram?”
DEE: “Era este e este aqui.”
A.M.: “Não estão iguais.”
DEE: “Este das 4h30m não está bem e este também não [16h30m].”
A.M.: “Aqui é que tinha de estar também o ponteiro no 4 para serem 16. Oh!”
DEE: “O outro estará bem?”
A.M.: “Este?”
DEE: “Sim.”
A.M.: “Não.”
DEE: “Pois não. Que horas marca ali?”
A.M.: “16 horas. Tenho de meter o ponteiro no 6.”
DEE: “Não. Olha. Conta 12, 13, 14, 15 e 16.”
A.M.: “Tenho de colocar o ponteiro no 4.”
A.R.: “Não está na hora de sair?”
DEE: “Não sei. Tenho de ir ver as horas.”
A.R.: “Os alunos da nossa sala já saíram.”
DEE: “Vamos só acabar isto. 17 horas, já está bem. 18 horas. O resto está certo A.M. e tu A.R.? Falta só aí um. Deixa ver. Também fizeste bem. Apaga o quadro.”
A.R.: “Tenho certo?”
DEE: “Sim. Aqui é que não está bem. Olha aqui. Este ponteiro tem de ser maior senão não se distingue. Está?”

A.M.: “Acho que já estou a perceber melhor as horas.”

DEE: “Agora, andas a trabalhar melhor A.M., tim, tim, tim, tim. Muito bem. A.R., fica tranquila que já vejo como retirar a resina do cabelo e à tarde digo-te. Está bem? Podem ir.”

A.R.: “À tarde, pode vir a outra colega da turma?”

DEE: “Hoje, não tenho a tua colega.”

A.R.: “Podemos deixar aqui as nossas coisas?”

DEE: “Sim. Depois de almoço não estou aqui. Estou na pré mas vocês vêm aqui, tiram e levam. Está bem?”

A.R. e A.M.: “Sim. Está bem.”

Apêndice 20 – Registo de observação naturalista: observação da DEE “Sandra”, no gabinete de Educação Especial – 3
Docente: “S.”

Alunos: o R.R. e o R.M. diagnosticados com a problemática de Dislexia, Disortografia e défice de atenção e o D. diagnosticado com a problemática de Dislexia e Disortografia, enquadrada no Domínio da Comunicação, linguagem e fala [sic].

Período de observação: 14h15/16h

Observação: SOBG₃

Data: 07/06/2016

Descrição das situações e comportamentos/atividades observadas
--

Os três alunos saíram da sua turma de pertença e entraram no gabinete de Educação Especial. A DEE começou a perguntar-lhes pelos testes: “R.R. ainda não te perguntei pelas avaliações. Ainda estamos no período de avaliações. Como é que está?”

RR.: “Mais ou menos.”

DEE: “Isto é o quê, assim o nariz?”

RR.: “Mais ou menos.”

DEE: “É final de ano, não é?”

A DEE foi interrompida pelo R.R.: “A minha irmã deixou-me cair a bolsa e estragou-ma.”

DEE: “Já te estás a propor para uma nova. Vamos lá.”

R.R.: “Eu sei reconstruí-la. Preciso de fita-cola ou de cola.”

DEE: “Uma folha para cada um.”

R.R.: “No outro dia, na festa de anos da minha irmã, no meu quarto estava lá um anjinho. Não sei bem o que era aquilo. Sem ver bati no móvel e depois caiu no meio do chão e partiram-se as asas todas.”

DEE: “Vamos lá. Diz assim: segue as indicações e descobre o título de um conto tradicional. Observa o exemplo. Pronto. Nós temos laço. Tiram o *l*. Laço - *l* = aço. Aqui gato - *to* = ga. Depois isto é o quê?”

D.: “Lima.”

DEE: “Lima tira-se *li* fica ma. Desculpem é ao contrário. Sai o *ma* e fica *li*.”

R.R.: “Sai o *li*.”

DEE: “Não. Sai o *m*. É *li* - *m* + *a*. Não é?”

R.R.: “Ah!”

DEE: “Pois. Exatamente. Então? Cegonha - *ce* - *o* vai dar galinha. Estão a ver a ideia?”

R.M.: “Ah, pois!”

DEE: “Gelado - *gela* = do. Vamos lá.”

Os alunos começaram a trabalhar sozinhos.

D.: “Isto é o quê Professora?”

DEE: “É um selo. Aqui ainda te falta o *e*, *l*, *a*. Não é?”

D.: “Sim. Já está.”

DEE: “Retiras o *c*, vamos. Aqui escreves o *v* e aqui o *o*. Isso dá o quê?”

R.M.: “Não estou a entender. Não estou a conseguir.”

DEE: “Viste o exemplo?”

R.M.: “Ah! Já sei. Pronto. Já sei, Professora.”

DEE: “Começaste de dentro para fora. Es-tra-nho. Por exemplo: estojo. Quero mais. Risca agora e tira o *o*, *i*, *s*. Fica o *d*.”

Os alunos continuaram a fazer exercícios de aplicação para descoberta de palavras através de troca de consoantes, dígrafos e sílabas.

O D. nunca pedia ajuda à DEE.

A DEE apercebeu-se que o D. estava com dificuldade e foi ver o que ele estava a fazer.

D.: “Ia fazer esta palavra aqui.”

DEE sorriu: “Ias fazer essa aí?”

D.: “Isto aqui é o quê?”

DEE: “Isso é um touro.”

D.: “Mas é a começar ou pode ficar no meio?”

DEE: “É a partir daí. É a partir da sílaba destacada.”

D.: “Ah!”

DEE: “A destacada é esta. Está bem? Parte-se sempre dessa para criar palavras. Toda a gente chegou a esta? Sim? A galinha dos ovos porque aqui não é *copos*. Ó meninos vão lá à frase, em cima. Quando vocês têm *copos* vocês puseram *copo* mas tu tens certo. Se tiras o *c* e o *p* fica ovos porque não está só um ovo estão dois. É plural. Pronto. Agora, aqui. *Estranho. Estojo*. Rapidamente, encontrei seis. Davam para encher as linhas todas.”

R.M.: “Podia começar a substituí-las.”

DEE: “Ah! Olha o que o R.M. se lembrou. Realmente não diz que não possa ser dessa maneira. Certo. Dá a palavra *este*.”

R.R.: “Foi a minha primeira [palavra].”

DEE: “É giro este exercício. Hein?”

R.R.: “É um bocadinho difícil.”
DEE: “Hein!”
R.R.: “Difícil.”
DEE: “Difícil?”
R.R.: “O estar a pensar nas palavras.”
DEE: “Está tudo é a pensar nas férias. Acho eu.”
R.R.: “Pois está.”
DEE: “R.R. não vale usar o exemplo. Falta aqui uma palavra. Escreveste empresa mas essa é a do exemplo.”
D.: “Posso escrever pétalas aqui?”
DEE: “Ora vejam bem. O D. a sair-se, a querer acrescentar pétalas à flor.”
D.: “Encontrei.”
DEE: “Falta aqui uma. Vá lá. Dá com as sílabas que já usaste.”
D.: “Posso repetir as sílabas?”
DEE: “Neste exercício podes. Tens é de construir palavras novas.”
R.M.: “O D. estava a dizer que ia copiar.”
DEE: “O D. estava a copiar?”
D.: “Também não estava a perceber a tua letra.”
DEE: “Olha lá isso. Olha o D. a copiar! Isto para mim é novidade! O D. não é nada disto.”
R.R.: “Ele está a querer copiar.”
DEE: “Vá lá.”
R.M.: “Não consigo encontrar mais nenhuma, Professora.”
DEE: “Não?”
R.M.: “Não.”
R.M.: “Ah!”
DEE: “Já descobriste mais uma? O que é isto?”
R.M.: “Escova.”
DEE: “Não percebo a letra. Es e as outras letras?”
R.M.: “Es-co-va.”
DEE: “Vá lá. Vá lá.”
R.M.: “Estoujo.”
DEE: “Tens aí outra sílaba, podes formar outra palavra.”
R.R.: “Só me falta uma palavra.”
Quando o R.R. acabou o exercício, a DEE: “Começa a cortar para colar.”
A DEE continuou a verificar o trabalho que o D. e o R.M. estavam a fazer.
R.R.: Já está. Cortei mal.”
DEE: “O quê? Cortaste mal? Não cortaste nenhuma palavra, já é bom.”
O R.R. colou a folha no seu caderno.
R.R.: “Professora, que dia é hoje?”
DEE: “É dia 7.”
O R.R. suspirou profundamente.
O R.M. terminou o exercício. Escreveu a data no seu caderno. Recortou e colou a folha dos exercícios no caderno.
O D. continuou ainda a resolver os exercícios.
DEE: “Olha, aí o *nh*.”
D. leu a palavra *trabanho*: “Trabalho!”
DEE: “Não é trabalho.”
O R.R. começou a ver o que já tinha feito anteriormente com a DEE: “Nós fizemos isto?”
R.M.: “Fizemos.”
A DEE foi fazer a correção no quadro dos exercícios que os alunos estiveram a resolver.
DEE: “R.M., em que palavras escreveste *am*?”
R.R.: “Ele tem mal, Professora. Escreveu com *n*.”
DEE: “Antes da letra *p* e da letra *b* e no final das palavras escrevemos a letra *m*.”
R.R.: “Empresa. Estranho.”
DEE: “Estranho. Sim, já está no exemplo.”
R.M.: “Emprego.”
DEE: “Já está? Posso começar mesmo a corrigir?”
R.M., R.R. e D.: “Sim.”
DEE: “Vamos lá então. Vamos lá. Vamos corrigir.”
R.R.: “Estranho.”
DEE: “R.R., diz.”
R.R.: “Qual? Do primeiro ou do segundo?”
DEE: “Do primeiro.”
R.R.: “Este, estojo, escada, escova, estrada.”

DEE: “Hein?”
R.R.: “Estrada. Es-tra. Falta aqui o quê?”
DEE: “Não está cá nenhum *da*.”
R.M.: “Escovada.”
R.R.: “Escovada é o quê?”
R.M.: “É uma mulher escovada.”
R.R.: “O que é que é isso?”
DEE: “Não. Isso usa-se por exemplo: escovar os cavalos. A égua está escovada.”
D.: “Posso dizer esta?”
DEE: “Tu! Descobriste alguma nova?”
D.: “Não.”
R.R.: “Nem eu.”
DEE: “Não? Deixa ver eu. Escada, escova, estrada, estrado.”
D.: “O que é isso um estrado?”
DEE: “Um estrado é por exemplo: vamos por um estrado para cantarmos lá em cima.”
R.R.: “Um palco. Está a ver aquela cena de madeira onde vão atuar. Isso é que é um estrado.”
DEE: “Exatamente. Lá fora montaram aquele palco com um estrado de madeira que vai servir para a festa. Vá próximo. O que é que vocês descobriram?”
R.M.: “Emblema.”
R.R.: “Também tenho embrulho.”
DEE: “Emblema, embrulho e emprego. Alguém encontrou outra?”
R.R.: “Espere, espere. Não.”
DEE: “Esta flor tinha menos pétalas. Por acaso também não encontrei mais nenhuma. Está?”
Os alunos calaram-se.
DEE: “Avançamos? D., põe aqui [a cola] que já arrumo. Vais-me só fazer um favor. Pões só aqui a data para depois colar.”
D.: “Hoje são 6 ou 7?”
DEE: “São 7 de junho. Era bom que fosse 7 de julho, não era?”
Os alunos riram-se e a aula continuou sem interrupção.
A DEE leu: “Seleciona uma das palavras e completa.”
DEE: “Vocês têm aí por e pôr. Estão a ver a diferença entre uma palavra e outra? Vão ler cada frase e fazer. Dá-me a tua folha, D.”
O D. entregou a folha à DEE e esta recortou-a. A seguir, a DEE entregou-lhe a folha recortada para o D. fazer os exercícios.
D.: “É a folha toda?”
R.R.: “É.”
Os alunos começaram a resolver um crucigrama.
DEE: “Mas vamos primeiro fazer na horizontal. Já todos fizeram essa partezinha?”
R.R.: “Posso dizer?”
DEE: “Já? Como é que é na horizontal? Vamos fazer assim. Uma, uma, uma e depois voltamos ao início.”
O R.M. e o R.R. fizeram o gesto de horizontal com o braço. O D. não fez gesto nenhum.
R.R.: “Nós também fazemos assim na catequese para procurarmos na Bíblia.”
A DEE sorriu.
R.R.: “Temos de procurar a página e aquilo tudo.”
DEE: “Muito bem.”
R.R.: “Depois temos de ir ver onde está cada livro e isso.”
DEE: “Muito interessante. Olhem aqui. ‘Seleciona as palavras sugeridas e completa com por e pôr.’ Primeiro lê um, depois o outro e depois o outro. Está?”
R.M.: “O leão salta por entre os lagos.”
DEE: “Tem acento ou não?”
R.M.: “Não tem.”
DEE: “Está bem. Está certo?”
Alunos: “Está.”
DEE: “Ponham certo. É uma vez cada um. A seguir, é o D.”
D. leu: “O pai vai pôr os vidros novos.”
DEE: “Leva acento ou não?”
D.: “Leva.”
DEE: “Boa.”
R.R.: “O pescador vê o pôr-do-sol.”
DEE: “É com acento ou sem?”
R.R.: “Tem chapéu.”
DEE: “Muito bem.”

A DEE certificou-se se os outros dois alunos tinham bem: “Está certo. A seguir.”
R.M.: “Vai pôr os livros na mochila. Pôr tem acento.”
DEE: “A seguir, és tu R.A.”
R.A.: “É com chapeuzinho.”
DEE: “Não é essa!”
R.A.: “É! É!”
DEE: “Ah! Acertaste.”
D.: “A mãe vai pôr o frango no forno.”
DEE: “É com acento ou sem acento?”
D.: “Sem.”
DEE: “É com [accento].”
D.: “Ah! Pois é.”
DEE: “Senão lia-se por. A seguir.”
D.: “É tudo com acento.”
R.R.: “Não é nada. Aqui tem, aqui não, aqui tem, aqui tem.”
DEE: “Não, não.”
D.: “É muito estranho.”
R.R.: “Parece.”
R.M.: “A galinha vai pôr os ovos no ninho.”
DEE: “Tem acento ou não?”
R.M.: “Tem.”
DEE: “Está certo? Tens de ter cuidado com os teus ‘r’ e ‘s’ são muito semelhantes. Está [bem]? Falta a última.”
R.R.: “Vai pôr o lanche na mochila. É com acento.”
DEE: “Não era essa.”
R.R.: “Era, era.”
DEE: “Como é isso? Como é que se escreve pôr?”
R.R.: “É com acento.”
DEE: “É com acento. Senão lia-se por. Não puseste acento, R.M.?”
R.M.: “Não.”
DEE: “Estou a ver. Vamos lá seguir.”
R.R.: “Envelope. Aqui não dá envelope, professora! Pois! Deste lado não dá.”
R.M.: “Pois não.”
DEE: “Não! Como é que é na horizontal?”
D.: “É assim [fez o gesto com o braço direito]. Chiu.”
DEE: “E na vertical?”
R.M.: “É ao alto. D., faz tu.”
DEE: “Vá lá.”
D.: “En-vlo-pe.”
DEE: “Desculpa. En-ve-lo-pe.”
D.: “Então é com e.”
DEE: “Pois. En-ve-lo-pe.”
D.: “Envelope, envelope.”
R.R.: “A primeira é envelope. A segunda é armário. A três é espada.”
DEE: “Disseste que é armário mas não está bem. Vejam bem. Isso é uma estante.”
R.R.: “Isso não pode ser.”
R.M.: “Pode sim. Vê as setas que estão ao lado.”
R.R.: “A outra que estavas a dizer era computador.”
R.M.: “Não dá. Envelope tem de ser deste lado.”
R.R.: “Porta, casaco.”
D.: “Camisa.”
DEE: “Muito bem.”
R.M.: “Cerejas.”
DEE: “Ai são tão boas, agora. Ah! Isto não está bem. Disseste que era armário e não é.”
R.R.: “É estante.”
DEE: “É estante.”
R.M.: “Mas deu armário também.”
DEE: “Mas não está bem. Depois a outra palavra ficava aí engasgada.”
R.M.: “Já fiz um lado todo. Professora, aqui o que é isto?”
DEE: “Isso é uma camisola.”
R.M.: “Aqui tem dois três, dois quatros, dois cinco.”
DEE: “Sim, porque uma imagem é da linha horizontal e a outra é da vertical.”
D.: “Casaco dá?”

R.R.: “Fazes primeiro este último. Depois já sabes mais ou menos qual é este e já tens uma pista.”
DEE: “Isto não é assim.”
D.: “Este dói. É difícil este exercício.”
DEE: “Achas?”
D.: “Sim.”
R.R.: “Este é complicado. Faz pensar bastante.”
DEE: “Adiante.”
R.M.: “Estou quase a acabar. Este é cereja?”
DEE: “Sim. Já fizeste tudo?”
R.M.: “Já.”
A DEE tinha todos os exercícios resolvidos numa folha e começou a escrever as palavras que os alunos deveriam ter escrito corretamente no crucigrama (palavras cruzadas).
DEE: “O R.M. hoje está fortíssimo. Vamos corrigir. É cerejas. Falta-te o s.”
R.M.: “Hein!”
DEE: “Olha aqui. Tu tens aqui cereja não tens mas tu estás a colocar aqui um *i*, mas o estranho é que depois faltava uma quadrícula não era?”
D.: “Eu escrevi com *ch*.”
R.M.: “A sério? Chereja.”
DEE: “Vamos corrigir este aqui [escreveu no quadro cerejas].”
R.R.: “Camisa.”
D.: “Relógio é com *g* ou com *j*?”
DEE: “Relógio é com *g*.”
R.R.: “Só me falta fazer o seis.”
DEE: “Já está R.R.?”
R.R.: “Sim.”
DEE: “Então, vamos lá?”
DEE: “Vamos lá. Meninos, vamos corrigir. Se eu depois apanho aí um erro estão desgraçados.”
Os alunos começaram a falar entre eles.
DEE: “Se eu vir alguma palavra mal, emendam 50 vezes a palavra mal de hoje para amanhã. Depois na 5.ª feira vão para a visita de estudo e não entregam. Fica já combinado. Vamos lá à primeira. Vamos fazer as horizontais.”
R.R.: “O ano passado era sexta. Não. Era quinta-feira e disse: amanhã vou estar doente. Então, não é que no dia seguinte eu fiquei mesmo doente com uma dor de cabeça. Foi o fim de semana todo e mais dois dias.”
A DEE riu-se: “Foi castigo. Vês o que faz ser mentiroso? Bem. Vamos fazer primeiro as horizontais todas. Está bem? Um, R.R.?”
R.R.: “Ninho.”
DEE: “É para ver se está escrito assim. Toda a gente confirmou.”
Alunos em coro: “Sim.”
DEE: “Dois?”
D.: “Nuvem.”
DEE: “Isso não é na horizontal.”
D.: “É envelope.”
DEE: “É envelope.”
O D. soletrou alto a palavra: “En-ve-lo-pe.”
DEE: “Três?”
R.M.: “Três é computador.”
DEE: “Computador. Toda a gente escreveu bem?”
Alunos: “Sim.”
DEE: “Está? Quatro?”
R.R.: “Pregos.”
A DEE vai continuando a escrever as palavras que os alunos vão dizendo no quadro.
DEE: “Pregos. Toda a gente tem?”
R.M.: “Cinco: cadeira.”
DEE: “Sim.”
D.: “Seis: relógio.”
DEE: “Muito bem. Olhem lá. Relógio.”
R.R.: “Falta-me o acento no *o*.”
DEE: “Sete?”
R.M.: “O sete é cereja.”
DEE: “Cerejas. Tive de corrigir quase em todos mas verifiquem.”
R.R.: “Sim, sim, sim.”
R.M.: “Oito?”
DEE: “Oito.”

D.: “Seringa.”
DEE: “Seringa. Verifiquem lá. Se-rin-ga.”
R.R.: “Tenho mal.”
D.: “Eu também.”
R.M.: “Se-rin-ga. S-e-r-i-n-g-a.”
DEE: “Verifiquem bem as horizontais e vamos às verticais. R.M., confirmaste tudo?”
R.M.: “Sim.”
DEE: “Horizontais. Hã. Desculpem. Verticais. Um.”
R.R.: “Estante.”
R.M.: “Estante.”
D.: “Es-tan-te. Pois é.”
DEE: “Dois?”
R.M.: “Espada.”
DEE: “É o quê? No dois é espada?”
R.R.: “Espada. Ah!”
DEE: “No dois?”
R.R.: “No dois?”
R.M.: “É nuvem.”
DEE: “Nuvem. Olhem aqui. É com *em*. Três?”
D.: “Pincel.”
DEE: “Está? Verifiquem pincel, por favor.”
R.R.: “Onde é que está pincel?”
DEE: “Ali [apontando para o quadro onde estava escrita a palavra pincel]. Quatro?”
R.M.: “Porta.”
DEE: “Cinco?”
D.: “Gato.”
DEE: “Seis?”
R.R.: “Camisa.”
R.M.: “Casaco. Isto dá casaco.”
R.R.: “Ah! Isto é um casaco?”
R.M.: “Sim, não estás a ver. Olha as letras.”
DEE: “Agora, vou corrigir e vão fazer isto. Dão-me isso.”
R.R.: “Para quê? Se já está bem?”
DEE: “O que é que vos disse? Se dessem erro tinham de as emendar, não foi?”
R.R.: “Pois. Ó professora, ou foi há dois ou três anos que tive de levar a numeração romana para trabalhos de casa até mil e tive só ou dois ou três dias para a fazer. Não a fiz toda. Não consegui.”
DEE: “Vá lá. Vamos trabalhar. É o seguinte. Agora, vejam aqui. Diz assim: assinala as palavras que não têm, pelo menos, uma sílaba semelhante à imagem. Comparam a imagem que está atrás e leem as palavras que estão à frente dela.”
R.R.: “O primeiro é fácil. É um relógio. Sabemos que a palavra regador está bem.”
DEE: “Mas não assinalam as que estão bem. É ao contrário. Vão assinalar as palavras que não têm uma sílaba semelhante à imagem.”
R.R.: “Ah, pois! Essa não a rodeio.”
DEE: “Então, vamos ver que imagens temos aí. Temos o quê, D.?”
D.: “O primeiro é um relógio, depois temos uma cegonha, uma girafa, um limão.”
DEE: “Isso não é um limão. Olhem para as palavras aí apresentadas. Vejam se descobrem.”
R.M.: “Parece uma laranja. A mim parece-me uma laranja. A palavra jacaré começa por ja, também!”
DEE: “É uma laranja, sim. A outra, a seguir o que é?”
R.R.: “É um prato de sopa.”
DEE: “É sopa. Vamos ver o que assinalaram. Começas tu, D.. O que assinalaste na primeira?”
D.: “Foi tigre e geleia.”
DEE: “Está certo. Vocês põem certo quando acertam. Já sabem. Avancemos. Segunda, R.R..”
R.R.: “Rodeei alho e nariz.”
DEE: “Muito bem. Todos acertaram. Vamos ao próximo.”
Os alunos fizeram um exercício para treino da consciência fonológica.
R.M.: “Guitarra e fonte.”
DEE: “Certo. Agora vem a da laranja, D.”
D.: “Lente e chávina.”
DEE: “Vocês têm bem?”
R.R. e R.M.: “Sim.”
DEE: “Vamos à última imagem?”
R.R.: “Rodeei tesoura e bandeira.”

DEE: “Estou a ver que gostaram e que acertaram todos.”
R.R.: “Este não era difícil.”
DEE: “Ainda queria fazer isto com vocês. Vocês têm aí várias frases e têm de numerá-las de modo a fazerem uma história ou um texto que faça sentido. Está bem?”
R.R.: Professora, nós temos de fazer o texto?”
DEE: “Não. Não.”
R.R.: “Já conheço este texto. Lembro-me da psicóloga.”
R.R.: “Ele também fez e ele também fez.”
DEE: “Então, é para ficar certinho. Agora, que estão a falar nisso, o vosso colega também tinha dito qualquer coisa.”
D.: “Também já não me lembro muito bem.”
R.R.: O dois é aqui. O três é aqui. O quatro é aqui. O cinco é aqui. Ai não. Aqui é o seis. O cinco é que é aqui.”
DEE: “D. dá-me o teu caderno, se faz favor.”
D.: “Já está. Parece que tenho os ossos a partirem-se. Ontem eram aqui os do braço. Hoje são os da perna.”
DEE: “A tua ficha, D.?”
O D. não respondeu nem deu logo a ficha à DEE.
A DEE: “D., a tua ficha?”
D.: “Qual ficha? Eu dei-lha.”
DEE: “Querem ver que a coloquei no meio de algum caderno.”
D.: “Eu dei-lhe. Até disse não sei o quê, que quem tivesse errado levava para trabalhos de casa. Eu dei-lhe. Eu não a comi até porque não tenho fome nenhuma.”
DEE: “Se calhar tens. Há um bocado até comeste letras, se calhar até comeste a ficha.”
A DEE foi procurar onde teria colocado a ficha.
R.R.: “Sabes que com ossos moídos dá para fazer diamantes?”
R.M.: “Olha!”
R.R.: “Com aquelas máquinas muito caras.”
DEE: “Meninos, vamos lá. Como é?”
R.M.: “O melhor era comprarmos uma máquina de fazer dinheiro.”
R.R.: “Não há!”
R.M.: “Há. Existe mas para darem autorização é muito caro.”
DEE: “Já está?”
Alunos: “Já.”
DEE: “Vamos lá. A partir de sílabas trocadas construam palavras.”
D.: “Borboleta.”
DEE: “Ó D. vocês também já fizeram palavras a partir de um texto mas a lógica era a mesma. Eu estava na sala de aula e preparei os exercícios iguais a esses mas com outro texto.”
R.R.: “Já sei.”
DEE: “Então? Hoje quem está fortíssimo é mesmo o R.M., como já disse. Fantástico.”
D.: “Esta é fácil, a primeira deste lado.”
DEE: “São todas fáceis.”
R.R.: “Esta é fácil.”
R.M.: “Falta-me a última.”
R.R.: “Não sabes? Qual?”
R.M.: “A última.”
R.R.: “Se calhar até vamos fazer estes dias, Educação Física.”
R.M.: “Ginástica.”
D.: “É Educação Físico-Motora e não Ginástica.”
DEE: “Este objeto tem três cores.”
R.R.: “Já sei. Semáforo.”
DEE: “Vamos corrigir. Vamos lá. Quero que tu leias a tua história.”
R.R.: “Eu?”
DEE: “Sim. Vais ler pela ordem. Um.”
R.R.: “O João teve um acidente quando regressava a casa depois das aulas.”
DEE: “Toda a gente concorda?”
Alunos: “Sim.”
R.M.: “Espere. Deixe-me pôr aqui um certo.”
DEE: “R.M., lê o dois.”
R.M.: “Atravessou a passadeira quando o sinal para os peões estava vermelho e foi atropelado.”
DEE: “Muito bem. Três, D.”
D.: “Foi imediatamente socorrido pelo 112.”
DEE: “Certo. Quatro.”
R.R.: “Como a lesão era grave ficou internado.”
DEE: “Cinco. Qual foi o teu cinco?”

R.M.: “Os pais ficaram muito preocupados quando tomaram conhecimento do acidente e foram logo para o hospital.”
DEE: “E o seis?”
D.: “Os amigos foram visitá-lo.”
DEE: “O sete?”
D.: “O sete? Onde é que está o sete?” Está aqui. ‘Os médicos tiveram necessidade de efetuar uma cirurgia à perna direita’.”
DEE: “Achas que o sete está bem aí?”
R.R.: “Ele primeiro tinha de ser internado para lhe fazerem a cirurgia.”
DEE: “Então tu consideras isso. Então vamos pôr: Como a lesão era grave ficou internado. Certo?”
R.R.: “Esse é o cinco.”
DEE: “Sim. Olhem. Eu vou ler a minha: Um: O João teve um acidente quando regressava a casa depois das aulas. Dois: Atravessou a passadeira quando o sinal para os peões estava vermelho e foi atropelado. A seguir, três: foi imediatamente socorrido pelo 112. Certo? ”
Alunos: “Sim.”
DEE: “Quatro: Os pais ficaram muito preocupados quando tomaram conhecimento do acidente e foram logo para o hospital. Cinco: Os médicos tiveram necessidade de efetuar uma cirurgia à perna direita. Seis: Como a lesão era grave ficou internado. Puseste como?”
D.: “Como a lesão era grave ficou internado.”
DEE: “E depois é que puseste ‘Os médicos tiveram necessidade de efetuar uma cirurgia à perna direita’. Também não me parece mal.”
D.: “Eu fiz como fiz na psicóloga e ela disse-me que estava certo.”
DEE: “A seguir. Sete: Os amigos foram visitá-lo.”
R.R.: “Podemos ir?”
DEE: “Não. Ponham ali os vossos cadernos em cima. Não se esqueçam de escrever o vosso nome e a data. Os alunos colocaram os cadernos no local onde a DEE tinha indicado e a DEE: “Portem-se bem.”

Apêndice 21 – Registo de observação naturalista: observação da DEE “Sandra”, no gabinete de Educação Especial – 4
Docente: “S.”

Aluna: avaliação de uma aluna do 2.º ano que tinha sido referenciada para a Educação Especial.

Período de observação: 16h30/17h25

Observação: SOBG₄

Data: 07/06/2016

Descrição das situações e comportamentos/atividades observadas
--

A DEE foi buscar a aluna à sala de aula, levou-a para o gabinete de Educação Especial, onde as psicólogas costumavam reunir com os alunos, para lhe fazer uma avaliação e mandou-a entrar.

DEE: “Senta-te aqui. Olha, há uns tempos atrás a tua professora pensou que eu devia fazer-te umas perguntas. Então, é isso que eu vou fazer. Vamos fazer uns joguitos. Está bem? Vou fazer-te umas perguntas mas não vou conseguir fazer-te tudo. Depois amanhã vou-te buscar outra vez para fazeres o resto. Vamos começar por fazer estas fichas diagnósticas. Pronto. Vais dizer o teu nome completo.”

A aluna soube dizer o nome completo.

DEE: “Sabes qual é a tua data de nascimento?”

Aluna: “3/7/2008”

DEE: “És da idade da minha filha. Sabes o nome da mãe e do pai? Sim?”

Aluna: “Sei.”

DEE: “Sabes a tua morada?”

Aluna: “A minha casa não tem morada.”

DEE: “Ai não? Sabes a Rua?”

Aluna: “Rua Nova.”

DEE: “É uma rua que há lá, que é nova e depois puseram-lhe Rua Nova. Foi?”

Aluna: “Ou é por causa das rosas.”

DEE: “Ah! Está bem. Vais-me dizer onde tens o pulso.”

A aluna agarrou o pulso.

DEE: “Onde tens a palma da mão.”

A aluna indicou a palma da mão.

DEE: “Vais-me dizer onde tens o tornozelo.”

A aluna indicou o tornozelo.

DEE: “Vais-me dizer onde tens o cotovelo.”

A aluna indicou o cotovelo.

DEE: “Vais-me dizer onde tens o ombro.”

A aluna indicou o ombro.

DEE: “Vais-me dizer onde tens a sobrancelha.”

A aluna não indicou a sobrancelha. Ela apontou para a pálpebra do olho.

DEE: “Hu, hu, hu. Ok. Vamos ver. Agora, vamos fazer de conta que isto é uma colher [era um lápis]. Vais fazer de conta que estás a comer a sopa.”

A aluna fez o gesto: “Fácil.”

DEE: “Faz de conta que estás a pentear-te.”

A aluna fez o gesto de estar a pentear-se apesar de ser com o lápis.

DEE: “Imagina que é uma escova e que estás a escovar a roupa. Escova-me lá a roupa.”

A aluna não fez bem o gesto [escovar a roupa].

DEE: “Agora, escova os dentes.”

A aluna fez o gesto de escovar os dentes.

A DEE deu-lhe uma régua: “Imagina que isto é um martelo.”

A aluna pegou na régua com a mão esquerda.

DEE: “Para martelares fazias com essa mão? Fazias?”

Aluna: “Sim [martelava com a mão esquerda].”

DEE: “Se tivesses de pegar nesta tesoura, com que mão lhe pegavas?”

Aluna: “Era com esta [pegou na tesoura com a mão esquerda].”

DEE: “Agora, vou pedir-te que subas para cima de uma cadeira.”

A aluna levantou primeiro o pé direito [para subir para cima da cadeira].

DEE: “Se eu te pedisse para chutar numa bola, com que pé ias chutar?”

Aluna: “Direito [chutava com o pé direito].”

A DEE não viu a aluna a chutar na bola, apenas sabe o que ouviu dizer da aluna.

DEE: “Agora, vou pedir-te para espreitares por este canudo.”

A aluna espreitou com o olho esquerdo.

DEE: “Consegues ver-me?”

Aluna: “Sim.”

DEE: “Agora, vou pedir-te se consegues espreitar por aquela fechadura e veres para o outro lado. Vês alguém do outro lado?”

Aluna: “Não [tentou ver alguém mas não conseguiu e voltou a espreitar com o olho esquerdo].”

DEE: “Este relógio faz tic-tac, tic-tac. Às vezes, estou na cama e estou a ouvi-lo. Escuta-o lá.”

A aluna escutou o relógio com o ouvido do lado direito.

DEE: “Agora, vais pôr a mão direita no nariz.”

A aluna fez bem o gesto [pôr a mão direita no nariz].

DEE: “A mão esquerda sobre a cabeça.”

A aluna fez bem o gesto que a DEE lhe ordenou [pôr a mão esquerda sobre a cabeça].

DEE: “A mão direita na orelha direita.”

A aluna fez bem o gesto [colocar a mão direita na orelha direita].

DEE: “A mão esquerda no olho esquerdo.”

A aluna fez bem o gesto que a DEE mandou [pôr a mão esquerda no olho esquerdo].

DEE: “A mão direita no joelho esquerdo.”

A aluna fez bem o gesto que a DEE ordenou [colocar a mão direita no joelho esquerdo].

DEE: “A mão esquerda no olho direito.”

A aluna não fez bem o que a DEE mandou [colocar a mão esquerda no olho direito].

A DEE apesar de a aluna ter feito mal: “Muito bem. Agora, vais tocar com a tua mão direita na minha mão esquerda.”

A aluna fez bem o que a DEE mandou [colocar a mão direita na minha mão esquerda].

DEE: “Vais tocar com a tua mão esquerda no meu ombro direito.”

A aluna voltou a fazer mal o que a DEE mandou [colocar a mão esquerda no meu ombro direito].

DEE: “Não trouxe nenhuma simetria. Amanhã, trago uma simetria para tu fazeres. Agora, vais-me dizer que dia é hoje.”

Aluna: “7/6/2016”

DEE: “Qual é o dia da semana?”

Aluna: “É terça.”

DEE: “Que dia foi anteontem?”

Aluna: “Foi domingo.”

DEE: “Que dia será depois de amanhã?”

A aluna respondeu bem: “5.^a feira.”

DEE: “Em que mês estamos?”

Aluna: “Julho”

DEE: “Ju.”

Aluna: “Junho.”

DEE: “Em que mês se festeja o Natal?”

Aluna: “Dezembro.”

DEE: “Qual é o mês anterior a agosto?”

Aluna: “Junho. Julho.”

DEE: “Quantos dias tem um ano?”

Aluna: “Tem trinta e sessenta e seis ou trinta e sessenta e sete.”

A aluna não respondeu bem.

DEE: “E o mês de fevereiro? Quantos dias tem?”

Aluna: “Tem 28 ou 29.”

DEE: “Quantas estações tem o ano?”

Aluna: “Quatro.”

DEE: “Uma hora tem quantos minutos?”

Aluna: “24. Não. Tem 60 minutos.”

DEE: “60?”

Aluna: “Sim.”

DEE: “Muito bem. Amanhã, vais ordenar umas imagens. Agora, vais ouvir o que te vou dizer. Se eu te disser branco, vermelho e azul tens de repetir as palavras que eu disse que é para ver se estás atenta aquilo que eu disse. Está bem?”

Aluna: “Sim.”

DEE: “Estás a perceber? Vamos lá. Vou dizer nomes, números, frutas. Está bem? Então: 57, 72, 93.”

Aluna: “57, 72, 93.”

DEE: “Muito bem. Agora nomes: Ana Paula, João Filipe, Carla Cristina.”

Aluna: “Ana Paula, João Filipe, Carla Cristina.”

DEE: “Muito bem. Agora: maçã, pera, banana, uva, diospiro.”

Aluna: “Maçã, pera, banana, uva, diospiro.”

DEE: “Cores: castanho, amarelo, azul, verde, preto, vermelho.”

Aluna: “Castanho, amarelo, azul, preto, castanho.”

DEE: “Agora cidades: Porto, Aveiro, Santarém, Lisboa e Coimbra.”

Aluna: “Porto, Aveiro, Santarém, Lisboa e Coimbra.”

DEE: “Boa. Muito bem. Agora, vou fazer batimentos com um lápis. Imagina este batimento. Depois tinhas de reproduzir.”

A DEE fez alguns batimentos e a aluna reproduziu-os utilizando um lápis.

DEE: “Agora vou dizer palavras que podem ser iguais ou diferentes. São muito parecidas. Algumas têm o som da mesma letra. Eu vou pôr a folha à frente que é para não estares a ver as palavras escritas também. Vaca/faca. Tu dizes se são iguais ou diferentes. Percebeste a ideia? Então: Vaca/faca é igual ou diferente?

Aluna: “Igual.”

DEE: “Próxima. Vaca/vaca.”

Aluna: “Igual.”

DEE: “Vaca/faca.”

Aluna: “É diferente.”

DEE: “Meta/meta.”

Aluna: “É igual.”

DEE: “Meta/neta.”

Aluna: “É igual.”

DEE: “Chá/chá.”

Aluna: “É igual.”

DEE: “Já/chá.”

Aluna: “É parecido.”

A DEE riu-se: “Mas achas que é igual?”

Aluna: “Não.”

DEE: “Muito bem. Chá/já.”

Aluna: “É diferente.”

DEE: “Pão/não.”

Aluna: “É diferente.”

DEE: “Muito bem. Não/não.”

Aluna: “É igual.”

DEE: “Pão/pão.”

Aluna: “É igual.”

DEE: “Muito bem. Deixa-me só organizar as minhas papeladas. Depois das diferenças, agora vamos fazer diferente. Tu vais ler o texto.”

Aluna: “Este?”

DEE: “Sim. Só um bocadinho. Não é preciso leres o texto todo. Eu depois leio-te o texto todo. Vá. Está bem? Lê lá só um bocadinho para eu ver se já sabes ler, aí umas quatro linhas.”

Aluna leu: “O sábio que sabia tudo. Era uma vez um homem que dizia ser sábio. Um dia encontrou-se com outro homem à beira do rio Tejo. Foram andando e conversando. O sábio disse que sabia tudo! E começou a fazer perguntas ao outro homem. Perguntou-lhe: - Que é uma linha resta [reta]? E uma linha curva? E que forma tem a Terra? O outro homem não sabia responder. Ele não sabia o que é uma linha resta [reta]!”

DEE: “Reta.”

Aluna: “Reta! Nem o que é uma linha curva! Nem que forma tem a Terra! Então o sábio pôs-se a rir. E disse-lhe e disse: - Eu sei tudo e tu não sabes nada. És um iorante [ignorante]!”

DEE: “Ignorante.”

A aluna não repetiu e simplesmente disse: “Sim. Foram andando, andando. Mas, de repente, o sábio escorregou e caiu na água do rio.”

DEE: “Já chega. Muito bem. Agora vou fazer-te perguntas para ver se percebeste o texto. Tu lês muito bem! Costumas livros ler em casa?”

Aluna: “Sim.”

DEE: “Costumas. A mãe tem lá os livros para tu ires lendo, não é?”

Aluna: “Sim.”

DEE: “Sabes que nós precisamos de ler sempre muito, muito. Vamos lá.”

A DEE leu o texto à aluna: “O sábio que sabia tudo. Era uma vez um homem que dizia ser sábio. Um dia encontrou-se com outro homem à beira do rio Tejo. Foram andando e conversando. O sábio disse que sabia tudo! E começou a fazer perguntas ao outro homem. Perguntou-lhe: - Que é uma linha reta? E uma linha curva? E que forma tem a Terra? O outro homem não sabia responder. Ele não sabia o que é uma linha reta! Nem o que é uma linha curva! Nem que forma tem a Terra! Então o sábio pôs-se a rir. E disse: - Eu sei tudo e tu não sabes nada. És um ignorante. Foram andando, andando. De repente, o sábio escorregou e caiu na água do rio. Como o rio Tejo tem muita água, o sábio foi ao fundo. Depois, veio ao cimo e pôs-se e pôs-se a gritar: - Quem me acode? Ai que eu morro! Então o outro homem atirou-se à água. Nadou e agarrou o sábio pela barba. Trouxe o sábio para terra. Depois o outro homem disse-lhe assim: - O senhor sábio sabe muitas coisas. Mas não sabe nadar! E eu sei!”

A DEE sorriu para a aluna quando terminou a leitura do texto: “Hum?! Pois é. É muito gira. Gostaste da história?”

Aluna: “Sim.”

DEE: “Agora, vou fazer-te umas perguntinhas sobre a história. Está bem?”

A aluna não respondeu.

DEE: “O que perguntou o sábio ao outro homem?”

Aluna: “Uma linha reta.”

DEE: “O que era? Não era!”

Aluna: “Sim. Uma linha curva e o que era uma Terra.”

A DEE ia registando o que a aluna fazia e dizia.

DEE: “Então era: o que era uma linha reta, o que era uma linha curva e que forma tinha a Terra, não era? Muito bem. O que lhe disse o sábio quando o homem não respondeu?”

A aluna não respondeu logo à pergunta.

DEE: “Queres que eu repita? O que lhe disse o sábio quando o homem não respondeu?”

Aluna: “Que ele não sabia responder àquilo.”

A DEE ajudou a aluna na resposta: “Que era quê?”

A aluna não conseguiu responder à pergunta da DEE, pois não conseguiu utilizar o termo ignorante. Verificámos que a aluna sentiu dificuldade quando leu a mesma palavra. Podemos inferir que a palavra ignorante não era utilizada pela aluna na sua linguagem oral.

DEE: “Disse-lhe que era um ignorante. Não foi? O que aconteceu depois ao sábio?”

Aluna: “Foi para dentro do rio Tejo que tinha muita água.”

DEE: “Mas foi ele que foi nadar para lá?”

Aluna: “Não.”

DEE: “Então, o que é que lhe aconteceu?”

Aluna: “Escorregou e caiu lá dentro.”

DEE: “Pois foi. Quem é que o salvou?”

Aluna: “O homem.”

DEE: “Que conclusão é que nós podemos tirar desta história? O que é que tu achas? Pensando nesta história que conclusão é que tu tiras?”

Aluna: “Não fazer assim tantas perguntas.”

DEE: “Não fazer?”

Aluna: “Sim.”

DEE: “Achas que o senhor não devia de ter feito tantas perguntas, foi?”

Aluna: “Foi. Acho que ele não devia de ter gozado com o homem.”

DEE: “Pois. Não devia de ter gozado com o outro. No fundo é assim. Ninguém sabe tudo, não é? Uns sabem mais de uma coisa e outros de outra. Podemos não fazer uma coisa muito bem mas fazemos outras, não é? E os outros não fazem aquilo que nós fazemos, não é? Agora, vou dar-te uma folha para fazeres um resumo da história. Vou fazer-te aqui umas linhas para não te sentires tão perdida sem linhas. Não estás nervosa, pois não?”

Aluna: “Não.”

A DEE continuava a traçar linhas na folha: “Até pensei que estavas nervosa. Isto é tudo fácil. Sabes tudo! Os testes correram bem? Já os receberam?”

Aluna: “Já. Tive suficiente a Português, não 63. A Matemática tive 70, Bom e a Estudo do Meio não sei mas tive Suficiente.”

DEE: “Não sabes é a cotação que tiveste a Estudo do Meio. É isso?”

Aluna: “A Expressão Plástica sei que tive Bom também.”

DEE: “Muito bem. Então, vá. Vamos escrever assim: resumo da história. Sabes o que é o resumo da história? Imagina que nós íamos contar esta história à tua turma mas não tínhamos lá o texto com a história. Dizíamos que queríamos contar a história como tinha sido mas que não tínhamos lá a folha e que íamos contar o que nos lembrávamos da história. O que eu quero agora é que escrevas aquilo que te lembrás da história. Pode ser? Vamos lá. Vocês já fazem na escola, na turminha, não é?”

Aluna: “Sim.”

DEE: “Fazes um pequenino texto como era a história.”

A aluna escreveu o que sabia sobre a história.

DEE: “Qual é a conclusão que se tira da história?”

A aluna continua a escrever algumas palavras.

DEE: “Sim, senhora.”

Quando a aluna parou de escrever, a DEE perguntou: “Já está? Posso ler?”

Aluna: “Sim.”

A DEE ia para ler mas teve dificuldade em perceber o que estava escrito.

DEE: “Queres ler tu para mim o que escreveste? É mais fácil se calhar. Lê tu para mim.”

A aluna leu: “O homem caiu na água e o outro homem nadou para ir buscá-lo, na água.”

A aluna começou a gaguejar enquanto estava a ler: “Mas pelo pé dele e disse: Eu sei nadar e tu não sabes nadar. E o outro perguntou-lhe três perguntas e ele não acertou porque ele não sabia.”

DEE: “Agora, vou fazer-te um problema com duas contas. Gostas de matemática, não gostas?”

Aluna: “Sim.”

DEE: “Então, vamos lá. Vou ditar-te um número e tu vais escrever aqui. Vamos aproveitar estas linhas. Deixas uma de intervalo e depois escrevemos aqui. Pode ser? Vamos lá. Já deste os números até 1000. Posso ditar-te um número até 1000. Vamos lá: 758.”

A aluna registou o número [758].

DEE: “907, escreves aí uma vírgula [para separar os números], 460, 301. Muito bem. Agora, vou dar-te uns números para os colocares por ordem.”

A DEE escreveu os números e desenhou círculos para que a aluna escrevesse os números ordenados dentro desses círculos.

Aluna: “É por ordem crescente?”

DEE: “Eles pedem para ser por ordem... [esteve a ler]. Aqui não diz. Então, vamos pôr por ordem crescente como nós estamos a crescer, não é? Então, vá.”

A aluna colocou os números por ordem crescente.

DEE: “Muito bem, R.. Muito bem. Se quiseres fazer aí nessa folha alguma conta estás à vontade. Esta folha que te estou a dar é para ti. Está bem? Olha. Quanto falta a 350 para obter 500? Podes fazer a conta na folha se quiseres. Se fizeres de cabeça muito bem se não fores capaz não há problema. Quanto falta a 350 para obter 500?”

Aluna: “100.”

DEE: “100? Olha, tens 350 para chegares aos 500, falta-te quanto?”

Aluna: “550.”

DEE: “Hum?”

Aluna: “550.”

DEE: “Falta-te 550. Então, escreve aqui 550. Quantos quilos de limões podemos comprar com 3€, se cada quilo está a

0.50€? Tens 3€ para comprar limões. Cada quilo custa 0.50€. Quantos quilos vamos poder comprar?”

A aluna resolveu o problema: “0.80€.”

DEE: “Quantos quilos podemos comprar? Vamos fazer assim. Um quilo são 0.50€. Certo?”

Aluna: “Sim.”

DEE: “Eu digo-te que tenho 3€. Quantos quilos vou comprar?”

Aluna: “150 quilos.”

DEE: “150 quilos?”

Aluna: “Sim.”

DEE: “Agora, diz assim. Gastei 100 minutos a fazer o jantar. É assim não é? Quantos minutos tem uma hora?”

Aluna: “60.”

DEE: “60. Muito bem. Então, vai ser fácil para ti. Quanto tempo passei para além de uma hora [para completar 100 minutos]? Uma hora tem 60 minutos. Se eu gastei 100 passei mais de uma hora. Foi ou não foi? Foi 60 mais qualquer coisa.”

Aluna: “Foi mais uma hora.”

DEE: “Achas que foi precisa mais uma hora? Quanto é que é 60 mais 60?”

Aluna: “600.”

DEE: “600 é 60 X10. Vamos fazer. Quando não sabes fazes assim. Olha [fez a conta: 60+60]. 60+60 são 2 horas. Não é? Então, 60 minutos é uma hora para chegarmos aos 100, quanto é que falta? Quanto é de 60 para 100?”

Aluna: “São 4, 40.”

DEE: “São 40. Muito bem. Escreve aqui a resposta. 40 minutos, não é?” Quanto tempo falta para chegar às 2 horas?”

Aluna: “Faltam mais 60 minutos.”

DEE: “É?”

Aluna: “Sim.”

DEE: “Já tens 1h40m para chegares às 2h, quanto tempo é que falta?”

Aluna: “1h.”

DEE: “Falta 1 hora?”

Aluna: Sim.”

DEE: “Agora, vamos ver um problema. O João tem 15 anos. Imagina o nosso João, lá da sala. Fazemos de conta e o seu irmão tem o dobro. Este ano aprendemos o dobro, não aprendemos? Então, o João tem 15 e o irmão tem o dobro. O que é o dobro?”

Aluna: “É 15 mais 15.”

DEE: “Quantos anos têm os dois em conjunto? O João tem 15 anos. O seu irmão tem quantos? Quantos é que disseste e muito bem?”

A aluna fez a conta: “Trinta.”

DEE: “Boa. Põe ali a resposta. Agora, está a perguntar quantos anos têm os dois juntos. Vamos lá.

Aluna: “60.”

DEE: “É? Não fizeste bem!”

Aluna: “O dobro é 30.”

DEE: “Disseste que o dobro é 15 + 15, não é? Já está feito o dobro. Agora, está a perguntar-te quanto têm os dois em conjunto.”

Aluna: “30.”

DEE: “Pronto. Responde aqui.”

A aluna deu mal a resposta ao problema.

DEE: “Vamos fazer o resto das questões amanhã. Está bem? Vou apresentar-te um textozinho e vou fazer-te questões sobre esse texto. Esse texto é muito giro. Vais gostar e depois terminamos amanhã. Agora, vais para cima porque tens só cinco minutinhos para arrumares as tuas coisas. Está? Doeue muito?”

Aluna: “Não.”

DEE: “Já me conheces daqui. Não sou estranha.”

Aluna: “Pois não.”

DEE: “Podes ir. Podes ir.”

Aluna: “Adeus, Professora S.”

DEE: “Adeus.”

Apêndice 22 – Categorização do trabalho com os alunos considerados com NEE, durante as atividades letivas, no gabinete de Educação Especial

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Situações e comportamentos/atividades observadas			
			“Sandra”			
			SOBG ₁ 07/06/2016 (11h/11h45)	SOBG ₂ 07/06/2016 (11h45/12h30)	SOBG ₃ 07/06/2016 (14h15/16h)	SOBG ₄ 07/06/2016 (16h30/17h25)
Apoio individual	Comunicação oral	Conversa entre a DEE e o aluno considerado com NEE	DEE: “Bom dia. Senta aqui. Como estás? O que me contas?” A.: “Nada. Estou triste.” DEE: “Conhecias o colega que morreu?” A.: “Sim. Os pais dele tratavam-no mal.” DEE: “Ai! Isso não se diz.” A.: “É verdade.” DEE: “Isso não se sabe. Se calhar não é bem assim. Vamos lá. (...)” (...) DEE: “(...) Está bem? É preferível. É melhor. Sim? Sim ou não?” O A. não respondia a nada que a DEE lhe perguntava. A DEE insistia: “Sim? Olha lá. Então!” O A. começou a trabalhar: “Está tudo baralhado!” DEE: “Pois está. A dificuldade é essa. Eu sei que tu gostas de um bom desafio.” (...) DEE: “Vamos lá, A. Cortaste o cabelo, A.” A.: “Ah!” DEE: “Está novo. Foste sair este fim de semana?” A.: “Não.” DEE: “Não? Eu acho que ainda não tinha visto esse corte. Vá, anda. Vamos lá. Anda lá que eu tenho ali uma surpresa para ti hoje. Trouxe daquelas palavras que tu gostas.” O A. não queria trabalhar. A DEE insistia: “Vamos lá. Estás a ver. Vamos fazer primeiro isto aqui. Por que não? Anda lá. Vá. Fazes isto com um olho fechado e outro aberto. Queres fazer o outro primeiro? Hum? Queres fazer a caneta? A lápis? A marcador? Vamos ficar aqui os dois a olhar um para o outro! Vá, A.”			

		(...) DEE: “O que foi A.? Hum? Escolhe o que queres fazer primeiro.” A.: “Não.” DEE: “Vamos fazer memória?” A.: “Não.” DEE: “Não queres fazer nada?” O A. não respondeu e a DEE: “Anda lá, A. Vamos lá trabalhar.” DEE: “Queres fazer uma tarefa diferente desta? Então? Vamos A.” A.: “Não.” DEE: “Tu também gostas daquele exercício das palavras. Fazemos primeiro aquele. A.. A sério! Não acredito! Ficaste perturbado com a morte do rapaz. Tu conhecias o rapaz? Hein. A., conhecias o rapaz?” O A. não respondeu. DEE: “Eu vou-te por na sala. Não estás aqui a fazer nada. Vamos lá trabalhar. Eu hoje até trouxe um lápis novo.” (...) DEE: “(...) Tiveste aí um texto que chegaste quase aos 100 Pontos.” A.: “Passei dos 100.” DEE: “Ah! Chegaste, chegaste. Chegaste aos 126. Foi o melhor até hoje, não foi?” A.: “Sim. Este não [consigo]. É mais difícil.” (...) DEE: “(...) Este exercício é aquele que tu gostas! Queres deixar para o fim?” A.: “Não.” DEE: “Fazes já. Está bem. (...) Já está! Muito bem! (...)” (...) A.: “Amanhã, se calhar, temos teste.” DEE: “Vocês? Têm teste de quê?” A.: “De matemática. Quinta-feira não tenho. Por isso, tenho amanhã.” DEE: “Já fizeram os testes todos!” A.: “Já.” DEE: “Pois.” A.: “Mas se calhar temos ainda amanhã.” DEE: “Como é que é possível se já os			
--	--	--	--	--	--

		fizeram todos?” A.: “Pois já. Então amanhã vamos recebê-lo.” DEE: “Ah! Não vão fazer. Por isso é que eu estava a achar estranho.” A.: “Amanhã devemos receber o de matemática.” DEE: “Queres vir amanhã com o R. e o P. [alunos com NEE, colegas de turma do A.] para me mostrarem o teste que fizeram?” A.: “Está bem. A professora disse-me que eu ia ter muito bom.” DEE: “Tu é que sabes se tivestes. Mas a que disciplina? Foi a Português, a Matemática ou a Estudo do Meio?” O A. não respondeu verbalmente, simplesmente encolheu os ombros. DEE: “Português não te interessa. Só gostas de Matemática.” A.: “Costumo ter boas notas a Matemática.” DEE: “Se costumavas ter boas notas por que razão estás preocupado com as notas de Matemática?” O A. não respondeu e a DEE acrescentou: “É mais preocupante a disciplina de Português, não é?” O A. acenou a cabeça em sinal de concordância. (...) O A. quis mudar para a outra folha que a DEE lhe tinha mostrado. A DEE não deixou: “Espera A., primeiro fazemos este exercício. Depois fazemos aquele.” O A. aceitou e começou a trabalhar: “Já fiz isto com a psicóloga.” DEE: “Aqui com a psicóloga?” A.: “Sim, mas já não me lembro.” DEE: “Então, vá.” A DEE corrigiu o exercício. DEE: “Esqueceste-te deste aqui. Não foi, A.?”			
--	--	---	--	--	--

		A.: “Errei tudo.” O A. começou na outra folha. DEE: “Não seria mais fácil com um lápis? Hum?” A.: “Estou a errar isto tudo.” (...) A DEE começou a recortar a folha dos exercícios que o A. tinha estado a fazer: “Como é que te tem corrido esta manhã?” A.: “Não estivemos a fazer nada.” DEE: “Não estiveram a fazer nada?” A.: “A Professora só estive a fazer experiências.” DEE: “Verdade!” A.: “É!” DEE: “Hum! (...)” DEE: “(...) Descansaste bem esta noite? Conseguiu dormir? Soubeste do que aconteceu ao rapaz [morreu], hoje ou foi logo ontem?” A.: “Foi logo ontem.” DEE: “Dormiste bem?” A.: “Nada de jeito.” DEE: “Não.” A.: “Fiquei atrapalhado.” DEE: “Hum?” A.: “Fiquei assim atrapalhado.” DEE: “Esquisito, não foi?” A.: “Foi.” DEE: “Vamos lá, A? Vamos lá?” A.: “Sim.”			
	Instruções para resolução de exercícios	A.: “Camponês está bem assim?” DEE: “Camponês está certo. Vá. Pintor. Anda lá.” (...) DEE: “(...) Vamos fazer velocidade. Fazemos como é costume fazermos. A primeira é em voz alta e contabilizamos o tempo e depois as outras são como de costume. Ok? Um, dois.” A.: “O quê?” DEE: “A velocidade. Fazemos a primeira para pontos. A segunda e a terceira não pontuam e só na quarta é que se regista o tempo e pontuamos.			

		Está bem?” A.: “Hum!” DEE: “Quando temos textos, o que costumamos fazer? Já temos feito também com as palavras! O que já chegámos a fazer com os textos?” A DEE abriu-lhe o caderno para mostrar ao A. o mesmo exercício feito anteriormente com palavras. A.: “Ainda não li estas palavras agora.” DEE: “Não faz mal, mas vais ler bem.” (...) DEE: “Espera. Estás a fazer batotice. Não, não. Um, dois, três.” (...) DEE: “Então! Tens de ler. Hoje não estás cá. A primeira vez é em voz alta para eu contabilizar o tempo. Um, dois, três.” (...) DEE: “Muito bem. Dezasseis pontos. Pronto. Segunda e terceira vez sem registo. Quarta vez com registo. À quarta vez, volta-se a registar.”			
	Diálogo de pergunta e resposta	DEE: “Agora, vais observar esta imagem durante 30 segundos. Repara bem em todos os pormenores que a seguir vou fazer-te perguntas. Quantos estão ali e acolá?” O A. ficou a observar a imagem atentamente. DEE: “Já viste?” A.: “Já.” A DEE tapou a imagem: “Quantos alunos estão na imagem?” A.: “Seis.” DEE: “Como é a saia da menina que está no quadro?” A.: “Oh! Sei lá, eu.” A DEE riu-se. DEE: “O cabelo da professora é liso ou encaracolado?” A.: “Liso.” DEE: “Quantos alunos usam óculos?” A.: “Dois.” DEE: “A porta da sala estava aberta ou fechada?” A.: “Aberta.”			

		DEE: “Quantos lápis estão caídos no chão?” A.: “Quatro.” DEE: “Quantos alunos estão na imagem? Disseste seis. Está certo. A saia da menina não fizeste. Era às bolinhas.” A.: “Ai.” DEE: “O cabelo da professora disseste liso mas é encaracolado.” A.: “Hum.” DEE: “Quantos alunos usam óculos? Está certo. A porta da sala estava aberta. Quantos lápis estão caídos no chão? 1, 2, 3, 4. Está certo. Muito bem. Não foi mau mas podia ter sido melhor. Foram duas que erraste em seis.”			
Atividades de leitura	Treino de velocidade de leitura	O A. começou a ler em voz alta: “Camponês; cantor; pinguim; origem; encontrar; estante; trompete; símbolo; emblema; ponte; cinco; impossível; cinto; tontura; ventania; temporal; sandálias; zumbido.” (...) O A. leu em silêncio pela segunda e terceira vez. DEE: “Já leste a segunda e a terceira vez sem registo? Leste mesmo?” O A. acenou com a cabeça em sinal de concordância. DEE: “Leste? Então, vá. Vamos lá. (...)” (...) DEE: “Um, dois, três.” O A. leu pela quarta vez: “Camponês; cantor; pinguim; origem; encontrar; estante; trompete; símbolo; emblema; ponte; cinco; impossível; cinto; tontura; ventania; temporal; sandálias; zumbido.” A DEE calculou a pontuação do A. na máquina de calcular. DEE: “Perdeste um bocadinho e há bocado foi por muito. No início do ano,			

			fizeste um exercício parecido que só demoraste 22 segundos. Na altura, só registámos a primeira vez.” A.: “Neste?” DEE: “Não. Foi no início do ano. Agora, foram 11 segundos. Tiveste 109 Pontos. Se te enganares a ler uma palavra é mais penalizador. Estás a perceber? (...)			
		Descoberta de letras intrusas em palavras	DEE: “(...)Descobre as letras intrusas e risca-as para descobrires a palavra que lá fica.” O A. resolveu o exercício sem dificuldade.			
		Ordenação de frases para formação de uma história	O exercício era ler oito frases para organizar um texto com sequência lógica e numerar de 1 a 8 essas frases. DEE: “ ‘O João sofreu um acidente quando regressava a casa depois das aulas. Atravessou a passadeira quando o sinal estava vermelho para os peões e foi atropelado. Foi imediatamente socorrido pelo 112. Os pais ficaram muito preocupados quando tomaram conhecimento do acidente e foram logo para o hospital. Como a lesão era grave ficou internado.’ Olha aqui, A., tinhas colocado o n.º 5 e depois quando alteraste não passaste para seis. Acho que foi esse o problema. Depois esta passa a sete e esta é a oito. Vamos ver se isto tem sentido. ‘Os médicos tiveram necessidade de efetuar uma cirurgia à perna direita. Os amigos foram visitá-lo. Passou alguns dias de moletas.’ Está? Quando riscaste e alteraste para introduzires outro número não tiveste atenção.”			

Atividades de escrita	Formação de palavras com dígrafos	O A. começou a trabalhar novamente e a completar as palavras com am/an; em/en; im/in; om/on; um/un. DEE: “Sim. Muito bem. Hum. Hum. Boa.” O A. sentou-se melhor na cadeira no fim de fazer o exercício enquanto esperava que a DEE corrigisse as palavras. O A. estava com outra disposição para trabalhar. A DEE ia lendo alto as palavras que o A. tinha completado: “Camponês; emblema; pintor; cantor; campônio; estante. Aqui é que letra?” A.: “Um o.” DEE: “O? Cinco; impossível; cinto também podia ser canto ou conto. Esqueceste-te deste?” A.: “É com e.” DEE: “Fica vetania. Não. Tem de ser ventania. Emenda.” O A. acrescentou a letra n. DEE: “O que é aqui?” A.: “É um o.” DEE: “Sandálias; zumbido. Já está. (...)”			
	Acentuação de palavras	A DEE entregou uma folha com exercícios para o A. resolver. O A. quando viu a folha: “Isto é para colocar acentos.” DEE riu-se: “Ai que chatice!” O A. baixou a cabeça e deitou-a em cima da mesa. DEE: “Vamos lá A.. Tens de ler a frase.” A.: “Não.” DEE: “É por ou pôr?” A DEE começou a ler a frase [para o motivar a começar a ler]: “O leão salta. Lê a frase. Lê a frase.” A.: “Não.” A DEE leu novamente: “O vidraceiro vai por os vidros.” A.: “Oh! Tenho tudo mal. Deixa lá.” DEE: “Já vamos ver se tens mal. Vá. O Pai Natal espreita.”			

			O A. vai fazendo o exercício e a DEE vai lendo silenciosamente. Quando o A. terminou o exercício, a DEE perguntou ao A.: “Queres alterar alguma?” A.: “Não.” DEE: “Vamos lá ver. Este está certo. O pescador viu o pôr-do-sol. Gosto de andar por aqui e por ali. Não leva acento circunflexo em por [aqui e por ali.] A galinha vai pôr os ovos no ninho. Não é? Está. Vamos lá. Primeiro vamos fazer agora este e depois vamos fazer aquele [exercício].”		
Apoio em grupo	Comunicação oral	Diálogo DEE/alunos /DEE	A.R. tinha o cabelo com resina: “Faz mal ter o cabelo com resina?” DEE: “Não faz bem. Fazer mal também não faz mas não podes ficar com a resina no cabelo.” A.R.: “Como é que se tira a resina do cabelo?” DEE: “Não sei. Temos de saber como sai.” A.R.: “Tenho medo que isto não saia.” DEE: “Sai.” A.R.: “Está a brincar?” DEE: “Se não sair, corta-se esse bocadinho de cabelo.” A.R.: “Ai não.” A DEE foi ver o cabelo: “Isto foi mesmo encostado à árvore. Cheira mesmo.” A.R.: “Eu acho que foi aquela ali.” DEE: “Depois havemos de ver como é que isso sai. Estás mal disposta?” A.R.: “Estou nervosa por ter o cabelo com isto e parece que estou mal disposta.” (...) DEE: “Bem, vamos trabalhar. Logo, já vou à internet ver como se tira a resina do cabelo.” (...) A.R.: “Ó Professora, eu gostava de ter outro nome. (...)” A DEE riu-se: “Isso era se fosses irmã da A.M.” A.M.: “Que dia é hoje?” DEE: “Sete.” A.M.: “Sete do seis de dois mil e dezasseis.”	A DEE começou a perguntar-lhes pelos testes: “R.R. ainda não te perguntei pelas avaliações. Ainda estamos no período de avaliações. Como é que está?” RR.: “Mais ou menos.” DEE: “Isto é o quê, assim o nariz?” RR.: “Mais ou menos.” DEE: “É final de ano, não é?” A DEE foi interrompida pelo R.R.: “A minha irmã deixou-me cair a bolsa e estragou-ma.” DEE: “Já te estás a propor para uma nova. Vamos lá.” R.R.: “Eu sei reconstruí-la. Preciso de fita-cola ou de cola.” DEE: “Uma folha para cada um.” R.R.: “No outro dia, na festa de anos da minha irmã, no meu quarto estava lá um anjinho. Não sei bem o que era aquilo. Sem ver bati no móvel e depois caiu no meio do chão e partiram-se as asas todas.” (...)	

				a nossa professora de ginástica estava assim. Estava a dizer o nome da A.M. e um colega disse que ela era um cavalo-marinho.” A DEE aborrecida: “Conversa, não é?” A.R.: “5ª feira não venho à escola de manhã porque não vou à visita de estudo.” A.M.: “Nem eu.” DEE: “Por que é que não vão à visita de estudo? Porquê?” A.R.: “Eu não ia e a A.M. não vai porque eu também não vou.” A.M.: “Eu não tenho lá ninguém para brincar.” DEE: “Porque é que não vão? Ia ser giro.” A.R.: “Aquilo é só para visitar?” DEE: “Aquilo é para visitar e para brincar também.” A.R.: “Se calhar, no verão, vou a Coimbra, ao Portugal dos Pequeninhos.” DEE: “Portugal dos Pequenitos. Nunca foste?” A.R.: “Não. A minha mãe estava a dizer que era no sábado mas depois quando acordaram já era tarde. Estiveram a dormir.” (...) A.R.: “Quando chegar a casa vou lavar o cabelo bem lavado, se não ainda tenho de cortar o cabelo. Ó professora, o pulmão é onde? O pulmão é aqui?” DEE: “Porquê?” A.R.: “Porque andam a dar dores à minha mãe aqui no pulmão. A minha mãe perguntou-me onde era o pulmão.” DEE: “Os pulmões são aqui. Será que não serão dores nas costas?” A.R.: “Agora, dói-lhe também a barriga. Ataca-lhe a barriga. Houve um dia que ela enervou-se e vomitou. Começou a ver tudo à roda.” DEE: “Tens de lhe dizer para ir ao médico.” A.R.: “Pois. Eu já lhe disse para ir ao médico mas ainda não foi.” DEE: “Vamos lá. Vamos ouvir o que o senhor tem para dizer? Vamos lá.” A.R.: “Tenho de dizer à	
--	--	--	--	--	--

			minha mãe para ir ao médico.”		
	Instruções da DEE aos alunos		A DEE apresentou uma folha a cada aluna com exercício com horas e minutos para as alunas resolverem. DEE: “Olhem, lindas. Estes exercícios são porque vocês ainda não aprenderam muito bem as horas, os minutos e os segundos.” (...)	DEE: “Vamos lá. Diz assim: segue as indicações e descobre o título de um conto tradicional. Observa o exemplo. Pronto. Nós temos laço. Tiram o l. Laço - l = aço. Aqui gato - to = ga. Depois isto é o quê?” D.: “Lima.” DEE: “Lima tira-se li e fica ma. Desculpem é ao contrário. Sai o ma e fica li.” R.R.: “Sai o li.” DEE: “Não. Sai o m. É li - m + a. Não é?” R.R.: “Ah!” DEE: “Pois. Exatamente. Então? Cegonha - ce - o vai dar galinha. Estão a ver a ideia?” R.M.: “Ah, pois!” DEE: “Gelado - gela = do. Vamos lá.”	
Atividades de matemática	Leitura das horas, em relógios de ponteiros		DEE: “Tem 60 minutos. E um minuto?” A.R.: “Tem 60 segundos.” DEE: “Agora, vamos rever os quartos de hora.” (...) A DEE desenhou no quadro um relógio de ponteiros. A.R.: “Professora, eu sei as horas?” DEE: “Espero que sim.” (...) A DEE parou a aula digital para explicar às alunas: “Imaginem. Vamos ver aqui as horas. Vamos fazer esta hora aqui. 12 horas e 8 minutos. O 12 é o das horas. [a DEE desenhou um relógio com os números de 1 a 12 e fez o ponteiro das horas para marcar 12 horas]. Vamos fazer a amarelo onde estão os minutos. 5 é a cor de laranja. Agora vamos contar, 5, 6, 7 e 8 [riscou a amarelo no quadro do 5 até ao 8].” A A.M. bateu com mão na cara: “Ah! Eu não fazia assim.” DEE: “Por isso é que eu estava a dizer que existe um outro ponteiro que é o dos segundos. Agora, só vão aprender as horas e os minutos. Está bem?” A.R.: “Acho que também tive mal porque		

				numa pergunta dizia que eram 2 horas mas o ponteiro estava no 3 e eu pensava que eram 3h30m.” DEE: “Sabes o que pode acontecer? Vou apagar isto. Isto já está percebido. Não está? Pode acontecer o seguinte, por exemplo: eu digo que quero 2h55m. Então, eu vou fazer 55 minutos a cor de laranja. Este dos minutos é 55. Faltam só 5 minutos para serem 3 horas. O ponteiro não pode estar aqui por exemplo. Tem de estar já próximo das 3 horas porque esteve a avançar não é, que é para quando este [o dos minutos] estiver nas 12 ele já estar ali nas 3.” A.R.: “Pois.” DEE: “Que é para quando este estiver aqui, ele já estiver ali. Estão a perceber?” A.R.: “Sim. Eu, às vezes, olho para o relógio e vejo os ponteiros a mexerem. Eles vão andando devagar até ao 3.” DEE: “Está? Percebido? Depois há outra maneira que é a seguinte: a seguir ao meio-dia que horas vêm?” A.R.: “Trinta horas.” DEE: “São 11 horas. Depois são 12 horas e depois?” A.R.: “São 13 horas.” DEE: “Exatamente. 13 horas é 1 hora da tarde. O dia tem 24 horas. Tem ou não tem?” A.R.: “Sim.” DEE: “A seguir às 13 horas, serão as 14, as 15, as 16.” A DEE, a A.R. e a A.M. em coro: “17, 18, 19, 20, 21, 22, 23 e 24.” DEE: “Às 24 horas chamamos meia-noite. Depois vem a 1 hora da manhã [rodando o ponteiro das horas], as 2 da manhã, as 3 da manhã, as 4 da manhã, as 5 da manhã, as 6 da manhã, as 7 da manhã, as 8 da manhã levanta-se a A.M., as 9 da manhã quando entram na escola, as 10 da manhã, as 11 da manhã e o meio-dia ou 12 horas vamos	
--	--	--	--	--	--

				almoçar.” A.R.: “Professora, um dia disse à minha mãe que não é meio-dia e um quarto que é 12h15m.” DEE: “Exatamente. Então, vamos ver no relógio as 12h15m. Como é que fica o ponteiro das horas?” A.R.: “O ponteiro das horas fica a apontar para o 12.” DEE: “Ó A.M., quantos minutos são um quarto de hora?” A.M.: “São quinze minutos.” DEE: “Onde é que fica o ponteiro dos minutos?” A.M.: “Fica a apontar para o três.” DEE: “Porque reparem [desenhou relógio com duas meias horas e depois com quatro quartos de hora] uma hora são 60 minutos, ou seja, tem duas meias horas porque cada meia hora são 30 minutos. 30 minutos mais 30 minutos faz 1 hora. 1 hora tem quatro quartos de hora. Um quarto de hora são 15 minutos. Dois quartos de hora são 30 minutos ou seja meia hora.” (...) DEE: “Quando o ponteiro das horas está nas 9 horas e o dos minutos no 3 podem ser 9h15m ou então serem 21h15m. Quando é que dá o telejornal é às 20 horas que é às 8 horas da noite não é? Vocês veem no cantinho da televisão as horas e depois vão passando os minutos e as horas.” A.R.: “A minha mãe explicou-me as horas.” (...) A DEE corrigiu os exercícios com as alunas. DEE: “Afinal, já não temos internet mas vou pesquisar na sala dos professores e digo-te à tarde. Uma hora tem quantos quartos de hora?” A.M.: “Tem quatro.” DEE: “Tem quantas meias horas?” A.M.: “Duas.” DEE: “60 minutos tem quantas meias horas? Tens aqui deste lado meia hora e deste lado meia hora. Certo?”	
--	--	--	--	---	--

				Quantas meias horas é que eu fiz aqui?” A.R.: “Quinze mais quinze.” DEE: “Não. Está aqui uma e está aqui outra. Meia mais meia são duas meias horas. Uma hora são 60 minutos. Isto são 60 minutos. 60 minutos é meia hora e mais meia hora. É ou não é? Estás a perceber o que te estou a dizer?” A.R.: “Sim.” DEE: “Meia hora mais meia hora. Quantas meias horas estão aqui? Meia hora mais meia hora? São quantas? São quantas?” A.R.: “São quatro.” DEE: “Não.” A.R.: “Ai! Meia hora?” DEE: “Agora, estamos a falar nas meias horas. Se forem quartos de hora destes quantos existem numa hora?” A.R., A.M. e DEE: “1, 2, 3 e 4.” DEE: “Certo? Agora, se forem meias horas, quantas temos numa hora?” A.M.: “1, 2.” DEE: “Duas.” A.R.: “Tenho mal.” DEE: “Está! Atenção. O ponteiro mais curtinho é o das horas e o mais comprido é o dos minutos.” A.R.: “Eu tinha escrito aqui o contrário.” DEE: “Agora, vão fazer os ponteiros neste relógio aqui. Fazem aqui uma hora. Não se esqueçam que o ponteiro mais curto é o das horas e o mais comprido é o dos minutos.” A.R.: “Assim é uma hora?” DEE: “Estás a mexer no ponteiro dos minutos. Faz lá isso direitinho.” A.R.: “Já estou a perceber.” DEE: “Pode ser de noite ou de dia. De dia são 13 h e de noite é 1 h da manhã.” A.R.: “As nossas estão iguais.” DEE: “Têm um problema. Se errar uma erra a outra.” A.R.: “Pois.” DEE: “Mostra cá.” A.R.: “Assim?” DEE: “Muito bem.”	
--	--	--	--	--	--

			A.R.: “Finalmente.” DEE: “Faz dois relógios com ponteiros e mostra-me.” A.R.: “Sim.” (...) A.M.: “Eu também já estou a perceber as horas. 15 horas é aqui no 3.” A.R.: “Não me distraias.” A.M.: “3 horas é aqui para serem 15 horas.” DEE: “Se estavas a dizer que eram iguais, ficam na mesma posição os ponteiros a marcar as 3 horas e as 15 horas. Repara 12, 13, 14 e 15.” A.M.: “Ah! Pois, isso. Também me parecia.” A.R.: “Ai! Desculpa!” DEE: “Olha, aqui tinham de fazer ponteiros na mesma posição. Estes também ficavam iguais 16h30m e 4h30m.” A.M.: “Quais é que eram?” DEE: “Era este e este aqui.” A.M.: “Não estão iguais.” DEE: “Este das 4h30m não está bem e este também não [16h30m].” A.M.: “Aqui é que tinha de estar também o ponteiro no 4 para serem 16. Oh!” DEE: “O outro estará bem?” A.M.: “Este?” DEE: “Sim.” A.M.: “Não.” DEE: “Pois não. Que horas marca ali?” A.M.: “16 horas. Tenho de meter o ponteiro no 6.” DEE: “Não. Olha. Conta 12, 13, 14, 15 e 16.” A.M.: “Tenho de colocar o ponteiro no 4.” (...) DEE: “Vamos só acabar isto. 17 horas, já está bem. 18 horas. O resto está certo A.M. e tu A.R. falta só aí um. Deixa ver. Também fizeste bem. (...)” (...) DEE: “(...) Este ponteiro tem de ser maior senão não se distingue. (...)”		
		Leitura das horas, em computador	A DEE tentou que o computador se ligasse à internet mas não conseguiu. (...) DEE: “Posso pôr [aula digital sobre horas,		

				minutos e segundos]?” A.R. e A.M.: “Sim.” A A.R. e a A.M. começaram a ouvir a aula digital através do computador: “Para saber as horas, os minutos e os segundos utiliza-se um relógio. Ding, ding, ding. Se o relógio for digital indica a hora à esquerda e os minutos à direita.” O som parou e a DEE: “Começa ali a secundária a puxar a internet por estarmos quase na hora de almoço [cerca das doze horas] e agora começa a não dar se calhar.” O som voltou novamente: “Nos relógios de ponteiros há três ponteiros diferentes, o das horas, o dos minutos e o dos segundos. O ponteiro dos minutos demora 60 segundos para dar uma volta. O ponteiro dos minutos é mais largo que o dos segundos. Cada 60 minutos é uma hora. O ponteiro das horas é o mais curto. Dá uma volta completa em doze horas ou em meio-dia.” A.R.: “Ah! O ponteiro mais curto é o das horas e o mais largo é o dos minutos.” Som da aula digital: “Para sabermos as horas exatas temos de saber também os minutos e os segundos exatos.” DEE: “Veem quando apareceu o [ponteiro] dos minutos apareceu isto aqui a toda a volta [cor laranja]?” A.R.: “O mais importante é o mais ponteiro pequeno.” DEE: “Todos têm valor. Apareceram os minutos com uma cor diferente. Quando apareceu o ponteiro dos minutos apareceu a contagem dos minutos daquela zona. Ora vejam aqui. 5, 10, que ali estão a cor de laranja.” A.R.: “Pois. Porque estão a dizer que o 1 é o 5. O 2 é o 10.” (...) Som da aula digital: “Quando são nove horas e quinze minutos num		
--	--	--	--	--	--	--

				relógio de ponteiros podem ser 9h15m ou 21h15m.”		
	Léxico: formação de novas palavras	Substituição de consoante e vogal ou só consoante			D.: “Isto é o quê Professora?” DEE: “É um selo. Aqui ainda te falta o e, l, a. Não é?” D.: “Sim. Já está.” DEE: “Retiras o c, vamos. Aqui escreves o v e aqui o o. Isso dá o quê?” R.M.: “Não estou a entender. Não estou a conseguir.” DEE: “Viste o exemplo?” R.M.: “Ah! Já sei. Pronto. Já sei, Professora.” DEE: “Começaste de dentro para fora. Es-tranho. Por exemplo: estojo. Quero mais. Risca agora e tira o o,i,s. Fica o d.” Os alunos continuaram a fazer exercícios de aplicação para descoberta de palavras através de troca de consoantes, dígrafos e sílabas. O D. nunca pedia ajuda à DEE. A DEE apercebeu-se que o D. estava com dificuldade e foi ver o que ele estava a fazer. D.: “Ja fazer esta palavra aqui.” DEE sorriu: “Ias fazer essa aí?” D.: “Isto aqui é o quê?” DEE: “Isso é um touro.” D.: “Mas é a começar ou pode ficar no meio?” DEE: “É a partir daí. É a partir da sílaba destacada.” D.: “Ah!” DEE: “A destacada é esta. Está bem? Parte-se sempre dessa para criar palavras. Toda a gente chegou a esta? Sim? A galinha dos ovos porque aqui não é copos. Ó meninos vão lá à frase, em cima. Quando vocês têm copos vocês puseram copo mas tu tens certo. Se tiras o c e o p fica ovos porque não está só um ovo estão dois. É plural. Pronto. Agora, aqui. Estranho. Estojo. Rapidamente, encontrei seis. Davam para encher as linhas todas.” R.M.: “Podia começar a	

					substituí-las.” DEE: “Ah! Olha o que o R.M. se lembrou. Realmente não diz que não possa ser dessa maneira. Certo. Dá a palavra este.” R.R.: “Foi a minha primeira [palavra].” DEE: “É giro este exercício. Hein?” R.R.: “É um bocadinho difícil.” DEE: “Hein!” R.R.: “Difícil.” DEE: “Difícil?” R.R.: “O estar a pensar nas palavras.” DEE: “Está tudo é a pensar nas férias. Acho eu.” R.R.: “Pois está.” DEE: “R.R. não vale usar o exemplo. Falta aqui uma palavra. Escreveste empresa mas essa é a do exemplo.” D.: “Posso escrever pétalas aqui?” DEE: “Ora vejam bem. O D. a sair-se, a querer acrescentar pétalas à flor.” D.: “Encontrei.” DEE: “Falta aqui uma. Vá lá. Dá com as sílabas que já usaste.” D.: “Posso repetir as sílabas?” DEE: “Neste exercício podes. Tens é de construir palavras novas.” R.M.: “O D. estava a dizer que ia copiar.” DEE: “O D. estava a copiar?” D.: “Também não estava a perceber a tua letra.” DEE: “Olha lá isso. Olha o D. a copiar! Isto para mim é novidade! O D. não é nada disto.” R.R.: “Ele está a querer copiar.” DEE: “Vá lá.” R.M.: “Não consigo encontrar mais nenhuma, Professora.” DEE: “Não?” R.M.: “Não.” R.M.: “Ah!” DEE: “Já descobriste mais uma? O que é isto?” R.M.: “Escova.” DEE: “Não percebo a letra. Es e as outras letras?” R.M.: “Es-co-va.” (...) O D. continuou ainda a resolver os exercícios.	
--	--	--	--	--	--	--

					DEE: “Olha, aí o <i>nh.</i>” D. leu a palavra <i>trabano</i>: “Trabalho!” DEE: “Não é trabalho.” (...) A DEE foi fazer a correção no quadro dos exercícios que os alunos estiveram a resolver. DEE: “R.M., em que palavras escreveste <i>am</i>?” R.R.: “Ele tem mal, Professora. Escreveu com <i>n.</i>” DEE: “Antes da letra <i>p</i> e da letra <i>b</i> e no final das palavras escrevemos a letra <i>m.</i>” R.R.: “Empresa. Estranho.” DEE: “Estranho. Sim, já está no exemplo.” R.M.: “Emprego.” DEE: “Já está? Posso começar mesmo a corrigir?” R.M, R.R. e D.: “Sim.” DEE: “Vamos lá então. Vamos lá. Vamos corrigir.” R.R.: “Estranho.” DEE: “R.R., diz.” R.R.: “Qual? Do primeiro ou do segundo?” DEE: “Do primeiro.” R.R.: “Este, estou, escada, escova, estrada.” DEE: “Hein?” R.R.: “Estrada. Es-tra. Falta aqui o quê?” DEE: “Não está cá nenhum <i>da</i>.” R.M.: “Escovada.” R.R.: “Escovada é o quê?” R.M.: “É uma mulher escovada.” R.R.: “O que é que é isso?” DEE: “Não. Isso usa-se por exemplo: escovar os cavalos. A égua está escovada.” D.: “Posso dizer esta?” DEE: “Tu! Descobriste alguma nova?” D.: “Não.” R.R.: “Nem eu.” DEE: “Não? Deixa ver. Escada, escova, estrada, estrado.” D.: “O que é isso um estrado?” DEE: “Um estrado é por exemplo: vamos por um estrado para cantarmos lá em cima.” R.R.: “Um palco. Estás a ver aquela cena de madeira onde vão atuar. Isso é que é um estrado.” DEE: “Exatamente. Lá
--	--	--	--	--	---

					fora montaram aquele palco com um estrado de madeira que vai servir para a festa. Vá próximo. O que é que vocês descobriram?” R.M.: “Emblema.” R.R.: “Também tenho embrulho.” DEE: “Emblema, embrulho e emprego. Alguém encontrou outra?” R.R.: “Espere, espere. Não.” DEE: “Esta flor tinha menos pétalas. Por acaso também não encontrei mais nenhuma. Está?” Os alunos calaram-se.	
		Ordenação de sílabas			DEE: “Vamos lá. A partir de sílabas trocadas construam palavras.” D.: “Borboleta.” DEE: “Ó D. vocês também já fizeram palavras a partir de um texto mas a lógica era a mesma. Eu estava na sala de aula e preparei os exercícios iguais a esses mas com outro texto.” R.R.: “Já sei.” DEE: “Então? Hoje quem está fortíssimo é mesmo o R.M., como já disse. Fantástico.” D.: “Esta é fácil, a primeira deste lado.” DEE: “São todas fáceis.” R.R.: “Esta é fácil.” R.M.: “Falta-me a última.” R.R.: “Não sabes? Qual?” R.M.: “A última.” R.R.: “Se calhar até vamos fazer estes dias, Educação Física.” R.M.: “Ginástica.” D.: “É Educação Físico-Motora e não Ginástica.” DEE: “Este objeto tem três cores.” R.R.: “Já sei. Semáforo.”	
		Recorte e colagem			Quando o R.R. acabou o exercício, a DEE: “Começa a cortar para colar.” A DEE continuou a verificar o trabalho que o D. e o R.M. estavam a fazer. R.R.: Já está. Cortei mal.” DEE: “O quê? Cortaste mal? Não cortaste nenhuma palavra, já é bom.” O R.R. colou a folha no seu caderno. (...) O R.M. terminou o	

				exercício. Escreveu a data no seu caderno. Recortou e colou a folha dos exercícios no caderno. (...) DEE: “Avançamos? D., põe aqui [a cola] que já arrumo. Vais-me só fazer um favor. Pões só aqui a data para depois colar.”	
Regras de ortografia	Acentuação de palavras			DEE: “Muito interessante. Olhem aqui. ‘Seleciona as palavras sugeridas e completa com por e pôr.’ Primeiro lê um, depois o outro e depois o outro. Está?” R.M.: “O leão salta por entre os lagos.” DEE: “Tem acento ou não?” R.M.: “Não tem.” DEE: “Está bem. Está certo?” Alunos: “Está.” DEE: “Ponham certo. É uma vez cada um. A seguir, é o D.” D. leu: “O pai vai pôr os vidros novos.” DEE: “Leva acento ou não?” D.: “Leva.” DEE: “Boa.” R.R.: “O pescador vê o pôr-do-sol.” DEE: “É com acento ou sem?” R.R.: “Tem chapéu.” DEE: “Muito bem.” A DEE certificou-se se os outros dois alunos tinham bem: “Está certo. A seguir.” R.M.: “Vai pôr os livros na mochila. Pôr tem acento.” DEE: “A seguir, és tu R.A.” R.A.: “É com chapeuzinho.” DEE: “Não é essa!” R.A.: “É! É!” DEE: “Ah! Acertaste.” D.: “A mãe vai pôr o frango no forno.” DEE: “É com acento ou sem acento?” D.: “Sem.” DEE: “É com [acentos].” D.: “Ah! Pois é.” DEE: “Senão lia-se por. A seguir.” D.: “É tudo com acento.” R.R.: “Não é nada. Aqui tem, aqui não, aqui tem, aqui tem.” DEE: “Não, não.” D.: “É muito estranho.” R.R.: “Parece.” R.M.: “A galinha vai pôr	

				os ovos no ninho.” DEE: “Tem acento ou não?” R.M.: “Tem.” DEE: “Está certo? Tens de ter cuidado com os teus ‘r’ e ‘s’ são muito semelhantes. Está [bem]? Falta a última.” R.R.: “Vai pôr o lanche na mochila. É com acento.” DEE: “Não era essa.” R.R.: “Era, era.” DEE: “Como é isso? Como é que se escreve pôr?” R.R.: “É com acento.” DEE: “É com acento. Senão lia-se por. Não puseste acento, R.M.?” R.M.: “Não.” DEE: “Estou a ver. Vamos lá seguir.” R.R.: “Envelope. Aqui não dá envelope, professora! Pois! Deste lado não dá.” R.M.: “Pois não.”	
		Escrita de palavras num crucigrama		DEE: “Mas vamos primeiro fazer na horizontal. Já todos fizeram essa partezinha?” R.R.: “Posso dizer?” DEE: “Já? Como é que é na horizontal? Vamos fazer assim. Uma, uma, uma e depois voltamos ao início.” (...) DEE: “Não! Como é que é na horizontal?” D.: “É assim [fez o gesto com o braço direito]. Chiu.” DEE: “E na vertical?” R.M.: “É ao alto. D., faz tu.” DEE: “Vá lá.” D.: “En-vlo-pe.” DEE: “Desculpa. En-ve-lo-pe.” D.: “Então é com e.” DEE: “Pois. En-ve-lo-pe.” D.: “Envelope, envelope.” R.R.: “A primeira é envelope. A segunda é armário. A três é espada.” DEE: “Disseste que é armário mas não está bem. Vejam bem. Isso é uma estante.” R.R.: “Isso não pode ser.” R.M.: “Pode sim. Vê as setas que estão ao lado.” R.R.: “A outra que estavas a dizer era computador.”	

					R.M.: “Não dá. Envelope tem de ser deste lado.” R.R.: “Porta, casaco.” D.: “Camisa.” DEE: “Muito bem.” R.M.: “Cerejas.” DEE: “Ai são tão boas, agora. Ah! Isto não está bem. Disseste que era armário e não é.” R.R.: “É estante.” DEE: “É estante.” R.M.: “Mas deu armário também.” DEE: “Mas não está bem. Depois a outra palavra ficava aí engasgada.” R.M.: “Já fiz um lado todo. Professora, aqui o que é isto?” DEE: “Isso é uma camisola.” R.M.: “Aqui tem dois três, dois quatros, dois cinco.” DEE: “Sim, porque uma imagem é da linha horizontal e a outra é da vertical.” D.: “Casaco dá?” R.R.: “Fazes primeiro este último. Depois já sabes mais ou menos qual é este e já tens uma pista.” DEE: “Isto não é assim.” D.: “Este dói. É difícil este exercício.” DEE: “Achas?” D.: “Sim.” R.R.: “Este é complicado. Faz pensar bastante.” DEE: “Adiante.” R.M.: “Estou quase a acabar. Este é cereja?” DEE: “Sim. Já fizeste tudo?” R.M.: “Já.” DEE: “O R.M. hoje está fortíssimo. Vamos corrigir. É cerejas. Falta-te o s.” R.M.: “Hein!” DEE: “Olha aqui. Tu tens aqui cereja não tens mas tu estás a colocar aqui um i, mas o estranho é que depois faltava uma quadrícula não era?” D.: “Eu escrevi com ch.” R.M.: “A sério? Chereja.” DEE: “Vamos corrigir este aqui [escreveu no quadro cerejas].” R.R.: “Camisa.” D.: “Relógio é com g ou	
--	--	--	--	--	--	--

					com j?” DEE: “Relógio é com g.” R.R.: “Só me falta fazer o seis.” DEE: “Já está R.R.?” R.R.: “Sim.” DEE: “Então, vamos lá?” DEE: “Vamos lá. Meninos, vamos corrigir. (...)” (...) A DEE riu-se: “Foi castigo. Vês o que faz ser mentiroso? Bem. Vamos fazer primeiro as horizontais todas. Está bem? Um, R.R.?” R.R.: “Ninho.” DEE: “É para ver se está escrito assim. Toda a gente confirmou.” Alunos em coro: “Sim.” DEE: “Dois?” D.: “Nuvem.” DEE: “Isso não é na horizontal.” D.: “É envelope.” DEE: “É envelope.” O D. soletrou alto a palavra: “En-ve-lo-pe.” DEE: “Três?” R.M.: “Três é computador.” DEE: “Computador. Toda a gente escreveu bem?” Alunos: “Sim.” DEE: “Está? Quatro?” R.R.: “Pregos.” A DEE vai continuando a escrever as palavras que os alunos vão dizendo no quadro. DEE: “Pregos. Toda a gente tem?” R.M.: “Cinco: cadeira.” DEE: “Sim.” D.: “Seis: relógio.” DEE: “Muito bem. Olhem lá. Relógio.” R.R.: “Falta-me o acento no o.” DEE: “Sete?” R.M.: “O sete é cereja.” DEE: “Cerejas. Tive de corrigir quase em todos mas verifiquem.” R.R.: “Sim, sim, sim.” R.M.: “Oito?” DEE: “Oito.” D.: “Seringa.” DEE: “Seringa. Verifiquem lá. Se-rin-ga.” R.R.: “Tenho mal.” D.: “Eu também.” R.M.: “Se-rin-ga. S-e-r-i-n-g-a.” DEE: “Verifiquem bem as horizontais e vamos às verticais. R.M.,	
--	--	--	--	--	--	--

				confirmaste tudo?” R.M.: “Sim.” DEE: “Horizontais. Hã. Desculpem. (...)” DEE: “(...) Verticais. Um.” R.R.: “Estante.” R.M.: “Estante.” D.: “Es-tan-te. Pois é.” DEE: “Dois?” R.M.: “Espada.” DEE: “É o quê? No dois é espada?” R.R.: “Espada. Ah!” DEE: “No dois?” R.R.: “No dois?” R.M.: “É nuvem.” DEE: “Nuvem. Olhem aqui. É com <i>em</i>. Três?” D.: “Píncel.” DEE: “Está? Verifiquem píncel, por favor.” R.R.: “Onde é que está píncel?” DEE: “Ali [apontando para o quadro onde estava escrita a palavra píncel]. Quatro?” R.M.: “Porta.” DEE: “Cinco?” D.: “Gato.” DEE: “Seis?” R.R.: “Camisa.” R.M.: “Casaco. Isto dá casaco.” R.R.: “Ah! Isto é um casaco?” R.M.: “Sim, não estás a ver. Olha as letras.” DEE: “Agora, vou corrigir e vão fazer isto. Dão-me isso.”	
Consciência fonológica	Identificação de imagens			DEE: “Então, vamos ver que imagens temos aí. Temos o quê, D.?” D.: “O primeiro é um relógio, depois temos uma cegonha, uma girafa, um limão.” DEE: “Isso não é um limão. Olhem para as palavras aí apresentadas. Vejam se descobrem.” R.M.: “Parece uma laranja. A mim parece-me uma laranja. A palavra jacaré começa por ja, também!” DEE: “É uma laranja, sim. A outra, a seguir o que é?” R.R.: “É um prato de sopa.” DEE: “É sopa. Vamos ver o que assinalaram. Começas tu, D.. O que assinalaste na primeira?” D.: “Foi tigre e geleia.” DEE: “Está certo. Vocês põem certo quando acertam. Já sabem.	

					Avancemos. Segunda, R.R..” R.R.: “Rodeei alho e nariz.” DEE: “Muito bem. Todos acertaram. Vamos ao próximo.” R.M.: “Guitarra e fonte.” DEE: “Certo. Agora vem a da laranja, D.” D.: “Lente e chávena.” DEE: “Vocês têm bem?” R.R. e R.M.: “Sim.” DEE: “Vamos à última imagem?” R.R.: “Rodeei tesoura e bandeira.” DEE: “Estou a ver que gostaram e que acertaram todos.” R.R.: “Este não era difícil.”	
		Discriminação de sílabas iguais e diferentes			DEE: “(...) Diz assim: assinala as palavras que não têm, pelo menos, uma sílaba semelhante à imagem. Comparam a imagem que está atrás e leem as palavras que estão à frente dela.” R.R.: “O primeiro é fácil. É um relógio. Sabemos que a palavra regador está bem.” DEE: “Mas não assinalam as que estão bem. É ao contrário. Vão assinalar as palavras que não têm uma sílaba semelhante à imagem.” R.R.: “Ah, pois! Essa não a rodeio.”	
Produção de texto	Ordenação de frases				DEE: “Ainda queria fazer isto com vocês. Vocês têm aí várias frases e têm de numerá-las de modo a fazerem uma história ou um texto que faça sentido. Está bem?” R.R.: Professora, nós temos de fazer o texto?” DEE: “Não. Não.” R.R.: “Já conheço este texto. Lembro-me da psicóloga.” R.R.: “Ele também fez e ele também fez.” DEE: “Então, é para ficar certinho. Agora, que estão a falar nisso, o vosso colega também tinha dito qualquer coisa.” D.: “Também já não me lembro muito bem.” R.R.: O dois é aqui. O três é aqui. O quatro é aqui. O cinco é aqui. Ai não. Aqui é o seis. O cinco é que é aqui.” DEE: “D. dá-me o teu caderno, se faz favor.”	

					D.: “Já está. (...)” DEE: “Vamos corrigir. Vamos lá. Quero que tu leias a tua história.” R.R.: “Eu?” DEE: “Sim. Vais ler pela ordem. Um.” R.R.: “O João teve um acidente quando regressava a casa depois das aulas.” DEE: “Toda a gente concorda?” Alunos: “Sim.” R.M.: “Espere. Deixe-me pôr aqui um certo.” DEE: “R.M., lê o dois.” R.M.: “Atravessou a passadeira quando o sinal para os peões estava vermelho e foi atropelado.” DEE: “Muito bem. Três, D.” D.: “Foi imediatamente socorrido pelo 112.” DEE: “Certo. Quatro.” R.R.: “Como a lesão era grave ficou internado.” DEE: “Cinco. Qual foi o teu cinco?” R.M.: “Os pais ficaram muito preocupados quando tomaram conhecimento do acidente e foram logo para o hospital.” DEE: “E o seis?” D.: “Os amigos foram visitá-lo.” DEE: “O sete?” D.: “O sete? Onde é que está o sete?” Está aqui. ‘Os médicos tiveram necessidade de efetuar uma cirurgia à perna direita’.” DEE: “Achas que o sete está bem aí?” R.R.: “Ele primeiro tinha de ser internado para lhe fazerem a cirurgia.” DEE: “Então tu consideras isso. Então vamos pôr: Como a lesão era grave ficou internado. Certo?” R.R.: “Esse é o cinco.” DEE: “Sim. Olhem. Eu vou ler a minha: Um: O João teve um acidente quando regressava a casa depois das aulas. Dois: Atravessou a passadeira quando o sinal para os peões estava vermelho e foi atropelado. A seguir, três: foi imediatamente socorrido pelo 112. Certo?” Alunos: “Sim.”	
--	--	--	--	--	---	--

					DEE: “Quatro: Os pais ficaram muito preocupados quando tomaram conhecimento do acidente e foram logo para o hospital. Cinco: Os médicos tiveram necessidade de efetuar uma cirurgia à perna direita. Seis: Como a lesão era grave ficou internado. Puseste como?” D.: “Como a lesão era grave ficou internado.” DEE: “E depois é que puseste ‘Os médicos tiveram necessidade de efetuar uma cirurgia à perna direita’. Também não me parece mal.” D.: “Eu fiz como fiz na psicóloga e ela disse-me que estava certo.” DEE: “A seguir. Sete: Os amigos foram visitá-lo.”	
Avaliação de uma aluna	Preparação de materiais e da aluna	Conversa da DEE com a aluna				DEE: “Senta-te aqui. Olha, há uns tempos atrás a tua professora pensou que eu devia fazer-te umas perguntas. Então, é isso que eu vou fazer. Vamos fazer uns joguinhos. Está bem? Vou fazer-te umas perguntas mas não vou conseguir fazer-te tudo. Depois amanhã vou-te buscar outra vez para fazeres o resto. Vamos começar por fazer estas fichas diagnósticas. Pronto.(...)” (...) DEE: “(...) Agora, vais ouvir o que te vou dizer. Se eu te disser branco, vermelho e azul tens de repetir as palavras que eu disse que é para ver se estás atenta aquilo que eu disse. Está bem?” Aluna: “Sim.” DEE: “Estás a perceber? Vamos lá. Vou dizer nomes, números, frutas. Está bem?(...)” (...) DEE: “(...) Não estás nervosa, pois não?” Aluna: “Não.” A DEE (...): “Até pensei que estavas nervosa. Isto é tudo fácil. Sabes tudo! Os testes correram bem? Já os receberam?” Aluna: “Já. Tive suficiente a Português,

					não 63. A Matemática tive 70, Bom e a Estudo do Meio não sei mas tive Suficiente.” DEE: “Não sabes é a cotação que tiveste a Estudo do Meio. É isso?” Aluna: “A Expressão Plástica sei que tive Bom também.” DEE: “Muito bem. Então, vá. (...)”
		Materiais utilizados pela DEE			DEE: “Muito bem. Deixa-me só organizar as minhas papeladas. (...)” (...) DEE: “(...) Vou fazer-te aqui umas linhas para não te sentires tão perdida sem linhas. (...)” A DEE continuava a traçar linhas na folha (...).
Identificação	Dados pessoais				DEE: “(...) Vais dizer o teu nome completo.” A aluna soube dizer o nome completo. (...) DEE: “Sabes qual é a tua data de nascimento?” Aluna: “3/7/2008” DEE: “És da idade da minha filha. (...)” (...) DEE: “(...) Sabes o nome da mãe e do pai? Sim?” Aluna: “Sei.” (...) DEE: “Sabes a tua morada?” Aluna: “A minha casa não tem morada.” DEE: “Ai não? Sabes a Rua?” Aluna: “Rua Nova.”
Esquema corporal	Identificação das partes do corpo				DEE: “Ah! Está bem. Vais-me dizer onde tens o pulso.” A aluna agarrou o pulso. DEE: “Onde tens a palma da mão.” A aluna indicou a palma da mão. DEE: “Vais-me dizer onde tens o tornozelo.” A aluna indicou o tornozelo. DEE: “Vais-me dizer onde tens o cotovelo.” A aluna indicou o cotovelo. DEE: “Vais-me dizer onde tens o ombro.” A aluna indicou o

					ombro. DEE: “Vais-me dizer onde tens a sobancelha.” A aluna não indicou a sobancelha. Ela apontou para a pálpebra do olho.
Lateralidade	Observação da dominância lateral				DEE: “Hu, hu, hu. Ok. Vamos ver. Agora, vamos fazer de conta que isto é uma colher [era um lápis]. Vais fazer de conta que estás a comer a sopa.” A aluna fez o gesto com a mão esquerda: “Fácil.” DEE: “Faz de conta que estás a pentear-te.” A aluna fez o gesto de estar a pentear-se apesar de ser com o lápis com a mão esquerda. DEE: “Imagina que é uma escova e que estás a escovar a roupa. Escova-me lá a roupa.” A aluna utilizou a mão esquerda mas não fez bem o gesto de escovar a roupa. DEE: “Agora, escova os dentes.” A aluna fez o gesto de escovar os dentes, com a mão esquerda. A DEE deu-lhe uma régua: “Imagina que isto é um martelo.” A aluna pegou na régua com a mão esquerda. DEE: “Para martelares fazias com essa mão? Fazias?” Aluna: “Sim [martelava com a mão esquerda].” DEE: “Se tivesses de pegar nesta tesoura, com que mão lhe pegavas?” Aluna: “Era com esta [pegou na tesoura com a mão esquerda].” DEE: “Agora, vou pedir-te que subas para cima de uma cadeira.” A aluna levantou primeiro o pé direito [para subir para cima da cadeira]. DEE: “Se eu te pedisse para chutar numa bola, com que pé ias chutar?” Aluna: “Direito [chutava com o pé direito].”

					DEE: “Agora, vou pedir-te para espreitares por este canudo.” A aluna espreitou com o olho esquerdo. DEE: “Consegues ver-me?” Aluna: “Sim.” DEE: “Agora, vou pedir-te se consegues espreitar por aquela fechadura e veres para o outro lado. Vês alguém do outro lado?” Aluna: “Não. [Tentou ver alguém mas não conseguiu e voltou a espreitar com o olho esquerdo].” DEE: “Este relógio faz tic-tac, tic-tac. Às vezes, estou na cama e estou a ouvi-lo. Escuta-o lá.” A aluna escutou o relógio com o ouvido do lado direito.
		Reconhecimento da lateralidade em si e no outro			DEE: “Agora, vais pôr a mão direita no nariz.” A aluna fez bem o gesto [pôr a mão direita no nariz]. DEE: “A mão esquerda sobre a cabeça.” A aluna fez bem o gesto que a DEE lhe ordenou [pôr a mão esquerda sobre a cabeça]. DEE: “A mão direita na orelha direita.” A aluna fez bem o gesto [colocar a mão direita na orelha direita]. DEE: “A mão esquerda no olho esquerdo.” A aluna fez bem o gesto que a DEE mandou [pôr a mão esquerda no olho esquerdo]. DEE: “A mão direita no joelho esquerdo.” A aluna fez bem o gesto que a DEE ordenou [colocar a mão direita no joelho esquerdo]. DEE: “A mão esquerda no olho direito.” A aluna não fez bem o que a DEE mandou [colocar a mão esquerda no olho direito]. A DEE apesar de a aluna ter feito mal: “Muito bem. Agora, vais tocar com a tua mão direita na minha mão esquerda.” A aluna fez bem o que a DEE mandou [colocar a mão direita na minha mão esquerda]. DEE: “Vais tocar com a tua mão esquerda no

					meu ombro direito.” A aluna voltou a fazer mal o que a DEE mandou [colocar a mão esquerda no meu ombro direito].
Noções temporais	Discriminação dos dias da semana/ meses e estações do ano				DEE: “(...) Agora, vais-me dizer que dia é hoje.” Aluna: “7/6/2016” DEE: “Qual é o dia da semana?” Aluna: “É terça.” DEE: “Que dia foi anteontem?” Aluna: “Foi domingo.” DEE: “Que dia será depois de amanhã?” A aluna respondeu bem: “5.ª feira.” DEE: “Quantos dias tem um ano?” Aluna: “Tem trinta e sessenta e seis ou trinta e sessenta e sete.” A aluna não respondeu bem. DEE: “E o mês de fevereiro? Quantos dias tem?” Aluna: “Tem 28 ou 29.” (...) DEE: “Em que mês estamos?” Aluna: “Julho” DEE: “Ju.” Aluna: “Junho.” DEE: “Em que mês se festeja o Natal?” Aluna: “Dezembro.” DEE: “Qual é o mês anterior a agosto?” Aluna: “Junho. Julho.” (...) DEE: “Quantas estações tem o ano?” Aluna: “Quatro.”
		Correspondência hora/ minutos			DEE: “Uma hora tem quantos minutos?” Aluna: “24. Não. Tem 60 minutos.” DEE: “60?” Aluna: “Sim.”
	Audição	Memória auditiva			DEE: “(...) Então: 57, 72, 93.” Aluna: “57, 72, 93.” DEE: “Muito bem. Agora nomes: Ana Paula, João Filipe, Carla Cristina.” Aluna: “Ana Paula, João Filipe, Carla Cristina.” DEE: “Muito bem. Agora: maçã, pera, banana, uva, diospiro.” Aluna: “Maçã, pera, banana, uva, diospiro.” DEE: “Cores: castanho, amarelo, azul, verde, preto, vermelho.” Aluna: “Castanho, amarelo, azul, preto,

					castanho.” DEE: “Agora cidades: Porto, Aveiro, Santarém, Lisboa e Coimbra.” Aluna: “Porto, Aveiro, Santarém, Lisboa e Coimbra.” DEE: “Boa. Muito bem. Agora, vou fazer batimentos com um lápis. Imagina este batimento. Depois tinhas de reproduzir.” A DEE fez alguns batimentos e a aluna reproduziu-os utilizando um lápis.
		Perceção auditiva			DEE: “Agora vou dizer palavras que podem ser iguais ou diferentes. São muito parecidas. Algumas têm o som da mesma letra. Eu vou pôr a folha à frente que é para não estares a ver as palavras escritas também. Vaca/faca. Tu dizes se são iguais ou diferentes. Percebeste a ideia? Então: Vaca/faca é igual ou diferente?” Aluna: “Igual.” DEE: “Próxima. Vaca/vaca.” Aluna: “Igual.” DEE: “Vaca/faca.” Aluna: “É diferente.” DEE: “Meta/meta.” Aluna: “É igual.” DEE: “Meta/meta.” Aluna: “É igual.” DEE: “Chá/chá.” Aluna: “É igual.” DEE: “Já/chá.” Aluna: “É parecido.” A DEE riu-se: “Mas achas que é igual?” Aluna: “Não.” DEE: “Muito bem. Chá/já.” Aluna: “É diferente.” DEE: “Pão/não.” Aluna: “É diferente.” DEE: “Muito bem. Não/não.” Aluna: “É igual.” DEE: “Pão/pão.” Aluna: “É igual.”
Leitura e escrita	Leitura de texto				DEE: “(...) Tu vais ler o texto.” Aluna: “Este?” DEE: “Sim. Só um bocadinho. Não é preciso leres o texto todo. Eu depois leio-te o texto todo. Vá. Está bem? Lê lá só um bocadinho para eu ver se já sabes ler, aí umas quatro linhas.” Aluna leu: “O sábio que sabia tudo. Era uma vez um homem que dizia ser

					sábio. Um dia encontrou-se com outro homem à beira do rio Tejo. Foram andando e conversando. O sábio disse que sabia tudo! E começou a fazer perguntas ao outro homem. Perguntou-lhe: - Que é uma linha reta [reta]? E uma linha curva? E que forma tem a Terra? O outro homem não sabia responder. Ele não sabia o que é uma linha reta [reta]!” DEE: “Reta.” Aluna: “Reta! Nem o que é uma linha curva! Nem que forma tem a Terra! Então o sábio pôs-se a rir. E disse-lhe e disse: - Eu sei tudo e tu não sabes nada. És um ignorante [ignorante]!” DEE: “Ignorante.” A aluna não repetiu e simplesmente disse: “Sim. Foram andando, andando. Mas, de repente, o sábio escorregou e caiu na água do rio.” DEE: “Já chega. Muito bem. (...)” (...) A DEE leu o texto à aluna: “O sábio que sabia tudo. Era uma vez um homem que dizia ser sábio. Um dia encontrou-se com outro homem à beira do rio Tejo. Foram andando e conversando. O sábio disse que sabia tudo! E começou a fazer perguntas ao outro homem. Perguntou-lhe: - Que é uma linha reta? E uma linha curva? E que forma tem a Terra? O outro homem não sabia responder. Ele não sabia o que é uma linha reta! Nem o que é uma linha curva! Nem que forma tem a Terra! Então o sábio pôs-se a rir. E disse: - Eu sei tudo e tu não sabes nada. És um ignorante. Foram andando, andando. De repente, o sábio escorregou e caiu na água do rio. Como o rio Tejo tem muita água, o sábio foi ao fundo. Depois, veio ao cimo e pôs-se e pôs-se a gritar: - Quem me acode? Ai que eu morro! Então o outro homem atirou-se à água.
--	--	--	--	--	--

						Nadou e agarrou o sábio pela barba. Trouxe o sábio para terra. Depois o outro homem disse-lhe assim: - O senhor sábio sabe muitas coisas. Mas não sabe nadar! E eu sei!" A DEE sorriu para a aluna quando terminou a leitura do texto: "Hum?! Pois é. É muito gira. Gostaste da história?" Aluna: "Sim."
		Interpretação do texto				DEE: "(...) Agora vou fazer-te perguntas para ver se percebeste o texto.(...)" DEE: "Agora, vou fazer-te umas perguntinhas sobre a história. Está bem?" A aluna não respondeu. DEE: "O que perguntou o sábio ao outro homem?" Aluna: "Uma linha reta." DEE: "O que era? Não era!" Aluna: "Sim. Uma linha curva e o que era uma Terra." DEE: "Então era: o que era uma linha reta, o que era uma linha curva e que forma tinha a Terra, não era? Muito bem. O que lhe disse o sábio quando o homem não respondeu?" A aluna não respondeu logo à pergunta. DEE: "Queres que eu repita? O que lhe disse o sábio quando o homem não respondeu?" Aluna: "Que ele não sabia responder àquilo." A DEE ajudou a aluna na resposta: "Que era quê?" A aluna não conseguiu responder à pergunta da DEE. DEE: "Disse-lhe que era um ignorante. Não foi? O que aconteceu depois ao sábio?" Aluna: "Foi para dentro do rio Tejo que tinha muita água." DEE: "Mas foi ele que foi nadar para lá?" Aluna: "Não." DEE: "Então, o que é que lhe aconteceu?" Aluna: "Escorregou e caiu lá dentro." DEE: "Pois foi. Quem é que o salvou?" Aluna: "O homem." DEE: "Que conclusão é

					que nós podemos tirar desta história? O que é que tu achas? Pensando nesta história que conclusão é que tu tiras?” Aluna: “Não fazer assim tantas perguntas.” DEE: “Não fazer?” Aluna: “Sim.” DEE: “Achas que o senhor não devia de ter feito tantas perguntas, foi?” Aluna: “Foi. Acho que ele não devia de ter gozado com o homem.” DEE: “Pois. Não devia de ter gozado com o outro. No fundo é assim. Ninguém sabe tudo, não é? Uns sabem mais de uma coisa e outros de outra. Podemos não fazer uma coisa muito bem mas fazemos outras, não é? E os outros não fazem aquilo que nós fazemos, não é? (...)”
		Resumo da história			DEE: “(...) Agora, vou dar-te uma folha para fazeres um resumo da história.(...)” (...) DEE: “(...) Vamos escrever assim: resumo da história. Sabes o que é o resumo da história? Imagina que nós íamos contar esta história à tua turma mas não tínhamos lá o texto com a história. Dizíamos que queríamos contar a história como tinha sido mas que não tínhamos lá a folha e que íamos contar o que nos lembrávamos da história. O que eu quero agora é que escrevas aquilo que te lembras da história. Pode ser? Vamos lá. Vocês já fazem na escola, na turminha, não é?” Aluna: “Sim.” DEE: “Fazes um pequenino texto como era a história.” A aluna escreveu o que sabia sobre a história. DEE: “Qual é a conclusão que se tira da história?” A aluna continuou a escrever algumas palavras. DEE: “Sim, senhora.” Quando a aluna parou de escrever, a DEE perguntou: “Já está? Posso ler?”

						Aluna: “Sim.” A DEE ia para ler mas teve dificuldade em perceber o que estava escrito. DEE: “Queres ler tu para mim o que escreveste? É mais fácil se calhar. Lê tu para mim.” A aluna leu: “O homem caiu na água e o outro homem nadou para ir buscá-lo, na água.” A aluna começou a gaguejar enquanto estava a ler: “Mas pelo pé dele e disse: Eu sei nadar e tu não sabes nadar. E o outro perguntou-lhe três perguntas e ele não acertou porque ele não sabia.”
Raciocínio lógico-matemático	Escrita de números por ordem crescente					DEE: “Então, vamos lá. Vou ditar-te um número e tu vais escrever aqui. Vamos aproveitar estas linhas. Deixas uma de intervalo e depois escrevemos aqui. Pode ser? Vamos lá. Já deste os números até 1000. Posso ditar-te um número até 1000. Vamos lá: 758.” A aluna registou o número [758]. DEE: “907, escreves aí uma vírgula [para separar os números], 460, 301. Muito bem. Agora, vou dar-te uns números para os colocares por ordem.” A DEE escreveu os números e desenhou círculos para que a aluna escrevesse os números ordenados dentro desses círculos. Aluna: “É por ordem crescente?” DEE: “Eles pedem para ser por ordem... [esteve a ler]. Aqui não diz. Então, vamos pôr por ordem crescente como nós estamos a crescer, não é? Então, vá.” A aluna colocou os números por ordem crescente. DEE: “Muito bem, R.. Muito bem. (...)”
		Resolução de problemas				DEE: “Agora, vou fazer-te um problema com duas contas. Gostas de matemática, não gostas?” Aluna: “Sim.” (...) DEE: “(...) Se quiseres fazer aí nessa folha alguma conta estás à

						vontade. Esta folha que te estou a dar é para ti. Está bem? Olha. Quanto falta a 350 para obter 500? Podes fazer a conta na folha se quiseres. Se fizeres de cabeça muito bem se não fores capaz não há problema. Quanto falta a 350 para obter 500?” Aluna: “100.” DEE: “100? Olha, tens 350 para chegares aos 500, falta-te quanto?” Aluna: “550.” DEE: “Hum?” Aluna: “550.” DEE: “Falta-te 550. Então, escreve aqui 550. (...)” (...) DEE: “(...) Quantos quilos de limões podemos comprar com 3€, se cada quilo está a 0.50€? Tens 3€ para comprar limões. Cada quilo custa 0.50€. Quantos quilos vamos poder comprar?” A aluna resolveu o problema: “0.80€.” DEE: “Quantos quilos podemos comprar? Vamos fazer assim. Um quilo são 0.50€. Certo?” Aluna: “Sim.” DEE: “Eu digo-te que tenho 3€. Quantos quilos vou comprar?” Aluna: “150 quilos.” DEE: “150 quilos?” Aluna: “Sim.” DEE: “Agora, diz assim. Gastei 100 minutos a fazer o jantar. É assim não é? Quantos minutos tem uma hora?” Aluna: “60.” DEE: “60. Muito bem. Então, vai ser fácil para ti. Quanto tempo passei para além de uma hora [para completar 100 minutos]? Uma hora tem 60 minutos. Se eu gastei 100 passei mais de uma hora. Foi ou não foi? Foi 60 mais qualquer coisa.” Aluna: “Foi mais uma hora.” DEE: “Achas que foi precisa mais uma hora? Quanto é que é 60 mais 60?” Aluna: “600.” DEE: “600 é 60 X 10. Vamos fazer. Quando não sabes fazes assim. Olha [fez a conta: 60+60]. 60+60 são 2
--	--	--	--	--	--	--

						horas. Não é? Então, 60 minutos é uma hora para chegarmos aos 100, quanto é que falta? Quanto é de 60 para 100?" Aluna: "São 4, 40." DEE: "São 40. Muito bem. Escreve aqui a resposta. 40 minutos, não é?" Quanto tempo falta para chegar às 2horas?" Aluna: "Faltam mais 60 minutos." DEE: "É?" Aluna: "Sim." DEE: "Já tens 1h40m para chegares às 2h, quanto tempo é que falta?" Aluna: "1h." DEE: "Falta 1 hora?" Aluna: Sim." (...) DEE: "(...) O João tem 15 anos. Imagina o nosso João, lá da sala. Fazemos de conta e o seu irmão tem o dobro. Este ano aprendemos o dobro, não aprendemos? Então, o João tem 15 e o irmão tem o dobro. O que é o dobro?" Aluna: "É 15 mais 15." DEE: "Quantos anos têm os dois em conjunto? O João tem 15 anos. O seu irmão tem quantos? Quantos é que disseste e muito bem?" A aluna fez a conta: "Trinta." DEE: "Boa. Põe ali a resposta. Agora, está a perguntar quantos anos têm os dois juntos. Vamos lá. Aluna: "60." DEE: "É? Não fizeste bem!" Aluna: "O dobro é 30." DEE: "Disseste que o dobro é 15 + 15, não é? Já está feito o dobro. Agora, está a perguntar-te quanto têm os dois em conjunto." Aluna: "30." DEE: "Pronto. Responde aqui."
--	--	--	--	--	--	--

Apêndice 23 – Registo de observação naturalista: observação da DEE “Cristina”, após as atividades letivas, no Jardim-de-Infância - 1

Docente: “C.”

Alunos: J., diagnosticado com Perturbação da linguagem expressiva e dificuldade na interação social e o D., com Trissomia 21 [sic].

Período de observação: 15h30m/16h

Observação: COBAAL₁

Data: 13/05/2016

Descrição das situações e comportamentos/atividades observadas
--

O J. e o D. lancharam, foram à casa de banho e voltaram a entrar na sala do Jardim para irem trabalhar novamente com a DEE.

DEE: “D., anda para este lado e o J. fica deste [A DEE ficou sentada entre os alunos, na mesa redonda]. Vamos fazer estes puzzles, D.?”

D.: “Sim.”

DEE: “Faz assim... Tira as peças também e ajuda-me.”

O J. ia fazendo grafismos e copiando números e a DEE olhava a ver se estava bem.

DEE: “Qual é o maior?”

O D. identificou a peça maior.

DEE: “Agora vais pôr aqui em cima os tamanhos certos para formar a figura dos macacos. Vá. Grande com grande. Médio com médio. Pequeno com pequeno. Vá lá, os animais domésticos... Temos aqui o quê?”

Fez-se uma pausa.

DEE: “Este é o quê?”

D.: “Poco”

DEE: “É o porco, o cão, o cavalo, o gato, a vaca.”

O D. ia repetindo o nome dos animais como sabia.

DEE: “Vamos aqui buscar os animais domésticos.”

O D. ia procurando os animais e ia falando.

DEE: “Este é o urso. Não é o porco! Procura lá o porco, o cão, o gato e a cabrinha.”

D.: “Popota.”

DEE: “É o hipopótamo, sim. Onde está a cabrinha? E o cão? Vai procurar.”

O J. estava a trabalhar sozinho quando a DEE: “Aqui em cima, J.”

O D. colocou as peças corretamente, falou e a DEE: “Muito bem, agora este [animal]. O outro macaco a seguir.”

O D. montou mais um bocadinho o puzzle dos animais.

DEE: “Qual é que falta?”

O D. ia respondendo como sabia.

DEE: “Falta o cavalo e o gato.”

D.: “Ebra”

DEE: “Não é nada a zebra. É este. É a cabra.”

O D. repetiu o que a DEE disse: “É a abra. O gato.”

DEE: “Onde é que está? Vai lá buscar.”

O D. ia falando.

DEE: “Este é o urso. O urso é um animal selvagem.”

O D. ia falando.

DEE: “Tem aqui o carro? Não, não. Vai ali ver o gato e o cavalo.”

O D. ia falando e fazendo a seriação dos animais por tamanhos.

DEE: “Não, esse é do pequenino. Esse é do cavalo. Falta um, sim. O gato.”

D.: “Ato”

DEE: “O gato. Agora vamos fazer o jogo dos frutos. Temos a maçã.”

O D. agarrou na peça com a imagem da maçã.

DEE: “Banana.”

O D. ia agarrando nas peças quando a DEE as mencionava.

DEE: “Laranja, peras e uvas. Então, vamos lá.”

O D. ia repetindo cada palavra que ouvia.

DEE: “Vamos lá buscar. Onde é que está mais fruta? A laranja e a banana? O que é que é isso?! Gostas de comer banana?”

D.: “Gosto.”

DEE: “Gostas?! As uvas? Queres agora os elefantes, é?”

D.: “Sim.”

DEE: “Agora vais pôr do grande para o pequenino.”

D.: “Ebra.”

DEE: “A zebra não pertence aqui. É a fruta, lembra-te.”

D.: “Onde tá a futa?”
DEE: “Está aí. Olha aí as uvas, a pera e a laranja.”
O D. ia montando as peças que faltavam.
DEE: “Boa. Agora temos aqui outro para ires construir.”
A DEE viu o trabalho que o J. estava a fazer: “Muito bem, J..”
O D. falou para a DEE.
DEE: “O J. está a fazer os números. Vá, J..”
D.: “Bebé.”
DEE: “O J. não é nada bebé.”
D.: “É.”
DEE: “És bebé, J.? Tu és bebé, J.? Estou a falar contigo.”
O J. fixou-a nos olhos.
DEE: “Para que são esses olhos. Tu és bebé?”
O J. abanou ligeiramente a cabeça.
DEE: “Vês que não é, D. Ele está a pegar contigo, J.”
D.: “É bebé.”
DEE: “A pera e a laranja onde estão? Vai buscar. Onde é que está a pera?”
D.: “Aqui.”
DEE: “Ah! Agora vamos fazer os animais da selva. Temos o leão, a zebra, o hipopótamo, o urso e a girafa.”
O D. mexeu nas peças e agarrou uma.
DEE: “Esta é qual?”
D. respondeu à DEE.
DEE: “Girafa. Boa. Mais.”
D. pegou uma peça: “É?”
DEE: “Qual é? Onde é que estão os animais da selva? Vai procurar.”
D.: “Popa.”
DEE: “Faltam dois.”
D.: “Ebra.”
DEE: “Zebra.”
D.: “A Popa.”
DEE: “Comeste a sopa?”
D.: “Não. A popa.”
DEE: “Ah! Hipopótamo. Hi...”
D.: “Hi...”
DEE: “...po”
D.: “...po”
DEE: “...pó”
D.: “...pó”
DEE: “...ta”
D.: “...ta”
DEE: “...mo”
D.: “...o”
A DEE repetiu a palavra e foi batendo uma palma por cada sílaba proferida.
O D. tentou dizer a palavra mas atrapalhou-se.
DEE fez sinal que terminou: “Adeus J. Adeus D. Portem-se bem.”
Alguns meninos ainda estavam a lanchar porque ficavam no prolongamento das Atividades de Apoio à Família tal como o J. e o D.. Os restantes já tinham saído com os seus Encarregados de Educação.

Apêndice 24 – Registo de observação naturalista: observação da DEE “Cristina”, após as atividades letivas, no Jardim-Infância – 2

Docente: “C.”

Alunos: J., diagnosticado com Perturbação da linguagem expressiva e dificuldade na interação social e o D., com Trissomia 21 [sic].

Período de observação: 15h30m/16h

Observação: COBAAL₂

Data: 20/05/2016

Descrição das situações e comportamentos/atividades observadas
--

O J. caminhou para a sala de atividades do JI. Quando a DEE e o D. regressaram da casa de banho a DEE sentou-se numa cadeira e o J. sentou-se ao lado dela.

DEE: “D. anda para este lado. Vamos fazer estes [puzzles], é?”

D.: “Sim.”

A DEE começou a apoiar o D. e o J. para construírem puzzles.

DEE: “Quem é?”

D.: “O gato”

DEE: “O gato? Vai procurar os brinquedos.”

O D. agarrou numa peça com um desenho de uma mota.

DEE: “Não. Isso é uma mota. Tem de ser o pato, o jogo, o pião, a boneca e o cavalo.”

O D. ia falando sempre.

DEE: “Vá J. Esta não é. Esta é a nevar. A boneca? Quem é?”

D.: “Aqui?”

DEE: “Sim. O jogo, o cavalo. Esse é o quê?”

O D. respondeu.

DEE: “Este é o pato.”

D.: “Pato.”

DEE: “Agora são os meios de transporte: o carro. Escuta. O carro, a mota, o barco, o avião e o comboio vai buscar.”

O D. colocou uma peça: “É?”

DEE: “É. Faltam o barco, o avião e o comboio.”

O D. tentou dizer a palavra comboio.

DEE: “Boa, J.! Só falta os ursos, do grande para o pequenino. Outra vez do grande para o pequenino. Vamos lá.”

D.: “Já tá.”

DEE: “Já está. Agora é o tempo: o sol, a chuva, o vento, a neve.”

D.: “É aqui?”

DEE: “É o quê? A neve, o sol.”

D.: “O sol? Aqui?”

DEE: “Sim. O vento, a chuva.”

O D. colocou as peças e ia dizendo: “Aqui.”

DEE: “A lua.”

D.: “Aqui.”

DEE: “E o vento. Já está. Boa. Muito bem. Faltam os ursinhos. O J. também já vai fazendo tudo.”

O D. acabou de montar as peças.

DEE: “Vamos arrumar. Só falta o J. acabar.”

A DEE explorou a noção de peso: “És capaz de ir buscar a minha pasta, D.?”

D.: “Sim.”

DEE: “... mas com cuidado.”

D.: “Sim.”

DEE: “Está ali em cima. Cuidado. Consegues?”

D.: “Sim.”

DEE: “Está leve ou pesada?”

O D. disse que estava pesada.

DEE pegou na pasta: “Deixa ver? Está pesada. Agarra lá, J.. Levanta.”

Enquanto o D. tinha força e pegou facilmente na pasta, o J. teve mais dificuldade e quase a deixou cair assim que pegou nela.

DEE: “Está pesada ou está leve, J.?”

O J. não respondeu mas a DEE respondeu por ele: “Está pesada!”

O D. sorriu para o J..

DEE: “Está pesada! É preciso força! Obrigada, D..”

A DEE abriu a pasta e retirou o jogo “Ruca Cartas – Família”.

DEE: “O que é isto?”

D.: “Pupa.”

DEE: “O Ruca. O Ruca e a família. O Ruca. Este não sei quem é nem este?”

O D. respondeu-lhe: “Ato.”
DEE: “É o gato.”
D.: “Ato. Kika.”
DEE: “É a Kika, hein. E esta como é que se chama?”
D.: “B..b..”
DEE: “Não percebi nada. Não percebi.”
Não se fez entender o D. e a DEE: “O J. também já está. Agora vamos fazer outro jogo. Este é rápido. Vou baralhar as cartas do Ruca.”
O D. perguntou o que era baralhar.
DEE: “Baralhar é fazer assim. Toma atenção [exemplificou como se baralhavam as cartas].”
O D. falou.
DEE: “Agora a C. [DEE] vai pôr aqui. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove e dez.”
A DEE dispôs dez cartas viradas para baixo, dispostas ao lado umas das outras: “Agora ó J. vais ficar a jogar com o D. Agora vamos procurar o par. Nós já fizemos este jogo. Vamos procurar igual. Está bem? A C. vai virar duas.”
A DEE exemplificou. Saiu uma carta com o Ruca e a menina e outra com o gato: “Não são iguais. Pois não, J.? Pois não.”
O J. virou duas cartas por ordem da DEE: “Vira duas cartas.”
O J. não estava a perceber.
DEE: “És tu, J.”
O J. virou uma carta e quando ia a virar outra, a DEE: “Essa carta não. Procura outra.”
DEE: “Vá J., procura outra carta. Procura. Onde estará?”
O J. não acertou e virou as cartas para baixo, novamente.
DEE: “Agora é o D. Vira duas cartas, D.”
D.: “Pupa.”
DEE: “Vira. Mostra.”
D.: “É a ...ita”
DEE: “É a Rita. Vamos procurar onde está a Rita noutro lado.”
D.: “Popa.”
DEE: “Aí! Não sei!”
O D. virou a segunda carta.
DEE: “É igual? Não, não é. Toma atenção. Agora é a C., saiu a família do Ruca. Esta não é igual. Agora é o J.”
O J. tirou a carta com a família do Ruca.
DEE: “Tu já sabes. Onde é que está a família do Ruca?”
O J. olhou para as cartas.
DEE: “A C. já virou a família. Onde está? Lembra-te. Pensa. Está ali para cima.”
O J. olhou novamente para as cartas.
DEE: “Vê.”
O J. tirou a segunda carta que era igual.
DEE: “Boa. É igual. O J. fez o par. É do J.. Continua J., vira mais duas cartas.”
O D. esperou a sua vez enquanto o J. virava as cartas.
DEE: “É igual, J.? Não. Agora é o D.”
O D. virou uma carta.
DEE: “Põe aqui a menina com a bola. Onde estará a outra carta igual? Onde está D.? Onde está?”
O D. apontou.
DEE: “Está aí. Vamos ver.”
O D. ficou feliz.
DEE: “Boa. O D. fez um par. Continua a jogar. Vai. Vira. Vira outra. É igual? Tu és batoteiro. Agora é a C. Olha o gato e o gato. São duas iguais. Vou virar mais duas. Não acertei desta vez. Agora é o J.. J., vira. Boa, J. O J. fez outro par. Joga outra vez, J..”
O J. não acertou na última jogada.
DEE: “Onde está a menina? Pensa.”
O J. virou a carta certa e acertou.
DEE: “Boa, mais outro par para o J.. O J. acabou o jogo. Boa. Quantos pares fizeram? J., quantos pares fizeste e tu, D.?”
O J. contou as cartas e a DEE ajudou-o a contar os pares: “ São quatro pares. Duas cartas é um par, mais duas é outro, mais duas é outro e mais duas cartas fazem outro par. Vamos contar com a mão e vamos juntar duas a duas. Assim temos: um, dois, três, quatro pares de cartas. Certo? Fizeste quantos pares de cartas, D.? Fizeste um par e a C. [DEE] também fez um par. Eu e o D. empatámos.”
O J. mostrou-se muito feliz porque tinha ganho.
O D. ao ver que tinha perdido ficou muito triste e começou a querer chorar.
DEE: “O que foi D.? O que é que tens? Queres jogar outra vez ou vamos embora? O que foi? Queres fazer mais pares?”
O D. começou a sorrir e ficou mais bem-disposto.
DEE: “Vamos lá. O J. também vai jogar. Vão jogar os dois novamente.”

A DEE dispôs 12 cartas em cima da mesa e o jogo começou de novo.
O D. virou duas cartas e fez um par. Ficou feliz e ria à gargalhada quando o J. se enganava.
D.: “Não é, não.”
DEE: “Não se sabe.”
O J. ia virar a segunda carta e o D.: “Não.”
DEE: “Boa, J.. Fizeste um par. É um par para o J.. Continua, J..”
O J. virou uma carta.
DEE: “É a menina e a outra?”
O J. virou outra carta igual e a DEE: “Boa. Já são dois pares para o J.. Continua.”
O J. virou mais outra carta com a família.
DEE: “Onde é que está a outra carta com a família?”
O J. virou mais outra carta mas não era a da família.
DEE: “Agora é o D..”
O D. tirou uma carta com a família.
DEE: “Onde é que está a outra?”
O D. virou outra carta que tinha a família.
DEE: “Oh! Continua D..”
D.: “Pupa.”
DEE: Quem é? É a menina e o Ruca. Agora uma destas aqui de cima.”
O D. virou outra carta.
DEE: “É igual?”
D.: “É.”
DEE: “Não, não. É o J. a jogar.”
O J. não fez nenhum par.
DEE: “Agora é o D.. Onde está igual?”
O D. fez um par e a DEE: “Boa. O D. fez um par e continua. Falta só um par. Mais um par para o D.. Quantos pares fez o J.?”
O D. ria-se todo satisfeito com as cartas.
DEE: “Vamos contar os pares do D. Um, dois, três e quatro pares para o D. Agora, o D. não chora! Estás contente? Estás feliz ou estás triste?”
O D. fez uma cara triste.
DEE: “Olha, agora está triste!”
A seguir, o D. fez uma cara muito feliz.
DEE: “Não está triste! Está contente, muito feliz!”
O J. olhou a DEE.
DEE: O D. está contente e o J.? Está triste ou contente?”
O D. fez sinal que tinha o nariz sujo.
DEE: “Vai-te assoar. Ai sem lenço!”
O J. sorriu para a DEE e a DEE: “Ah! Afinal, o J. também está contente.”
DEE: “Olha! Acabou. Vamos embora. A C. vai-se embora. Já acabou.”
D.: “Já?”
DEE: “Já acabou. O J. e o D. vão para a T. [assistente operacional do prolongamento]. Pode ser?”
O D. respondeu-lhe e a DEE não percebeu: “O que é isso? Não está?”
D.: “Não.”
DEE: “Quem é que não está? A T.? A T. está ali. É a T. ou a L.?”
O D. respondeu mas a DEE ficou na dúvida.
DEE: “Olha, o J. vai arrumar o livro mas antes empresta-me cá o teu livro. D., arruma as cartas se faz favor. Junta-as primeiro e põe o elástico.”
O D. fez o que a DEE lhe mandou e disse que já estava.
DEE: “Junta àquelas. Junta estas aqui de cima. J., ajuda a arrumar as cartas.”
O D. e o J. arrumaram as cartas.
DEE: “Vou-me embora. Até para a semana. Agora vão ter com a T.”
O D. levantou a mão e disse adeus.
DEE: “Adeus. Portem-se bem.”

Apêndice 25 – Categorização das atividades desenvolvidas pela DEE “Cristina” no Jardim-de-Infância, após as atividades letivas

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Situações e comportamentos/atividades observadas	
			13/05/2016 / COBAAL ₁ (15h30m/16h)	20/05/2016 / COBAAL ₂ (15h30m/16h)
Apoio em grupo	Atividades de raciocínio lógico-matemático	Construção de puzzles	DEE: (...) “Vamos fazer estes puzzles, D.” D.: “Sim.” DEE: “Faz assim. Tira as peças também e ajuda-me.” (...) O D. montou mais um bocadinho o puzzle dos animais. (...) O D. ia montando as peças que faltavam. DEE: “Boa. Agora temos aqui outro para ires construir.” (...)	DEE: “(...) Vamos fazer estes [puzzles], é?” D.: “Sim.” A DEE começou a apoiar o D. e o J. para construírem puzzles. (...) DEE: “Quem é?” D.: “O ato” DEE: “O gato? Vai procurar os brinquedos.” O D. agarrou numa peça com um desenho de uma mota. DEE: “Não. Isso é uma mota. Tem de ser o pato, o jogo, o pião, a boneca e o cavalo.” O D. ia falando sempre. DEE: “Vá J. Esta não é. Esta é a nevar. A boneca? Quem é?” D.: “Aqui?” DEE: “Sim. O jogo, o cavalo. Esse é o quê?” O D. respondeu. (...) DEE: “Agora são os meios de transporte: o carro. Escuta. O carro, a mota, o barco, o avião e o comboio vai buscar.” O D. colocou uma peça: “É?” DEE: “É. Faltam o barco, o avião e o comboio.” O D. tentou dizer a palavra comboio. (...) D.: “Já tá.” DEE: “Já está. Agora é o tempo: o sol, a chuva, o vento, a neve.” D.: “É aqui?” DEE: “É o quê? A neve, o sol.” D.: “O sol? Aqui?” DEE: “Sim. O vento, a chuva.” O D. colocou as peças e ia dizendo: “Aqui.” DEE: “A lua.” D.: “Aqui.” DEE: “E o vento. Já está. Boa. Muito bem. Faltam os ursinhos. (...)” (...) O D. acabou de montar as peças do puzzle.
		Seriação de animais por tamanhos	DEE: “Qual é o maior?” O D. identificou a peça maior. DEE: “Agora vais pôr aqui em cima os tamanhos certos para formar a figura dos macacos. Vá. Grande com grande. Médio com médio. Pequeno com pequeno. (...)” (...) O D. ia falando e fazendo a seriação dos animais por tamanhos. DEE: “Não, esse é do pequenino.” (...) DEE: “Agora vais pôr do grande para o pequenino.”	DEE: “Boa, J. Só falta os ursos, do grande para o pequenino. Outra vez do grande para o pequenino. Vamos lá.” (...)
		Execução de grafismos e de números	O J. ia fazendo grafismos e copiando números e a DEE olhava a ver se estava bem. (...) O J. estava a trabalhar sozinho quando a DEE: “Aqui em cima, J.” (...) A DEE viu o trabalho que o J. estava a fazer: “Muito bem, J.” (...) DEE: “O J. está a fazer os números. Vá, J..”	

	Exploração da noção de peso	DEE: “És capaz de ir buscar a minha pasta, D.?” D.: “Sim.” DEE: “... mas com cuidado.” D.: “Sim.” DEE: “Está ali em cima. Cuidado. Consegues?” D.: “Sim.” DEE: “Está leve ou pesada?” O D. disse que estava pesada. DEE pegou na pasta: “Deixa ver? Está pesada. Agarra lá, J.. Levanta.” Enquanto o D. tinha força e pegou facilmente na pasta, o J. teve mais dificuldade e quase a deixou cair assim que pegou nela. DEE: “Está pesada ou está leve, J.?” O J. não respondeu mas a DEE respondeu por ele: “Está pesada!” O D. sorriu para o J.. DEE: “Está pesada! É preciso força! Obrigada, D..”
	Formação de pares de cartas	DEE: “(...) Quantos pares fizeram? J., quantos pares fizeste e tu, D.?” O J. contou as cartas e a DEE ajudou-o a contar os pares: “ São quatro pares. Duas cartas é um par, mais duas é outro, mais duas é outro e mais duas cartas fazem outro par. Vamos contar com a mão e vamos juntar duas a duas. Assim temos: um, dois, três e quatro pares de cartas. Certo? Fizeste quantos pares de cartas, D.? Fizeste um par e a C. [DEE] também fez um par. Eu e o D. empatámos.” (...) DEE: “Vamos contar os pares do D. Um, dois, três e quatro pares para o D.”
Atividades de identificação	Animais domésticos e selvagens	DEE: “(...)” Vá lá, os animais domésticos. Temos aqui o quê?” Fez-se uma pausa. DEE: “Este é o quê?” D.: “Poco” DEE: “É o porco, o cão, o cavalo, o gato, a vaca.” O D. ia repetindo o nome dos animais como sabia. DEE: “Vamos aqui buscar os animais domésticos.” O D. ia procurando os animais e ia falando. DEE: “Este é o urso. Não é o porco! Procura lá o porco, o cão, o gato e a cabrinha.” D.: “Popota.” DEE: “É o hipopótamo, sim. Onde está a cabrinha? E o cão? Vai procurar.” (...) O D. colocou as peças corretamente, falou e a DEE: “Muito bem, agora este [animal]. O outro macaco a seguir.” (...) DEE: “Qual é que falta?” O D. ia respondendo como sabia. DEE: “Falta o cavalo e o gato.” D.: “Ebra” DEE: “Não é nada a zebra. É este. É a cabra.” O D. repetiu o que a DEE disse: “É a abra. O gato.” DEE: “Onde é que está? Vai lá buscar.” O D. ia falando. DEE: “Este é o urso. O urso é um animal selvagem.” O D. ia falando. DEE: “Tem aqui o carro? Não, não. Vai ali ver o gato e o cavalo.” (...)

		DEE: (...) “Esse é do cavalo. Falta um, sim. O gato.” D.: “Ato” DEE: “O gato. (...)” (...) DEE: (...) “Queres agora os elefantes, é?” D.: “Sim.” (...) D.: “Ebra.” DEE: “A zebra não pertence aqui. (...)” (...) DEE: “Ah! Agora vamos fazer os animais da selva. Temos o leão, a zebra, o hipopótamo, o urso e a girafa.” O D. mexeu nas peças e agarrou uma. DEE: “Esta é qual?” D. respondeu à DEE. DEE: “Girafa. Boa. Mais.” D. pegou uma peça: “É?” DEE: “Qual é? Onde é que estão os animais da selva? Vai procurar.” D.: “Popa.” DEE: “Faltam dois.” D.: “Ebra.” DEE: “Zebra.” D.: “A Popa.” DEE: “Comeste a sopa?” D.: “Não. A popa.” DEE: “Ah! Hipopótamo. Hi...” D.: “Hi...” DEE: “...po” D.: “...po” DEE: “...pó” D.: “...pó” DEE: “...ta” D.: “...ta” DEE: “...mo” D.: “...o” A DEE repetiu a palavra e foi batendo uma palma por cada sílaba proferida. O D. tentou dizer a palavra mas atrapalhou-se.	
	Frutos	DEE: (...) “Agora vamos fazer o jogo dos frutos. Temos a maçã.” O D. agarrou na peça com a imagem da maçã. DEE: “Banana.” O D. ia agarrando nas peças quando a DEE as mencionava. DEE: “Laranja, peras e uvas. Então, vamos lá.” O D. ia repetindo cada palavra que ouvia. DEE: “Vamos lá buscar. Onde é que está mais fruta? A laranja e a banana? O que é que é isso?! Gostas de comer banana?” D.: “Gosto.” DEE: “Gostas?! As uvas? (...)” (...) DEE: “(...) É a fruta, lembra-te.” D.: “Onde tá a futa?” DEE: “Está aí. Olha aí as uvas, a pera e a laranja.” (...) DEE: “A pera e a laranja onde estão? Vai buscar. Onde é que está a pera?” D.: “Aqui.”	
	Cartas iguais		A DEE abriu a pasta e retirou um jogo de cartas do “Ruca”. DEE: “O que é isto?” D.: “Pupa.”

			DEE: “O Ruca. O Ruca e a família. O Ruca. Este não sei quem é nem este?” O D. respondeu-lhe: “Ato.” DEE: “É o gato.” D.: “Ato. Kika.” DEE: “É a Kika, hein. E esta como é que se chama?” D.: “B..b..” DEE: “Não percebi nada. Não percebi.” Não se fez entender o D. e a DEE: “O J. também já está. Agora vamos fazer outro jogo. Este é rápido. Vou baralhar as cartas do Ruca.” O D. perguntou o que era baralhar. DEE: “Baralhar é fazer assim. Toma atenção [exemplificou como se baralhavam as cartas].” O D. falou. DEE: “Agora a C. [DEE] vai pôr aqui. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove e dez.” A DEE dispôs dez cartas viradas para baixo, dispostas ao lado umas das outras: “Agora ó J. vais ficar a jogar com o D. Agora vamos procurar o par. Nós já fizemos este jogo. Vamos procurar igual. Está bem? A C. vai virar duas.” A DEE exemplificou. Saiu uma carta com o Ruca e a menina e outra com o gato: “Não são iguais. Pois não, J.? Pois não.” O J. virou duas cartas por ordem da DEE: “Vira duas cartas.” O J. não estava a perceber. DEE: “És tu, J..” O J. virou uma carta e quando ia a virar outra, a DEE: “Essa carta não. Procura outra.” DEE: “Vá J., procura outra carta. Procura. Onde estará?” O J. não acertou e virou as cartas para baixo, novamente. DEE: “Agora é o D. Vira duas cartas, D.” D.: “Pupa.” DEE: “Vira. Mostra.” D.: “É a ...ita” DEE: “É a Rita. Vamos procurar onde está a Rita noutro lado.” D.: “Popa.” DEE: “Ai! Não sei!” O D. virou a segunda carta. DEE: “É igual? Não, não é. Toma atenção. Agora é a C., saiu a família do Ruca. Esta não é igual. Agora é o J..” O J. tirou a carta com a família do Ruca. DEE: “Tu já sabes. Onde é que está a família do Ruca?” O J. olhou para as cartas. DEE: “A C. já virou a família. Onde está? Lembra-te. Pensa. Está ali para cima.” O J. olhou novamente para as cartas. DEE: “Vê.” O J. tirou a segunda carta que era igual. DEE: “Boa. É igual. O J. fez o par. É do J.. Continua J., vira mais duas cartas.” O D. esperou a sua vez enquanto o J. virava as cartas. DEE: “É igual, J.? Não. Agora é o D..” O D. virou uma carta. DEE: “Põe aqui a menina com a bola. Onde estará a outra carta igual? Onde está D.? Onde está?” O D. apontou. DEE: “Está aí. Vamos ver.” (...) DEE: “Boa. O D. fez um par. Continua a jogar. Vai. Vira. Vira outra. É igual? Tu és batoteiro. Agora é a C. Olha o gato e o gato. São duas iguais. Vou virar mais duas. Não acertei desta
--	--	--	---

			vez. Agora é o J.. J., vira. Boa, J. O J. fez outro par. Joga outra vez, J..” O J. não acertou na última jogada. DEE: “Onde está a menina? Pensa.” O J. virou a carta certa e acertou. DEE: “Boa, mais outro par para o J.. O J. acabou o jogo. Boa. Quantos pares fizeram? J., quantos pares fizeste e tu, D.?” (...) DEE: “O que foi D.? O que é que tens? Queres jogar outra vez ou vamos embora? O que foi? Queres fazer mais pares?” (...) DEE: “Vamos lá. O J. também vai jogar. Vão jogar os dois novamente.” A DEE dispôs 12 cartas em cima da mesa e o jogo começou de novo. O D. virou duas cartas e fez um par. (...) D.: “Não é, não.” DEE: “Não se sabe.” O J. ia virar a segunda carta e o D.: “Não.” DEE: “Boa, J.. Fizeste um par. É um par para o J.. Continua, J..” O J. virou uma carta. DEE: “É a menina e a outra?” O J. virou outra carta igual e a DEE: “Boa. Já são dois pares para o J.. Continua.” O J. virou mais outra carta com a família. DEE: “Onde é que está a outra carta com a família?” O J. virou mais outra carta mas não era a da família. DEE: “Agora é o D..” O D. tirou uma carta com a família. DEE: “Onde é que está a outra?” O D. virou outra carta que tinha a família. DEE: “Oh! Continua D..” D.: “Pupa.” DEE: Quem é? É a menina e o Ruca. Agora uma destas aqui de cima.” O D. virou outra carta. DEE: “É igual?” D.: “É.” DEE: “Não, não. É o J. a jogar.” O J. não fez nenhum par. DEE: “Agora é o D.. Onde está igual?” O D. fez um par e a DEE: “Boa. O D. fez um par e continua a jogar. Falta só um par. Mais um par para o D.. Quantos pares fez o J.?”
		Expressões faciais: tristeza e alegria	O D. ao ver que tinha perdido ficou muito triste e começou a querer chorar. (...) DEE: (...) “Agora não choras. Estás contente? Estás feliz ou estás triste?” O D. fez uma cara triste. DEE: “Olha, agora está triste!” (...) O D. fez sinal que tinha o nariz sujo. DEE: “Vai-te assoar. Ai sem lenço!” O D. ficou feliz. (...) O D. ficava feliz e ria à gargalhada quando o J. se enganava. (...) O J. mostrou-se muito feliz porque tinha ganho. (...) O D. começou a sorrir e ficou mais bem-disposto. (...) O D. ria-se todo satisfeito com as cartas. (...) A seguir, o D. fez uma cara muito feliz.

			DEE: “Não está triste! Está contente, muito feliz!” O J. olhou a DEE. DEE: O D. está contente e o J.? Está triste ou contente?” (...) O J. sorriu para a DEE e a DEE: “Ah! Afinal, o J. também está contente.”
Atividades de organização dos materiais e despedida	Arrumação dos materiais	O D. e o J. arrumaram os materiais.	DEE: “Vamos arrumar.” (...) DEE: “Olha, o J. vai arrumar o livro mas antes empresta-me cá o teu livro. D., arruma as cartas se faz favor. Junta-as primeiro e põe o elástico. O D. fez o que a DEE lhe mandou e disse que já estava. DEE: “Junta àquelas. Junta estas aqui de cima. J., ajuda a arrumar as cartas.” O D. e o J. arrumaram as cartas.
	Despedida	DEE fez sinal que terminou: “Adeus J. Adeus D. Portem-se bem.”	DEE: “Olha! Acabou. Vamos embora. A C. vai-se embora. Já acabou.” D.: “Já?” DEE: “Já acabou. O J. e o D. vão para a T. [assistente operacional do prolongamento]. Pode ser? O D. respondeu-lhe e a DEE não percebeu: “O que é isso? Não está?” D.: “Não.” DEE: “Quem é que não está? A T.? A T. está ali. É a T. ou a L.?” O D. respondeu mas a DEE ficou na dúvida. (...) DEE: “Vou-me embora. Até para a semana. Agora vão ter com a T.” O D. levantou a mão e disse adeus. DEE: “Adeus. Portem-se bem.”

Apêndice 26 – Docentes de Educação Especial em funções no distrito de Leiria, no ano letivo 2011/2012

Para ter a ideia exata do número de docentes que pertencem aos Quadros de Educação Especial, o número de Professores Contratados e que se encontram em destacamento nos Agrupamentos de Escolas a exercerem funções de Educação Especial durante o ano letivo 2011/2012 e que pertencem à Direção Regional de Educação do Centro (DREC), fizemos o levantamento que se segue. Este levantamento serviu de referência para o envio dos questionários da pesquisa (2013/2014).

Agrupamentos e Escolas que pertencem à Direção Regional de Educação do Centro (DREC) (2011/2012)

- Concelho de **Alvaiázere**, Docentes que pertencem aos Quadros de Educação Especial (N=0) e Docentes Contratados e em destacamento no Agrupamento que exercem funções em Educação Especial (N=5):

Agrupamento	Escola	N.º Professores dos Quadros de Educação Especial			N.º Professores Contratados em Educação Especial	Em destacamento no Agrupamento
		910	920	930		
Agrupamento de Escolas de Alvaiázere	Escola Básica de Alvaiázere	0	0	0	3	2
	Escola Básica de Cabaços, Alvaiázere					
	Escola Básica de Maços de Dona Maria, Alvaiázere					
	Escola Básica de Pelmá, Alvaiázere					
	Escola Básica de Vendas de Maria, Alvaiázere					
	Escola Básica e Secundária Dr. Manuel Ribeiro Ferreira, Alvaiázere					
	Jardim de Infância de Almoester, Alvaiázere					
	Jardim de Infância de Alvaiázere					
	Jardim de Infância de Cabaços, Alvaiázere					
	Jardim de Infância de Maços de Dona Maria, Alvaiázere					
	Jardim de Infância de Pelmá, Alvaiázere					
	Jardim de Infância de Venda dos Olivais, Alvaiázere					

- Concelho de **Ansião**, Docentes que pertencem aos Quadros de Educação Especial (N= 4) e Docentes Contratados no Agrupamento que exercem funções em Educação Especial (N= 5):

Agrupamento	Escola	N.º Professores dos Quadros de Educação Especial			N.º Professores Contratados em Educação Especial
		910	920	930	
Agrupamento de Escolas de Ansião	Escola Básica de Alvorge, Ansião	4	0	0	5
	Escola Básica de Ansião				
	Escola Básica de Casal Novo, Ansião				
	Escola Básica de Chão de Couce, Ansião				
	Escola Básica de Lagarteira, Ansião				
	Escola Básica de Pedra do Ouro, Ansião				
	Escola Básica de Santiago da Guarda, Ansião				
	Escola Básica de Torre de Vale de Todos, Ansião				
	Escola Básica e Secundária Dr. Pascoal José de Mello, Ansião				
	Escola Básica n.º 1 de Avelar, Ansião				
	Escola Básica n.º 2 de Avelar, Ansião				
	Jardim de Infância de Alvorge, Ansião				
	Jardim de Infância de Ansião				
	Jardim de Infância de Avelar				
	Jardim de Infância de Casal Novo				
	Jardim de Infância de Chão de Couce, Ansião				
	Jardim de Infância de Lagarteira				
	Jardim de Infância de Lagoa Parada, Ansião				
	Jardim de Infância de Santiago da Guarda				
	Jardim de Infância de Torre de Vale de Todos, Ansião				

- Concelho de **Batalha**, Docentes que pertencem aos Quadros de Educação Especial (N= 6) e Docentes Contratados que exercem funções em Educação Especial (N= 2):

Agrupamento	Escola	N.º Professores dos Quadros de Educação Especial			N.º Professores Contratados em Educação Especial
		910	920	930	
Agrupamento de Escolas da Batalha	Escola Básica de Alcanadas	6	0	0	2
	Escola Básica da Batalha				
	Escola Básica de Brancas, Batalha				
	Escola Básica de Casais dos Ledos, Batalha				
	Escola Básica de Casal Vieira				
	Escola Básica de Faniqueira, Batalha				
	Escola Básica de Golpilheira, Batalha				
	Escola Básica de Quinta do Sobrado, Batalha				
	Escola Básica de Rebolaria, Batalha				
	Escola Básica de Reguengo do Fetal, Batalha				
	Escola Básica de São Mamede, Batalha				
	Escola Básica da Torre				
	Escola Básica e Secundária da Batalha				
	Jardim de Infância da Batalha				
	Jardim de Infância de Casais dos Ledos, Batalha				
	Jardim de Infância de Casal Vieira, Batalha				
	Jardim de Infância de Faniqueira, Batalha				
	Jardim de Infância de Golpilheira, Batalha				
	Jardim de Infância de Quinta do Sobrado, Batalha				
	Jardim de Infância de Rebolaria, Batalha				
	Jardim de Infância de São Mamede, Batalha				
	Jardim de Infância de Torre, Batalha				

- Concelho de **Castanheira de Pera**, Docentes que pertencem aos Quadros de Educação Especial (N= 2) e Docentes Contratados que exercem funções em Educação Especial (N= 0):

Agrupamento	Escola	N.º Professores dos Quadros de Educação Especial			N.º Professores Contratados em Educação Especial
		910	920	930	
Agrupamento de Escolas de Castanheira de Pera	Escola Básica de Castanheira de Pera	2	0	0	0
	Escola Básica Dr. Bissaya Barreto, Castanheira de Pera				

- Concelho de **Figueiró dos Vinhos**, Docentes que pertencem aos Quadros de Educação Especial (N= 3) e Docentes Contratados que exercem funções em Educação Especial (N= 0):

Agrupamento	Escola	N.º Professores dos Quadros de Educação Especial			N.º Professores Contratados em Educação Especial
		910	920	930	
Agrupamento de Escolas de Figueiró dos Vinhos	Escola Básica de Aguda	3	0	0	0
	Escola Básica de Almofala de Baixo, Figueiró dos Vinhos				
	Escola Básica de Arega, Figueiró dos Vinhos				
	Escola Básica de Figueiró dos Vinhos				
	Escola Básica José Malhoa, Figueiró dos Vinhos				
	Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos				
	Jardim de Infância de Aguda, Figueiró dos Vinhos				
	Jardim de Infância de Almofala de Baixo, Figueiró dos Vinhos				
	Jardim de Infância de Arega, Figueiró dos Vinhos				
	Jardim de Infância de Figueiró dos Vinhos				

- Concelho de **Pedrogão Grande**, Docentes que pertencem aos Quadros de Educação Especial (N= 0) e Docentes Contratados que exercem funções em Educação Especial (N= 2):

Agrupamento	Escola	N.º Professores dos Quadros de Educação Especial			N.º Professores Contratados em Educação Especial
		910	920	930	
Agrupamento de Escolas de Pedrogão Grande	EB 2,3 Miguel Leitão de Andrada	0	0	0	2
	Escola Básica de Atalaia de Cima				
	Escola Básica de Graça				
	Escola Básica de Pedrogão Grande				
	Escola Básica de Vila Facaia				
	Jardim de Infância da Graça				
	Jardim de Infância de Pedrogão Grande				
	Jardim de Infância de Vila Facaia				

- Concelho de **Pombal**, Docentes que pertencem aos Quadros de Educação Especial (N= 12) e Docentes Contratados que exercem funções em Educação Especial (N= 14):

Agrupamento	Escola	N.º Professores dos Quadros de Educação Especial			N.º Professores Contratados em Educação Especial
		910	920	930	
Agrupamento de Escolas da Guia, Pombal	Escola Básica de Água Formosa, Pombal Escola Básica de Carriço, Pombal Escola Básica de Caxaria, Pombal Escola Básica de Foz, Pombal Escola Básica de Grou, Pombal Escola Básica de Guia, Pombal Escola Básica de Ilha de Baixo, Pombal Escola Básica de Ilha de Cima, Pombal Escola Básica de Mata Mourisca, Pombal Escola Básica de Seixo, Pombal Centro Escolar de Vieirinhos, Pombal Escola Básica e Secundária da Guia, Pombal Jardim de Infância de Carriço, Pombal Jardim de Infância de Foz, Pombal Jardim de Infância de Grou, Pombal Jardim de Infância de Guia, Pombal Jardim de Infância de Ilha, Pombal Jardim de Infância de Mata Mourisca, Pombal	4	0	0	1
Agrupamento de Escolas de Pombal	Escola Básica de Abiul Escola Básica de Almagreira Escola Básica de Assanha da Paz Escola Básica de Barbas Novas Escola Básica de Barrocal Escola Básica de Casal da Rola Escola Básica de Lourical Escola Básica de Machada Escola Básica de Moita do Boi, Pombal Escola Básica de Pelariga, Pombal Escola Básica de Pombal Escola Básica de Redinha, Pombal Escola Básica de Torneira Escola Básica de Vicente, Pombal Escola Básica de Vila Cã, Pombal Escola Básica Marquês de Pombal, Pombal Jardim de Infância de Abiul Jardim de Infância de Almagreira, Pombal Jardim de Infância de Assanha da Paz, Pombal Jardim de Infância de Barrocal, Pombal Jardim de Infância de Castelhanas, Pombal Jardim de Infância de Lourical, Pombal Jardim de Infância de Machada, Pombal Jardim de Infância de Matas do Lourical, Pombal Jardim de Infância de Moita do Boi, Pombal Jardim de Infância de Pelariga, Pombal Jardim de Infância de Pombal Jardim de Infância de Redinha Jardim de Infância de Vila Cã, Pombal	4	0	0	6
Agrupamento de Escolas Gualdim Pais, Pombal	Escola Básica de Albergaria dos Doze, Pombal Escola Básica de Assamaça, Pombal Escola Básica de Carmide, Pombal Escola Básica de Casal Fernão João, Pombal Escola Básica de Casalinho, Pombal Escola Básica de Escoural, Pombal Escola Básica de Fonte Nova, Pombal Escola Básica de Matos da Ranha, Pombal Escola Básica de Meirinhas, Pombal Escola Básica de Outeiro da Ranha, Pombal Escola Básica de Santiago de Litém, Pombal Escola Básica de São Simão de Litém, Pombal Escola Básica de Travasso, Pombal Escola Básica de Vermoil, Pombal Escola Básica Gualdim Pais, Pombal Jardim de Infância de Alto dos Crespos, Pombal Jardim de Infância de Charneca, Pombal Jardim de Infância de Flandes, Pombal Jardim de Infância de Matos da Ranha, Pombal Jardim de Infância de Meirinhas, Pombal Jardim de Infância de Outeiro da Ranha, Pombal Jardim de Infância de Santiago de Litém, Pombal Jardim de Infância de Vermoil, Pombal	4	0	0	7
Escola Secundária de Pombal		0	0	0	0

- Concelho de **Leiria**, Docentes que pertencem aos Quadros de Educação Especial (N= 58) e Docentes Contratados que exercem funções em Educação Especial (N= 23):

Agrupamento	Escola	N.º Professores dos Quadros de Educação Especial			N.º Professores Contratados em Educação Especial
		910	920	930	
Agrupamento de Escolas de Caranguejeira, Leiria	Escola Básica de Caldelas, Leiria Escola Básica de Caranguejeira, Leiria Escola Básica de Caxieira, Leiria Escola Básica de Palmeira, Leiria Escola Básica de Quintas do Sirol, Leiria Escola Básica de Souto de Cima, Leiria Escola Básica Dr. Correia Alexandre, Caranguejeira, Leiria Jardim de Infância de Caldelas, Leiria Jardim de Infância de Caranguejeira, Leiria Jardim de Infância de Palmeira, Leiria Jardim de Infância de Santa Eufémia, Leiria Jardim de Infância de Souto do Meio, Leiria	2	0	0	2
Agrupamento de Escolas D. Dinis, Leiria	Escola Básica D. Dinis, Leiria Escola Básica de Amarela, Leiria Escola Básica de Arrabalde, Leiria Escola Básica de Barosa, Leiria Escola Básica de Branca, Leiria Escola Básica de Capuchos, Leiria Escola Básica de Guimarota, Leiria Jardim de Infância de Barosa, Leiria Jardim de Infância de Capuchos, Leiria Jardim de Infância de Guimarota, Leiria	4	2	0	3
Agrupamento de Escolas de Caranguejeira, Leiria	Escola Básica de Caldelas, Leiria Escola Básica de Caranguejeira, Leiria Escola Básica de Caxieira, Leiria Escola Básica de Palmeira, Leiria Escola Básica de Quintas do Sirol, Leiria Escola Básica de Souto de Cima, Leiria Escola Básica Dr. Correia Alexandre, Caranguejeira, Leiria Jardim de Infância de Caldelas, Leiria Jardim de Infância de Caranguejeira, Leiria Jardim de Infância de Palmeira, Leiria Jardim de Infância de Santa Eufémia, Leiria Jardim de Infância de Souto do Meio, Leiria	2	0	0	2
Agrupamento de Escolas de Colmeias, Leiria	Escola Básica de Agodim, Leiria Escola Básica de Bidoeira de Cima, Leiria Escola Básica de Boavista, Leiria Escola Básica de Bouça, Leiria Escola Básica de Casal da Quinta, Leiria Escola Básica de Centro de Figueiras, Leiria Escola Básica Integrada de Colmeias, Leiria Escola Básica de Machados, Leiria Escola Básica de Mata, Leiria Escola Básica de Memória, Leiria Escola Básica de Milagres, Leiria Escola Básica de Raposeira, Leiria Jardim de Infância de Agodim, Leiria Jardim de Infância de Barracão, Leiria Jardim de Infância de Bidoeira de Baixo, Leiria Jardim de Infância de Bidoeira de Cima, Leiria Jardim de Infância de Boavista, Leiria Jardim de Infância de Bouça, Leiria Jardim de Infância de Colmeias, Leiria Jardim de Infância de Mata, Leiria Jardim de Infância de Memória, Leiria Jardim de Infância de Milagres, Leiria	5	0	0	2
Agrupamento de Escolas de Maceira, Leiria	Escola Básica de A-do-Barbas, Leiria Escola Básica de A-dos-Pretos, Leiria Escola Básica de Cavalinhos, Leiria Escola Básica de Costas, Leiria Escola Básica de Maceirinha, Leiria Escola Básica de Pocariça, Leiria Escola Básica de Porto do Carro, Leiria Escola Básica e Secundária de Maceira, Leiria Escola Básica n.º 1 de Maceira, Leiria Escola Básica n.º 2 de Maceira, Leiria Jardim de Infância de A-do-Barbas, Leiria Jardim de Infância de A-dos-Pretos, Leiria Jardim de Infância de Arnal, Leiria Jardim de Infância de Cavalinhos, Leiria Jardim de Infância de Costas, Leiria Jardim de Infância de Maceira-Lis, Leiria Jardim de Infância de Maceirinha, Leiria Jardim de Infância de Pocariça, Leiria Jardim de Infância de Porto do Carro, Leiria	3	0	0	2

Agrupamento de Escolas de Santa Catarina da Serra, Leiria	Escola Básica de Chainça, Leiria Escola Básica de Loureira, Leiria Escola Básica de Santa Catarina da Serra, Leiria Escola Básica de Vale Sumo, Leiria Jardim de Infância de Loureira, Leiria Jardim de Infância de Magueigia, Leiria Jardim de Infância de Vale Sumo, Leiria Jardim de Infância n.º 1 de Santa Catarina da Serra, Leiria Jardim de Infância n.º 2 de Santa Catarina da Serra, Leiria	3	0	0	0
Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus, Leiria	Escola Básica de Andrinós, Leiria Escola Básica de Arrabal, Leiria Escola Básica de Courelas, Leiria Escola Básica de Estrada Nacional, Leiria Escola Básica de Martinela, Leiria Escola Básica de Touria, Leiria Escola Básica de Várzea, Leiria Escola Básica de Vidigal, Leiria Escola Básica 1, 2, 3 Dr. Correia Mateus, Leiria Jardim de Infância de Andrinós, Leiria Jardim de Infância de Campo Amarelo, Leiria Jardim de Infância de Pousos, Leiria Jardim de Infância de Soutocico, Leiria Jardim de Infância de Vidigal, Leiria	5	0	0	3
Agrupamento de Escolas de Marrazes, Leiria	Escola Básica de Amor, Leiria Escola Básica de Barreiros, Leiria Escola Básica de Casal dos Claros, Leiria Escola Básica de Casal Novo, Leiria Escola Básica de Chãs, Leiria Escola Básica de Coucinheira, Leiria Escola Básica de Gândara dos Olivais, Leiria Escola Básica de Marinheiros, Leiria Escola Básica de Pinheiros, Leiria Escola Básica de Quinta do Alçada, Leiria Escola Básica de Regueira de Pontes, Leiria Escola Básica de Sismaria da Gândara, Leiria Escola Básica n.º 1 de Marrazes, Leiria Escola Básica n.º 2 de Marrazes, Leiria Jardim de Infância de Amor, Leiria Jardim de Infância de Bairro das Almoinhas, Marrazes, Leiria Jardim de Infância de Barreiros, Leiria Jardim de Infância de Coucinheira, Leiria Jardim de Infância de Gândara dos Olivais, Leiria Jardim de Infância de Janardo, Leiria Jardim de Infância de Marinheiros, Leiria Jardim de Infância de Outeiros de Gândara, Leiria Jardim de Infância de Pinheiros, Leiria Jardim de Infância de Regueira de Pontes, Leiria Jardim de Infância n.º 1 de Marrazes, Leiria Jardim de Infância n.º 2 de Marrazes, Leiria	11	3	0	3
Agrupamento de Escolas Rainha Santa Isabel, Leiria	Escola Básica de Bajouca, Leiria Escola Básica de Carreira, Leiria Escola Básica de Carvide, Leiria Escola Básica de Chã da Laranjeira, Leiria Escola Básica de Coimbrão, Leiria Escola Básica de Ervideira, Leiria Escola Básica de Lameira, Leiria Escola Básica de Lavegadas, Leiria Escola Básica de Moinhos de Carvide, Leiria Escola Básica de Moita da Roda, Leiria Escola Básica de Monte Real, Leiria Escola Básica de Monte Redondo, Leiria Escola Básica de Ortigosa, Leiria Escola Básica de Outeiro da Fonte, Leiria Escola Básica de Serra Porto de Urso, Leiria Escola Básica de Sismaria, Leiria Escola Básica de Souto da Carpalhosa, Leiria Escola Básica de Vale da Bajouca, Leiria Escola Básica de Vale da Pedra, Leiria Escola Básica de Várzeas, Leiria Escola Básica Rainha Santa Isabel, Carreira, Leiria Jardim de Infância de Bajouca, Leiria Jardim de Infância de Carreira, Leiria Jardim de Infância de Coimbrão, Leiria Jardim de Infância de Ervideira, Leiria Jardim de Infância de Moita da Roda, Leiria Jardim de Infância de Monte Real, Leiria Jardim de Infância de Monte Redondo, Leiria Jardim de Infância de Outeiro da Fonte, Leiria Jardim de Infância de Riba D' Aves, Leiria Jardim de Infância de Ruivaqueira, Leiria Jardim de Infância de Souto da Carpalhosa, Leiria Jardim de Infância de Vale da Pedra, Leiria	10	0	0	0
Escola Secundária Afonso Lopes Vieira, Leiria		1	0	0	2

Agrupamento de Escolas José Saraiva, Leiria	Escola Básica de Andreus, Leiria Escola Básica de Azóia, Leiria Escola Básica de Cortes, Leiria Escola Básica 1/ JI de Cruz de Areia, Leiria Escola Básica de Marvila, Leiria Escola Básica de Parceiros, Leiria Escola Básica de Pernelhas, Leiria Escola Básica de Reixida, Leiria Escola Básica de Telheiro, Leiria Escola Básica de Vale do Horto, Leiria Escola Básica José Saraiva, Leiria Jardim de Infância de Azoia, Leiria Jardim de Infância de Barreira, Leiria Jardim de Infância de Cortes, Leiria Jardim de Infância de Parceiros, Leiria Jardim de Infância de Pernelhas, Leiria Jardim de Infância de Reixida, Leiria Jardim de Infância de Telheiro, Leiria	7	0	0	4
Escola Secundária Domingos Sequeira, Leiria		0	0	0	0
Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo, Leiria		0	0	0	0

- Concelho de **Marinha Grande**, Docentes que pertencem aos Quadros de Educação Especial (N= 13) e Docentes Contratados que exercem funções em Educação Especial (N= 5):

Agrupamento	Escola	N.º Professores dos Quadros de Educação Especial			N.º Professores Contratados em Educação Especial
		910	920	930	
Agrupamento de Escolas Guilherme Stephens, Marinha Grande	Escola Básica de Amieirinha, Marinha Grande Escola Básica de Casal do Malta, Marinha Grande Escola Básica de Engenho, Marinha Grande Escola Básica de Fonte Santa, Marinha Grande Escola Básica de Moita, Marinha Grande Escola Básica de Várzea, Marinha Grande Escola Básica Guilherme Stephens, Marinha Grande Escola Básica Prof. Francisco Veríssimo, Marinha Grande Jardim de Infância de Amieirinha, Marinha Grande Jardim de Infância de Boavista, Marinha Grande Jardim de Infância de Ordem, Marinha Grande	8	0	0	2
Agrupamento de Escolas de Vieira de Leiria, Marinha Grande	Escola Básica António Vitorino, Vieira de Leiria, Marinha Grande Escola Básica de Passagem, Marinha Grande Escola Básica de Praia de Vieira, Marinha Grande Escola Básica Padre Franklin, Vieira de Leiria, Marinha Grande Escola Secundária José Loureiro Botas, Vieira de Leiria, Marinha Grande Jardim de Infância de Praia da Vieira, Marinha Grande Jardim de Infância de Vieira de Leiria, Marinha Grande	2	0	0	2
Agrupamento de Escolas Nery Capucho, Marinha Grande	Escola Básica de Albergaria, Marinha Grande Escola Básica de Amieira, Marinha Grande Escola Básica de Cumeira, Marinha Grande Escola Básica de Garcia, Marinha Grande Escola Básica de Pêro Neto, Marinha Grande Escola Básica de Picassinos, Marinha Grande Escola Básica de Pilado, Marinha Grande Escola Básica de Trutas, Marinha Grande Escola Básica João Beare, Marinha Grande Escola Básica Prof. Alberto Nery Capucho, Marinha Grande Jardim de Infância de Cumeira, Marinha Grande Jardim de Infância de Pedrulheira, Marinha Grande Jardim de Infância de Pilado, Marinha Grande Jardim de Infância de Trutas, Marinha Grande	3	0	0	1
Escola Secundária Engenheiro Acácio Calazans Duarte, Marinha Grande		0	0	0	0
Escola Secundária Pinhal do Rei, Marinha Grande		0	0	0	0

- Concelho de **Porto de Mós**, Docentes que pertencem aos Quadros de Educação Especial (N= 7) e Docentes Contratados que exercem funções em Educação Especial (N= 4):

Agrupamento	Escola	N.º Professores dos Quadros de Educação Especial			N.º Professores Contratados em Educação Especial
		910	920	930	
Agrupamento de Escolas de Mira de Aire e Alvados, Porto de Mós	Escola Básica de Alvados, Porto de Mós Escola Básica Dr. Luciano Justo Ramos, Mira de Aire, Porto de Mós Escola Básica n.º 1 de Mira de Aire, Porto de Mós Escola Básica n.º 2 de Mira de Aire, Porto de Mós Escola Secundária de Mira de Aire, Porto de Mós Jardim de Infância de Alvados, Porto de Mós Jardim de Infância n.º 1 de Mira de Aire, Porto de Mós Jardim de Infância n.º 2 de Mira de Aire, Porto de Mós	1	0	0	2
Agrupamento de Escolas de Porto de Mós	Escola Básica de Adro, Pedreiras, Porto de Mós Escola Básica de Alqueidão da Serra, Porto de Mós Escola Básica de Arrimal, Porto de Mós Escola Básica de Calvaria de Cima, Porto de Mós Escola Básica de Casais Garridos, Porto de Mós Escola Básica de Corredoura, Porto de Mós Escola Básica de Cruz da Légua, Porto de Mós Escola Básica de Cumeira de Cima, Porto de Mós Escola Básica de Fonte do Oleiro, Porto de Mós Escola Básica de Juncal, Porto de Mós Escola Básica de Mendiga, Porto de Mós Escola Básica de Porto de Mós Centro Escolar de São Bento, Porto de Mós Escola Básica de São Jorge, Porto de Mós Centro Escolar de Serro Ventoso, Porto de Mós Escola Básica de Tojal de Cima, Porto de Mós Escola Básica de Tremoceira, Porto de Mós Escola Básica Dr. Manuel de Oliveira Perpétua, Porto de Mós Escola Secundária de Porto de Mós Jardim de Infância de Alqueidão da Serra, Porto de Mós Jardim de Infância de Arrimal, Porto de Mós Jardim de Infância de Cabeço do Roxo, Pedreiras, Porto de Mós Jardim de Infância de Calvaria de Cima, Porto de Mós Jardim de Infância de Casais Garridos, Porto de Mós Jardim de Infância de Corredoura, Porto de Mós Jardim de Infância de Cruz da Légua, Porto de Mós Jardim de Infância de Cumeira de Cima, Porto de Mós Jardim de Infância de Fonte do Oleiro, Porto de Mós Jardim de Infância de Juncal, Porto de Mós Jardim de Infância de Mendiga, Porto de Mós Jardim de Infância de Porto de Mós Jardim de Infância de São Jorge, Porto de Mós Jardim de Infância de Tojal de Cima, Porto de Mós Jardim de Infância de Tremoceira, Porto de Mós	6	0	0	2

Agrupamentos e Escolas do distrito de Leiria que pertencem à Direção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo (DRELVT) (2011/2012)

- Concelho de **Alcobaça**, Docentes que pertencem aos Quadros de Educação Especial (N= 23) e Docentes Contratados que exercem funções em Educação Especial (N= 9):

Agrupamento	Escola	N.º Professores dos Quadros de Educação Especial			N.º Professores Contratados em Educação Especial
		910	920	930	
Agrupamento de Escolas D. Pedro I, Alcobaça	EB1/JI Aljubarrota EB1/JI Carvalhal de Aljubarrota EB1 Areeiro EB1 Ataíja de Cima EB1 Carris EB1 Casais de Stª Teresa EB1 Évora de Alcobaça EB1 Maiorga EB 2,3 D. Pedro I J.I Areeiro J.I Ataíja de Cima J.I. Carris J.I. Évora de Alcobaça	5	0	0	0

Agrupamento de Escolas Frei António Brandão, Alcobaça	EB1/ JI Ardido Centro Escolar de Benedita (EB1/JI Benedita) EB1 Carvalhal de Turquel EB1 Casal da Lagoa EB1 Lagoa das Talas EB1/JI Ribafria EB1 Turquel EB1 Vimeiro EB2 Frei António Brandão JI Casal da Lagoa JI Vimeiro	5	0	0	2
Agrupamento de Escolas Frei Estêvão Martins, Alcobaça	EB 2,3 Frei Estêvão Martins EB1/JI Alcobaça EB1/JI Casal dos Ramos EB1 Bárrio EB1 Valbom EB1 Vestiaria	6	0	0	4
Agrupamento de Escolas de Pataias, Alcobaça	EB1/JI Alpedriz EB1/JI Montes EB1/JI Pataias EB1/JI Burinhosa EB1 Martingança EB1 Pisões EB1 Póvoa JI Martingança JI Póvoa JI Burinhosa EB2,3 de Pataias	2	0	0	2
Agrupamento de Escolas de S. Martinho, Alcobaça	EB 2,3 com Ensino Secundário de S. Martinho EB1 de Alfeizerão EB1 do Casal Velho EB1 Cela EB1 Feteira EB1 S. Martinho do Porto EB1 Casal Pardo JI Casal Pardo	4	0	0	1
Escola Secundária D. Inês de Castro, Alcobaça		1	0	0	0
Externato Cooperativo da Benedita, Alcobaça		0	0	0	0

- Concelho da **Nazaré**, Docentes que pertencem aos Quadros de Educação Especial (N= 4) e Docentes Contratados que exercem funções em Educação Especial (N= 2):

Agrupamento	Escola	N.º Professores dos Quadros de Educação Especial			N.º Professores Contratados em Educação Especial
		910	920	930	
Agrupamento de Escolas de Nazaré, Nazaré	Jardim de Infância do Bairro dos Pescadores Jardim de Infância Famalicão Centro Escolar da Nazaré Centro Escolar de Valado dos Frades EB1 de Famalicão EB1 dos Raposos EB1 Quinta Nova EB 2,3 Amadeu Gaudêncio	4	0	0	2
Externato D. Fuas Roupinho, Nazaré		0	0	0	0

- Concelho de **Caldas da Rainha**, Docentes que pertencem aos Quadros de Educação Especial (N= 26) e Docentes Contratados que exercem funções em Educação Especial (N= 6):

Agrupamento/Escola		N.º Professores dos Quadros de Educação Especial			N.º Professores Contratados em Educação Especial
		910	920	930	
Colégio Frei São Cristóvão, Caldas da Rainha		1	0	0	0
Colégio Rainha D. Leonor, Caldas da Rainha		0	0	0	0
Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro, Caldas da Rainha		0	0	0	0
Escola Secundária Raúl Proença, Caldas da Rainha		0	0	0	2
Agrupamento de Escolas D. João II, Caldas da Rainha	Escola Básica D João II Escola Básica A dos Francos Escola Básica Arenal Escola Básica Campo Escola Básica Casais da Serra Escola Básica Chão da Parada Escola Básica Coto Escola Básica Encosta do Sol Escola Básica Nossa senhora do Pópulo Escola Básica Reguengo da Parada Escola Básica Salir de Matos	8	0	1	4

	Escola Básica Salir do Porto Escola Básica São Gregório Escola Básica Tornada Escola Básica Vidais Jardim de Infância Campo Jardim de Infância Carreiros Jardim de Infância Casal Celão Jardim de Infância Coto Jardim de Infância Lagoa Parceira Jardim de Infância Rabaceira Jardim de Infância Santa Susana				
Agrupamento de Escolas Santa Catarina, Caldas da Rainha	Escola Básica Santa Catarina EB /JI Alvorninha EB Relvas EB Carvalho Benfeito EB Peso Jardim de Infância Alvorninha Jardim de Infância Santa Catarina Jardim de Infância Carvalho Benfeito Jardim de Infância Ramalhosa	4	2	0	0
Agrupamento de Escolas Santo Onofre, Caldas da Rainha	Escola Básica 1/JI Arneiros Escola Básica 1/JI Centro Escolar de Caldas da Rainha Escola Básica Bairro da Ponte Escola Básica Parque Escola Básica Foz do Arelho Escola Básica Integrada Santo Onofre n.º 1 Escola Básica Nadadouro Jardim de Infância Bairro das Morenas Jardim de Infância Foz do Arelho Jardim de Infância Nadadouro Jardim de Infância São Cristóvão	10	0	0	0

- Concelho de **Óbidos**, Docentes que pertencem aos Quadros de Educação Especial (N=4) e Docentes Contratados que exercem funções em Educação Especial (N=2):

Agrupamento	Escola	N.º Professores dos Quadros de Educação Especial			N.º Professores Contratados em Educação Especial
		910	920	930	
Agrupamento de Escolas Josefa d' Óbidos	Escola EB 2,3/S Josefa de Óbidos Complexo Escolar dos Arcos Complexo Escolar do Alvito Complexo Escolar do Furadouro Jardim de Infância A dos Negros Jardim de Infância A da Gorda Jardim de Infância Amoreira Jardim de Infância Arelho Jardim de Infância Gaeiras Jardim de Infância Gracieira Jardim de Infância Óbidos Jardim de Infância Olho Marinho Jardim de Infância Usseira Jardim de Infância Vau	4	0	0	2

- Concelho de **Bombarral**, sem elementos relativamente aos Docentes que pertencem aos Quadros de Educação Especial e Docentes Contratados que exercem funções em Educação Especial:

Agrupamento	Escola	N.º Professores dos Quadros de Educação Especial			N.º Professores Contratados em Educação Especial
		910	920	930	
Agrupamento de Escolas de Fernão do Pó	Escola Básica do 1º Ciclo A-da-Delgada Escola Básica do 1º Ciclo Barrocalvo Escola Básica do 1º Ciclo Baraçais Escola Básica do 1º Ciclo Bombarral (Edif.1) Escola Básica do 1º Ciclo Bombarral (Edif.2) Escola Básica do 1º Ciclo Pó Escola Básica do 1º Ciclo c/ Jardim de Infância Baraçais Escola Básica do 1º Ciclo c/ Jardim de Infância Carvalho Escola Básica do 1º Ciclo c/ Jardim de Infância Salgueiro Escola Básica do 1º Ciclo c/ Jardim de Infância São Mamede Escola Básica do 1º Ciclo c/ Jardim de Infância Vale Covo Jardim de Infância A-da-Delgada Jardim de Infância Azambujeira dos Carros Jardim de Infância Barrocalvo Jardim de Infância Bombarral – Quinta de Santo António Jardim de Infância Bombarral – Vale da Várzea Jardim de Infância Pó Escola Básica e Secundária Fernão do Pó, Bombarral				Sem elementos

- Concelho de **Peniche**, Docentes que pertencem aos Quadros de Educação Especial (N=10) e Docentes Contratados que exercem funções em Educação Especial (N= 11):

Agrupamento	Escola	N.º Professores dos Quadros de Educação Especial			N.º Professores Contratados em Educação Especial
		910	920	930	
Agrupamento de Escolas D. Luís de Ataíde	Escola Básica nº 1 de Peniche Escola Básica nº 2 de Peniche Escola Básica nº 4 de Peniche Escola Básica nº 6 de Peniche Jardim de Infância Alemão Jardim de Infância Colónia Balnear Jardim de Infância Filtro Jardim de Infância Prageira E. B. 2, 3 D. Luís de Ataíde	6	0	0	2
Agrupamento de Escolas da Atouguia da Baleia	Escola Básica Atouguia da Baleia nº 1 Escola Básica Bufarda Escola Básica Casais Brancos Escola Básica Casal da Vala Escola Básica Ferrel Escola Básica Geraldês Escola Básica Lugar da Estrada Escola Básica Reinaldes Escola Básica Ribafria nº 2 Escola Básica São Bernardino Escola Básica Serra d' El Rei Jardim de Infância Bufarda Jardim de Infância Casal Moinho Jardim de Infância Geraldês Jardim de Infância Lugar da Estrada Jardim de Infância Ribafria E. B. 2, 3 de Atouguia da Baleia	2	0	0	5
Agrupamento Vertical de Escolas de Peniche	Escola Básica Integrada dos 1º, 2º e 3º Ciclos de Peniche Escola Básica nº 3 do 1º Ciclo de Peniche Escola Básica nº 5 do 1º Ciclo de Peniche	2	0	0	4

ANEXOS

Anexo 1 – Autorização da Direção-Geral da Administração Escolar para aplicação do questionário aos Docentes de Educação Especial



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

B130009311X

B130009311X

DGAE

DIRECÇÃO-GERAL DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

Exma Senhora
Professora
MARIA MARGARIDA DIAS COSTA

RUA PALMEIRA - SN
2460-005 ALCobaça

Sua ref^a

Sua com.

Nossa ref^a

B130009311X

Data

02-08-2013

ASSUNTO: Questionário "Ser professor de Educação Especial: um ideal a cumprir ou um desafio a vencer?"

Na sequência do pedido de autorização para aplicação do questionário sobre o tema em epígrafe, informo V. Ex^a que o mesmo deverá ser endereçado diretamente aos estabelecimentos de ensino que entenda seleccionar para aplicar o referido documento.

Com os melhores cumprimentos,

O Diretor-Geral

Mário Agostinho Alves Pereira

Documento original com assinatura digital certificada pela CEGE e mecanismo e estampilha digital por MULTICERT

Avenida 24 de Julho, 142 • 1399-024 LISBOA
Tel.: (351) 213 938 600
Fax: (351) 213 943 491
E-mail: correio@dgae.min-edu.pt

Página 1 de 1

Anexo 2 – Autorização da Direção Geral de Educação através do sistema de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar



Margarida Costa <margaridacosta@gmail.com>

**Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar:
Inquérito nº 0396500001**

mime-noreply@gepe.min-edu.pt <mime-noreply@gepe.min-edu.pt>

2 de outubro de 2013
às 15:39

Para: margaridacosta@gmail.com

Exmo(a)s. Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º 0396500001, com a designação *Questionário aos Professores de Educação Especial*, registado em 30-07-2013, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

Exmo(a) Senhor(a) Dr(a) Maria Margarida Dias Costa
Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos, devendo atender-se às observações aduzidas.
Com os melhores cumprimentos
José Vitor Pedroso
Diretor de Serviços de Projetos Educativos
DGE

Observações:

- a) A realização do(s) Inquérito(s) supracitados ficam sujeitos a autorização das Direções dos Agrupamentos de Escolas identificados na nota metodológica.
- b) Exige-se a garantia de anonimato dos respondentes, confidencialidade, proteção e segurança dos dados recolhidos, considerando-se o disposto na Lei nº 67/98. Informamos que os inquiridos não devem ser identificáveis, seja pelo nome ou por qualquer outro modo de identificação pessoal direta ou indireta. Deve ser pedido consentimento informado e esclarecido do titular dos dados. Não deve haver cruzamento ou associação de dados entre os que são recolhidos pelos instrumentos de inquirição e os constantes da declaração de consentimento informado.

Pode consultar na Internet toda a informação referente a este pedido no endereço <http://mime.gepe.min-edu.pt>. Para tal terá de se autenticar fornecendo os dados de acesso da entidade.